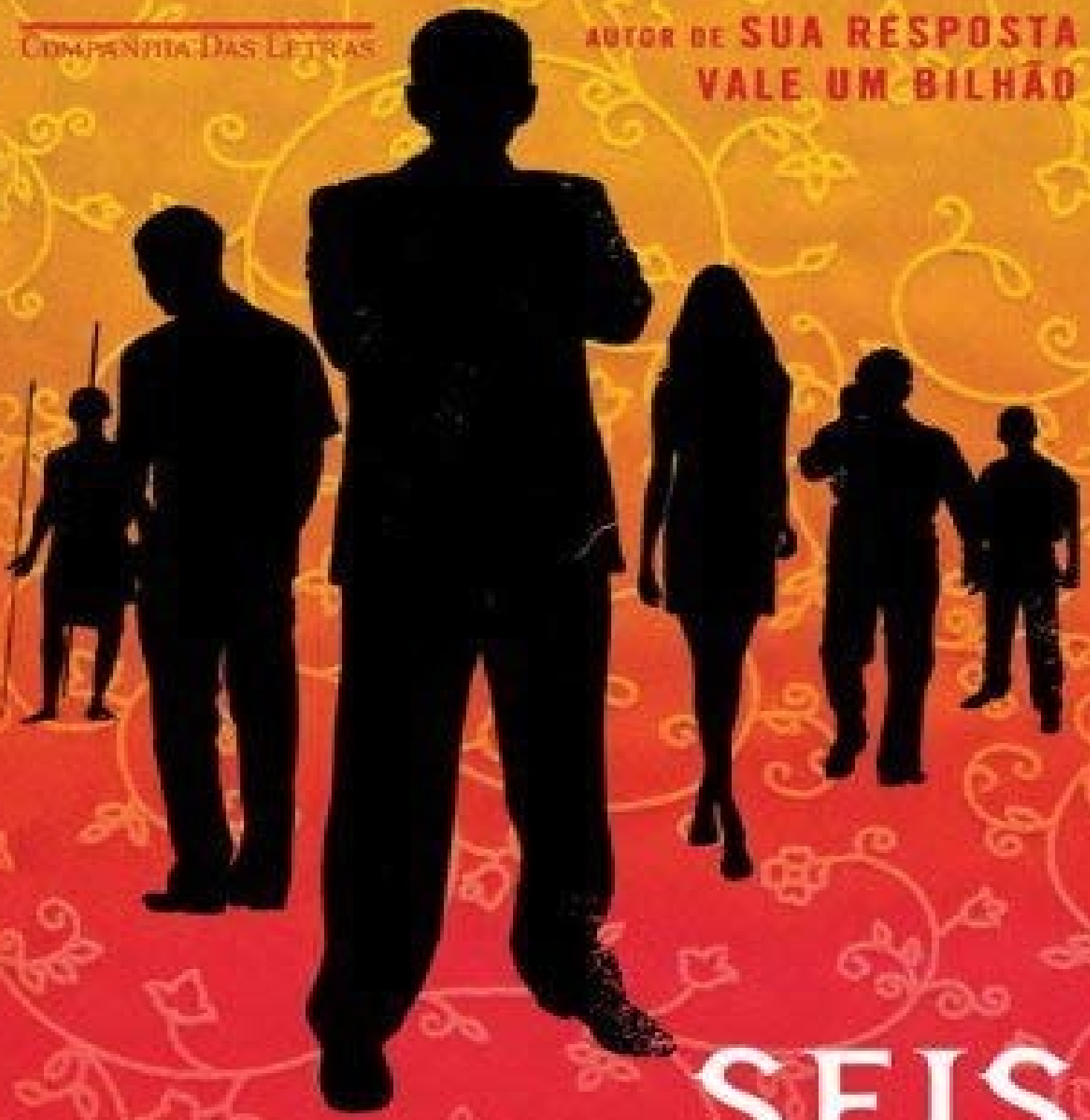
COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOR DE SUA RESPOSTA VALE UM BILHÃO



SEIS SUSPEITOS

VIKAS SWARUP

Para Aparna

Sumário

ASSASSINATO

1. A verdade nua

SUSPEITOS

2. O burocrata

3. A atriz

4. O nativo

5. O ladrão

6. O político

7. O americano

MOTIVOS

8. A possessão de Mohan Kumar

9. Amor em Mehrauli

10. Operação Xeque-Mate

11. Noiva por correspondência

12. A maldição de Onkobowkwe

13. Projeto Cinderela

PROVAS

14. Restauração

15. Aquisição

16. Sacrifício

17. Vingança

18. Redenção

19. Evacuação

SOLUÇÃO

20. A verdade nua

21. Últimas notícias

22. Últimas notícias

23. Últimas notícias

24. A verdade nua

25. Últimas notícias

26. Operação Golpe de Mestre

CONFISSÃO

27. A verdade

Agradecimentos

Glossário e notas

ASSASSINATO

O assassinato, assim como as outras artes, provoca interpretações e resiste às explicações.

Michelle de Kretser, O caso Hamilton

1. A verdade nua

Coluna de Arun Advani, 25 de março

Seis armas e um assassinato

Nem todas as mortes são iguais. Existe um sistema de castas até no assassinato. O esfaqueamento de um pobre carregador de riquixá não passa de estatística, enterrada nas páginas de um jornal. Mas o assassinato de uma celebridade na mesma hora se torna manchete. Porque os ricos e famosos raramente são assassinados.

Eles levam vidas cinco-estrelas e, a não ser quando morrem de overdose de cocaína ou sofrem um acidente bizarro, geralmente têm mortes cinco-estrelas numa bela idade grisalha, depois de ter aumentado sua descendência e seus lucros.

É por isso que o assassinato de Vivek “Vicky” Rai, aos trinta e dois anos, dono do Grupo Industrial Rai e filho de um ministro do estado de Uttar Pradesh, ocupou o noticiário nos últimos dois dias.

Em minha longa e agitada carreira de jornalista investigativo expus em detalhes muitos casos que tratavam de corrupção nos altos escalões a pesticidas em garrafas de refrigerante. Minhas revelações derrubaram governos e fecharam multinacionais. Nesse processo, conheci muito de perto a ganância humana, a má-fé e a degradação. Mas nada me revoltou mais do que a saga de Vicky Rai. Ele era o garoto-propaganda da baixaria neste país. Por mais de uma década acompanhei sua vida e seus crimes, como uma mariposa irresistivelmente atraída pela chama. Tratava-se de um fascínio mórbido, como quem assiste um filme de terror. Você sabe que algo terrível vai ocorrer e fica imóvel, com a respiração presa, esperando que o inevitável aconteça. Recebi avisos horríveis e ameaças de morte. Tentaram me despedir deste jornal. Eu sobrevivi. Vicky Rai, não.

Neste momento, os fatos que envolvem seu assassinato são tão conhecidos como os últimos acontecimentos da novela na TV. Ele recebeu um tiro fatal no domingo passado à meia-noite e cinco, desferido por um agressor desconhecido em sua casa de campo em Mehrauli, nos arredores de Délhi. De acordo com o relatório da perícia, ele morreu em decorrência de uma única laceração coronária provocada por um projétil disparado à queima-roupa. A bala atravessou seu peito, passou incólume pelo coração, saiu pelas costas e se alojou no bar de

madeira. Acredita-se que a morte tenha sido instantânea.

Vicky Ray tinha inimigos, com certeza. Muita gente odiava sua arrogância, sua vida de playboy, seu absoluto desprezo pela lei. Ele ergueu um império industrial do nada. E ninguém ergue um império industrial na Índia sem agir por baixo do pano. Os leitores desta coluna se lembrarão de meus relatórios mostrando em detalhes como Vicky Rai tomou parte em negociações ilícitas na Bolsa de Valores, fraudando investidores de seus dividendos, subornando funcionários e trapaceando nas declarações de renda de sua corporação.

Mesmo assim, nunca foi pego, sempre dava um jeito de encontrar uma brecha para ficar fora do alcance da lei.

Era uma arte na qual vinha se aperfeiçoando desde muito jovem. Tinha apenas dezessete anos quando foi levado a um tribunal pela primeira vez. Um amigo de seu pai lhe mimoseara com uma BMW de último tipo,

da série 5, em seu aniversário. Ele saiu para dar uma volta com três amigos. Fizeram uma festa barulhenta e exagerada num bar da moda. Ao voltar para casa às três da madrugada, em meio a uma pesada neblina, Vicky Rai atropelou seis moradores de rua que dormiam na calçada. Ele foi detido numa batida policial completamente chumbado. Abriram contra ele um processo de imprudência e negligência na direção. Mas, quando o caso foi a julgamento, todos os familiares dos mortos já haviam sido comprados. Nenhuma testemunha se lembrava de ter visto uma BMW aquela noite. Tudo de que se lembravam era um caminhão, com placa de Gujarat. Vicky Rai recebeu do juiz um sermão sobre os perigos de dirigir embriagado e uma absolvição completa.

Três anos depois, estava de volta aos tribunais, acusado de caçar e matar dois antílopes negros num santuário de vida selvagem no Rajastão. Ele alegou desconhecer que se tratava de uma espécie protegida. Achava engraçado que um país que não conseguia proteger as noivas de serem queimadas por razões de dote e moças de serem levadas à prostituição, perseguisse alguém por matar alguns veados. Mas lei é lei. Então ele foi preso e teve de ficar duas semanas na cadeia até conseguir sair sob fiança. Todos sabemos o que aconteceu em seguida. A única testemunha ocular, Kishore — o guarda-florestal que estava passando num jipe aberto —, morreu seis meses depois em circunstâncias misteriosas. O caso se arrastou por mais alguns anos, mas foi encerrado, como era de esperar, com a absolvição de Vicky Rai.

Dados os antecedentes, era só uma questão de tempo até que ele se qualificasse para o assassinato puro e simples. E aconteceu há sete anos, numa noite quente de verão, no Mango, o sofisticado restaurante na estrada de Délhi a Jaipur, onde ele promovia uma grande festa para comemorar seu aniversário de vinte e cinco anos. A festa começara às nove da noite e continuou até bem depois da meia-noite. Uma banda ao vivo tocava os sucessos do momento, bebida importada regava a festa, e os convidados de Vicky Rai — um grupo de velhos funcionários do governo, colunáveis, atuais e antigas namoradas, algumas pessoas do mundo do cinema e umas tantas celebridades do esporte — estavam se divertindo muito. Vicky havia bebido demais.

Por volta das duas da manhã, ele cambaleou até o bar e pediu outra dose de tequila para a atendente, um bela jovem de camiseta branca e calça jeans. Era Ruby Gill, aluna do doutorado da Universidade de Délhi que trabalhava meio período no Mango para sustentar a família.

“Sinto muito, não posso lhe servir mais, senhor. O bar agora está fechado”, ela disse a ele.

“Eu sei, querida.” Disparou ele com seu melhor sorriso. “Mas eu quero só mais uma bebida e depois todos podemos ir para casa.”

“Sinto muito, senhor. O bar está fechado. Precisamos seguir as regras”, ela disse, mais firme dessa vez.

“F...m-se as suas regras”, Vicky rosnou para ela. “Sabe com quem está falando?”

“Não, senhor, e não faço questão de saber. As regras se aplicam a todos. O senhor não vai obter outra bebida.”

Vicky Rai ficou furioso. “Puta do caralho!”, gritou ele e sacou o revólver do bolso do paletó. “Isso vai te dar uma lição!” Ele atirou nela duas vezes, atingindo-a no rosto e no pescoço, diante de pelo menos cinquenta convidados. Ruby Gill caiu morta e o Mango virou uma loucura só. Um amigo de Vicky supostamente o teria agarrado pelo braço e o levara até seu Mercedes, indo embora do restaurante junto com ele no carro.

Quinze dias depois, Vicky Rai foi preso em Lucknow, conduzido diante de um magistrado, e ainda assim conseguiu novamente escapar sob fiança.

Um assassinato por causa de bebida recusada abalou a consciência do país. A combinação da fama de Vicky Rai com a beleza de Ruby Gill garantiu que o assunto ficasse nas manchetes por mais algumas semanas.

Então o verão virou outono, e mudamos de notícia. Quando o caso chegou enfim ao tribunal, o relatório da balística disse que as duas balas vinham de armas diferentes. A arma do crime inexplicavelmente

“desapareceu” do cofre da polícia onde estivera guardada. Seis testemunhas, que haviam declarado ter visto Vicky Rai sacar a arma, voltaram atrás em seus depoimentos. Após um julgamento que durou cinco anos, Vicky Rai recebeu há cerca de um mês a absolvição completa, no dia 15 de fevereiro. Para comemorar o veredicto, ele deu uma festa em sua casa de campo em Mehrauli. E foi ali que ele teve o seu fim.

Algumas pessoas chamarão de justiça poética. Mas a polícia chama isso de 302 no Código Penal Indiano —

homicídio culposo seguido de morte —, e iniciou uma busca pelo assassino em todo o país. O comissário de polícia está supervisionando pessoalmente a investigação, estimulado, sem dúvida, pelo temor de que a pretendida sinecura do cargo de vice-governador de Délhi (anunciada há dois meses e meio por esta coluna) viesse a lhe escapar das mãos se não conseguisse solucionar esse caso.

Sua aplicação deu bons resultados. Minhas fontes me informam que seis suspeitos estão sendo mantidos sob vigilância por suspeita no assassinato de Vicky Rai. Ao que parece, o subinspetor Vijay Yadav controlava o trânsito na casa de campo quando o crime ocorreu. Ele cercou imediatamente o perímetro do local e ordenou a revista de todos os trezentos e tantos convidados, garçons, penetras e parasitas presentes ali na hora. O lugar era praticamente um arsenal de artilharia. Durante a revista, descobriram seis indivíduos portando armas, que foram detidos. Tenho certeza de que devem ter protestado. Afinal, o simples porte de arma não é ilegal, desde que se tenha licença para isso. Mas quando você vai a uma festa armado e o anfitrião é baleado, automaticamente você se torna um suspeito.

Os suspeitos formam um grupo variado, curiosa mescla de belos, sujos e malvados. Há Mohan Kumar, ex-secretário-chefe do estado de Uttar Pradesh, cuja reputação de corrupto e mulherengo não tem similar nos anais do Serviço

de Administração Indiano (SAI). O segundo é o parvo de um americano que se diz produtor de Hollywood. Apimentando um pouco a mistura, há a famosa atriz Shabnam Saxena, por quem Vicky Rai estava apaixonado, se pudermos dar crédito às fofocas das revistas de cinema. Há também um negro, de um metro e meio, nativo de alguma aldeia poeirenta de Jharkhand, que está sendo interrogado com certa formalidade por temor de que possa ser um dos temíveis naxalitas que infestam aquele estado. O suspeito número cinco é um desempregado, de nível superior, chamado Munna, que obtém seus lucros também como ladrão de celulares. E fechando a fila vem o próprio sr. Jagannath Rai, ministro do estado de Uttar Pradesh. O pai de Vicky Rai. Será que um pai pode se rebaixar tanto?

As seis armas recolhidas são também muito diferentes. Há uma Webley & Scott inglesa, uma Glock austríaca, uma Walter PPK alemã, uma Beretta italiana, uma pistola Black Star chinesa e um revólver improvisado, chamado na região de katta. A polícia parece convencida de que a arma do crime é uma dessas seis e está aguardando o relatório da balística para comparar a bala com a arma e apontar o culpado.

Barkha Das me entrevistou ontem em seu programa de televisão. “Você dedicou boa parte da sua carreira a mostrar os podres de Vicky Rai e a atacá-lo na sua coluna. O que vai fazer agora que ele morreu?”, ela me perguntou.

“Encontrar seu assassino”, respondi.

“Por quê?”, ela quis saber. “Não está contente que Vicky Rai esteja morto?”

“Não”, falei. “Porque minha cruzada nunca foi contra Vicky Rai. Era contra o sistema que permite que ricos e poderosos se considerem acima da lei. Vicky Rai era apenas um sintoma visível da doença que infectou nossa sociedade. Se a Justiça é realmente cega, então o assassino de Vicky Rai deve pagar, assim como Vicky Rai.”

E isso é o que eu digo outra vez a meus leitores. Vou atrás do assassino de Vicky Rai. Um verdadeiro jornalista investigativo não pode ser levado por seus preconceitos pessoais. Ele deve seguir a lógica fria da razão até o final, não importa aonde ou a quem ela o conduza. Deve permanecer sempre um profissional,

imparcial, em busca da verdade nua e crua.

O crime pode ser confuso, mas a verdade o é ainda mais. Será difícil juntar as pontas soltas. As biografias dos seis suspeitos deverão ser vasculhadas. Os motivos deverão ser estabelecidos. As provas deverão ser conferidas.

E só então descobriremos o verdadeiro culpado.

Qual desses seis será o assassino? O burocrata ou a gostosona? O estrangeiro ou o nativo? O figurão ou o joão-ninguém?

A essa altura, tudo o que posso dizer a meus leitores é o seguinte — fiquem de olho.

SUSPEITOS

O acusado é sempre mais interessante.

Franz Kafka, O processo

2. O burocrata

Mohan Kumar olha para o relógio, solta-se dos braços da amante e se levanta da cama.

“Já são três. Preciso ir”, ele diz enquanto ela procura a cueca na barafunda de roupas jogadas ao pé da cama.

O ar-condicionado atrás dele entra em ação, expelindo uma golfada de ar quente no quarto escuro. Rita Sethi olha mal-humorada para o aparelho. “Essa droga funciona? Eu falei para você comprar o da White Westinghouse.

Essas marcas indianas não duram nem um verão.”

As persianas das janelas estão baixadas, mas ainda assim o calor opressivo consegue se infiltrar no quarto, fazendo os lençóis parecerem cobertores.

“Os condicionadores de ar importados não servem para os trópicos”, responde Mohan Kumar. Ele até tem vontade de pegar a garrafa de Chivas Regal no criado-mudo, mas decide não fazê-lo. “É melhor eu ir. Tenho uma reunião da diretoria às quatro.”

Rita estica os braços, boceja e desaba no travesseiro outra vez. “Por que você ainda se preocupa em trabalhar? Já esqueceu que não é mais secretário-geral, senhor Mohan Kumar?”

Ele franze o cenho, como se Rita houvesse tocado numa ferida aberta. Ele ainda não se acostumou com a ideia da aposentadoria.

Durante trinta e sete anos ele esteve no poder — manipulando políticos, gerenciando colegas e fazendo acordos.

Nesse tempo, comprou casas em sete cidades, um shopping center em Noida, e abriu conta num banco suíço em Zurique. Deslumbrava-se com o fato de ser um homem influente. Um homem capaz de comandar toda a máquina do Estado com apenas um telefonema, cuja amizade abria todas as portas, cuja fúria destruía carreiras e empresas, cuja assinatura valia milhões de rupias. Sua trajetória ascendente pelos escalões da burocracia gerara uma condescendência generalizada. Ele achava que continuaria assim para sempre. Mas fora derrotado pelo tempo, pelo tiquetaque inexorável do relógio que batera nos sessenta e com a aposentadoria pusera fim a todo o seu poder de um só golpe.

Aos olhos dos colegas, ele conduzira bem a transição de governo. Agora é membro da diretoria de meia dúzia de empresas privadas pertencentes ao Grupo Industrial Rai, que lhe pagam juntas dez vezes seu antigo salário. É dono de um palacete, oferecido pela empresa, em Lutyens’ Délhi, e de um carro da empresa. Mas essas vantagens não compensam a perda de seu círculo de clientes. Ou de seu poder. Sem aquela aura, ele se sente um homem diminuído, um rei sem reinado. Nos primeiros meses depois da aposentadoria, acordava de noite suando e se coçando, e procurava às cegas o celular para ver se perdera alguma ligação do governador. Durante o dia, seus olhos involuntariamente se dirigiam à entrada dos carros em busca do Ambassador branco com sua tranquilizadora luz azulada. Às vezes, a perda do poder o abatia como uma ausência física, semelhante à sensação que tem o amputado na terminação nervosa do toco onde havia uma perna. A crise chegou a tal ponto que ele se viu forçado a pedir ao patrão um escritório. Vicky Rai o presenteou com uma sala na sede do Grupo Industrial Rai no Bhikaji Cama Place.

Agora ele vai para lá todos os dias, e fica das nove às cinco, lendo alguns relatórios de projetos, mas principalmente jogando Sudoku em seu laptop e navegando em sites de pornografia. A rotina faz que se imagine ainda com um

emprego remunerado, e lhe serve de desculpa para ficar longe de casa e da esposa. Também lhe permite escapar para esses compromissos vespertinos com a amante.

Pelo menos ainda tenho Rita, ele pondera, enquanto dá o nó da gravata e contempla o corpo nu e os cabelos

negros dela espalhados em leque sobre o travesseiro.

Ela é divorciada, sem filhos, e tem um emprego bem remunerado que só requer sua presença no escritório três vezes por semana. Existe uma diferença de vinte e sete anos entre eles, mas nenhuma diferença em termos de gostos e temperamento. Às vezes ele tem a sensação de que ela é uma imagem especular dele, que eles são almas gêmeas separadas apenas pelo sexo. Contudo, ainda há coisas nela de que ele não gosta. Ela é muito exigente, importunando-o constantemente com pedidos de presentes de diamantes e ouro. Reclama de tudo, da própria casa ao clima. E possui um temperamento feroz, tendo desferido um famoso tapa na cara de um ex-chefe que tentou se engraçar com ela. Porém, ela mais do que compensa tais deficiências com sua performance na cama. Ele gosta de pensar que é um amante tão bom quanto ela. Aos sessenta, ainda é viril. Com toda a sua altura, a pele clara e nenhuma entrada na cabeleira que lava com esmero a cada quinze dias, ele sabe que é atraente para as mulheres.

Mesmo assim, imagina quanto tempo Rita ainda ficará com ele, quando seus presentes e pérolas não serão mais o bastante para impedir que ela se apaixone por um homem mais jovem, mais rico e mais poderoso. Até que isso aconteça, ele está contente com essas escapadas à tarde duas vezes por semana.

Rita tateia embaixo do travesseiro e tira um maço de Virginia Slims e um isqueiro. Acende com destreza um cigarro e traga, soltando um anel de fumaça imediatamente sugado pelo ar-condicionado. “Você conseguiu ingresso para o show de terça?”, ela pergunta.

“Que show?”

“Aquele em que vão fazer contato com o espírito do Mahatma Gandhi no aniversário dele.”

Mohan olha para ela curioso. “Desde quando você acredita nessa besteirada?”

“Sessão espírita não é besteirada.”

“Para mim, é. Eu não acredito em fantasma nem em espírito.”

“Você não acredita nem em Deus.”

“Não, eu sou ateu. Não entro num templo há trinta anos.”

“Bem, nem eu, mas pelo menos acredito em Deus. E dizem que Aghori Baba é um grande médium. Ele de fato fala com os espíritos.”

“Besteirada!”, desdenhou Mohan Kumar. O baba não é um médium. Ele é um reles tântrico que deve até comer carne de gente. E Gandhi não é um astro pop internacional. Ele é o Pai da Nação, faça-me o favor. Ele merece mais respeito.”

“Por que é um desrespeito fazer contato com o espírito dele? Fico feliz que uma empresa indiana esteja promovendo isso, antes que alguma corporação estrangeira transforme Gandhi numa marca, como o arroz basmati.

Vamos na terça, querido?”

Ele olha bem nos olhos dela. “O que vão achar de um ex-secretário-geral sendo visto num lugar tão absurdo como uma sessão dessas? Preciso pensar na minha reputação.”

Rita solta outro anel de fumaça que sobe girando até o teto e dá uma gargalhada esperta. “Bem, se você não vê nada de errado nesses nossos encontros, apesar de ter uma esposa e um filho já grande, não vejo por que não pode ir ao show.”

Ela diz com jeito, mas ainda assim o comentário o provoca. Ele sabe que ela não teria dito isso há seis meses quando ele ainda era secretário-geral. E ele percebe que a amante também mudou. Até o sexo está diferente agora, como se Rita estivesse resguardando algo, sabendo que sua capacidade de satisfazê-la diminuiu, se é que não desapareceu de vez.

“Olha, Rita, eu não vou de jeito nenhum”, diz ele com o orgulho ferido enquanto veste o paletó. “Mas, se você faz questão de ir a essa sessão, eu consigo um ingresso para você.”

“Por que você insiste em chamar de sessão? Encare como um show. Como uma

estreia de filme. Todos os meus amigos vão. Dizem que vai sair na coluna social. Eu até comprei um sári novo de chiffon para usar à noite. Vamos, não seja chato, querido", ela faz um bico.

Ele sabe que Rita é sobretudo persistente. Quando enfia alguma coisa na cabeça, é difícil dissuadi-la, conforme

ele descobriu no próprio bolso com o pingente de tanzanita que ela pediu no aniversário de trinta e dois anos.

Ele concorda com elegância. "Certo, vou conseguir dois ingressos. Mas não vá me culpar se o Aghori Baba fizer você vomitar."

"Dou minha palavra!", Rita pula em seu colo e o beija.

E é assim então que, às sete e vinte e cinco da noite de 2 de outubro, Mohan Kumar se vê saindo relutante de seu Hyundai Sonata com motorista diante do Siri Fort Auditorium.

O local da sessão parece uma fortaleza sob ataque. Um grande contingente policial equipado para choque faz o possível para controlar uma desordenada multidão que protesta aos berros com slogans e erguendo diversas placas: "O

PAI DA NAÇÃO NÃO ESTÁ À VENDA", "AGHORI BABA É UMA FRAUDE", "BOICOTE À UNITED ENTERTAINMENT", "A GLOBALIZAÇÃO É O

MAL". Do outro lado da pista, uma bateria de câmeras de TV está alinhada, filmando âncoras sombrios que fazem suas afobadas transmissões ao vivo.

Mohan Kumar abre caminho através da massa, segurando a carteira no bolso interno do terno branco de linho.

Rita, esbelta em seu sári de chiffon e colete preto, vem atrás em seus saltos agulha.

Ele reconhece a jornalista mais conhecida da TV indiana, Barkha Das, bem em frente ao portão de ferro fundido da entrada. "O nome mais reverenciado do panteão dos líderes indianos é o de Mohandas Karamchand Gandhi, ou Bapu, como é carinhosamente conhecido por milhões de indianos", ela anuncia no

microfone de mão. “O plano da United Entertainment de fazer contato com seu espírito na solene ocasião de seu aniversário despertou a ira de todo o país. A família de Mahatma Gandhi definiu o fato como uma vergonha nacional. Mas, diante da recusa da Suprema Corte em intervir, parece que até esse que é nosso nome mais sagrado será sacrificado no altar da ganância comercial.

Essa sessão de mau gosto acontecerá afinal de contas.” Ela franze os lábios e faz uma careta para seu público do horário nobre.

Mohan Kumar assente com a cabeça em silêncio e passa pela entrada para se juntar à longa fila de pessoas com ingresso que atravessa a moldura do detector de metais.

Olhando para os rostos ávidos e cheios de expectativa dos que se acotovelam ao seu redor, Mohan sente uma ligeira aflição. A incansável capacidade dos crédulos de serem tapeados nunca deixa de impressioná-lo. Irrita-se com a lentidão da fila, ele que não encarava uma havia trinta e sete anos.

Após uma espera interminável, durante a qual teve seu ingresso conferido por três funcionários, seu corpo escaneado em busca de armas e metal, e o celular confiscado para ser devolvido depois, afinal permitem que Mohan Kumar adentre o saguão intensamente iluminado do auditório. Garçons uniformizados adejam por ali, servindo refrescos e canapés vegetarianos. No outro canto, um grupo de cantores sentados de pernas cruzadas sobre um praticável cantam a bhajan “Vaishnav Janato”, a canção devocional favorita de Mahatma Gandhi, com acompanhamento de tabla e harmônio. Ele se anima quando vê diversas personalidades conhecidas em meio à multidão — o auditor-geral, um comissário de polícia, cinco ou seis parlamentares, um ex-jogador de críquete, o presidente do clube de golfe e um bocado de jornalistas, empresários e burocratas. Rita se solta dele e junta-se a um grupo de amigas colunáveis, que se cumprimentam com breves interjeições de falsa alegria e surpresa fingida.

O dono cinquentão de uma fábrica de tecidos, de quem um dia Mohan Kumar extorquira uma grossa propina, passa por ele, evitando cuidadosamente contato visual. Há seis meses esse sujeito viria me bajular, ele pensa com amargor.

Somente quinze minutos depois as portas do auditório são abertas e um funcionário o conduz até a frente.

Conseguira os melhores lugares, bem no meio da primeira fila, cortesia de uma

empresa de informática a cuja diretoria ele agora pertencia. Rita parece apropriadamente impressionada.

A plateia se enche rapidamente de celebridades de Délhi. Mohan olha de relance para as pessoas à sua volta. As mulheres parecem vulgares com seus brocados de seda e seus permanentes; os homens, discretamente ridículos em suas kurtas Fabindia e jutis Nagra.

“Viu só, querido? Eu disse que todo mundo viria.” Rita pisca para Mohan.

O público tosse e se inquieta enquanto aguarda o início do show, mas a cortina de veludo fechada sobre o palco

não quer se mover.

Às oito e meia da noite, com uma hora de atraso, as luzes começam a diminuir. Logo o auditório está mergulhado numa escuridão assustadora. Simultaneamente, toques de sitar enchem o ar e a cortina começa a subir.

Um único foco de luz ilumina o palco, que está vazio, exceto por uma esteira de palha no chão. Dispostos diante da esteira se veem alguns itens — uma roca manual, um par de óculos, uma bengala e um maço de cartas. Uma bandeira ao fundo exibe o logo azul e branco da United Entertainment.

Uma voz familiar de barítono soa nos imensos alto-falantes pretos de cada lado do palco. “Boa noite, senhoras e senhores. Eu serei seu anfitrião esta noite, Veer Bedi. Sim, o mesmo Veer Bedi que vocês conhecem do cinema.

Vocês não podem me ver, mas sabem muito bem que estou aqui, nos bastidores. Espíritos também são assim. Vocês não podem vê-los, mas eles estão à nossa volta.

“Dentro de alguns minutos, faremos contato com o espírito mais famoso de todos, um homem que sozinho alterou os rumos do século XX. Um homem sobre o qual Einstein disse: ‘As gerações futuras mal poderão acreditar que uma pessoa assim de fato caminhou sobre a terra em carne e osso’. Sim, estou falando de ninguém menos que Mohandas Karamchand Gandhi, nosso amado Bapu, que nasceu neste mesmo dia no ano de 1869.

“Bapu sofreu seu martírio há quase seis décadas, a alguns quilômetros daqui,

mas hoje ele retornará à vida. Com seus próprios ouvidos, vocês ouvirão Mahatma Gandhi falar através do Baba Aghori Prasad Mishra, um médium internacionalmente conhecido. Aghori Baba possui o siddhi, a energia divina adquirida por meio da ioga que permite atravessar o véu entre este mundo e o próximo, e falar com espíritos.

“Sei que há pessoas céticas na plateia que acham que esse encontro com o Bapu é charlatanismo. Eu também era um descrente. Mas não sou mais. Permitam-me dividir algo pessoal com todos vocês.” A voz de Veer Bedi mudou para um tom conspiratório. “Há cinco anos perdi minha irmã em um acidente de carro. Éramos muito unidos e senti sua falta terrivelmente. Há dois meses, Baba Aghori Prasad Mishra entrou em contato com ela. Através dele, eu falei com minha irmã, soube de sua jornada para o além. Foi a experiência mais impressionante, mais transformadora da minha vida. E é por isso que estou aqui em pessoa para apoiar Aghori Baba. Posso garantir que o que vocês vão testemunhar hoje à noite é uma experiência única na vida, algo que os transformará para sempre.”

Ouvem-se murmúrios de aquiescência na plateia.

“Como todos vocês sabem, queríamos muito que a família de Mahatma Gandhi se juntasse a nós hoje, mas eles preferiram se manter à distância desse grande evento. Contudo, fomos auxiliados por poderosos benfeitores que conheciam o Mahatma intimamente. Eles nos emprestaram objetos que pertenceram a ele, que vocês podem ver dispostos no centro do palco. Há o chakhra de madeira, a roca com a qual ele fiou o khadi de algodão que sempre vestia. Ao seu lado, sua bengala favorita. Ali está o par de óculos redondos que foi sua marca registrada, e aquele maço que contém algumas cartas escritas de próprio punho pelo Grande Mahatma.

“Antes de convidar Baba Aghori Prasad Mishra para o palco, deixem-me lembrá-los a regra de conduta durante a sessão. Quando o espírito baixa no médium, é um momento crítico e delicado. Não deve haver ruído, nenhum tipo de perturbação. É por isso que seus celulares foram recolhidos na entrada. Por favor, permaneçam em silêncio absoluto durante o show. Em nome da United Entertainment eu gostaria também de agradecer aos nossos patrocinadores desta noite — Creme Dental Solid, para dentes brancos e sólidos, e Motos Yamachi, isso sim! Gostaria também de agradecer aos nossos parceiros da City Television, que estão transmitindo este evento para milhões de telespectadores na Índia e para todo o mundo. Faremos um breve comercial, mas não saiam daí, porque na

volta Baba Aghori Prasad Mishra já estará no palco.”

Começa um zum-zum-zum na plateia. Alguém fala alto: “Estou vendo um morto!”, o que dá origem a muitas gargalhadas. A graça dura mais um pouco até desaparecer sob o peso da expectativa e do nervosismo.

A voz de Veer Bedi retorna após exatos cinco minutos. “Bem-vindos de volta a Um encontro com o Bapu, da United Entertainment. Bem, chegou a hora, senhoras e senhores, pela qual vocês esperaram tão ansiosamente.

Aguenta, coração, porque agora vocês testemunharão o espetáculo mais impressionante da história da humanidade.

Chamo ao palco Baba Aghori Prasad Mishra.”

Uma máquina lança fumaça de gelo-seco no palco, incrementando a atmosfera sobrenatural. Através da névoa aparece uma figura sombria, coberta por um dhoti branco e uma kurta cor de açafrão. Baba Aghori Prasad Mishra por

fim se revela magro e de altura mediana. Aparenta estar beirando os cinquenta, com os cabelos bem negros amarrados no alto da cabeça, uma barba densa também negra e penetrantes olhos castanhos. Tem aspecto de um homem que conheceu o mundo, que dominou os próprios medos.

O baba caminha até a beirada do palco e se curva diante da plateia, juntando as mãos num gesto de saudação.

“Namaste”, ele diz. Sua voz é suave e tranquila. “Meu nome é Aghori Prasad Mishra. Vou guiá-los por uma jornada.

Uma jornada de descoberta espiritual. Vamos começar com o que diz nosso livro mais sagrado, o Gita. Existem duas entidades neste mundo: o perecível e o imperecível. Os corpos físicos de todos os seres são perecíveis, mas o atma, a alma, é imperecível. Armas não cortam essa alma, o fogo não a queima, a água não pode molhá-la, e o vento não a faz secar. A alma é eterna, tudo atravessa, imutável, imóvel e imortal.

“Porém o mais importante sobre a alma, e ainda estou citando o Bhagavad Gita, é que assim como o ar capta o aroma da flor, a alma capta as seis faculdades sensoriais que o corpo físico expele na hora da morte. Em outras palavras, ela

continua a ter as faculdades da audição, do tato, da visão, do paladar, do odor e da mente. É isso que torna possível a comunicação com uma alma.

“Pela graça do Todo-Poderoso, tive o privilégio de interagir com diversos espíritos ao longo dos anos. Mas nenhum me tocou tão profundamente quanto o espírito de Mahatma Gandhi. O próprio termo ‘Mahatma’ significa

‘Grande Alma’. Bapu tem me guiado em minha própria evolução espiritual nos últimos cinco anos. Sinto sua presença todos os minutos em que estou acordado. Até este momento isso vinha sendo um diálogo privado entre mim e o Mahatma. Hoje compartilharei suas bênçãos com o mundo inteiro. De modo que será uma jornada vital o que faremos hoje. A jornada da alma. Mas também uma jornada de esperança. Porque ao final da jornada vocês saberão que a morte não é o final da vida, mas o início de uma outra vida. Que somos eternos e imortais.

“Agora iniciarei minha meditação. Logo o espírito do Bapu entrará em mim e falará através de mim. Peço que todos escutem com atenção a mensagem que Bapu nos dará hoje. Mas, lembrem-se, se a comunicação for interrompida no meio, um imenso prejuízo será causado, tanto ao espírito quanto a mim. Como o sahib Veer Bedi os aconselhou, por favor, por favor, façam silêncio para que se ouça até mesmo uma agulha cair.”

A máquina de gelo-seco voltou à carga, e uma espessa nuvem de vapor por um instante ocultou o Baba.

Quando a neblina se dissipa, o Baba está sentado de pernas cruzadas sobre a esteira, entoando encantamentos numa língua que parece, mas não é, o sânscrito. O foco de luz muda de branco para vermelho. Os cânticos do Baba vão cessando aos poucos e ele fecha os olhos. Seu rosto é pura calma e serenidade. Ele está perfeitamente imóvel, como num transe.

De repente, surge uma luz no palco e uma coluna de fumaça branca se desloca sobre a plateia. O público respira fundo, em uníssono.

“Isso é pólvora de fogos de artifício”, resmunga Mohan Kumar.

Da mesma forma repentina a roca começa a rodar sozinha. Parece mover-se sem nenhum agente externo, pois o Baba está a quase dois metros de distância. Pasma, a plateia assiste a roca girar cada vez mais rápido.

“Deve ser controlada por rádio, e o controle remoto deve estar na mão do Veer Bedi”, sussurra Mohan Kumar, mas Rita nem ouve. Ela está inclinada para a frente inteiramente absorta, seus dedos agarrados ao braço da poltrona.

Enquanto a roca continua a girar, a bengala e os óculos começam a se mover e se erguem do chão. Vão subindo cada vez mais em direção ao teto num dueto sincronizado e sobrenatural de desafio à gravidade. Alguns espectadores bufam de descrédito.

Mohan Kumar sente uma coceira na palma das mãos. “Fios transparentes presos ao teto”, ele opina, mas sua voz sai sem convicção. Rita está simplesmente boquiaberta.

Da mesma forma abrupta como começou, a roca de repente range e para de girar. A bengala cai com estrondo.

Os óculos caem no chão e se quebram.

Há uma longa pausa e por um momento Mohan acha que o Baba adormeceu. Então seu corpo começa a tremer de modo incontrolável como se tomado de uma febre violenta.

“Meu Deus, não posso olhar para isso”, Rita geme. Naquele exato momento, vem o som de uma voz inteiramente distinta de tudo o que Mohan Kumar já ouvira até então.

“Gostaria de pedir humildes desculpas pela longa demora até chegar a este lugar”, diz a voz. “E vocês logo

haverão de aceitá-las quando eu lhes disser que não sou o responsável por tal demora, tampouco o é qualquer outro agente humano.”

A voz soa áspera mas curiosamente terna, clara, retumbante e tão andrógina que é impossível dizer se pertence a um homem ou a uma mulher. Sai dos lábios de Aghori Baba, mas não parece ser a dele.

Um silêncio mortal cai sobre a plateia. É com se estivessem na presença de uma força superior, algo que não podem ver nem compreender de todo.

“Não me olhem como a um bicho num espetáculo. Sou um de vocês. E hoje

quero falar sobre injustiça. Sim, injustiça", a voz prossegue. "Eu sempre disse que a Não Violência e a Verdade são como meus dois pulmões. Mas a Não Violência jamais deve ser usada como escudo para a covardia. É uma arma dos corajosos. E quando as forças da injustiça e da opressão começam a prevalecer, é dever dos corajosos fa..."

Antes que a frase pudesse ser completada, a porta dos fundos do auditório é escancarada e um homem barbado vestindo um pijama kurta branco e largo irrompe no teatro. Seus cabelos longos e negros estão desarrumados e seus olhos brilham com um fulgor incomum. Ele avança até o palco, perseguido por dois policiais com cassetetes. Aghori Baba se cala diante da súbita invasão.

"Isso é uma perversão!", grita o barbudo quando chega à beirada do palco, ficando exatamente na frente de Mohan Kumar. "Como ousa desonrar a memória do Bapu com esse espetáculo comercial? Bapu é nosso legado.

Você o está transformando numa marca de creme dental e xampu", ele berra furioso para Aghori Baba.

"Por favor, acalme-se, senhor. Não se altere." Veer Bedi se materializa no palco como o coelho do mágico.

"Faremos um breve comercial enquanto resolvemos essa situação", anuncia ele para ninguém em particular.

O manifestante não presta atenção a ele. Enfia uma mão dentro da kurta e saca um revólver preto. Segurando-o com firmeza, aponta para Aghori Baba. Veer Bedi engole em seco e rapidamente se retira para a coxia. O policial parece paralisdo. A plateia fica estupefata.

"Você é ainda pior que Nathuram Godse", diz o barbudo a Aghori Baba, cujos olhos ainda estavam fechados, embora seu tronco subisse e descesse, dando sinais de dificuldades para respirar. "Godse matou apenas o corpo do Bapu. Mas você está profanando sua alma." Sem mais, ele mete três balas no sadhu.

O som dos disparos invade o teatro como uma onda gigante. Outro facho de luz incide no palco e a cabeça de Aghori Baba tomba sobre o peito, sua kurta cor de açafrão se tinge de carmesim.

O auditório vira um pandemônio. Os gritos tomam os corredores em cascata

conforme as pessoas correm desesperadas para a saída. “Ajuda, Mohan!”, diz Rita num guincho estridente, sendo empurrada de sua poltrona pela turba enfurecida atrás de si. Ela bem que tenta bravamente pegar a bolsa, mas é tragada pela multidão que se arrasta como um rio caudaloso em direção à porta.

Ainda sentado em sua poltrona, atordoado e confuso, Mohan Kumar sente algo lhe roçando o rosto. Algo macio, como uma bola de algodão, porém mais viscoso, como o ventre de uma serpente. “Sim, vamos embora”, ele diz em abstrato para Rita, que já não pode ser vista. Mas antes que seus lábios se fechem, o objeto estranho se insinuou para dentro de sua boca veloz como um raio. Ele o engole e sente descer pela garganta, deixando um resíduo amargo em sua língua, como o desagradável retrogosto de quando se engole um inseto. Ele cospe algumas vezes, tentando se livrar do amargor na boca. Há um suave alvoroço em seu coração, um tremor de protesto, e de repente seu corpo pega fogo. Uma energia pulsante palpita por todo o seu corpo, do cérebro aos dedos dos pés. Se vem de fora ou de dentro, de cima ou de baixo, ele não sabe. Não tem um centro fixo, mas varre tudo para dentro de um vórtice, perfurando cada vez mais fundo até o âmago. Ele sofre espasmos violentos, como tomado de um frenesi. E então começa a dor. Ele sente um golpe forte na cabeça, uma agulha grossa sendo empurrada contra seu coração, e mãos imensas agarrando seu peito, ferindo suas vísceras. A dor é tão excruciante que ele acha que vai morrer. Grita de agonia e terror, mas o som esmaece sob a balbúrdia do teatro. Uma mancha de agitação é tudo o que vê, pessoas gritando e caindo, amontoando-se umas sobre as outras. E então ele apaga.

*

Quando abre os olhos, o teatro está em silêncio e vazio. O corpo sem vida de Aghori Baba está estirado sobre a esteira de palha, como uma formação montanhosa em meio a um mar de sangue. O piso de madeira está repleto de calçados, tênis, sandálias e sapatos de salto alto, e alguém cutuca seu ombro. Ele se vira e vê um policial com um cassetete olhando seriamente para ele.

“Ei, senhor, o que está fazendo aqui? Não viu o que aconteceu?”, rosna o guarda.

Ele o encara aturdido.

“Você é mudo? Quem é você? Como se chama?”

Ele abre a boca, mas acha difícil falar. “Meu... meu... meu... no... nome... é...”

“Isso, qual é o seu nome? Diga logo”, repete o policial impaciente.

Ele quer dizer “Mohan Kumar”, mas as palavras se recusam a sair. Sente dedos lhe apertando a laringe, modificando suas cordas vocais, algemando-lhe as palavras. Elas agora se retorcem em seu esôfago, são esmagadas e tomadas de alguma outra pessoa. “Meu nome é Mohan... Mohandas Karamchand Gandhi”, ele se ouve dizer.

O guarda levanta o cassetete. “Você parece um homem de bem. Não é hora para brincadeira. Vou perguntar de novo. Qual é o seu nome?”

“Eu já disse. Eu sou Mohandas Karamchand Gandhi.” As palavras saem com mais facilidade agora, mais seguras e confiantes.

“Desgraçado, está tentando me fazer de bobo? Se você é o Mahatma Gandhi, então eu sou o pai do Hitler.” O

policial rosna quando o cassetete desce num arco e o ombro de Mohan Kumar explode de dor. A última coisa que ouve antes de perder a consciência é o som de uma sirene da polícia.

3. A atriz

26 DE MARÇO

É duro ser uma deusa de celuloide. Para começar, você tem que ser linda o tempo todo. Não pode peidar, não pode cuspir, nem ouse bocejar. Do contrário, a próxima coisa que vai ver será seu bocão bem aberto olhando para você das páginas coloridas da Maxim ou da Stardust. Depois, você não pode ir a lugar nenhum sem uma horda na sua cola. Mas o pior de tudo de ser uma atriz famosa é que a gente é obrigada a responder às perguntas mais inacreditáveis.

Veja, por exemplo, o que aconteceu ontem no voo de volta de Londres. Eu tinha acabado de entrar na primeira classe do Boeing 777 da Air India, vestindo minha nova jaqueta Versace verde-garrafa e uma calça jeans com um cinto de tachinhas e óculos escuros Dior. Sentei no meu lugar — 1A, como sempre — e coloquei minha bolsa Louis Vuitton de couro de crocodilo no assento ao lado — 1B, vago como sempre. Desde aquele infeliz incidente no voo para Dubai em que um passageiro bêbado tentou me agarrar, peço aos meus produtores para reservar e pagar dois lugares na primeira classe, um para mim e outro para a minha

privacidade. Descalcei meus sapatos Manolo Blahnik, peguei meu iPod, pus os fones e relaxei. Descobri que sentar com os fones de ouvido é a melhor maneira de manter longe de mim os fãs chatos e as aeromoças que querem autógrafo. Os fones me permitem observar o ambiente, ao mesmo tempo que me dispensam de interagir.

Então lá estava eu, imersa em meu ecossistema digital particular, quando vem a aeromoça trazendo outra mulher e um menininho a tiracolo.

“Lamento incomodá-la, Shabnamji”, disse a aeromoça no tom que elas usam quando querem pedir um favor a um passageiro, como por exemplo para que ele mude de assento. “A senhora Daruwala aqui tem algo muito importante para lhe dizer.”

Olhei para a sra. Daruwala. Ele era a própria senhora pársi dos filmes — grande, bonita e enfeitada. Usava um sári rosa fúcsia e cheirava a talco. Era a classe econômica personificada.

“Shabnamji, oh, Shabnamji, que honra é para nós conhecê-la”, disse ela, emocionada, numa voz cantarolante.

Usei minha expressão distante mas educada, aquela que significa “Não tenho interesse, mas estou tolerando você, portanto seja breve”.

“Este é o meu filho, Sohrab.” Ela apontou o menino, que estava sufocado num terno azul com uma gravata-borboleta. “Sohrab é o seu maior fã no mundo inteiro. Ele assistiu a todos os seus filmes.”

Ergui as sobrancelhas. Metade dos meus filmes é só para adultos. De modo que ou a mãe era mentirosa ou o menino era anão.

O rosto da sra. Daruwala ficou grave. “Infelizmente, o meu querido Sohrab tem leucemia crônica. Câncer no sangue. Estávamos tratando no Sloan-Kettering, mas os médicos agora desistiram. Eles dizem que ele só tem alguns meses de vida.” A voz dela falhou e as lágrimas começaram a descer pelas bochechas. Percebi que o roteiro havia mudado e na mesma hora mudei minha expressão para Preocupada e Prestativa, aquela que uso quando faço visitas publicitárias aos pacientes com câncer e AIDS.

“Oh, eu lamento muito saber disso”, apertei a mão da sra. Daruwala e sorri

beatificamente para o filho. “Sohrab, você queria conversar comigo? Vem cá, por que não senta aqui do meu lado?” Tirei minha bolsa do assento ao lado

e a coloquei no meu pé.

Sohrab aceitou a oferta imediatamente, jogando-se no 1B como se tivesse viajado de primeira classe a vida toda.

“Mamãe, você pode nos deixar a sós um pouco?”, disse ele categórico, no tom de um chefe que dispensa a secretária.

“Sim, é claro, meu filho. Mas não incomode a Shabnamji.” A sra. Daruwala enxugou as lágrimas e olhou para mim. “Isso é a realização de um sonho para ele. Dê-lhe só alguns momentos do seu precioso tempo. Mais uma vez, me perdoe.” Então ela cambaleou de volta a seu lugar.

Olhei para Sohrab, que me encarava feito um amante obsessivo. Seu olhar fixo era um pouco perturbador. Eu queria saber onde estava me metendo.

“Então: quantos anos você tem, Sohrab?”, perguntei, tentando deixá-lo mais à vontade.

“Doze.”

“É uma ótima idade. Você está aprendendo bastante coisa e ainda tem muita coisa pela frente, não é?”

“Eu não tenho mais nada pela frente. Porque eu nunca vou chegar aos treze. Vou morrer dentro de três meses”, respondeu ele na maior caradura, sem um pingo de emoção. Frankenstein não teria dito melhor.

“Oh, não diga isso. Tenho certeza de que você vai ficar bom”, eu disse, tocando-o no braço.

“Eu não vou ficar bom”, retrucou Sohrab. “Mas isso não importa. O que importa para mim é saber uma coisa antes de morrer.”

“Certo, e o que é que você quer saber?”

“Prometa que vai me responder.”

“Claro. Prometo”, falei com um verniz de intimidade. As coisas seriam bem mais simples agora, pensei. Sou uma profissional lidando com meus pequenos fãs. Tudo o que eles querem é saber o nome do meu filme favorito, ouvir sobre meus novos projetos e se eu tenho algum plano de trabalhar com algum de seus atores favoritos. “Vamos, pode perguntar, Sohrab”, estalei os dedos. “Estou pronta para a sua pergunta.”

Sohrab se inclinou em minha direção. “Você é virgem?”, ele sussurrou.

Foi o que bastou para confirmar que sentado ao meu lado estava um psicopata mirim.

Claro que foi o fim da conversa com o pequeno imbecil — despachei-o dali na mesma hora. A aeromoça também recebeu um sermão, que garantiria que nunca mais nenhum passageiro com o pé na cova me incomodaria durante minhas viagens.

Mais tarde, quando minha raiva já havia esfriado, pensei sobre a pergunta de Sohrab. Ele foi grosseiro e direto o bastante para perguntar, mas tenho certeza de que milhões de indianos que se dizem apaixonados por mim também tinham o mesmo interesse em saber a resposta.

Os homens na Índia classificam as mulheres em duas categorias — disponíveis e indisponíveis. As vacas sagradas são suas mães e irmãs. O resto é ração para seus sonhos voyeurísticos e fantasias masturbatórias. Neste país, uma menina de camiseta é considerada vagabunda. E eu sou quase sempre vista em roupas colantes, mostrando o decote para as câmeras, balançando o quadril ao som de algum ritmo envolvente. Não estranha que eu tenha sido considerada o sonho erótico de todos os homens. E, quanto mais inatingível pareço, mais desejada me torno. Eles me escrevem cartas com sangue, ameaçando se cortar se eu não lhes enviar uma foto autografada. Alguns me mandam amostras de sêmen, em pedaços descoloridos de lenços de papel. Propostas de casamento chegam aos milhares, vindas de loucos da aldeia a executivos solitários de telemarketing. Uma revista masculina me fez uma oferta para posar nua e me enviou um cheque em branco. Até mesmo mulheres me mandam rakhis considerando-me sua irmã, contando com meu apoio para evitar que seus homens se desgarrem. Meninas pré-adolescentes me escrevem cartas elogiosas, pedindo que eu reze por elas para que se tornem igualmente dotadas.

96-66-91 é meu número mágico. Numa era sintética de silicone eu represento a beleza natural e a fartura. Sou pura anatomia, e mesmo assim meu apelo transcende minha estatística vital. Eu transpiro uma doçura orgásmica que excita e inflama os homens. Eles não me veem. Veem apenas meus seios, perdem-se neles, ficam sem fala, concordam com cada capricho e fantasia meus. Podem chamar de exploração do inconsciente reprimido, ou de prerrogativa injusta da celebridade, mas isso me deu tudo o que eu sempre quis da vida, e mais.

Apesar das mudanças de aparência, a vida é indestrutivelmente poderosa e cheia de prazeres. Assim falou Friedrich Wilhelm Nietzsche, meu mestre. Eu venho extraindo cada gota de prazer da vida nos últimos três anos,

mas será que é compensação bastante pela angústia que passei nos dezenove anos antes disso?

31 DE MARÇO

Hoje fui convidada para ser anfitriã de um evento de celebração da memória de Meena Kumari, a “Rainha da Tragédia”, que morreu neste mesmo dia há trinta e cinco anos. Foi um programa terrivelmente chato, pontuado por aqueles mesmos discursos pegajosos que se ouvem em toda cerimônia de premiação, o que me fez pensar. A personalidade de um ator é apenas confinada ao que se vê na tela? O cinema é tão unidimensional, apenas um facho de luz, que Jean-Paul Sartre chamou de “tudo, nada e tudo reduzido a nada”. Se eu fosse avaliada apenas pelos filmes que fiz, a história se lembraria de mim simplesmente como uma boneca fascinante e oca. Mas eu sou muito mais do que um mero sonho de celuloide. E, quando por fim meus diários forem publicados (após uma boa edição, é claro), o mundo reconhecerá isso também. Já pensei em um ótimo título para o livro: Uma mulher poderosa: os diários de Shabnam.

19 DE ABRIL

Aishwarya Rai se casou hoje. Graças a Deus! Ela provavelmente vai abandonar o cinema agora. Isso significa menos competição para mim. O Trade Guide do ano passado, em sua lista anual das dez maiores heroínas do cinema indiano, me pôs em quarto lugar, atrás de Aishwarya, Kareena e Priyanka. Agora sou a número três.

Mas para os meus fãs eu já sou a número um. Eles sabem que cheguei até aqui por meus próprios méritos, sem a vantagem de ter sido Miss Universo ou com o apoio de uma dinastia da indústria do cinema por trás de mim.

Seja como for, meu objetivo este ano é claro como o cristal:

Me tornar a número um.

Me tornar a número um.

Me tornar a número um.

20 DE MAIO

Começou a bagunça no apartamento hoje de manhã. Uma equipe de seis operários de macacão azul invadiu meu quarto e meu banheiro e está tentando acabar com a minha paz. Quem está supervisionando tudo é Bhola, berrando instruções como se fosse um engenheiro do Departamento de Obras Públicas. Foi ideia dele trocar as luzes do banheiro, aquelas escondidas em que a gente não vê a lâmpada. São bonitas, especialmente com o dimmer bem baixo, como estrelas num céu noturno. No quarto, ele está trocando meu velho candelabro de Firozabad por um novíssimo cristal Swarovski e consertando a fiação defeituosa.

Devo dizer que Bhola foi uma surpresa agradável. Uma das coisas que vêm com o estrelato é a descoberta das tias e tios esquecidos, primos distantes e sobrinhos jamais vistos. Bhola é um desses parentes distantes. Dizendo ser filho da minha tia Jaishree, de Mainpuri, ele apareceu numa bela manhã em meu apartamento em busca de um papel num filme. Dei uma olhada nele e caí na gargalhada. Com seus cabelos oleosos, barriga proeminente e modos rudes, parecia mais talhado para a agricultura que para a cultura. Mas fiquei com pena de seu desajeitamento e o empreguei como meu secretário-assistente e pau para toda obra, prometendo-lhe um papel num filme se seu desempenho se mostrasse satisfatório. Isso já faz dois anos. Acho até que desistiu do sonho de virar ator, mas ele de fato desabrochou como auxiliar. Não só é útil para manter à distância os fãs encrenqueiros e os caçadores de autógrafos, como também é bom em eletrônica e computadores (uma tecnologia que ainda me intimida). Além disso, tem se mostrado muito perspicaz com as finanças. Comecei aos poucos a confiar a ele todas as minhas contas, embora ainda não lhe confie os meus encontros. Essa tarefa é feita pela minha secretária Rakeshji, que eu divido com a Rani.

Bhola não tem nenhum dom em especial, nenhum talento de fato. Ele é profundamente medíocre. Mas, afinal, o mundo é feito de pessoas comuns. Totalmente comuns, pessoas cujo único trabalho é servir aos incomuns, os excepcionais, os gloriosos...

31 DE MAIO

Meus dedos estão doendo. Acabei de assinar quase novecentas cartas. É um ritual pelo qual preciso passar quatro vezes por ano, outro pequeno fardo do estrelato.

As cartas são respostas para os fãs que me escrevem dos quatro cantos do mundo, de Agra a Zanzibar. Cinco mil cartas chegam toda semana, vinte mil por mês. Dessas, Rosie Mascarenhas, minha assessora de imprensa, seleciona cerca de mil para respostas pessoais, que consistem num texto-padrão expressando minha felicidade ao me comunicar com meus admiradores, e mais blá-blá-blá sobre meus próximos projetos, e terminando com meus melhores votos de saúde, felicidade e prosperidade para meus fãs. As cartas vão acompanhadas de uma foto colorida minha, em close — uma recatada para mulheres e crianças e uma discretamente picante para os fãs homens. Rosie sugeriu que eu usasse a máquina que reproduz minha assinatura em todas as letras, poupando-me o incômodo de assiná-las pessoalmente, mas eu me recusei. Se aceitasse, eu continuaria no mundo irreal dos filmes, onde tudo é falso. Quero que pelo menos minha assinatura seja de verdade. Penso no brilho nos olhos dos meus fãs quando abrem o envelope e veem minha foto. Nos gritos de surpresa e alegria. A carta será mostrada para a família, aos amigos e parentes. Toda a vizinhança se deleitará um pouco na sua aura. Será assunto durante semanas, será discutida, debatida, beijada e muitos chorarão sobre ela. Pode ser fotocopiada, plastificada, enquadrada, e, muito provavelmente, até venerada.

A dor nos meus dedos passa.

A regra é que Rosie não abra as cartas marcadas com “Pessoal” ou “Confidencial”. Essas chegam diretamente a mim e já me proporcionaram horas deliciosas. A Índia é o país que mais ama seus astros. Todo mundo quer ser ator, ir para Mumbai e estourar em Bollywood. Esses aspirantes me escrevem de vilarejos longínquos e bancas de frutas de esquina, de charcos infestados de malária e vilas de pescadores. Escrevem num híndi estropiado ou num inglês macarrônico, com frases sem complemento e sintaxe truncada, querendo apenas contar seus sonhos comigo e me pedindo conselhos, ajuda, e às vezes dinheiro. A maioria das cartas traz fotos das pessoas maquiadas e fazendo biquinho, com sorrisos falsos e sentimentos mal reprimidos, e tentam conter todo o fascínio, a vontade, a dedicação e o desespero num instante congelado que esperam que

derreta o coração de algum produtor. Por mais que se esforcem, porém, a falta de traquejo não escapa à objetividade das câmeras. A aspereza no trato e a vulgaridade ressaltam nas poses que dão mostras tanto da tolice das pessoas quanto de seu vergonhoso despreparo.

Acho as cartas das meninas especialmente perturbadoras. Algumas têm só treze anos. Querem fugir de casa, largar a família, em troca dos quinze minutos de fama. Não têm ideia do que é preciso fazer, do preço, para conseguir viver em Mumbai. Antes mesmo de chegar aos testes do sofá, já teriam sido arrastadas por algum fotógrafo obscuro ou pela conversa mole de um agente até uma casa de massagem ou um bordel barato. E a fragilidade dos sonhos desmoronaria diante do pesadelo da realidade de uma escrava sexual.

Mas eu arranco uma página da minha história e não respondo a essas meninas. Não tenho intenção de interferir em suas vidas tristes, nem o poder de alterar a trajetória de seus destinos fadados ao fracasso. É a lei da selva. Só os mais aptos sobreviverão. O resto está destinado ao lixo da história. Ou às lixeiras da sociedade.

16 DE JUNHO

Vicky Rai ligou de novo hoje. Ele está atrás de mim há dois dias. Uma verdadeira praga. Mas Rakeshji diz que eu tenho que fazê-lo se divertir. Afinal, ele é capaz de decidir meu futuro, é muito poderoso.

“Por que você não fala comigo?”, Vicky Rai perguntou.

“Porque não tenho nada para dizer”, respondi. “Como conseguiu o número do meu celular?”

“Eu sei que você troca a cada três meses. Mas tenho as minhas fontes. Você sempre subestima meu poder, Shabnam. Eu posso fazer muito por você.”

“Por exemplo?”

“Por exemplo conseguir um National Award para você. Meu pai pode mexer os pauzinhos no governo. Agora não vá me dizer que você não quer esse prêmio. Esse prêmio de cinema, Film Awards, e aqueles troféus da Honda Hero são legais, mas um dia todo bom ator ou atriz sonha em ganhar o National Award. É o maior reconhecimento.”

“Bem, não estou interessada em prêmios no momento.”

“Certo, e se eu oferecesse um papel no meu próximo filme? Vai se chamar Plano B. Já contratei Akshay. Entrará em produção em junho do ano que vem.”

“Não tenho nenhuma data livre em junho. Vou estar filmando na Suíça com Dhawan sahib.”

“Se você não tem um mês livre, que tal uma noite livre pelo menos? Só uma noite?”

“Para quê?”

“Não preciso dizer agora, preciso? Simplesmente me encontre em Délhi e eu cuidarei de tudo. Ou você prefere que eu vá até Mumbai?”

“Eu preferiria que você desligasse, e não voltasse a me incomodar, senhor Vicky

Rai”, falei firme e desliguei o celular.

O que esse desgraçado está pensando, que eu sou uma mercadoria à venda? Espero que ele seja condenado pelo assassinato de Ruby Gill e apodreça na cadeia pelo resto da vida.

30 DE JULHO

Jay Chatterjee é uma decepção; dá vontade de arrancar os cabelos. Talvez o mais brilhante dos diretores da praça, é também o mais excêntrico. Ele me encontrou nos estúdios RK hoje e disse que tinha decidido me chamar para seu novo filme.

Comecei a tremer de excitação. Um filme de Jay Chatterjee significa não só um megassucesso, mas também muitos prêmios. Ele é o Steven Spielberg de Bollywood.

“Sobre o que será?”, perguntei, tentando controlar minha tremedeira.

“É sobre um menino e uma menina”, disse ele.

“Que tipo de menina?”

“Uma menina muito bonita, de família muito rica”, ele disse daquele jeito sonhador de sempre, com os dedos tocando um piano imaginário. “Vamos chamar a menina de Chandni. Os pais da Chandni querem que ela se case com o filho de um industrial, mas Chandni se apaixona por um misterioso sujeito sem eira nem beira chamado K.”

“Que intrigante!”, eu disse interessada.

“É. K não é bem deste mundo. Ele exala poder, uma força hipnótica que faz Chandni levitar. Ela fica apaixonada por ele, torna-se sua escrava e só então se dá conta de que na verdade o forasteiro é o Príncipe das Trevas.”

“Uau, o próprio Diabo?”

“Exactement! Meu plano é contar a história com duas vozes, a de Chandni e a de K. É a trama das duas histórias, a tensão dramática da relação dos dois, que dará força à narrativa. Então, que tal?”

Respirei fundo. “Acho sensacional. Algo nunca visto no cinema indiano. Será mais uma obra-prima de Jay Chatterjee.”

“E então, você está dentro? Você será a minha Chandni?”

“Claro! Quando começamos a filmar? Vou reservar as datas para você agora mesmo.”

“Começamos a filmar assim que eu escolher quem fará o K.”

“Como assim?”

Chatterjee fez uma pausa e correu os dedos pela barba desgrenhada. “É que eu quero criar um novo paradigma do angry young man. Para o K. Andei pensando, até quando vamos continuar assistindo aos mesmos garanhões

musculosos fazendo papel de heróis de ação e reis feitos por nerds em filmes românticos? As pessoas querem mudanças, anseiam por algo novo. Eu quero que o K seja o arauto dessa transformação. Ele será o perfeito semi-herói. Alguém cuja personalidade combine as qualidades tanto do herói quanto do vilão. Duro, mas suave. Brutal, mas gentil. Alguém com uma aparência que derreta os corações e uma raiva de esfriar o sangue.”

“Você não acha que Salim Ilyasi seria perfeito para esse papel?”, perguntei.

“É justamente o que eu acho”, Chatterjee disse ressentido. “O problema é que Salim se recusa a trabalhar comigo.”

“Mas por quê?”

“Eu fiz a besteira de falar mal de seu mentor, Ram Mohammad Thomas, numa entrevista.”

“Então o que vai fazer?”

“Vou tentar encontrar outro Salim Ilyasi. Até lá, o filme terá que esperar.”

Onde já se viu coisa mais ridícula? Um filme parado, não por falta de roteiro ou de diretor nem de dinheiro, mas por causa de um herói que nem existe ainda. Mas, enfim, este é Chatterjee. E quando ele fala para esperar, você espera. Então eu espero.

2 DE AGOSTO

A outra carta chegou hoje, escrito “Particular”:

Estimada Shabnam Didi,

Espero que esteja bem, com a graça de Deus. Eu, Ram Dulari, respeitosamente toco seus pés. Eu ser brâmane de Maithil, mora na aldeia de Gaurai, no quarteirão Sonebarsa do distrito Sitamarhi e ser a única garota na aldeia que tem passe da Classe Seis.

Agora eu em grande dificuldade. Grande enchente vindo na nossa aldeia, afogou tudo. Nossa casa e o gado foi embora água, respeitável pai e mãe morrer infelizmente demais. Eu ser salva no barco do exército. Primeiro no acampamento ruim feito de barracas tortas em Sitamarhi mas agora na casa da melhor amiga Neelam em Patna.

Eu não saber nada mais seu porque não tem sinema grande na aldeia como o de Patna. Mas Neelam sabe muitos fiumes e me chama sua irmã pequena. Ela tira fotu na câmera dela e pediu para mandar esta.

Tudo muito bem agora cozinhando bem e aprendendo muitos tipos de receitas até de gulab jamun e sooji ka halwa. Boa costura também e fiz blusa de trico só em dois dias. Como ser brâmane de Maithil eu cozinha comida só dos rituais, tudo vegetariano, e todos jejum e festas segui certo.

Agradeço escrever endereço acima e ajuda levar eu para Mumbai e dar casa e trabalho. Deus mande chuva de bênçãos.

Toco os pés de todos os velhos da família e amor para crianças.

Sua irmã pequena

Ram Dulari

Não havia nada de especial no conteúdo da carta. Recebo dúzias de ofertas assim de rapazes e garotas, querendo trabalhar sem salário na minha casa, só pelo privilégio de dividir o espaço comigo. Mas fiquei intrigada pelo fato de Ram

Dulari se referir a si mesma como minha irmã mais nova. Na mesma hora pensei em minha verdadeira irmãzinha, Sapna, que também teria dezenove anos. Ela provavelmente ainda devia estar em Azamgarh com minha família, embora eu não pudesse ter certeza porque não tinha contato com ela, nem com eles, havia três anos.

Embora eles tivessem me apagado de suas vidas, eu não conseguia tirá-los da cabeça.

Então tirei as fotos do envelope. Eram fotos coloridas comuns, dez por quinze. Olhei a primeira, e quase caí da cadeira. Pois olhando para mim estava meu próprio rosto em close. Os mesmos olhos castanhos graúdos, o nariz pequeno, os lábios grossos e o queixo arredondado.

Rapidamente olhei a segunda foto. Esta mostrava Ram Dulari num sári verde barato, encostada a uma árvore.

Não só seu rosto, mas também seu corpo era parecido com o meu. A única diferença visível era o cabelo. Ela tinha o cabelo comprido, tranças negras lustrosas, enquanto meu corte atual era curto, na altura do queixo, com essa franja assimétrica que estão usando agora. Mas esse era um detalhe insignificante. Eu sabia que estava olhando para minha cópia perfeita. Ram Dulari era meu duplo, meu Doppelgänger.

O que me impressionou nas fotos, além da estranha semelhança comigo, era o fato de que Ram Dulari parecia não ter a menor consciência da situação. Não havia nenhum artifício, nenhuma simulação, nenhum esforço para se parecer comigo. Ela simplesmente era daquele jeito. Ali estava uma garota que ignorava a própria beleza, e na mesma hora senti compaixão por ela. Ali estava eu, morando numa cobertura luxuosa de cinco quartos na melhor cidade da Índia, e lá estava ela, uma órfã sem sorte, mal conseguindo sobreviver no coração de Bihar onde as gangues de bandidos agiam livremente e sem controle. Decidi naquele momento que iria ajudá-la, mandaria Bhola na manhã seguinte a Patna para trazer Ram Dulari para Mumbai, para mim.

Não sei o que vou fazer com ela. Já tenho empregados demais, até mesmo bons brâmanes. Só sei que não posso deixar essa pobre garota abandonada ao próprio destino. Não posso ser uma espectadora omissa diante de seu sofrimento. Então vou interferir em seu destino, mudar sua sina.

Mas, agindo assim, será que vou mudar também a minha?

4. O nativo

O choro vinha da cabana de madeira no meio da clareira, um longo lamento pontuado por outros mais curtos, como um funeral. O arco da tristeza se ergueu num pico, sumiu, e voltou a se erguer, espelhando o ritmo das ondas do mar que se chocavam nas pedras não longe dali.

Era o começo de outubro. A fúria do Kwalakagne, a monção de sudoeste, havia amainado, e os dias começavam a esquentar outra vez. Sair ao sol escorchante do meio-dia exigia força e determinação.

Melame e Pemba estavam na frente da cabana e se entreolhavam. “É a terceira morte na estação”, disse o mais velho, com a voz trêmula. “As legiões de eeka estão crescendo.”

Pemba concordou assustado. “Quando os espíritos maléficos se multiplicam, as coisas só podem piorar. Desse jeito, nossa tribo logo será extinta, como o dugong.”

“Ah, o dugong! Quase esqueci como era o gosto”, respondeu Melame saudoso, lambendo os lábios ressecados.

“Mas Pemba ainda se lembra. Na minha cerimônia de iniciação, eu lancei um dugong”, disse Pemba.

“Você era um grande caçador. Um dos melhores”, Melame respondeu com aprovação. “Mas veja os rapazes de hoje em dia, celebrando o tanagiru com cerveja e Coca-Cola, tudo feito por estrangeiros!”

“Você está certo, chefe. Bem, o que posso dizer? O meu Eketi não é diferente. Ele está sempre rondando o Welfare Office, esperando uma esmola. Dizem que vende mel e âmbar de cachalote para os funcionários de lá em troca de cigarros. Já o peguei várias vezes fumando. Eu só posso baixar a cabeça de vergonha”, respondeu Pemba em voz baixa.

“Acho que já é hora de consultarmos o curandeiro”, respondeu Melame. “Hoje estaremos ocupados com o funeral de Talai. Mas vamos fazer um grande encontro do Conselho amanhã cedo. Avise as pessoas discretamente.

Vamos nos encontrar na floresta, na cabana de Nokai, onde os olhos grandes dos funcionários não poderão nos ver.

Aquele empregado — qual é mesmo o nome dele? Ashok — é muito intrometido."

"Isso mesmo, chefe. Ele tem demonstrado um interesse perigoso pela nossa tribo. As crianças o apelidaram de Gwalen — o xereta", riu Pemba.

"Acho que ele é mais perigoso do que uma serpente. Certifique-se de que ele não vai ficar sabendo dos nossos planos."

"Sim, chefe." Pemba curvou a cabeça.

A floresta era uma paleta de verdes, com pinceladas de rosa e branco. Orquídeas brotavam dos galhos e tufos de lírios rosados espoucavam aqui e ali como formigueiros. Triângulos de cedros do Himalaia pareciam sentinelas contra o céu. A selva pulsava de sons e do farfalhar das formas de vida. Nuvens de mosquitos zumbiam sua canção monótona. Periquitos e papagaios invisíveis taramelavam dos galhos das árvores. Cigarras estridulavam nos arbustos e moitas. Cobras e lagartos chapinhavam embaixo das vergônteas.

Melame estava numa pequena clareira sob a sombra de uma imponente árvore garjan, bem defronte à cabana do curandeiro, e inspecionava seu rebanho. As mulheres se ocupavam como sempre, preparando guirlandas de nozes e conchas marinhas, juntando lenha ou trançando os cabelos. Os homens talhavam um tronco com seus adzes, tentando fazer uma canoa.

Melame encheu os pulmões de ar fresco, ainda recendendo a orvalho da manhã, e lançou um olhar nostálgico para a paisagem debruada de árvores à sua frente. Esse pequeno recanto de floresta era o único reduto de verde na ilha. O acampamento em Dugong Creek estava juncado de cepos de árvores cortadas. Todos os dias velhos caminhões carregados até a borda de troncos desciam a Little Andaman Trunk Road, que contornava a ilha, despindo pouco a pouco a ilha de sua cobertura de florestas. Praticamente todos os pontos da ilha estavam agora ocupados por campos de arrozais e plantações de coco. Esse era o último refúgio para os ilhéus, o único lugar onde eles ainda podiam ouvir o canto dos pássaros e ser eles mesmos, nus, livres e vivos.

"A isca está pronta?", o chefe perguntou a Pemba, que assentiu com a cabeça e

mostrou um grande vaso de barro aos seus pés. Melame, parecendo satisfeito, bateu na porta da cabana cônica de Nokai, que era tão baixa que só dava para entrar se arrastando.

“Vá embora”, berrou lá de dentro o torale. “Nokai teve pesadelo. Ele não pode sair da cabana.”

Melame suspirou. O curandeiro era um recluso, um oráculo reticente que quase nunca se aventurava fora da floresta e era conhecido por ser difícil de agradar. Mas sem seu poder de cura e seus encantos, a tribo não continuaria a existir. Ele era capaz de deter uma tempestade simplesmente colocando folhas maceradas sob uma pedra na praia; podia detectar uma doença incipiente só de olhar para os vincos no rosto de um homem, e adivinhar se uma mulher grávida daria à luz um menino ou menina só de tocar em sua barriga. Só o torale sabia como evitar os espíritos maléficos e se beneficiar dos espíritos benéficos, como proteger o clã durante um eclipse da lua e como agir para desfazer um feitiço. Melame estava convencido de que Nokai era capaz de fazer qualquer milagre, menos ressuscitar um morto. Então ele insistiu, segurando o vaso de barro.

“Veja, Sábio, o que nós trouxemos. É carne de tartaruga, fresquíssima. Pemba caçou ontem mesmo.” Melame abriu a tampa, deixando o cheiro da carne entrar na cabana. Se Nokai tinha um fraco, era por carne da tartaruga.

A isca funcionou. Então a porta da cabana se abriu e uma mão escalavrada surgiu, agarrou o vaso e o puxou para dentro. Após um longo intervalo, a porta voltou a se abrir e o torale os convidou bruscamente para entrar. Melame e Pemba deslizaram através da abertura.

A cabana era bastante espaçosa por dentro. Tinha uma única plataforma erguida no centro para dormir. O teto era decorado com todo tipo de objeto — crânios de animais, conchas de náutilos, arcos e flechas e pedaços de panos multicoloridos. Havia uma gamela de madeira no chão repleta de tripas de porco-do-mato secas e carne de serpente.

Um fogo crepitante queimava no outro canto dentro de outro vaso de barro. Nokai estava sentado no centro da cabana sobre um majestoso tapete de pele de tigre, que se acreditava ser presente do rei da Bélgica, a quem ele curara uma vez de uma malária quase sempre fatal. O vaso de barro estava deitado, limpo, à sua frente, sem vestígios de tartaruga.

O curandeiro os encarou com seus olhos vazios. Cintilavam feito poças de água na penumbra da cabana. “Por que vocês vieram me incomodar?”, ele inquiriu com aspereza.

“Nossa gente está em perigo, Sábio”, respondeu Melame. “Nossos porcos selvagens sumiram, as tartarugas são raras como o dugong, e a gente da tribo está morrendo como mosca. Talai foi o terceiro a morrer. Por que os espíritos estão zangados conosco?”

“Tudo isso está acontecendo porque vocês perderam a ingetayi, a pedra do mar”, disse Nokai com severidade. “A pedra do mar foi um presente de nosso primeiro ancestral, Tomiti. Foi talhada por Tawamoda, o primeiro homem.

Enquanto tivemos a pedra sagrada, estávamos protegidos. Até mesmo o tsunami mortal não causou prejuízos à nossa tribo. Ao contrário, fomos abençoados com o nascimento de uma menina. Só depois que a ingetayi sumiu nossa tribo começou a passar maus bocados. Como vocês permitiram que nossa relíquia mais sagrada fosse roubada?”

“De fato não sei, Sábio”, respondeu Melame encabulado. “Deixávamos a pedra do mar escondida dentro da Caverna Negra no outro extremo do córrego. Nenhum dos inene jamais se arriscou a ir até lá. É um mistério saber quem a teria levado.”

Nokai arrotou de novo, andou a esmo entre ossos, chocalhos, feitiços e conchas espalhados sobre o tapete de pele de tigre, e voltou com uma enorme concha de madrepérola. “Vejam isto”, disse ele. “Um dia isto foi um ser vivo, mas hoje é apenas uma concha morta, vazia. Como? Porque o espírito que morava nesta concha se foi. Puluga morava na ingetayi. Quando a ingetayi se foi de Gaubolambe, Puluga deixou a ilha também. Agora estamos sem sua

proteção. Os espíritos benéficos estão zangados conosco por deixarmos nosso Deus ir embora. São eles que estão causando todo esse malefício, essas mortes. É a maldição de Onkobowkwe. Naturalmente, a pessoa que roubou a pedra sagrada também será amaldiçoada. Os espíritos não vão poupá-la, mas também não nos pouparão, por termos permitido que a ingetayi fosse roubada.”

“Então o que faremos? Como poderemos nos salvar?”, Pemba perguntou.

“Só existe uma maneira. Alguém terá que ir recuperar a pedra sagrada”,

respondeu Nokai.

“Mas para isso precisamos primeiro descobrir quem pegou a ingetayi, e onde ela está agora”, disse Melame. “Só você pode nos ajudar a localizá-la.”

“Sim, Nokai irá ajudá-los a encontrá-la.” O curandeiro assentiu com a cabeça. “Mas em troca quero carne de tartaruga para durar toda a estação das chuvas, um grande pote de mel e pelo menos cinco crânios de porcos.”

“Está certo, Sábio. Agora só nos diga quem está com a pedra sagrada.”

Nokai puxou para perto de si o vaso de barro que continha o fogo. Vasculhou entre os itens sobre o tapete outra vez e separou um grande pedaço de argila vermelha e algumas sementes marrons. Atirou as sementes no fogo, onde queimaram com um estalo. Espalhou a argila por todo o rosto e no corpo. Então subiu em sua plataforma, levantou o colchão fino e sacou quatro ossos grandes dali de baixo. “Esses são meus bens mais preciosos. Os ossos do próprio Tomiti.”

Melame e Pemba se curvaram em deferência ao grande ancestral. Nokai sentou-se outra vez sobre o tapete, espalhando os ossos ao seu redor. Então colocou a cabeça entre os joelhos e aparentemente pegou no sono. Melame e Pemba sentaram-se para esperar. Estavam acostumados com os métodos do curandeiro. Ele estava preparando uma visita ao mundo dos espíritos. As sementes marrons e a argila vermelha iriam repelir os espíritos maléficos, e os ossos do ancestral atrairiam os benéficos. Eles entrariam na cabana, trazendo consigo uma lufada de ar frio em seu rastro.

Por serem cegos, tateariam o corpo do torale, fazendo-o tremer de frio. Eles o atirariam para o alto feito um porco, colocariam-no em suas costas e o levariam voando para o céu.

Durante cerca de oito horas Melame e Pemba observaram o corpo de Nokai, inerte como uma tartaruga, enquanto as sombras aumentavam fora da cabana. Já era noite alta quando o torale afinal despertou num salto. Ele parecia grogue e desorientado. Seus olhos estavam turvos e havia inúmeros pequenos cortes e arranhões por todo o seu corpo.

“Água, depressa, me deem um pouco d’água”, ele gritou. Pemba estava com uma jarra de água na mão. O torale bebeu com avidez, metade do líquido

escorrendo pelo queixo. Recuperando o fôlego, ele anunciou dramaticamente: “Ingentayi a-ti-iebe. Nokai viu a pedra do mar!”.

Exausto da difícil provação, aos poucos Nokai contou sobre sua jornada, e Pemba e Melame tiveram de implorar pelos detalhes. Ele disse que fora a viagem mais longa que já havia feito. Levara-o através dos quatro oceanos até a terra dos inene. Voando alto no céu, ele havia passado pelos cumes nevados e ao longo de rios extensos e cheios de curvas. Atravessara ermos desertos de areia e vales de um verde luxuriante. Vira pássaros de metal voando pelo céu e compridas cobras de ferro se movendo no chão, soltando fumaça pelas cabeças. O espírito do próprio Tomiti o havia conduzido no rastro da ingetayi, por entre espessos manguezais, enfiando-se em meio à agitação de uma vasta cidade cheia de gente, onde os edifícios de concreto eram mais altos que a mais alta montanha e onde a noite ficava acesa pelas luzes de mil sóis. Ele havia descido até uma casinha de telhado verde ao lado de um pequeno lago e lá estava a ingetayi, em cima de um pedestal dentro de uma saleta, cercada de imagens dos deuses inene.

“Diga-nos quem mora nessa casa, Sábio. Deve ser aquele que roubou a pedra”, insistiu Melame.

“Só vejo duas pessoas na casa. Uma velha, de vestido branco, e um homem baixinho, careca, de sobrancelhas grossas, lábios finos e nariz de batata”, respondeu Nokai, acrescentando: “E ele usa óculos”.

“Banerjee!”, exclamaram Melame e Pemba ao mesmo tempo, reconhecendo pela descrição o velho funcionário do ministério que deixara a ilha dois meses antes estranhamente apressado.

“Puluga seja louvado. Agora todos os nossos problemas acabarão”, declarou Nokai. “Assim que a pedra for devolvida, os espíritos serão favoráveis. Teremos mel e porcos e cigarras e tartarugas. Ninguém vai morrer e virar um eeka.”

Os três saíram da cabana e Melame contou a novidade para os outros membros do Conselho dos Anciãos, que

esperavam pacientemente desde de manhã.

“A única questão agora é quem vai partir nessa missão. Quem irá para a terra dos inene recuperar a pedra do mar?” Pemba lançou a pergunta.

Os anciãos se entreolharam e viraram a cara. Um profundo silêncio tomou conta da assembleia. O vento parou.

Até as crianças que corriam com seus arcos e flechas de brinquedo se detiveram e ficaram quietas, nervosas e confusas. O único som vinha das ondas distantes batendo nos recifes. O ar ficou pesado e escureceu de tensão.

De repente, uma garrafa vazia de cerveja Kingfisher foi jogada do céu e espatifou-se aos pés de Melame, quase acertando Tumi, que amamentava seu bebê. Todos olharam assustados, imaginando que nova punição os espíritos lá no céu estavam tramando contra eles. Decepcionados, olharam para cima e viram Eketi descansando na árvore de garjan. Ele acenou para eles.

“Seu malandro de uma figa. Desça já aqui”, vociferou Pemba. “Senão serei o primeiro pai a pedir que Nokai transforme o filho em cachorro.”

Com relutância, Eketi começou a descer do alto da árvore. Seus movimentos eram rápidos e ágeis, como os de um macaco. Ele pulou para o chão e caiu de pé na frente do pai, com um sorriso envergonhado no rosto. Era alto para os padrões da tribo — um bom metro e meio — e tinha o corpo musculoso. Usava uma bermuda vermelha toda rasgada e uma camiseta branca com o símbolo dos Dallas Cowboys. Uma garrafinha de plástico com tabaco de mascar ficava pendurada em seu pescoço.

“Nenhum de vocês respondeu à pergunta mais importante já feita à nossa tribo”, Melame disse aos velhos outra vez. “Quem se candidata a recuperar a pedra sagrada?”

A pergunta de novo encontrou uma parede de silêncio.

“O que aconteceu com o seu povo, chefe?” Nokai repreendeu Melame. “Não tem ninguém preparado para defender a honra da tribo?”

Melame permaneceu ali como um prisioneiro condenado, calado e impassível. Foi Eketi quem acabou com o impasse. “Eketi vai”, anunciou o próprio, calmamente.

Melame olhou para ele sem acreditar. “Você se acha capaz de lidar com essa tarefa? O dia inteiro fica vagabundeando na praia, bebendo cerveja e Coca-Cola, tentando arrancar dinheiro dos turistas.”

Nokai deu um passo à frente. “Puluga seja louvado. Eketi é mais esperto do que você pensa. Durante três estações eu ensinei a ele meus segredos. Mas ele não tem interesse em virar um torale. Quer conquistar o mundo.

Nokai diz para dar uma chance a ele.”

Melame virou-se para Pemba. “Você é o pai dele. O que diz?”

Pemba concordou com a cabeça prudentemente. “Concordo com Nokai. Se Eketi ficar aqui, os funcionários o transformarão em escravo. Ele vai acabar fazendo tarefas para os inene pelo resto da vida. Deixe que isso sirva de cerimônia de iniciação para ele.”

“Sim”, Nokai completou. “O tanagiru final, que rejuvenescerá toda a tribo. E quando ele voltar com a pedra sagrada nós lhe daremos uma recepção digna de um herói, como nossos ancestrais deram a Tomiti quando ele trouxe a pedra da ilha de Baratang.”

Melame se virou para Eketi. “Você sabe que esta será uma jornada perigosa, não é?”

“É um risco que Eketi está preparado para correr”, respondeu Eketi, parecendo muito amadurecido para a idade.

“É um risco que a tribo precisa estar preparada para enfrentar. Nosso futuro depende disso.”

“Não se preocupe, Nokai irá protegê-lo”, disse o curandeiro para confortá-lo. “Eu lhe darei raízes que têm a proteção dos espíritos, e comprimidos que podem curar qualquer ferimento.” Ele entrou na cabana e voltou com uma mandíbula enfeitada presa a um colar. “Quando se coloca essa mandíbula no pescoço, o próprio Puluga se torna guardião. Nenhum perigo chegará perto de você.”

Eketi ajoelhou-se diante do curandeiro e aceitou suas bênçãos. Então ele tirou a camiseta, arrancou a garrafa de tabaco do pescoço, e pôs o colar com a mandíbula que tinha um brilho fosforescente em contraste com sua pele cor de carvão.

Pemba injetou um toque de precaução. “E se a equipe do Welfare Office pegar meu filho?”, perguntou. “Vocês sabem do sumiço que eles deram em Kora

quando ele tentou pegar a lancha sem permissão. Aquele homem Ashok

é muito esperto. Ele sabe até falar nossa língua."

Eketi descartou essa possibilidade com um gesto. "E daí? Eu falo inglês melhor que ele. Os funcionários são bobos, pai. Só estão interessados em ganhar dinheiro. Não têm nenhum interesse em mim. Mas como eu irei à Índia? Eketi não pode voar como Nokai."

"Vamos fazer uma canoa para você", disse Melame. "O melhor barco que já fizemos. Você partirá quando vier a lua nova. Ninguém verá você. Em poucos dias tenho certeza de que conseguirá chegar à terra dos inene. Depois você só vai precisar encontrar aquele ovo podre do Banerjee e recuperar nossa pedra roubada."

"E como exatamente Eketi encontrará Banerjee?"

"Encontrando a casa de telhado verde."

"Você faz ideia de como a Índia é grande?", berrou Eketi. "É maior que o céu. Procurar uma casa de telhado verde será como procurar um grão de sal na areia. O que eu preciso é de uma coisa chamada endereço. Todo mundo na Índia tem um. É o que o senhor Murthy nos ensinou na escola. Agora, quem terá o endereço do Banerjee?"

"Oh, não tínhamos pensado nisso", disse Melame coçando a cabeça. A assembleia ficou muda.

"Puluga seja louvado. Acho que posso ajudar", uma voz soou. Uma sombra se destacou do grupo de árvores ao fundo e deu um passo adiante.

Os ilhéus se encolheram, chocados. Era Ashok, o funcionário mais jovem do Welfare Office. "Kujelli!", exclamou Pemba, que era a expressão onge para "Merda!", embora seu significado literal fosse "O porco mijou!".

"Venho em paz", declarou Ashok em onge fluente ao se aproximar do conselho. Com trinta e poucos anos, bem escanhoado, era um homem de estatura mediana, magro, com os cabelos negros e curtos. "Eu levo Eketi até a Índia", disse ele. "Eu sei o endereço de Banerjee em Kolkata. Vou ajudá-los a recuperar sua pedra sagrada. Vocês podem descrevê-la para mim?"

Ele tirou uma caneta da camisa cáqui e abriu seu pequeno diário preto.

5. O ladrão

Estarei morto em aproximadamente seis minutos.

Tomei uma garrafa inteira de raticida. O poderoso veneno está circulando em minha corrente sanguínea. Leva apenas três minutos para acabar com um rato; e o dobro de tempo para matar uma pessoa. Primeiro meu corpo ficará paralisado, depois lentamente irá ficando azul. Meus batimentos cardíacos se tornarão irregulares, até pararem por completo. Minha breve existência de vinte e um anos terá um fim abrupto.

Chegou a hora, diria minha mãe, de pensar em Deus. Para expiar meus pecados. Mas para quê? O Senhor Shiva não descerá do monte Kailash para me tirar dessa. Ele nunca ajuda os pobres. Ele é só dos ricos. É por isso que, apesar de morar no templo, eu não acredito em Deus.

Meu falecido amigo Lallan acharia que eu estou fingindo cometer suicídio para impressionar alguma garota.

Mas não é esse o drama. E não é nem suicídio. É assassinato.

O sr. Dinesh Pratap Bhusiya está na minha frente, apontando um revólver diretamente para o meu estômago.

Uma arma importada e cara. Foi ele quem ordenou que eu tomasse o veneno de rato. Disse para eu escolher entre a morte por bala ou veneno, escolhi este último. Pelo menos será indolor, embora o líquido marrom tivesse um gosto horrível; como engolir lama.

Há um brilho maníaco nos olhos do sr. D. P. Bhusiya enquanto observa minha morte. De todos os irmãos Bhusiya, ele é o mais perigoso. Outro dia eu vi como ele torturava seu cachorrinho, enfiando um pau no olho dele.

Na verdade, há um traço de loucura em todo o clã dos Bhusiya. O irmão mais velho, Ramesh, é um adúltero compulsivo, que tenta pegar todas as meninas do bairro, da varredora de calçada à lavadeira, enquanto a esposa gorda passa o tempo todo no salão de beleza. E o irmão caçula, Suresh, é um falsificador compulsivo, vendendo mercadorias fajutas para fregueses ingênuos. Tudo o que

ele vende em sua loja de mantimentos em Andheria Modh é falsificado. Ele mistura pedregulhos nas sementes, areia no arroz, coloca corante artificial nos temperos, pó de giz na farinha. Vende leite falso, açúcar falso, remédio falso, coca falsa, até garrafas de água falsa. Pensando bem, é difícil imaginar qual dos irmãos é o pior. Também porque todos parecem cópias de papel-carbono uns dos outros. Às vezes fico confuso sem saber com qual dos três estou falando. O pai deles, sr. Jai Pratap Bhusiya, também é a cara dos filhos, só que de um modelo mais antigo. É quase como se as mulheres da família Bhusiya tivessem uma fábrica onde criaram um molde que faz sucessivas gerações de Bhusiya iguaizinhos. Se alguém encontra uma pessoa da família na rua, pode dizer na mesma hora: “Lá vai um Bhusiya”, tão facilmente quanto identificar um búfalo preto em um rebanho de vacas.

Se ao menos as mulheres da família Bhusiya fossem feias como os homens eu não estaria nessa situação. A principal razão de eu ter vindo trabalhar nesta casa foi Pinky Bhusiya, única irmã dos três irmãos. A pele dela parecia feita de mel e seu corpo era uma BMW. Toda cheia de curvas atraentes por fora e um estofamento macio por dentro.

Um dia eu a vi do templo e estupidamente fiz uma aposta com Jaggu, o florista, de que teríamos um caso em menos de sessenta dias.

Trabalhar como empregado na casa era algo muito abaixo do meu nível universitário, mas foi o único jeito de conseguir acesso à casa dos Bhusiya. Por sorte, os Bhusiya estavam precisando de empregados. Na verdade, todas as famílias ricas da capital precisam de um. Bons empregados são tão difíceis de achar hoje em dia quanto peças sobressalentes de um Daewoo Matiz. O fato de eu morar dentro do templo bastou para convencer os Bhusiya de que

eu era honesto e temente a Deus, e eles me contrataram com um salário de três mil por mês.

Em retrospecto, foi o maior erro da minha vida. Um experimentado ex-ladrão de celulares, acostumado a lidar com Nokias e Samsungs, sempre passaria maus bocados com lavadoras Pril e sabão Rin.

E os Bhusiya não ajudavam muito. Eles pareciam fiéis respeitadores da lei, pessoas religiosas, que iam ao templo toda segunda-feira* e doavam altas quantias ao Senhor Shiva. Só depois de começar a trabalhar para eles é que

descobri que eram rematados escroques e trapaceiros. Rudes, sem modos e insensíveis, estavam sempre reclamando que eu era negligente ou sem compromisso.

Eu até podia ter suportado sua chatice, mas o que não suportaria era o autoritarismo das mulheres Bhusiya. Elas agiam como se fossem minhas donas. A mulher do sr. R. P. Bhusiya me mandava ir buscar um DVD na locadora e a mulher do sr. S. P. Bhusiya me mandava buscar roupas na lavanderia ao mesmo tempo. E, o pior de tudo, Pinky Bhusiya continuava imune aos meus encantos. Eu achava que uma garota como ela seria fácil de conquistar. Pela forma como se vestia, não dava para saber se era esperta demais ou careta demais. Nem muito antenada com o mundo e descolada, nem totalmente tímida. Representei vários tipos de herói para atrair a atenção de Pinky, do amante sensível ao empregado orgulhoso com um coração de ouro. Tentei impressioná-la com meu vasto conhecimento sobre celulares e minha profunda compreensão da política nacional, mas nada parecia funcionar. Ela me tratava como mero empregado, um dia nervosa, no outro, amável, mas nunca me vendo como um homem. Ela só ligava para suas amigas idiotas e seu aparelho de CD. Até os banheiros da casa eram construídos de forma a tornar impossível dar uma espiada. Depois de um mês percebi que era perda de tempo.

Eu teria pedido demissão, pagaria a Jaggu as mil rupias e voluntariamente admitiria a derrota, quando um novo desenvolvimento da situação me fez ficar. Asha, mais conhecida como sra. Dinesh Pratap Bhusiya, começou a se sentir atraída por mim. Numa tarde fatídica, quando entrei em seu quarto para entregar artigos de toalete, ela me agarrou pela camisa, fechou a porta e começou a me beijar o corpo todo. Assim começou o nosso caso.

A classe dos empregados domésticos é a mais desprezada do mundo. Não requerem a afeição ou a compaixão dos patrões. Querem apenas respeito. Não pelo que fazem, mas pelo que sabem. É só ficar com um grupo de empregados na fila do leite às seis da manhã, na frente da tenda da Mother Dairy, e você vai ouvir mais fofocas e informações de bastidores que no noticiário da televisão. Isso porque os empregados veem e ouvem tudo, embora finjam ser ignorantes feito gado. A própria vida deles é tão entediante que eles se estimulam bisbilhotando a vida dos patrões. Quando a família está assistindo novela, os empregados assistem os patrões. Captam pequenos gestos e nuances que escapam aos outros membros do clã. São os primeiros a saber que o patrão está prestes a falir, ou que a filha do patrão está precisando fazer um aborto. Sabem

os podres de tudo o que acontece com a família: quem está falando mal de quem, quem está tramando contra quem.

E cuidado com a vingança de um empregado. Há muitos casais idosos em Délhi cujas gargantas foram cortadas por suas cozinheiras de Bihar e guardas do Nepal. Por quê? Porque os empregados foram levados até o limite por seus patrões. Eu também me vinguei dos Bhusiya. O sr. S. P. Bhusiya, o falsificador, por exemplo, não faz ideia de que a galinha ao curry que andou comendo no jantar também está adulterada. Cuspi bastante nela antes de servir o prato. E o velho sr. Bhusiya, com seu paladar e olfato reduzidos, tomou feliz a sopa de legumes que eu temperei com cocô de passarinho, e até repetiu!

Mas meu ponto alto foi me meter a besta com o sr. D. P. Bhusiya. Ele se achava durão como um buldogue, mas sua mulher me contou que na cama ele não passava de um camundongo, imprestável como uma câmera sem filme.

Bole toh, completamente impotente. Meu caso com a mulher dele durou dois meses. A cereja do bolo foi quando ela começou a me pagar após cada "performance". Assim, enquanto o sr. D. P. Bhusiya estava em sua olaria em Ghitorni, eu estava em sua cama com Asha, faturando cem rupias por fora.

Acontece que eu estava em sua cama esta tarde quando ele resolveu fazer uma aparição fora de hora na casa. Foi exatamente como nos filmes. O marido volta para casa, abre a porta do quarto e escancara a boca ao ver a esposa com outro homem — pior, com o próprio empregado.

"Sua puta!", ele falou bem alto enquanto eu pulava da cama e corria para o banheiro da suíte onde deixara

minhas roupas. Ouvi um começo de briga e o som de Asha sendo estapeada. Dois minutos depois a porta do banheiro foi aberta com um chute e o sr. D. P. Bhusiya entrou com um revólver na mão e uma garrafa na outra.

"Agora vamos ver o que vai acontecer com você, desgraçado", murmurou ele, e ordenou com o revólver que eu saísse.

Ele me levou até a garagem no térreo, apertou-me num canto e me forçou a beber a garrafa de Ratkill 30. E é assim que eu estou aqui agora, contando os segundos que faltam para minha morte. Um assassinato que parecerá suicídio.

Observo a garagem espaçosa, o espaço vago marcado por manchas de graxa onde o Toyota Corolla prateado do sr. R. P. Bhusiya será estacionado hoje à noite, as pilhas de caixas de papelão no canto onde ficam os temperos e sementes que o sr. S. P. Bhusiya irá adulterar, a escada de aço, as garrafas pela metade de fluidos para refrigerar e óleo de motor na prateleira de madeira. Tento não pensar na minha mãe e em Champi.

O sr. D. P. Bhusiya agora olha para o relógio com uma expressão preocupada. Já se passaram vinte minutos desde que eu esvaziei a garrafa. A essa altura já deveria ter agido. Mas, em vez de uma paralisia aterrorizante, meu estômago está passando por uma efervescência borbulhante, como se sente depois de beber Coca-Cola. Alguma coisa está subindo pela minha garganta. Segundos depois, um jato de vômito se lança da minha boca e cai sobre a camisa branca do sr. D. P. Bhusiya.

Ele fica tão atordoado que o revólver cai de sua mão. É a brecha de que eu precisava. Chuto a arma para longe e dou o fora da garagem.

É impressionante o que o medo da morte pode fazer com o corpo humano. Corro feito um campeão olímpico, olhando sobre o ombro de quando em quando para ver se o sr. D. P. Bhusiya está atrás de mim.

Quando me aproximo do templo, surpreendo-me com minha sorte fora do comum. Eu havia encarado a Morte e a Morte me dera uma piscadela. Mas talvez eu esteja sendo um pouco dramático demais. Agora percebo que minha morte teria sido uma morte falsificada. Tão falsificada quanto o raticida que o sr. D. P. Bhusiya deve ter pego da loja do irmão!

Mas não há nada de falso no sorriso em meu rosto quando atravesso os portões do templo, vejo Champi sentada em seu lugar de costume no banco embaixo da gulmohar que fica no jardim dos fundos, e a esmago com o maior abraço de urso que já dei em toda a minha vida.

“Ah, o que foi? Você está parecendo que ganhou na loteria”, ela ri.

“É quase isso. Hoje decidi duas coisas, Champi.”

“O quê?”

“Uma é que nunca mais vou trabalhar como empregado doméstico.”

“E a outra?”

“Que eu vou retomar minha antiga profissão. Roubar telefones celulares. Mas não diga isso para a minha mãe.”

Houve um tempo em que eu gostava mesmo do meu nome. Era um sucesso com as garotas do pedaço, que achavam uma gracinha. E era um incremento considerável a Munna puro e simples, que na mesma hora lembra um menino humilde que serve chá ou um mecânico de carros que dá duro no batente. Munna Mobile tem certa aura, um toque de charme, sem dúvida. Isso numa época em que o celular era um artigo exclusivo da alta sociedade.

Agora qualquer lavador de pratos tem um. Que rapaz que se dê ao respeito se chamaria Munna Mobile hoje em dia?

Podem me chamar até de Vodafone ou de Ericsson.

Ganhei esse apelido há quatro anos, depois de passar a mão no meu primeiro celular. Surrupiei de uma senhora gorda que chegara ao templo num Opel Astra branco. Ela parecia muito apressada, pelo modo como saltou os degraus da entrada, como se ainda tivesse cinquenta coisas para fazer naquele mesmo dia. Acontece. A gente está muito atarefado. Só quer fazer uma visitinha rápida a Deus e na confusão se esquece dos detalhes, como travar o carro. E deixa um Sony Ericsson T100 novinho no banco do motorista.

Esse foi o primeiro celular que tive na vida. Antes disso eu costumava roubar os sapatos e chinelos dos fiéis que fossem burros o bastante para deixá-los no começo da escada em vez de entregar para a velhinha que cobra só cinquenta paise para guardar cada par.

Verdade seja dita, minhas façanhas como ladrão de chinelos não mereciam ser relatadas em cartas para a família.

O produto era muito fraco, embora eu tivesse conseguido uns Reeboks e Nikes praticamente novos. Se não fossem 43

e 44, bem que os teria guardado para mim em vez vender ao sapateiro por um décimo do preço.

Levei o celular da senhora gorda ao Delite Mobile Mart, a loja de celulares que

fica logo na saída do templo.

Madan, o dono, me deu duzentas rupias por ele, dez vezes o que eu recebia por um par de chinelos usados. O

primeiro celular me abriu todo um novo universo de cartões SIM e números PIN. Os sapatos Bata e as sandálias Action logo deram lugar a Nokias e Motorolas. Foi aí que montei uma parceria com meu melhor amigo, Lallan, ao me dar conta de que roubar celulares exigia muito mais coordenação e planejamento do que roubar sapatos. Nossos alvos favoritos eram carros estacionados em sinais fechados com as janelas abertas e celulares cintilando nos consoles.

Enquanto Lallan distraía a atenção do motorista, eu me esgueirava pelo outro lado, pegava o telefone do console e corria feito um louco pelos meandros de vielas e ruas paralelas que conhecíamos como a palma da mão.

Fiz um registro de todos os telefones que a gente roubou num período de três anos. O total chegou a noventa e nove. Foi bom enquanto durou. Deu-me o bastante para viver uma vida modesta, comprar algumas roupas decentes, sair com algumas garotas do pedaço. O divertido é que eu nem precisava inventar para elas uma história de que eu era propagandista de laboratório ou qualquer outra bobagem do gênero. Elas gostavam de me ouvir contar minhas proezas como ladrão de celular. E um telefone portátil é o tipo de presente muito desejado. Uma garota deixa você mexer nos seios por um Motorola C650. É capaz até de abrir as pernas por um Nokia N93.

Não que eu abuse desse tipo de coisa. As garotas daqui que trabalham como empregadas domésticas ou cuidam de crianças dão mole. Escuras e grosseiras, elas só servem mesmo para satisfazer uma necessidade física. O que eu realmente gosto é das gatas ricas, as memsahibs com sotaque britânico e calças jeans de cintura baixa. Eu aprecio seus corpos perfeitos e a pele boa. Fico de boca aberta com as curvas de suas cinturinhas e os ossos delicados de seus rostinhos com maquiagem. Respiro o perfume caro de seus corpos, analiso o movimento sedutor de seus quadris e fico louco. Mas sei que essas só em sonho. Para alguém como eu, elas são tão inatingíveis quanto Shabnam Saxena.

Ainda assim, eu estava com esperança de pelo menos pegar uma menina classe média, filha de um engenheiro que ia sempre ao templo, quando minha promissora carreira de ladrão de celular foi abruptamente interrompida por uma

tragédia.

Havíamos afanado um Samsung de um Mercedes parado perto de Qutub Minar. Eu dera um jeito de escapar com o celular sem chamar atenção, mas Lallan demorou um pouco. Foi perseguido pelo motorista, agarrado e levado à delegacia, onde foi pessoalmente interrogado pelo subinspetor Vijay Singh Yadav, conhecido na região como o Açougueiro de Mehrauli.

Lallan e eu crescemos juntos. Eu sempre morei no templo com a minha mãe; ele morava com a família na imensa favela de Sanjay Gandhi, que fica do lado. Jogávamos futebol e críquete na beira da estrada, frequentamos a mesma escola municipal, escola que Lallan abandonou na sexta série enquanto eu continuei direto até o ensino médio. Ele era meu parceiro em tudo, do roubo de sapatos no templo até mexer com as meninas do bairro. Eu o considerava meu melhor amigo, mas na verdade ele era mais que um irmão para mim. Qualquer outra pessoa teria contado a verdade diante do Açougueiro de Mehrauli, mas Lallan tinha o seu código de lealdade e recusou-se obstinadamente a confessar.

O que aconteceu em seguida na sala da delegacia é uma lembrança sombria que ainda me causa pesadelos.

Lallan foi despido, pendurado por uma corda, e depois chutado, recebeu golpes de vara e foi chicoteado durante três noites enquanto seu velho pai pedia, implorava, chorava e se arrastava na frente da delegacia. Mas Lallan continuou se recusando a me entregar.

No quarto dia ele sumiu. A polícia disse que o havia liberado. Nós o procuramos por toda parte, até no instituto médico-legal e em Saket, mas não encontramos nenhuma pista de seu paradeiro.

Encontramos seu corpo inchado e mutilado três dias depois, jogado numa cova rasa perto de Andheria Bagh. As moscas estavam zumbindo em cima das feridas de seu peito e os vermes saíam por seus olhos cheios de pus como se

ele fosse um vira-latas da favela.

A morte de Lallan foi um alerta para mim. Fez que eu entendesse a verdade crua de que mesmo minha própria vida não era um fato consumado. Então parei de roubar celulares e decidi fazer alguma coisa por mim. Mas o que você faz da vida depende de quem você é. Se eu tivesse uma família de renome e relações

políticas, meu diploma universitário me garantiria um bom emprego num escritório com ar-condicionado, ou pelo menos faria de mim um peão com um cargo público. Mas quando sua mãe é uma reles varredora que ganha mil e duzentas rupias por mês e você é um ex-ladrão, as opções de carreira são limitadas. Por um breve período trabalhei como contador numa quitanda, depois como supervisor de carga numa empresa de transportes, e por fim como empregado na casa dos Bhusiya. Fracassei nos três serviços. A vida fácil de ladrão de celular havia me deixado mal-acostumado. Não conseguia me ver contando cartões, respirando óleo diesel ou servindo chá. Então resolvi voltar ao único trabalho que sei fazer direito — roubar celular.

Roubar celular não é tão simples quanto pode parecer. Assim como o punguista bate a sua carteira embaixo do seu nariz, o ladrão de celular sai correndo com o seu telefone. Longe de ser uma operação brutal de agarrar e arrancar, está mais para um truque de desaparecimento, um golpe de mãos. Num instante você está com o celular na sua frente e no instante seguinte ele se foi. Como um passe de mágica.

É também uma arte que nunca se esquece. Um jogador de críquete pode estar fora de forma, mas não um ladrão. Acho que é só uma questão de tempo até que eu roube mais um celular e complete uma centena.

*

Hoje é 26 de janeiro, Dia da República. E estou escondido atrás de um posto de gasolina HP na Mehrauli-Badarpur Road e respirando com dificuldade. Acabo de roubar meu primeiro celular depois de um ano.

Tinha ido visitar um amigo que mora atrás do Star Multiplex e estava voltando a pé para o ponto de ônibus. Era tarde da noite e as luzes de neon das ruas estavam cobertas pela neblina luminosa do inverno. Enquanto esperava no sinal vermelho, esfregando as mãos para me aquecer, um Maruti Esteem vermelho parou na minha frente. O

motorista era um sujeito magro de cabelos encaracolados e queixo quadrado. O que me impressionou nele foi o modo como segurava o volante, como se fosse se soltar a qualquer momento. No auge do inverno ele suava feito um porco. O sujeito irradiava tensão como um aquecedor irradia calor. Havia um celular no painel e a janela estava fechada só até a metade. Daí em diante foi puro hábito.

Quando o sinal abriu, minha mão se enfiou lá dentro com a rapidez de uma bala. O motorista olhava para a frente sem piscar, os nós dos dedos ficando brancos. Ele engatou e o carro avançou, me deixando na rua com um celular muito estiloso na mão. Era um Nokia E61 novo em folha, tão novo que ainda não tinham removido o celofane do visor. Eu sabia que me daria um bom dinheiro no mercado negro.

Acho que uma mulher num Ford Ikon logo atrás do Esteem me viu roubando o telefone. Ela me encarou ao passar. Antes que ela avisasse alguém, sumi de cena, ziguezagueando pelas ruas por quase dois quilômetros até a segurança deste posto de gasolina.

Embaixo do toldo cinza, ofegante de cansaço, o celular roubado tocou. O identificador de chamada diz

“Número privado”.

Não sei muito bem o que estou fazendo. Mecanicamente aperto o botão verde e atendo.

“Alô? Brijesh? Vou passar o lugar da entrega. Está me ouvindo?”

É uma voz áspera, gutural. Um voz cheia de autoridade. Uma voz que não pode ser ignorada. Que espera uma resposta.

“Sim”, digo numa voz igualmente gutural. Uma resposta monossilábica que nada revela sobre a pessoa que responde.

“Vá até o beco perto da Escola Goenka na Ramoji Road. A maal foi deixada numa pasta preta dentro da lixeira da prefeitura. Vá buscar em meia hora. Certo?”

“Sim”, digo de novo.

“Ótimo. A gente se fala outra vez quando você pegar. Até.”

Maal. A palavra continua ecoando no meu cérebro como um despertador. Maal pode significar inúmeras coisas.

Literalmente, quer dizer “mercadoria”. Nos velhos filmes hindus, os gângsteres

costumam referir-se a contrabando de drogas e barras de ouro como maal descarregada dos navios na praia de Versova, em Mumbai. Uma bela garota também é maal, mas dificilmente caberia dentro de uma pasta. No caso, até mesmo mantimentos podem ser maal.

Só há uma coisa a fazer. Preciso descobrir o que é essa maal.

Pensei um pouco e tomei pé da situação. Ramoji Road fica a cinco minutos de carro do posto, vinte minutos a pé. Vou andando.

A Escola Goenka é uma das melhores escolas particulares de Mehrauli. De manhã, quando as crianças começam a ter aulas, e à tarde, quando saem, há um miniengarrafamento na região, por causa dos carros dos executivos cujos filhos estudam lá. No entanto, às oito da noite o local é completamente deserto. Apenas dois guardas ficam na frente dos portões imponentes, aquecendo as mãos numa fogueirinha. Passo pela escola e entro no beco. Está vazio. Acho a lixeira da prefeitura na hora. Fica discretamente nos fundos do beco, iluminada pelo clarão amarelado de um poste.

Há um cachorro dormindo ao lado. “Xô!”, digo ao cachorro, que ergue as orelhas e desaparece nas sombras. Abro a tampa da lixeira e vejo que está lotada de porcaria. Tateio com as mãos mas meus dedos só encontram sacolas plásticas, garrafas e latas. Então começo a esvaziar a lixeira, tirando as sacolas e as empilhando do lado. O fedor de comida podre me dá náuseas. Os cantos úmidos da lixeira contêm vários tipos de lixo, até mesmo algumas fraldas sujas e um rádio quebrado. E lá no fundo há uma pasta, enrolada num envelope de plástico. Preciso me inclinar para dentro até conseguir tirá-la. É uma pasta de executivo cara, da VIP, dura. Arranco o plástico e aperto as duas travas laterais. A pasta faz um clique e se abre e meus olhos são ofuscados pelos maços de notas de mil rupias que estão alinhados ali dentro. Parece até uma propaganda de loteria. Como pude esquecer que maal é principalmente dinheiro vivo?! Na mesma hora fecho a pasta. Não preciso contar os bolos de notas para saber que contém mais dinheiro do que já vi na vida.

Dou uma boa olhada ao redor. Nenhuma alma aparece nas vizinhanças. Coloco todas as sacolas de plástico de volta na lixeira. Quando estou quase saindo, o celular toca outra vez. Seu toque incessante quase me paralisa. Com os dedos trêmulos, desligo o aparelho e o enfio bem no fundo da lixeira. Então, com o coração saindo pela boca, pego a pasta e corro em direção à estrada principal.

* Dia da semana consagrado ao deus Shiva.

6. O político

“Alô. É do Centro de Meditação Espiritual de Mathura?”

“Sim.”

“Swami Haridas está? Bhaiyyaji gostaria de falar com ele.”

“Bhaiyyaji? Quem é Bhaiyyaji?”

“Você é novo aí? Não sabe que só existe um líder em Uttar Pradesh chamado Bhaiyyaji e que é o ministro Jagannath Rai?”

“Oh! Ministro, sahib? Mas Guruji está no meio do discurso. Não podemos interrompê-lo.”

“Diga a ele que é urgente. Ele sempre atende os telefonemas de Bhaiyyaji.”

“Certo. Por favor, aguarde na linha. Estou indo ao auditório.”

(Pausa.)

“Estou passando a ligação para Guruji. Por favor, ponha o sahib ministro na linha.”

Bipe. Bipe. Bipe.

“Namaskar Guruji. Aqui é Jagannath.”

“Jai Shambhu! Que emergência é essa, Jagannath, que fez você interromper o meu discurso?”

“Guruji, aconteceu algo muito desagradável. Preciso consultá-lo urgentemente.”

“É sobre o Vicky? O processo dele está chegando a um veredicto, não é?”

“Não, Guruji. Já dei um jeito no caso do Vicky. Estou mais preocupado com um processo contra mim mesmo.”

“Há tantos processos contra você. A qual deles está se referindo?”

“É uma antiga acusação de assassinato, lá de 2002.”

“Quem você matou?”

“Foi o Mohammad Mustaqeem, um sacana que ousou me ameaçar. A acusação era muito frágil, baseada apenas em provas circunstanciais. Agora, de uma hora para outra, uma nova testemunha, Pradeep Dubey, apareceu, dizendo que me viu atirar em Mustaqeem. Terei que falar no tribunal no dia 5 do mês que vem. Como você sabe, Guruji, o ministro-chefe já não vai com a minha cara.”

“De acordo com o seu horóscopo, tudo isso é resultado de Saturno na quinta casa. Esse período ruim vai durar mais quatro meses. Depois disso, todos os seus problemas acabarão.”

“Então o que eu devo fazer nesse período, Guruji?”

(Risos.) “Você sabe o que fazer. Afinal, toda a força policial está na sua mão. Mas comece usando azul safira. Isso equilibrará a influência maléfica de Saturno.”

“Quando eu falo com você, Guruji, fico em paz. Acredito de fato que meus problemas irão acabar.”

“É para isso que servem os gurus. Posso também incomodá-lo com um problema menor?”

“Diga-me, Guruji, e eu o atenderei pessoalmente.”

“Comprei uma terrinha em Kanpur, uns vinte acres. Agora fiquei sabendo que uns posseiros de uma favela ali perto construíram seus barracos dentro da terra. Vou sair em turnê mundial em breve. Se eles pudessem ser despejados antes de eu viajar seria...”

“Não precisa dizer mais nada, Guruji. Amanhã mesmo mandarei os tratores.”

“Ótimo. Lembranças ao Vicky. Espero que ele continue usando o anel de coral que eu mandei especialmente

para ele.”

“Claro, Guruji. Até o caso dele ser resolvido, ele não ousa desobedecer suas ordens.”

“Certo, Jagannath. Preciso ir agora. Richard Gere está aqui para me ver.”

“Quem é esse, Guruji? Algum fabricante de carros?”

(Risos.) “Não, ele é um ator americano. Até logo então. Jai Shambhu.”

“Jai Shambhu, Guruji.”

*

“Diga-me, senhor Tripurari Sharan, você é o meu assistente ou eu sou o seu assistente aqui?”

“Mas por que essa pergunta tão estranha, Bhaiyyaji? Fiz alguma coisa errada?”

“Mas é claro que fez. Desde as oito horas estou esperando pacientemente sua ligação para saber se você conseguiu falar com a testemunha, mas você não ligou. Então eu estou ligando.”

“Eu ia ligar de manhã, Bhaiyyaji. Não queria perturbar seu sono.”

“Então temos más notícias, não? O que aconteceu? Pradeep Dubey não estava?”

“Não, eu me encontrei com ele. Ele parece ser um rapaz idealista. Ofereci muito dinheiro para ele calar a boca, cheguei até dez lakhs. Mas ele recusou. Disse que iria mesmo testemunhar contra você. Meu palpite é que ele foi preparado pelo Lakhan Thakur.”

“Hummm... (longa pausa) Então Lakhan está no jogo outra vez. Ele não deu ouvidos ao meu aviso.”

“Por que deveria? Ele se acha o próximo Jagannath Rai. É duro de acreditar que há cinco anos ele não passava de um gângster barato. Desde que foi eleito para a Assembleia Legislativa de Uttar Pradesh, a estrela dele tem brilhado.

Dizem que é dono de metade das madeireiras de Saharanpur. Agora a ambição

dele é virar ministro como você.”

“Esse desgraçado nunca vai conseguir ser como eu já sou há tanto tempo. Vamos cuidar dele na hora certa. Mas primeiro me diga: o que devemos fazer com esse Dubey?”

“Bhaiyyaji, se Dubey abrir o bico, você está ferrado. Ele não pode testemunhar, custe o que custar.”

“Então vamos garantir que ele não vá testemunhar. Diga para o Mukhtar vir me ver.”

“Você não soube o que aconteceu com o Mukhtar? A polícia o prendeu ontem em Ghaziabad.”

“O quê? Como eles conseguiram prender o Mukhtar?”

“Acho que foi uma acusação de estupro. Você conhece o Mukhtar, Bhaiyyaji. Ele não consegue ficar com a braguilha fechada. Sempre atrás das menininhas.”

“Quem foi o policial que ousou prender o Mukhtar?”

“O inspetor-chefe em Ghazibad é novo. Um sujeitinho do Serviço Policial Indiano chamado Navneet Brar. É

um pouco certinho demais. Quer acabar com o crime no estado. Parece ser a missão da vida dele.”

“Na verdade é a missão dos astros. Estão alinhados de modo pouco auspicioso. É o que o Guruji me disse. Mas, enquanto eu tiver suas bênçãos, posso encarar qualquer acusação. Você falhou com a testemunha, Tripurari. Agora veja como me livro desse policial. Passe-me o celular dele agora mesmo.”

*

“Alô. Navneet Brar falando.”

“Navneet, aqui é o ministro Jagannath Rai.”

“Pois não, o que posso fazer pelo senhor?”

“Acredito que você tenha prendido um dos meus homens. O nome dele é Mukhtar Ansari.”

“Sim, senhor. Ele foi preso por ter estuprado uma menina menor de idade. É um crime inafiançável, senhor.

Artigo 376, em conjunção com o 366. Não podemos demonstrar nenhuma complacência.”

“Não estou pedindo para você mostrar complacência. Estou ordenando que o libere imediatamente.”

“O senhor não pode ordenar isso. O caso já está com o juiz. Agora Mukhtar só pode sair com a ordem do juiz.”

“Como ousa desafiar um ministro?”

“Lamento, senhor, mas tenho ordens de defender a lei.”

“Parece que você não se importa muito de perder seu emprego, não é?”

“Acho mais importante fazer as coisas direito, senhor.”

“Pois então faça. Obedeça a seu superior.”

“Sinto muito, senhor, mas não posso obedecer a uma ordem ilegal.”

“Quer dizer que você se recusa a me obedecer?”

“Recuso ser cúmplice de um crime.”

“Você é um funcionário jovem, Brar, e esquentado. Está cometendo o maior erro da sua carreira.”

“Estou preparado para encarar as consequências.”

(Desligam.)

*

“Jai Hind. Residência do diretor-geral da polícia. Guarda Ram Avtar falando.”

“O diretor está?”

“Sim. Quem gostaria?”

“O sahib ministro quer falar.”

“Já passa da meia-noite. O diretor está dormindo.”

“Pois vá acordá-lo, seu idiota, senão você e ele serão demitidos.”

“É que o sahib diretor deu ordem de não incomodar.”

“Estou vendo que você não conhece a fúria de Bhaiyyaji. Ram Avtar, se você não me passar o diretor em dez segundos, a partir de amanhã vai vender banana em Hazratganj, está me entendendo?”

“Sim, senhor. Perdão, senhor. Vou passar a ligação imediatamente para o quarto do sahib diretor, senhor.”

“Certo.”

Bipe. Bipe. Bipe.

“Quem é o desgraçado ligando a essa hora?”

“O ministro Jagannath Rai, senhor. Estou passando.”

Bipe. Bipe. Bipe.

“Alô. Maurya?”

“Boa noite, senhor. Boa noite. Por que o senhor se deu ao trabalho de me ligar a esta hora, senhor. Eu teria ido a sua casa amanhã.”

“Maurya, me diga há quanto tempo você é diretor-geral da polícia.”

“Há oito meses, senhor.”

“E quem pôs você nesse cargo?”

“O senhor.”

“Então por que está fazendo coisas para que eu me arrependa da minha decisão?”

“Como... o quê, senhor? O que houve?”

“A sua polícia prendeu Mukhtar Ansari em Ghaziabad. Acho que sabe muito bem que Mukhtar é o meu braço direito. Como foi deixar isso acontecer?”

“Estou sabendo disso agora, senhor. Deve ter sido uma operação local.”

“O seu inspetor-geral em Ghaziabad, um sujeito chamado Navneet Brar, é o responsável. Agora ouça minhas instruções. Quero Mukhtar solto amanhã cedo na primeira hora. E quero uma ação aberta dentro do departamento

contra esse Brar por ter insultado o ministro.”

“Hum... Posso dar uma sugestão, senhor? Por que o senhor não o transfere?”

“Certo. Então o transfira para... para Bahraich. Essa vida boa em Ghaziabad deve ter lhe subido à cabeça. Vamos deixá-lo esfriando um pouco na roça!”

“Senhor, suas instruções serão seguidas imediatamente.”

“Ótimo. Sabia que podia contar com você, Maurya.”

“Não me leve a mal, gostaria de lembrá-lo que prometeu falar com o alto-comando sobre a minha esposa Nirmala, ficaram de dar a ela uma credencial de parlamentar de Badaun.”

“Ah, sim, eu não me esqueci. Mas ainda faltam dois anos até as eleições estaduais.”

“Mesmo assim, senhor, os preparativos devem começar bem antes. Posso garantir que Nirmala será uma militante bastante fiel do partido. Na verdade, senhor, eu também sou, mas não posso dizer isso abertamente por ainda vestir o uniforme.”

“Eu sei, Maurya. Agora volte para a cama.”

“Boa noite, senhor.”

*

“Mukhtar?”

“Chefe? As-salaam alaykum. Agora vou atrás daquele puto do inspetor-chefe.”

“Você não vai fazer nada disso. Já arranjei a transferência do Brar para Bahraich.”

“Desgraçado! Ele tem sorte de continuar vivo.”

“Quem era a menina?”

“Ninguém que o senhor conheça, chefe. Só uma criança do bairro.”

“Quando você vai aprender, Mukhtar? Se todas as meninas que você estuprou tivessem dado à luz, metade da população de Uttar Pradesh seria de filhos ilegítimos seus.”

“Desculpe, chefe. Vou tomar mais cuidado da próxima vez.”

“Agora escute, Mukhtar.”

“Sim, chefe.”

“Há um sujeito chamado Pradeep Dubey que está ameaçando testemunhar contra mim no caso do assassinato do Mustaqeem. Ele precisa ser neutralizado. E, depois de cuidar do Dubey, você precisa cuidar do mentor dele, Lakhan Thakur.”

“Lakhan Thakur? O deputado de Saharanpur?”

“Sim. Por quê? É muita coisa para você?”

“Não, chefe. Nenhum serviço é demais para mim. É só que se livrar do Thakur pode ser mais complicado. Ele viaja com cinco guarda-costas.”

“Então livre-se deles também. Venha até minha casa amanhã e pegue o dinheiro do Tripurari.”

“Estarei lá. Khuda hafiz, chefe.”

“Khuda hafiz.”

*

“Alô.”

“Alô. Posso falar com Prem Kalra?”

“Sou eu, Prem Kalra falando.”

“Então ouça com atenção, seu filho da puta. Aqui é Jagannath Rai. E este é o meu último aviso. Se você publicar mais alguma coisa contra mim no Daily News, você e esse jornalzinho marrom de vocês vão virar fumaça.”

“Esse tipo de linguagem não combina com o nosso ministro.”

“Então você acha que abusar dos outros é privilégio dos jornalistas? Eu já aguentei as suas bobagens por muito tempo, mas agora chega.”

“Pelo menos me diga o que fez você estourar de raiva.”

“O seu último artigo, alegando que eu matei Pradeep Dubey. Se a polícia já confirmou que ele foi morto num acidente de carro, como pode fazer uma acusação tão sem fundamento como essa? Posso processá-lo por assassinato de reputação.”

“Mas essa acusação não foi feita por mim, Jagannathji. Lakhan Thakur falou isso na Assembleia. Eu só a reproduzi.”

“E fazendo isso você se tornou o porta-voz da oposição. Quanto Lakhan Thakur está pagando a você?”

“Eu não faço isso por dinheiro. É um serviço social que presto.”

“Ninguém presta um serviço maior à sociedade do que nós, os políticos. O mínimo que esperamos em troca é a admiração da mídia...”

“Eu não posso lhe prometer a minha admiração, Jagannathji, mas posso prometer moderação. Até logo.”

*

“Alô. É da residência do ministro? O sahib ministro-chefe quer falar.”

“Pode passar.”

“Não. Você pode passar. O ministro-chefe é mais importante.”

“Certo, certo, não precisa se irritar. Eu vou passá-lo para o Bhaiyyaji.”

(Música.)

“Alô?”

“Alô. Jagannath?”

“Namaskar, sahib ministro-chefe.”

“Estou sendo muito pressionado, Jagannath.”

“O que foi que aconteceu agora? O caso de assassinato contra mim já foi encerrado.”

“É o seu filho. O alto-comando está dizendo que talvez você devesse ser afastado devido ao envolvimento de Vicky no assassinato de Ruby Gill. Se o veredicto for contrário a ele, a imagem do nosso partido será muito abalada.”

“Por quê? A imagem do partido não foi abalada quando o alto-comando me nomeou ministro, apesar do fato de haver trinta e dois processos criminais contra mim. E em algum desses processos eu fui condenado? Não, na? Então por que você está fazendo tanto caso por causa do envolvimento do meu filho num assassinato, sendo que o julgamento ainda nem terminou?”

“Não é um caso comum, Jagannath. Esse caso se tornou o mais comentado do país. Todos os canais de televisão só falam disso.”

“Então agora seremos julgados pela mídia? Você também é advogado, sahib ministro-chefe. E a regra fundamental da lei é que o acusado é inocente até que se prove o contrário. Se os ministros tivessem que ser demitidos só por estarem sendo acusados, dois terços do seu gabinete ficariam vazios. De modo que eu sugiro que esperemos o veredicto contra o meu filho, e depois veremos.”

“Consegui convencer o alto-comando a não agir até as eleições locais. Mas aquele jornalista, Arun Advani, continua causando problemas. Você leu a última coluna dele? Ele diz que você está tentando subornar o juiz. Isso está criando uma publicidade muito desfavorável para nós.”

“Deixe que ele escreva o que quiser. O bom é que os nossos eleitores não sabem inglês. Eu estava dizendo justamente ao ministro da Educação que deveríamos banir o inglês das escolas estaduais. Deveríamos ensinar às

crianças apenas o híndi. Se tiramos o bambu, como a flauta vai tocar?

(Risos.)

“E também urdu. Não vamos nos esquecer do eleitorado muçulmano.”

“Sim, claro, sahib ministro-chefe. O urdu é igualmente importante. Para falar a verdade, ando desenferrujando o meu urdu. Iqbal Mian tem me apresentado a poesia de Ghalib. Quer ouvir algumas quadras?”

“Não, não. Preciso ir à inauguração de uma escola primária. Só não se esqueça, Jagannath, que consegui salvar a sua pele até agora, mas se Vicky for condenado nem mesmo eu poderei fazer nada por você.”

“Não se preocupe. Isso não vai acontecer.”

“Vejo você na reunião do gabinete amanhã então.”

“Sim. Vamos nos ver amanhã, sahib ministro-chefe.”

*

“Alô. Rukhsana?”

“Não vou falar com você, janaab. Enviei quinhentas mensagens de texto. Você não respondeu nenhuma.”

“Arrey, o que eu poderia fazer? Estive ocupado o dia todo naquele maldito Encontro do Conselho Estadual para o Desenvolvimento que o ministro-chefe tanto adora.”

“Como é possível um encontro durar um dia inteiro?”

“É possível, sim, basta ter uma sala cheia de burocratas idiotas, cada um numa enrolação que dura horas sobre estradas, pontes, escolas e orfanatos. Às vezes acho que foi um erro ter entrado na política. Quando tenho que viajar centenas de quilômetros todos os dias por aldeias esquecidas, quando preciso ouvir pacientemente aqueles matutos ignorantes querendo que eu concorde que a monção nunca falha, quando preciso assinar pilhas de documentos sobre assuntos que não me interessam nem um pouco, percebo que é o preço a ser pago por estar na política.”

“Mas por que não abandona tudo então?”

“Falar é fácil, fazer é que é difícil. A política é uma chatice, mas é como o governo. A gente reclama, mas não vive sem ele.”

“E quanto a mim? Você consegue viver sem mim?”

“Arrey, você é minha nasha, meu vício. Ouça essa quadra que escrevi para você: ‘Embora de amor a dor seja fatal,/

Não há saída deste cofre;/ Sem ter por que sofrer o mal,/ É sem amor que o peito sofre’.”

“Wah wah. Você se tornou um poeta e tanto. Parece que o meu amor fez de você um verdadeiro Majnu.

“De fato... ‘Amar fez de mim um vagabundo. Sem amor eu era servo deste mundo’.”

“Nem sei o que dizer, janaab, hoje a poesia urdu está fluindo da sua boca como balas de um revólver.”

“Não fale em armas, querida. Essa é a história da minha vida. Quando tento ser romântico, alguém fala em armas e quebra o clima.”

“Desculpe.”

“Deixe para lá. Conte-me como foi seu dia.”

“Foi bom. Fui ao salão de beleza. Fiz depilação completa. Até facial. Meu corpo está uma seda. Você vai ver quando me tocar.”

“Estou morrendo de vontade. Sumitra está indo para Farrukhabad na sexta-feira. Vou encontrar você no sábado e passar a noite aí.”

“Por que você não pede o divórcio? Ela só traz tristeza para você.”

“As crianças também não ajudam muito. Tenho um filho que tem uma queda para se meter em enrascadas desde garoto. E uma filha que não quer de jeito nenhum se casar. Com muito custo consegui fazer que ela noivasse um rapaz da nossa casta, um Thakur da família real de Pratapgarh, mas ela fica adiando o casamento. Seu passatempo favorito é conversar com os filhos e as filhas das faxineiras e lavadeiras que moram atrás de casa. Meu grande medo é que um dia resolva se juntar com um desocupado qualquer da esquina e jogue o nome da nossa família na lama.”

“Não se preocupe com uma coisa que pode nunca acontecer.”

“Guruji diz a mesma coisa. Você e o Guruji são as únicas pessoas que me entendem.”

“Mas você não me entende. Durante meses eu fiquei pedindo para você me levar numa viagem para fora do país, mas você nunca atendeu ao meu pedido.”

“Arrey, são tantos assuntos pendentes para eu resolver nesta maldita terra, como vou arranjar tempo para pensar em viajar para fora? Este é o seu problema. Você nunca está satisfeita com o que tem.”

(Soluços.)

“Jaaneman, eu o deixei nervoso? Olha, quero beijar você, vem.”

(Som de beijo.)

*

“Pai?”

“Sim, Vicky.”

“Está tudo certo?”

“Está. Mas eu pedi para prorrogarem o julgamento para 15 de fevereiro. Quando aquele período pouco favorável já terá passado, segundo o Guruji.”

“Então eu nem preciso me preocupar?”

“Enquanto eu estiver por perto, não. Mas você já pensou na tristeza que me causa? Até quando vou ficar livrando a sua pele?”

“Pai é para isso.”

“Você é um bom filho da puta, você sabe, não é, Vicky?”

“Bem, de um ponto de vista puramente técnico, filho da puta aqui é você, não é, pai?”

“Seu filho de uma...”

(Desligam.)

7. O americano

Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Melhor até do que o dia em que o Vince Young fez o touch-down de cinquenta e seis jardas para o Texas contra a USC nos últimos minutos e deu aos Longhorns sua maior vitória no Rose Bowl. *

Finalmente vou para a Índia. Terra dos marajás e do carneiro ao curry. País dos elefantes e dos cangurus. E da mulher mais bonita do mundo. Sapna Singh, que será minha esposa daqui a duas semanas.

Eu realmente adoro os casamentos indianos. Acabei de alugar outro dia aquele filme Um casamento à indiana.

Adoro o jeito como as indianas dançam, e aquela música exótica deles me deixa louco.

Minha mãe é uma entusiasta do casamento. Ela mesma já se casou quatro vezes. Mas não gostou tanto assim quando falei que ia me casar com uma indiana. “Elas são sujas, fedem e falam mal inglês!”, foi o seu veredicto, até eu mostrar

as fotos da Sapna. Desde então ela tem anunciado para a cidade toda que o filho vai se casar com a Miss Universo.

Minha mãe e eu somos unha e carne. Somos assim desde que meu pai foi embora, deixando minha mãe e eu tristes e sozinhos, e tão pobres que não tínhamos onde cair mortos. Depois que ele sumiu tivemos que vender o rancho e as vacas e mudamos para um trailer caindo aos pedaços, onde moramos por seis anos, até minha mãe se casar com aquele sujeito simpático da Previdência Social e nos mudarmos para a casa dele em Cedar Drive. Para falar a verdade, não penso muito no meu pai. Seria capaz de mudar de calçada se ele estivesse vindo. Mas não adianta ficar nervoso. Não no dia em que vou finalmente conhecer a Sapna.

A história de como conheci a mulher dos meus sonhos é incrível. Para mim, casamento é destino. E Deus é que escolhe quem vai casar com quem, e quando. Ele faz sujeitos que nem o meu colega de escola Randy Earl, que não tem problemas com as garotas. E faz outros como eu, que, bem, precisam esperar um pouco mais, por causa da timidez e tal e coisa. Acho que nasci assim. Não que eu seja pouco atraente ou feioso, como Johnny Scarface, meu chefe. A mãe dele devia amarrar uma costeleta de porco no pescoço dele para o cachorro não ter medo de brincar com a criança. Eu sou o tipo do sujeito comum. Senhor Médio. Tenho um metro e setenta, e a minha sobrinha de dez anos, a Sandy, diz que se o meu rosto fosse um pouco mais arredondado, o meu nariz um pouco menor, o meu cabelo um pouco mais escuro, e pesasse uns vinte quilos a menos, eu seria igualzinho ao Michael J. Fox! Mas não é para se preocupar, estou cuidando do peso e da altura. Estou usando um KIMI, o aparelho de aumento da altura do dr.

Kawata, cientificamente testado, que garante sete centímetros e meio em seis meses, e tenho tomado o Pó Chinês Milagroso de Emagrecimento, que comprei pela Home Shopping Network.

Seja como for, minha mãe estava ficando preocupada comigo, vinte e oito anos e solteiro, e estava começando a achar que talvez eu fosse gay, quando os caras da International PenPals resolveram o meu problema. Por apenas trinta e nove dólares (em quatro parcelas de 9,99), entrei no cadastro de nomes e eles me deram o endereço de sete belas garotas que gostariam de me conhecer. Isso é o que eu chamo de bom demais da conta. Quer dizer, imagine você dar atenção a sete mulheres ao mesmo tempo. Eram garotas de todas as partes do mundo, inclusive de lugares que eu nem sabia que existiam. Em ordem alfabética. Tinha

Alifa, do Afeganistão, Florese, do Timor, Jennifer, de Fiji, Laila, do Irã, Lolita, da Letônia, Raghad, de Kosovo, e Sapna, da Índia. Escrevi para todas, me apresentando e pedindo que respondessem. E elas responderam, todas. Mas tinha um problema. Três não falavam bem inglês. Quer dizer, é um pouco difícil levar uma conversa decente quando você recebe uma carta que diz: “Quirido Larry,

Braenbooking um alo voce também. Matrimuar fioggicku quero lioxi plean. Amerika bem lugar para mora. Ama voce”. Algumas me deixaram, bem, perplexo. As garotas do Afeganistão, Timor e do Irã só falavam dos problemas políticos dos seus países. E a de Fiji pediu o número do meu cartão de crédito na primeira carta. Ora, isso eu já achei uma ousadia. A da Letônia foi mais modesta: “Olá, Larry. Sou a Lolita”, ela escreveu. “Tenho dezesseis anos. Quero ficar sua amiga. Ligue para mim no 011-371-7521111”. Achei um pouco nova para mim, mas não se pode dizer se o poço é fundo sem descer a caçamba. Então liguei para a Lolita. Acho que ela sofria de asma, porque só ouvi uma respiração pesada do outro lado, por uns, digamos, cinco minutos e fiquei apavorado quando chegou a conta do telefone, 57,49 dólares. Então a minha amizade com a Lolita parou por aí. Acabou que só sobrou a garota da Índia, Sapna Singh. Ela me escreveu a carta mais linda, contando da sua luta contra a crueldade e a opressão. Ela era tão pobre que não tinha nem telefone. Fiquei com lágrimas nos olhos, me fez lembrar a batalha que foi para eu me tornar o melhor operador de guindaste de carga do Texas. Respondi, ela escreveu de volta. Depois de dois meses trocamos fotos. Até então para mim a melhor potranca do pasto era a Tina Gabaldon, Miss Hooters International 2003. Mas foi olhar para uma foto da Sapna para eu mudar de ideia.Me apaixonei. Ela era a garota mais bonita de todo o universo e fiquei nas nuvens.

Tomei coragem e propus casamento em junho deste ano. Inacreditável, ela aceitou na hora, o que me deixou feliz como um pinto no lixo. Comecei a estudar híndi. Ela começou a fazer brownies de chocolate, minha sobremesa favorita. Marcamos uma data para o casamento na Índia. Ela pediu cinco mil dólares para os preparativos. Eu estava numa pindaíba franciscana, mas pedi emprestado, apertei daqui e dali, economizei e mandei o dinheiro para ela. Faz três semanas que chegou o nosso convite de casamento. E agora eu estou indo para Nova Délhi para me casar com a mulher dos meus sonhos.

“Oi, gente! Como é que é?”, cumprimentei as duas bonitas aeromoças da United Airlines que me receberam no avião que me levaria para a Índia. Era um avião imenso, quase do tamanho do Starplex Cinema de Waco. Outra aeromoça altona

me levou até o meu assento, 116B. Era um dos melhores lugares do avião, bem no final, e numa posição estratégica perto da casinha.

Coloquei minha mala embaixo do meu pé e me acomodei. Hoje parecia mesmo meu dia de sorte. Fiquei no assento do meio, ao lado de uma loira sentada perto da janela e um sujeito com cara de indiano moreno com uma camiseta Hilfiger e um boné de beisebol dos Dodgers.

A loira estava lendo uma revista chamada Time. “Com licença, madame”, tirei meu chapéu e toquei com a aba em seu ombro. “Para onde você está indo?”

Ela se encolheu toda como se eu tivesse catapora e me olhou com uma cara que faria um porco-espinho parecer fofo. Virei-me para o rapaz à minha esquerda, que me pareceu mais amigável.

“Então, como vai a mãe e a família?”, perguntei a ele.

Ele me olhou parecendo um boi diante de uma porteira nova. “Perdão, o que você disse?”

Estava na cara que ele não era do Texas.

“Aap kehse hain?”, perguntei no meu melhor híndi.

“Estou bem”, ele respondeu em inglês.

“Kya aao bhi India jaa rahe hain?”

“Ei, cara, por que está falando comigo nessa língua? Eu não falo híndi.”

“Mas... mas você é indiano!”, eu disse.

“Lamento, cara. Sou americano”, disse ele, tirando um passaporte azul do bolso da frente. “Está vendo a águia careca na capa? Isso é americano, cara.”

“Oh!”, eu disse e me calei.

Antes que o avião decolasse, a aeromoça fez uns exercícios com as mãos e nos fez assistir a um vídeo de segurança. Fiquei memorizando as instruções que estavam no cartão enfiado no assento, mas ninguém mais parecia preocupado em

saber o que aconteceria se o avião caísse na água. E, antes que eu me desse conta, estávamos no ar.

A aeromoça voltou pouco depois, trazendo um carrinho de metal cheio de garrafas e latas.

“O que o senhor gostaria de beber?”, ela perguntou com delicadeza.

“Coca-Cola, por favor”, disse a ela.

“Lamento, senhor. Estamos sem Coca. Serve Pepsi?”

“Claro”, agradeci. “Para um texano todo refrigerante é Coca-Cola. Quanto é?”

“É de graça, senhor”, disse ela com um sorriso.

O indiano olhou para mim curioso. “É a primeira vez que você viaja de avião?”, ele perguntou.

“Pode apostar”, respondi e estendi a mão. “Nós nos falamos mas ainda não apertamos as mãos. Olá, meu nome é Larry Page.”

“Larry Page?”, ele pareceu impressionado. “Sabe que tem o mesmo nome do inventor do Google?”

“Sei, todo mundo me fala isso. Google é uma coisa que tem a ver com computador, não é?”

“Isso mesmo. É um buscador da internet.”

“Meu chefe, Johnny Scarface, está sempre no computador. Mas eu mesmo na internet sou como um porco tocando piano.”

“Não se preocupe”, ele disse e apertou minha mão. “Prazer em conhecê-lo. Meu nome é Lalatendu Bidyadhar Prasad Mohapatra. Biddy, para facilitar.”

“E o que você faz, Biddy? Você parece um aluno de faculdade.”

“Isso mesmo. Estou no segundo ano na Universidade de Illinois. Quero me especializar em microeletrônica e nanotecnologia. E você?”

“Eu sou o seu amigo operador de guindaste de carga no Walmart Supercenter de Round Rock, Texas. Fica na saída 251 da rodovia I-35. Quando você passar por ali, pare e mande me chamar. Eu vou adorar. Talvez consiga até um desconto de cinco por cento para você.”

Isso quebrou o gelo entre nós. Dez segundos depois estávamos conversando como velhos amigos numa reunião da escola. Biddy começou a me contar uma história sobre um projeto que ele estava fazendo com uma coisa chamada condutor super-resfriado. Quando dei por mim, estava contando a ele tudo sobre a minha viagem para a Índia e sobre a Sapna.

“Parece que sua noiva é uma indiana muito simpática”, disse ele.

“Você quer ver as fotos dela?”, perguntei.

“Claro, claro.”

Peguei minha mala e cuidadosamente tirei a pasta marrom cheia de fotos coloridas da Sapna usando diferentes vestidos. Observei o rosto de Biddy enquanto ele via as fotos. Os olhos dele saltaram para fora, como eu já esperava.

“Você disse que esta aqui é a Sapna Singh?”, ele perguntou depois de algum tempo.

“Sim.”

“E você já se encontrou com ela pessoalmente?”

“Não. Mas ela vai estar me esperando no aeroporto de Nova Délhi.”

“Você deu a ela cinco mil dólares para o casamento?”

“Dei. Foi necessário. Ele não é de uma família muito rica.”

“E você acha que vai se casar com ela?”

“Claro que vou. Daqui a duas semanas. Dia 15 de outubro. Todos os preparativos já foram feitos, tem até um cavalo branco! Estou dizendo, Biddy, você não imagina a sorte que eu tenho!”

Ele franziu os lábios. “Lamento dizer isso, cara, mas você foi enganado.”

“Como assim?”

“Essa garota das fotos que você mostrou não é Sapna Singh, nem poderia ser Sapna Singh.”

“Mas por quê?”, perguntei, perplexo. “Você a conhece?”

“Todo indiano conhece. Essas fotos são da famosa atriz Shabnam Saxena. Eu tenho até um pôster dela no meu quarto.”

“Não, não. Esta é a minha noiva. Essa tal de Shabnam deve ser parecida com a Sapna.”

Biddy fez a mesma cara que Johnny Scarface faz quando eu peço aumento.

“Deve... deve haver algum engano”, tentei novamente.

“Não é engano, não”, Biddy disse com firmeza. “Essas fotos são da Shabnam Saxena. Na verdade, tenho certeza de que uma delas é uma cena de Prostituta internacional, um grande sucesso com a Shabnam. Se você não se importar que eu use um de nossos provérbios indianos, Larry, é como nós dizemos: Nai na dekhunu langala. Você não deve se preparar para o banho sem ter visto o rio.”

De repente o avião pareceu despencar no chão. Fiquei tonto e agarrei com força o braço da poltrona.

Peguei de volta a pasta com as fotos da mão de Biddy. “Isso que você está dizendo é um monte de merda. É mais merda que um elefante com prisão de ventre!” Foi o que eu disse e não falei mais com ele o resto da viagem.

Por dentro, eu queria chorar.

* Final do campeonato universitário de futebol americano de 2006, vencida pelos Texan Longhorns.

MOTIVOS

Nunca julgue as ações de um homem sem conhecer seus motivos.

Anônimo

8. A possessão de Mohan Kumar

Mohan Kumar ressurge do auditório Siri Fort às onze da noite com o ombro doendo e explodindo de dor de cabeça. Caminha até o pátio e pisca atordoado ao olhar os arredores. O local da sessão com Gandhi parece uma trincheira de guerra. Mesas e cadeiras de madeira esfaceladas como lenha. O chão de roupas, sapatos, meias, bolsas e rolos de fios desencapados. Há um silêncio misterioso por ali. As câmeras de televisão e as hordas de manifestantes foram substituídas por cordões policiais e guardas mal-encarados, que o conduzem através dos altos portões de ferro que também foram arrancados dos batentes.

Ele caminha hesitante até o estacionamento, onde seu Honda Sonata prateado é o único carro particular, cercado por uma falange de jipes da polícia com luzes vermelhas e azuis.

Um homem esquálido, abatido, com um bigodinho fino corre até ele. “Sahib, você veio!”, ele grita com evidente alívio. “Disseram que houve um assassinato lá dentro. O senhor devia ter visto como as pessoas saíram correndo. Duas pessoas morreram pisoteadas. O senhor está bem, sahib?”

“Claro que estou bem, Brijlal”, responde seco Mohan Kumar. “Onde está madame Rita?”

“Eu a vi saindo com outra senhora num Mercedes preto.”

“Estranho.” Ele franze os lábios. “Ela deveria ter me esperado. De todo modo, vamos embora.”

O motorista abre apressadamente a porta de trás do lado esquerdo. Mohan Kumar está quase entrando quando repara em algo logo abaixo da maçaneta. “O que é isto, Brijlal?”, ele pergunta. “Como esse arranhão foi parar aqui?”

Brijlal inspeciona a porta com um olhar intrigado. “Um dos guardas deve ter riscado com o cassetete. Sinto muito, sahib. Eu saí do carro para ir procurá-lo. Por favor, me desculpe.” Ele baixa os olhos.

“Quantas vezes vou ter que aceitar suas desculpas, Brijlal?”, Mohan Kumar pergunta com aspereza. “Você está ficando cada vez mais negligente no trabalho.

Eu deveria descontar o conserto do seu salário — aí você iria aprender.”

Brijlal não diz nada. Ele está acostumado com o temperamento do sahib, famoso em todo Uttar Pradesh.

Ele já está com Mohan Kumar há vinte e sete anos e o trata com um misto de deferência e devoção que concede ao deus Hanuman. Em seu universo, Mohan Kumar é praticamente um deus, um patrão poderoso que possui a chave para sua felicidade e bem-estar. Foi o sahib, afinal, quem conseguiu para ele seu primeiro emprego na diretoria da Companhia Estatal de Eletricidade. Sahib depois o promoveu a funcionário permanente da Cooperativa de Cana-de-Açúcar. Foi o sahib quem o encorajou a aprender a dirigir, e graças a isso ele foi contratado como motorista do escritório do secretariado em Lucknow, posto pelo qual não só recebia um alto salário como também horas extras. Por vinte anos ele dirigiu o Ambassador branco, o carro oficial de Mohan Kumar. Quando Mohan se aposentou, há seis meses, Brijlal ainda tinha três anos de serviço pela frente, mas ele também decidiu se aposentar e continuar com Mohan Kumar como seu motorista particular, como um último ato de devoção ao seu sahib.

Com a aposentadoria prematura, Brijlal acredita ter agido com estratégia. Está convencido de que ainda há muita coisa que o sahib pode fazer por ele e sua família. E há um último favor, em particular, que ele precisa do sahib — um emprego público para seu filho Rupesh. Brijlal acredita piamente que o serviço público, com sua estabilidade de emprego, é a panaceia para todos os problemas dos pobres. Seu sonho é que Rupesh seja empregado

como motorista do governo de Délhi. Mohan Kumar prometeu que faria isso, assim que Rupesh tirasse sua carteira de motorista. Um emprego público para Rupesh e um bom noivo para sua filha, Ranno, de dezenove anos, é tudo o que Brijlal quer da vida, o suprassumo de todos os seus sonhos e desejos. Em busca de tais objetivos ele sofrerá feliz todos os insultos e abusos de seu sahib.

“Agora você vai ficar aí parado esticando as pernas feito um idiota ou vai me levar para casa?”, Mohan Kumar pergunta enquanto desliza para dentro do carro.

Brijlal fecha a porta e assume sua posição atrás do volante. Antes de dar a partida no carro, desliga o celular. Ele sabe como o sahib fica irritado quando o celular toca enquanto ele está dirigindo.

O auditório vira uma mancha no retrovisor conforme o carro avança. Mohan

Kumar está com o olhar fixo na janela. Uma lua fantasmagórica aparece suspensa à distância, lançando uma luz pálida sobre os topos dos edifícios. O

trânsito já amainou agora, e até o serviço de ônibus públicos está encerrando. Eles chegam em casa em exatos vinte minutos. Quando o carro adentra os portões de ferro fundido do número 54C da estrada Aurangzeb, o coração de Brijlal se enche de orgulho.

A residência de Mohan Kumar é uma imponente mansão neocolonial de dois andares, com fachada de mármore branco, um pórtico coberto de treliças e um magnífico gramado com belvedere. Tem ainda uma casa externa com três quartos de empregados, ocupados por Brijlal e sua família, Gopi, o cozinheiro, e Bishnu, o jardineiro. Mas o que deixa Brijlal mais empolgado é o aluguel, que na região se acredita ser de quatrocentas mil rupias por mês. Ele se arrepia só de pensar na quantia. Para ele, representa o píncaro das conquistas e compõe a base prática de seus conselhos a Rupesh. “Trabalhe duro, filho, e um dia você vai poder ser como o sahib. Aí você também vai poder ter uma casa que custa por mês o que seu pai leva oito anos para conseguir juntar.”

A esposa de Mohan Kumar, Shanti, está à espera no pórtico vestindo um sári de algodão vermelho. É uma mulher pequena, de meia-idade, com cabelos grisalhos que a fazem parecer mais velha do que realmente é. Seu rosto normalmente amável está vincado de rugas de preocupação. “Graças a Deus você voltou”, ela exclama assim que o carro estaciona. “Brijlal me deixou louca de preocupação quando telefonou dizendo que você estava dentro do teatro.”

Mohan lança um olhar raivoso para o motorista. “Quantas vezes eu já disse, Brijlal, para não divulgar minha agenda para o mundo todo saber? Por que tinha que ligar para a Shanti?”

“Sinto muito, sahib.” Brijlal baixa os olhos outra vez. “Eu estava preocupado mesmo. Achei que a Bibiji devia saber.”

“Faça isso de novo e eu arranco a sua pele.” Ele bate a porta do carro e vai a passos largos para a casa. Shanti corre atrás dele.

“Por que foi àquela sessão horrível?”, ela pergunta.

“Não é da sua conta”, retruca ele bruscamente.

“Isso só pode ser coisa daquela cachorra”, murmura Shanti. “Não sei como ela conseguiu enfeitiçar você.”

“Olha, Shanti”, ele ergue o indicador. “Já tivemos essa discussão muitas vezes. Você não vai conseguir nada com isso. Você pediu para Gopi levar gelo e soda para o meu quarto?”

“Sim”, ela suspira com a resignada aceitação de um casamento imperfeito. “Se você quer acabar com o seu fígado, o que se pode fazer? Vai, bebe quanto você quiser.”

“É o que eu vou fazer”, ele diz, e começa a subir as escadas até o primeiro andar.

Quase três semanas se passam. O incidente no auditório se torna uma lembrança longínqua para Mohan Kumar.

Ele mergulha em sua rotina de antes, indo às reuniões de diretores, analisando projetos, aconselhando clientes. Ele aceita a oferta de mais outra consultoria para uma corporação; começa a jogar golfe aos domingos no Golf Club de Délhi e passa duas tardes por semana na casa da amante. Quer acreditar que tudo está normal, mas não consegue se livrar de uma pulga atrás da orelha. É como uma imagem difusa tentando ganhar definição, uma lembrança que tenta abrir caminho para sua consciência. Ele se vira à noite, com dificuldade de pegar no sono. Um dia ele acorda no chão; no outro, dentro do banheiro, sem se lembrar de como foi parar ali. Detém-se no meio de uma frase

durante uma reunião, sentindo as palavras e as frases flutuarem na ponta da língua, mas elas permanecem ali, enlouquecedoramente inarticuladas. Na cama com Rita, de repente é como se fosse um velho e imenso animal e perde todo o desejo. Ele sabe que algo está errado, mas não consegue dizer o quê.

Ele vai ao médico fazer um check-up, mas o dr. Soni, o médico da família, não consegue diagnosticar nada de errado. “Todos os seus sinais vitais estão bons, Mohan. A tomografia está perfeitamente normal. Acho que é só o estresse pós-traumático.”

“O que é isso?”

“Quando alguém passa por algum trauma, como presenciar um assassinato, o cérebro tenta lidar com o estresse psicológico. Isso pode levar a sintomas como

pesadelos, flashbacks e insônia. Vou receitar um remédio para dormir.

Em uma semana você estará bom."

Quatro dias depois, enquanto Mohan tomava o café da manhã, Brijlal entra na cozinha onde Shanti está batendo iogurte. Ele toca os pés dela. "Bibiji, preciso da sua bênção. Um rapaz veio ver minha filha ontem."

"Oh, quer dizer que a Ranno vai se casar?", Shanti pergunta, agradavelmente surpresa.

"Sim, Bibiji. O rapaz também é de Délhi, pertence à nossa casta e, o mais importante, é um funcionário do governo de quarta classe, trabalha no Departamento de Ferrovias. O pai também é funcionário. Só espero que não peçam um grande dote. Eu já fiz minha melhor oferta. Vejamos se eles vão aceitar."

"Tenho certeza de que vai correr tudo bem", diz Shanti. Dando uma rápida olhadela para ver se Mohan ainda está sentado à mesa de jantar, ela sussurra para Brijlal: "Hoje o seu sahib vai encontrar aquela bruxa da Rita, não é?".

"Sim, Bibiji", responde Brijlal com um sorriso tenso, sentindo-se culpado.

"Fique de olho no sahib para ele comer e beber direito. Estou preocupada com a saúde dele. Ele tem andado estranho."

"Sim, Bibiji", concorda Brijlal. "Até eu estou achando o comportamento dele estranho às vezes."

"Se ele não tivesse conhecido essa Rita", diz Shanti com amargura. "Às vezes tenho vontade de ir até a casa dela e perguntar por que ela quer tanto destruir a minha família."

"Não se rebaixe indo falar com ela, Bibiji", aconselha Brijlal. "No reino de Deus, a justiça tarda, mas não falha. A senhora vai ver, ela vai acabar sendo punida."

"Espero que você esteja certo, Brijlal." Shanti olha rapidamente para o teto e continua a bater o iogurte.

O escritório de Mohan fica num edifício cinzento e deprimente em Bhikaji Cama Place, um emaranhado caótico de escritórios e lojas. Encontrar uma vaga é uma dor de cabeça diária para Brijlal. Hoje ele teve de estacionar num beco estreito atrás do Serviço de Passaportes. Depois de trancar o carro, ele espera por ali, conversando com outros motoristas, jogando um partida de rummy, criticando o aumento dos preços e a decadência dos costumes. Na hora do almoço, recebe uma ligação no celular. É o pai do rapaz, dizendo que aprova Ranno, e pedindo mais vinte e cinco mil rupias de dote. “Aceito”, diz Brijlal, e corre até o templo mais próximo.

Mohan sai do escritório pontualmente às três horas para o encontro da tarde com a amante. Assim que ele entra no carro, Brijlal lhe oferece uma caixa de doces.

“Para que isso, Brijlal?”, ele sorri.

“Como resultado da sua bênção, sahib, arranjei um excelente noivo para minha filha Ranno.”

“Que bom. Shanti me disse que você estava procurando um rapaz.”

“Ele é funcionário do governo, sahib. Mas só tem um problema.”

“Sim?”, Mohan devolveu cauteloso.

“Eles querem mais trinta mil de dote. Eu estava pensando, sahib, se o senhor poderia me emprestar esse dinheiro.”

Ele balança a cabeça. “Brijlal, eu já lhe dei quinze mil de adiantamento. Não tenho como dispor de mais dinheiro.”

“Deus lhe deu tanto, sahib. Só estou pedindo um pouquinho.”

“Se eu lhe der mais dinheiro, o prejudicado vai ser você. Por que vocês gostam de gastar tanto em casamentos, afinal? Não têm nada para comer em casa, mas querem dar uma de rico quando se trata de casar a filha. Agora não me amole. Preciso ler este relatório.” Ele abre a pasta e tira uma encadernação de papel pardo. O rosto de Brijlal mostra desapontamento.

Próximo a Vasant Vihar, o carro para bruscamente por causa de uma pequena procissão de casamento que atravessa a rua. Um conjuntinho popular puxa a fila,

trompetes desafinados e estridentes tocam uma música de filme indiano. Os vinte convidados mal-ajambrados estão vestidos com roupas sem graça, com esquisitos mocassins esportivos. Um noivo anêmico com um sherwani berrante está escarranchado sobre um igualmente anêmico cavalo.

Brijlal observa o cortejo com o desprezo peculiar que os pobres têm pelos mais pobres. O casamento de sua própria filha seria um acontecimento mais luxuoso, ele imagina. De algum modo ele dará um jeito de conseguir os vinte e cinco mil e fará o sahib reservar o Clube dos Oficiais na estrada Curzon para a festa do casamento. Haverá um conjunto de metais uniformizado e um cantor. Uma fileira de pajens com lampiões iluminará a noite. Ele já pode ver o cortejo do noivo atravessando os portões sagrados do Clube dos Oficiais. O salão brilhando como um palácio. O

som melodioso da shehnai a ecoar dentro da noite. Lá dentro, o elegante pavilhão repleto de jasmins, com seu perfume adocicado, e de cravos-da-índia. Os convidados entram no local e olham maravilhados para todo aquele refinamento e luxo. O pai do noivo balança a cabeça. “Para onde você nos trouxe, Brijlal? É o endereço certo?”

“Sim”, ele diz. “É aqui mesmo. É aqui que a minha Ranno se casará com o seu filho. Graças à bênção do meu sahib.” Ele aponta para Mohan Kumar, parecendo um nobre num sherwani creme e turbante cor-de-rosa. Como que ensaiado, o conjunto começa a tocar uma música, mas por algum motivo o sahib está gritando com ele: “Olha aonde está indo, seu idiota... Paaaaaaare!”, e ele vê o trompete quase colado em seu rosto, estourando seu tímpano e o fazendo desmaiar.

Quando ele desperta de seu sonho, já é tarde demais. Sua cabeça está apoiada na direção e o carro bateu num poste que agora está inclinado num ângulo inacreditável. Há uma pequena rachadura que parece uma teia de aranha no canto esquerdo do para-brisa. Seus dedos tocam algo grudento na direção. Ele ergue o rosto, olha no retrovisor e descobre o sangue saindo do canto da boca. Ele cortou o lábio. Sacode a cabeça com vigor, como para clarear as ideias, e sai do carro para verificar o estrago. A frente do Hyundai foi o que mais sofreu na batida. Há um afundado no para-choque onde o metal foi amassado. Ele suspeita que o radiador também possa ter sido atingido.

Brijlal começa a tremer. Em vinte anos atrás de um volante, esta é a primeira vez

que ele comete um erro desses.

Agora está arruinado. O sahib vai arrancar sua pele. É o fim de sua carreira de motorista, o fim de seu sonho de casar sua Ranno, o fim do emprego público para Rupesh.

Então ele repara em Mohan Kumar no banco traseiro, olhos fechados, parecendo imóvel, quase morto. O

primeiro instinto de Brijlal é sair correndo, pegar a esposa, Rupesh e Ranno e ir direto à estação de trem. Ele vai tomar o expresso de Lucknow até sua aldeia natal, esconder-se por algumas semanas até o assunto esfriar. Depois vai se estabelecer numa cidadezinha, arranjar outro emprego, procurar outro noivo.

Nessa altura, toda a comitiva do casamento está ao redor do carro. O trompetista toca seu braço: “O que houve?”.

O noivo desmonta de seu cavalo e começa a inspecionar o veículo. Um guarda muito suado, dispersando a multidão com seu cassetete, grita: “Circulando! Circulando!”.

Brijlal avança lentamente até a extremidade do círculo de curiosos, mas não consegue tirar os olhos de Mohan Kumar. Ele vê que o noivo abre a porta de trás e borrifa algumas gotas de uma garrafa de água mineral sobre o rosto de Mohan. O sahib se ergue e faz uma careta de dor.

“Onde estou?”, pergunta Mohan numa voz fraca.

“Você está dentro do seu carro, perto da delegacia de polícia de Vasant Vihar”, informa o guarda. “Seu carro sofreu um acidente. Quer que eu chame uma ambulância?”

“Acidente?”, Mohan pergunta. Ele fica de pé ainda zonzo e sai do carro. É demais para Brijlal. Ele atravessa a aglomeração e se ajoelha aos pés de Mohan. “Sinto muito, sahib. Por favor, me perdoe, causei um prejuízo terrível.”

Ele soluça como um garotinho.

Mohan levanta o motorista pelo ombro. Brijlal fecha os olhos com força, esperando um tapa com as costas da

mão, mas vê que Mohan enxuga com delicadeza suas lágrimas com o dedo. “E quem é você?”

“Sou eu, Brijlal, seu motorista.”

“Esse sujeito perdeu a memória?”, o guarda pergunta ao noivo.

“Não. Minha memória está perfeitamente intacta”, responde Mohan. Ele olha com seriedade para o guarda.

“Você não é aquele que me bateu com o cassetete?”

“Bateu em você? Você está louco? É a primeira vez que o vejo.”

“O uso da força bruta não é correto. Sobretudo por parte de um defensor da lei.”

“O seu sahib ficou totalmente maluco?”, pergunta o guarda olhando para Brijlal.

“A culpa é minha”, lamenta Brijlal.

“A culpa não é sua, Brijlal”, diz Mohan. “Existe um propósito divino por trás de toda calamidade física. Você poderia agora verificar se o carro ainda está funcionando ou se devemos procurar um táxi?”

Brijlal não sabe se ri ou se chora. “Sim, é claro, sahib”, diz ele entre soluços e senta-se no banco do motorista.

Com a mão trêmula, insere a chave na ignição e se surpreende com o ronco suave do motor. Ele dá ré, freia e sai do carro. “Está funcionando, sahib”, avisa. Os curiosos começam a ir embora, pois o interesse no carro se limitava ao prejuízo sofrido.

Brijlal segura a porta de trás aberta, e Mohan entra. “Você pode fazer a gentileza de me dizer aonde estávamos indo?”

“Para a casa da memsahib Rita.”

“E quem é ela?”

“Você vai se lembrar de tudo, sahib, assim que encontrá-la.”

Mohan Kumar desce em frente à casa de Rita parecendo totalmente perdido. Brijlal o orienta para o apartamento do primeiro andar, toca a campainha, e então, sentindo-se estranho, volta ao carro.

Rita abre a porta, vestindo uma camisola cor-de-rosa, e Mohan é dominado pela forte fragrância do perfume dela. “Você está atrasado, querido”, ela diz lentamente e tenta beijá-lo na boca.

Mohan Kumar recua como se fosse uma picada de abelha. “Não... não. Não me toque, por favor.”

“O que há de errado com você?” Rita ergue as sobrancelhas.

“E quem seria você?”

“Rarrarrá”, ela ri. “Agora você vai fingir que nem me conhece?”

“Eu realmente não a conheço. Meu motorista me trouxe aqui.”

“Sei”, diz Rita com exagerada educação. “Bem, senhor Kumar, meu nome é Rita Sethi. Acontece que eu sou sua amante e você vem a minha casa duas vezes por semana para fazer sexo comigo.”

“Sexo com uma mulher?! Oh, meu Deus!”

“Isso está ficando cansativo, Mohan. Vamos, corta essa.”

“Veja bem... veja bem, senhorita Sethi, eu fiz voto de brahmacharya, que exige celibato completo. Não posso fazer sexo com nenhuma mulher.”

“Você entrou para alguma companhia de teatro?”, pergunta Rita desconfiada. “Por que está fazendo papel de Mahatma Gandhi?”

“Mas eu sou Gandhi.”

“Gandhi?”, Rita desata a rir. “Eu bem que gostaria de ser conhecida como amante do Gandhi.”

“Bem, então eu deveria ter mencionado isso há muito tempo, mas o fato é que existem sete pecados sociais, Ritaji”, diz ele corando levemente. “Política sem

Princípios, Riqueza sem Trabalho, Conhecimento sem Caráter, Comércio sem Moralidade, Ciência sem Humanidade, Idolatria sem Sacrifício e Prazer sem Consciência.” Ele faz a contagem nos dedos. “Este último se aplica à relação de um homem com sua amante. Espero que entenda a importância do que estou dizendo.”

“Sim, eu entendi muito bem. Quer dizer que é sexo sem amor. Você simplesmente me usou esse tempo todo, sem me amar de verdade. Agora você se cansou de mim e quer me deixar, por isso está fazendo todo esse drama.”

Rita diz com amargura. “Está bem. Pode ir embora. Você sempre foi um desgraçado egoísta, que só se preocupa com você mesmo. Não sei por que desperdicei meu tempo com um babaca como você. Fora daqui.” Ela aponta a porta aberta.

“Antes de ir embora, posso lhe dar outro conselho?”, diz ele. “Posso pedir que você mantenha a castidade? A castidade é uma das grandes disciplinas, sem a qual a mente não consegue atingir a firmeza necessária.”

Rita fica boquiaberta, seu rosto se torna soturno. “Seu porco”, ela diz e desfere um tapa ardido na bochecha esquerda dele.

Mohan Kumar cambaleia para trás, o ombro esbarra no batente da porta. “Isso foi totalmente desnecessário”, ele murmura, passando a mão no rosto. “Contudo, se isso lhe apraz, você pode exercitar seus instintos violentos na minha outra face também”, ele diz, virando de lado.

Rita o empurra porta afora e depois escada abaixo. “Feliz libertação, senhor Mohan Kumar”, ela berra antes de bater a porta.

“Por favor, minha cara. Meu nome é Mohandas Karamchand Gandhi”, ela o escuta dizer enquanto desce os degraus.

“O que houve, sahib?”, Brijlal pergunta. “Você voltou cedo hoje.”

“Nós não voltaremos nunca mais aqui, Brijlal”, ele responde.

“Bibiji ficará muito contente.”

“Quem é Bibiji?”

“A sua esposa.”

“Esposa? Eu tenho esposa?”

Mohan Kumar vagueia por sua casa feito um desmemoriado que tenta montar o quebra-cabeça de seu passado.

A primeira pessoa que encontra é Shanti, brilhando com a exuberante alegria de uma noiva recém-casada. “Brijlal me contou que você se livrou daquela bruxa da Rita. É verdade?”

“É, sim. Não volto mais para a senhorita Rita Sethi.”

“Então espere um minutinho”, diz Shanti, e desaparece no quartinho ao lado da cozinha que havia sido transformado em templo. Ela volta com uma bandeja de metal na mão. “Deixe-me fazer uma pequena oração.”

Com a ponta de seu dedo médio, ela risca a testa dele com uma pasta vermelha.

Mohan parece não entender. “Para que isto?”

Ela cora. “Para recomeçar o nosso casamento a partir de hoje.”

Ele se encolhe todo. “Deixe-me dizer, Shanti, que eu fiz voto de completo celibato. Portanto, não espere de mim o que se espera de um homem casado.”

“Você pode dormir no seu quarto”, ela diz sem se abalar. “Só o fato de a sombra daquela bruxa ter sumido desta casa já é uma bênção para mim. No tribunal de Deus, afinal, existe a justiça.”

Ele levanta o dedo como um professor. “Agora dedicarei minha vida a lutar contra a injustiça. A verdade será a minha bigorna e a não violência será o meu martelo.”

“Arrey, o que há com você? Você está falando como o Gandhiji.”

“Então você não se incomoda de eu a chamar de Ba?”

“Você pode me chamar como quiser. Desde que não procure mais aquela bruxa.”

Mohan Kumar inicia uma rigorosa nova rotina, prostrando-se no templo todas as

manhãs com Shanti, orando e entoando bhajans. Abandonou os ternos e camisas em troca de simples kurtas de algodão e criou apreço pelos topi que Gandhi usava na cabeça. Parou de tingir o cabelo, passou a comer apenas comida vegetariana, tornou-se totalmente abstêmio, substituiu o açúcar pela rapadura de palmeira e insiste em beber um litro de leite de cabra todos os dias.

Depois de abandonar o celular, ele parou de vez de ir ao escritório e passa o tempo todo lendo o Gita e outros

livros religiosos, e escrevendo cartas aos jornais sobre assuntos como corrupção e imoralidade, mas que nunca são publicadas, pois ele assina “Mohandas Karamchand Gandhi”. Seu passatempo favorito, no entanto, é colecionar informações sobre o assassinato de Ruby Gill, que ele cola cuidadosamente em um livro de recortes.

“Por que esse súbito interesse em Ruby Gill?”, Shanti lhe pergunta.

“Ela era minha maior discípula”, ele responde. “Estava fazendo um doutorado sobre meus ensinamentos antes que sua vida fosse tragicamente interrompida.”

“O bairro inteiro está falando sobre a transformação do sahib”, Brijlal confessa a Gopi. “Alguns dizem que ele ficou louco. Ele começou a achar que é Mahatma Gandhi. Por que a Bibiji não o leva a um psiquiatra?”

“Todos os ricos são um pouco loucos, Brijlal. Além disso, a Bibiji prefere ele assim”, a cozinheira responde.

“Mas a loucura é uma doença séria, Gopi. Hoje ele se diz Mahatma Gandhi, amanhã pode ser o próprio imperador Akbar.”

“Arrey, que diferença faz como ele diz que se chama, Brijlal?”, diz Gopi. “Pelo menos ele está fazendo coisas que a gente considera certas. Melhor ainda, ele parou de nos amolar.”

“É, isso é verdade. Mas o que devemos fazer então?”

“Finja que é o motorista do Gandhiji, assim como a Bibiji finge que é a mulher do Gandhiji.”

*

Estamos no Diwali, o Festival das Luzes. A casa de Mohan Kumar está toda iluminada com fios de pequenas lâmpadas piscantes. O céu noturno é um tumulto de cores brilhantes como o rosa e flores verdes que explodem. A cada segundo um foguete sobe chispando pela atmosfera. O espoucar de fogos reverbera no ar como trovões.

O jardim foi tomado por um exército de crianças que batem palmas e gritam de alegria.

Bunty, de sete anos, filho do varredor do bairro, está ocupado acendendo seu foguete com o amigo de oito anos, Ajju, filho do sapateiro. O foguete está dentro de uma garrafa vazia de Coca-Cola.

“Ei, Ajju, vamos ver o que acontece se a gente segurar a garrafa de lado em vez de para cima”, sugere Bunty.

“Arrey, o foguete vai para o lado em vez de subir”, diz Ajju.

“Então vamos tentar mandá-lo de lado, lá para o portão. Eu viro a garrafa e você acende.”

“O.k.”

Bunty segura a garrafa na mão, apontando para a entrada, enquanto Ajju risca o fósforo e acende o pavio. Com algumas faíscas, o foguete dispara em direção ao portão, deixando uma nuvem de fumaça dentro da garrafa. No meio do caminho, no entanto, inverte a trajetória e desvia para a casa. Bunty e Ajju observam horrorizados o foguete entrando direto por uma janela aberta no primeiro andar.

“Oh, meu Deus, Bunty, o que você fez?”, pergunta Ajju, cobrindo a boca com a palma da mão.

“Psiu!”, sussurra Bunty. “Não conte para ninguém. Vamos pegar alguns fogos e fugir antes que alguém nos pegue.”

Pouco depois, Shanti desce até o jardim com Gopi logo atrás, levando uma bandeja de lanternas de barro e uma caixa e doces. Ela pega uma diya da bandeja e a coloca no centro do padrão decorativo que desenhou especialmente no piso de cimento do mirante.

Uma bomba explode com um barulho ensurdecedor na ala oeste do jardim. A cozinheira olha com desgosto para a multidão de crianças dançando alegres no gramado. “Olhe esses idiotas, Bibiji”, diz ele a Shanti. “Não estão queimando fogos, estão queimando dinheiro. O nosso dinheiro. Cada estouro desses são cem rupias que viram fumaça.”

Shanti esfrega os olhos, irritados pela fumaça tóxica dos fogos, e tosse um pouco. “Eu prefiro chuva de prata, Gopi. Esses barulhentos não são para velhas como eu.”

“Não sei por que o sahib deixa essas crianças da rua entrarem na nossa casa e dá a elas esses fogos de quinhentas rupias. Veja como elas estão destruindo o nosso jardim. Amanhã vou ter que limpar tudo”, resmunga.

“Arrey, Gopi, tenha dó”, diz Shanti. “Essas crianças pobres provavelmente nunca soltaram tantos fogos na vida.

Estou feliz que Mohan as tenha convidado para celebrar o Diwali aqui. É a primeira coisa boa que o seu sahib faz em trinta anos.”

“Sim, é verdade”, concorda Gopi. “Ano passado em Lucknow, o sahib passou o Diwali inteiro jogando. Hoje ele foi ao templo e ficou idolatrando Lakshmi com você, e fez jejum pela primeira vez na vida. É difícil acreditar que é o mesmo homem.”

“Espero que ele continue assim”, diz Shanti enquanto começa a distribuir os doces para as crianças. “Venham, venham, peguem esta prachada”, ela anuncia.

Brijlal e seu filho Rupesh também estão no jardim. “Novidades do casamento da Ranno?”, Shanti pergunta ao motorista.

“Com a sua bênção, Bibiji, o casamento da Ranno foi marcado para dia 2 de dezembro, um sábado”, exulta Brijlal. “Espero que a senhora e o sahib nos deem a honra da presença na ocasião.”

“É claro, Brijlal”, Shanti responde. “Ranno é como se fosse nossa filha.”

“O que é aquilo, Bibiji?”, diz Rupesh assustado, apontando com o dedo para a janela do primeiro andar de onde sai uma fumaça preta.

Shanti olha para lá e a caixa de doces cai de suas mãos. “Oh, meu Deus, parece um incêndio no quarto de Mohan. E ele está dormindo lá dentro. Depressa, salve o seu sahib”, ela grita, e começa a correr para a casa.

Gopi, Brijlal, Rupesh e Shanti correm escada acima até o quarto de Mohan e descobrem que está trancado por dentro. “Abra, sahib”, berra Brijlal, batendo na porta, mas não há resposta de Mohan.

“Oh, Deus, ele já deve ter desmaiado com a fumaça”, treme Shanti.

“Vamos arrombar a porta”, Gopi sugere.

“Para trás... para trás”, grita Rupesh. Ele recua e está prestes a forçar a porta com o ombro quando ela se abre de repente, atingindo-o com uma lufada de calor. Mohan Kumar cambaleia para fora. Seu rosto está muito vermelho e há cinza preta em suas roupas e nas mãos.

Enquanto Gopi, Brijlal e Rupesh correm para dentro do quarto e tentam apagar o fogo, Shanti acode o marido, que está tossindo e ofegante.

“Aah... aah”, ele abre a boca, tomando ar.

Rupesh sai do quarto com o rosto coberto de fuligem. “Conseguimos apagar o fogo, Bibiji”, declara ele. “Por sorte não pegou nas cortinas.”

“Graças a Deus você acordou a tempo”, Shanti diz a Mohan.

Ele pisca várias vezes. “O que está acontecendo?”

“Pegou fogo no seu quarto.”

“Fogo? Quem teria feito isso?” Ele olha para os lados com suspeita.

“Deve ter sido coisa de um daqueles meninos da rua que estão no jardim”, afirma Gopi.

“Meninos da rua? O que diabos essa gente está fazendo na minha casa?”, pergunta Mohan.

Gopi e Brijlal se entreolham com ironia.

Pouco depois, Mohan desce para a sala de jantar com roupas limpas. “Estou com fome. Onde está meu jantar, Gopi?”, ele pergunta à cozinheira.

“Está pronto, sahib, segundo suas instruções”, diz Gopi colocando um prato na mesa acompanhado de uma caçarola com rotis feitos na hora.

Mohan põe na boca um pedaço e na mesma hora cospe fora. “Isso não é bolo de carne ao curry”, ele diz, franzindo os lábios de desgosto. “Que porcaria de comida é esta?”

“Abóbora ao curry, feita especialmente sem cebola ou alho.”

“É alguma piada de mau gosto? Você sabe que eu odeio abóbora.”

“Mas agora só come comida vegetariana.”

“Você nunca teve nada na cabeça, Gopi. E agora parece que está ficando surda também. Por que eu haveria de pedir para você fazer uma droga destas? Agora ou você me traz a minha carne ou frango ou arrume suas coisas e rua.”

Gopi sai coçando a cabeça e volta com Shanti.

“Quer dizer que você não é mais vegetariano?”, ela lhe pergunta com cautela.

“Quando eu deixei de ser não vegetariano?”, ele zomba.

“Há duas semanas. Você nos disse que pararia de comer carne e de beber álcool.”

“Ah!”, ele ri. “Só um louco faria uma coisa dessas.”

“Eu já fiquei louca, morando nesta casa”, Gopi murmura enquanto tira os pratos da mesa de jantar.

Mohan de repente olha para Shanti com o cenho franzido. “O que você disse sobre as minhas bebidas? Espero que não tenha mexido na minha coleção de uísque.”

“Você destruiu todas as garrafas há quinze dias”, responde assertivamente Shanti.

Ele se levanta da mesa como um boi espetado por um aguilhão elétrico e corre até a despensa que servia de adega. Quando volta, com o rosto sujo de cinzas, começa outra busca desesperada pela cozinha, abrindo todas as portas de armário, vasculhando as prateleiras, conferindo até mesmo dentro do forno. Por fim ele desaba na cadeira.

“Todas as minhas garrafas! Como vocês puderam fazer isso? Foi um sofrimento para conseguir aquelas garrafas durante vinte anos. Sabem quanto valia essa coleção?”

“Bem, foi você quem mandou jogar fora.”

“Agora você me deixou nervoso”, ele sussurra, os olhos reluzindo de ameaças. “Eu mesmo as destruí ou você quebrou tudo pelas minhas costas? Vamos, quero a verdade, mulher!”

“Por que eu as destruiria? Eu aguentei essas garrafas aí por trinta anos. Foi você mesmo”, diz Shanti, com o rosto acabrunhado. “Você é que estava dizendo hoje de manhã que uma pessoa com um mínimo de sabedoria jamais tocaria em álcool ou outra droga.”

“Você ficou louca, mulher? Ninguém com um pingo de sabedoria destruiria garrafas perfeitas de uísque importado. Quem as tirou da adega?”

“Foi Brijlal.”

“Chame aquele porco.”

Brijlal é intimado e interrogado minuciosamente. Ele confirma a história que vinha ensaiando havia quinze dias. Bibiji pedira que ele destruísse as garrafas. Ele as levara até o esgoto municipal, onde quebrou uma por uma no chão de concreto, jogando os restos de vidro na sacola que o caminhão de lixo depois levaria embora.

“Não pensou em verificar a ordem comigo antes?”

“Bem, sahib, Bibiji disse que a ordem era sua. Quem sou eu para questionar a Bibiji?”

“Essa Bibiji é a raiz dos problemas desta casa”, diz Mohan, rangendo os dentes.

“Preciso beber alguma coisa agora.”

“Por que você está desistindo de uma decisão perfeitamente sábia que tomou de virar abstêmio?”, implora Shanti. “Eu venho jejuando todos estes anos só para você largar esse hábito maldito. Quando disse que pararia de beber, pensei que Deus finalmente tinha aberto os seus olhos, dado a você algum bom senso.”

“Bom senso é o que você precisa, mulher”, ele berra e se vira para Brijlal. “Leve-me imediatamente ao Khan Market. Não posso dormir sem beber.”

“Mas hoje é Diwali, sahib. O mercado está fechado.”

“Então vá roubar uma garrafa em algum lugar”, ele repreende o motorista, pegando um prato da bancada e atirando-o na parede, onde se espatifa em pedaços.

“Leve-o, Brijlal”, grita Shanti. “Leve-o a algum bar antes que ele quebre tudo por aqui.”

“É impossível ficar nesta casa”, declara Mohan ao sair da cozinha.

Na manhã seguinte ele pede a Brijlal que o leve direto ao Modern Liquors, no Khan Market. O dono, o sr.

Aggarwal, o cumprimenta calorosamente. “Bem-vindo, Kumar sahib. Trouxe mais garrafas para nós?”

“Como assim?”

“Você nos vendeu sua coleção de raridades há coisa de duas semanas. Pensei que talvez tivesse mais. Pagaremos o preço máximo da tabela em cada garrafa.”

“Você deve estar enganado. As minhas garrafas foram todas destruídas.”

“Então alguém passou o senhor para trás. Eu paguei vinte e cinco mil rupias pela sua coleção.”

“Entendo”, Kumar coça o queixo e chama Brijlal imediatamente na loja. “Este é o homem que lhe vendeu as garrafas?”, ele pergunta ao sr. Aggarwal.

“Exato, senhor. Este é o homem.”

“Acho que está na hora de você me contar a verdade sobre as garrafas, Brijlal”, diz Mohan com frieza.

Tremendo de medo, o motorista despeja a verdade.

“O que você fez com todo o dinheiro?”, pergunta Mohan.

“Usei para o dote da Ranno, sahib.”

A raiva de Mohan fervilha. Ele ergue a mão e estapeia o motorista. “Seu cão ingrato! Você come do meu sal e me apunhala pelas costas? Agora vá e traga de volta cada centavo. Se não me trouxer todos os vinte e cinco mil, vou entregá-lo à polícia.”

Brijlal se agarra aos pés de Mohan, com lágrimas nos olhos. “Mas, sahib, isso vai arruinar o casamento da Ranno.

O senhor pode descontar do meu salário todo mês, mas, por favor, não me peça para partir o coração da minha filha.”

“Você deveria ter pensado nas consequências antes de fazer essa tramoia. Quero o meu dinheiro esta tarde. Ou pode ir se preparando para passar a noite na cadeia.”

*

Brijlal vai até o escritório de Mohan ao meio-dia e lhe entrega um envelope pardo.

Mohan conta o dinheiro e dá um resmungo de satisfação. “Muito bem. Vinte e cinco mil. Agora você consertou a situação, Brijlal. Que isso lhe sirva de lição. Mais outra tolice dessas e não hesitarei em despedi-lo. E aí você não vai ter nem mesmo um teto para dormir.”

Brijlal não diz nada e sai da sala parecendo um zumbi.

Passa-se uma semana. Mohan Kumar voltou a beber e a comer carne com tanta gana que em sua casa chegam à conclusão de que o breve interlúdio sem álcool

fora mesmo uma decisão absurda, talvez influenciada pelo próprio álcool. Ele para de falar com Shanti definitivamente, e a olha com tamanho nojo que ela evita cruzar seu caminho.

Gopi é alertada para nunca mais trazer outra abóbora para casa, que dirá cozinhá-la.

Mohan volta a frequentar seu escritório e tenta voltar a falar com a amante, mas Rita Sethi está determinada a não atender seus telefonemas, o que o deixa bastante consternado. E então vem a declaração do banco, que o deixa apoplético.

O rosto da irmã Kamala se contrai, deixando-a ainda mais com cara de madre superiora de escola. “Agora vamos ver se entendi direito, senhor Kumar. O senhor está me dizendo que nós sacamos de forma ilegal a soma de dois milhões de rupias de sua conta do HSBC, é isso?”

“É isso aí”, murmura Mohan Kumar, limpando o suor da testa com um lenço azul. “Recebi essa informação hoje por e-mail. Veja só.” Ele estende uma folha de papel para ela. “Diz aqui que o número do cheque é 00765432, de vinte lakhs creditado na conta das Missionárias da Caridade. Bem, eu nunca passei esse cheque. De modo que, obviamente, é uma fraude.”

A irmã Kamala ajeita a cinta de seu impecável sári branco com estudado descuido. “Nesse caso, terei de refrescar

sua memória.” Ela olha para a mulher de óculos ao lado de sua cadeira com um vestido semelhante. “Irmã Vimla, pode me passar os documentos, por favor?”

A irmã Vimla ergue um pouco os óculos no nariz e coloca uma pasta sobre a mesa.

A irmã Kamala abre a pasta. “O senhor pode dar uma olhada nisto, por favor, senhor Kumar? É uma fotocópia do cheque que nos deu há dez dias, no dia 7 de novembro. Esta é a sua assinatura, não?”, ela pergunta.

Mohan Kumar passa a vista no documento com o ar desconfiado de um advogado examinando um testamento.

Ocorre uma longa pausa até que ele exala. “Esta parece ser minha assinatura.

Uma falsificação muito boa, devo dizer.” Ele aponta o dedo para a irmã Kamala. “Esse assunto é muito grave, a senhora sabe. A senhora pode ser presa.”

“Quer dizer então que a sua assinatura é falsificada. Certo.” Ela abre a primeira página. “O senhor pode dar uma olhada nesta foto, então? Este é o senhor ou a foto também é falsa?”

Mohan Kumar olha para a foto colorida sob o plástico. Ocorre então uma pausa mais longa. “É... parece comigo”, diz ele em voz baixa.

“Sim, senhor Kumar. É o senhor. O senhor veio aqui numa quarta-feira. Veio a esta mesma sala, sentou-se nesta mesma cadeira e nos deu o cheque, dizendo como admirava a madre Teresa e o trabalho dela. Disse que a riqueza descabida de alguns indivíduos é um crime contra a humanidade e então preencheu um cheque de vinte lakhs. A irmã Vimla tirou esta foto para o nosso boletim mensal, para registrar a maior doação individual que já recebemos.”

“Mas... mas eu não me lembro de ter vindo aqui.”

“Mas nós nos lembramos, e temos provas”, diz triunfante a irmã Kamala.

“Não tem jeito de eu pegar o dinheiro de volta?”, ele implora.

“Nós já descontamos o cheque. O dinheiro nos ajudará a continuar com o hospital para doentes terminais, expandir o orfanato e abrir uma pequena escola para crianças até a sexta série. Pense no que receberá em troca em termos de boa vontade e bênçãos de todos os que foram ajudados pela sua doação.”

“Eu não preciso da boa vontade de ninguém. Eu só quero o meu dinheiro de volta. Eu sou um alto funcionário do governo.”

“E também um funcionário bastante venal. A irmã Vimla fez uma pesquisa completa sobre o seu passado. O

senhor não é o secretário que a Associação dos Servidores Públicos considerou o mais corrupto de Uttar Pradesh?”

“Essa é boa. A senhora pega o meu dinheiro e depois me insulta! Agora vai devolver o meu dinheiro ou vou ter que chamar a polícia?”

“Não precisa ir à polícia, senhor Kumar. O que o senhor precisa é ir a um médico”, diz a irmã Kamala. “E agora, com licença, está na hora das nossas orações.”

“Mas...”, Mohan tenta interromper.

A irmã Kamala fecha com firmeza a porta e se volta para a assistente. “Louco.” Ela faz com o indicador, girando junto à orelha esquerda. “Completamente louco.”

A clínica do dr. M. K. Diwan em Defence Colony é ricamente mobiliada: uma relaxante poltrona estofada em azul, algumas espreguiçadeiras, pinturas abstratas nas paredes de alabastro e, no canto, uma figueira artificial de seda que parece incrivelmente real. A decoração dá a sensação de uma sala de estar, mais que de um escritório. O dr.

Diwan é um homem alto, de uns quarenta anos, com modos bruscos e forte sotaque britânico.

“Por que o senhor não tira os sapatos e deita no sofá?”, ele aconselha Mohan Kumar, que está de pé, acanhado, junto à parede.

Mohan obedece com relutância. Ele se deita, apoiando a cabeça numa almofada. O dr. Diwan aproxima uma espreguiçadeira do sofá e senta-se ao lado do sofá com um caderno de couro e uma caneta de prata nas mãos.

“Bem, agora vamos ouvir qual é o seu problema.”

“Doutor, alguma força estranha entrou no meu corpo, como uma dor de dente que não passa. Comecei a andar, falar e agir como outra pessoa.”

“E quem é essa outra pessoa?”

Ele faz uma pausa. “O senhor não vai acreditar.”

“Tente”, diz secamente o doutor.

“É o Gandhi... Mahatma Gandhi.”

Ele espera que o dr. Diwan caia na risada, mas o mais famoso psicólogo clínico

de Délhi nem sequer ergue a sobrancelha. “Hummm”, ele diz, rabiscando com a caneta. “E quem está falando comigo agora?”

“Agora eu sou Mohan Kumar, funcionário público, ex-secretário-chefe de Uttar Pradesh, mas a qualquer momento posso começar a falar como Mohandas Karamchand Gandhi.” Ele se inclina para o doutor. “Tudo começou na sessão em que o espírito de Gandhi apareceu, à qual eu jamais deveria ter ido. O senhor acha que pode ser o caso de uma possessão demoníaca?”

“Demônios só existem em filmes. E filmes não são reais, senhor Kumar.”

“Então estou ficando louco?”

“Não, de modo algum. Até mesmo pessoas perfeitamente sãs podem agir de modo um pouco diferente às vezes.”

“O senhor não está entendendo, doutor. A doença é muito séria. Me induz a fazer coisas malucas, como vestir khadi e aquele chapéu ridículo do Gandhi. Como quebrar todas as garrafas da minha coleção de uísque. Como virar vegetariano e desperdiçar vinte lakhs do meu suado dinheiro com as Missionárias da Caridade.”

“Entendo. Mas quando exatamente esses episódios acontecem?”

“Eu de fato não sei. Eu... eu... quer dizer, num minuto eu sou eu mesmo e no outro me torno essa outra pessoa, e fico falando bobagens sobre Deus e religião.”

“E o senhor se lembra de tudo o que fez como essa outra pessoa quando volta a ser você mesmo?”

“No começo eu não me lembrava. Ficava só um vazio na minha memória. Mas agora aos poucos estou começando a decifrar as bobagens que faço como Gandhi.”

O dr. Diwan o interroga por mais meia hora antes de fazer seu diagnóstico. “Acredito que o senhor esteja sofrendo do que chamamos de Transtorno Dissociativo de Identidade. No cinema, eles chamam isso de dupla personalidade.”

“Quer dizer que a minha personalidade está dividida em dois — Mohan Kumar e Mohandas Karamchand Gandhi?”

“Mais ou menos. Nos casos de TDI, a integridade usual da personalidade se quebra, e duas ou mais personalidades independentes se exteriorizam. Uma pessoa com essa doença pode estar consciente de um dos aspectos de sua personalidade enquanto está completamente inconsciente, ou dissociada, de outro aspecto. O senhor se incomodaria de se submeter a uma sessão clínica de hipnose?”

“O que vai fazer?”

“Vamos explorar o seu inconsciente com vistas a compreender se os acontecimentos e experiências do passado estão associados ao problema.”

“O senhor vai fazer perguntas muito pessoais?”, ele pergunta com expressão preocupada.

“Vai ser preciso. A ideia da hipnose é superar o censor crítico da mente consciente.”

“Então, não. Não vou me submeter a uma sessão de hipnose”, ele diz decidido.

O dr. Diwan suspira. “O senhor precisa ser franco comigo, senhor Kumar, se eu for cuidar do seu caso. Diga-me, sofreu abusos quando era criança?”

Mohan Kumar se levanta e olha irritado para o dr. Diwan. “Pode parar com essa bobagem freudiana. Só me diga se dá para eu não virar mais o Mahatma Gandhi.”

O dr. Diwan sorri. “Há muita gente no mundo, senhor Kumar, que faria qualquer coisa para virar Mahatma Gandhi.”

“É porque são idiotas, doutor. O senhor precisa entender o seguinte, as pessoas não gostavam do Gandhi, elas tinham medo dele. Ele mexia com um instinto que as pessoas queriam manter enterrado. Ele era contra o sexo, o álcool e o dinheiro. Quer dizer, qual é a graça da vida se não se pode ter nada disso?”

“Existem coisas mais importantes na vida, senhor Kumar.”

“Olha, eu não vim aqui para discutir a filosofia do Gandhi.” Mohan começa a amarrar os cadarços. “Mas o

senhor vai merecer seu dinheiro se disser o que desencadeia essa minha súbita transformação nesse personagem de Gandhi.”

“Bem, não há nada que indique uma causa biológica para o Transtorno Dissociativo de Identidade. Na maioria dos casos que já tive, a transição de uma personalidade para a outra é desencadeada por um acontecimento estressante.”

“Quer dizer que, se eu evitar o estresse, posso impedir a mudança?”

“Em teoria, sim. Mas preciso alertá-lo para o seguinte: a outra personalidade pode assumir o controle do comportamento do indivíduo a qualquer momento. E, o mais importante, com o tempo uma das personalidades tende a dominar a outra.”

“Isso eu garanto, doutor, não vou deixar Mahatma Gandhi me dominar”, ele se levanta. “Obrigado pela atenção.”

“Foi interessante conhecê-lo, senhor Kumar”, responde o dr. Diwan. “Embora não tenhamos encarado o problema com o mesmo olhar, espero que agora tenha mais clareza sobre sua doença.”

“Olho por olho, e o mundo inteiro ficará cego, doutor”, diz Kumar gravemente, tocando com delicadeza o braço do doutor.

“Oh, meu Deus!”, exclama o dr. Diwan.

Mohan gargalha. “É brincadeira. Mas é exatamente o tipo de coisa que eu digo quando me transformo no Gandhi. Isso não vai mais acontecer. Adeus, doutor”, ele diz e vai embora da clínica todo saltitante.

O dr. Diwan observa com expressão intrigada a figura que se afasta.

Assim que retorna da clínica do dr, Diwan, Mohan Kumar passa a ser mais cauteloso do que um contador com os fiscais da receita. Ele entra em casa na ponta dos pés como um bailarino, suave e leve, evitando tocar nas portas e paredes e mantendo-se a pelo menos cinco metros de distância da sala de orações. Proíbe os fogos de artifício na casa e dá instruções bem específicas a

Brijlal para que não passe dos quarenta por hora e que evite freadas bruscas.

Confere cada um dos livros de sua biblioteca e manda incinerar todos os títulos que guardem qualquer esboço de semelhança com Gandhi, destruindo nesse processo volumes raros, como uma primeira edição de Índia dos meus sonhos e uma biografia de Martin Luther King com a expressão “o Gandhi americano” na capa. Aumenta seu consumo diário de álcool para três doses toda noite e, para garantir que Gandhi não apareça nem mesmo em seus sonhos, começa a tomar Valium antes de dormir.

Shanti aceita o retorno de Mohan a seu antigo e difícil eu com a fortaleza de caráter de uma mártir. Gopi volta a preparar carne e a deixar o gelo e a soda no quarto do sahib à noite.

Mohan está em seu quarto com o segundo copo de uísque, analisando a papelada da Rai Indústria Têxtil, enquanto do lado de fora da janela desaba uma absurda tempestade de trovões. Chove canivete e os trovões fazem tremer o telhado. Ele ouve o telefone que toca e atende.

“Alô?”

“Alô, Kumar?”

Uma pequena pontada de ressentimento lhe esfaqueia o coração toda vez que Vicky Rai se dirige a ele pelo sobrenome, mas, como bom burocrata pragmático, ele aprendeu a engolir seu orgulho.

“Sim, senhor”, ele responde.

“Só estou ligando para lembrá-lo da reunião da diretoria amanhã.”

“Ah, sim, senhor. Recebi o relatório de Raha hoje. Na verdade, estava analisando isso agora”, diz ele.

“Estamos contando com você para pressionar a redução da proposta. Os cortes são essenciais, você sabe, para reestruturar a empresa.”

“Sem dúvida, senhor. Vamos precisar cortar pelo menos cinquenta postos. Não se preocupe, vou garantir que a proposta de reestruturação passe sem nenhuma dificuldade. Claro, não será unânime. O sindicato vai se opor à

reengenharia com unhas e dentes. Dutta, como sempre, fará aquele drama. Mas o que um sindicalista pode fazer contra cinco gerentes? Nós o esmagaremos e ele terá que se submeter."

"Tenho certeza de que você vai saber lidar com aquele desgraçado. Boa noite, Kumar."

Quando Mohan desliga o telefone, alguém bate à sua porta. A princípio ele não ouve, tão forte é o barulho da chuva lá fora. Mas as batidas continuam. Com o cenho franzido de irritação ele se levanta, calça os chinelos e abre a porta.

Brijlal está na sua frente, com os olhos injetados, as roupas completamente encharcadas.

"O que você está fazendo aqui?", pergunta Mohan.

"Acabou... Está tudo acabado", murmura Brijlal, tremendo um pouco.

Mohan enruga o nariz. "Você está fedendo feito um porco. Está bêbado?"

"Sim, sahib, estou bêbado." O motorista dá uma gargalhada desenxabida. "O que o senhor espera de uma aguardente barata? Fede mesmo. Mas deixa a gente bêbado de um modo que o seu caríssimo uísque importado não consegue." Ele se enfia no quarto.

"Fora... fora daqui", gesticula Mohan, como se desse ordens a um cachorro. "Você está estragando o tapete."

Brijlal não obedece e avança até a cama. "Eu estou estragando apenas o seu tapete, sahib, enquanto o senhor estragou a minha vida. Sabe que dia é hoje?", diz ele gaguejando, numa voz esquisita.

"Sei, sim. Hoje é domingo, dia 2 de dezembro. O que é que tem isso?"

"Hoje a minha Ranno iria se casar. Hoje eu deveria estar ouvindo o som da shehnai. Minha casa deveria estar cheia de sinos e sorrisos e felicidade, mas em vez disso eu fiquei ouvindo os soluços da minha esposa e da minha filha. Tudo por sua causa."

"Eu? Mas o que é que eu fiz?"

“Foi o senhor quem me tratou como se eu fosse um ladrãozinho qualquer na frente de todos no Khan Market.

Foi o senhor quem me pediu para devolver o dinheiro. Então eu tive que pegar de volta o dote da família do noivo.

Nunca fui tão humilhado na minha vida. E o que eu fiz de errado? As garrafas seriam quebradas de qualquer jeito.

Se eu consegui algum dinheiro com elas, que mal fiz para alguém? Vocês, grandes sahibs, enganam as esposas e têm casos com outras mulheres. Vocês bebem e jogam e nem pagam impostos. Mas são os pobres como nós que são insultados e presos.”

“Basta, Brijlal. Você perdeu a razão”, diz Mohan com severidade.

O motorista continua como se não tivesse ouvido. “A relação entre o patrão e o empregado é muito delicada. O

senhor passou do limite, sahib. A família do noivo cancelou o casamento definitivamente. Agora o senhor me diga: o que eu devo fazer? Deixar a minha Ranno solteira para o resto da vida? Como vou olhar para a minha esposa, que trabalhou feito uma escrava dia e noite por esse casamento?”

“Eu estou avisando, Brijlal. Você está passando dos limites.”

“Eu sei que estou passando dos limites, mas o senhor, sahib, ultrapassou o limite da decência. O senhor merece ter as roupas arrancadas, ser amarrado nu de ponta-cabeça, e depois chicoteado até sentir a dor que estou sentindo agora.”

“Chega, Brijlal”, ele berra. “Estou mandando você sair agora mesmo.”

“Eu vou, sahib, mas só depois de ficarmos quites. O senhor tem dinheiro e poder, mas eu tenho isto aqui.” Ele enfia a mão dentro da kurta e retira uma velha faca. A lâmina opaca não reflete a luz do candelabro.

Mohan Kumar vê a faca e engole em seco. Brijlal avança mais no quarto; Mohan recua até encostar na janela que dá para o jardim. Um relâmpago atravessa o céu, fazendo a janela bater.

“Você está bêbado, Brijlal”, ele faz outro apelo. “Se fizer uma besteira, vai se arrepender depois.”

“Estou desesperado, sahib. E um homem desesperado não se importa com as consequências. Minha mulher e minha filha, de todo modo, vão se suicidar. Meu filho acabará arranjando emprego de um jeito ou de outro. Quanto a mim, depois de matá-lo eu também vou me matar.”

A real dimensão do desespero de Brijlal lentamente vai se tornando clara para Mohan. “Certo... Certo, Brijlal, eu vou garantir pessoalmente que o casamento de Ranno aconteça”, ele murmura. “Você pode usar a minha casa, ou eu posso reservar o salão de festas do Sheraton. E eu mesmo posso conduzir a Ranno. Afinal, ela é como se fosse minha

filha.” As palavras escorrem de sua boca como uma torrente.

“Ah”, resmunga Brijlal. “Um homem diante da morte pode chamar até um burro de pai. Não, sahib, não cairei outra vez nas suas armadilhas. Vou morrer, mas primeiro levo o senhor.” Ele aperta a faca na mão direita e levanta o braço. Mohan fecha os olhos, apertando-os com força.

O movimento em arco da faca fatia o ar e vai em direção ao peito de Mohan, rompendo barreiras de séculos, varrendo as teias de castas e classes. Mas, quando está prestes a furar o peito de Mohan, Brijlal vacila. Ele é incapaz de atravessar a última fronteira da lealdade. A faca escorrega de sua mão, suas mãos pendem para os lados do corpo, ele desaba no tapete, joga a cabeça para trás e deixa escapar um lamento insidioso, um réquiem para seu desafio frustrado.

Nesse ínterim, uma lenta transformação se opera em Mohan Kumar. A tensão em seu rosto se dissolve, como uma sombra que passa. Ele abre os olhos e encontra Brijlal aos seus pés.

“Arrey, Brijlal, o que você faz aqui?” Ele fala de modo calmo e ponderado. Então, como se lembrasse alguma coisa, leva a mão à testa. “Claro, você deve ter vindo me convidar para o casamento de sua filha. Ah, Ba está aqui.”

Shanti surge no quarto. “O que houve?”, ela pergunta ofegante. “Pensei ter ouvido um grito.”

“Grito? Que grito? Você deve estar imaginando coisas, Ba. Eu estava só

conversando com Brijlal sobre o casamento da filha. Não deveria ser hoje?”

Shanti olha para Brijlal, que ainda está prostrado sobre o tapete, afogado em soluços. Ela aperta as mãos. “Não sei o que há de errado com você. Um dia é um santo, no outro, vira um diabo, depois volta a ser um santo outra vez.

Você sabia que Brijlal teve que cancelar o casamento da filha?”

“É mesmo? Como isso foi acontecer, Brijlal? Se foi por algum equívoco da minha parte, peço seu perdão de mãos postas.” Ele aproxima as palmas das mãos.

Brijlal cai aos pés de Mohan. “Por favor, não diga isso, sahib. Sou eu quem deveria lhe pedir perdão. Eu vim para lhe fazer mal, e no entanto o senhor me pede perdão. O senhor não é um homem, o senhor é Deus, sahib.”

Mohan o levanta do chão. “Não, Brijlal. Deus é vasto e infinito como o oceano, e um homem como eu é apenas uma pequena gota. E que conversa é essa de me fazer mal? Você também começou a imaginar coisas? Oh! O que esta faca está fazendo aqui?”

*

A reunião da diretoria começa pontualmente às quatro horas da tarde nas instalações da Rai Indústria Têxtil em Mehrauli.

A sala da diretoria tem um cheiro metálico de coisa que acabou de ser polida. A grande mesa oval é de teca escovada com forro em feltro verde diante de cada lugar. As paredes são decoradas com peças de arte empresarial.

Mohan Kumar entra na sala com uma dohti kurta branca e um chapéu de Gandhi também branco. Vicky Rai, usando um terno de risca de giz azul, cumprimenta-o na entrada. “Você foi muito inteligente, Kumar”, ele suspira.

“Esse visual vai enganar perfeitamente os sindicalistas.”

“Onde eu me sento?”, Mohan Kumar pergunta.

“Você é o meu braço direito, então fica à minha direita.” Vicky Rai pisca para ele. “E ao seu lado eu coloquei Dutta.”

Cinco homens e uma única mulher tomam seus lugares ao redor da mesa. Vicky Rai senta-se à cabeceira, diante de uma tela de projeção. “Bem, membros da diretoria, a reunião de hoje só tem uma pauta, a reestruturação da Rai Indústria Têxtil”, ele começa sem delongas. “Como todos sabem, compramos esta fábrica do governo há dois anos numa situação lastimável. São necessárias medidas drásticas para torná-la saudável.” Ele aponta para um homem baixo e claro com óculos de armação de aço sentado à sua esquerda. “Agora pedirei ao senhor Praveen Raha, o diretor executivo, para mostrar a nova estratégia para a aprovação da diretoria.”

Raha ajeita os óculos e pressiona teclas em um laptop até que uma imagem de tabelas e gráficos em technicolor

apareça projetada na tela branca atrás dele. “Honoráveis membros da diretoria, deixem-me começar com um fato bruto”, ele diz. “No ano passado a empresa teve uma perda líquida de trinta e cinco crores, ou seja, trezentos e cinquenta milhões de rupias.”

“Pura balela.” Um homem magro sentado ao lado de Mohan com um pijama kurta e óculos grossos de armação preta diz numa voz grave. “Segundo os números sobre a produção apurados pelo sindicato dos trabalhadores, acreditamos que a empresa tenha obtido dois crores, ou seja, lucro de vinte milhões de rupias.”

Raha olha para ele com desdém e aperta outra tecla no laptop. Uma nova tabela aparece na tela. “Bem, o relatório da auditoria dos senhores R.R. Haldar não comprova a sua objeção, senhor Dutta.”

“O relatório da auditoria é uma fraude, como você”, escarnece Dutta.

Raha resolve ignorar o sarcasmo. “Seja como for, como eu ia dizendo, nosso ambiente operacional continua sendo difícil. A greve absolutamente ilegal dos operários em maio passado resultou numa perda de trinta e cinco dias de trabalho.”

“Por favor, não ponha a culpa da greve nos operários”, Dutta intervém outra vez. “A gerência foi a única responsável pela greve quando decidiu de forma unilateral retirar o vale-transporte.”

Raha continua como se não tivesse ouvido Dutta. “O sonho do senhor Rai é

fazer desta fábrica uma das maiores da indústria têxtil de toda a Índia. Nosso objetivo final é modernizar a fábrica em duas fases, com a instalação de tecnologia de última geração em máquinas têxteis. Para a reestruturação funcionar, deveremos diminuir o patrimônio não operante e as dívidas sobre as quais incorrem juros. Precisaremos maximizar o uso do maquinário capital intensivo, com a necessidade concomitante de demi... redução de alguns outros critérios."

"E que outros critérios seriam esses, senhor Raha?", pergunta Dutta.

"Isso demandaria a redução de escala da força de trabalho para um grau de otimização."

"Oh, quer dizer que os operários terão que ser mandados embora para dar lugar às máquinas?"

"Bem, senhor Dutta, eu não expressaria em termos tão brutais. E, de qualquer modo, o plano de reestruturação agrega também provisões para equilibrar competências e pagamento de salários promocionais e bônus de produtividade, além de outros pacotes de incentivos que..."

"Pare com essa piada, Raha." Dutta empurra a cadeira para trás e se levanta. "Em nome dos sindicatos, eu rejeito integralmente o plano de reestruturação."

Há um burburinho no silêncio na sala. Todos os olhos se voltam para Vicky Rai, que tamborila os dedos na mesa, com uma expressão indecifrável no rosto. "Bem, nesse caso acho que devemos votar a proposta. Quem for favorável, por favor, diga sim." Ele encara o sujeito narigudo de meia-idade à sua esquerda. "Senhor Arora?"

"Sim."

"Senhora Islamia?"

"Sim."

"Senhor Singh?"

"Sim."

“Senhor Billmoria?”

“Sim.”

“Senhor Dutta?”

“Um enfático não.”

“Senhor Kumar?”

Mohan tem um sorriso maroto no rosto. “Bem, devo dizer que essa discussão foi muito fascinante e estimulante.

Farei apenas três comentários. Primeiro, que o princípio da maioria não se aplica quando há diferenças fundamentais envolvidas.” Ele olha de relance para Vicky Rai, cujas sobrancelhas se erguem um tanto.

“Meu segundo comentário é que cada um de vocês deveria se considerar um gestor do bem-estar de nossos colegas trabalhadores, e não pensar apenas em si mesmo”, ele diz, enfatizando cada palavra. “Onde existem milhões e milhões de braços ociosos, não faz sentido pensar em artifícios para diminuir o trabalho. Esta empresa não pode funcionar apenas com base na ganância. Deve servir a um propósito maior. E isso me leva ao terceiro comentário.”

O rosto de Vicky agora está cravado de linhas de preocupação. “Que porra é essa que o Kumar está querendo?

Ele está falando contra nós ou a nosso favor?”, ele sussurra para Raha.

“Meu terceiro comentário”, repete Mohan Kumar enquanto abaixa a cabeça sob a mesa e pega um grande pacote de papel pardo, “é isto aqui.” Rasga o embrulho e revela uma roca de madeira. “Senhoras e senhores”, ele anuncia, com uma pausa de efeito dramático, “eu lhes apresento a charkha.”

Os membros da diretoria suspiram. “A roca foi inventada na Índia como um aparelho para fiar a partir das fibras, mas de algum modo se perdeu para nós”, Mohan Kumar prossegue. “Tive que procurar em quase cinquenta lojas em Chandni Chowk até encontrar esta aqui. Quando perdemos a roca, perdemos nosso pulmão esquerdo. Acredito que o fio que fazemos com este aparelho é capaz de remendar o urdume e a trama que se rasgaram em nossa vida. A

charkha é a panaceia para todos os males que afligem esta empresa e, a bem da verdade, este país. Defender a roca é defender o reconhecimento da dignidade do trabalho. Tenho certeza de que nosso amigo dos sindicatos haverá de concordar.” Ele olha diretamente para Dutta, que o observava boquiaberto.

“Sim... Sim, é claro”, balbucia Dutta. “Perdoe-me, Mohan Kumar. O tempo todo achávamos que você fosse uma serpente, mas na verdade você é nosso salvador.”

Cochichos percorrem a sala da diretoria. Consultas apressadas são feitas. Por fim Vicky Rai se levanta. “Parece que não temos exatamente unanimidade quanto ao plano de reestruturação. Pedirei ao senhor Raha que desenvolva a proposta. Entraremos em contato com os senhores para avisar a data da próxima reunião. Obrigado.”

Ele lança um olhar constrangido a Mohan Kumar e sai da sala batendo a porta.

Ao longo da semana seguinte ele se dedica a várias causas. Participa de comícios da campanha Justiça para Ruby, ocupa a entrada da Suprema Corte com ativistas em protesto contra a proposta de aumentar a altura da represa Sardar Sarovar, comparece à vigília no Portão da Índia pela paz entre a Índia e o Paquistão, e lidera um grupo de mulheres enfurecidas que fazem piquetes na porta das lojas de bebidas no interior. Troca ainda seus óculos de leitura por óculos de Gandhi de aro de metal e a mídia logo passa a chamá-lo de “Gandhi Baba”.

No domingo, quando se encaminha para uma marcha contra a criação das zonas econômicas especiais, o carro de Mohan fica preso no trânsito pesado em Connaught Place. * Enquanto avança aos centímetros até o sinal vermelho, seus olhos são atraídos pelos pôsteres que enfeitam um cinema à sua esquerda. Cheios de imagens eróticas de mulheres seminuas, trazem títulos como “A NOITE INTEIRA SEM PARAR”, “PROBLEMA DE VIRGEM” e “GATA DEVORADORA DE HOMENS”. Uma faixa diagonal sobre os pôsteres anuncia: “Muito amor e sexo. Sessão matutina às dez.

Preços especiais”. Uma ousada frase de publicidade afirma embaixo: “Sexo não precisa de palavras”.

“Ram, Ram”, murmura Mohan. “Como o governo pôde permitir tamanha sujeira num lugar público?”

Brijlal suspira, ciente da situação. “Meu filho Rupesh já veio a essas sessões

matutinas. Esses pôsteres não são nada. Dizem que nos filmes aparecem mulheres totalmente nuas.”

“É mesmo? Nesse caso, pare o carro.”

“O que, sahib? Parar aqui?”

“Sim, aqui está bom.”

Brijlal manobra o carro até o meio-fio em frente ao cinema e Mohan sai.

O prédio do cinema é velho, cinza, com uma aura de claustro e mofo. A tinta das paredes estava descascada e algumas pedras do piso já se mostravam bem estragadas. Mas os afrescos do teto e as colunas coríntias do átrio ainda estavam intactos, lembretes decadentes da grandeza no passado. A sessão matutina vai começar e há uma boa multidão no guichê dos ingressos. Trata-se de uma plateia movida a hormônios, exclusivamente masculina, à espera de gratificação instantânea. Há até mesmo meninos de doze ou treze anos na fila. Agindo por nervosismo, estufam o peito na tentativa desesperada de parecer mais velhos. Mohan Kumar caminha direto para o guichê, ignorando as reclamações do pessoal da fila. O caixa, um senhor de meia-idade com bigodinho, fica sentado numa sala minúscula e abafada diante de blocos de ingressos cor-de-rosa, verde-claros e brancos. “Palco, cem; balcão, setenta e cinco; atrás, cinquenta. Qual vai ser?”, ele pergunta com voz entediada, sem se dar ao trabalho de olhar.

“Quero todos.”

“Todos?” O caixa levanta a cabeça.

“Sim.”

“Não tem preço especial para grupos na parte da manhã. Você vai trazer as crianças de algum albergue?”

“Não, eu quero todos para rasgá-los.”

“Como assim?”

“Você entendeu perfeitamente. Quero destruir todos os seus ingressos. Não tem vergonha de mostrar essa sujeira, de corromper a moral da juventude do próprio

país?”

“Olhe, meu senhor, não fale assim comigo. Vá reclamar com o gerente. Próximo, por favor.”

“Pois chame o gerente, por favor. Eu me recuso a ir embora sem ver o gerente”, diz Mohan com firmeza.

O caixa olha com raiva para ele, então se levanta da banqueta e some atrás de uma porta verde. Um homem baixo, corpulento, entra na sala.

“Sim, o que foi? Eu sou o gerente.”

“Quero falar com você”, diz Mohan.

“Então, por favor, vamos para o meu escritório. Subindo a escada, é a primeira sala à direita.”

A sala do gerente é maior, com um sofá verde desbotado e uma escrivaninha só com um telefone preto. Pôsteres emoldurados de velhos filmes enfeitam as paredes.

O gerente ouve pacientemente o que diz Mohan Kumar. Depois lhe pergunta: “Sabe quem é o dono deste cinema?”.

“Não”, diz Mohan.

“É o deputado Jagdamba Pal. Aposto que você não vai querer problemas com ele.”

“E você sabe quem eu sou?”

“Não.”

“Eu sou Mohandas Karamchand Gandhi.”

O gerente cai numa gargalhada histérica. “Cara, o filme de Munnabhai com o Gandhi já passou faz tempo. A sua fala está pelo menos um ano atrasada.”

“Pode rir, senhor gerente, mas eu quero ver a sua cara quando seu próprio filho passar por essa cortina. Acredito que a satisfação imprudente dos desejos que

esses filmes que você passa encoraja a licenciosidade e a depravação entre os nossos jovens. Acho uma pena que não possa dar as costas a uma calamidade perfeitamente evitável."

O gerente suspira. "Vejo que você é um homem decente, mas ao mesmo tempo é bobo. Se continuar com isso, prepare-se para arcar com as consequências. Depois não vá dizer que a culpa é minha se o deputado mandar os capangas em cima de você."

"Um verdadeiro satyagrahi não teme o perigo. A partir de amanhã eu ficarei aí fora jejuando até que você concorde em parar de exibir esses filmes asquerosos."

"Por mim, tudo bem", diz o gerente, pegando o telefone.

Na manhã seguinte Mohan Kumar chega ao cinema vestido de Gandhi — dhoti e kurta brancos e um chapéu na cabeça. Escolhe um lugar bem em frente ao guichê dos ingressos e senta no chão, segurando um cartaz onde está escrito "Assistir a este filme é pecado".

Os homens na fila olham intrigados para ele. Alguns se inclinam em saudação, alguns jogam moedas aos seus pés, mas ninguém sai da fila. Às dez para as dez, a bilheteria é fechada e uma placa de "Lotado" é colocada no guichê.

Shanti chega pouco depois. "Vamos para casa agora", ela diz ansiosa. "O filme já começou."

Ele dá um sorriso seco. "Vai começar outro filme em seguida. Tenho certeza de que alguém me dará ouvidos.

Se eu puder convencer um único homem de que está agindo errado, vou sentir que tive sucesso em minha missão."

"Mas como vai ter sucesso se ninguém sabe que está jejuando?"

"Meu jejum é um assunto entre mim e Deus, Ba. Mas não se preocupe. Estou certo de que, com o tempo, outros se juntarão a mim nessa cruzada."

"Então pelo menos beba este suco que eu trouxe", Shanti oferece uma garrafa.

"Quando um homem está jejuando, não são os galões de água que ele bebe que

lhe dão alento, mas Deus, Ba.

Vá para casa agora."

Com um olhar desolado, Shanti vai embora com Brijlal. Mohan continua sentado no chão, observando o vaivém em Connaught Place, os olhares perturbados dos executivos de terno e gravata, as jovens que vêm das compras com expressões reluzentes no rosto, os vendedores de cintos, óculos e livros pirateados. O rugido do trânsito é ensurdecedor.

Quando Shanti retorna duas horas depois para ver como ele está, fica pasma ao descobrir que Mohan está sentado numa plataforma de madeira com outro homem, com as costas apoiadas em almofadas de espuma. Uma multidão de cerca de duzentas pessoas está reunida ao redor deles, levantando cartazes com dizeres e gritando palavras de ordem: "PORNOGRAFIA É PORCARIA, "GANDHI BABA ZINDABAD, "ABAIXO JAGDAMBA PAL".

Mohan parece orgulhoso e contente. "Como foi que isso aconteceu?", Shanti quer saber.

Mohan aponta o sujeito de meia-idade ao seu lado vestindo kurta branca. Ele tem rosto oval, nariz fino, queixo pontudo e olhos astutos. Na mesma hora Shanti antipatiza com ele. "Este é o senhor Awadhesh Bihari. Ele me conheceu por acaso há uma hora e logo resolveu apoiar minha causa. Foi ele quem organizou este grupo e conseguiu as faixas e os cartazes."

"Bem-vinda, Bhabhiji", diz Bihari com a lisura de um golpista. "É um privilégio conhecer alguém da grandeza de seu marido. Eu estava contando a ele como esse tal de Jagdamba Pal não presta. Ele é dono deste cinema vagabundo e de vários bordéis."

"E o que você faz da vida?", Shanti pergunta a ele.

"Eu sou político, do Partido da Regeneração Moral. Concorri contra Jagdamba Pal na última eleição. O

eleitorado estava decidido a me apoiar, mas ele trapaceou na votação e venceu", diz ele franzindo o cenho.

"Quer dizer que você está fazendo isso como revanche política?"

“O que está dizendo, Bhabhiji?”, ele parece chocado. “É nosso dever sagrado proteger nossas crianças da depravação. Nós do PRM nos consideramos guardiões da cultura indiana. A senhora deve se lembrar do nosso protesto contra aquele filme de lésbicas, Namoradas, há alguns anos. Destruímos todos os pôsteres e não deixamos que exibissem, apesar da ordem judicial contra nós. Esses filmes sujos são uma afronta à nossa cultura. Estamos agora com o seu marido, para o que der e vier. Ele entra com o jejum, nós entramos com o apoio.”

“E se o dono do cinema não reagir?”

“Como não? Nós o obrigaremos a reagir. Mas primeiro precisamos conscientizar as pessoas. Já telefonei para alguns canais de televisão, para que cubram nosso protesto.”

Shanti põe a mão na testa de Mohan para ver se ele está com febre. “Estou bastante preocupada com você.

Quanto tempo você aguenta ficar sem comer?”

“Ambos iremos descobrir”, sorri Mohan. “Não se preocupe, o Awadhesh vai cuidar de mim.”

Dessa forma, reconfortado pela preocupação de Shanti e as promessas de Bihari, Mohan Kumar passa dois dias sem comer. No terceiro dia de jejum, sua saúde já deteriorou consideravelmente. O dr. Soni toma seu pulso e a pressão, e parece preocupado. Shanti está muito nervosa. Mas ainda não há sinal do dono do cinema.

Naquela tarde, uma perua estaciona em frente ao cinema e uma mulher vestindo jeans desce do veículo. Ela tem uma expressão severa e olhos frios, calculistas. Atrás dela vem um homem com uma pesada câmera de vídeo.

Awadhesh Bihari rapidamente se levanta, ajeitando sua kurta. A repórter cumprimenta o político. “Então, Awadhesh Bihari, desta vez teremos mais ação? O seu último protesto foi bem chocho.”

O político sorri meio sem graça. “Fique olhando, Nikita. Dessa vez nós estamos até com o Gandhi Baba aqui.

Jagdamba Pal será humilhado em seu próprio covil.”

A repórter olha para Mohan Kumar na plataforma e concorda com Bihari. “Gostei disso, do Gandhi Baba.

Podemos entrar no boletim da noite.” Baixando a voz até um sussurro, ela lhe diz: “Se ele morre, vai dar uma grande matéria”.

Bihari concorda com a cabeça.

“Lobo, comece a filmar”, ela instrui o câmera.

“GANDHI BABA EM ESTADO CRÍTICO” é a manchete de todos os jornais na manhã seguinte. Às dez da manhã o deputado chega num Scorpio, piscando uma luz azul. Quatro seguranças armados com submetralhadoras Sten o acompanham. O deputado é um gigante, de cabeça quadrada, cabelos muito negros e olhos escuros e cruéis.

Sentando-se na plataforma junto a Mohan Kumar, ele sussurra: “Sahib Gandhi Baba, por que está fazendo isso?”.

“Para acabar com essa perversão”, responde Mohan, com a voz ainda firme.

“O que você chama de perversão é um desejo humano natural. Por mais que se queira disfarçar, o sexo vai aparecer de um jeito ou de outro.”

“Eu não estou protestando contra o sexo. Estou protestando contra a perversão do sexo, contra essa mercantilização das mulheres.”

“Mas os meus filmes não têm nada de censurável. São aprovados pela Comissão de Censura”, diz ele. “Se você quer ver mercantilização de mulher, ande mais quinhentos metros até o Palika Bazaar. Lá você compra todos os pornôs que imaginar por apenas cem rupias. Ou, a dez quilômetros daqui, lá na luz vermelha da GB Road, por cem rupias você compra uma menina. Por que não tenta acabar com esse tipo de mal em vez de vir aqui fazer piquete no nosso cinema?”

“Uma perversão não deixa de ser perversão porque é menos pervertida que outra. Meu jejum será um golpe mortal em todas as formas de fornecimento do pecado à sociedade.”

“Olha, Gandhi Baba, nós não queremos criar problemas desnecessários. Eu sou político. O seu protesto está prejudicando a minha reputação. Em nome da

Associação dos Distribuidores do Norte da Índia, fui autorizado a lhe oferecer vinte mil rupias se você parar com esse protesto.”

Mohan Kumar dá risada. “Minha luta não é por dinheiro. Você não pode me comprar com trinta dinheiros.”

“Certo, e que tal vinte e cinco mil, hein?”

Mohan Kumar balança a cabeça. “Senhor Pal, eu fiz uma promessa, nenhum poder terreno poderá me impedir de cumpri-la.”

O deputado está começando a perder a calma. “Quem diabos pensa que é? Eu estou aqui, conversando educadamente com você, e você age como se fosse mesmo o Mahatma Gandhi. Convenhamos, chega de encenação.

Eu quero que você saia deste local imediatamente ou terei que removê-lo à força.”

“Um satyagrahi possui infinita paciência, fé de sobra nos outros, e uma esperança sem tamanho. No código satyagrahi, não existe rendição diante da força bruta.”

“Seu merdinha”, Jagdamba Pal joga na cara de Mohan Kumar. Ex-pugilista, ele acerta em cheio o rosto de Mohan Kumar e uma fonte de sangue jorra do nariz do burocrata.

“Ei, Ram!”, grita Mohan e cai. Shanti dá um berro, horrorizada. Jadgamba Pal fica ali por um momento, perplexo com o que acabou de fazer, depois corre de volta para o carro.

“Gandhi Baba está ferido!” O grito percorre a multidão como fogo na mata seca.

“Matem o desgraçado!”, berra Awadhesh Bihari. Seus seguidores imediatamente vão atrás do deputado que já está indo embora no carro. “Queimem o cinema!”, Awadhesh Bihari dá um grito estridente e a turba invade o prédio.

“Esperem... esperem”, chama Mohan, mas sua voz só encontra ouvidos ensurdecidos. Em questão de segundos a multidão revoltada põe abaixo a porta da sala de espera e a invade. Dez minutos depois, uma fumaça preta está saindo do cinema, o público foge em pânico e o ar vibra com as sirenes das ambulâncias

e dos bombeiros.

Uma viatura da polícia canta pneu e freia em frente ao cinema. Os policiais saem feito coelhos e apontam suas espingardas para Mohan Kumar. Um inspetor se aproxima dele acompanhado do gerente do cinema. “É este o homem?”, ele pergunta apontando para Mohan.

“Sim, senhor”, exclama o gerente. “Este é o Gandhi Baba. É o responsável pela destruição do cinema.”

O inspetor bate com sua bengala na palma da mão. “Você está preso, Gandhi Baba.”

“Preso? Por quê?”, pergunta Mohan, com um lenço no nariz para parar o sangramento.

“Artigo 307: tentativa de assassinato; artigo 425: injúria resultando em destruição da propriedade; artigo 337: ameaça à segurança pessoal; artigo 153: incitação de revolta. Vamos, já estamos cansados das suas gracinhas.”

“Mas meu nome não é Gandhi Baba. É Mohan Kumar. Sou funcionário público aposentado”, diz ele com

arrogância, pondo-se agora de pé.

“Tanto faz o seu nome. Você está preso”, ele faz sinal para os policiais. “Levem este aqui.”

A prisão de Tihar é um conjunto de sete pavilhões na zona oeste de Délhi. Originalmente construída para abrigar sete mil detentos, tem agora treze mil, dos quais nove mil aguardam julgamento.

O diretor da prisão é um homem corpulento com papada e cabelos grisalhos. Mohan está na frente dele, com seu uniforme de prisioneiro, estourando de raiva contida. O diretor lhe dá um sorriso seboso. “Bem-vindo, senhor. É

muito raro termos o privilégio de hospedar altos funcionários aposentados.”

“Você sabe muito bem que eu não deveria estar aqui”, espuma Mohan. “O corregedor que decretou minha prisão preventiva por quatro meses precisa de

um psiquiatra. Seja como for, espero que você tenha recebido um telefonema do meu colega de faculdade, o comissário de polícia."

"Sim, senhor", concorda o diretor. "O sahib comissário de polícia já nos deu ordens para cuidar bem de você.

Então botei você numa cela de segurança máxima com Babloo Tiwari."

"Babloo Tiwari? O famoso gângster?"

O diretor da prisão concorda com a cabeça.

"E por que isso seria um favor?"

"O senhor vai ver. Aqui em Tihar, nada é o que parece. Venha, deixe-me mostrar sua cela."

Ele acompanha Mohan pelos estreitos corredores, um molho grande de chaves tilintando na mão. A cela parece limpa e bem cuidada, mas tem um cheiro forte, misto da austeridade de um hospital com um cheiro bilioso de carnificina. Eles atravessam um pátio onde os prisioneiros ficam enfileirados, fazendo exercícios. “Aqui em Tihar, fazemos de tudo para recuperar os prisioneiros. Introduzimos programas de vipassana e ioga. Temos também uma ótima biblioteca e uma sala de leitura.”, diz, orgulhoso, o diretor.

A cela fica na extremidade sul do presídio. “Todas as nossas celas têm dois por sete metros”, diz o diretor, destrancando a grossa porta de correr de ferro. “Esta é a maior, são duas celas transformadas em uma, na verdade.”

Eles entram na cela e os olhos de Mohan brilham de deslumbramento. Um carpete bege reveste a cela de ponta a ponta, vê-se uma pequena televisão colorida, e até um minibar. Há um beliche, com um homem de uniforme dormindo embaixo, enrolado num cobertor marrom.

“Bem-vindo à prisão estilo VIP”, sorri o diretor.

“Eu deveria agradecer pelas pequenas gentilezas”, Mohan se permite dizer num meio sorriso. “Mas eu preferia ficar sozinho. Por que não transfere esse tal de Tiwari para outra cela?”

“Olha, senhor, isto aqui não é um hotel em que eu posso alocar os quartos como bem quiser”, diz o diretor impaciente. “Babloo Tiwari está nesta cela porque ele tem relações ainda melhores que as suas.” Ele dá um tapinha no ombro do prisioneiro adormecido. “Tiwari, por favor, acorde.”

O preso fica sentado, esfregando os olhos. É um homem baixo, com um rosto redondo, bem barbeado e comprido, e cabelos lisos caindo na testa. Ele se espreguiça e boceja. “O que está fazendo aqui, sahib carcereiro?”, pergunta com voz sonolenta.

“Vim apresentar seu novo companheiro de cela. Senhor Mohan Kumar, funcionário do governo.”

Babloo Tiwari olha para ele curioso. “Você não é aquele cara que estão chamando de Gandhi Baba?”

Mohan permanece em silêncio, mas o diretor da prisão diz que sim com a cabeça. “Exatamente, Tiwari. É uma honra para nós receber uma personalidade tão famosa em nossa prisão.”

“Espero que ele não tente me regenerar”, resmunga Babloo. “Por falar nisso, sahib carcereiro, você conseguiu o cartão para o meu celular?”

“Psiu”, sussurra o diretor, olhando para os lados. “As paredes têm ouvidos. Vou mandar trazer para você amanhã.”

A porta de ferro fecha com um estrondo, provocando vibrações que fazem tremer a cabeça de Mohan mesmo

muito depois de o diretor ter saído. Babloo Tiwari funga e estende a mão direita. “Como vai?” Mohan vê o braço tatuado com âncoras e cobras, mas nota também uma ferida de veias rompidas e marcas de picadas na pele enrugada.

Franzindo os lábios, não faz o menor esforço para apertar a mão do bandido.

“Fique à vontade”, diz Babloo, e tira um Nokia do bolso da frente. Ele digita um número, cruza as pernas, coça o saco com a mão livre e começa a falar numa voz suave.

Mohan sobe no beliche com relutância. O lençol está todo manchado e o colchão fino, cheio de calombos. Há umidade na cela, que parece gotejar pelas paredes. Uma corrente de ar frio passa pela porta, obrigando-o a cobrir-se com o cobertor. Mas o tecido muito gasto lhe dá coceira. Ele controla o ímpeto de debulhar-se em lágrimas.

O almoço é servido ao meio-dia numa bandeja de metal; consiste em quatro rotis grossos, cozido de legumes e uma tigela de dhal aguado. Mohan acha a comida leve e sem graça, empurra o prato depois de comer apenas um roti.

Embaixo dele, Tiwari nem toca na comida.

Mohan fica deitado na cama, fingindo ler uma revista, enquanto a fome rói sua barriga. A certa altura ele pega no sono, sonhando com uísque e frango na manteiga. Quando abre os olhos, há um copo com um líquido dourado flutuando diante de seus olhos. Uma cabeça sem corpo se materializa junto com o copo. É Babloo Tiwari, olhando da cama de baixo. “Você quer um copo?”

“O que é?”, ele concede em resposta.

“Scotch. Vinte e cinco anos.”

Quase involuntariamente sua língua passa pelos lábios secos. “Ora, até que um trago cairia bem”, ele admite, envergonhado da própria fraqueza.

“Saúde, então”, diz Babloo. “Você pode deixar sua gandhigiri fora da cela.” Eles brindam e quebram o gelo.

A cela é aberta de novo às quatro da tarde. “Venha”, diz Babloo. “Vamos tomar ar fresco.”

Andam até o pátio, que tem a metade do tamanho de uma quadra de futebol, onde cerca de cinquenta prisioneiros correm de um lado para o outro. Há homens de todas as idades e tamanhos: alguns são velhos que parecem sábios com longas barbas e outros parecem ter quinze anos de idade. Um grupo joga vôlei, outro está ouvindo rádio e alguns estão sentados conversando. A deferência com que os demais prisioneiros cumprimentam Babloo Tiwari claramente confirma sua liderança. Apenas um grupo de três homens sentados num canto não olha para ele.

“Quem são?”, Mohan pergunta.

“Não fale com eles. Nem chegue perto deles. São estrangeiros do Lashkar-e-Shahadat, que no ano passado tentaram jogar uma bomba no Red Fort.”

“Eles não teriam que ficar em uma área separada, já que são terroristas de alta periculosidade?”

Babloo sorri. “Cara, até você pertence agora à categoria de alta periculosidade.”

Mohan concorda. “E por que você está preso?”

“Por tudo. Cometi praticamente todos os tipos de crime do Código Penal Indiano e todos os meus processos aguardam julgamento. Mas eles não vão conseguir provar nada. Fico aqui em Tihar porque prefiro ficar aqui. É mais seguro do que lá fora.”

Quando Babloo vai conversar com dois internos com cara de durões, um rapaz

com o rosto sujo e cabelos curtos vem até Mohan e toca seus pés. Ele tem cheiro de sujeira.

“Arrey, quem é você?”, Mohan recua.

“Disseram que você é o Gandhi Baba”, diz o rapaz hesitante. “Vim prestar meus respeitos e pedir um favor. Meu nome é Guddu.”

“Por que está aqui dentro?”, pergunta Mohan.

“Roubei uma bisnaga de pão em uma padaria. Agora faz cinco anos que estou aqui. Eles me batem todos os dias, me obrigam a limpar as latrinas. Eu quero ver a minha mãe. Sinto muita saudade dela. Sei que só você pode me tirar daqui”, ele diz e começa a soluçar.

“Afaste-se, vai.” Mohan tenta dispensá-lo com um gesto. “Olhe, não há nada que eu possa fazer. Também estou preso, como você. Preciso sair primeiro para poder pensar nos outros. E não espalhe essa bobagem de que eu sou o Gandhi Baba, certo?”

Ele vai para o outro lado do campo e quase imediatamente é abordado por um velho de nariz aquilino e brilhantes olhos cinzentos.

“Yada yada hi dharmasya glanirbhavati bharata”, entoa o homem em sânscrito, e então traduz, para o bem de Mohan. “Sempre que há um declínio da virtude, você vem e destrói as forças do mal. Curvo-me diante de você, ó grande Mahatma. Só você pode salvar este país.”

“E você quem seria?”, pergunta Mohan entediado.

“Doutor D. K. Tirumurti, às suas ordens, senhor. Doutor em sânscrito em Madurai.”

“E trapaceiro profissional, você se esqueceu de dizer”, diz Babloo atrás deles.

“Vamos embora, Babloo, já tomei bastante ar fresco.” Mohan puxa a manga do gângster. “Um sujeito quer que eu o salve, o outro, que eu salve o país. Isso é uma prisão ou um manicômio?”

Babloo dá risada. “Na verdade, não tem muita diferença. Fique comigo se você

não quiser entrar para o time dos malucos.”

A comida do jantar é o mesmo rancho insípido. Mas agora Mohan está tão faminto que limpa o prato dos quatro rotis e engole a sopa fria de legumes. Babloo, ele repara, come pouquíssimo, fungando o tempo todo.

“Como consegue viver com tão pouca comida?”, ele pergunta ao gângster.

Babloo faz cara de esperto. Assoando o nariz com a manga da kurta, ele levanta o colchão e tira uma seringa hipodérmica. “Isto é a minha comida.” Ele testa a seringa antes de espetá-la no braço.

Mohan recua. “Quer dizer que você é viciado?”

“Não, viciado, não”, Babloo diz com súbita veemência. “Eu controlo a cocaína. A cocaína não me controla.” Ele termina a injeção e exala. “Aah... isto é o paraíso. Uma coisa eu lhe digo: nada supera o baque do pó. Quer experimentar? Vai fazer você esquecer o uísque.”

“Não, obrigado.”

“Eu só tomo uma dose à noite. E ela me faz suportar a noite inteira e o dia seguinte também.”

“E como faz para dormir?”

“Eu tomo remédio para dormir.”

“Ainda bem que eu não preciso tomar remédio para dormir”, diz Mohan, cobrindo a cabeça com seu cobertor.

“Boa noite, senhor”, diz Babloo e, aparentemente sem motivo, desata a rir.

É preciso um esforço imenso de Mohan para começar o lento processo de adaptação à vida na cadeia. Ele se acostuma a acordar às cinco e meia da manhã para a contagem dos presos, a ficar no banheiro fedorento sem tampar o nariz, a tomar o chá insosso e a comer os rotis intragáveis, a frequentar os grupos de oração e sessões de ioga e até começa a assistir novela, vício da maioria dos detentos. Conhece assassinos do Punjab e incendiários de Gujarati, traficantes nigerianos e falsários uzbeques, vigaristas do Norte da Índia e estupradores do

Sul. Começa a jogar xadrez e carrom. Pega três livros por semana na biblioteca e inicia um diário da vida na prisão.

Durante todo esse período ele segura a onda graças à generosidade de Babloo com o uísque, às entregas pontuais dos almoços de Shanti, toda quarta-feira, recheados de carneiro ao curry e frango Biryani, e às palavras tranquilizadoras de seus advogados que dizem que ele vai sair logo.

Ele acaba fazendo uma amizade incômoda com Babloo Tiwari. Fica revoltado com sua grosseria, sua ignorância dos assuntos mundiais, mas ao mesmo tempo fascinado com seu poder dentro da cadeia. Babloo é um rei sem coroa em Tihar; cada um dos oficiais já foi subornado ou ameaçado para servi-lo. Ele dirige seu império de dentro da prisão, passa metade do tempo falando aos sussurros com os comparsas, combinando sequestros e pedindo resgates, recebendo encomendas de bebidas contrabandeadas, cocaína e cartões de celular, molhando a mão de policiais dóceis e comprando burocratas. Ele possui uma poderosa intuição para as fraquezas humanas, sabendo quem atrair com uma garota de programa e quem atrair só com grana. Mas guarda sua maior demonstração de poder para o fim de ano, quando organizará uma “apresentação particular” para os funcionários e seus asseclas.

Na sala de leitura, mesas e cadeiras foram dispostas nos cantos e um palco de madeira foi montado junto à parede. O espaço central está coberto de lençóis brancos e travesseiros de espuma espalhados. Duas garrafas de Johnny Walker Black Label foram colocadas no meio e frutas secas estão servidas em tigelas de inox estrategicamente espalhadas pelo local.

Babloo Tiwari, reclinado sobre um travesseiro, toma um gole de uísque do copo que tem na mão, joga uma castanha de caju na boca e fica olhando para a bela mulher sobre o palco. Vestindo uma minissaia e um blusa colante, ela está ocupada em imitar os movimentos de Shabnam Saxena ao som de um playback de todos os seus sucessos no cinema.

À esquerda de Babloo está o diretor do presídio e à sua direita, Mohan. Logo atrás deles estão os demais funcionários, e atrás destes, quinze detentos que receberam o privilégio de assistir o show. A menina balança os seios voluptuosos na cara dos homens, que a desejam com os olhos, chamam-na de “jaaneman” e “querida” e fazem gestos vulgares com os dedos. Conforme a noite avança e o nível de embriaguez se eleva, alguns funcionários sobem no palco e se juntam à

dança. Um policial mexe os quadris sugestivamente enquanto outro tenta sem sucesso pegar a saia da menina. Babloo também sobe atrás da dançarina e faz chover sobre ela um bolo de notas de cem rupias. O

diretor observa bonachão, olhando de quando em quando para o Rolex em seu pulso, que Babloo lhe dera de manhã.

“Fantástico, sahib Babloo! Nunca tinha pensado em um show desses dentro de uma prisão”, o dr. Tirumurti cumprimenta o gângster.

“Meu lema sempre foi ‘viva e deixe viver’”, diz Babloo orgulhoso e olha para Mohan. “Então, sahib Kumar, que tal? Está achando Tihar um bom lugar para passar o Ano-Novo?”

“Você tem razão”, concorda Mohan. “Tihar não é assim tão ruim afinal. Saúde!”

Pouco antes da meia-noite, Mohan sente vontade de fazer xixi. Ele sai da sala, trêmulo de frio com a rajada de vento que atinge seu rosto. A noite está fria mas o céu pulsa com as explosões dos fogos e rojões. Enquanto cruza o pátio, ele ouve um ruído indefinido de algo se movendo e de repente sua boca é tapada por uma enorme mão que lhe chega por trás. Ele esperneia desesperado para se soltar, mas uma coisa fria, dura e metálica roça suas costas. “Um só movimento e eu estouro suas entranhas, entendeu?” Duas outras sombras se materializam na escuridão, cercando-o pelos lados. Ele vê seus rostos e sente a boca secar. São os terroristas da temida Lashkar-e-Shahadat, o Exército do Martírio.

Os três homens o empurram até o portão. O pátio está deserto — as sentinelas estão todas assistindo ao show de dança, cujos sons distantes ainda se podem ouvir. Há um único guarda vigiando o portão principal. Ele observa os fogos no céu, com o rifle apoiado na perna. O líder do grupo anda na ponta dos pés até o guarda. Num movimento ágil, agarra-o pelo pescoço e o derruba no chão.

“O que... o que... o que vocês estão fazendo fora das celas?”, a sentinela aturdida pergunta enquanto é imobilizada no chão.

“Cale a boca!”, ordena o líder, enquanto um dos parceiros pega o rifle e ameaça o guarda com ele. “Abra o portão.”

Tremendo de medo, a sentinela pega um molho de chaves do bolso da calça. Com os dedos agitados destranca o cadeado e o portão se abre. No mesmo

instante o líder bate no guarda com a coronha de sua pistola. Ele cai sem fazer barulho.

Mohan fica apavorado. “Por favor, não me mate”, ele implora a seus sequestradores. O líder dá uma risada. É a última coisa que Mohan escuta antes que sua cabeça exploda de dor e tudo fique preto.

Quando retoma a consciência, uma enfermeira está inclinada sobre ele.

“Onde estou?”, pergunta Mohan.

“Na enfermaria”, ela diz.

Ele vê um jornal na mesa de cabeceira e pega para ler. Sua foto está estampada na primeira página. “OUSADA FUGA DA PRISÃO DE TIHAR — GANDHI BABA FERIDO”, diz a manchete. Embaixo vêm os detalhes: “Oficiais embriagados mal conseguiram explicar o que estavam fazendo assistindo a um show de cabaré dentro da prisão de segurança máxima enquanto três temíveis terroristas estrangeiros fugiam. O modo como escaparam das celas e conseguiram uma pistola dentro do complexo penitenciário de Tihar ainda está sendo investigado. Enquanto isso, medidas severas foram tomadas”.

A reação do governo não se fez esperar. O diretor foi suspenso. Oito carcereiros foram transferidos sumariamente. Um novo carcereiro mais durão foi chamado. Babloo Tiwari e Mohan Kumar são removidos de sua cela suntuosa e levados a um quarto mais estreito, já com dois outros prosioneiros – o professor Varshney e o dr.

Tirumurti.

O gângster xinga os fugitivos. “Malditos desgraçados, agora vou ter que sofrer como o resto. Tiraram meu celular.

Até o rádio e a televisão foram proibidos. Como vou sobreviver nesse buraco do inferno?”

“O Gita diz: desapegue-se e dedique-se a servir a Deus e aos homens”, recita Mohan.

“Quem é o Gita?”

“Gita é a chave para os livros sagrados do mundo. Ele ensina o segredo da não violência, o segredo da realização de si mesmo através do corpo físico.”

“Que merda é essa que você está falando, sahib Mohan?”

“O verdadeiro desenvolvimento consiste em reduzir-se a zero.”

“Ele ficou louco?”, Babloo olha para Tirumurti.

“Não, saab Babloo. Ele está revelando o conhecimento que até agora manteve oculto de todos nós. Estamos testemunhando o renascimento do Gandhi Baba.”

“Isso é muito conveniente”, zomba Babloo. “Enquanto estávamos na cela VIP ele não tinha pudores de beber o meu uísque. Agora que estamos nesse cubículo infernal, ele vira o Gandhi Baba? Vou lhe contar, ele não passa de uma fraude.”

“Você viu essa notícia, saab Babloo?”, Tirumurti mostra no jornal que traz na mão. “Diz aqui que o julgamento do caso Vicky Rai foi adiado para o dia 15 de fevereiro.”

“Que diferença faz a data em que darão o veredicto? Todo mundo sabe qual vai ser o resultado”, Babloo encerra o assunto.

“É, não existe justiça neste país”, suspira Tirumurti. “Um homem como Gandhi Baba na cadeia e um assassino como Vicky Rai livre pagando fiança.”

A súbita menção do nome de Vicky Rai põe Mohan Kumar em alerta. Sua sobrancelha se levanta e suas pupilas se dilatam. “Vicky Rai... Vicky Rai... Vicky Rai”, murmura ele, como se alguém tivesse tocado numa velha ferida.

“Vamos apostar nesse caso. Eu aposto um milhão contra um que Vicky Rai será solto”, declara Babloo.

“Eu concordo”, assente Tirumurti com a cabeça.

“O que é isso?”, Mohan os repreende. “Vocês falam como se os ingleses ainda dessem as ordens na Índia.

Naquele tempo, eu concordo, não havia justiça em noventa e nove por cento dos casos. Mas agora nós estamos no poder. Tenho certeza de que Vicky Rai

receberá o que merece. A gente devia ter fé no Judiciário."

"Certo, Gandhi Baba, vamos ver quem tem razão no dia 15", diz Babloo, tremendo discretamente.

"Você está com febre?", Mohan pergunta preocupado.

"Não. Só um calafrio passageiro", diz Babloo.

Nos dois dias seguintes, o comportamento de Babloo vai se tornando cada vez mais esquisito. Ele fica agitado com qualquer coisa, reclama sempre de enjoo e da visão borrada e tem ataques de tremores incontroláveis. Do nada, começa a desconfiar que Tirumurti é um informante e o avisa para ficar longe dele. Para de comer completamente e se recusa a sair da cela. À noite, encolhe-se todo e fica se virando sem parar no chão de pedra como um homem que sente muitas dores.

Tirumurti rapidamente diagnostica sua doença. "Babloo está com os sintomas da síndrome de abstinência, agora

que já não tem mais cocaína. Precisamos dar um jeito de arranjar uma dose para ele, ou ele pode morrer."

"Discordo", diz Mohan com firmeza. "Um doutor que estimula o vício de seu paciente degrada a si mesmo e ao paciente. Babloo não precisa de drogas. Precisa de bondade e amor."

A chegada de Mohan ao encontro de orações no dia seguinte causa considerável comoção. Ele faz um longo e impressionante monólogo sobre os perigos da dependência das drogas e a importância da fé e os benefícios do celibato. Pede que cada um dos detentos se apresente, solicitando-lhes detalhes sobre suas histórias pessoais e tempo de pena. Parece estranhamente interessado na saúde das pessoas, oferecendo remédios caseiros para um preso que reclamava de cólicas. Dá a impressão de estar fascinado com a biblioteca, verifica se o aparelho de som vai tocar alguma bhajan, e na hora do almoço pede leite de cabra ao cozinheiro.

Passa a dormir no chão, insiste em limpar ele mesmo a latrina e fica feliz de limpar as dos outros também.

Começa um jejum de silêncio uma vez por semana, dizendo que se abster de

falar lhe traz a paz interior.

Um presídio é terreno fértil para o surgimento de líderes. Ali está a banda podre da sociedade, desejosos de alguma esperança a que se agarrar para suportar a dureza da vida no cárcere. Gandhi Baba logo atrai uma grande legião de fãs, e seu principal discípulo é Babloo Tiwari, que fica praticamente curado da dependência

“Sabe qual é a coisa mais difícil do mundo, Gandhi Baba?”, ele pergunta a Mohan certa noite.

“O que é?”

“Fazer despertar a fé num homem que se esqueceu de sua religião. Sou eternamente grato a você, Gandhi Baba, por ter aberto meus olhos para a bondade de Deus.”

“Então você vai cantar Vaishnav Janato comigo amanhã no encontro de oração?”, Mohan lhe pergunta com uma piscadela.

“Não só isso, eu irei raspar meu cabelo e me tornar vegetariano.”

“Maravilhoso. Agora, se você pudesse também parar com as atividades criminosas...”

“Caso encerrado, Gandhi Baba. Baboo Tiwari, o gângster, está morto. Chega de armas para mim.”

Muitos outros detentos seguem o exemplo de Babloo Tiwari e se tornam vegetarianos, obrigando os funcionários a rever o cardápio da prisão. Mohan estimula os prisioneiros a pintar e vender suas telas através de um site criado pelo cunhado de Tirumurti. Convidado a fazer uma palestra no pavilhão das mulheres, ele convence as detentas a fazer aperitivos e petiscos, que então passam a ser comercializados com o rótulo “Favoritos do Bapu”.

Jornais publicam editoriais sobre as reformas de Mohan. Dois traficantes ingleses, Mark e Alan, se tornam discípulos e começam a escrever sua biografia. A Chennai University divulga uma resolução unânime recomendando Mohan para o Prêmio Nobel da Paz.

Com a chegada do dia 15 de fevereiro, só se fala em uma coisa na prisão — o julgamento do caso Vicky Rai. Na véspera do veredicto, Mohan não consegue dormir. Fica andando pela cela enquanto os outros roncam pacificamente.

No dia seguinte, pouco antes do almoço, ele conduz uma comitiva de detentos até o escritório do diretor.

“O que significa isso? O que essas pessoas estão fazendo no meu escritório?”, pergunta o diretor.

“Viemos ver o circo”, informa-o Tirumurti.

“Mas que circo?”

“O julgamento de Vicky Rai”, diz Babloo.

“Ah, sem problemas. Eu também ia assistir.” O diretor aperta um botão no controle remoto e uma televisão decrépita sobre uma estante de livros ganha vida.

Praticamente todos os canais estão transmitindo ao vivo do tribunal em Délhi. O diretor sintoniza na ITN e Barkha Das enche a tela, vestida num salwar kameez azul com um colete de fotógrafo verde-oliva por cima.

“Este será um marco na história da Justiça na Índia”, diz ela. “Assim como os Estados Unidos ficaram em suspense pelo veredicto do caso O. J. Simpson, toda a Índia aguarda a decisão do caso de Vicky Rai. O tribunal atrás de mim está lotado de espectadores, mas temos lá dentro nosso repórter da ITN, Shubhranshu Gupta, que nos dará as últimas notícias. Shubhranshu, o juiz já se pronunciou?”

Ela inclina a cabeça para ouvir a mensagem que chega a seu fone de ouvido, então olha para a câmera e franze o cenho. “Acabamos de ouvir o veredicto, direto do tribunal. Vicky Rai foi considerado inocente do assassinato de Ruby Gill.”

Um silêncio cai sobre o grupo. O diretor desliga a televisão. “Vocês ouviram? Satisfeitos?”, diz ele rispidamente.

“Vamos, agora, de volta para a cela.”

Babloo Tiwari pisca para Tirumurti. “Eu não falei?”

“Se ele foi solto, por que diabos estamos apodrecendo aqui?”, Tirumurti diz indignado.

“Por que seu pai não é ministro de Uttar Pradesh”, diz Babloo.

Mohan sente o chão tremer sob seus pés. Ele precisa segurar o braço de Babloo para se acalmar.

“O que você nos diz, Gandhi Baba?”, perguntam-lhe vários prisioneiros ao mesmo tempo. Ele fica em silêncio.

Durante três dias Mohan se recusa a comer, a falar e a sair de sua cela. Fica deitado na cama o dia todo, fitando o teto com o rosto inexpressivo.

“Coma alguma coisa, Gandhi Baba. Ruby Gill não será vingada com o seu jejum”, implora Babloo.

“Agora só existe um modo de vingar Ruby Gill”, ele murmura por fim.

“E qual é?”

“Vicky Rai deve morrer”, ele diz suavemente.

Babloo enfia um dedo no ouvido para limpá-lo, achando que algo está errado com sua audição.

“Vicki Rai deve morrer”, repete Mohan.

“Achei muito estranho ouvir isso de seus lábios, Gandhi Baba”, diz Babloo.

“Mas eu sempre disse que, entre a covardia e a violência, prefiro a violência. É muito melhor matar um assassino do que deixá-lo matar de novo. Uma pessoa que se deixa sofrer voluntariamente uma injustiça é tão culpada quanto a que comete a injustiça. Então, você faria um último serviço para mim?”

“Por você, estou disposto a oferecer minha vida, Gandhi Baba. É só dizer.”

“Quero que você mate Vicky Rai.”

“Matar Vicky?”, Babloo Tiwari balança lentamente a cabeça. “Existem muitas causas pelas quais estou disposto a dar a vida, mas nenhuma pela qual esteja disposto a matar, Gandhi Baba.”

“Não cite a minha fala para mim mesmo, Babloo.”

“Não é uma citação. Eu de fato acredito nisso. Você me transformou, Bapu.”

“Se você não pode fazer isso, terei de fazer eu mesmo.”

“Você não pode estar falando sério.”

“É sério como a morte. Você me ensina a usar uma arma?”

“Sem problemas. Não só ensino, como vou arranjar para você uma boa arma para quando você terminar sua pena e estiver fora de Tihar. Mas a sua raiva não vai passar em dois meses?”

“Não tenho intenção de ficar aqui mais dois meses.”

“O quê? Não me diga que está pensando em fugir?! Você esteve cavando um túnel durante a noite?”

“Não. Não preciso de túneis para escapar. Vou sair pelo portão principal.”

“E qual é o seu plano, Gandhi Baba?”

“Você vai ver, Babloo, você vai ver só. Mas primeiro preciso que você organize para mim um encontro com todos os detentos.”

Sete dias depois tem início um movimento geral de não cooperação em Tihar. Os detentos se recusam a cozinhar, a limpar, a tomar banho, exigem melhores condições no presídio, tratamento justo e o fim da extorsão pelos carcereiros.

O diretor não acha graça. “O que é isso que você começou, senhor Kumar?”, ele pergunta a Mohan.

“A desobediência civil é um dever sagrado quando o Estado é corrupto e sem leis”, responde Mohan.

O diretor parte para táticas de pulso mais firme, mas os prisioneiros se recusam a

obedecer. A greve entra no décimo dia. O jardim começa a murchar e os banheiros, a feder. Há sujeira acumulada no pátio e poeira nas salas de aula.

São feitas consultas urgentes entre as autoridades penitenciárias e seus superiores. Uma semana depois, Mohan Kumar é libertado prematuramente de Tihar. Shanti está esperando por ele do lado de fora com centenas de pessoas que demonstram seu apoio cantando “Longa vida a Gandhi Baba!”. Ele é escoltado até sua casa por um comboio de carros, ônibus e bicicletas, que passam apertando as buzinas, tocando campainhas. Ao chegar em casa, ele faz um longo monólogo sobre o imperativo de combater a injustiça.

Poucos dias depois, um homem caolho vem visitá-lo com um pacote. “Babloo Tiwari me mandou aqui.

Podemos conversar em particular?”, o estranho pergunta a Mohan.

Eles vão até o jardim. O caolho abre o pacote e tira uma pistola brilhante. “É uma Walter PPK, calibre 32, a melhor do gênero, novinha em folha. A mesma que o James Bond usa.”

“Quanto?”

“Bhai Babloo disse que eu não posso cobrar. É um presente dele.”

“E as balas?”

“O pente está cheio.”

Mohan toma a arma na mão direita e sente seu peso. “Posso experimentar?”

O homem olha para os lados. “Aqui no jardim?”, ele pergunta intrigado.

“Por que não?” Mohan tira a trava de segurança e mira numa garrafa vazia de Coca-Cola no parapeito de madeira do mirante. Aperta o gatilho e com um baque surdo a garrafa se espatifa e se desintegra. Ele faz um sinal de aprovação, sopra no cano fumegante e enfia a arma dentro da kurta.

Shanti corre gritando até o jardim. “O que foi? Ouvi um tiro. Achei que alguém tinha...”

“Shanti, você tem muita imaginação”, diz Mohan calmamente. “A morte é sempre uma bênção, mas é duas vezes mais abençoada quando um guerreiro morre por sua causa — isto é, pela verdade.”

Naquela mesma noite chega um cartão com bordas douradas estampando uma obra de arte especialmente encomendada a M. F. Husain. “Vicky Rai convida para um jantar comemorativo no dia 23 de março no Number Six”, diz o interior em letra cursiva e tinta preta.

Ele lê o cartão e seus lábios se curvam num sorriso perspicaz.

* Em abril de 2000, o governo indiano anunciou a introdução de zonas econômicas especiais no país, consideradas território estrangeiro para os propósitos de operações de comércio, impostos e tarifas. A estratégia depois se tornou muito controvertida em relação às ZEEs, que em alguns estados foi descrita como "grilagem de empresários inescrupulosos".

9. Amor em Mehrauli

Existem apenas três maneiras de ficar rico de uma hora para outra — herdando uma fortuna de família, roubando um banco ou tirando a sorte grande. Há quem encontre sua sorte na forma de um bilhete de loteria, outros com uma combinação de cartas imbatível numa mesa de pôquer. Eu achei a minha há dois dias numa lixeira.

Depois que tirei a pasta do lixo, peguei um ônibus e fui para minha casa no templo. Minha mãe estava na cozinha e Champi via televisão. Entrei no meu quarto e tentei achar um bom lugar para esconder a pasta. Mas um kholi pequeno não tem muitas opções de esconderijo. Acabei tendo que enfiá-la embaixo do colchão, que ficou com um calombo volumoso.

Mas à noite, depois que a mamãe e Champi dormiram, tirei a pasta e comecei a contar o dinheiro segurando uma lanterna entre os joelhos. Eram vinte maços de notas de mil e de quinhentos. Notas novas em folha, recém-saídas do banco. Abri o primeiro maço e comecei a contar. Mil, dois mil... dez mil... quinze mil... cinquenta mil.

Minha cabeça começou a girar com todos os zeros que eu nunca tinha visto na vida. Quando já havia contado doze maços, meus dedos começaram a doer, minha boca deixou de salivar e meus olhos perderam o foco. Para falar sem

rodeios, tinha mais dinheiro dentro daquela pasta do que eu conseguia contar.

Uma onda de prazer percorreu meu corpo, propiciando um acesso de alegria mais forte do que um beijo dos bons. Eu tinha comigo mais dinheiro do que sete gerações da minha família jamais haviam juntado. Mas, mesmo enquanto estava feliz com minha sorte, as primeiras dúvidas começaram a brotar na minha cabeça. E se alguém tivesse me visto pegando a pasta e ligado para a polícia? E se um ladrão entrasse em casa e levasse a pasta? No desespero, eles são capazes de tudo. Na favela Sanjay Gandhi aqui do lado tem muito matador que corta a garganta de um homem por cem rupias. Para pôr as mãos na minha pasta, eles fariam qualquer negócio. Os ricos podem dormir tranquilos porque o dinheiro deles está no banco e eles têm guardas vinte e quatro horas e alarmes em casa.

Mas como o pobre vai fazer para proteger sua grana? Eu fiquei cismando, suando, e passei a noite acordado.

Dinheiro tem essa coisa esquisita — ter demais dá tanto problema quanto ter de menos.

Quando eu estava na escola pública, tínhamos um professor chamado Hari Prasad Saini que gostava de passar testes de inteligência para os alunos. Um dia ele nos perguntou: “O que cada um faria se de repente ganhasse cem mil rupias?”. Lembro que Lallan disse que iria comprar uma loja inteira de brinquedos. Outro menino falou que gastaria tudo em chocolate. Eu disse que daria o dinheiro para a minha mãe. Mas, agora que de fato tenho muito mais do que cem mil rupias, a última coisa que penso é contar para a mãe. Ela é bem capaz de me levar até a delegacia e falar na frente de todo mundo: “Sahib inspetor, por favor, descubra de quem meu filho roubou todo esse dinheiro!”.

Eu havia planejado esconder a notícia da minha fortuna até de Champi, mas passados dois dias eu sabia que seria impossível. Eu nunca escondo nada dela, e preciso contar para alguém. Então, quando a mamãe foi para o templo para fazer seu serviço diário, chamei Champi de lado.

“Estou com o dinheiro para a sua operação”, contei a ela.

“Quanto?”

“Muito mais do que precisamos para pagar o médico.”

“Eu não quero operar”, diz Champi. “Estou feliz assim do jeito que eu sou.”

Sei que ela está mentindo. Ela bem que gostaria de operar, se não por ela, por mamãe, que está sempre preocupada com o casamento dela. “Quem vai querer casar com a Champi, feia como é?”, ela reclama o tempo todo.

Mamãe tem razão. Quem vai casar com a Champi? Ela é um desastre ambulante. A menina mais simpática do mundo, mas também a mais feia. Ela tem lábio leporino, o que faz que a parte de baixo do seu rosto pareça uma caricatura grotesca. O braço esquerdo é totalmente inerte, e ela tem marcas de espinha e catapora no rosto inteiro. O

bom é que ela não pode ver sua feiura. Ela é cega feito um morcego. No entanto, é a pessoa mais famosa de todo o bairro. Sempre colocam a foto dela nas revistas e nos jornais e ela já apareceu até na CNN.

Champi é conhecida no mundo inteiro como o Rosto de Bhopal. Houve uma grande catástrofe numa fábrica em Bhopal há mais de vinte anos. Um gás venenoso, metilisocianato, escapou da Union Carbide e todos que inalaram morreram, ficaram cegos ou enlouqueceram. A mãe da Champi, Fatima Bee, morava em Bhopal na época.

Ela também foi afetada pelo gás, mas sem saber. Ela deu à luz Champi cinco anos depois. Quando os médicos viram o bebê recém-nascido, disseram a Fatima Bee que o gás havia causado cegueira e deformidades. Ainda não sei como o gás ficou no corpo de Fatima Bee por cinco anos e não causou nenhum problema a ela, e só foi atacar a pobre Champi no momento em que ela nasceu.

O governo prometeu dar dinheiro às pessoas afetadas pelo gás, mas isso não incluiu pessoas como Fatima Bee, que só foram afetadas depois. Ela então entrou para uma organização chamada Cruzada por Bhopal, que lutava por indenizações. Como acontece no nosso país, o caso ficou se arrastando por mais de vinte anos sem nenhuma solução à vista. A cada três meses Fatima Bee vinha a Délhi, ia à Suprema Corte, participava de alguns comícios, e voltava a Bhopal. Há dez anos ela decidiu se mudar definitivamente para Délhi, com o marido Anwar Mian e Champi. Eles moravam na favela de Sanjay Gandhi em Mehrauli, que é cheia de refugiados de Bangladesh. Anwar Mian arrumou trabalho numa fábrica de cimento em Mahipalpur. Ouvi dizer que era um homem fechado, taciturno, que bebia feito um gambá, fumava vinte bidis por dia e mal falava

com as pessoas. Um belo dia, foi trabalhar como de costume, voltou para casa à tarde como sempre, e caiu morto durante a noite. Bole toh, ataque cardíaco.

Foi um grande golpe para Fatima Bee, que desde então teve que sustentar Champi sozinha. Ela foi obrigada a costurar para fora para viver. Foi assim que ela conheceu minha mãe, que levou umas camisas minhas para ela costurar. Ela era uma grande costureira. Fez umas camisas para mim que foram as mais perfeitas que já vesti.

Infelizmente Fatima Bee também tinha que lutar contra uma doença. Há três anos ela morreu de tuberculose, deixando Champi sozinha. Foi aí que o pessoal da Cruzada por Bhopal apareceu no templo. Estavam procurando uma família voluntária que estivesse preparada para cuidar da Champi em troca de trezentas rupias (que depois viraram quatrocentas) por mês. Ninguém se ofereceu, até que minha mãe chegou. Ela é a rainha das samaritanas, pronta para dar de comer a uma cobra doente. Deu uma olhada na Champi e a abraçou como se fosse sua própria filha. Houve reclamações da administração do templo. O nojento do padre, que leva o seu todos os dias com as oferendas, fazia objeção a uma menina muçulmana refugiada nas instalações de um templo hindu. Mas minha mãe já tinha decidido. “Que tipo de padre é você? Humanidade agora tem religião?”, ela criticou, acabando com a oposição. Desde então Champi mora com minha mãe e comigo na nossa casa atrás do templo. Acho que posso dizer que ela é como se fosse minha irmã. As pessoas da Cruzada por Bhopal pagam a mãe todo mês e levam a Champi um dia por ano — 3 de dezembro, que chamam de Dia da Ação por Bhopal. Tentam despertar as consciências para a dimensão do desastre num grande comício, muitas vezes usando voluntários fantasiados. No ano passado eram pessoas vestidas de esqueleto. Mas a estrela do show é sempre a Champi, que não precisa de maquiagem para fazer relembrar os horrores de Bhopal.

Logo que Champi veio morar com a gente, mamãe prometeu que iríamos consertar o rosto dela. Até a levamos a um cirurgião plástico. Ele nos disse que a cirurgia ia custar o preço astronômico de trezentas mil rupias. Desde então a gente parou de falar sobre o rosto da Champi. Ela aceitou nossa situação como nós aceitamos o grotesco da sua.

Agora posso tentar reacender essa velha esperança, mas Champi continua teimando.

“Não quero tirar vantagem de um dinheiro de bandido”, ela declarou depois de eu contar de novo toda a saga de como a pasta foi parar comigo.

“Como sabe que é de bandido?”, eu reajo.

“Quem mais ia deixar dinheiro no lixo? E se eles marcaram as notas e chegarem até você?”

“Eles não vão fazer isso. Agora esse dinheiro é meu. E pode apostar que eu vou gastá-lo bem.”

“O que vem de coisa ruim nunca traz o bem. Pense um pouco nas consequências.”

“A vida é curta demais para pensar no futuro.”

“Talvez para você, mas não para mim e para mamãe. Ela está sempre preocupada com você.”

“Pois diga a ela que pare de se preocupar. A partir de amanhã ela não precisa mais trabalhar. Tenho o bastante para nos sustentar por cem anos.”

“Não comece a viajar”, Champi me alerta. “É melhor ficar na moita um pouco antes de fazer grandes planos.”

O conselho dela faz sentido. “Você tem razão, Champi”, concordo. “Ninguém precisa saber sobre a pasta. Vou ficar mais uma semana sem mexer nela. E se ninguém aparecer procurando, a gente respira aliviado e começa a gastar um pouco essa grana, faz a sua operação.”

“Não quero um centavo roubado”, Champi diz com firmeza. “Mas antes de fazer qualquer coisa você não vai querer a bênção do Senhor Shiva? Vá lá se curvar diante do seu Deus pelo menos hoje.”

“O que é que Deus tem a ver com essa pasta? Eu não preciso agradecer nada a Ele”, recuso a sugestão com um gesto de mão.

Champi suspira. “Vou pedir por você para Alá, o que perdoa os pecados, o que presta favores. La ilaha illa huwa, para Ele é o retorno final”, diz ela com as mãos erguidas até o rosto.

Balanço a cabeça. Levando em conta o que aconteceu com os olhos e o rosto dela, a fé da Champi em Deus é ainda mais notável.

“Não vá dar com a língua nos dentes com a mãe”, aviso e saio em direção ao portão principal.

É uma segunda-feira, dia do Senhor Shiva, e o templo já está ficando cheio de adoradores. Ao meio-dia a fila para o dársana terá meio quilômetro

O templo Bhole Nath de Mehrauli é uma construção nova, tem menos de vinte anos. Tudo indica ter sido erigido com o propósito da maioria dos templos da cidade — para ocupar o terreno. Mas sua fama se espalhou rápido e agora virou lugar de peregrinação. Os devotos acreditam que o templo tem o poder de realizar desejos, e podem ser vistos a qualquer hora do dia se amontoando no imenso salão de mármore, meditando sentados no chão ou cantando. É aí também que minha mãe está toda manhã, limpando cuidadosamente o chão, esfregando as pedras, jogando água para desentupir os ralos.

Muitas atividades úteis podem ser feitas dentro do templo, mas a única que me interessa é olhar as meninas.

Porque, como Shiva é considerado aquele que arruma bons maridos, tem sempre um fluxo constante de moças solteiras e noivas jovens entrando no templo para pedir um bom partido ou uma família harmoniosa. Ah, se essas gatas soubessem que tem um ótimo noivo olhando na esquina, no Kholi número 1!

O templo faz parte da minha vida desde que tenho seis anos de idade. Fui testemunha do seu crescimento e expansão. Vi o jardim brotar e as árvores florescerem no cercado. Cresci vendo o preço das flores e dos doces aumentar, como a barriga dos fabricantes de doce e dos padres.

Um pouco da sorte do templo veio da gente. Quando mamãe ainda não trabalhava aqui, a gente morava na favela de Sanjay Gandhi, num barraco, coberto de placas de metal. Não tinha luz nem água. Minha mãe cozinhava uns hambúrgueres de bosta de vaca num fogareiro sujo que enchia o barraco de fumaça e fazia os meus olhos lacrimejarem. Agora temos uma casa pukka, de um cômodo e meio, com uma fogueira revestida, um ventilador de teto e até televisão a cabo (que eu puxei da conexão do templo). Claro, ainda é muito pouco para abrigar três pessoas.

Dividi o cômodo principal em dois com uma divisória de madeira. Fico com um lado, com o meu colchão e uma mesinha de madeira, e minha mãe e Champi com o outro. Decorei as paredes do meu lado com pôsteres de Salim Ilyasi e Shabnam Saxena, embora fiquem meio escondidos pelas minhas calças e camisas penduradas num cabideiro preso na parede. Mamãe tem uns calendários velhos de deuses e deusas nas paredes dela. Ela tem também um armário de alumínio com algumas roupas. A parte de cima serve de aparador para uma foto em preto e branco emoldurada do pai, com uma guirlanda de rosas delicadas. É o bem mais precioso da mãe. Ela vê o marido naquela

fotografia, mas eu vejo um mártir.

Minha mãe nunca fala sobre isso, porém descobri que meu pai morreu num acidente de carro. Eu só tinha seis anos na época, mas ainda me lembro do corpo do meu pai morto caído do lado de fora do nosso barraco, coberto com um lençol branco, e mamãe quebrando as pulseiras e batendo várias vezes a cabeça na parede. Uma semana depois um homem grandalhão vestido de kurta veio ver minha mãe com as mãos postas. Ele derramou algumas lágrimas de crocodilo e lhe deu vinte e cinco mil rupias. Ele também arranjou para ela o emprego no templo e esta casa. O pai nos deu na morte o que não pôde dar em vida.

“Já faz um mês que você parou de trabalhar para os Bhusiya. Você vai começar a procurar outro emprego ou não?”, a mamãe perguntou quando voltou no fim do dia. Isso já virou seu estribilho. “Para que tanta educação universitária se vai virar vagabundo? Arrey, se você não pensa na coitada da sua mãe, pense um pouco na sua irmã Champi. Como vou arrumar um casamento para essa menina se você se recusa a ganhar dinheiro? Meu Deus, por que me fez dar à luz um vadio desses?”

Sorrio para ela: “Estava só esperando para dar as boas-novas. Acabei de começar num novo emprego — gerente operacional de uma fábrica de caixas na MG Road. Vão me pagar dez mil por mês.”

“Dez mil?”, os olhos da mãe se arregalam. Ela me olha desconfiada. “Você não está me enganando, não é?”

“Juro pelo pai que é verdade”, digo solene.

“Louvado seja o Senhor Shiva... Louvado seja o Senhor Shiva.” A mãe olha para o céu e sai correndo de casa.

Pelo jeito ela foi distribuir doces para todo mundo no complexo do templo.

Champi não se abala. “Como pode mentir tão descaradamente? Tenho pena da mulher que se casar com você.”

“Mas você acha que ela vai preferir um mentiroso milionário ou um pobre honesto?”, dou um riso malicioso.

Uma jovem vestindo jeans e um top estampado veio entrevistar Champi. Ela é bem bonita, cabelo curto e olhos castanhos. O nome dela é Nandita Mishra e disse que é documentarista.

“Estou fazendo um filme sobre a Tragédia do Gás de Bhopal, mostrando a situação vinte e cinco anos depois.

Queria ter a perspectiva da Champi de Bhopal”, ela me diz, já armando o seu tripé. Champi corre para a cozinha, joga uma água na cara, põe uma flor no cabelo e volta para enfrentar a câmera de vídeo. Ela acabou virando uma ótima entrevistada, apimentando suas frases com palavras como “contaminação”, “conspiração” e “indenização”.

Depois da filmagem com a Champi, a mulher se vira para mim.

“Você conhece alguém na favela de Sanjay Gandhi?”

“Por que a pergunta? O que alguém iria querer fazer lá?”

“Meu próximo projeto é um filme sobre a vida nas favelas. Uma coisa na linha de Salaam Bombay!, só que mais duro, mais crítico. Nós vemos a favela com certa distância, pela janela do trem ou do carro, mas quantos de nós já ousaram entrar em uma? O meu documentário vai tentar dar aos espectadores uma autêntica experiência da vida na favela.”

“Favela não é atração turística, madame”, digo em zombaria. “Para ter a experiência do favelado, é preciso ter nascido na favela.”

Ela me olha com interesse. “Essa é uma boa fala. Você pode repetir para a câmera?”

Então eu também me preparo para dar uma entrevista pela primeira vez na vida,

falando sobre a vida na favela de Sanjay Gandhi. Assunto que eu conheço bem. A favela foi o meu quintal desde os três anos de idade. Tenho muita experiência de favelado — como uma família de seis pessoas consegue se apertar num espaço de dois e meio por dois e meio. Como uma menina faz para se proteger enquanto toma banho de bica num banheiro público na frente de centenas de pessoas. Como um casal consegue fazer amor diante dos olhares furtivos que observam cada um dos seus movimentos clandestinos. Como uns marmanjos crescidos ficam sentados em fila cagando feito búfalos na beira do trilho do trem. Como os pobres se reproduzem feito mosquitos e vivem feito cachorros, enquanto os cachorros dos ricos dormem em colchões Dunlopillo em mansões sem mosquito nenhum.

Eu poderia ter falado todas essas coisas, mas quando me vi cara a cara com a lente da câmera, vacilei e fiquei mudo. Nandita Mishra tenta me estimular, mas as palavras de repente se ressecam dentro de mim. Ela desiste e começa a guardar o equipamento.

Depois que ela se vai, eu fico lamentando meu fracasso. Terá sido por causa da câmera na minha frente ou da pasta embaixo da minha cama? Será possível que agora que estou rico não consigo mais pensar como um favelado?

Dez dias se passaram desde que peguei a pasta e ninguém veio procurá-la. Conforme planejado, dentro do templo vou continuar com a minha vida exatamente como antes. Serei frugal e abstêmio. Mas do lado de fora posso me dar ao luxo de ser uma pessoa totalmente diferente. Posso começar a gastar um pouco do dinheiro, desfrutar da minha sorte grande. Resolvo começar chamando um táxi.

O ponto fica duas ruas abaixo da rua do templo. Há um táxi amarelo e preto estacionado e o motorista está lendo jornal dentro do carro. Bato na janela. “Está livre?”

O motorista, um velho sikh com barba desgrenhada, desce o vidro e cospe outra pergunta: “Quem precisa do táxi?”.

“Eu mesmo.”

Ele olha para minhas roupas desmazeladas e o rosto sujo com irreprimível desprezo. “Oy, você já pegou táxi alguma vez na vida? Sabe quanto custa?”, ele pergunta sarcástico.

“Eu andei de táxi a vida inteira, sardarji”, retruco, surpreso com a arrogância da minha voz. Mostro algumas notas de mil rupias para ele. “Agora me leve ao Ansal Plaza. E depressa.”

“Sim, sahib.” A conduta do motorista muda na mesma hora. “Por favor, entre.” Ele se livra do jornal e liga o taxímetro.

Sento-me no banco traseiro de um táxi pela primeira vez na vida, junto as mãos atrás da cabeça e estico as pernas. Começou a vida de luxo.

*

Percorro o shopping fazendo compras com sentimento de desforra. Tudo que meu coração sempre desejou mas minha carteira não permitia eu compro. Compro uma camisa da Marks & Spencer, uma jaqueta de couro da Benetton, jeans Levi’s, óculos escuros da Guess, perfume Lacoste e tênis Nike. Reduzo dez anos de contemplação de ficar vendo vitrine a uma hora de compras desenfreadas, gastando vinte mil rupias em apenas seis lojas. Então vou aos luxuosos banheiros, lavo o rosto e me troco, visto a calça jeans nova, a camisa e os tênis, e ponho a jaqueta por cima. Espalho no corpo o perfume caríssimo e fico diante do espelho de corpo inteiro. O homem que me olha é um estranho bonitão, alto e magro, com o rosto barbeado e os cabelos encaracolados, rebeldes, como o do ator Salim Ilyasi. Estalo os dedos olhando o espelho e faço uma pose de Michael Jackson. Então enfio minhas roupas velhas e os sapatos numa sacola do shopping e saio gingando com meus óculos escuros. Uma garota bonita de jeans e camiseta olha para mim e parece gostar. Dez minutos atrás ela não teria nem reparado em mim. Isso me faz perceber como o hábito faz o monge. E sei que na verdade os ricos não têm nada de muito especial. Eles só se vestem melhor.

Senti vontade de sair dançando e cantando: “Saala main to sahab ban gaya!”, Munna Mobile virou um cavalheiro. E agora precisa de uma dama.

Passei o resto da tarde no South Extension Market, vendo as meninas chiques com suas roupas chiques. Elas surgem de dentro de carros caros e entram em lojas caras que vendem bolsas de designers e sapatos de marca. Sigo um grupo delas até um showroom da Reebok e o segurança na entrada me cumprimenta e mantém a porta aberta. O

gerente me pergunta se quero beber um refrigerante ou uma xícara de chá. Dou

risada e converso com as vendedoras. Elas flertam comigo. A experiência me reconforta e me faz ficar feliz por dentro. Ao sair do showroom com aquecimento central, resolvo experimentar o restaurante Deluxe Indian, ao lado. Degusto uma farta refeição de

frango na manteiga, seek kebabs e pão naan, que me sai por oitocentas rupias. De volta à rua principal, dou uma última olhada na sequência de empórios bem iluminados, com suas vitrines de acrílico apinhadas de produtos. O

brilho atraente da cidade agora não me parece mais tão estranho. Eu também me tornei um cidadão naturalizado neste mundo espetacular.

Minha próxima parada é a Infra Red, uma boate muito cobiçada, considerada o lugar do momento na noite da capital. Dinoo, meu amigo da favela que foi garçom lá por algum tempo, me havia dito que as garotas mais bonitas frequentam a casa, e “seminuas”, além do mais.

O táxi me deixa bem em frente ao neon reluzente da entrada. Ainda são nove da noite, mas já se formou uma bela fila diante da porta de madeira entalhada, bloqueada por uma faixa de veludo. Dois leões de chácara musculosos e carecas, vestindo ternos pretos idênticos, ficam na frente da porta revistando os fregueses. Dois mendigos parados na calçada aguardam os carros na esperança de uma esmola. Fico na fila e só depois de quinze minutos chega a minha vez de entrar. Um dos seguranças me dá uma olhada de cima a baixo. Faz um sinal com a cabeça para o colega, que me pede três mil rupias de “taxa de solteiro”. “Três mil rupias? Isso é um absurdo!”, é o que eu quero gritar, mas não falo nada e desembolso mais três notas do bolso. Recebo um papel, soltam o gancho da faixa de veludo e sou escoltado porta adentro. Desço uns vinte degraus até o que parece ser um porão. Consigo ouvir o som abafado da batida da música. O som fica mais alto conforme me aproximo de outra porta. Um porteiro uniformizado confere meu papel e aperta um botão. A porta se abre sozinha e entro na penumbra de um salão lotado de gente. A música é tão alta que meus tímpanos parecem estourar. Logo à minha direita fica um bar com o formato de uma ilha cercada de pequenos sofás amarelos. À minha esquerda está a pista, um vasto espaço quase que só de espelhos, com uma imensa luz estroboscópica pendurada como um candelabro, piscando em verde, azul e amarelo em intervalos regulares. O clima é de celebração e a pista está cheia de corpos suados e embalados, dançando com uma energia enlouquecida. O DJ fica uns seis metros acima numa espécie de balcão de vidro e aço. De quando em quando uma

fumaça branca sai pelo meio da pista como uma fonte fantasmagórica.

Dinoo tinha razão. Todas as mulheres estão com vestidos colantes ou blusas decotadas que mostram a nuca e metade dos seios, ou camisetas curtas que deixam a barriga de fora e microminissaias que mal escondem a calcinha.

A pista tem mais pele à mostra do que a FashionTV.

A fumaça, a luz, a música, tudo contribui para um clima de se deixar levar sem pensar muito, como se a Índia fosse deixada para trás e estivéssemos em um novo e audacioso país com as próprias regras e códigos.

Conforme vou me acostumando com a decoração luminosa de neon e com a penumbra, reconheço alguns rostos famosos no bar. Ali está a Smriti Bakshi, a estrela da novela, Simi Taka, a atriz, e o Chetan Jadeja, ex-jogador de críquete. Outro homem que tem o rosto familiar, cabelo com gel e bíceps avantajados, está conversando com um estrangeiro. Há um grupo de garotas com jeans de marca e salto alto, com pinta de modelos glamorosas. Todo mundo parece importante. Sinto-me um penetra numa festa cheia de estrelas e celebridades.

O garçom, um rapaz de cabelo emplastrado e gravata-borboleta, me pergunta se quero beber alguma coisa. “O

que você tem?”, pergunto. “Tudo, senhor.” Ele aponta para as fileiras de garrafas atrás de si. Tento descobrir o que as modelos estão bebendo. Elas pedem coisas como Long Islands com chá gelado, piña coladas e margaritas de morango, das quais nunca ouvi falar, e exibem seus cartões de crédito com displicência.

Fico com vontade de mijar e vou ao banheiro dos homens. Assim que abro a porta, escuto uns sons esquisitos.

Um casal de garotas brancas, firang, está lá dentro, dando risada e cheirando cocaína em cima da pia. Elas me encaram como se eu fosse um intruso. “Vá embora”, diz uma delas.

Saio às pressas e me dirijo para a pista. O DJ, que até agora vinha tocando música inglesa, solta um remix do filme Dhoom 2, provocando gritos de aprovação. É uma música que eu conheço bem, porque já vi esse filme umas doze vezes. Decorei todos os movimentos da incrível dança do Hrithik Roshan. E não sou só eu. Todo menino da favela é um Michael Jackson à espera de um

espaço para brilhar. Sempre foi minha fantasia secreta dançar numa boate onde o DJ colocasse minha música favorita e eu pudesse mostrar os passos que há dez anos venho ensaiando na frente da televisão. Vou poder fazer o moonwalk e a ginga lateral sem sair do lugar, vou girar de cabeça e andar com as mãos. A multidão abrirá espaço e todo mundo ficará de lado, aplaudindo meus movimentos. Mas agora, quando tenho a chance, sinto-me estranhamente nervoso e inseguro, como se minha dança fosse me fazer parecer um

impostor.

Sinto-me sufocado. A pista já não parece estar bombando. É então que percebo atrás da pista uma outra área separada por cortina. Atravesso a multidão, às cotoveladas, por entre a massa de gente, e entro ainda em outro salão, que é muito mais informal. Em vez de sofás e banquetas de bar, há tapetes e almofadas, uma televisão de tela plana e algumas plantas artificiais. Há também um pequeno bar com um garçom bocejando. Só algumas pessoas estão ali —

um casal sentado num canto sussurrando confidências, uma menina entediada com um cara mais velho, tentando enviar uma mensagem de texto de seu celular, e um grupo de estrangeiros cabeludos que divide um narguilé.

Vejo uma garota sentada sozinha, de costas para mim, vendo televisão, que provavelmente deve estar ligada na NDTV em vez de na MTV. Ela é magra, cabelo preto comprido, e talvez seja a única garota em toda a boate a vestir uma roupa indiana, uma salwar kameez azul.

Aproximo-me dela. Ela sente a minha presença e se vira. Vejo o rosto oval, um nariz benfeito, lábios carnudos e um par de olhos castanhos que parecem prestes a cair no choro. É uma das garotas mais bonitas que já vi na vida.

“Hi!”, digo, porque os ricos só falam em inglês.

Ela me olha com uma expressão desamparada e não responde. Noto que está mordendo o lábio.

Outra garota, com uma calça jeans justa e cinto de tachinhas, aparece de repente ao lado dela. Ela usa um batom vermelho para combinar com as listras vermelhas de sua camiseta, cujo decote deixa ver claramente seus seios. “Ritu, espero que você não esteja muito entediada, yaar”, ela diz em híndi. “Bas, Tony e eu vamos dançar só mais um pouco e depois vamos embora.”

Então ela repara em mim atrás da Ritu. “Ei, mister, não quer pagar uma bebida para a minha amiga?”, ela diz em inglês.

Com isso se esgota todo o meu inglês. “Prefiro falar em híndi”, digo a ela, em tom encabulado.

“Legal”, diz a garota, estendendo a mão. “Meu nome é Malini. Esta é a minha amiga Ritu. Ela também só fala híndi simples.”

Quando Malini desaparece na pista de dança, estendo minha mão e dessa vez Ritu a segura. Seu toque é suave e delicado. Sento-me ao seu lado.

“Você já sabe o meu nome. Qual é o seu?”, ela pergunta em híndi.

Percebo na hora que Munna Mobile não vai colar nessa boate sofisticada. Preciso de um nome mais forte e sem demora. A pessoa mais poderosa que conheço é o Açougueiro de Mehrauli, o inspetor Vijay Singh Yadav, e quando me dou conta já deixei escapar esse nome. “Vijay Singh, meu nome é Vijay Singh”.

Ela se anima. “Você também é takhur, como eu?”

“Sim”, concordo. “Também sou thakur.”

“E o que você faz da vida, Vijay?”

Essa é fácil. Faço o que qualquer comerciante de meia-tigela faz nesta cidade. “Importação e exportação.”

“Onde você mora?”

Essa é mais difícil. Não ouso dizer Kholi número 1. “Um pouco aqui, um pouco ali”, digo, mexendo as mãos.

Antes que ela possa continuar me examinando, disparo meu ataque: “E você? Onde você mora?”.

“Oh, não sou de Délhi. Moro em Lucknow. Só estou de visita.”

Isso explica a roupa e o linguajar. “E o que você faz?”

“Estou no último ano na Universidade de Lucknow. Estou me formando em ciências domésticas. Quando você se formou?”, ela pergunta.

“Há dois anos”, respondo.

“Onde?”, ela insiste.

“Universidade de Délhi”, digo, disfarçando um pouco o fato de que fiz um curso por correspondência e que levei quatro anos para terminar — e mesmo assim com um diploma de terceira classe.

Conseguimos entabular uma conversa por mais duas horas, falando disso e daquilo. Ela me pergunta sobre os livros que li e sutilmente eu desvio para os filmes que vi. Ela me conta sobre Lucknow. Eu lhe falo sobre Délhi. De repente notamos que temos muito em comum. A mesma desconfiança dos políticos; o desprezo pela arrogância do dinheiro e somos ambos fãs de Shabnam Saxena.

Por volta das onze da noite, Ritu se prepara para ir embora. “Foi bom conversar com você, Vijay. Espero que nos encontremos de novo”, ela diz e me passa um pedaço de papel. É o número do celular dela.

Saio da boate com Ritu e a amiga. A fila do lado de fora está ainda maior. Uma BMW com motorista se aproxima e um segurança alto e de bigodes portando um AK-47 abre a porta para ela. Ritu cuidadosamente evita olhar para mim ao sentar no banco de trás com Malini. O carro vai embora, deixando-me ali parado na calçada. Ao longo da noite, Ritu se esquivou de perguntas pessoais sobre sua família, mas aquele segurança armado e de uniforme me deu o que pensar. Quem seria aquela garota misteriosa e por que me daria o número do seu celular?

Antes que consiga pensar no caso sou abordado por um mendigo fedorento com um braço estropiado que agarra minha perna feito uma sanguessuga, um lembrete claro de que estou de volta à Índia. “Não como nada há três dias.

Por favor, me dê algum dinheiro!”, ele implora. Procuro nos bolsos e lhe dou duas ou três moedas de uma rupia.

Assim, livro-me dele e me enfio num beco tranquilo para me trocar e vestir minhas roupas de sempre. Vijay Singh já se divertiu por hoje. Agora é hora de Munna Mobile voltar à cena.

Tomo um ônibus de volta ao templo. Mamãe está dormindo mas Champi ainda está acordada. “Você está com um cheiro diferente”, ela diz assim que eu entro, me fazendo parar. Champi é assim, ela é cega, mas enxerga mais do que muita gente que usa os dois olhos.

“Ah, sim, eu passei perfume.”

“Tem cheiro de caro. Parece que você já começou a torrar o dinheiro.”

“Bem, já se passaram os dez dias.”

“Você saiu com uma garota?”

“Como assim?”

“Você está com o cheiro dela também.”

Fico sem fala com a intuição da Champi.

Espero que ela pegue no sono antes de retirar a pasta e abri-la, para sentir outra vez a emoção e contar os maços de notas que ainda tenho. No entanto, mais uma vez, a tentativa não dá em nada. Não porque não sei contar, mas porque hoje à noite minha concentração se perde em outros números de dez algarismos zumbindo em meu cérebro. O celular da Ritu.

Sem dúvida estou impressionado com sua beleza. Aquele meu velho desejo reprimido de seduzir uma memsahib rica se ergue em minha cabeça como uma cobra enrolada. Penso em qual seria o melhor momento de telefonar para ela. Se ligo amanhã, posso parecer muito ansioso e impaciente, e isso poderia arruinar minhas chances. Por outro lado, se demoro muito ela pode me achar arrogante e desinteressado.

Enquanto ainda estou pensando no que fazer, ocorre-me que na verdade nem tenho celular. Então, na manhã seguinte, vou ao Delite Phone Mart e compro um Nokia 1110 básico, para não levantar suspeita. É igual ao aparelho barato que o vendedor da tabacaria da esquina e o faxineiro do bairro usam. É estranho para mim comprar um celular pela primeira vez na vida com meu próprio dinheiro. Bem, o dinheiro é meu, não é?

Por mais que me esforce, não consigo resistir à tentação de telefonar para Ritu.

Dez minutos depois de colocar o cartão SIM, estou digitando seu número. Ela parece que estava esperando minha ligação, e atende ao primeiro toque.

“Alô, Ritu? Vijay Singh falando”, digo algo desajeitado.

“Oi, Vijay”, ela responde, meio retraída.

Há um silêncio constrangido enquanto penso no que dizer. Nunca tive antes a chance de falar ao telefone com uma garota rica. Tento pensar no que uma garota como ela gosta de fazer e a única coisa que me ocorre é fazer compras.

“Quer sair para fazer compras?”, pergunto.

Há outra pausa enquanto Ritu pensa no que fazer dessa proposta. “Sim. Seria legal. Aonde você sugere ir?”

“Onde você está?”

“Mehrauli”, ela responde, para minha surpresa.

“Mas que coincidência! Eu também moro em Mehrauli! Então que tal nos encontrarmos no Ambawata

Complex? Lá eles têm todas as lojas de estilistas.”

“Não”, ela diz após outra pausa. “Eu prefiro algum lugar longe de Mehrauli. Que tal o Connaught Place?”

“Claro, eu sempre vou lá.”

“Ótimo. Então pode ser às três?”

“Onde?”

“Só conheço a Wimpy. A Malini me leva lá às vezes.”

“Perfeito. Eu conheço a Wimpy. Vejo você lá às três.”

Antes mesmo de desligar, já descobri tudo sobre a srta. Ritu e as táticas que precisarei empregar para seduzi-la.

Fica claro pela nossa conversa que ela é uma garota de cidade pequena procurando diversões baratas na cidade grande, longe dos olhos da família. Tenho certeza de que está disposta a ter um caso passageiro com outro thakur!

Por uma gata como ela, eu gastaria fácil vinte mil rupias. Vamos fazer compras loucamente, vou deixá-la impressionada com a minha extravagância, e depois levá-la para a cama!

A primeira coisa que faço é comprar uma camisa de flanela nova e uma calça de veludo no Metropolitan Shopping Mall. Não quero que Ritu me veja com as mesmas roupas da noite passada. Então, num embalo, entro num cinema multiplex e assisto a um filme inglês. Mal consigo entender as falas, mas um delicioso contentamento me invade enquanto olho para aqueles atores brancos falando inglês durante uma hora e meia. Não sei por quê, mas aquilo me faz sentir mais bem preparado para sair com uma menina rica. Saio do cinema, ponho meus óculos escuros e tomo um riquixá motorizado.

Chego a Connaught Place às quinze para as três e fico esperando Ritu na frente da Wimpy. Ela chega pouco depois das três, dessa vez num outro carro — um Mercedes SLK 350, mas com o mesmo segurança de bigode no banco da frente segurando uma AK-47.

Ela sai do carro, diz alguma coisa ao segurança e o carro vai embora. Hoje ela veio com um churidar bege e uma kameez combinando. Um chunni vermelho estudadamente jogado sobre o colo. À luz do dia, ela é ainda mais bonita e radiante. Fico admirando as linhas suaves de seu rosto e o delicado arco do pescoço, maravilhado com a minha sorte de sair com uma beldade dessas.

Ela me localiza no mesmo instante e um sorriso caloroso se acende em seu rosto. “Oi, Vijay”, ela me cumprimenta, olhando para os lados desconfiada, talvez observando se não há algum parente seu espiando por ali.

Sinto então que está na hora de saber algo mais sobre sua família. “Ontem você estava com um segurança armado também. Por que isso?”

“Meu pai faz questão que eu sempre saia com um. Ele se preocupa com a minha segurança.”

“Ele é um homem de negócios?”

“Um tipo de executivo”, ela diz, e tenta mudar de assunto. “Então, o que você quer comprar em Connaught Place? Nunca comprei nada aqui.”

“Eu não preciso de nada. Vamos comprar coisas para você”, respondo e abro para ela a porta da butique com ar-condicionado que vende roupas de estilistas famosos. Ritu procura nas araras, depois confere um preço na etiqueta e arregala os olhos. “Esses preços são de dar risada. Em Lucknow eu compro dez roupas assim pelo preço desta aqui.”

“Mas estamos em Délhi. Aqui você paga imposto de Délhi. Não se preocupe, hoje eu pago as suas compras”, asseguro a ela com a confiança de um homem que tem cem mil rupias no bolso de trás.

Ela me olha de um jeito gozado. “Arrey, e por que você gastaria seu dinheiro comigo? Você é meu irmão ou coisa parecida?”

A palavra “irmão” tem um efeito desagradável. Olho bem nos olhos dela, que parecem transparentes e francos, e imagino que devo ter cometido um erro de interpretação com essa garota, um juízo errado e caro.

“Vamos tentar esta aqui”, mostro a loja do lado, que tem uma faixa escrito “Liquidação” na vitrine.

Ritu faz que não com a cabeça. “Essas liquidações são pura mentira. Acho melhor a gente ir ao Palika Bazar.

Disseram que o mercado tem preços muito mais razoáveis.”

Por que eu haveria de discutir se o orçamento da sedução cairia pela metade? Assim vamos até o mercado

subterrâneo que fica no meio do parque, cheio de lojinhas de roupas, bugigangas e aparelhos eletrônicos. O bazar está lotado de consumidores, a maioria de classe média e grupos de universitárias. Imediatamente sou notado pelos olhos sagazes dos vendedores atrás de fileiras de CDs e DVDs. “Que tal um filminho? Temos pornôs, senhor, cópias muito boas”, eles sussurram quando passo por seus cubículos. A atmosfera abafada do lugar me sufoca, mas Ritu está em transe com as luzes fortes das lojinhas. De repente ela já fez uma pesquisa de preços e declara que, apesar de o Palika Bazar ser ligeiramente mais caro que o Aminabad Market de Lucknow, aqui tem mais variedade. Fiel a seus princípios

de interiorana, ela não demonstra o menor interesse nas lojas de jeans e camisetas, e vai direto aos corredores onde estão os artigos para mulheres expostos em cabides. Durante meia hora ela pechincha com um vendedor de meia-idade por uma salwar. Ela quer levar por trezentas rupias mas o vendedor cobra quinhentas. Por fim eles chegam a trezentos e setenta e cinco. Ofereço a ela uma nota de quinhentos, mas Ritu recusa terminantemente. Ela tira da bolsa uma carteira usada de senhoras e paga pela compra com o próprio dinheiro. Seus escrúpulos me impressionam, mas me deixam preocupado.

Perto do portão 3, um rapaz esguio cheio de cintos pendurados nas costas me aborda. “Cintos importados de marca, sahib, mil rupias em Connaught Place, aqui saem por duzentos”, ele diz me oferecendo um com fivela da Lee. Livro-me dele com um gesto mas ele se recusa a sair da frente. “Dê uma olhada”, ele insiste. Acendendo um isqueiro, tenta pôr fogo numa das pontas do cinto. “Está vendo, sahib, couro legítimo!”

“Acha que sou bobo?”, dou risada. “Esses cintos devem ser de alguma porcaria sintética.”

“Não, senhor. São de couro de verdade. E para o senhor eu faço por cem rupias.”

“Não estou interessado”, declaro.

“Por favor, sahib. Leve só um”, ele implora. “Eu faço mais barato ainda, por cinquenta.”

“Cinquenta rupias?”, Ritu pergunta. “Parece bem mais razoável.”

“Está vendo, sahib? Até a memsahib quer que o senhor tenha um. Compre um e Deus fará o casal ficar junto para sempre”, ele diz com a verve de um pedinte profissional.

Ritu cora de repente e o cor-de-rosa em seu rosto é um sinal seguro de que ela nutre sentimentos mais do que fraternos por mim. Sorrio e dou uma nota de cinquenta. “Aqui está. Pegue isto e fique com o cinto. Você vai se lembrar para sempre deste encontro com um cara rico.”

O vendedor de cintos aceita minha sugestão com uma expressão surpresa. Ritu toca no meu braço. “Você esbanja generosidade assim com todo sujeito pobre que encontra no caminho?”

“Não”, digo todo alegre. “Mas tive que respeitar quando ele falou em Deus.”

Ela cora novamente e sinto um tremor de desejo correndo pela espinha. Sinto que agora estou no caminho certo e a expedição consumista acabará em algo memorável. Enquanto Ritu se enfia em outra loja de roupas, tento me lembrar de algum hotel perto dali aonde eu possa levá-la.

Entro em ação no momento em que ela sai da loja. “Que tal um café?”

Ela inclina a cabeça em minha direção. “Café, aqui?”

“Não, num hotel aqui perto.”

Ela hesita e olha para o relógio. “Ai, meu Deus, já são quinze para as cinco. Prometi ao Ram Singh que voltaria às cinco.”

“Quem é Ram Singh?”

“Meu guarda-costas. Preciso voltar para a Wimpy. Combinamos que ele me pegaria lá, preciso ir agora, Vijay.”

Percebo então que Ritu talvez não seja tão ingênua quanto finge. O modo como recusou morder minha isca me faz pensar que ela viu através dos óculos escuros e captou minhas verdadeiras intenções. Tento disfarçar meu desapontamento bancando o cavalheiro. “Sem problemas. Venha, eu levo você de volta.”

Ela olha para o chão. “Eu prefiro que você me deixe ir sozinha.”

“Certo”, concordo com a cabeça. “Então, quando nos vemos de novo?”

“Eu ligo para você. Tenho o número do seu celular agora. Até logo, Vijay.”

Uma semana se passa sem nenhum telefonema de Ritu. E toda vez que ligo para ela ouço a mensagem de que o

número não está disponível. Talvez ela tenha saído de Délhi e voltado para Lucknow, mas estou morrendo de curiosidade sobre essa linda garota que viaja como uma princesa e faz compras como uma pobre coitada. Então começo a percorrer a área próxima ao templo, espiando nas mansões e casas de campo dos ricos para ver se encontro sinal de algum dos dois carros de Ritu, mas a maioria

das casas é cercada com altos portões de ferro e os seguranças do lado de fora raramente deixam alguém se demorar por ali.

Justo quando estou prestes a perder a esperança de encontrá-la de novo, Ritu me liga. “Oi, Vijay”, ela diz com sua voz doce e eu fico tonto de alegria.

“Por onde você andou esse tempo todo? Fiquei louco tentando entrar em contato com você.”

“Fui a Farrukhabad com a minha mãe. Só voltei ontem.”

“Fiquei com saudade.”

“Eu também fiquei com saudade. Quer almoçar comigo hoje?”

“Almoçar? Claro.”

“Aonde você gostaria de ir?”, ela me pergunta.

Por mim, eu a levaria a um lugar simpático de comida indiana, como o Kake Dhaba, mas sei que garotas de boas famílias preferem restaurantes grã-finos onde comem qualquer coisa menos dhal roti. Procuro me lembrar de algum lugar mais apropriado para comer, mas o único restaurante não indiano que me vem à cabeça é o chinês da esquina que serve um yakisoba gorduroso. “Que tal comida chinesa?”, sugiro inseguro.

“Chinesa? Você gosta?”

“É a campeã das comidas para mim.”

“Também para mim!”, ela se entrega soltando um gritinho.

“Então vamos ao melhor restaurante chinês de Délhi. Em um hotel cinco-estrelas.”

“Mas não vai sair muito caro?”

“Não se preocupe com a conta. Será um prazer para mim.”

“Ótimo. Então nos encontramos no House of Ming à uma hora.”

“Certo”, digo. “Encontro você lá à uma.”

Levo meia hora só para descobrir onde fica esse House of Ming. Uma telefonista prestativa finalmente me explica como fazer para chegar. Por fim, acabo descobrindo que se trata de um restaurante caro que fica dentro do Taj Hotel em Mansingh Road.

Meu táxi para no portal decorado do hotel cinco-estrelas às quinze para a uma. Desço do carro vestindo uma camisa Van Heusen e jeans Levi’s. Um impressionante segurança de uniforme branco com botões de latão e turbante colorido na cabeça me cumprimenta e abre uma porta de vidro. Adentro um saguão ricamente decorado com piso de mármore com desenhos intrincados. Homens e mulheres vestidos com elegância estão sentados em sofás, conversando em voz baixa. Ouve-se uma música suave, mas não há instrumentos à mostra. Um imenso lustre pende do teto. O saguão tem até um lago artificial com flores de lótus.

Por alguns minutos, fico simplesmente ali de pé, intimidado pela opulência do lugar. Uma recepcionista me conduz até o restaurante, que está repleto de fregueses. Há lanternas de latão penduradas no teto de madeira.

Dragões dourados cuspindo fogo enfeitam as paredes. Os móveis são elegantes, mesas retangulares com tampo de quartzo complementadas por cadeiras pretas de encosto alto.

A garçonete, uma garota de olhos puxados num vestido longo, aberto dos lados de seda azul com motivos de dragão, me dá as boas-vindas com uma efusividade que costuma estar ligada às altas gorjetas. Ela me oferece uma mesa de canto tranquila e me estende um cardápio grosso encadernado em couro. Dou uma olhada nos preços e quase engasgo.

Ritu chega pontualmente à uma, escoltada pelo mesmo segurança armado, que a acompanha com os olhos ao deixá-la discretamente na porta do restaurante. Ela está com uma salwar kameez azul-celeste com bordados delicados.

Todos os olhos se viram na direção dela e recebo olhares invejosos de alguns executivos de uma mesa próxima.

Ela senta à minha frente e coloca a bolsa na cadeira do lado.

A garçonete retorna e anota nossos pedidos. “O que você vai querer?”, Ritu me pergunta.

“O que você quiser.”

“Já comeu aqui antes?”

“Sim. Algumas vezes.”

“E qual é o seu prato favorito?”

Por um momento fico travado, mas escapo do impasse com o único prato chinês que eu conheço. “Macarrão Maggi!”

“Muito engraçado!”, ela ri e pede algumas sopas e pratos de nomes que me parecem estranhos.

Quando a garçonete sai, ela se vira para mim. “Então me conte, Vijay, que tipo de coisa você faz?”

“Eu já lhe disse, importação e exportação.”

“Sim, mas que tipo de produto?”

“Caixas.”

“Caixas?”

“É. Tenho uma fábrica de caixas em MG Road.”

“Legal. E em que lugar de Mehrauli você mora?”

Estava preparado para essa pergunta. “Tenho um apartamento de quatro quartos em Ramoji Road.”

“E quem mora lá com você é a sua família?”

“Só minha mãe e minha irmã.”

“E a sua irmã é casada?”

“Não, ainda não. Mas chega de falar da minha família. Quero saber um pouco da sua.”

“O que você quer saber?”

“Tudo.”

Ela me encara com um olhar meio aflito, meio interessado. “A gente não pode falar disso outra hora?”

“Por que não agora?”

“Por que não estou a fim. Mas eu prometo, Visay, quando conhecer você melhor, eu conto tudo o que quiser saber.”

“Certo”, dou de ombros. “Se é o que você quer.”

Ritu aperta minha mão. “Agradeço a compreensão.”

A garçonete volta com as tigelas fumegantes contendo um caldo com coisas boiando dentro. “Sopa won ton”, ela explica.

“Então me conte, qual é o seu filme favorito com a Shabnam Saxena?”, Ritu pergunta, e começa a tomar sua sopa.

*

É um almoço relaxante, conversamos sobre várias coisas, brincamos e damos risada, num clima descontraído de flerte por trás de tudo. A tarde perfeita só é estragada pela chegada da conta, nove mil rupias, incluindo a gorjeta. O

almoço mais caro da minha vida. Tiro nove notas de um maço novo de notas de mil sob o olhar aprovador de Ritu.

Espero que ela valha todo esse dinheiro. Mas Ritu me frustra mais uma vez. Assim que eu pago a conta, ela se prepara para ir embora. “Preciso ir agora, Vijay, ou minha família vai começar a desconfiar.”

“Mas você não me disse nada sobre sua família. Amigos não têm segredos um com o outro”, protesto.

Ela pega minha mão de novo. “Prometo que vou contar tudo, Vijay. Em breve.”

Ela não me beija, nem aperta minha mão, mas seu olhar ao se despedir está cheio de desejo e promessas. Meu desapontamento passa. Sei que é só questão de tempo até que eu tenha sucesso e vá até o fim com ela. Bole toh, a menina está na minha!

Fico imaginando como foi fácil atrair Ritu. Essas caipiras são muito crédulas. Estão só passeando longe de casa,

testando os limites da liberdade dos pais. Essas garotas veem a vida através de lentes cor-de-rosa. Assistem Amor no Canadá na sessão da tarde e já querem começar a namorar em Mehrauli mesmo. E qualquer Romeu num Honda Hero, de óculos escuros e jaqueta de couro, é capaz de deflorá-las.

É o que pretendo fazer. No nosso próximo encontro.

Hoje é dia 16 de fevereiro e estou na favela de Sanjay Gandhi, onde Barkha Das chegou para fazer a transmissão de seu programa ao vivo para a ITN. Nunca vi tamanho rebuliço desde que a Índia ganhou a Copa do Mundo de críquete. O templo está uma excitação só com as notícias da libertação de Vicky Rai. Meus amigos da favela andam com expressões tão desoladas que parece que a menina assassinada, Ruby Gill, era irmã adotiva deles. A mídia também está ficando enlouquecida com o caso; todos os canais estão fazendo debates sobre o veredicto, e dez peruas de equipes de televisão se encontram em frente à casa de campo de Vicky Rai. Desde ontem a rua que leva até o Número 6 está lotada de carros enfileirados numa procissão de buzinas e trabalhadores do Partido do Bem-Estar Social do Povo agitando as bandeiras vermelhas e verdes do partido e gritando “Viva Jagannath Rai”, “Vida longa para Vicky Rai”. Um gigantesco arco foi colocado na entrada da casa, com pôsteres de Jagannath Rai dando sorrisos eleitoreiros.

Honestamente, não entendo todo esse espanto com a libertação de Vicky Rai. O país está agindo como se ele fosse o primeiro cara rico inocentado de um assassinato. Mas nem mesmo eu resisto a ver Barkha Das em pessoa.

Uma multidão de quinhentas pessoas se formou em volta dela, olhando feito bobas para o rosto que vemos todo dia na TV. Até mamãe veio, atraída pelo cheiro da celebridade. Ela adora o físico impecável de Barkha e seu já tradicional colete de fotógrafa, sempre com uma calça preta e camisa branca.

Barkha tem nas mãos um microfone coberto com um pelo rosado. “O que você achou do veredicto no assassinato de Ruby Gill?”, ela pergunta sem se dirigir a ninguém em especial e olha para a multidão. Um rapaz moreno com um galo inchado na testa é o primeiro a responder. “Achei muito ruim. O julgamento é sinal de que não tem justiça para os pobres”, ele diz todo sério, com a atitude formal que as pessoas adotam quando aparecem na TV.

Também ali no meio do povo está um maluco amigo meu chamado Shaka, que diz trabalhar para o Partido Comunista. É um cabeludo que está sempre com um lenço vermelho na cabeça. Antes que a Barkha consiga se aproximar de alguém, ele pega o microfone da mão dela. “Este país não é mais o mesmo. Os imperialistas ricos estão infringindo a lei e saindo impunes. Vamos matá-los. Só uma revolução pode salvar este país. Só a revolução. Inquilab Zindabad!”, ele declara e ergue o punho cerrado no ar.

Barkha Das tira o microfone da mão do Shaka e o encara rapidamente. “Você acha que nós precisamos mesmo de uma revolução, maaji?”, ela diz, virando-se de repente para mamãe.

Mamãe se encolhe toda, mas Barkha não desiste. “Você precisa responder, maaji.”

“A revolução não vai resolver os nossos problemas, beti”, diz a mãe no microfone com sua voz áspera.

“Precisamos trabalhar duro, fazer boas ações nesta vida para que nossos pecados na vida anterior possam ser perdoados por Deus. Só aí vamos nascer ricos na próxima encarnação.”

Balanço a cabeça desolado. Esta sempre foi a ferida entre nós. Ela acredita em bom carma e reencarnação. Eu só acredito no acidente que é nascer e na moeda corrente do presente. E aquele idiota do Shaka também está enganado. Não vai haver revolução. Os ricos podem dormir tranquilos. Nossas revoluções só duram o intervalo entre uma refeição e outra.

Na verdade, eu não deveria estar dizendo isso. Afinal, eu mesmo entrei para o time dos ricos imperialistas.

Graças a uma certa pasta!

Ritu me liga no dia seguinte, parecendo um pouco aborrecida. “Vijay, podemos nos ver hoje? Algum lugar tranquilo. Longe daqui.”

“Sei de um lugar perfeito. Podemos marcar no Lodhi Garden. Fica do outro lado da cidade.”

“Certo. Eu conheço o Lodhi Garden. Encontro você lá às duas.”

Tenho a sensação de que hoje finalmente vou conseguir pegar essa grã-fina. No ambiente salutar do mais famoso parque de Délhi.

Tomo um táxi até o Lodhi Garden e fico esperando por ela perto da entrada. Ela chega quinze minutos atrasada em um riquixá motorizado, vestida num salwar kameez. Gostei da escolha da cor. Mas o que eu gosto ainda mais é o fato de ela ter vindo sem o carro da família e o segurança. Sem dúvida é um bom sinal.

O Lodhi Garden é uma área verde e aberta repleta de lápides e árvores. O parque é famoso por dois motivos: o cooper e a pegação. De dia, o parque fica cheio de adeptos do exercício que podem ser vistos correndo em suas camisetas suadas, e à tarde os namorados assumem o posto, agarrando-se em recantos escondidos nos monumentos caindo aos pedaços, beijando-se atrás das moitas, apalpando-se pelos bancos estrategicamente localizados.

Às duas, o parque parece um zoológico de casais apaixonados. Posso ver que Ritu está um pouco incomodada com as demonstrações públicas de afeto que acontecem por todo o parque. Na pequena Lucknow, os casais de namorados provavelmente já estariam na cadeia.

“Você não prefere ir a um outro parque?”, ela me pergunta, olhando para os lados, amedrontada.

“Você vai ver a mesma coisa em qualquer outro parque de Délhi”, respondo e com gentileza a conduzo para um banco lateral de onde um casal acabou de sair.

Sentamo-nos juntos. Ritu ainda está agitada, como se o pai pudesse a qualquer momento surgir de trás da moita.

Tento acalmá-la. “Não se preocupe. Aqui você não vai encontrar ninguém da sua família. A esta hora do dia, só namorados vêm ao parque.”

Ela cora e delicadamente pego na sua mão. Ela não resiste mas tampouco me encoraja. Não sei se ela me deixaria beijá-la num lugar público, mas agora é a hora de descobrir. Inclino-me sobre ela e dou-lhe um beijinho no rosto, não exatamente um beijo, mas uma abertura de jogo cautelosa. Ela logo cobre o rosto com as mãos, mas eu a detenho e descubro que está sorrindo de timidez. Olho em seus olhos, pisco para ela e dou-lhe outro beijo, dessa vez na boca. Ela retribui. Sinto o gosto dos seus lábios, respiro o perfume da sua pele e descubro que os ricos até beijam diferente. O beijo quente, comedido, de Ritu é bem diferente da chave de boca babada das meninas mohalla. A deliciosa sensação latejante que o beijo deixa na minha boca se espalha até o meu cérebro, dissolve todas as dúvidas e me deixa sentindo apenas a vertigem do sucesso.

“Eu te amo, Ritu”, digo com a franca expressão de um herói romântico.

“Eu também te amo, Vijay”, ela sussurra, e ali então eu tenho vontade de me levantar e fazer uma reverência.

Não que seja a primeira vez na vida que uma garota me diz essas coisas. Já ouvi muitas palavras de carinho, mas ditas pelas morenas escuras e grosseiras da favela de Sanjay Gandhi, que tinham um cheiro de talco barato e creme Boroline. Ouvir essas palavras dos lábios de um menina linda, magra, que anda de Mercedes e está sempre com um segurança é uma experiência totalmente distinta. Decido apostar todas as minhas fichas.

“Venha, vamos a algum lugar mais discreto”, digo, erguendo-me do banco.

“Onde?”, ela pergunta.

“Eu conheço um bom lugar.”

Ela não faz objeção enquanto saímos do Lodhi Garden e vamos até um ponto de táxi. Posso muito bem levá-la a um daqueles hotéis cinco-estrelas, mas eles devem fazer muitas perguntas que podem apavorá-la. É melhor ir para um desses hotéis baratos, sem estrela nenhuma, onde o gerente não se mete e os quartos são cobrados por hora.

“Vamos para Paharganj”, digo ao motorista.

O Decent Hotel fica num beco estreito de Paharganj, pouco distante da estação de trem. Um edifício cinzento de três andares com a pintura descascando e uma

placa rachada na entrada. Logo percebo que a única coisa que inspira alguma confiança ali é o nome. A recepção tem paredes mofadas e atmosfera de falso entusiasmo. Os carregadores medem Ritu e a mim da cabeça aos pés e confabulam. Começam a conversar aos sussurros, como se tramassem algo contra nós. O gerente me olha com malícia, como se soubesse de alguma coisa, quando peço um quarto. “Uma hora ou um dia?”, ele pergunta.

“Uma hora”, digo, e ele logo me cobra quinhentas rupias e me passa uma chave esquisita. “Quarto 515, quinto andar. O elevador fica depois daquela parede.”

Posso sentir o crescente desconforto da Ritu quando a levo até o elevador. O quarto 515 se revela o último no final do corredor, onde há baratas correndo pelo tapete vermelho, esfiapado e sujo. Já me arrependi da decisão de vir a este lixo. Mas é tarde demais para voltar atrás. Abro a porta e fico agradavelmente surpreso com a arrumação e a perfeita ordem. Há uma cama de casal grande com um lençol branco impecável e travesseiros macios. As paredes são pintadas de um rosa pastel, combinando com o vestido da Ritu, e decoradas com quadros de cenas de Délhi. Tem até um relógio de parede, ocupado em tiquetaquear os segundos. Uma pequena escrivaninha de madeira e uma cadeira junto à outra parede. As cortinas vermelhas, feitas de algum tecido rústico, parecem novas em folha, mas não bastam para afastar o som ambiente do trânsito e do comércio. O aroma intenso de um perfume de rosas entra no meu nariz, talvez remanescente dos hóspedes anteriores ou borrifado pelo gerente para dar um toque romântico. Mas o toque final é o pacotinho de preservativos Nirodh deixado discretamente na prateleira debaixo ao lado da cama.

Fechando a porta atrás de mim, tomo Ritu em meus braços. Ela aceita meu abraço com vontade, mas há uma nova resistência em seu corpo. Ela faz uma careta de leve quando a beijo outra vez na boca, dessa vez mais ávido.

Minhas mãos se livram de seu chunni e começam a descer pelas suas costas, sentindo o calor de sua pele através do tecido fino da kameez. Ela treme quando desabotoo sua camisa e a retiro pela cabeça, descobrindo-a da cintura para cima. Apenas um sutiã de renda branco permanece e a visão dele me inflama ainda mais. É aí que a Ritu faz uma coisa peculiar. Ela não tenta me deter, não cobre o peito com as mãos, não; ela simplesmente começa a chorar.

O fato de ter ficado com muitas garotas me faz desconfiar que essas lágrimas não são exatamente de protesto, e sim para chamar a atenção — talvez seja a

primeira vez dela —, mas mesmo assim me atormentam. Sei que esse soluço é o de menos e posso continuar minha conquista. Mas Ritu parece tão completamente indefesa, o rosto tão sem disfarces que meu desejo enfurecido fica parecendo grosseiro e vulgar. Tirar vantagem dela seria algo tão repreensível quanto tirar a moeda de um cego. Então enxugo suas lágrimas com meus dedos e devolvo sua kameez.

Aí, com ela vestida, ficamos apenas sentados na cama de mãos dadas. Não me lembro quanto tempo permanecemos assim, mas uma curiosa mudança se opera em mim. Aos poucos meus olhos vão perdendo o foco. Não enxergam mais a cama, a cabeceira, nem paredes, nem quadros. Meus ouvidos param de registrar os sons. Não ouvem as buzinas dos riquixás, os pregões do vendedor de frutas ou os gritos dos corvos. Quando o relógio dá os segundos, tudo o que percebo é um leve tremular da minha pele e o pulso do meu coração que me aquece. Olho dentro dos olhos úmidos de Ritu e é como se todo o universo estivesse contido naquelas profundezas reluzentes.

O encanto só se quebra com as batidas insistentes na porta. “O tempo acabou, senhor. Precisamos do quarto”, ouço a voz do gerente.

Olho para o relógio e descubro chocado que já estamos ali há mais de uma hora. Levanto-me rapidamente e abro a porta. O gerente parece querer se desculpar, mas é a visão de uma arrumadeira, trazendo outros lençóis, que me faz despertar de fato. Ouço a porta do elevador se abrindo e um casal de meia-idade caminhando pelo corredor, prováveis hóspedes da próxima hora. O homem, vestido como um funcionário de escritório, dá um risinho sem graça para mim; a mulher, corpulenta, mas bem-vestida com calça e camisa, ri feito uma adolescente de escola quando a Ritu e eu passamos por ela, o rosto brilhando de desejo incontido.

O encontro com o casal excitado me envergonha. Mas faz a Ritu apertar minha mão com novo ímpeto possessivo.

Quando pisamos na rua, o sol já está se pondo, cobrindo tudo ao redor com uma luz cinzenta e enevoada. Os calmos murmúrios da tarde deram lugar ao rumor do trânsito da noite, a cacofonia de buzinas dos carros e dos motores dos ônibus na rua principal.

“Estou atrasada”, Ritu diz aflita. “Preciso voltar imediatamente ou Ram Singh

virá me procurar.”

“Quando vou te ver de novo?”

“Não sei. Volto hoje à noite para Lucknow.”

“Mas como vou viver sem te ver mais?”, reclamo.

“O amor não acaba só porque a gente não vê mais o outro”, ela responde.

“Pelo menos me dê uma ideia de quando você volta para Délhi.”

“Daqui a três semanas. Para o meu aniversário.”

“Seu aniversário? Quando?”

“Dez de março.”

“Então eu tenho que dar um presente.”

“Mas você já me deu um presente.”

“Como assim?”, pergunto, intrigado. “Eu não dei nada para você.”

Ela sorri. “Você me deu a melhor coisa do mundo. Você me deu respeito. Até logo, Vijay”, ela aperta delicadamente minha mão em despedida e entra num riquixá.

Quando o riquixá parte, deixando uma nuvem de fumaça, um golpe de tristeza aperta meu coração com tanta força que quase começo a chorar. E faço uma descoberta. Vim para Paharganj menino, atrás de uma farra barata.

Estava saindo homem, louco de amor.

Deitado na cama aquela noite, sou atormentado por sonhos com Ritu. Ela começa como um objeto de desejo para mim, uma fantasia aparentemente inatingível, e então no meio do caminho vira realidade. Sei muito bem da imensa distância entre nós, e isso dói. Ela é da casta mais alta, filha de um magnata dos negócios da casta superior, e eu sou um reles filho de uma faxineira do templo. O abismo entre nós é tão grande que só pode ser atravessado nos sonhos. Mas eu me belisco e retomo a confiança sabendo que Ritu retribuirá o meu amor. E,

como dizem as músicas nos filmes indianos, pyaar não conhece limites. Nosso amor fará a ponte sobre esse precipício. Com a pequena ajuda de uma pasta VIP preta.

Decido usar as três semanas até a volta de Ritu para me fazer merecedor dela. Começo indo a um professor particular de inglês. Encontro um corretor para discutir o aluguel de um apartamento de quatro quartos em Ramoji Road. Visito uma fábrica de caixas em MG Road para me familiarizar com seu funcionamento. E então resolvo comprar um presente de aniversário para ela. Um anel de noivado de diamantes. Parece o melhor jeito de convencer sua família das minhas ricas credenciais e selar nossa relação.

Vou a uma joalheria caríssima em Janpath e me sento naquele conforto com ar-condicionado enquanto uma garota vestida de cor-de-rosa me mostra um anel maravilhoso depois do outro. Os diamantes brilham em todas as formas e tamanhos, alguns minúsculos como um grão de sal, outros grandes como percevejos, mas todos trazem etiquetas com preços indecentemente altos. O anel de diamantes mais barato da loja custa cinquenta mil rupias. O

que me incomoda é que anéis parecidos, brilhando do mesmo modo, são encontrados aos montes nas ruas de Janpath por apenas quinhentas rupias. “Não são diamantes, senhor”, a vendedora segura um riso. “São de zircônia cúbica, totalmente falsos. Com um microscópio dá para ver a diferença na hora.” Por um momento sou tentado a comprar um anel de diamantes de zircão. Parece uma bobagem desperdiçar todo esse dinheiro com um pedaço de pedra. E Ritu não vai examinar num microscópio. Mas no exato momento em que me censuro por pensar como um favelado, escolho um reluzente diamante de um quilate que custa o exorbitante preço de 120 mil rupias. Pago em dinheiro, peço para fazerem um embrulho bonito, e então telefono para ela. “Tenho um presente-surpresa para você. Podemos nos encontrar dia 10 de março?”

“É o dia em que eu chegarei a Délhi. Minha família não vai deixar eu sair no dia do meu aniversário.”

“Mas é absolutamente urgente que a gente se encontre. Que tal no Nehru Park às três?”

“Vai ser muito difícil, mas vou fazer o possível”, ela promete.

No dia 10 de março, vou ao Nehru Park com o presente mais caro da minha vida

dentro do bolso, as mãos grudentas de suor. Ritu chega na hora e sozinha. Sentamos num banco reservado embaixo da sombra de uma árvore.

Tiro o embrulho do bolso da camisa e com delicadeza o coloco em sua mão. “Abra”, digo. Ela começa a desembrulhar o papel dourado até que a caixa de veludo vermelho se revela. Lentamente ela abre a tampa. Espero

que seus olhos se arregalem com o deslumbrante diamante e uma expressão de alegria e choque apareça em seu rosto, mas o que vejo em vez disso é uma cara dolorosa e pensativa. “Isso parece um anel de noivado”, diz ela com uma voz aturdida.

“E é”, respondo. “Ritu, quer se casar comigo?”

“Mas eu já sou noiva”, ela sussurra.

“O quê?”

“Sim, meu pai arranjou meu casamento com Kunwar Inder Singh, o príncipe do principado de Pratapgarh.

Consegui adiar o casamento para depois da minha formatura, mas não vou conseguir evitar o noivado.”

“Então você não quer se casar com esse sujeito?”

“Eu detesto o Inder. Ele me criou tantos problemas em Lucknow que fugi para ficar com meu irmão em Délhi.

Eu te amo, Vijay, mas não posso me casar com você. Se desafiar meu pai, ele não vai matar só a mim, vai matar você também. É por isso que não posso aceitar este anel.” Ela fecha a tampa e me devolve a caixa de veludo.

Franzo os lábios. “Acho que está na hora de você me contar sobre a sua família.”

“É. Também acho.” Ela respira fundo. “Eu sou filha de Jagannath Rai.”

Sinto uma descarga elétrica percorrer minhas costas. “Deus do céu! O ministro de Uttar Pradesh? O temido mafioso?”

“Ele mesmo”, ela responde em voz baixa.

“Então onde você está hospedada? Numa casa de hóspedes do governo?”

“Não. Estou com o meu irmão em Mehrauli. Número 6.”

“Quer dizer que você é irmã do Vicky Rai?”

“Você o conhece?”

“Quem não o conhece? Ele está em todos os noticiários desde que foi absolvido do assassinato de Ruby Gill.”

“Eu até entendo o veredicto”, diz ela com amargor, “o que eu não suporto é a alegria das pessoas lá em casa com essa desgraça. Tenho vergonha da minha família.”

“Parece que você não se dá bem com seu pai e seu irmão.”

“Nunca me dei bem. Somos dois campos opostos em casa. Minha mãe e eu de um lado, meu pai e meu irmão do outro, e há uma eterna luta entre nós. Claro, os homens sempre levam a melhor sobre nós.” Ela baixa a cabeça e lágrimas caem de seus olhos.

Beijo suas lágrimas. “Agora você pode contar com mais uma pessoa do seu lado. Eu ficarei do seu lado, sempre.”

“Então você ainda quer ser meu amigo, Vijay?”

Agora é minha vez de respirar fundo. Diante de sua confissão, sinto que é hora de eu também abrir o jogo.

“Preciso contar a verdade sobre mim, Ritu. E depois eu é que vou querer saber se você ainda quer ser minha amiga.”

“Não seja enigmático.”

“Não serei. Não mais. Eis a verdade. Meu nome não é Vijay Singh. Meu nome verdadeiro é Munna. E eu não sou um thakur. Não tenho um apartamento de quatro quartos. Moro num barraco de um cômodo dentro do templo Bhole Nath,

onde minha mãe é varredora. Tudo o que eu contei antes era mentira. Mas só porque te amo loucamente e não queria te perder.”

Ritu se encolhe na minha frente, curvando-se de dor como se eu a tivesse machucado fisicamente. Há uma longa pausa enquanto ela digere a informação que lhe dei. Então ela se vira para me encarar. “Presumo que você também não seja dono de uma fábrica. O que você faz na verdade, senhor Munna, além de mentir e trapacear?”, ela pergunta de modo acusativo, cerrando os punhos.

Reluto em contar a Ritu sobre minha carreira de ladrão de celular e resolvo que é melhor calar. O amor pode ser cego, mas não é burro. Tive de falar a verdade sobre a minha família porque um homem com as relações de Jagannath Rai descobriria a farsa na hora. Mas nem mesmo Jagannath Rai pode saber da minha pasta. Ainda assim, sinto que meu romance está para naufragar. Nem mesmo o dinheiro da pasta bastará para fazer Ritu voltar a acreditar em mim.

“Eu sou gerente numa fábrica de caixas”, digo com os olhos baixos.

“Então onde conseguiu este anel de diamante? Você roubou?”, Ritu quer saber.

Uma vez decidido a não lhe contar sobre a pasta, só me resta uma opção. Para provar que meu amor é verdadeiro, o anel terá que ser falso.

“Não é diamante, é só zircônia. Foi o melhor que consegui comprar.”

Ritu cerra os punhos outra vez e posso sentir uma profunda emoção vindo à tona dentro dela. Nos filmes indianos, agora é a hora em que a heroína se levanta e dá um tapa na cara do herói enganador. Recuo, contando que ela fará o mesmo, mas acontece em seguida algo totalmente inesperado. Em vez do tapa, Ritu pega a minha mão.

“Você sacrificou seu dinheiro suado pela minha felicidade? E aquele almoço no restaurante cinco-estrelas... Você deve ter torrado todo o seu salário só para me impressionar.”

Concordo com a cabeça e seus olhos voltam a se encher de lágrimas. “Fico contente que você tenha me contado a verdade, Munna”, ela diz com a voz alquebrada. “Eu posso aguentar a pobreza, mas não tolero falsidade.” Ela me olha nos olhos. “Você me perguntou se eu ainda iria querer ser sua amiga. Esta é minha resposta.” Ela me beija o rosto e pega o anel de volta.

Não sei se agradeço a Deus ou a Bollywood por essa incrível reviravolta. O romance entre a menina rica e o rapaz pobretão é um clássico do cinema indiano. Fico pensando se Ritu não seria uma cabeça oca louca por esses filmes, que se excita tendo casos com pobres. Outra possibilidade que me passa pela cabeça é se, como a cineasta Nandita Mishra, ela também não estaria fazendo um documentário sobre a vida nas favelas. Mas quando olho em seus olhos não vejo ali nenhum subterfúgio, apenas a genuína honestidade. E uma onda de alívio invade meu corpo, fazendo o amor jorrar dos meus olhos, inundando o banco e pacificando meu coração. Retribuo seu beijo e a envolvo num abraço ardente, como se fôssemos os únicos seres vivos no planeta.

O abraço é partido por alguém que sacode violentamente meu ombro. Olho para cima e vejo um homem alto com um enorme bigode retorcido me encarando. É Ram Singh, o guarda-costas da Ritu.

“Baby!”, ele grita para ela com a autoridade de um empregado de confiança. “Sua família inteira está esperando em casa com o bolo de aniversário e é aqui que você estava o tempo todo? Se Bhaiyyaji visse você assim, ele acabaria com sua vida. Agora venha já comigo.”

Ritu se afasta de mim bruscamente e com um grito de terror se levanta do banco. Ram Singh agarra o braço dela e começa a arrastá-la até o estacionamento. Ela não consegue juntar coragem nem para olhar para trás.

Fico ali contemplando o poder de seu pai. Se Ram Singh é capaz de inspirar tamanho terror, como não seria enfrentar o próprio Jagannath Rai? Que tipo de indecência ele não faria comigo quando soubesse as indecências que fiz com a filha dele? Minha única esperança é que, da mesma forma como os gângsteres da pasta que roubei não têm ideia do meu paradeiro, ele também não consiga me encontrar.

De volta ao templo, encontro Champi sentada no lugar de sempre, conversando com um desconhecido de pele escura. É a primeira vez que a vejo conversar com alguém no templo. Aproximo-me da árvore gulmohar. O homem sentado no banco é o sujeito com a aparência mais estranha que já vi. Não tem mais de um metro e meio e é negro retinto, como os negros que aparecem nos filmes dançando com a heroína numa boate usando roupas tigradas, cantando bobagens como “Hoogo Boogu” e agitando suas lanças no ar.

“Quem era aquele desconhecido com quem você estava conversando?”, pergunto a Champi na manhã seguinte.

“É meu amigo, e ele está morando no barracão ao lado do nosso”, diz Champi. “Como ele é, Munna?”

Olho para Champi com reprovação. Ela tem uma expressão de expectativa no rosto, como se minha resposta fosse confirmar algo que ela já havia visualizado na imaginação. Em suas bochechas, vejo o mesmo rubor acanhado que vi na Ritu. Chocado, percebo que Champi pode estar apaixonada por aquele nativo. De alguma forma, devido à sua feiura, tal possibilidade nunca havia passado pela minha cabeça, e percebo como tenho sido egoísta e insensível.

“Como ele é?”, Champi repete.

“Ele é alto, moreno e lindo”, respondo, produzindo um sorriso ao rosto da Champi. Não tenho por que dizer a ela que seu Romeu é um anão negro que parece um palhaço.

A semana seguinte é a mais agoniante da minha vida. Ritu não me telefona e seu celular parece estar desligado.

Não consigo dormir, com a cabeça cheia de presságios sombrios. E meus pressentimentos parecem se justificar quando, no dia 17 de março, recebo uma ligação de Malini, a amiga de Ritu que conheci naquela noite na boate. Ela estava apavorada. “Munna, a Ritu precisa encontrar você. Com muito custo, consegui trazê-la para a minha casa.

Você pode vir agora ao West End?”

Anoto o endereço e corro até a casa dela, uma bela mansão em um subúrbio arborizado. Malini está nervosa ao me receber e me leva direto para seu quarto, onde sofro um impacto inesperado. Ritu cambaleia até mim, parecendo uma daquelas donas de casa espancadas que aparecem na TV. Ela está com hematomas na testa e no queixo, marcas de socos nas bochechas e círculos escuros sob os olhos.

“Quem fez isso com você?”, pergunto.

“Aconteceu uma briga em casa no dia do meu aniversário. Ram Singh deu com a

língua nos dentes sobre nós.

Meu pai ameaçou atirar em mim. Mas quem me bateu mesmo foi o Vicky."

Uma fúria flamejante se acende dentro de mim. "Como ele teve a ousadia de fazer isso com você?", digo, agitado. "Eu vou matá-lo."

"Agora estou proibida de sair de casa e confiscaram o meu celular", Ritu acrescenta. "Por sorte, Malini veio me ver hoje e conseguiu me trazer para cá. Eu queria avisar para você tomar cuidado. Talvez esteja correndo risco de vida."

"Mas e a sua vida? Esses açougueiros da sua família podem muito bem acabar com você."

"Sofrer é a sina da mulher. Mas pelo menos eu tomei uma decisão corajosa. Disse ao meu pai que não vou me casar com o Kunwar Inder Singh, nem que ele me mate. Esse casamento foi arranjado pelo meu pai só por interesse político dele. Eu me recuso a ser um peão nesse jogo sujo."

"Então case comigo."

"Minha família nunca permitiria", Ritu balança a cabeça lentamente. "Mas deixei claro para eles que então não vou me casar com mais ninguém."

"Então case comigo contrariando o desejo da sua família. Podemos ir agora mesmo ao templo. Uma vez que estejamos casados legalmente, seu pai não poderá fazer nada. A polícia nos protegerá."

Ela solta uma risada sepulcral. "Eu já vi policiais tremerem só de ouvir o nome do meu pai. Eles serão os primeiros a me arrastar de volta para casa."

"Então quais são as nossas opções, Ritu?"

"Nenhuma. Dizem nos livros que no amor e na guerra vale tudo. Mas eu já vi com meus próprios olhos que não há nada de bonito em nenhum dos dois, Munna. O nosso amor é um amor proibido."

"Só porque você é de uma casta mais alta e eu não? Eu não concordo", digo em desafio. "Há quarenta anos, minha mãe e eu éramos considerados intocáveis. Não teríamos sido admitidos no templo. Hoje não só ela trabalha no templo

como também mora lá. E ninguém ousa nos chamar de intocáveis.”

“Mas espere só até ela ir à nossa casa com a sua proposta de casamento para ver o que acontece.”

“O que pode acontecer? No máximo, sua família vai dizer não.”

“Não seja ingênuo, Munna. Você sabe o que fizeram com aquele rapaz muçulmano que ousou se casar com a filha de um industrial de Kolkata. Eles o mataram.”

“Mas eu não sou muçulmano.”

“Então dê uma olhada nessa notícia”, ela diz tirando um recorte de jornal amassado da bolsa. Era um jornal híndi.

“O que diz aí?”

“Diz que um casal de namorados foi linchado em Uttar Pradesh porque eram de castas diferentes. Pritam, de dezenove anos, e Sonu, de dezoito, foram enforcados no telhado de uma casa na aldeia onde moravam, primeiro um, depois o outro. Ele era brâmane, ela pertencia a uma comunidade de casta inferior. Centenas de pessoas assistiram ao enforcamento do casal. O mais asqueroso é o fato de que os pais do rapaz e da menina não só aprovaram

a punição como ficaram vendo os filhos balançarem na forca improvisada”, ela leu trêmula.

“Não me importo se me matarem. Ainda assim quero me casar com você.”

“Mas eu me importo, Munna, eu me importo. Se o meu irmão fez isso comigo, sua própria irmã, imagine o que é capaz de fazer com você!”

“Você está exagerando sem precisar”, digo gesticulando, “eu não tenho medo de Vicky Rai.”

Nesse exato momento toca o meu celular. Isso me surpreende porque a única outra pessoa além de mim que sabe o número é Ritu. Aperto o botão “talk” e uma voz desconhecida ofega do outro lado da linha. “Filho da puta, escute com atenção. Meu nome é Vicky Rai. E você ousou se engraçar com minha irmã

Ritu. Agora vou furar você feito um porco. Vou quebrar todos os seus ossos e dar a sua carcaça para os cachorros. Está me entendendo?”

O ar dentro do quarto sensivelmente esfria quando o telefone é desligado. Ritu não ouve o recado, mas pela minha cara ela adivinha a identidade de quem era. “Era o meu irmão, não é?”

“Era”, respondo, ainda pasmo. “Como ele conseguiu o meu número?”

“Deve ter achado no meu celular. O que ele falou?”

“Ele ameaçou me matar.”

“Ai, meu Deus”, ela diz, e afunda o rosto nas mãos. O quarto fica em completo silêncio por alguns minutos.

Então ela ergue o rosto e vejo seus lábios franzirem numa expressão de tristeza decidida. “Agora só nos resta uma opção. Precisamos fugir”, ela declara.

“Exatamente”, digo, e pego sua mão. “Precisamos pensar no nosso futuro juntos.”

“Mas vamos viver do quê? Não tenho dinheiro.”

“Eu tenho o bastante para nós dois.”

“Quanto?”, ela pergunta.

“Muito mais do que você imagina. Prometo que nada vai lhe faltar.”

“Vamos fugir para onde?”

“Escolha uma cidade.”

“Sempre quis conhecer Mumbai.”

“Eu também. Vamos já para a estação e pegamos um trem.”

“Não; se fizermos isso, Malini é quem vai sofrer as consequências.”

“Então quando vamos conseguir fugir?”

“Pensei em um dia perfeito. Vicky vai dar uma grande festa de aniversário no dia 23 de março para comemorar sua libertação. Serão quase quinhentos convidados, e naquela confusão toda eu consigo dar um jeito de escapar.

Espere por mim do lado de fora da entrada de serviço do Número 6. Fica na rua do lado que cruza a rua principal.

Vou sair às onze em ponto. Aí pegamos um táxi até a estação e pegamos o trem para Mumbai.”

“Excelente. Já vou comprar duas passagens para Mumbai.”

Feito nosso pacto, sei que uma nova fase da minha vida está para começar. O futuro, que sempre tinha sido algo nebuloso, parece agora adquirir uma forma definida. Mal posso esperar para mudar e viver em Mumbai. Dizem que é a cidade dos sonhos. Com pessoas morando na rua, astros do cinema e gente do turno da noite nas fábricas. Quem sabe o que a cidade ainda me reserva?

De volta ao templo, sou tentado a entrar no lugar sagrado e me prostrar diante do Senhor Shiva. Parece a ocasião apropriada de pôr fim à minha rusga com Deus e pedir suas bênçãos. Chego até a subir a escada de mármore. Com o amor de Ritu, as canções de Bollywood começaram a me parecer verdade. Começo a acreditar que pode existir justiça no mundo, afinal. Onde estava Deus quando aquele casal de namorados foi enforcado? Ele não tinha o poder de impedir os assassinos? Ou seria ele também um mudo espectador da atrocidade?

*

Vou ao escritório da estação para comprar duas passagens de primeira classe para Mumbai. O Punjab Mail sairá de Délhi às cinco e trinta no dia 24 de março levando-nos direto para a estação central de Mumbai.

Penso no que fazer com Champi e mamãe. Champi parece estar completamente apaixonada pelo nativo. Todo dia a vejo com ele, sentados no banco, conversando animadamente. E pela primeira vez, de fato, eu a ouço dar uma risada satisfeita. Não tenho inveja dessa sua discreta felicidade. E sinto que é hora de informar mamãe sobre meu plano.

“Daqui a três dias vou para Mumbai”, conto a ela.

“Assim de repente?”, ela pergunta. “É pelo trabalho?”

“Não. Para falar a verdade, vou me casar.”

“Oh! E quem é a moça, se é que posso saber?”

“O nome dela é Ritu.”

“E ela mora em Mumbai?”

“Não, ela mora em Délhi. Em Mehrauli, na verdade.”

“Por acaso não é uma empregada da favela de Sanjay Gandhi?”

“Mãe, elas são um lixo que não vale nada, com quem eu não me caso nem em sonho. A sua futura nora é de uma das famílias mais ricas e poderosas do país.”

“Você sonha demais, Munna.”

“Não, mãe. É verdade. Ritu e eu vamos nos casar e nos mudar para Mumbai. Assim que estivermos estabelecidos lá eu mando buscar vocês duas. Aí a Champi vai poder ser operada. E você vai poder ter um descanso merecido.”

Minha mãe fica cada vez mais desconfiada. “Por que vocês vão para Mumbai se a menina é daqui de Délhi?

Você estão fugindo?”

“Mais ou menos.”

“Olha, é melhor você me contar tudo sobre essa Ritu. Quem é o pai dela? O que a família dela faz?”

“O pai dela é o Jagannath Rai, ministro de Uttar Pradesh. O irmão dela é o empresário Vicky Rai.”

A mãe leva a mão à boca. “Não, não, não...”, ela murmura.

“Você sempre diz que a gente é pobre pelos nossos atos numa vida anterior. Então, nesta vida, eu consegui escapar da sina que o carma ruim da minha vida anterior deu para mim”, digo me gabando, mas minha mãe nem está me ouvindo.

Ela já está falando com seus deuses.

“Deus, como você pode fazer essa piada de mau gosto comigo?”, ela diz aos calendários na parede.

“Que piada? Do que está falando, mãe?”, pergunta.

“Você não sabe, filho”, ela responde com a voz angustiada. “Foi esse Vicky Rai que matou seu pai. Atropelou-o enquanto ele estava dormindo na rua.”

Sinto o chão se mexer debaixo dos meus pés. “O quê? Tem certeza?”

“Uma esposa nunca esquece a morte do marido. Como num filme, essa cena está passando na minha cabeça há quinze anos.”

“E mesmo assim você escondeu isso de mim? Afinal ele era meu pai.”

“Jagannath Rai me obrigou a manter silêncio. Ele me deu o dinheiro para esta casa, para os seus estudos, desde que Vicky não fosse envolvido.”

O passado tem o péssimo hábito de voltar e nos pegar insperadamente pelas costas. Eu sempre tinha achado que com a morte de meu pai mamãe havia recebido um dinheiro do motorista. Mas graças a Deus eu nunca soube a identidade desse motorista. Ou talvez tenha sempre evitado de propósito me aprofundar na questão. Racionalizei, convenientemente, que precisávamos seguir em frente com as nossas vidas e que papai estava morto e não voltaria mais. Mas agora ele voltara. Detonando uma pequena bomba na minha vida, deixando tudo uma bagunça. Emoções distintas rodopiam mescladas pela minha cabeça, da tristeza à raiva, da raiva ao constrangimento.

“Quem sabe isso não estava predestinado, mãe?”, digo depois de lamentar por um momento.

“Como assim, Munna?”

“Você não está vendo, mãe, que isso é Deus querendo vingança? Há muitos anos Vicky Rai roubou algo de nós.

Agora nós vamos tirar algo dele.”

“Quer dizer que mesmo assim você vai se casar com a irmã dele?”

“Ritu odeia a família dela tanto quanto a senhora. E Ritu e eu nos amamos muito. Até o pai aprovaria a minha decisão de me casar com ela.”

“Não ponha seu pai no meio disso. Ou, Deus que me perdoe”, a mãe diz me encarando, “ou eu mesma vou à casa desse Vicky Rai e impeço o casamento.”

Eu a interrompo. “Você não vai fazer nada disso. Se Vicky Rai descobre o nosso plano, ele mata Ritu e depois me mata. A senhora quer que a gente morra?”

Mamãe fica me olhando mais um pouco e depois desata a chorar.

Um silêncio tenso domina a casa. Ninguém jantou ainda. Minha mãe soluça pelos cantos e Champi a consola.

Deito na cama e tento não pensar em nada. O sono custa a vir e é invadido por uma série de sonhos. Sonho com meu pai caído numa poça de sangue e Vicky Rai rindo sobre o corpo morto. Sonho com Ritu imóvel sobre um piso de mármore enrolada numa mortalha branca. Sonho com Lallan sendo espancado por policiais numa sala. Sonho que alguém puxa meu cabelo e grito de dor. Abro os olhos e vejo três homens ali dentro do quarto, cercando minha cama. Não sei como eles conseguiram abrir o trinco e entrar no meu quarto, mas sei que isso não é um sonho.

“Acorda, desgraçado”, ouço uma voz enquanto um deles puxa meu cabelo outra vez com mãos bruscas. Fico sentado, e alguém acende a luz, ofuscando meus olhos. Agora consigo dar uma boa olhada nos três intrusos. O

primeiro é um careca de pescoço gordo usando uma calça jeans apertada e uma camiseta Reebok branca. O segundo é um baixinho com uma camisa creme cintilante, e o terceiro é alto, magro, de cabelo encaracolado e queixo quadrado, de calça e camisa pretas. Há uma atmosfera de perigo ao redor deles.

“Você é Munna Mobile?”, me diz o careca. Era ele quem estava puxando meu cabelo.

“Por que quer saber?”, devolvo a pergunta.

O careca se vira para o alto, magro. “Explica para ele, Brijesh.”

“Você roubou o celular do meu carro”, Brijesh me diz com olhar acusador e lentamente começo a reconhecê-

lo. De fato, é o cara do Maruti Esteem de quem eu peguei o Nokia. Era outra vez o passado que voltava.

O careca sorri de jeito ameaçador. “Você está com uma coisa que é nossa.”

Tento blefar. “Vocês estão enganados. O que um pobre coitado como eu poderia ter?”

O careca estala os dedos e seus dois ajudantes começam a vasculhar o quarto. Tiram os pôsteres da parede, a luminária de metal da escrivaninha, até que seus olhos são atraídos pelo colchão. O pequeno calombo que a pasta faz é bem visível. “Levanta”, o baixinho ordena. A pasta aparece, como se fosse uma ilha negra num mar de poeira.

“Ora, o que temos aqui?”, grunhe o careca. Ele se agacha e pega a pasta. Um revólver aparece como por mágica na mão do Brijesh.

Naquele exato momento minha mãe atravessa a divisória de madeira com seu velho sári amarelo e sua blusa marrom.

“Quem são vocês? O que estão fazendo na minha casa?”, ela pergunta.

Em resposta o careca a empurra rispidamente para o lado. “Não faça perguntas, sua velha.”

Minha mãe não vai desistir assim tão fácil. “Eu vou ensinar a vocês uma lição, seus canalhas”, ela retruca.

Batendo com a luminária bem no meio das pernas do careca, ela arranca a pasta das mãos dele. Mas, apesar do corpanzil, o sujeito desvia, girando nos calcanhares, ágil como um gato. Com um só movimento ele tira a luminária da mão de mamãe e desfere um soco em seu rosto, jogando-a esparramada no chão. Ela ergue a cabeça e choraminga. Dá para ver que sua boca está sangrando. Tenta se levantar e é aí que o Brijesh golpeia sua cabeça com a coronha da arma. Solto um grito de horror quando mamãe cai desmaiada, o que afinal daria no mesmo porque ela não suportaria o que aconteceu em seguida.

O careca recupera a pasta e abre as duas travas. Ele abre a tampa e confere o conteúdo. “Hummm... Parece que a maior parte do dinheiro ainda está aqui. Só alguns maços de notas faltando. Pode ser que com isso você tenha livrado

a sua pele, Munna Mobile. Mas ainda assim você vai ter que pagar por ter nos roubado.”

“Como assim? O que vocês querem fazer?”, pergunto, encostando-me na parede, com uma voz rouca e artificial.

“Uma coisa que vai garantir que nunca mais você roubará outro celular.” O careca dá um sorrisinho e estala os dedos de novo.

Brijesh passa a arma para o careca e subitamente imobiliza meus dois braços. Esperneio, tento escapar, mas ele é forte demais. O baixinho levanta a mão para me bater quando soa um celular. Os três canalhas se entreolham intrigados antes que o careca tire o Motorola do bolso da calça e verifique quem está ligando. “Chefe?”, ele diz, apertando o celular na orelha e movendo-se em direção à porta. Ouço trechos da conversa. “Achamos a pasta...

Parece que está praticamente intacta... Agora?... Certo... Certo... Vou deixar Brijesh e Natu então... Espere por mim.

Estou chegando.”

“Era o chefe”, informa o careca a seus homens. “Ele quer que eu vá levar a pasta agora. Vocês dois terminam o serviço. Até amanhã.” Ele aponta a arma para mim e dispara uma bala imaginária, abre a porta e vai embora. Pouco depois, ouço uma moto dando a partida.

Brijesh ainda me tem preso numa chave de braço. Mas é Natu, o baixinho, quem me dá mais medo. “Você assistiu Sholay?”, ele me pergunta, aproximando o rosto do meu. Sinto seu bafo na minha nuca.

“Assisti.”

“Lembra quando o Gabbar pede ao Thakur para lhe dar a mão? O Thakur se recusa e Gabbar então corta fora as duas mãos dele. Eu não vou pedir para você a sua mão, mas vou querer os dedos. Todos os dez. Você me daria?”, ele sorri, mostrando os dentes tortos e manchados de suco de bétele.

Estremeço com um calafrio que desce pelas minhas costas, a essa altura totalmente encharcada de suor. Natu tira então meu braço esquerdo da chave de Brijesh. Então, agarrando meu pulso, ele ergue meu indicador e começa a arqueá-lo para trás. Brijesh rapidamente enfia um lenço na minha boca, abafando meu grito. Carne e osso são esticados até quebrar e a articulação sai do lugar, acompanhada de um som parecido com o de plástico com bolhas sendo estourado, e meu indicador esquerdo pende frouxo. Natu sorri e começa a trabalhar no meu dedo médio.

A única coisa boa da dor é que ela esvazia a mente de todo o resto. Preenche o cérebro tão completamente que todos os sentimentos de amor e ódio, inveja e ciúme se apagam e só resta a excruciante agonia dentro de cada poro do corpo, até que mesmo a agonia desaparece, substituída por um torpor latejante. Quando Natu quebra meu polegar esquerdo, eu já ultrapassei a dor. Mas é aí que começa o terror. Champi entra no quarto, com uma salwar kameez verde-clara e sem chunni. “O que está acontecendo, Munna?”, ela pergunta com a voz sonolenta.

Brijesh vê Champi e desvia o olhar. Noto que ele fica revoltado com tanta feiura. Mas Natu parece encantado com ela. “Ahã, quem nós temos aqui?”, ele solta cheio de más intenções para Champi, que tateia para me encontrar através da geografia alterada do quarto.

“Quem é essa? É sua irmã?”, grunhe Brijesh para mim, tirando o lenço da minha boca.

“Sim. Deixe-a em paz. O seu negócio é comigo, não com ela”, digo rapidamente, tentando recuperar o fôlego.

“Além do mais, ela é cega.”

“Cega?”, Natu se posiciona na frente dos olhos da Champi. “Ela não me parece cega.”

“Ela é, eu estou dizendo que é”, insisto, tentando esconder o desespero da voz.

“O.k., vamos testar”, diz Natu e toca o seio esquerdo. Champi resmunga em protesto e balança a cabeça para os lados, tentando descobrir a posição de quem a atormenta. Natu bate palmas. “Que divertido. Ela tem seios firmes. O

que você acha, Brijesh? Você me deixaria aproveitar um pouco?”

“Não ouse tocar na minha irmã”, encaro Natu e me esforço para escapar de Brijesh, esticando-me como um cachorro numa coleira. “Se você encostar a mão nela eu te mato, seu filho da puta.”

Natu me dá um tapa na cara de mão aberta e Brijesh enfia o lenço de volta na minha boca. Foi o que bastou para o baixinho tomar coragem. Ela agarra Champi e tapa sua boca com uma das mãos. Com a mão livre ele começa a tirar a camisa dela, que esperneia feito uma cabra no matadouro.

Terror é como dor de dente, não dá para descrever. Só sentir. Estou preso na chave de braço de Brijesh feito um

pedaço de carne trêmula e observo Champi prestes a ser estuprada.

Queria que a terra se abrisse e me engolisse inteiro, porque sei que sou diretamente responsável pela cena que se desenrola à minha frente. E faço uma boa ideia do que acontecerá com Champi depois que Natu terminar com ela. Ela já é cega, agora vai ser também surda e muda. Ficar o dia inteiro sentada lá fora, se abanando devagar, com uma expressão demente no rosto. À noite vai gritar enquanto dorme. Pesadelos vão assombrá-la pelo resto da vida. É

uma sina que não desejo para meu pior inimigo.

Por vinte e um anos vivi sem acreditar em Deus, mas agora passei a ter fé. Começo a rezar — para todos os deuses que conheço e até para os que não conheço — pedindo uma única coisa, por favor, por favor, salvem a minha pequena Champi. Lembro-me de todos os filmes em que Deus atende uma prece e faz seu milagre. Mas os sinos do templo não dobram; o chão não treme debaixo de nós.

A negação é o último refúgio dos impotentes. Mesmo enquanto Natu está brincando com o cordão das calças da Champi, há uma voz na minha cabeça repetindo como um disco quebrado: “Ela não é minha IRMÃ; NÃO é minha IRMÃ, NÃO É MINHA IRMÃ. Ela não passa de uma puta muçulmana”.

Subitamente, uma imagem relampeja na minha cabeça. É Lallan de ponta-cabeça na delegacia sendo torturado pelo Açougueiro de Mehrauli. Também não pude salvá-lo. Mas, se ele era mais que um irmão para mim, Champi é mais que minha irmã. Laços da alma são mais fortes que laços de sangue.

Como um soldado ferido que faz sua última declaração, reúno o que me resta de força e chuto o joelho de Natu com minha perna esquerda. Ele solta Champi, que cai no chão com um grito agudo. Natu rosna para mim e tira uma corrente do bolso da calça, gira a corrente no pulso e tenta acertar meu rosto com força. Desvio, mas o metal me atinge na nuca. Imagino que a porta se abre antes de mergulhar no profundo esquecimento negro, sem fundo e tão bem-vindo.

Quando volto a mim, estou num quarto de hospital. Minha mão esquerda está engessada e sinto a nuca latejar de dor. Hesitante, toco o local esperando encontrar sangue grudento. Mas meus dedos roçam um tecido macio.

Devem ter feito um curativo. Vejo minha mãe deitada na cama a meu lado, sendo atendida por Champi, que usa um amuleto negro no pescoço.

“O que... o que aconteceu?”, pergunto a Champi, ainda zonzo.

“Um milagre”, ela responde enigmática.

Um médico chega e me conta que tenho sorte de estar vivo. “Você sofreu uma concussão séria. Os cinco dedos da sua mão esquerda estão quebrados. Você vai precisar ficar com o gesso pelo menos seis semanas para ficar bom.”

“Minha mãe está bem?”, pergunto a ele.

“Ela vai sobreviver”, diz ele, examinando uma ficha afixada ao lado da cama.

“Há quanto tempo estou aqui no hospital?”

“Dois dias.”

“Quanto vou ter que pagar?”

“Nada”, ele sorri. “Este hospital é para caridade, é tudo de graça, até a tomografia, os exames de raio X e os remédios.”

“Obrigado”, digo. “Posso ir agora?”

Volto andando do Hospital Dayawati até o templo, ignorando os avisos do médico e a dor insuportável na minha cabeça. Parece que um furacão passou pelo meu quarto. Até a escrivaninha está despedaçada. Pego as duas passagens

de primeira classe no bolso da minha jaqueta Benetton e vou até a estação de trem para cancelá-las. Não vou mais para Mumbai. É igual a Délhi, uma cidade muito exibicionista, com seus Mercedes e suas mansões. Não importa como a gente ganha a vida; ainda assim eles acusam você de ser ladrão e o jogam numa cela só porque é pobre e sem poder. Enquanto eu tinha a pasta cheia de dinheiro, tinha poder. Sabia que podia cuidar de Ritu, realizar meus sonhos. Sem a pasta, foram-se também meus sonhos de grandeza.

A vida subitamente parece frágil e sem sentido. Por incrível que pareça, não sinto tanta raiva dos agressores, aqueles que levaram a pasta embora. Não era minha, para começo de conversa. Minha ira está toda direcionada para Vicky Rai. O homem que ousou machucar Ritu. O homem que tirou a vida do meu pai. O amor pode ser cego, mas o desespero é que não enxerga obstáculos. Resolvo comprar uma arma.

*

A maior gangue de criminosos da nossa área é comandada por Birju Pehelwan. Conheço vários de seus membros que passeiam pela favela de Sanjay Gandhi exibindo os revólveres como acessórios de moda. É Pappu, um novato na gangue, quem me apresenta para Girdhari, traficante de armas de Mangolpuri.

Traficantes de armas não ficam exibindo seus produtos nas vitrines de lojas com ar-condicionado. Preciso ir até um beco fedorento e subir três lances de escada e entrar num cubículo escuro e abafado, onde ele está sentado diante de um imenso cofre de aço. “Preciso de uma arma barata”, explico. Ele assente e saca uma desi katta, uma espécie de pistola feita em casa com um tiro só. “Esta custa só mil e cem rupias”, ele ri.

“Quero coisa melhor”, digo a ele.

“Quanto quer gastar?”, ele pergunta e lhe mostro as 4200 rupias das passagens devolvidas.

Ele abre o cofre e tira algo embrulhado num pano branco. Cuidadosamente desdobra o tecido, revelando uma arma preta. “Esta também é uma katta, mas é uma muito boa. Parece uma pistola chinesa Black Star, mas custa só quatrocentos. Experimente.” Ele me oferece a arma, primeiro a coronha.

Seguro-a na mão, sinto o peso, suas arestas, o cano longo e delicado. Fico

arrepiado. Fascinado com a promessa de morte violenta e instantânea. “Vou ficar com ela”, digo.

“Infelizmente estou sem balas”, lamenta o traficante. “No momento tenho só cinco cartuchos para esta arma.

Pode voltar amanhã?”

“Não, fico feliz com cinco balas. Na verdade, só preciso de uma.”

10. Operação Xeque-Mate

“Alô.”

“Alô.”

“É da casa do secretário de assuntos estrangeiros?”

“Sim.”

“Ele está? O ministro Jagannath Rai gostaria de falar com ele.”

“Um segundo, senhor. Vou passar a ligação para o sahib secretário.”

(Música.)

“Alô. Baglay falando.”

“Um segundo, senhor. O sahib ministro está na linha.”

Bipe. Bipe. Bipe.

“Alô, Gopal?”

“Boa tarde, senhor. Sinto muito, senhor. Não consegui telefonar hoje cedo. Meu fax não estava funcionando.

Mas agora estou com os dados. Desde ontem tivemos sete casos de assassinato. Dois justiceiros foram fichados em Hardoi e Moradabed. Houve ainda quatro estupros em Azamgarh, Bahra...”

“Não estou interessado nos seus relatórios, Gopal. Estou ligando por algo muito mais importante. Diga, você assistiu um filme americano chamado Donchi?”

“Donchi?”

“Talvez seja Govinchi... Covinchi?”

“O Código da Vinci, senhor?”

“Isso, isso. Esse filme mesmo. Você viu?”

“Sim, senhor. É muito bom.”

“Quero que você proíba imediatamente esse filme em Uttar Pradesh.”

“Proibir, senhor? Mas esse filme já saiu de cartaz há muito tempo.”

“Não quero saber. Proíba mesmo assim. Fiquei sabendo que esse filme ofendeu a comunidade cristã do estado.

É um filme cheio de hipóteses absurdas, de que Jesus teve um caso com uma prostituta. Como pudemos deixar que passassem esse filme?”

“O senhor não acha que deveríamos assistir ao filme antes de proibir?”

“Desde quando é preciso assistir um filme antes de proibir? A gente sempre proibiu livros sem ler, não é verdade?”

“Mas, senhor, existem outros problemas, como a liberdade de expressão. O artigo 19 da Constituição, que...”

“Dane-se a Constituição, Gopal. As pessoas mal sabem ler no nosso estado. Quem tem tempo de ler a Constituição? Você mesmo alguma vez leu a Constituição inteira?”

“Humm... não, senhor. Senhor, só por curiosidade, quem falou sobre esse filme com o senhor?”

“Foi o padre Sebastien. É um bom sujeito. Eu gosto dos cristãos. São pessoas simpáticas, dóceis. Sempre bem-vestidos e falam um inglês lindo. Ele me disse que se eu proibisse esse filme nosso partido conquistaria o voto dos cristãos nas

eleições locais. Isso não nos faria mal. Mas eu não quero perder votos com essa barganha. Então me diga, se proibirmos o filme os hinduístas do nosso estado ficarão tristes?”

“Acho que não, senhor.”

“E os muçulmanos?”

“É muito improvável, senhor.”

“E os sikhs ficarão descontentes?”

“Não, senhor.”

“Então não vai haver nenhum problema. Simplesmente proíba esse filme maldito. É uma ordem.”

“Como o senhor quiser. Vou mandar a notificação hoje mesmo para a imprensa.”

“E... Gopal?”

“Sim, senhor?”

“Acho que você ainda não seguiu as minhas instruções quanto ao chefe de polícia Navneet Brar. Enquanto eu for ministro ele não receberá nenhuma medalha ou premiação.”

“Senhor, eu queria mesmo falar sobre isso. Navneet Brar é um funcionário cheio de méritos, senhor. Ele liquidou sozinho com os dois maiores grupos criminosos de naxalitas na fronteira da Índia com o Nepal. Se tirarmos o nome dele da premiação do Dia da República, isso pode desmoralizar toda a força policial e...”

“Gopal... Gopal... Quem é o ministro, você ou eu?”

“Claro que é o senhor.”

“E quem dá as ordens? Você ou eu?”

“O senhor.”

“Então me obedeça agora mesmo. Ou amanhã você vai ser secretário, mas do

Conselho do Bem-Estar do Menor. Entendeu?”

“Sim, senhor.”

*

“Bom dia, Bhaiyyaji, aqui é Alok Agarwal falando.”

“Bom dia. É uma grande honra para mim que um grande empresário como você se digne a lembrar de mim a cada três ou quatro meses.”

“Por favor, não me deixe envergonhado. Sempre tento manter contato, mas o que posso fazer? É tanto trabalho que preciso viajar o tempo todo para visitar meus sócios internacionais. Voltei a noite passada do Japão.”

“Arrey, vocês executivos sempre nas altas rodas ao redor do globo. Hoje Japão, amanhã Estados Unidos. E pessoas como eu, nós simplesmente apodrecemos aqui na nossa província.”

“Não diga isso, Bhaiyyaji. Você faz tanto pelo bem-estar do povo de Uttar Pradesh. Tenho acompanhado sua campanha para as eleições locais. Você parece estar atraindo multidões aonde vai.”

“Fico contente que você reconheça isso. Os jornais estão sempre me criticando. Agora parei de ler jornal.”

“Você não pode dizer o mesmo sobre a TV, o canal Mashaal, pelo menos. Dei pessoalmente ordem para cobrirem todos os seus comícios.”

“Sim, sim. Mashaal tem feito um ótimo trabalho. Como o nome diz, é um archote. O archote da verdade. E

você arranjou a repórter perfeita. Qual é mesmo o nome dela? Seema?”

“Seema Bisht? A Seema é muito boa. Ela perdeu por pouco o prêmio de Repórter do Ano.”

“Tenho certeza de que ela merecia mais do que qualquer um. Ela é mesmo muito bonita. E tão honesta. Por que você não pede para ela me entrevistar um dia desses? Um simples — como é que eles dizem mesmo? — cara a cara.”

“Claro, Bhaiyyaji. Vou pedir para a Seema marcar uma reunião no seu escritório.”

“Isso seria ótimo. Mas não envolva o meu escritório. Peça a ela que ligue para o meu celular. Agora, o que posso fazer por você?”

“Bem, Bhaiyyaji, você sabe que fizemos uma oferta na concorrência da usina elétrica perto de Dadri.”

“Sim, você comentou da última vez que conversamos. Mas você sabe que está concorrendo com Tatas e Ambanis, os dois maiores grupos industriais do país. E Singhania, do JP Group, também entrou.”

“Sei, sim. Mohan Kumar, o ex-secretário, fez o que pôde, o ministro nos passou para trás no último minuto.

Todo mundo sabe que Singhania o comprou. Agora Mohan Kumar se aposentou, então teremos que lutar muito mais duro para tirar os adversários da jogada.”

“Mas um passarinho me contou que Singhania já está agindo como se fosse o dono da usina. Se mais esse contrato for parar com o JP Group, eu estarei completamente fora do poder em Uttar Pradesh.”

“Arrey, você acha que o nosso estado é um feudo do ministro-chefe? Ele não pode dar contratos para o seu pessoal. Precisamos ter uma fatia igual desse bolo. Não se preocupe, esse contrato com certeza vai para você, nos mesmos termos do contrato da primeira usina que fizemos. De acordo?”

“De acordo, Bhaiyyaji. Então posso seguir em frente e avisar meus sócios internacionais para começar a despachar as máquinas?”

“Sim, sem problemas. Só não se esqueça da Seema, certo?”

“Claro, Bhaiyyaji. Ela vai procurá-lo. Esta semana mesmo — eu vou providenciar.”

“O.k.”

*

“Alô, quem está falando é a Rukhsana Afsar. Posso falar com o ministro?”

“Jagannath não está. Ele saiu para uma reunião de campanha em Gopiganji. Hoje é o último dia da campanha para as eleições locais.”

“Quem está falando?”

“Sou o secretário dele.”

“O Jagannath não está atendendo nem o celular. O que está acontecendo? Há duas semanas que estou tentando falar e ele não atende.”

“Madame, a senhorita sabe que o Bhaiyyaji troca de namorada como você troca de roupa. (Risos.) Ainda não percebeu? Alô?... Alô?”

(Desligam.)

*

“Pai?”

“Sim, Vicky? Você parece preocupado.”

“Recebi hoje uma carta pelo correio. É de um Centro Revolucionário Maoísta, um grupo de naxalitas, ameaçando me matar se eu continuar com o projeto de Zona Econômica Especial em Jharkand.”

(Risos.) “E você começou a se cagar de medo? Arrey, nunca se esqueça de que você é filho de Jagannath Rai, o nome mais temido de todo Uttar Pradesh.”

“Mas meu projeto é em Jharkand. E se esses malditos naxalitas realmente fizerem algo contra mim?”

“Não se preocupe. Vou botar um batalhão na sua casa.”

“A sua força policial é totalmente de terceira categoria, pai. Vou escrever diretamente para o comissário de polícia de Délhi pedindo proteção.”

“Você está exagerando sem necessidade. Os naxalitas nunca mataram um empresário até hoje.”

“Não quero ser o primeiro, pai. Até mais.”

(Desligam.)

*

“Jagannath, você já viu o resultado da eleição?”

“Sim, sahib ministro. Não foi tão bom quanto achávamos que seria.”

“Tão bom? Foi um desastre. Nosso partido perdeu setenta e um postos. Como isso foi acontecer? Você disse que tudo estava indo bem.”

“Vou fazer uma investigação detalhada. Meu palpite é que a oposição subornou os funcionários da Justiça Eleitoral. E muitos candidatos independentes também complicaram as coisas.”

“Bem, a informação que tenho é que os muçulmanos nos abandonaram. Isso nos custou pelo menos cinquenta postos.”

“Mas por que os muçulmanos fariam uma coisa dessas? Nós fizemos tanto por eles...”

“Por causa das revoltas nas comunidades que você instigou em Kanpur. Você disse que iam nos ajudar a conseguir os votos hinduístas. Bem, não conseguimos nenhum voto a mais de hinduísta e os muçulmanos desistiram de nós.”

“Não se preocupe, sahib ministro. Criei uma estratégia que vai nos ajudar nas próximas eleições.”

“E que estratégia é essa?”

“Vou agradar os cristãos. Até já fiz algo nesse sentido para garantir que, mesmo que os muçulmanos não votem em nós, vamos compensar ganhando os votos cristãos.”

“Você tem titica na cabeça, Jagannath? Arrey, os muçulmanos são dezoito por cento da população. Cristãos não são nem um por cento.”

“Mas você tem que pensar em qualidade, não em quantidade. Sinto-me feliz por

dentro sempre que vejo um cristão. Eles são tão encantadores.”

“Faça o que você quiser. Mas não interfira mais nos assuntos do partido. Foi o maior erro do comitê central ter posto você como encarregado dessas eleições.”

“Não venha pôr a culpa em mim. Se os eleitores não votaram, parte disso é culpa sua. Você é o ministro-chefe, afinal de contas. Além do mais, nunca me deu carta branca. Se o seu pessoal não tivesse desobedecido a metade das minhas ordens, eu teria feito maravilhas.”

“Não dá mesmo para conversar com você, Jagannath.”

(Desligam.)

*

“Alô? Quem está falando é Seema Bisht, do canal Mashaal. Posso falar com o Jagannathji?”

“Deixe-me ver.”

Bipe. Bipe. Bipe.

“Alô, Seema. Alok não lhe deu o número do meu celular?”

“Ele deu, sim, mas achei que não deveria ligar para o seu celular sem antes conhecê-lo pessoalmente.”

“Pois então vamos nos conhecer pessoalmente.”

“Sim, vamos. Queria também saber da sua reação à morte do deputado Lakhan Thakur.”

“O quê? Lakhan Thakur está morto?”

“Sim. Acabamos de dar a notícia na televisão. Ele foi baleado uma hora atrás quando saía de casa.”

“Isso é chocante! Já prenderam alguém?”

“Não, mas o diretor-geral da polícia B. P. Maurya declarou que a máfia das

madeireiras parece estar por trás do assassinato. Então, vamos nos ver?”

“Sim, claro. Tenho uma bela casa de hóspedes em Gomti Nagar. Você pode hoje à noite, digamos às dez?”

“Será que não é muito tarde?”

“Vamos jantar. Temos muito assunto.”

“O.k., vejo você lá.”

“Até lá.”

*

Bipe. Bipe. Bipe.

“Bhaiyyaji, Prem Kalra deseja falar com o senhor.”

“Quem? Prem Kalra, editor do Daily News.”

“Ah, aquele porco. Certo, pode passar.”

Bipe. Bipe. Bipe.

“Alô, Prem. Você se lembrou de mim depois de tanto tempo afinal.”

“Não tomarei muito do seu tempo, sahib ministro. Só gostaria de um comentário sobre a morte de Rukhsana Afsar.”

“Sim, isto é muito triste. Ela era um quadro muito leal do partido.”

“Por que você acha que ela se suicidou?”

“Como eu posso saber? Você tem que perguntar isso para a polícia.”

“Você sabia que ela deixou um bilhete de suicida?”

(Pausa.)

“O que diz o bilhete?”

“Diz o seguinte: ‘Querido Jagannath’, aí vem um poema de Ghalib. Muito bom poema por sinal: Hum ne maanaa ke tagaaful na karoge lekin/ Khaak ho jaayenge ham tumko khabar hone tak [Acredito até que não vás te atrasar,/

Mas já terei morrido quando chegares].”

“De fato, belo poema. Mas o que isso tem a ver comigo?”

“Está claro que você teve um caso e depois a dispensou.”

“Mentira. Isso é mentira. Eu mal a conhecia.”

“Ela foi vista em sua companhia diversas vezes.”

“Eu sou uma pessoa pública. E você sabe que na vida pública encontramos muita gente, inclusive mulheres.

Não quer dizer que eu tenha casos com todas elas. Eu sou um homem muito bem casado.”

“E tem também a fita.”

(Uma pausa mais longa.)

“Que fita?”

“Uma fita de áudio.”

“O que diz a fita?”

“Muita coisa. Aparece você falando com ela, citando belos poemas de Ghalib. Eu gosto especialmente da hora em que você diz o que pensa sobre o ministro-chefe.”

“Como você conseguiu essa fita?”

“Rukhsana me mandou pelo correio antes de morrer. Ela deve ter gravado quando vocês estavam no quarto dela.”

“A polícia sabe da existência dessa fita?”

“Não. Está comigo. Você quer ouvir alguns trechos?”

(Pausa.)

“E então, sahib ministro?”

“O que você quer, Prem?”

“A verdade.”

(Risos.) “Ora, essa é a própria essência do jornalismo. Todo homem tem seu preço. Diga o seu.”

(Pausa.) “Vinte lakhs. Dois milhões em dinheiro e um ano de publicidade do governo no meu jornal. Sem nada em troca.”

“Posso fazer o que você pede primeiro. Mas você vai precisar falar com o ministro da Informação sobre a publicidade.”

“Então vai custar trinta lakhs.”

“Vinte e cinco.”

“Fechado.”

*

“Mukhtar?”

“Sim, chefe?”

“Um carregamento de armas precisa ser retirado no Nepal.”

“Pode ser complicado, chefe. A polícia está blindando a fronteira estes tempos. E nós não queremos que o carregamento seja interceptado, não é?”

“Sem problemas. Use um dos meus carros oficiais. O que tem farol azul. Atravesse a fronteira com o carregamento e leve direto para o nosso depósito.”

“Vai dar tudo certo, chefe. Ninguém vai ousar interceptar o carro do ministro.”

*

“Alô, é a Seema.”

“Alô, jaaneman. Por onde andou? Há uma semana que não sei de você.”

“Andei ocupada. Tive que cobrir o Awadh Festival. E também apresentar o programa todo do show, o maior que já foi feito em Lucknow. A atual rainha de Bollywood estava lá.”

“Arrey, por que você vive correndo atrás dessas estrelas do cinema? São pessoas sem nenhum respeito por nada.

Por dinheiro, são capazes de dançar como eunucos num casamento.”

“Mesmo assim metade de Lucknow foi assistir. Acho que a Shabnam realmente roubou a cena.”

“Quem é Shabnam?”

“Shabnam Saxeena. Ela é a atriz mais quente da Índia na atualidade.”

“Não conheço mesmo nenhuma dessas heroínas novas. O último filme que eu vi foi Mãe Índia. Que atuação da Nargis!”

“Você só sabe o nome das heroínas dos anos 50, mas seu filho hoje em dia é um grande produtor.”

“É verdade, o Vicky gosta dessas coisas. Eu passo longe. E para mim você é melhor do que qualquer estrela de cinema.”

“Não venha me elogiar. Diga uma coisa: você fez aquele servicinho para mim?”

“Que servicinho?”

“O contrato do meu tio em Phaphamau?”

“Ah, sim, sim, considere feito. Mas saiba que isso me custou um bocado.”

“Como assim?”

“Os negócios de bebida de Phaphamau tradicionalmente ficavam com um dos meus homens, o Shakeel. Tive de lhe dizer que não entrasse na concorrência desta vez para ceder espaço para seu tio. Agora terei que compensá-lo de outras maneiras.”

“E eu vou compensá-lo na cama.”

“É melhor que compense mesmo.”

(Risos.)

*

“Posso falar com o ministro Jagannath Rai?”

“Ele falando. Quem é?”

“Aqui é o chefe de polícia Navneet Brar, senhor. Estou telefonando de Bahraich.”

“Oh, Navneet. Como vai você? Espero que esse cargo em Bahraich tenha criado algum juízo na sua cabeça.

Então, você ligou para se desculpar dos erros do passado?”

“Não, senhor. Estou telefonando para informar que acabei de apreender seu veículo oficial. Ele estava voltando do Nepal quando foi parado num posto de controle da minha área e durante a revista foram encontrados rifles AK-47

escondidos. O seu motorista conseguiu escapar, mas confisquei todo o carregamento e estou abrindo um pedido de prisão contra o senhor por ajudar e favorecer atividade criminosa.”

“O quê? Como ousa prender o ministro?”

“Estarei prendendo um conhecido criminoso que, de modo arrogante, fez mau uso de sua posição oficial.”

“Navneet, você sabe as consequências de se meter com alguém como eu? Não tenha a ilusão de que só porque usa um uniforme você está protegido. Posso

esmagá-lo como uma mosca em questão de minutos.”

“O que pretende fazer? Pedir àquele pusilânime do diretor da polícia Maurya para me transferir de novo? Bem, desta vez não vai adiantar porque falei diretamente com o ministro-chefe e ele me deu pessoalmente autorização de abrir processo contra o senhor. Por sorte ainda existem políticos com princípios em nosso estado.”

“Então faça o que quiser fazer. E eu farei o que preciso fazer.”

(Desligam.)

*

“Pai?”

“Sim, Vicky.”

“Falta só uma semana para o dia 15 de fevereiro. O Dia D.”

“Por que está tão preocupado? Eu já garanti o veredicto em novembro.”

“Ouvi dizer que outras solicitações foram feitas.”

“Faz parte do jogo. O leão precisa alimentar os abutres.”

“Então posso dormir sossegado?”

“Pode, sim. Quem dera poder dizer o mesmo a meu respeito.”

“Por quê? O que está atormentando você?”

“Um policial maluco está me tirando o sono. Ele teve a ousadia de expedir um pedido de prisão contra mim.

Fiquei dois dias para convencer o ministro-chefe de que a minha prisão não seria algo bom para a imagem do partido.”

“Você precisa fazer alguma coisa com esse ministro-chefe, pai.”

“E eu vou fazer. Mas primeiro preciso fazer alguma coisa com esse policial.

Incumbi o Mukhtar do caso.”

*

“Jagannath?”

“Sim, sahib ministro-chefe?”

“A morte de Navneet Brar no campo minado me deixou muito chocado.”

“Eu também fiquei, sahib ministro-chefe. Ele era um dos nossos policiais mais competentes. A vida toda Brar lutou contra o terrorismo, até que afinal fizeram uma emboscada para ele.”

“Diga-me, Jagannath, você teve alguma coisa a ver com a morte dele?”

“Do que você está falando? Todo mundo sabe que ele foi morto pelos naxalitas que agem na fronteira com o Nepal.”

“Mas você teve um desentendimento com Brar recentemente. Ele confiscou seu carro e estava planejando prendê-lo.”

“Nunca levei isso para o plano pessoal, sahib ministro-chefe. Não se esqueça que fui eu quem transferiu Brar para Bahraich para começo de conversa. E nem era meu carro na verdade. Os traficantes de armas estavam usando placas falsas e uma sirene sem autorização. Brar simplesmente cumpriu seu dever interceptando o carro. E é por isso que seria uma boa ideia darmos a ele alguma honraria póstuma.”

“O que você tem em mente?”

“Uma recomendação para receber a Medalha Presidencial da Polícia por Bravura. Uma bonificação ex gratia de vinte lakhs para a família e um emprego de primeira classe para a viúva.”

“Concordo. Por falar nisso, você vai amanhã a Délhi para o veredicto do caso do seu filho?”

“Não, eu vou ao funeral de Brar em Lucknow. É o mínimo que posso fazer como ministro.”

“Devo dizer que é muito nobre da sua parte, Jagannath. Boa sorte.”

“Obrigado, sahib ministro-chefe.”

*

“Pai?”

“Sim, Vicky.”

“Só queria agradecer. Minha absolvição tirou um grande peso da minha cabeça. Cheguei até a pensar que ia mesmo para a cadeia.”

“Não agradeça a mim, agradeça ao Guruji. Tudo isso é resultado das bênçãos dele. Desde que ele me pediu para usar a safira azul, tem acontecido um milagre atrás do outro. Todos os meus adversários ficaram para trás. O Guruji acabou de voltar de uma turnê mundial. Vou agradecê-lo pessoalmente.”

“E eu vou dar uma festa! Essa libertação precisa ser comemorada. Será a maior farra da minha vida. Consultei um astrólogo e ele me disse que a melhor data é 23 de março. Vou fazer no Número 6. Você promete que vai?”

“Não é uma boa ideia, Vicky. O caso ainda está quente. Deixe a atenção do público diminuir, depois veremos.”

“Não estou preocupado com isso. O juiz me liberou, não adianta nada bancar o coitado agora. Marque aí na sua agenda: 23 de março. E uma coisa eu prometo, pai, ninguém vai ser baleado na festa. (Risos.) Bom, preciso correr agora. Até mais.”

“Até mais.”

*

“Estou telefonando do escritório do ministro-chefe. O sahib ministro-chefe deseja falar com o ministro de Assuntos Internos.”

“O seu chefe também está ligando para parabenizar o Bhaiyyaji? Ele está três dias atrasado.”

“Como eu vou saber? Ponha-o na linha.”

“Por que está sempre tão azedo? Estou passando a ligação para o Bhaiyyaji.”

Bipe. Bipe. Bipe.

“Namaskar, sahib ministro-chefe.”

“Você viu a repercussão da absolvição de Vicky, Jagannath?”

“Vi, sim. Mas você conhece essa gente da mídia, nunca estão satisfeitos. Eles só querem mostrar um retrato negativo das coisas. De qualquer forma, eles que escrevam o que quiserem, isso não vai mudar o veredicto. Vicky foi absolvido da acusação de assassinato, e isso é o que importa.”

“Mas e a opinião pública, Jagannath?”

“Eu não ligo para a opinião pública. Nunca liguei.”

“Mas eu ligo. O partido também liga. O país inteiro está em polvorosa, Jagannath. Estão fazendo vigílias com velas de Amritsar a Alleppey em protesto contra a libertação do Vicky. Marchas de protesto estão sendo organizadas em oito estados por ONGs. Alunos da Universidade de Lucknow estão ameaçando praticar autoimolação. Os sindicatos estão organizando uma greve geral por tempo indeterminado. As emissoras de televisão só falam nisso. As revistas estão fazendo campanhas por mensagem de texto. Até o Daily News criou um Fundo Rubby Gill para arrecadar dinheiro para a família da vítima. Nunca na Índia um caso chamou tanta atenção como esse. Todo mundo foi contra o resultado do julgamento. Há rumores até de um novo julgamento. Tudo isso nos deixou numa posição insustentável.”

“Mas o que eu posso fazer? Um pai deve abandonar o próprio filho?”

“Bem, quando o filho é uma ovelha negra, o pai precisa tomar decisões duras.”

“Não acredito que estamos tendo esta conversa. Meu filho foi inocentado, não condenado.”

“Não importa. Ele perdeu a batalha da opinião pública. E para um político, no final das contas o que importa é a opinião pública.”

“Mas sahib ministro-chefe, a mídia é louca. Você sabe como eles simplificam as coisas. Eles não mostram cinquenta mineradores presos dentro de uma mina de carvão, mas todos os canais vão correndo fazer a cobertura de um gato que caiu num poço.”

“Sim, eu sei disso. Mas isso só serve para mostrar o poder da mídia. Eles impõem o quê e quando assistimos alguma coisa. São eles que fazem e desfazem a opinião do público. Não vamos conseguir contrariar as exigências do público nesse assunto. Isso vai acabar nos tirando todo o poder, a não ser que façamos alguma coisa.”

“Mas o que quer que eu faça?”

“O Comitê Central já tomou uma decisão. Você precisa escolher entre o Vicky e o seu ministério. Quero a sua demissão na minha mesa amanhã à tarde. Se você

preferir, podemos dizer que você se demitiu por questões de saúde.”

“A sua saúde pode estar ruim, mas não a minha. Eu sou um guerreiro. E não vou jogar a toalha assim. Deixe-me dizer isto com todas as letras: se você me dispensar, amanhã à tarde a aliança do seu governo estará encerrada.”

(Risos.) “Você pode ser um chefe mafioso, Jagannath, mas na política não passa de um novato. Desista com dignidade e você ainda sai vivo para poder lutar no futuro. Na política, todos têm uma volta triunfal. Mas, se contrariar a decisão do Comitê Central, não será o fim apenas da sua carreira política, mas também da sua carreira de crimes.”

“Guarde essas ameaças para os eunucos do seu gabinete, sahib ministro-chefe. Ninguém é homem o suficiente neste estado para me desafiar.”

“Você está me obrigando a demiti-lo.”

“E você está me obrigando a virar um rebelde.”

“Ótimo. Então as tropas estão alinhadas. Vejamos qual dos lados prevalecerá.”

“Sim, vejamos.”

(Desligam.)

*

“Alô?”

“Pranam, Guruji.”

“Jai Shambhu.”

“Quando você volta de Allahabad para Mathura?”

“Assim que terminar o Magh Mela. Por quê?”

“Guruji, preciso das suas bênçãos.”

“Para quê?”

“Para a maior batalha da minha vida.”

“Achei que você já tivesse vencido essa. Vicky foi inocentado. Meu anel de coral se mostrou bastante poderoso.”

“Mesmo assim, o ministro-chefe pretende me demitir. Então resolvi entrar na arena. Vai ser uma luta mortal. Só um dos dois terminará de pé.”

“Você tem a minha bênção, Jagannath. Recentemente vi o horóscopo do ministro-chefe. Os astros estão em declínio para ele e os seus estão em ascensão.”

“Obrigado, Guruji. Com você do meu lado, posso enfrentar qualquer um, até mesmo o ministro-chefe.”

“Jai Shambhu, Jagannath. Que a vitória seja sua!”

“Jai Shambhu, Guruji.”

*

“Alô, Tripurari. Você ainda está em Hardoi?”

“Estou, mas isso é o que chamam de telepatia, Bhaiyyaji. Eu estava para telefonar dando parabéns pelo seu desempenho hoje na Assembleia. O ataque ao ministro-chefe foi maravilhoso. Quanta sutileza. É o que eu chamo de tapa com luvas de pelica.”

“Agora vamos para a luta franca, Tripurari. Ele quer me demitir do ministério. O Comitê Central está preocupado com a propaganda negativa da libertação do Vicky.”

“Como ele ousa? Vamos fazer esse governo desabar peça por peça se ele pensar em demiti-lo.”

“É por isso que preciso da sua ajuda. Se amanhã eu não for mais ministro, até o final da semana o ministro-chefe cai também. Precisamos traçar o plano dessa queda. Quantos deputados você acha que estariam dispostos a fechar comigo?”

“Vamos fazer as contas, Bhaiyyaji. Para derrubar o governo, vamos precisar

arquitetar a ruptura com apenas quinze parlamentares. Já somos um bloco sólido de vinte deputados, todos seus fiéis seguidores. Podemos conseguir cortar a força do ministro antes do próximo apagão da Companhia de Energia Elétrica."

"Não é tão simples assim, Tripurari. Eu estou apostando muito alto. Não se trata mais de derrubar o ministro-chefe apenas. Eu vou querer realmente esfregar o nariz dele na lama. Eu resolvi lançar a minha candidatura ao lugar dele."

"Você para ministro-chefe?"

"Por que acha que passei cinquenta e cinco anos neste inferno? Com o dinheiro que tenho, poderia ter ido morar em Délhi ou Mumbai ou até nos Estados Unidos. Eu fiquei porque sempre quis o primeiro prêmio — ser ministro-chefe."

(Pausa.)

"De fato você está apostando alto, Bhaiyyaji."

"Estou mesmo. Andei pensando, quem se lembra de um maldito ministro de Assuntos Internos de um Estado?

Daqui a dez anos ninguém se lembrará que já integrei o governo que está aí. Mas mesmo daqui a vinte anos as

pessoas haverão de se lembrar do ministro-chefe. É parte da história. E ninguém esquece o que é história. Por exemplo, Jagdambika Pal. Em 1998 ele foi ministro-chefe por um único dia, mas o nome dele foi parar nos livros de história para sempre. Eu também quero essa glória. Imagine só, daqui a um século os nossos livros de história ainda se lembrarão do meu nome como ministro. Não vale a pena lutar por isso?"

"Claro que vale, Bhaiyyaji. Mas como vamos fazer isso?"

"Precisamos rachar o partido. Já temos vinte. Só precisamos de mais cinco para formar um terço. Aí a dissidência se torna legal. Não entra no Ato de Infidelidade Partidária."

"Mas como vai ser a composição do governo?"

"Já conversei com todas as lideranças da oposição, especialmente Tiwaiji, que

comanda o apoio de pelo menos cinquenta deputados. Estão dispostos a me apoiar por fora. E os independentes estão fechados comigo. Afinal, eu ajudei metade deles a se eleger. Então o que você acha? Será que vamos conseguir?"

"É brilhante, Bhaiyyaji. Que estratégia!"

"Vou chamar de Operação Xeque-Mate. Agora é só você levá-la a efeito."

"Vamos aos detalhes práticos. Primeiro precisamos isolar o nosso bloco de vinte. Depois, identificar quem são os cinco que faltam para rachar o partido. E por fim precisamos de cartas de apoio de todos os partidos da oposição, aceitando você como ministro-chefe. Vou começar a trabalhar agora mesmo."

"Muito bem. Faça o que for preciso para ter sucesso."

"Também vamos precisar de dinheiro. A Operação Xeque-Mate vai custar caro. Você tem todo esse dinheiro disponível, Bhaiyyaji?"

"Não se preocupe com o dinheiro."

"Então posso começar comprando as pastas? Vou precisar de pelo menos vinte."

"Sim, faça isso. E quando eu me tornar ministro-chefe, você dirigirá a indústria estatal de bagagens!"

(Risos.)

*

"Alô, gostaria de falar com Alok Agarwal."

"Quem fala?"

"Aqui é Jagannath Rai."

"Arrey, Bhaiyyaji? Desculpe, não reconheci sua voz."

"Esqueceu a minha voz agora que não sou mais ministro? É assim que um empresário do seu porte age em seus negócios?"

"Não, não é isso... De todo modo, diga, o que fez você se lembrar de mim?"

“Você sabe, Alok, que eu sempre considerei você como um irmão mais novo para mim. Agora estou em dificuldades e preciso que me ajude.”

“O que posso fazer por você?”

“Decidi lançar minha candidatura ao cargo de ministro-chefe de Uttar Pradesh.”

“Esse é um grande passo, Bhaiyyaji.”

“É, sim, eu sei. Dei esse passo depois de analisar todas as opções. Estou seguro de que tenho os meios para isso.

Mas, para fortalecer o apoio de alguns parlamentares, preciso oferecer-lhes algum estímulo. É aí que você entra.

Você sabe muito bem como essas coisas são feitas.”

“Entendo. De quanto estamos falando aqui?”

“Pelo menos cento e trinta milhões de rupias, trezes crores.” *

(Pausa.)

“É um quantia bastante alta, Bhaiyyaji.”

“Não para um homem tão bem-sucedido nos negócios como você. De qualquer forma, é apenas um

empréstimo. Você terá mais do que o dobro assim que eu for ministro-chefe.”

“Não estou preocupado com isso, Bhaiyyaji. Simplesmente não tenho como dispor desse valor. Se tivesse conseguido aquele projeto em Dadri, as coisas poderiam ser diferentes, mas...”

“Sei que você ficou decepcionado com o andamento das coisas em Dadri, mas o que eu podia fazer? A oferta do Singhania era duas vezes maior que a sua, então ele conseguiu. De quanto você dispõe no momento?”

“Uns vinte milhões, trinta no máximo.”

“Bas? Não banque o agiota pão-duro.”

“Estou dizendo a mais pura verdade perante Deus. Os negócios não andam nada bem.”

“É a sua oferta final?”

“Acredite em mim, Bhaiyyaji. Não posso dispor de...”

“Não precisa dizer mais nada. O erro foi meu de ficar amigo de um sujeito desclassificado como você. Eu deveria ter cultivado a amizade de alguém do calibre do Singhania. Agora escute aqui, seu filho da puta. Uttar Pradesh acabou para você a partir de hoje. Pode esquecer qualquer negócio por aqui. Se ousar botar os pés no meu estado, vou trinchá-lo feito uma galinha. Está me entendendo?”

“Bhaiyyaji, tente enten...”

(Desligam.)

*

“Vicky?”

“Pai, posso ligar de volta daqui a pouco? Estou no meio de uma reunião importante.”

“Esqueça a reunião. Tenho de falar com você agora mesmo.”

“Rapazes, vocês me dão licença um minuto? Preciso ir ali fora um momento... Sim, pai, o que foi?”

“Por que você está nervoso?”

“Não estou nervoso. Fale logo, não tenho muito tempo.”

“Preciso de dez crores.”

“Oooh! Pai, desde quando você precisa pedir dinheiro para mim?”

“Escute, Vicky, eu também não tenho muito tempo. Você pode me mandar esse dinheiro até o final da semana?”

“De jeito nenhum, pai. Estou com um problema enorme de fluxo de caixa. Investimos tudo no projeto da Zona Econômica Especial de Jharkhan. Mas para que você precisa de todo esse dinheiro, afinal?”

“Depois eu explico.”

“Nada feito, não vou poder ajudá-lo, pai. E por favor não ligue nas próximas duas horas.”

“Isso é modo de um filho se comportar com o pai?”

“Olha, pai, eu não...”

“Não. Você nunca me ouve mesmo, Vicky. Assim como existem filhos que passam a vida inteira tentando corresponder às expectativas do pai, existem pais que passam a vida inteira tentando consertar os erros do filho.

Depois dessa, esqueça que você tem um pai para tirar você das enrascadas.”

“Não precisa ficar emotivo, pai. Acredite em mim, eu ajudaria se pudesse. Quanto a me tirar de enrascadas, não se preocupe. Não vou mais matar nenhuma garçonete. (Risos.) Vou desligar o celular agora, pai.”

(Desligam.)

*

“Alô, Seema?”

“Alô.”

“Por que essa frieza toda? Você também vai me abandonar agora que não sou mais ministro?”

“Não, não é nada disso.”

“Então, jaaneman, quando poderei vê-la de novo?”

“Vou passar uns dias em Délhi. Preciso resolver algumas coisas.”

“Por exemplo? Diga, eu resolvo para você. Mais algum tio precisando de um

contrato de bebidas?” (Risos.)

“Não dê risada. Quem precisa de alguma coisa agora sou eu mesma.”

“O quê? É só dizer e será seu.”

“Eu não sei. É que às vezes me sinto sufocada. Como se estivesse cheia da rotina. E a vida vai passando.”

“Todo mundo se sente assim às vezes. Como diz o Guruji, o importante é não perder o foco.”

“Sempre tive a sensação de que iria realizar grandes coisas. Esse emprego vagabundo de repórter de TV não é para mim. Eu sou bonita, jovem, ganhei o prêmio de melhor atriz na universidade. Você não acha que eu poderia trabalhar no cinema?”

“Arrey, esse negócio de cinema é a pior coisa que você poderia querer. Não mexa com isso.”

“Se você falasse com o Vicky sobre mim, ele não recusaria um pedido seu.”

“Não, eu não posso fazer isso e o Vicky não me ouve. Não complique as coisas agora.”

“Você é quem está complicando tudo.”

“Olha, Seem...”

(Desligam.)

*

“Quais as novidades, Tripurari?”

“Bhaiyyaji, foi uma dureza. Ficamos no telefone e em reuniões o dia inteiro e descobrimos tudo sobre quem são os amigos e os inimigos. Nada como a adversidade para revelar a verdadeira face das pessoas. Até os vinte com quem estávamos contando foram complicados. Apenas oito estavam dispostos a ficar do nosso lado. Tive que usar todos os meus truques para convencê-los. Por fim

conseguimos fechar com catorze, deixando de fora seis. Somando-se a isso os cinco que ainda precisamos para rachar o partido, ainda faltam onze. Então fizemos uma análise cuidadosa dos deputados que talvez pudessem se interessar. Conhecendo os pontos fracos de cada um, conseguimos fazer um bom trabalho. O primeiro a se bandear para o nosso time foi Ramakant Sharma, de Chillupur. Ele estava sob suspeita do Comitê Central desde que a mulher se passou para a oposição, então foi fácil conquistá-lo. Ashok Jaiswal, Prabha Devi, Champaklal Gupta, Madan Vaishya e Ras Bihari foram comprados com promessas de fazerem parte do seu gabinete. Ras Bihari pediu especificamente para ficar com o departamento de pecuária. Então fomos atrás de Suresh Singh Baghel. Ele não fala mais com o ministro-chefe desde que foi recusado para a diretoria da Cooperativa de Cana-de-Açúcar, que ele queria mais que tudo. Foi ele quem nos passou Rakesh Yadav e Pappu Singh também. Por fim, Iqbal Mian conseguiu convencer Saleem Mohammad a mudar de lado. E com isso já temos dez."

"Bom trabalho, Tripurari. Mas ainda precisamos de mais um."

"Eu sei, Bhaiyyaji. Tentei de tudo e estou convencido de que não existe mais nenhum deputado no partido que possa ser persuadido. Ainda estamos queimando as pestanas, mas esse último deputado que falta está tão difícil de achar quanto o Osama Bin Laden. O que vamos fazer, Bhaiyyaji?"

(Pausa.)

"Você sabe, Tripurari, a diferença entre um líder e um seguidor?"

"Não. Qual é a diferença, Bhaiyyaji?"

"Um seguidor simplesmente segue o caminho desbravado pelo líder. Mas um líder cria o novo caminho. O seu problema é que você só consegue olhar para a frente. Não enxerga além dos obstáculos. Eu enxergo três obstáculos

adiante. Diga-me, quem era o deputado estadual que nos convidou para a festa de aniversário do filho no ano passado no Clarks Awadh Hotel — acho que estava fazendo três anos.

"Isso faz muito tempo, Bhaiyyaji. Deixe-me ver... Foi em janeiro do ano passado... Sim, sim, estou me lembrando, foi Gopal Mani Tripathi, não foi?"

"Sim. Exatamente. Gopal Mani é deputado de Bareilly, acho. Você falou com

ele?”

“O que está dizendo, Bhaiyyaji? O sujeito é completamente fechado com o ministro-chefe. Há rumores de que ele pode vir a ser o ministro das Florestas. Como pode achar que ele vai se bandear para o nosso lado?”

“O amor pelo filho muitas vezes é um fator motivacional importante. (Pausa.) Você registrou a informação nesse seu cérebro obtuso, Tripurari, ou eu preciso ser mais claro?”

(Pausa.)

“Não diga mais nada, Bhaiyyaji. De fato, tenho muito a aprender com você. Devo falar com o Mukhtar?”

“Sim, diga a ele que isso é para ontem. Aí você vai ter os seus onze deputados.”

*

“Estou ligando de Allahabad. Guruji deseja falar com o ministro Jagannath Rai.”

“Oh, o próprio Guruji em pessoa? Vou passar a ligação imediatamente para o Bhaiyyaji.”

Bipe. Bipe. Bipe.

“É você mesmo, Guruji?”

“Jagannath, estou numa grande enrascada. Preciso da sua ajuda.”

“O que houve, Guruji? Fiquei muito preocupado com a sua segurança quando ouvi a notícia sobre a explosão dessa bomba. Esses terroristas não pouparam nem Magh Mela! Mas Tripuri me confirmou que você tinha saído ileso.”

“Sim, Jagannath, com a graça de Deus, a explosão não me afetou em nada. Mas hoje houve uma batida na minha sede de Mathura. O Departamento de Saúde Pública está dizendo que os remédios de ervas medicinais que estou dando aos meus devotos contêm ossos humanos e de animais.”

“Como é possível uma coisa dessas, Guruji? Deve ser armação de alguma

multinacional farmacêutica para prejudicá-lo.”

“É isso mesmo que eu acho, Jagannath. Mas os meus problemas não acabam aí. Três mulheres que se dizem minhas devotas, e que eu nunca vi na vida, apresentaram queixa de que as molestei sexualmente. Você sabe que sou um asceta e fiz voto de celibato. Não posso nem pensar em cometer atos tão imorais. Mesmo assim a sua polícia está com um mandado e estão vindo me prender. Ainda estou em Allahabad escondido na casa de um discípulo. O que eu faço?”

“Está parecendo uma grande conspiração contra você, Guruji.”

“Acho que deve haver um rival por trás disso, e a minha suspeita é de que seja aquele porco do Swami Brahmdeo, que, como você sabe, é íntimo do ministro-chefe. Deve ser coisa dele. Agora só você pode me tirar dessa situação.”

“Por azar, Guruji, agora nem eu tenho poder para evitar sua prisão, uma vez que não sou mais ministro. Mas posso facilitar sua fuga.”

“Fuga?”

“Sim. Você precisa fugir para os Estados Unidos ou para a Europa imediatamente, ou te farão mofar na prisão de dez a quinze meses. Acusações de assédio sexual estão sendo levadas muito a sério por causa das ONGs que apareceram no nosso estado.”

“É mesmo? Então preciso ir embora logo.”

“Pedirei a um dos meus homens para entrar em contato com você dentro de uma hora com um carro para a sua fuga. Ele o levará à fronteira do Nepal. Dali você pode ir a Katmandu e pegar um avião para onde conseguir um

visto.”

“Obrigado, Jagannath. Eu me lembrarei desse favor. Posso pedir mais um?”

“Mas é claro, Guruji.”

“Meu bem mais precioso é um antigo falo sagrado que me foi dado por um devoto de Tamil Nadu. Há dois dias, aproveitando o pandemônio que ocorreu após o ataque terrorista, um ladrão o roubou da minha cabana, onde o ícone de

Shiva ficava em exibição. É por isso que todos esses problemas me aconteceram. É fundamental que eu recupere esse shivling. Você me disse que o diretor-geral da polícia é seu homem de confiança. Você pode pedir a ele para fazer uma investigação e tentar recuperá-lo das mãos do culpado? Ainda deve estar em Allahabad. Uma vez recuperado, ele pode deixar em segurança com você até eu voltar. Faria isso por mim?"

"Eu faria de bom grado, Guruji, mas talvez você não saiba que no dia em que fui removido do ministério, o ministro-chefe também demitiu o Maurya. Já não tenho nenhuma influência na polícia agora."

"Arrey, isso é muito ruim. Mas não se preocupe, o Senhor Shiva vai acertar as coisas. Guarde minhas palavras, os dias do ministro-chefe estão contados."

"Espero que sua profecia se realize."

"Está bem, Jagannath, vou esperar que seu homem entre em contato. Jai Shambhu."

"Jai Shambhu, Guruji."

*

"Bhaiyyaji, tenho uma notícia boa e uma ruim."

"Primeiro a boa, Tripurari."

"A boa é que conseguimos todos os deputados de que precisávamos para rachar o partido e formar nosso próprio partido."

"Excelente. Transfira-os imediatamente para a nossa casa de hóspedes em Badaun e deixe-os ali em prisão domiciliar. Tire todos os celulares deles. Ninguém deve entrar em contato com eles. Só sairão de lá quando o governador me convidar para ir até a casa dele exibir os deputados."

"Já fiz isso, Bhaiyyaji. Um ônibus os levou para Badaun. Deixei um segurança com eles."

"Então qual é a má notícia?"

“Tiwaraji arranjou para que todos os partidos da oposição não apoiassem sua candidatura.”

“O quê? Eu conversei com todos eles. Nenhum deles expressou reserva alguma quanto ao meu nome. O

próprio Tiwari elogiou minha decisão.”

“Não tem nada a ver com você, Bhaiyyaji. Tem a ver com o Vicky.”

“Como assim?”

“Toda essa publicidade na TV e nos boletins diários da mídia sobre a libertação do Vicky... a opinião pública está agitada. Como resultado, os deputados estão ficando com medo. Acham que, se apoiarem sua candidatura para ministro-chefe, eles podem se sujar.”

“Arrey, esses desgraçados já estão todos atolados em corrupção. Como eles poderiam se sujar mais?”

“Eu sei disso, Bhaiyyaji, mas não é só uma desculpa. Eles realmente acham que você devia esperar as coisas esfriarem, evitar aparecer em público, deixar a poeira assentar. Tiwari disse que vai apoiar sua volta ao ministério, mas não como ministro-chefe nessas circunstâncias. Alguns dos independentes com quem falei acham a mesma coisa.

Vicky se tornou seu calcanhar de aquiles.”

“Então o que faremos agora?”

“Tiwari disse que irá interceder por você junto ao ministro-chefe. Ele ajudará a selar um acordo. Em troca ele quer um crore.”

“Isso é ridículo. Por que eu deveria pagar para ter de volta uma posição que é minha por direito? Afinal, não fui condenado.”

“Bhaiyyaji, às vezes o pecado do filho recai sobre o pai. Sem o seu lugar no ministério, nós ficaremos vulneráveis demais. E o ministro-chefe sempre pode fazer a polícia encher nosso saco. Agora não temos sequer a proteção do diretor-geral da polícia. Acho que devemos aceitar a oferta de Tiwari.”

“O.k., mas diga a ele que o pagamento vai demorar um pouco.”

“Está bem, Bhaiyyaji. A sua palavra já basta.”

*

“Jaaneman, você ainda está em Délhi?”

“Estou. Foi tão bom ter saído de Lucknow. Comparada com a vida agitada daqui, Lucknow parece um cemitério.”

“Não diga isso, Seema. Afinal, eu estou aqui. Sinto tanto a sua falta. Até o Guruji foi embora para um lugar chamado Misterdama.”

“Amsterdam, senhor ministro. Amsterdam.”

“Se é mister ou dama, o que importa? Só você importa para mim. Quando você volta?”

“Não estou com pressa.”

“Então devo ir para Délhi também? Poderíamos nos encontrar num belo hotel.”

“Não, não. Eu procuro você assim que terminar meu trabalho.”

“Certo, jaaneman. Agora me dê um beijo.”

(Som de beijo.)

*

“Tripurari falando, Bhaiyyaji. Tiwari cumpriu a parte dele. O acordo foi selado. O Comitê Central vai reempossá-lo como ministro desde que você não se candidate a ministro-chefe e faça uma declaração pública de apoio ao ministro-chefe.”

“Nem morto eu farei uma coisa dessas.”

“Mas que outra opção nós temos, Bhaiyyaji? Já vimos que, enquanto não tiver poder para derrubar o ministro-chefe, você não terá força para assumir o lugar dele. Por favor, faça essa pequena concessão. Eu pensarei em algo que não

comprometa sua dignidade.”

“Quem me dera não ter vivido para ver esse dia chegar.”

“Só se você não tivesse um filho como o Vicky, Bhaiyyaji. Hoje você estaria sentado na cadeira do ministro-chefe.

Quem sabe você ainda não será primeiro-ministro? Mas por enquanto temos de conter nossa ambição.”

“Bem, o ministro-chefe venceu o primeiro round.”

“Na verdade, não. Eu diria que foi uma vitória no primeiro round. A Operação Xeque-Mate chegou a um beco sem saída.”

“Eu nunca aceitei a derrota, Tripurari. No final isso vai terminar em xeque-mate, você vai ver.”

*

“Parabéns, pai, por ter sido reempossado. Enquanto você esteve fora, fiquei muito preocupado de dirigir o meu Lamborghini a quase trezentos por hora em Noida.” (Risos.)

“Vicky, você não faz ideia do mal que me causou. Por você, eu teria... deixe para lá. Então, ainda está disposto a dar a sua festa no dia 23 de março?”

“Claro, pai. Nesse exato instante, os convites estão sendo enviados. Mas a idiota da minha secretária fez uma bruta confusão. Ela usou um mailing antigo e, agora, pessoas como Mohan Kumar e Singhania estão sendo convidadas. Será que eu telefono e os desconvido?”

“O seu problema, Vicky, é que você contrata secretárias pela beleza e não pelo cérebro. Mas depois de feito, um convite não pode ser retirado. É contra a nossa cultura.”

“Mas o Mohan Kumar ficou completamente louco, e Singhania é agora meu rival nos negócios.”

“Você conhece o velho ditado — mantenha os amigos perto, e os inimigos ainda

mais perto. Além disso, Kumar pode ser uma grande diversão em seu novo papel de Gandhi Baba."

"Por falar em Gandhi, pai, será que devo me preocupar com essa conversa de um possível novo julgamento?"

"A coisa vai esfriar, Vicky. No final, tudo esfria, até mesmo o amor de um filho pelo pai."

"Você ainda está chateado porque não emprestei aquele dinheiro?"

"Não, Vicky. Eu não fico remoendo o passado."

"Por falar nisso, pai, você conhece uma moça chamada Seema Bisht?"

"Sim. Conheço muito bem. Ela é repórter de um canal de terceira categoria chamado Mashaal. Como você a conheceu?"

"Ela veio até minha casa na fazenda na noite passada, citando seu nome."

"Isso, ela me disse que ia para Délhi. Ela entrevistou você?"

"Ela fez mais do que uma entrevista. Ela estava querendo um papel no meu próximo filme."

"Então o que você fez?"

"O que você acha? (Risos.) Ela me pareceu uma boa transa. E estava mais do que a fim."

(Longa pausa.)

"Pai?"

(Desligam.)

*

"Oi, aqui é a Seema. Estou tentando encontrá-lo há dois dias. Parabéns, senhor ministro."

“Não ouse falar comigo, sua prostituta barata!”

(Desligam.)

*

“Alô? Alô?”

“Obrigado por telefonar para o Novotel Hotel. Em que posso ser útil?”

“Aí é 00-31-20-5411123?”

“Sim, senhor. Em que posso ser útil?”

“Por favor, posso falar com o quarto 567?”

“Um momento, senhor. Estou passando a sua ligação.”

Bipe. Bipe. Bipe.

“Alô? Quem é?”

“Alô, posso falar com o Guruji?”

“Guruji está ocupado agora. Ele não quer ser interrompido.”

“Eu sei. Só diga que é Jagannath Rai ligando de Lucknow. É muito urgente.”

(Sussurrado.) “Guruji, é alguém chamado Jagannath Rai. Ele diz que quer falar com você com urgência.”

“Passe o telefone, e você vá para o banheiro. (Pausa.) Alô, Jagannath. Você me encontrou até aqui em Amsterdam? (Risos.) Jai Shambhu.”

“Jai Shambhu, Guruji. Quem é essa mulher que atendeu o telefone?”

“Ela é a... Irmã Reena. Ela coordena as minhas atividades na Europa. Mas fale-me de você. Como tem passado?”

“Tive pensamentos muito ruins nos últimos dias.”

“Nada de estranho nisso. Aqueles que não alcançaram as verdades fundamentais da existência devem sofrer com a energia negativa.”

“Sinto que tenho sido enganado e só você pode me mostrar o verdadeiro caminho. Assim como Arjuna veio até Krishna no campo de batalha de Kurukshetra para pedir sua orientação divina, ** eu venho ao seu refúgio, Guruji, mesmo que você esteja a milhares de quilômetros de distância.”

“A razão se destrói quando a mente está confusa, Jagannath. A mente fica confusa com a ilusão. E a ilusão nasce da ira. Você está com raiva de alguma coisa?”

“Estou com raiva de muitas coisas, Guruji. Sei que você sempre me aconselha a não ficar tenso, mas o que posso fazer? Política significa tensão.”

“Diga, como vai a sua campanha de ministro-chefe? Li no Times of India que você obteve o apoio de um grande número de deputados.”

“Essa notícia é velha, Guruji. Agora voltei a ser ministro de Assuntos Internos.”

“Oh, essa notícia é ótima. Então eu posso voltar para a Índia agora? Você pode cancelar o mandado de prisão?”

“No momento, não, Guruji. Eu ainda estou enfrentando algumas dificuldades. Mas tenho um plano de me tornar ministro-chefe agora.”

“Bom. Então só voltarei depois que você se tornar ministro-chefe. Então qual é o seu plano?”

“Eu não quero tratar disso agora, Guruji. Quero que você me diga uma coisa muito mais vital e fundamental.

Quero saber a verdade sobre a existência, sobre a vida.”

(Risos.) “Todos nós queremos saber, não é mesmo?”

“Guruji, você me conhece há muito tempo, muito antes de eu entrar na política. Diga, matar alguém é a pior coisa que alguém pode fazer?”

(Risos.) “Matar o quê? Este corpo? Mas Jagannath, como eu já lhe disse tantas

vezes, este corpo, como o universo, é mithya, só uma falsa crença, como um chifre num carneiro, ou a água de uma miragem. É só uma existência temporária. E deve morrer de qualquer modo."

"Mas então por que nós choramos os mortos?"

"O sábio não lamenta nem os vivos nem os mortos. Porque a morte é certa para todo aquele que nasce, e o nascimento é uma certeza para o que morre. Portanto, só os tolos lamentam o inevitável."

"E mesmo se o corpo morre, a alma nunca morre?"

"Sim. Está certo. A alma é eterna, permanente e primordial. O atma não é destruído quando o corpo é destruído."

"Então, se alguém é assassinado, ele não morre realmente. Ele apenas adquire outro corpo, não é?"

"Exato. Uma pessoa que sabe que o atma é indestrutível, eterno e imperecível não mata ninguém nem causa o assassinato de ninguém."

"Mesmo se a pessoa assassinada é um parente próximo?"

"Não existe essa coisa de parente. A essência de um verdadeiro iogue é o desapego. Ele é desapegado do filho, da esposa, sua família e seu lar. É alguém cuja mente não se perturba com a tristeza."

"Você esclareceu minhas dúvidas, Guruji. Você iluminou minha mente."

"Lembre-se do que Krishna disse a Arjuna: 'Não lamentes, pois te libertarei de todos os teus pecados'."

"Você de fato me libertou, Guruji."

"Preciso ir agora, Jagannath, para fazer uma palestra. Por favor, tente fazer algo sobre o mandado. Não posso ficar indefinidamente fora do país. Mesmo o meu visto Schengen expirará em dois meses. Disseram-me que aquele

desgraçado do Brahmdeo deu uma entrevista no Devotion Channel fazendo todo tipo de acusações contra mim.

Então o que eu suspeitava era verdade.”

“Não se preocupe, Guruji. No dia em que eu for ministro-chefe, nesse dia Swami Brahmdeo terá um mandado de prisão contra ele. Jai Shambhu.”

“Jai Shambhu.”

*

“Mukhtar?”

“Sim, chefe.”

“Você está em Lucknow?”

“Sim, chefe.”

“Diga, Mukhtar, você é um muçulmano devoto?”

“Não muito, chefe. Mas tento fazer as cinco orações do namaz toda sexta-feira.”

“Ainda assim você conhece o conceito de sacrifício. Sabe a história de Abrahão?”

“Todo muçulmano sabe. Ele foi um grande homem que estava prestes a sacrificar o filho para satisfazer Alá.”

“Deve ter sido muito difícil para ele. E o serviço que eu vou lhe passar agora é igualmente difícil para mim.”

“Hukum. Estou pronto. É só dizer qual é o serviço.”

“Não posso dizer pelo telefone. Você pode vir à minha casa agora?”

“Estou indo, chefe. Khuda hafiz.”

“Khuda hafiz.”

* Cerca de 3,25 milhões de dólares.

** Referências ao poema épico hindu Mahabharata.

11. Noiva por correspondência

O avião da United Airlines aterrissou no Aeroporto de Nova Délhi pontualmente às três e dez da tarde. Todos os outros passageiros pareciam estar loucos para sair, como se alguém estivesse distribuindo doces grátis do lado de fora.

Fiquei algum tempo enfiando a bela revista de bordo e o cartão com as instruções de segurança na minha mala, e até usei o banheiro depois que os passageiros tinham saído.

Havia uma longa fila no balcão do passaporte quando cheguei, e o homem que me atendeu era mais lerdo que uma tartaruga perneta. A cada dez minutos ele saía para tomar um chá ou conversar com os amigos. Eu mal me continha até chegar a minha vez.

“Bom dia, senhor”, disse ele, abrindo meu passaporte. Olhou para mim e conferiu a minha foto do passaporte, depois voltou a olhar. “Este passaporte é seu?”

“É”, falei.

“Bem, você está muito diferente na foto.”

“É que a mãe falou que era para colocar a melhor foto minha. Aí eu pus a minha melhor foto. E acontece que é de quando eu estava na escola.”

“Por favor, espere aqui”, disse o funcionário e saiu para consultar o superior. Voltou dez minutos depois.

“Desculpe, não podemos permitir que entre na Índia. Suspeitamos que seu passaporte seja falsificado. Você será deportado de volta aos Estados Unidos.” Ele me devolveu o passaporte e apontou para um canto. “Sente-se ali naquele banco.”

“O quê?”, exclamei. “Não, você não pode estar falando sério. Está de brincadeira comigo, não é? Eu preciso ir a um casamento.”

Ele balançou a cabeça. “Não há nada que eu possa fazer.”

“Por favor, não diga uma coisa dessas. Eu vim lá de Waco só para encontrar a

minha noiva. Tenho certeza de que você pode mexer uns pauzinhos por mim", implorei.

"Bem...", ele olhou para os lados para ver se alguém estava ouvindo. "Pode ser que eu possa ajudá-lo, se você me ajudar."

"Faço qualquer coisa que você disser."

"Eu coleciono cédulas de dinheiro estrangeiro", ele sussurrou. "Tenho todas as notas americanas, exceto a de cem dólares. Você pode me dar uma nota de cem? É só colocar dentro do passaporte e me passar."

Agradeci a Deus por aquele sujeito não estar precisando de uma nota de mil em sua coleção, porque eu também não tinha, e na mesma hora tirei uma nota de cem da carteira. Coloquei dentro do passaporte e entreguei ao funcionário, que rapidamente carimbou o documento e devolveu para mim. "Tenha uma boa estada, senhor Page", ele sorriu para mim. Abri o passaporte. A cédula havia desaparecido.

Demorei vinte minutos até pegar minha mala Delsey da esteira rolante e mais dez para converter alguns dólares em rupias indianas. Daí, nervoso como um gato de rabo comprido numa sala cheia de cadeiras de balanço, saí andando do terminal.

A Índia me recebeu com uma lufada de ar quente. Estava mais quente que um bolo de pimenta. Havia um bando de pessoas gritando e acenando; buzinas de carros tocando, motoristas uniformizados correndo com placas, e homens de camisas marrons perguntavam a todo mundo: "Táxi? Táxi?".

Comecei a procurar Sapna na multidão. Ainda que houvesse muitas garotas no aeroporto, nenhuma se parecia com ela.

Esperei três horas na calçada, mas minha futura noiva não apareceu. Todos os outros passageiros foram embora.

Metade das pessoas do aeroporto foi embora. Vaguei por ali até o ponto de táxi, imaginando se ela estaria esperando lá fora, e foi aí que a vi. Ela estava com um sári vermelho, as mãos postas em namaste, o pescoço cheio de joias, um grande sorriso estampado no rosto. Ao lado da foto, um cartaz gigante dizia em letras azuis: "BEM-VINDO À ÍNDIA".

Não sou do tipo chorão. A última vez que realmente chorei foi em 1998, quando o Humano (vulgo Mick Foley) perdeu para o Coveiro na famosa luta de vale-tudo Inferno numa Cela. Mas naquele momento fiquei sufocado. Eu queria ir para o colo da mãe e chorar até meu coração sair pela boca. Quis que o funcionário me pusesse de volta no avião. Desejei nunca ter vindo à Índia. Mas ajoelhou tem que rezar. Estava escurecendo e eu precisava de um lugar para ficar. Lentamente fui até um daqueles táxis amarelos e pretos.

O motorista era um sujeito de turbante com bigodão e barba preta. “Você pode me levar a um hotel barato?”, pedi ao cavalheiro.

“Claro, senhor. Conheço o lugar ideal para o senhor. De onde está vindo?”

“Estados Unidos”, falei.

“Eu gosto de americanos”. Fez que sim com a cabeça. “Metade da minha aldeia se mudou para Nova Jersey.

Primeira vez em Nova Délhi?”

“Primeiríssima vez na Índia”, devolvi.

“Então entre, senhor”, ele abriu a porta de trás para mim e colocou minha bagagem no porta-malas.

O táxi tinha bancos estropiados e um cheiro estranho e seboso. O painel era todo decorado com imagens de velhos com longas barbas brancas. O motorista baixou o taxímetro e deu a partida.

Nova Délhi me pareceu maior do que Waco e o trânsito era impressionante. Além dos carros, havia ônibus, bicicletas, motos, scooters e uma estranha novidade que o motorista disse que chamavam de riquixás motorizados, tudo isso ao mesmo tempo sem bater ou matar as pessoas que iam a pé no meio da rua. De repente, vi um enorme elefante cinzento se movendo pesadamente em nossa direção.

“Ei, esse aí fugiu do zoológico?”, perguntei embasbacado.

“Não, senhor”, riu o motorista. “Aqui não precisamos de zoológicos. Dá para ver todos os bichos que você quiser na própria cidade. Ali”, disse ele apontando à

distância, “você pode ver alguns belos búfalos e vacas, também.”

Ficamos quase duas horas rodando enlouquecidamente naquele carro. A certa altura me pareceu que tínhamos voltado ao aeroporto. Comecei a ficar preocupado, mas o motorista dava risada. “A cidade fica bem longe do aeroporto, quase cento e sessenta quilômetros, senhor. Mas não se preocupe, nós vamos chegar lá. Na Índia a gente precisa aprender a ter paciência.”

Por fim, ele me levou para dentro de um mercado aberto iluminado com lâmpadas amarelas e tubos de luzes brancas. Vi ruelas estreitas repletas de gente e de vacas. Homens sujos descarregando engradados de madeira abarrotados de sacos cheios de objetos. Mulheres gordas sendo levadas em esquálidos riquixás. Riquixás motorizados ziguezagueavam feito carros de brinquedo. Ciclistas desviavam tocando suas minissinetas. O mercado era cheio de pequenas bancas de frutas, mantimentos, televisores e livros. Placas publicitárias eram penduradas em cada espaço livre — anunciando tudo, de ventiladores de teto a óleos perfumados. Inclinadas em ângulos diversos, pareciam prestes a desabar em cima dos que passavam.

O motorista parou em frente a um prédio amarelo caindo aos pedaços que tinha uma placa que dizia

“Hospedaria Ruby, Paharganji”. Embaixo vinha escrito “Vaga para Moxileiro Decente Luxo Higenico”.

“Aí está seu hotel, senhor. Muito bom e bem razoável”, disse o motorista, e me cobrou mil rupias.

Quando eu estava para entrar no hotel, uma vaca gorda e enorme parou bem na minha frente.

“Xô”, falei para o animal, mas ela balançou a cabeça para mim. Empurrei-a com a mala e quando dei por mim estava voando no ar. Caí com um baque, batendo com a cabeça numa bicicleta estacionada. A vaca voltava para cima de mim, fungando e raspando os cascos no chão. Olhei para os lados em busca de ajuda, mas as pessoas ao redor só

faziam rir. Levantei devagar, limpando as calças, e fiz outra tentativa de entrar no hotel, mas a vaca se recusava a me deixar passar. Ela grudou em mim feito abutre na carniça.

Fui salvo por um mascate que vendia bananas numa carrocinha. A vaca mugiu e abriu caminho para ele.

Rapidamente entrei no edifício.

O salão da hospedaria tinha um sofá verde rasgado, um tapete vermelho sujo e algumas plantas semimortas. O

gerente era um rapaz ensebado com cabelos pretos escorridos. “Bem-vindo, senhor, à nossa hospedaria cinco estrelas”, ele me cumprimentou. Pediu que eu pagasse duas mil rupias adiantadas como depósito por uma semana e me deu o quarto 411 no segundo andar sem discutir. Um menino de cueca suja pegou minha mala e me levou ao quarto por uma escada que rangia enquanto subíamos.

Meu quarto não merecia uma linha sequer. Pouco maior que um cubículo, tinha uma cama de solteiro, um armário e uma pequena mesa com cadeira. As paredes eram pintadas de cinza e o piso, coberto com um tapete vagabundo. Havia um banheiro anexo com privada fedorenta, uma pia, um balde e um esfregão.

“O café da manhã é das sete às sete e meia no salão de TV”, o menino anunciou, pondo minha mala no alto da escada. “Quer que eu lhe traga mais alguma coisa? Comida? Garota? Coca? Fumo?”

Pensei nas opções e disse: “Coca seria legal”.

“Quinhentas rupias, por favor”, ele pediu. Isso dava mais de dez dólares por uma latinha de Coca-Cola! Não estou gostando nada desses preços indianos. Relutante, entreguei o dinheiro.

Depois que o menino saiu, abri as cortinas verde-escuras da janela para conferir a vista. Uma massa de fios emaranhados foi o que encontrei, indo de um prédio ao outro, formando um teto sobre a rua. Havia fios soltos o bastante para eletrocutar todo o Texas. Uma espécie de neblina preta pesava no ar. Duas pessoas discutiam em voz alta num telhado abaixo de mim. Um rádio tocava uma canção em híndi. Imaginei como conseguiria dormir com essa barulheira.

O mensageiro voltou em dez minutos e me entregou um pacotinho de plástico contendo um pó branco.

“Que diabos é isto?”, falei. “Eu pedi Coca.”

“Isto é coca. Da boa. Purinha”, ele disse e saiu correndo do quarto.

“Ei, espere aí!”, gritei, mas o menino já havia sumido. Senti o cheiro do pó. Não tinha cheiro de Coca de jeito nenhum. Estava pensando se teria que misturar com água quando a porta foi chutada e um policial gordo entrou.

“Parado aí, senhor”, ele anunciou em voz brava. “O que é isto na sua mão?”

“Sei lá. Eu pedi Coca e recebi isto”, falei, abrindo as mãos.

“Aha! E você ainda admite que queria cocaína.”

“Cocaína? Como assim cocaína?”

“Não se finja de inocente. Em Paharganj, quando um estrangeiro quer fumar, quer dizer maconha. E quando pede coca, é cocaína. Mas posse de cocaína é um crime muito sério neste país. Agora você vai ficar preso dez anos por isso.”

Preso por dez anos? Por pedir Coca? Quase vomitei.

“Vamos, vou levá-lo para a delegacia”, o policial disse, sacando um par de algemas do bolso da calça.

Fiquei muito nervoso vendo as algemas, e foi aí que me lembrei do que tinha acontecido no aeroporto. Num relance tirei uma nota de cem dólares da carteira e acenei para o policial. “Você não gostaria de uma destas para a sua coleção de cédulas?”

Os olhos do policial começaram a brilhar. Ele resmungou e agarrou a nota. “Dessa vez vou deixar passar. Não use drogas na Índia”, ele me alertou, enfiou o pacotinho no bolso e saiu, batendo com o cassetete no corrimão da escada.

Desabei na cama, exausto por tudo o que tinha acontecido naquele dia. Era a minha primeira viagem ao exterior, e eu havia sido abandonado pela garota por quem estava apaixonado, quase deportado antes de sair do aeroporto, chifrado por uma vaca e quase preso pela polícia.

Abri a pasta marrom e tirei as fotos que havia recebido. Olhei nos olhos dessa mulher — Sapna ou Shabnam —

e tentei saber dela: por que está fazendo isso comigo?

*

Na manhã seguinte fui acordado por um ruído estranho. Abri os olhos e vi dois pombos transando ao lado da minha cama. Enxotei-os dali e me inclinei na janela para apreciar a vista da manhã. O sol ainda não nascera, mas o dia já havia começado para as pessoas na rua. Garotinhas em bandos se ocupavam em encher montanhas de garrafas plásticas de uma torneira. Um homem tomava banho na calçada. Ele se ensaboava, de cuecas listradas, ao lado de um balde plástico, e depois se enxaguava com uma caneca de água.

Pouco depois, eu também me despi e entrei no banheiro. Embaixo do chuveiro, liguei a torneira no máximo.

Um fio de água morna caiu. Cinco minutos depois até mesmo o fio parou de cair, deixando-me limpo pela metade.

Agora eu entendia por que a água é mais valiosa do que o ouro nesta cidade.

Depois do café, fui à recepção.

“De onde posso telefonar para os Estados Unidos?”, perguntei ao gerente.

“O senhor deve se dirigir ao SLP”, disseme ele.

“O que é isso?”

“Serviço de Ligações Públicas. Há vários aqui no bairro. É o melhor lugar para fazer ligações internacionais. E

ficam abertos vinte e quatro horas.”

Então saí para a rua e descobri que praticamente todas as lojas tinham um SLP. Havia mais cabines telefônicas em Paharganj do que clubes de striptease em Houston. Entrei na cabine mais próxima da hospedaria e liguei para a mãe.

Fiquei muito contente de ouvir sua voz.

“Larry, quando você vai trazer a minha nora linda para casa?”, ela perguntou,

toda animada. “E não se esqueça de mandar as fotos do casamento.”

Eu tinha ligado para avisá-la de que não haveria mais casamento, mas de repente perdi a coragem de dizer a verdade. “Não esqueço, mãe, pode deixar. Está tudo bem”, murmurei e desliguei.

Assim que o mercado abriu, procurei uma agência de turismo para marcar minha volta. Por sorte, a Lucky Travel

& Tours ficava do outro lado da rua, em um conjunto de escritórios cheio de lojinhas. O dono era um sujeito simpático que olhou cuidadosamente a minha passagem e ficou um tempo apertando teclas em seu computador.

“Lamento, senhor Page”, ele balançou a cabeça, “a sua passagem é a mais barata que existe e não há nenhum lugar disponível em nenhum voo. Como o senhor sabe, estamos no auge da temporada. O voo mais próximo que eu posso marcar é para Chicago no dia 24 de novembro.”

“Mas isso vai demorar demais”, exclamei. “Eu quero voltar agora, hoje mesmo se possível.”

“Nesse caso o senhor terá que comprar uma nova passagem de ida. Posso providenciar imediatamente. Temos uma oferta especial da Tadjiquistão Airways. Délhi, Dushanbe, Nova York, por apenas trinta mil rupias.”

Olhei na carteira. “Eu só tenho treze mil.”

“Sinto muito, então o senhor terá que esperar até 24 de novembro. Até lá, aproveite o nosso país.”

Quando saí da agência, eu tremia feito vara verde. Foi então que deparei com uma placa: “Agência de Detetives Shylock. Especialista em questões matrimoniais”. Meus olhos brilharam. Um detetive era justamente o que eu precisava.

Bati na porta e a placa quase caiu. Tentei ajeitá-la na posição e a porta abriu com um rangido.

Entrei numa sala que parecia ter sido atingida por um furacão. Havia caixas de papelão espalhadas e várias coisas jogadas no chão — quadros, caixas de

arquivo, uma enorme pilha de jornais, e até um martelo e algumas chaves de fenda. As paredes pareciam não receber pintura havia anos e a sala recendia a urina.

Havia uma nuvem de fumaça na sala e por um momento receei que estivesse pegando fogo. “Entre, vamos entrando, meu amigo”, uma voz anunciou.

Aproximei-me da voz. As nuvens se abriram e vi um velho indiano num paletó de tweed e chapéu marrom, sentado atrás da escrivaninha de madeira. Com uma das mãos ele tirava sujeira do ouvido e com a outra, fumava um cachimbo.

Assim que me viu, ele jogou fora o cotonete, ajeitou o paletó e se levantou. “Bem-vindo à Agência de Detetives

Sherlock. Meu nome é K. P. Gupta, o proprietário. O que posso fazer por você?”

“Você poderia encontrar uma pessoa para mim?”, perguntei.

“Elementar, meu caro Watson”, ele disse e tirou uma baforada no cachimbo.

“Page.”

“O quê?”

“Meu nome não é Watson. É Larry Page.”

“Ah, sim, mas é claro.” Ele deu outra baforada no cachimbo. “Bem, quem é a pessoa que você quer que eu encontre, senhor Larry?”

“Você está de mudança?”, apontei as caixas.

“Bem, isto aqui não é exatamente Baker Street. E os idiotas não sabem inglês o bastante nem para escrever o nome da minha agência direito. Mas não se preocupe, não vou a lugar nenhum. Estamos apenas redecorando. Por que você não senta?”

Sentei-me numa cadeira dura que parecia tão fraca que achei que podia quebrar a qualquer momento.

“Estava pensando se você poderia encontrar a garota que me enviou estas fotos”,

disse, e entreguei a ele a pasta marrom.

Ele deu uma rápida olhada e franziu o cenho. “Mas esta é a famosa atriz Shabnam Saxena. Por que quer encontrá-la?”

Então expliquei toda a história da minha amizade com Sapna Singh e o motivo da minha viagem à Índia.

“Ora, ora”, disse ele balançando a cabeça. “Esta Sapna realmente enganou você, senhor Larry. O que você quer que eu faça?”

“Quero que a encontre. Antes de voltar para os Estados Unidos, eu gostaria de encontrá-la uma única vez. Você consegue localizá-la para mim?”

“Mas é claro. Eu conseguiria localizar até Osama Bin Laden se o governo me pedisse. Você tem algumas cartas que ela escreveu?”

“Tenho.” Tirei um maço gordo de cartas da bolsa. “Posso lhe dar o endereço dela, mas acho que não vou poder mostrar as cartas. Elas são particulares.”

“Eu sou um detetive particular”, ele sorriu e agarrou as cartas da minha mão. “Hummm”, disse ele enquanto lia as primeiras cartas. “Ela usou uma caixa postal de Délhi. Muito esperta. Mas não mais esperta que eu. Senhor Larry, considere o serviço feito. Dentro de poucos dias terei todos os detalhes sobre essa garota. É claro, isso terá um custo.”

“Quanto?”

“Minha taxa normal é de dez mil rupias, mas uma vez que você é um convidado em nosso país, eu lhe darei cinquenta por cento de desconto. Então, digamos, cinco mil. Preciso de metade adiantado e metade quando terminar a investigação.”

Tirei a carteira e contei duas mil e quinhentas rupias.

“Ótimo”, ele concordou, e soltou outra nuvem de fumaça pela boca. “Volte na segunda-feira, dia 8 de outubro.”

Retornei à hospedaria, primeiro conferindo se a maldita vaca estava por perto. Hoje ela estava sentada no meio da rua como uma ilha de trânsito, com uma

guirlanda de calêndulas frescas ao redor do pescoço. Carros e scooters buzinavam para ela, ciclistas a xingavam, mas ela permanecia sentada feito uma rainha, mascando uma sacola plástica. Balancei a cabeça desolado com este país onde as vacas são tratadas feito deusas. Lá na minha terra ela já teria virado bife.

Dentro da hospedaria, fui à sala de televisão. Havia só mais um outro cara na sala, sentado numa poltrona, com uma almofada no colo. Era um sujeito claro, de olhos castanhos e barba rala.

A TV estava ligada na CNN. Na tela aparecia um quebra-quebra em alguma rua e depois pessoas deitadas em hospitais cobertas de sangue e curativos.

“O que aconteceu?”, perguntei ao sujeito.

“Outro atentado com bomba em Bagdá. Setenta pessoas morreram”, ele respondeu sucintamente. “Você é Larry Page, dos Estados Unidos, não?”

“Sou”, assenti. “Como você sabe?”

“Vi seu nome no registro do hotel.”

“E quem é você?”

“Meu nome é Bilal Beg, da Caxemira.”

Eu não tinha ideia de onde ficava a Caxemira, mas fiz que sim com a cabeça outra vez.

“Diga-me, senhor Page, por que seu país simplesmente não tira as tropas do Iraque?”, Bilal perguntou de repente.

“Sei lá. Não é porque a gente precisa pegar aquele Saddam ou coisa parecida?”

“Mas Saddam já foi enforcado!”

“Ah, é mesmo? Desculpe, eu não vejo a CNN há quase um ano.”

Ele me olhou como se eu tivesse roubado sua carteira e saiu da sala.

Naquela noite cometi o erro de sair para comer num restaurante. A comida era alucinantemente apimentada, um tipo de pão recheado de batatas e picles que

começou a agir no meu estômago na mesma hora. Assim que voltei à hospedaria, tive que correr para o banheiro.

Passei a sexta e o sábado inteirinhos no quarto, com a pior dor de barriga da minha vida. Era como se eu fosse um saco cheio de merda transbordando. A única pessoa que veio me ver foi Bilal. Ele me deu até um xarope verde que ajudou na minha recuperação. Domingo de manhã eu estava louco para sair, depois de ter soltado as tripas nos últimos dois dias.

As ruas de Paharganj eram mais calmas no domingo. Até aqueles fulanos de riquixá que normalmente começavam a rodar suas bicicletas sagradas às sete da manhã pareciam ter feito uma pausa. Dois deles dormiam com os pés em cima do guidão. As meninas voltaram a sair, enchendo suas garrafas de plástico e baldes na torneira municipal.

A maioria das lojas estava fechada hoje, mas os restaurantezinhos estavam abertos. Um deles vendia omeletes entre duas fatias de pão. Outro fazia doces indianos no formato de pretzels fritos num enorme tacho de óleo fervente, e depois os jogava em outro pote cheio de calda açucarada. As pessoas se acotovelavam em volta de uns aquecedores que ferviam furiosamente com chá.

Por algum motivo os indianos preferem fazer as coisas em lugares abertos. Vi salões de beleza ao ar livre, onde barbeiros passavam espuma e raspavam seus fregueses aos olhos do público, e alfaiatarias que consistiam em um alfaiate sentado na calçada ocupado com sua máquina de costura. Havia até mesmo pessoas que limpavam seu ouvido na beira da rua. Vi um velho de roupas sujas enfiando uma coisa pontuda e comprida na orelha de um freguês. Só de ver aquilo já me deu dor de ouvido.

Havia um homem vendendo DVDs numa banquinha. Levei dele coisas incríveis por uma pechincha — como Homem-Aranha 3, Batman 4 e Rocky 5 pelo equivalente a cinquenta centavos cada um!

Perambulando mais ao sul, encontrei um mercado de frutas lotado. Mulheres sentavam em tapetes de juta rasgados com montes de tomates e cebolas, limões e pimentas, e uma tentava gritar mais alto que a outra. “Tomate, vinte rupias o quilo!... Limão, cinco por dois! Minhas batatas são as melhores.” Elas pesavam os legumes em balanças estropiadas de cobre com pesos de ferro preto e colocavam o dinheiro embaixo dos tapetes de juta. De repente, uma coisa raspou

no meu rosto. Virei-me e vi a maldita vaca me encarando. Antes que ela se mexesse, saí correndo. Dez minutos depois, eu estava perto da estação de trem de Nova Délhi.

A estação era um outro mundo. A pobreza da Índia me atingiu feito uma martelada. Vi famílias inteiras vivendo na rua dentro de barracos feitos de placas de um material plástico. E havia outras que nem aquilo tinham. Um homem estava deitado atravessado no meio da rua, como um bêbado na calçada de um bar. Outro estava sentado na calçada, pelado feito uma gralha, com o corpo coberto de lama, coçando o peito com as unhas.

Uma mulher pálida se aproximou de mim, vestindo um sári verde e uma blusa amarela. De tão magra, quase se podia ver através dela, e o cabelo parecia ter sido escovado com um batedor de claras. Levava no colo um menininho com jeito de quem não comia havia um ano, osso puro e olhos fundos. A mulher não disse nada, só estendeu as mãos em concha e fez um movimento da barriga para a boca. Foi o que bastou para eu tirar a carteira e dar a ela

quinhentas rupias.

E foi só eu fazer isso que um exército de pedintes me cercou. Eles me fecharam num círculo como aqueles zumbis de Predadores da noite. Havia mendigos mutilados e zarolhos, pedintes que se moviam sobre skates e outros que andavam com as mãos. Como os vendedores que mostram suas laranjas e maçãs, eles exibiram suas feridas abertas e cascas purulentas, seus membros atrofiados e costas deformadas, estendendo suas tigelas de mendigo estragadas como seus corpos. Era impossível continuar em frente. Voltei correndo para o hotel, tranquei-me no quarto e enfiei a cara no travesseiro.

Em apenas três dias, Délhi havia partido meu coração, fundido minha cabeça e acabado com meus intestinos.

O detetive me esperava na segunda-feira, vestindo exatamente as mesmas roupas, mas agora sem o cachimbo. A maior parte das caixas tinha sumido, deixando a sala vazia como uma igreja numa manhã de segunda.

“Conforme o prometido, achei a garota que enviou as cartas”, anunciou o sr. Gupta assim que me sentei.

“E quem é ela?”, perguntei ansioso.

“Isso pode surpreendê-lo, mas aquelas cartas foram escritas por ninguém mais ninguém menos do que a própria Shabnam Saxena.”

“Você quer dizer a atriz?”

“Exatamente.”

“Como ficou sabendo disso? Tem certeza?”

“Você não reparou como ela usou as mesmas iniciais — S e S — também no nome falso?”

“Macacos me mordam! Não tinha reparado.”

“Mas, para um detetive experiente como eu, o padrão imediatamente apareceu. No entanto, para não haver sombra de dúvida, comparei também a caligrafia dela com a das cartas que você recebeu. A combinação é perfeita.”

“Mas como conseguiu a caligrafia dela?”

Ele deu risada. “Nós, indianos, somos muito avançados. Construímos bombas atômicas que a CIA de vocês nunca conseguiu encontrar. De modo que temos bancos de dados muito superiores, inclusive com as caligrafias de cada indiano que sabe ler e escrever. Eu lhe asseguro, senhor Larry, a autora destas cartas é mesmo Shabnam Saxena.”

“Então por que ela não foi me receber no aeroporto?”

“Essa é uma pergunta mais difícil. Acho que é melhor você mesmo perguntar a ela.”

“Mas...”

“Sei o que deve estar pensando. Deve estar imaginando por que uma atriz famosa iria querer alguma coisa com um americano comum. Certo?”

“É. Por quê?”

“Porque o amor é capaz de tudo, senhor Larry. Você vai entender quando eu lhe contar a história da Shabnam.

Ela era uma menina do interior com ambições na cidade grande. Nasceu e foi criada em Azamgarh, cidadezinha no Norte da Índia, famosa por seus gângsteres. Sua formação foi tipicamente de classe média. Seu pai era bancário, a mãe, professora primária. Ela era a filha do meio de três irmãs, e a mais bonita de todas. A reclamação constante que sempre ouviu dos pais era do azar que tinham por elas serem três meninas. Eles só pensavam em como casar as filhas. Onde arranjar o dinheiro para os dotes. Shabnam estudou até o décimo segundo ano na escola local para meninas e depois foi para a Universidade de Lucknow para se formar em filosofia.

“Quando voltou a Azamgarh depois da especialização, encontrou uma cidade suja e sórdida. A família queria que ela se casasse, mas as únicas propostas de casamento vieram dos chefes do crime local. Um gângster particularmente violento, que vivia entre Azamgarh e Dubai, começou a fazer avanços indesejados. Ela resistiu, e os pais passaram a receber ameaças de morte. Ela sabia que, se continuasse em Azamgarh, seu destino seria virar mulher de bandido, no máximo a esposa de um malandro. Então, numa noite escura, ela pegou dinheiro da carteira do pai e fugiu para Mumbai para tentar a sorte na indústria do cinema. Ela ralou um bocado, mas acabou conseguindo uma chance com o produtor Deepak Hirani. Então ela fez sucesso, mas não quis mais falar sobre suas origens. Foi deserdada pela família. Ela não tem nenhum contato com os parentes. Mora sozinha num flat em Mumbai. O que isso sugere a

você?”

“O quê?”

“Que ela está sedenta de amor. A-M-O-R. Foi por isso que escreveu para você. Ela quer que você seja seu amigo.”

“Mas então por que não usou o nome verdadeiro? Ela deve ser podre de rica. Por que me pediu dinheiro?”

“Porque ela queria testá-lo. Se você soubesse que é uma atriz famosa, também talvez acabasse tratando-a como os indianos. Os homens são loucos por ela. Mas ela quer que você a ame e respeite, senhor Larry.”

“É”, concordei, “está começando a fazer sentido.”

“E é bem provável que ela esteja querendo lhe passar um recado. Talvez as

coisas não estejam bem com ela.

Talvez algum mafioso esteja atrás dela. E assim ela foi forçada a usar uma identidade falsa. Ela está pedindo sua ajuda."

"Nossa Senhora! Acho que você descobriu uma coisa importante. Então é melhor eu mesmo entrar em contato com ela?"

"Por que não? Talvez seja isso que ela esteja esperando de você. Agora me diga: você tem celular?"

"Não. Ainda não comprei um."

"Pois então compre, porque, como favor especial a você, eu consegui o número da Shabnam Saxeena. Este é o celular pessoal que ela não dá para ninguém", sua voz agora era um sussurro. "As pessoas matariam por essa informação."

"É mesmo?"

"É, sim. Mas isso é um extra. Vai lhe custar mais duas mil e quinhentas rupias. De modo que, se você quiser esse número, terá que me pagar o total de cinco mil agora."

Levei menos de um minuto para decidir que queria aquele número. Tirei cinco notas da carteira. O detetive contou as cédulas e as guardou no bolso do casaco.

"Anote", ele disse, lendo um pedaço de papel. "É 9-8-3-3-3--8-1-2-3-4. Pegou? Foi muito difícil conseguir esse telefone. Então seja discreto."

"Posso tentar ligar agora de uma cabine?"

"Pode, mas ela não vai atender. Descobri que a Shabnam foi à Cidade do Cabo para uma filmagem. O celular só vai voltar a funcionar quando ela estiver de volta à Índia. Você pode tentar ligar daqui a mais ou menos uma semana." Ele juntou as mãos. "Então, tudo certo?"

"Sim, obrigado pela sua ajuda". Levantei.

"Deixe-me dizer que desejo a você tudo de bom, senhor Larry", disse o detetive, e apertou vigorosamente minha mão. "A sua namorada é a garota dos sonhos de

todo indiano. Sinto muita inveja do senhor. Muita inveja mesmo."

Saí do escritório feliz feito um pinto no lixo. Pela primeira vez as coisas pareciam estar melhorando.

Comprei um Nokia caríssimo naquela tarde, assim como um cartão pré-pago. Então, sentado em meu quarto, digitei aquele número com meus dedos trêmulos. A ligação foi completada, mas ninguém atendia. Após algum tempo uma gravação me disse: "O telefone chamado se encontra fora da área de serviço. Favor tentar novamente".

Desapontado, desliguei. O detetive estava certo. Eu tentaria depois. Uma semana depois.

Com cuidado coloquei o pedaço de papel com o número da Shabnam na carteira, e foi aí que vi que a carteira estava praticamente vazia. Eu só tinha mais mil rupias e duzentos dólares. E precisava ficar ainda quarenta dias na cidade. Então naquela noite recorri ao Bilal na sala de TV.

"Você sabe por aí se estão precisando de um operador de empilhadeira? Eu precisava ganhar algum dinheiro rápido."

"Você não precisa mexer com isso aqui na Índia. Você pode conseguir muito mais dando aula de inglês", ele disse. "Vamos arranjar um emprego para você." Ele pegou um jornal da mesa de centro e o abriu. "Aqui, este talvez sirva para você." Ele apontou para um anúncio na seção de "Vagas": Precisa-se: Professores de Língua e Pronúncia para SPC. Requisitos: conduzir treinamento atualizado em fonética, gramática e cultura conforme as necessidades. Acompanhamento diário completo, incluindo

avaliações no final do período dos participantes. Qualificações: Nenhuma experiência anterior ou especialização. Bom domínio do inglês americano é o único pré-requisito. Selecionamos candidatos com currículo e referências para início imediato.

O anúncio não podia ser mais confuso para mim. "O que diabos é SPC?", perguntei.

"Suporte em Processos Comerciais. É um nome bonito para telemarketing", disse Bilal. "Você consegue esse emprego fácil. Só precisam de alguém que fale

como um americano.” Ele me disse para não me preocupar com o currículo e as referências, e simplesmente ir para a entrevista.

Passei o resto da semana esperando que a semana acabasse. Todos os dias eu tentava ligar para o número da Shabnam pelo menos cinquenta vezes e todas as vezes caía na mesma gravação. Até que por fim perdi a paciência quando ouvi a gravação no décimo dia. Então fui andando até a Agência de Detetives Shylock e dei com o escritório fechado e lacrado. Havia uma notificação pendurada na porta. Dizia: “Espaço para Escritório de Alto Padrão.

Alugo/Vendo — Contato com Imobiliária Navneet 9833345371”. Liguei para o número e me disseram que o senhor Gupta havia esvaziado o escritório e se mudado para outro lugar sem deixar o próximo endereço.

Pela primeira vez uma ideia entrou na minha cabeça: quem sabe o detetive não era um embusteiro desonesto?

E que talvez tivesse me dado uma pista falsa. Mas Deus nunca fecha uma porta sem abrir outra. Enquanto eu voltava, vi uma revista chamada Filmfare numa banca com uma foto da Shabnam na capa, e comprei.

A dona Henrietta Loretta, nossa professora da terceira série, nos havia falado sobre um sujeito maluco chamado Arqui sei lá de quê que viveu há muito, muito tempo num país chamado Graxa. O cara entrou numa banheira e foi o primeiro a descobrir que a água começa a derramar se você enche demais. Ele ficou tão feliz com isso que pulou pelado da banheira gritando: “Eureca! Eureca!”. Foi exatamente como me senti ao ler o artigo sobre Shabnam Saxena. Porque eu descobri na revista uma mina de ouro. Tinha toda a história da atriz e era exatamente igual, palavra por palavra, à história que o detetive tinha me contado. Meu respeito pelo sr. Gupta subiu alguns pontos. O

sujeito tinha razão sobre o dinheiro. Mas a matéria trazia duas informações adicionais que o sr. Gupta não me dera.

Eram o endereço da Shabnam em Mumbai e o dia do seu aniversário — 17 de março —, que por acaso era o mesmo dia do aniversário da Sapna Singh. Foi a gota-d’água para eu me convencer de que Sapna e Shabnam eram a mesma pessoa. Fiquei tão feliz que praticamente bebi de um gole quatro latas de Coca-Cola!

Naquela noite, sentei-me em frente à escrivaninha do meu quarto, peguei um pedaço de papel e comecei a escrever uma carta para Shabnam. “Minha queridíssima Shabnam”, comecei, “acho que um amor como o nosso é tão raro quanto um dente de galinha”, e quando me dei conta já tinha escrito vinte páginas. Coloquei todas num envelope, escrevi “Altamente Confidencial”, escrevi o endereço da Shabnam e pus no correio assim que acordei no dia seguinte.

Naquela manhã escrevi outra carta para Shabnam. E depois foi ficando fácil como pescar peixes num barril. Em uma semana gastei mais dinheiro com o correio do que com comida e comecei a pedir dinheiro emprestado ao Bilal.

“É melhor você pegar aquele emprego”, ele me alertava.

Assim, no dia 25 de outubro, fui a Connaugh Place para a entrevista usando minhas melhores roupas. Entrei num luxuoso escritório com pinturas chamativas, poltronas de couro e veludo e uma linda recepcionista.

A pessoa que conduzia as entrevistas era um sujeito calvo, quarentão, chamado Bill Bakshi. Ele ficava atrás de uma mesa de aço escovado vestindo calça jeans e moletom dos Buffalo Bills e boné de beisebol dos Yankees. Olhou para mim com expressão intrigada. “Senhor Larry Page... Eu pensei que você fosse um cristão indiano de Goa. Mas parece americano. Correto?”, disse como um daqueles malditos Yankees de Nova York.

“Isso, eu sou americano. Sempre fui. Qual é o problema?”

“Não, nada, problema nenhum”, ele disse logo. “Na verdade, o que seria melhor do que um americano para ensinar a pronúncia americana? Imagino que o senhor seja um verdadeiro americano de estrelas e listras, alguém

que de fato morou nos Estados Unidos, não é?”

“Sim. Estou só de visita à Índia. Moro em Waco, Texas.”

Ele sorriu, esticou as pernas e pôs as mãos atrás da cabeça. “Eu torço pelos Buffalo Bills, como você pode ver. E

você, Larry? Gosta de futebol americano?”

“Agora você está falando a minha língua. Eu, nascido no grande estado do Texas, torço pelo time mais americano, os Dallas Cowboys — o único time na história da liga profissional de futebol que ganhou três Super Bowls em quatro anos.”

“E os Houston Texans?”

“Desculpe o linguajar, mas é um time de merda.”

“Como assim?”

“Eles só perdem. Tiveram uma chance na temporada de 2004 mas perderam de vinte e dois a catorze para os Cleveland Browns e deram adeus ao campeonato. Daí em diante eles ligaram o modo de autodestruição. Quer dizer, toda essa decisão de contratar o Mario Williams como primeira opção em vez do Reggie Bush ou o Vince Young acho que foi o maior equívoco da história da LPF. O cara não acerta nem uma bola arremessada por uma criança!”

“Puxa, parece que você sabe de cor a história da liga. Você tem alguma experiência empresarial?”

“Bem, já estou na estrada há bastante tempo. Trabalho há quase cinco anos no Walmart.”

“Walmart? Senhor Larry Page, o senhor está contratado. Bem-vindo a bordo.” Ele se levantou para me cumprimentar.

“Opa, obrigado. Mas o que eu tenho que fazer? Quer dizer, você pode me contar um pouco sobre a empresa?”

“Claro, a Rai Soluções Tecnológicas é uma empresa de SPC. Nós prestamos serviços à nossa clientela internacional. Vendemos serviços telefônicos, fazemos o atendimento ao consumidor, pesquisas de mercado, marcamos passagens, cuidamos do imposto de renda e da gestão de sinistros. Mas nossa principal atividade é em sistemas de informação geográfica. Nosso maior cliente é a Assistência Rodoviária Americana, a ARA. Já ouviu falar?”

“Já. Mas os veículos da nossa empresa têm contratos com o Triplo A.”

“Bem, a ARA é bem semelhante à AAA. Agora imagine que você é um cliente

da ARA. Suponhamos que seu carro quebre ou seu seguro está vencido ou você se perdeu na estrada.”

“Em que lugar da estrada?”

“Não vem ao caso. Você pode se perder no Alasca ou no Havaí, tanto faz. Nós temos todos os mapas de todas as estradas. Então: o que você faz quando se perde? Você liga para um 0800. Essa ligação cai aqui, no nosso centro em Gurgaon. E será o nosso serviço de atendimento ao consumidor que ajuda o consumidor americano. O truque é ninguém perceber que a ligação está sendo atendida na Índia. O consumidor deve pensar que a ligação é respondida nos Estados Unidos por um americano. É aí que você entra.”

“Olha, para ser sincero não sou muito bom para explicar caminho. Quer dizer, toda vez eu me perco na I-35.

Uma vez peguei a saída errada e fui parar no Novo México.”

“Mas, Larry, não vamos pedir para você trabalhar no atendimento ao cliente. Queremos que você seja apenas o professor de pronúncia. Você precisa ensinar os empregados do nosso atendimento tudo sobre os Estados Unidos —

como os americanos falam, o que fazem, o que comem, o que assistem, para que, quando o Deepak de Moradabad disser que é o Derek de Milwaukee, o cliente nos Estados Unidos não tenha nenhuma dúvida. Você acha que pode nos ajudar a fazer isso?”

“Pode apostar. Parece fácil como tirar doce de criança.”

“Perfeito. Agora, por exemplo, um indiano nunca diria isso de tirar doce de criança.” Ele deu um tapa na coxa.

“Um branco americano de professor... Nós tiramos a sorte grande!” Ele se inclinou para mim. “Espero que você saiba que o atendimento faz o turno da noite — das oito da noite às oito da manhã. Algum problema?”

“Nada. Eu posso dormir de dia. Por falar nisso, quanto de grana eu levo nisso?”

“Pois bem, em geral nós pagamos aos nossos professores de pronúncia vinte mil rupias por mês. Mas, no seu caso, podemos chegar a trinta mil. Parece

aceitável?”

Trinta mil! Isso significava que eu teria dinheiro suficiente para voltar para casa dentro de um mês.

“Quando começo?”, perguntei.

Comecei a trabalhar para a Rai Soluções Tecnológicas no dia seguinte mesmo, no complexo de escritórios deles em Gurgaon. Uma van da empresa me pegava todos os dias às sete em Paharganj e me levava por uma hora de viagem, para além do aeroporto internacional, até uma cidade agitada cheia de shopping centers e arranha-céus.

Gurgaon parecia mais Dallas do que Délhi.

O complexo de escritórios também era muito impressionante. Todo de vidro e mármore. Por dentro, a central de atendimento era do tamanho do mercado do Walmart, uma área toda com ar-condicionado e fileiras e mais fileiras de cubículos com computadores. Havia centenas de jovens indianas e indianos sentados em poltronas giratórias na frente de uma tela de computador e com aqueles fones de ouvido. O lugar zumbia feito uma colmeia gigante, mais apinhado que um clube de strip numa despedida de solteiro.

Meu trabalho era ensinar um bando de rapazes e garotas espertos a falar como americano. Comecei indo direto ao assunto. “Existem três tipos de alunos”, eu disse para a classe. “Um é aquele que aprende lendo. O segundo é o que aprende observando. E o resto tem que ir com a cara e a coragem para aprender sozinho.”

Uma coisinha linda de camiseta justa levantou a mão. “Com licença, professor Page, o que quer dizer com ir com a cara e a coragem?”

Professor Page? Fiquei até tonto ouvindo aquilo. Queria que a mãe estivesse aqui para ver o filho dela sendo chamado de professor. “Quer dizer que, às vezes, se não for por mal, não vai de jeito nenhum. Então continue tentando e num piscar de olhos vocês estarão falando como eu. O.k., pessoal, agora sebo nas canelas e ferro na boneca.”

Foi fácil assim. Os trinta mil mais rápidos que já ganhei na vida. O resto do serviço era ficar sentado no mezanino do escritório com um fone no ouvido, olhando a atividade no andar de baixo, ouvindo as conversas, fazendo cruzinhas

ao lado dos nomes dos empregados que não falavam bem inglês ou que não tinham o jeito certo.

Aquela central de atendimento me deixou impressionado. Ali estavam rapazes e garotas indianos com belos nomes indianos e que, à noite, viravam Roberts, Susans, Jasons e Janes. Na verdade, havia até mesmo uma regra de que eles deviam se chamar pelos nomes americanos mesmo durante os intervalos do chá e do jantar.

“Esse é o problema”, um supervisor chamado Devdut me disse. O sr. Devdut era um cinquentão baixinho, de cabelo raspado e óculos de aro. “Esses jovens acham que viraram americanos. Não só falam e se vestem como americanos, como agora namoram como americanos. Eu trabalho nesse ramo do atendimento, senhor Page, mas nunca vou deixar a minha filha trabalhar nisso.”

“Por que não?”

“Porque as centrais de atendimento estão virando antros do vício e do pecado. Você não sabe o que tenho que aturar todos os dias. Como posso impor a disciplina com essas meninas vestidas como prostitutas? Elas usam camisetas tão curtas que deixam os seios à mostra. Uma vem com uma calça jeans de cintura tão baixa que dá para ver a calcinha. Fiz uma busca ao acaso nas bolsas delas e achei preservativos junto com o batom. Tenho uma forte suspeita de que alguns empregados andam fazendo sexo nos banheiros durante a pausa do jantar.”

“Isso não é nada”, eu disse. “Lá na minha terra, no colegial os alunos transavam na sala de aula da Richfield High.”

“Ah! Isso pode ser permitido naquela depravação moral do seu país, mas não vou permitir esse tipo de atitude que vai totalmente contra a cultura e as tradições indianas.” Ele apontou orgulhoso para um pôster pregado em sua parede. “Sem sexo, por favor, somos indianos”, estava escrito.

Balancei a cabeça ouvindo aquele sujeito. Ele tinha uma mentalidade tão estreita que conseguiria olhar com os dois olhos pelo buraco de uma fechadura.

“Então o que você vai fazer?”, perguntei.

Ele sorriu feito uma raposa astuta. “Estou colocando câmeras nos banheiros. Assim vamos poder fechar a gaiola antes que os pássaros fujam.”

“Certo, mas tenha cuidado. O seu passarinho está quase fugindo.”

“O quê?”

“A sua braguilha está aberta”, falei.

Ele olhou para baixo e ficou com o rosto todo vermelho.

Quando dei por mim, quatro semanas haviam se passado. Minha vida entrou numa rotina agradável. Eu ia trabalhar à noite na central de atendimento e depois voltava de manhã para a hospedaria e dormia boa parte do dia. À

noitinha, feito um relógio, eu escrevia uma carta para a Shabnam e tentava o celular. Não obtive resposta para nenhuma das duas coisas, mas ainda tinha esperança.

Aprendi um bocado de gírias na central de atendimento e fiz muitos amigos entre os funcionários. Eram garotos, recém-formados, em seus primeiros empregos. Só queriam saber de festa, fazer compras e se divertir. Um deles se chamava Vincent, isto é, Venkat, que era muito bom de papo, capaz de vender um copo d’água para um afogado.

Outro era o AJ (Ajay), um enrolador, sempre correndo atrás do prejuízo. A Penelope (Priya) tinha as melhores estatísticas da empresa, batendo as metas semanais antes de todo mundo, e a Gina (Geeta), por quem metade dos caras vivia babando. O Reggie (Raghvendra) era tão baixinho que precisaria subir num caixote para conseguir chutar a bunda de um pato! E o sambar vada da Kelly (Kamala) era a melhor comida que eu já tinha provado na vida.

Aprendi a assistir críquete com os caras, algo tão emocionante quanto ficar vendo a grama crescer, mas os fogos em Diwali foram mais divertidos que do nosso Quatro de Julho. As garotas trocavam seus lanchinhos e segredos comigo. As solteiras falavam sobre os caras que elas gostavam e as casadas reclamavam das sogras. Todas sempre tentando apresentar as amigas para mim, sem saber que desse mato não sairia coelho nenhum.

Quando voltei a dar por mim, o dia 23 de novembro havia chegado. Eu tinha passagem marcada para casa no dia seguinte. E foi aí que a ficha caiu — eu não queria ir embora. Que loucura. De repente essa cidade apinhada de gente e de coisas, onde as vacas perambulavam pelas ruas e os mendigos dormiam nus, era

para mim o lugar mais interessante do planeta. Aquela hospedaria fajuta, infestada de mosquitos, tinha virado minha casa. Não trocaria o emprego na central de atendimento nem por um milhão de dólares. A Índia tinha começado a fazer coisas engraçadas comigo. Passei a mergulhar biscoitos no chá antes de morder. Comecei a comer masala dosa com as mãos. Estava gostando de tomar banho de balde. Não tinha mais vergonha de cortar o cabelo num barbeiro de calçada. Às vezes eu saía pelas ruas de Paharganj de pijama, coisa que não faria nem morto lá em casa. A Índia tinha se transformado em férias prolongadas para mim. Sem contas para pagar, nada de dirigir na I-35, nada de cozinhar, nenhum problema com Johnny Scarface. E eu nem tinha muitos amigos com saudades de mim no Texas. Até mesmo a mãe, da última vez que falei com ela, parecia mais interessada no seu quarto divórcio que no meu primeiro casamento. Mas o verdadeiro motivo de eu não querer voltar era a Shabnam. Uma voz no meu coração dizia que talvez ela ainda estivesse filmando na Cidade do Cabo. Talvez ainda não tivesse recebido minhas cartas. Então resolvi me dar mais quinze dias e remarcar a volta para quarta-feira, dia 5 de dezembro. Se eu não tivesse notícias dela, eu lhe daria adeus, eu a expulsaria da minha vida, e iria embora para casa.

Verdade seja dita, não ouvi nem falar o nome da Shabnam nos dez dias seguintes. Mas não consegui pegar o avião no dia 5 de dezembro. Isso porque uma coisa muito esquisita me aconteceu no dia 3. Eu estava indo ao banco para trocar minhas rupias por dólares. Tinha deixado a carteira no quarto, coloquei todo o dinheiro e o passaporte numa pochete na cintura, e estava atravessando a rua quando vi uma multidão marchando na minha direção. A procissão era encabeçada pela garota mais assustadora que eu já tinha visto. O rosto dela parecia um monte de lama.

Para completar, era cega feito um morcego e andava com uma bengala. Junto dela, vinham três pessoas vestidas de branco, parecendo fantasmas. Atrás dessas pessoas havia um sujeito com uma fantasia de esqueleto preta. E atrás desse bloco, todo um grupo de jovens, vestidos como estudantes. Eles levavam cartazes escritos “Cruzada por Bhopal”, e entoavam palavras de ordem como “Indenização!” e “Pagar ou Morrer!”.

A procissão parou bem perto de onde eu estava. As pessoas de branco se deitaram no meio da rua, fingindo-se de mortas, enquanto o esqueleto dançava ao redor delas.

“Vocês estão comemorando o Dia das Bruxas?”, perguntei a uma moça de jeans e tênis com uma bolsa de pano

pendurada no ombro esquerdo e com um enorme ponto vermelho na testa.

Ela olhou para mim como se eu fosse algum tipo de verme. “Como é?”

“Perguntei se isso era uma versão indiana do Dias das Bruxas. Lá na minha terra a gente comemora no dia 31 de outubro. Mas por que vocês estão pedindo indenização? Eles não dão chocolates ou doces aqui?”

Ela ficou nervosa. “Você está achando engraçado o nosso protesto contra o pior acidente industrial do mundo?”

“Ei, moça, não precisa subir nas tamancas!”, tentei acalmá-la.

“Você está me ofendendo, seu porco nojento! Você deve receber dinheiro da Dow Chemicals!”, ela gritou para mim.

“Moça, olha, não sei do que está falando. Nunca ouvi falar nessa dona aí. Você está latindo para o poste”, eu disse dando de ombros.

Outro estudante, um rapaz de cavanhaque, me tocou no ombro. “O que foi que você disse? Você chamou minha colega de cachorra?”

Um terceiro sujeito, com um cabelo esquisito, que parecia perigoso como uma cobra listrada, estalou os dedos e apontou para mim. “Você não é americano?”, perguntou.

“Sou americano, sim”, respondi.

“Ei! Parece que temos aqui o filho do sacana do Warren Anderson, o executivo da Union Carbide”, ele gritou e me pegou pela gola da blusa.

“Vamos, dê o nosso dinheiro”, pediu um homem com um pijama kurta imundo.

“É isso aí, não aguentamos esperar mais”, o cara de cavanhaque rosnou para mim.

“Não, rapazes”, balancei a cabeça. “Não vou dar dinheiro nenhum. Não é assim

que se brinca de doce ou brincadeira.”

“Esse desgraçado não vai fugir com o dinheiro. Vamos ensinar uma lição para esse maldito americano!”, berrou o cara de cabelo esquisito e a multidão avançou sobre mim feito um bando de cães na carne crua. Os homens começaram a me espancar. As mulheres passaram a rasgar minha roupa. Tentei reagir, mas eu era um mosquito numa tempestade. Quando dei por mim, tinham tirado minha blusa. Dois minutos depois, minha camisa estava retalhada, meu paletó, aos pedaços, um dos pés do meu tênis tinha sumido e eu lutava com uma gordinha de rabo de cavalo que tentava desesperadamente tirar minha calça jeans. Dei um jeito de me livrar dela. E foi então que descobri que a minha carteira havia desaparecido.

A dona Henrieta Loretta havia ensinado a gente sobre os costumes esquisitos de umas tribos estrangeiras.

Lembro que ela falou dos astecas argentinos, que comiam caveiras, e dos maoris mexicanos, que vendiam as próprias filhas. Mas eu não sabia que os indianos também tinham costumes tão peculiares, como bater em americanos se ele não desse chocolates no Dia das Bruxas.

Fui me arrastando até a hospedaria feito o Shawn Michaels depois que o Coveiro o destruiu na famosa luta do Inferno na Cela pelo Mundial de Vale-Tudo.

“O que aconteceu?”, Bilal exclamou.

“Fui espancado por um bando de malucos. Levaram todo o meu dinheiro. E o meu passaporte. O que diabos vou fazer agora?”

“Você vai precisar ir à embaixada americana para conseguir um novo passaporte”, aconselhou Bilal.

A embaixada americana em Chanakyapuri ficava muito bem instalada. Tinha um imenso gramado com fontes, e uma enorme águia dourada no alto. Os fuzileiros navais no portão pareceram felizes de encontrar um compatriota.

Disseram para eu virar a esquina e ir ao outro edifício onde cuidavam de passaportes e essas coisas de visto.

Havia duas filas, uma para indianos e outra para americanos. A fila dos indianos

tinha mais de um quilômetro.

Comunidades inteiras pareciam viver em frente da embaixada, com suas malas e chinelos. Uma família sikh fazia suas orações. Uma mãe ocupada dava de comer às crianças. Dois homens jogavam baralho na sombra. Por sorte, não havia nenhum americano precisando de visto e consegui atravessar o portão em apenas dez minutos.

Fui revistado feito um novo prisioneiro na cadeia. Depois de passar por quatro revistas, finalmente cheguei até a

recepção.

“Meu nome é Larry Page e eu perdi o meu passaporte”, avisei para a mulher da recepção.

“Por favor, sente-se!”, a mulher disse e telefonou para alguém. Três minutos depois, uma porta de vidro se abriu e uma loira alta de sapatos pretos de salto veio me cumprimentar. Vestida com uma saia cinza, camisa combinando, com botões dourados, parecia muito atraente.

“Bem-vindo, senhor Page”, ela disse com um grande sorriso e apertou minha mão, toda afetuosa. “Sabíamos que o senhor estava vindo para a Índia para a Conferência da Associação Nacional de Softwares e Empresas de Serviços. É

uma grande honra para nós receber sua visita aqui na embaixada. Sou uma grande admiradora do seu trabalho. Por favor, me acompanhe.”

Ela me levou através dos corredores, com os quadris gingando feito dois gatos num saco. O escritório dela ficava do outro lado do edifício. Ela abriu a porta com um cartão e me convidou para entrar.

Sentei num sofá bege e dei uma olhada ao redor. A sala era bastante espaçosa e muito bem mobiliada. Havia diversos tipos de mapas nas paredes e a mesa estava cheia de bugigangas com longas antenas pontudas.

A loira sentou do meu lado. “Meu nome é Elizabeth Brookner”, disse ela, cruzando as pernas longas. “Sou a chefe da seção consular da embaixada. É muito azar que o senhor tenha perdido o passaporte, senhor Page, mas vamos tentar conseguir outro em vinte e quatro horas.”

“Isso seria muito gentil”, respondi. “Preciso pegar o avião amanhã.”

“Ora, vamos”, ela disse, dando um tapinha no meu braço. “Gente que voa de 767 particular não precisa se preocupar com horário de voo.”

Eu não fazia ideia de o que era um 767, então fiquei quieto.

“Então, como vai o Serguei Brin?”

Nunca ouvi falar em nenhum Serguei Brin, então não falei nada.

“Você não é de falar muito, não é, senhor Page?”

“Bem, minha mãe sempre diz que boca a gente tem uma só, mas ouvidos são dois.”

Ela me olhou de novo de um jeito engraçado. “Quem diria que eu estou aqui com Larry Page na minha sala.

Sabe como é, eu já uso o Google há, sei lá, décadas. Na verdade, tenho até algumas ações daquela oferta pública inicial de 2004... Você não acha que está ficando um pouco quente aqui?”, ela disse, e abriu dois botões da jaqueta.

“Então, onde está hospedado, senhor Page? No Sheraton?”, ela piscou para mim e me deu um sorrisinho envergonhado:

“Olha, dona, eu não sou...”

“Meus amigos me chamam de Lizzie. E tome aqui, fique com o número do meu celular. Você pode me ligar a hora que quiser, dia ou noite.” Ela anotou o número num pedaço de papel e me passou. Coloquei o papel na carteira, que estava vazia feito a tumba de Jesus na manhã da Páscoa.

“Sim, você ia me dizendo onde está hospedado. E você não ganhou recentemente o prêmio de Melhor Inovador do Ano?”

“Não, dona. O único prêmio que eu quase ganhei na vida foi no Rodeio de Operadores de Empilhadeira do ano passado, em Cisco. Com a minha Hyster H130F, eu era muito bom nisso de carregar e descarregar o trailer e em pegar e empilhar os paletes, mas não fui muito bem no exame escrito porque eles faziam

pegadinhas do tipo ‘se uma empilhadeira a dezesseis quilômetros por hora leva 6,7 metros até frear completamente numa superfície seca, quantos metros uma empilhadeira a trinta e dois quilômetros por hora levaria até parar?’. Eu escrevi a resposta assim: 6,7 2 = 13,4 metros, mas eles disseram que a resposta certa era que uma empilhadeira não tem nada que correr tanto.”

“Você tem mesmo um senso de humor incrível, senhor Page — ou será que posso chamá-lo de Larry? Como sabe tanto sobre empilhadeiras?”

“É porque sou operador de empilhadeira no Walmart em Round Rock, Texas. Sabe, aquele da I-35, na saída 251?”

“Quer dizer que você não é o Larry Page famoso do Google?”

“É o que eu estou tentando dizer, dona. Meu nome é Larry Page, mas não sou o cara do Google. Eu estava só visitando a Índia, mas agora não posso voltar para casa porque perdi meu passaporte.”

“Oh!”, ela disse e rapidamente abotoou a jaqueta. Ela se levantou do sofá e seu rosto ficou como o do Johnny

Scarface quando vai dar uma bronca num empregado. “Bem, senhor Page, lamento pelo mal-entendido. O senhor precisa então preencher os formulários DS-11 e DS-64, que estão na recepção. Depois o senhor precisa trazer uma cópia do boletim de ocorrência, mostrar alguma prova da sua cidadania americana, pagar noventa e sete dólares e marcar uma hora com alguém da equipe da seção consular.”

“Mas eu ainda vou conseguir um passaporte para amanhã, não?”

“Não, senhor Page. Esse serviço expresso só está disponível para americanos famosos, coisa que obviamente o senhor não é. Minha secretária o acompanhará até a saída.”

Saí da embaixada amaldiçoando meu azar. Quem dera eu não tivesse dado com a língua nos dentes. Aprendi a lição. Se as pessoas querem achar que eu sou o sr. Google, vou deixar que achem.

Fui à agência Lucky Travel e remarquei novamente minha volta. O voo mais próximo dessa vez era dia 15 de janeiro. Eu não tinha alternativa senão ficar na

Índia por mais quarenta dias.

Não parei de escrever para a Shabnam, mas vendo que ela não respondia, minhas cartas foram ficando cada vez mais curtas. Continuei tentando ligar das cabines de chamadas internacionais para o celular dela, mas também não dei sorte. A única boa notícia veio da central de atendimento, onde dispensaram o sr. Devdutt no dia 15 de dezembro.

Ele foi pego com várias fotos de garotas nuas em seu computador. E descobriram que havia dois anos ele vinha usando o telefone do escritório para falar com uma certa mulher chamada Sexy Sam, de Las Vegas.

Os dias corriam mais depressa e quando dei por mim já era 31 de dezembro. Eu tinha vários convites para passar a noite do Ano-Novo, com Vincent, Reggie e Gina, de quem já havia até me despedido. Mas depois de tudo o que tinha acontecido, eu não estava com vontade de comemorar nada. Foi quando recebi uma proposta da gerência. Eles estavam precisando de voluntários para cuidar da central durante o réveillon e ofereciam o triplo do pagamento.

Como eu não tinha nada para fazer, disse que me candidatava para o turno da noite e me sentei como um funcionário naquilo que Priya chamava de “cadeira quente” pela primeira vez na vida.

Atender aquelas ligações não é tão simples quanto parece. Na verdade, é um serviço bem estressante. Como o Vincent costumava dizer, é um jogo de dados. Você nunca sabe que tipo de gente vai atender. Não havia muito trânsito naquela noite, e só depois de duas horas fui atender minha primeira ligação. Era um homem, o sr. Jim Bolton.

Ajustei o fone de ouvido e segui os passos que apareciam no monitor. “Obrigado por telefonar para a Assistência Rodoviária Americana. Meu nome é Larry Page. Como posso ajudá-lo?”

“Obrigado, filho. Somos de San Francisco. Fomos visitar uns amigos em Nova York. De lá iríamos à Filadélfia para uma festa de Ano-Novo, mas fomos pegos pela tempestade. Acho que nos perdemos um pouco. Parece que acabamos passando por Dallas e agora estamos em White Haven, na I-476. Você pode nos dizer como fazemos para chegar à Filadélfia daqui? E, por favor, depressa, porque a bateria do celular está acabando.”

“Sim, é claro, senhor. A partir de Dallas, eu sei explicar até como se chega à Lua. Você pode me dizer o seu número da ARA, por favor?”

O cara me deu o número de inscrição dele e passei a orientação de Dallas, Texas, até Filadélfia, Nova York, que estava no computador. O sujeito parecia estar a mais de 2400 quilômetros do caminho certo. E o pior, eu não conseguia localizar White Heaven no mapa. Digitei nomes com todas as outras cores, até Black Hell, mas o resultado dava no mesmo. Neca. Nada. O lugar simplesmente não existia e eu estava mais confuso que uma vaca num gramado artificial.

Todos os empregados, em geral, devem completar o atendimento em menos de três minutos, mas mesmo depois de dez minutos eu ainda não tinha conseguido encontrar a localização do sr. Bolton. Ele estava cada vez mais impaciente.

“Senhor, não estou conseguindo encontrar essa localidade na Filadélfia. O senhor não gostaria de ir para Waco?”, perguntei, esperançoso.

O cara explodiu. “Escute aqui, seu desgraçado”, ele berrou. “Você ficou meia hora me enrolando. Por que não admite que não sabe merda nenhuma sobre as estradas nos Estados Unidos? Você não deve ser Larry Page coisa nenhuma. Você deve ser algum indiano idiota sentado numa espelunca na porra de Bangalore tentando enrolar americanos, não é? Vamos, admita e talvez eu possa perdoá-lo.”

“Não, senhor. Meu nome é Larry Page e eu sou tão americano quanto o senhor”, respondi.

“Então você insiste que é americano, certo? Acha que pode me enganar? Sei muito bem como essas centrais de atendimento funcionam em cubículos na Índia. Vou provar que você está mentindo e é para já. Diga-me, senhor Page, qual é a população dos Estados Unidos?”

“Sei lá. Um bilhão?”

“Errado. Diga três emendas da Constituição.”

“Ah, que besteira, isso é mais difícil que aritmética chinesa. Aliás, o que é a Constituição?”

“Você nunca ouviu falar na Declaração dos Direitos? Imagino que nem vá

adiantar perguntar quem escreveu o nosso hino nacional.”

“Pode chutar?”

“Chute.”

“Stevie Wonder?”

“Errado de novo. Você sabe pelo menos a letra do hino?”

“Opa, eu cantava na escola, mas faz muito tempo. Só lembro que tinha uma parte sobre foguetes no ar e bombas caindo na casa dos bravos.”

“Já chega. Não aguento mais isso. Você é um insulto à nação americana.”

“Sinto muito, senhor. Mas é que eu nunca fui a essas universidades chiques como o senhor.”

“Você não precisa fazer isso, filho. Você precisa é de uma bala na cabeça. Agora me diga, qual é seu nome verdadeiro?”

“Eu já disse, senhor. É Larry Page.”

“Olha, não adianta continuar fingindo. Eu já provei que você não é americano. Vamos, qual é o seu nome indiano? Sitaram? Venkatswamy?

“Bem, senhor, não adianta tapar o sol com a peneira. Eu já disse, meu nome é Larry Page e eu sou americano do grande estado do Texas.”

“Vou perguntar pela última vez, qual é seu nome verdadeiro? O seu nome indiano, droga!”

“E eu estou dizendo pela última vez que é Larry Page e eu não sou indiano, sou americano.”

“Seus indianos filhos da puta, tiram os empregos da gente e têm coragem de se dizer americanos?! Que vergonha.”

“Vergonha para o senhor também, usando esse linguajar. A mãe sempre diz ‘por fora, bela viola, por dentro pão bolorento’.”

“Escute aqui, babaca, por que não volta para a sua mãe preta indiana? Você nunca mais vai sentar essa bunda indiana numa espelunca dessas e desperdiçar o precioso tempo de um americano. Quem é seu supervisor? Quero falar com ele.”

“Você está metendo os pés pelas mãos, senhor”, eu disse a ele.

“Vou mostrar onde vou enfiar a mão, seu babaca. Eu sou do sindicato. Sou dirigente sindical e vou mandar você para a rua. E se a sua empresa não o despedir, vou mandar fechar essa merda de empresa. Eu exijo falar agora com o seu supervisor. E deixe-me dizer...”

A ligação caiu de repente. Parecia que a bateria dele tinha acabado. Passei a mão no rosto, aliviado por me livrar de um cliente tão chato, quando uma mensagem piscou no meu monitor. “Por favor, venha me ver imediatamente

— MK.”

Madhavan Kutty era o supervisor dos supervisores, um sujeito sem o menor senso de humor, de cabelos brancos e temperamento terrível. Quando entrei em sua sala no mezanino, ele estava de pé perto da mesa e havia outro cara sentado em sua poltrona. As roupas do estranho eram exageradas: uma jaqueta preta de couro e sapatos brancos bicudos. Imaginei se ele seria cego porque estava de óculos escuros à uma da manhã. Seu rosto era bonito, mas estragado por uma longa cicatriz que ia do olho esquerdo até a bochecha. Parecia esperto, tipo vendedor de carros usados.

Madhavan estava com cara de quem deixou o pão cair com a parte da manteiga voltada para baixo. “Este é o senhor Vicky Rai, o dono da empresa. Ele estava passando e resolveu conferir como estávamos indo. Pegou ao acaso

uma ligação para monitorar e era a sua, Larry. Você estabeleceu um novo parâmetro de como não atender um cliente.”

“Olha, eu posso explicar. O cara era louco. Qualquer cego montado num cavalo podia ver isso”, comecei a dizer, mas o exibido me cortou.

“Nem precisa discutir com este idiota, MK. Larry Page, você está despedido”, disse ele, e saiu andando, com seus sapatos brancos estalando no ladrilho do piso.

Dois dias depois, eu chutava lata, sem rumo, na estrada em frente à hospedaria quando Bilal veio falar comigo.

“Escute, Larry, agora que você não está mais trabalhando na central de atendimento, que tal vir comigo para Caxemira por alguns dias? Vou voltar hoje com alguns amigos.”

Eu não tinha nada melhor para fazer e ainda quinze dias para gastar. “Certo”, falei e chutei a lata na sarjeta.

Chegamos a Srinagar na noite seguinte. Quando saí do ônibus, o vento estava forte como um furacão num estacionamento de trailers e fazia um frio de rachar. Uma lufada de ar congelante me pegou em cheio e quase desmaiei. Bilal logo me trouxe um cobertor e me levou correndo para uma casa próxima, onde adormeci instantaneamente.

No dia seguinte, saímos para conhecer alguns pontos turísticos. Estava um dia muito frio, mas Bilal tinha a roupa certa para mim — um roupão comprido e solto com mangas chamado phiran, por dentro do qual eu podia levar um pequeno fogareiro — meu forninho particular. Aquilo me caiu feito uma luva.

Srinagar era uma pintura, e as pessoas nas ruas pareciam muito amistosas. Crianças de xales coloridos acenaram para mim, grupos de meninas saindo da escola com os olhos brilhantes, de cabeças cobertas, com seus risinhos tímidos, e mulheres cobertas de joias olhavam das portas de casa, e homens com camisolas compridas e chapéus pretos murmuravam cumprimentos para Bilal. Todo mundo sorria.

Nossa primeira parada foi no lago Dal, o lago mais incrível que já vi na vida. Era cercado por árvores muito altas e cheio de casinhas em cima de barcos, que se chamavam — o que mais poderia ser? — casas flutuantes, com lindos gradis decorados. O lago era pontuado de flores de lótus e praticamente sufocado com tantas plantas. Pássaros deslumbrantes caminhavam pela superfície. Uma série de barquinhos vagavam por entre os lótus. Quando passou a neblina, vi as montanhas cobertas de neve, mais altas que o monte Livermore do Texas.

Do outro lado do lago, tinha uma mesquita com o domo branco, era o chamado santuário de Hazratbal, de onde vinha o chamado para as orações amplificado por alto-falantes. Bilal disse que o santuário era mesmo muito sagrado e abrigava uns fios de cabelo do profeta Maomé. Até os mendigos daqui eram

simpáticos. Eles me ofereceram uma flor antes de me pedir dinheiro.

Nossa próxima parada foi a mesquita Jama Masjid, em Nowhatta, no coração da cidade antiga. Bilal fez suas orações enquanto eu perambulei em meio ao burburinho do velho bazar do lado de fora do templo.

No almoço, Bilal me levou ao Lal Chowk, que parecia a rua principal de Délhi, e comemos a deliciosa (larrupin, como eles dizem) comida de Caxemira, num pequeno restaurante de beira de estrada.

À tarde, no entanto, houve a explosão de uma bomba na estação de ônibus e foi declarado toque de recolher a partir das onze da noite, o que na verdade não importava muito porque tudo na cidade fechava e todos iam dormir logo depois das seis.

No meio da noite, Bilal de repente me acordou com uma sacudida: “Levante, Larry. Vai haver uma batida.

Precisamos ir embora”.

“O que houve?”, perguntei.

“Alguém delatou você para a polícia como suspeito. O exército pode vir prendê-lo. Precisamos ir para um local seguro.”

Com a visão ainda turva, levantei e fui cambaleando para fora da casa vestindo meu phiran. A rua estava calma feito um cemitério. Havia latões de lixo pegando fogo aqui e ali e alguns homens reunidos na esquina aqueciam as mãos junto a um braseiro de carvão. Alguns vira-latas latiam. Bilal conhecia a cidade como a palma de sua mão.

Levou-me por um labirinto de vielas, atravessando várias ruas, uma ponte, escapando de um posto de sentinela, até uma pequena casa abandonada com porta verde.

Dentro da casa estavam os três homens mais esquisitos que eu já tinha visto. O líder deles era um sujeito grandalhão, com uma longa barba negra e um turbante preto. Tinha feições bem definidas, com uma estranha marca escura na testa. O segundo era mais jovem e vestia uma jaqueta de lã, calça e camisa. Era do meu tamanho, só que tão dentuço que poderia comer milho através de uma cerca de

arame farpado. Ao seu lado, um sujeito mais claro, alto e magro, de cabelo comprido, com um rosto bonito e sujo. Trajava calça creme de pijama folgada e uma camisa preta comprida.

Bilal parecia estar com pressa de ir embora dali. “Bas, meu serviço termina aqui. Estes são meus amigos. Eles o levarão a lugar seguro. Preciso ir agora, Larry. Boa sorte”, disse ele, e antes que eu pudesse interrompê-lo, saiu correndo como se fugisse de cães.

Os três caras na sala olharam para mim como o Mike “Cachorro Louco” Benson, o chefe da segurança do Walmart, procurando larápios no mercado. Bilal tinha dito que eram seus amigos. Quanto a mim, estava tão à vontade entre eles como se estivesse sentado num formigueiro.

“Tire o seu phiran”, disse o cara de turbante.

“Por quê?”, perguntei.

“Queremos ter certeza de que não está armado.”

“O freguês é quem manda”, eu disse, e tirei a camisola.

O dentuço me revistou por cima da camisa e da calça jeans. “Ele está limpo”, anunciou. A tensão no ar diminuiu um pouco.

“Opa!”, falei e estendi a mão. “Meu nome é Larry Page.”

O dentuço pareceu mais animado. “Bilal nos disse seu nome, mas eu não acreditei. Você é mesmo o Larry Page que inventou o Google?”

Amaldiçoei meu pai por ter me dado este nome (a mãe disse que a ideia foi dele). Mas se o exército indiano estava atrás de mim e a minha única alternativa era com esses três fanfarrões, achei melhor dançar conforme a música. O sr. Dentuço obviamente confundiu alhos com bugalhos, e se queria achar que eu era o cara do Google, por mim tudo bem. Sem problemas.

“Por quê? Você acha que não sou capaz de inventar uma coisa dessas?”

Seus olhos se arregalaram. “Quer dizer que você é o verdadeiro Larry Page?”

“Macaco quer banana?”

“Como assim?”

“Como assim, sim. Eu sou o inventor do Google.”

Dentuço me olhou como se fosse desmaiar. “Meu nome é Rizvan, senhor Page, mas todo mundo me chama de Abu Teknikal. É uma grande honra conhecê-lo. Sou um grande fã do Google. Eu uso sempre”, ele extravasou.

“Certo”, concordei. “As pessoas costumam me dizer que é a melhor invenção desde o pão de forma. Mas por que chamam você de Teknikal?”

“Por que ele é um verdadeiro computador”, disse o cara de calça de pijama. “Ele sabe tudo sobre qualquer coisa.”

“É mesmo?”

“Mostre para ele, Teknikal”, o de pijamas disse.

“Senhor Page, eu provavelmente sei mais sobre você do que qualquer outra pessoa na face da Terra”, gabou-se Teknikal.

“Você deve estar brincando.”

“Eu posso provar. Você nasceu no dia 26 de março de 1973 em Lansing, Michigan, filho do doutor Carl Victor Page e de Gloria Page. Quando fazia o doutorado em ciência da computação na Universidade Stanford, conheceu

Serguei Brin e juntos vocês desenvolveram a ferramenta de buscas do Google em 1998. O Fórum de Economia Mundial nomeou você líder global do amanhã. Você é atualmente presidente de produtos da Google Inc., com uma renda estimada de 16,6 bilhões de dólares, o que o torna a vigésima sexta pessoa mais rica do mundo. Que tal?”

O vigésimo sexto homem mais rico do mundo! Esse deve estar viajando. A mãe sempre diz que é melhor ficar quieto e deixar que pensem que você é idiota do que abrir a boca e acabar com qualquer dúvida. Mas deixei que ele se achasse o rei da cocada preta. “Ora, ora, macacos me mordam, isso foi muito impressionante!”

“Mas o que mais me fascina, senhor Page, é a sua tecnologia de ranqueamento. Como o senhor teve a ideia de usar um algoritmo interativo que correspondesse ao autovetor principal da matriz de link normalizado da rede para determinar o ranking de determinado site?”

Eu não fazia ideia do que ele estava falando, mas disse: “É, é mesmo...”, e balancei a cabeça algumas vezes. “O

ranqueamento. Foi uma ideia e tanto, não é mesmo? A terceira melhor invenção depois do pão de forma.”

O cara era insistente. “Qual foi exatamente o ponto de inflexão, senhor Page?”

“Você quer dizer quando eu comecei a fazer flexão?”

“Quero dizer quando foi que você e Serguei viram que ia dar certo.”

“Ah, foi em abril. É, em abril a gente descobriu que ia dar certo.”

Isso calou a boca dele.

“Você não vai apresentar os seus amigos?”, perguntei.

“Ah, sim, me desculpe, senhor Page. Este é Abu Khaled”, ele disse, referindo-se ao cara de turbante. “Ele é o nosso emir, nosso líder, ou zimmedar.”

“E quanto a ele?”, apontei para o sujeito de pijama.

“Esse é o Abu Omar.”

“Quer dizer que vocês são irmãos? Todos se chamam Abu.”

“Somos irmãos em armas, senhor Page”, ele disse sorrindo. “Mas não somos parentes. Na verdade, nem falamos a mesma língua. Eu sou paquistanês, de Rawalpindi. Abu Khaled é egípcio e Abu Omar é afegão. Eu falo urdu, Abu Khaled fala árabe e Abu Omar fala pachto. De modo que conversamos sempre em inglês.”

“Melhor para mim. Mas o que andam fazendo em Caxemira?”

“Estamos ajudando nossos amigos, como Bilal, em sua luta contra os infiéis.

Estou contente que o senhor simpatize com nossa causa, senhor Page. É maravilhoso ter o apoio de alguém tão influente como o senhor.”

“Fico feliz de ajudar, mas quando vocês acham que vou poder voltar para Délhi? Preciso pegar um avião — meu 767 particular”, pisquei para ele.

“Em breve, senhor Page, muito em breve. Mas primeiro precisamos levá-lo a um local seguro. Vai precisar descansar porque amanhã sairemos numa longa viagem.”

*

Dormimos num quartinho muito menos confortável que o da casa do Bilal. E o pior foi que fiquei entre o Abu Teknikal do meu lado esquerdo e o Abu Omar do lado direito. E eles me encheram de perguntas a noite inteira.

“Sabe”, disseme Teknikal, “desde que eu tinha sete anos, meu sonho é visitar os Estados Unidos, terra natal da internet e do Xbox 360. Terra do projeto de ponta de supercomputadores Blue Gene e dos robôs BigDog. Eu até chorei quando vi uma foto do supercomputador Cray X-MP na escola. Mas as descobertas do senhor superam até o protocolo de rede TCP/IP do Vinton Cerf e do Robert Kahn. Se a internet é o céu, então o Google é Deus. Sabe o que isso faz do senhor, senhor Page?”

“O quê?”

“O poderoso chefão”, ele disse e deu risada.

Abu Omar tinha outros interesses. “Diga, senhor Page, com quantas garotas o senhor já trepou?”, ele me perguntou.

“Como é que é?”

“Com quantas garotas o senhor já fez sexo? Abu Khaled nos disse que nos Estados Unidos as meninas começam a fazer sexo aos dez, onze anos. É verdade?”

“Sei lá. Preciso perguntar para a minha sobrinha, a Sandy. Ela tem dez anos e é menina.”

“Eu sei que é proibido pelo islã, mas eu continuo tendo esses pensamentos imorais. Tudo por causa dessa atriz indiana.”

“Que atriz?”

“O nome dela é Shabnam Saxena. A vadia é muito gostosa, eu fico louco de tesão.”

Tive vontade espancar aquele pervertido, mas me contive. “Você já viu algum filme dela?”, perguntei.

“Eu não posso ver. Filmes são anti-islâmicos.”

“Melhor para você”, murmurei, e com a mão cobri a carteira, onde estavam a foto e número do telefone da Shabnam.

“Não conte para o chefe”, sussurrou Omar, “mas um dia eu vi um filme americano num locadora em Kabul. O

título era Debbie dá em Dallas. Você já viu?”

“Nunca ouvi falar. É sobre lugares turísticos de Dallas? Espero que tenha mostrado o campo no parque de Arlington e o...”

“Não, não, senhor Page, era um filme de mulher pelada. Graças a Deus que o Talibã fechou a locadora ou senão eu teria ficado cego.”

O cara estava mais excitado que um bode de dois pintos.

“Dizem que nos Estados Unidos você compra esses filmes nos mercados. É verdade?”, ele continuou.

“Sei lá. Eu só compro leite e pão no Quik-Pak”, eu disse, e dei as costas para ele.

Teknikal estava esperando do outro lado para a sua vez de atacar. “Qual é a sua opinião sobre redes não hierárquicas, senhor Page? Na PC Magazine saiu que a proliferação dessas redes aumenta o risco de ataques que podem destruir a infraestrutura da informação em rede. O senhor concorda com isso?”

O cara sofria de diarreia verbal e pensamento constipado.

“Com o devido respeito ao senhor PC, se cérebro fosse pólvora, ele não teria o bastante para explodir o próprio chapéu!”, eu disse, e antes que ele conseguisse entender essa, puxei o cobertor sobre a cabeça. “Se vocês me dão licença, vou juntar as pálpebras um pouco!”

Eu estava imprensado entre malucos de primeira. Os parafusos que faltavam na cabeça do Teknikal também não sobravam na do Omar. Não me lembro quando finalmente consegui pegar no sono, sonhando com a Shabnam num vale cheio de neve.

No dia seguinte saímos da casa por volta das nove da manhã. Minutos depois dei por mim numa rua cheia de casas demolidas e templos incendiados.

“Que diabos aconteceu aqui?”, perguntei.

“Expulsamos todos os pandits hindus”, riu Teknikal.

Esses sujeitos obviamente conheciam bem a área. Como o Bilal, eles deram um jeito de escapar de todos os postos de sentinela e depois de uma hora a pé pela cidade cheguei a um mercado de frutas e verduras.

Eles me fizeram viajar num caminhão de grãos, escondido entre sacas de trigo com uma lona azul sobre a cabeça. O caminhão nos levou até onde Judas perdeu as botas, um vilarejo cercado de montanhas e densas florestas.

Passamos a noite numa casinha pitoresca, com um cachorro louco que ficava uivando do lado de fora. Por sorte, fui alojado dessa vez num quarto com Abu Khaled. Ele não falou uma palavra comigo, mas mesmo assim não consegui dormir porque ele a toda hora levantava ou para ir ao banheiro ou para rezar. O cara acordou para rezar até as quatro da manhã.

“Que oração é essa?”, perguntei, esfregando os olhos.

“Chama-se Tahajjud. Não é obrigatória para os muçulmanos. Mas o verdadeiro devoto sempre a faz.” Ele se ajoelhou e tocou a testa no chão.

Agora entendi como ele ficou com aquela marca escura na testa. Era de tanto rezar.

Na manhã seguinte, fomos embora num jipe aberto que o Teknikal arranjou com

alguém. De ambos os lados, a floresta parecia avançar sobre nós em ondas gigantes que envolviam o jipe. As nuvens estavam tão baixas que era como se eu pudesse tocá-las se esticasse o braço. Ainda bem que o vento não estava forte, do contrário nem o meu phiran quentinho adiantaria tanto quanto um limpador de para-brisa no rabo de um bode.

O único problema era a estrada. Era tão ruim que nem os abutres conseguiam sobrevoá-la, e tão cheia de curvas que dava para ver a própria lanterna traseira. Muitas vezes o jipe quase caía numa caverna ou num abismo, e eu fechava os olhos nas curvas mais fechadas e me segurava para não morrer.

Encontramos muito pouco trânsito, só um lavrador esquisito arando sua terra e um pastor levando seu gado.

Teknikal disse que perto dali havia um grande campo de treinamento do exército e que viajar de jipe chamaria a atenção. Então nas próximas duas horas iríamos subir a montanha a pé, com o Omar na frente.

Por fim chegamos a um lugar chamado Trehgam. Quando alcançamos o topo de uma colina, Omar me puxou de lado e mostrou a aldeia lá embaixo. Vi um grupo de casas com telhados de ferro ondulado. “Está vendo aquele telhado pintado de verde numa casa térrea? É a casa da minha zerrgay, meu amor. Ela mora ali com a mãe”, disse Omar.

“Então por que não vamos lá encontrá-la? Tenho certeza de que ela ficará feliz em vê-lo.”

“Você está louco? O exército tem um quartel-general em Trehgam e fica vigiando de perto aquela casa. Assim que me virem, serei preso. Não tenho medo de ser capturado e estou pronto para morrer, mas não quero ser torturado.”

Não ficamos na aldeia de Trehgam. Khaled nos fez escalar mais outra montanha. Eu estava quase desmaiando de exaustão quando de repente chegamos a uma clareira.

Embaixo de umas árvores bem altas havia um esconderijo. Era um barraco de favela, só que subterrâneo. Um fosso retangular com mais de um metro e oitenta de profundidade fora cavado. Haviam colocado dois troncos de árvore em dois cantos, apoiando uma chapa de ferro ondulado que servia de telhado. O telhado havia sido coberto de galhos, folhas e arbustos, de modo que para o visitante que

subia a montanha a toca parecia uma moita. Havia apenas uma porta de entrada e saída. Desci para a toca e descobri que quatro outros homens já estavam lá dentro. Eram todos jovens e barbudos. Um deles estava inclinado sobre o que parecia ser um dispositivo de rádio, outro lia um livro, e dois cozinhavam alguma coisa. A toca era bem equipada de provisões, um fogão a gás e até uma panela de pressão. As paredes de barro eram forradas com cobertores de todos os lados. Havia muitas armas e rifles por ali, assim como revistas e caixas de munição. Aquele esconderijo tinha bala o bastante para assaltar o Fidelity Bank do Texas.

“Sinta-se em casa, senhor Page”, Teknikal me disse. “É aqui que você vai ficar conosco por um tempo.”

O espaço dentro da toca mal dava para seis pessoas dormirem, e éramos oito. Eu preferiria pular descalço num balde cheio de ouriços a ficar naquele buraco. Num piscar de olhos, eu estava fora dali.

“Sinto muito, rapazes, mas não acho que seja uma boa ideia.”

“Mas não temos outro lugar”, protestou Teknikal.

“Estou pensando em ir para aquela aldeia lá embaixo. Com certeza eles devem ter um hotel.”

“Mas o exército vai prendê-lo se você aparecer em Trehgam.”

Olhei bem nos olhos de Teknikal. “Alguma coisa não está me cheirando bem. Andei pensando, por que o exército indiano estaria atrás de mim? Eu não fiz nada de errado.”

Houve uma longa pausa.

“Você tem razão”, concordou Teknikal. “Na verdade, o exército não está atrás de você. Está atrás de nós.”

“Mas por quê?”

“É que nós fizemos algumas coisas. Explodimos a estação de ônibus em Srinagar, um mercado em Délhi, um templo em Akshardham, a casa de câmbio de Mumbai. E recentemente fugimos da prisão de Tihar.”

“Macacos me mordam! Vocês são terroristas! Nesse caso, não quero nada com vocês, rapazes. E eu aqui pensando que vocês eram meus amigos.”

Abu Khaled, que estava de pé ao meu lado, colocou a mão no meu ombro. “Seu idiota, não somos seus amigos.

Nós somos seus sequestradores.”

“Sequestradores?”

“É, você está sendo sequestrado.”

Dei risada. “Vocês são muito gozadores. Isso é mais engraçado que peidar em igreja.”

“Não, senhor Page. É sério mesmo. Você está sendo sequestrado. Agora vamos pedir um resgate de três bilhões de dólares para a sua libertação. Vamos exigir que o George Bush deixe o Iraque. Vamos exigir que ele obrigue Israel a deixar a Palestina. Vamos obrigá-lo a parar de se meter na Somália. Vamos pedir que derrube o regime não islâmico da Arábia Saudita. Vamos obrigá-lo a fazer reparações no...”

“Opa, tenha santa paciência”, exclamei. Era hora de mudar o disco antes que aqueles loucos pedissem ao presidente para mandar um homem para a Lua. “Rapazes, vocês pegaram o cara errado. Eu não sou esse Larry Page.”

“O quê?”

“Isso mesmo que você ouviu. Eu não sou aquele Larry Page. Não tenho nada a ver com o cara do Google. Não estou mentindo. Agora, se vocês estão achando que eu como espinafre e cago dinheiro, é melhor pensar duas vezes.”

Dei risada.

Aquilo caiu como um balão de chumbo.

“Repita o que você disse”, Teknikal pediu.

“Eu disse que não sou rico. Eu estava brincando com vocês, rapazes. Se custasse um níquel para dar a volta ao mundo, eu não poderia nem atravessar a rua.”

Olhei para o Abu Khaled. “Sacou?”

O grandalhão foi rápido como um raio. Sem o menor aviso, ele enfiou o punho na minha cara. Nem vi o golpe que me acertou na boca. Cambaleei para trás até uma árvore e caí feito uma dançaria de strip em volta do mastro.

Quando acordei, tinha sangue na minha boca e uma campainha no meu ouvido esquerdo. Toquei meu rosto e senti o corte no lábio queimar sob meus dedos.

Abu Khaled ainda estava me encarando com aqueles olhos cruéis de cascavel.

“Ei, caras, vocês aceitam Visa?”, perguntei hesitante.

Teknikal era burro como uma porta, mas finalmente entendeu. “Quer dizer que você não é o verdadeiro Larry Page do Google? Eu tinha minhas dúvidas no começo. Quem diabos é você então?”

“Eu sou operador de empilhadeira no Walmart.”

“Um maldito motorista! Este cara provavelmente ganha menos de quarenta e cinco por semana. E a gente achando que era um bilionário! Não só isso: ainda pagamos um milhão de rupias àquele sacana do Bilal para nos trazer ele.” Teknikal começou a rir feito uma hiena que tomou hélio.

Abu Khaled olhou sério para ele. “Abu Teknikal, comporte-se! E fique de olho para que este infiel não fuja.”

Agora eu sabia duas coisas. Uma, que Bilal não passava de um marginal, um verme asqueroso. E, duas, que eu estava atolado até aqui na merda sem ter onde me agarrar.

Minhas mãos e pés foram amarrados e fui jogado no canto da toca como um saco de roupa suja. Os rapazes olharam curiosos para mim, depois pegaram as armas e saíram do barraco. Ouvi quando começaram a rezar e depois a correr como se estivessem marchando num quartel.

Estava anoitecendo quando Teknikal e Abu Khaled voltaram. Teknikal encheu meu lábio ferido com uma espécie de unguento.

“Quem são vocês na verdade?”, perguntei a ele.

“Meu nome é Abu Al-Khaled Al-Hamza”, respondeu o grandão. “Sou o número quatro na hierarquia do Lashkar-e-Shahadat. O Exército dos Mártires. Somos parte da Al-Qaeda. Nosso comandante é Abu Abdullah Osama

bin Muhammad bin Laden. Você já deve ter ouvido falar dele, não é?”

“Ah, sim. Não é o cara que dizem que explodiu aquelas torres em Nova York?”

“Correto.”

“E o presidente não ia fazer ele sair da toca em algum lugar chamado Cabum?”

“Você quer dizer Afeganistão. Isso mesmo, só que ganhamos essa guerra. Os países de vocês estão queimando com o terror, o medo e o pânico, e nós ainda estamos fortes. Abu Teknikal, diga a este infiel quanto o presidente dele pediu pela minha cabeça.”

“Quinze milhões de dólares!”, anunciou Teknikal.

Quinze milhões uma ova, pensei comigo. Aquilo estava parecendo conversa de pescador: se mentira fosse música, esse cara seria uma orquestra!

“E o que vocês fazem?”

“Estamos lutando pela revolução — pela criação de um califado islâmico, o Nizam-i-Islami”, disse Abu Khaled.

“Nosso reino será governado pela lei da Sharia, baseada no Sagrado Corão e na Suna. Estamos respondendo ao pedido de Alá e seu profeta pela jihad em nome de Alá.”

“E quem seria esse tal de senhor Alá?”

Khaled me deu um tapa na cara. “Nunca diga o nome do nosso Deus dessa maneira.”

“Queremos que você diga ao maldito Bush para converter todos os americanos ao islã. Ele deve abolir todos os bancos agiotas. Deve prender os porcos homossexuais. Precisa impedir que as mulheres se degradem ao aparecer em revistas sujas. Deve preservar o meio ambiente. Ele tem que...”

“Já saquei, senhor Khaled. E eu vou dizer uma coisa: vou fazer o possível para o presidente concordar com as suas exigências. Mas não posso fazer isso aqui sentado nos cafundós do Egito.”

Khaled deu um passo à frente e me deu mais dois tapas na cara.

“Por que isso?”

“Um por me interromper e outro por ofender meu país.”

“Mas o que vocês vão fazer comigo?”

“Vamos pedir um resgate mesmo assim”, disse Khaled. “Você pode não ser bilionário, mas é americano.

Teknikal, escreva um comunicado para a CNN. Vamos enviar amanhã com um vídeo. Vamos ensinar ao senhor George Bush uma lição da qual ele não se esquecerá.”

Virei-me para o Teknikal. “Escute, Teknikal. Eu não sirvo para o que vocês querem. O presidente não vai me ouvir. Por que não me deixam ir embora? Eu juro que não falo sobre vocês com ninguém. Isso vai ficar entre quatro paredes.”

“Não. Agora escute com atenção, senhor Page.” Ele me encarou com olhos brilhantes feito lâmpadas acesas.

“Somos o Exército dos Mártires. Estamos preparados para morrer. E também para matar.” Ele passou o dedo em torno do meu pescoço. “Nem pense em fugir.”

Naquele momento entendi que Teknikal era tão perigoso quanto Abu Khaled. Eram farinha do mesmo saco.

Mas não pude resistir e disse a ele: “Mas eu achei que você gostasse dos Estados Unidos”.

“Eu gosto”, ele respondeu. “Eu só odeio os americanos.”

Aquilo calou minha boca.

À noitinha o esconderijo foi ficando mais escuro que a barriga de uma vaca e eu estava com tanta fome que meu umbigo quase encostava nas costas. Um dos meninos acendeu uma lanterna. Naquela luz amarela, pela primeira vez pude dar uma boa olhada nos outros ocupantes da toca. Os rapazes se chamavam Altaf, Rashid, Sikandar e Munir.

Eram magros e esbeltos e tinham entre dezesseis e vinte e dois anos. Altaf me contou que era de Naupura, na Caxemira, enquanto os outros três eram de Gujranwala, no Paquistão. Para mim, eles pareciam os garotos da central de atendimento, jovens e dispostos, só que lidavam com armas e granadas em vez de computadores e telefones.

A toca estava quente, mas dormir ali era muito incômodo. Como o espaço era bastante limitado, era preciso dormir numa única posição. Dessa vez fiquei imprensado entre Sikandar e Munir, o que foi um alívio porque eu

teria dificuldade de olhar na cara do Teknikal depois do que ele tinha feito comigo.

Levaram-me para o meio do campo no dia seguinte, vendaram-me, fizeram-me ajoelhar e pediram que eu juntasse as mãos numa prece. “Agora, implore pela vida, seu porco”, berrou Abu Khaled, enquanto Teknikal apontava a câmera de vídeo.

“Fui sequestrado por esses caras da Al-Qaeda. A chapa está esquentando e eu estou com o rabo queimando! Mãe, me tire daqui”, falei e fui recompensado com um chute na bunda.

“Este vídeo é para o seu presidente, não para a sua mãe, seu cretino”, Khaled gritou.

Fiquei na toca quase cinquenta dias. Era chato como ficar olhando a tinta secar. Eu aproveitava cada oportunidade de sair para o ar livre — ouvir passarinho de manhã e ver a neblina subir devagar até as nuvens me fazia esquecer por um momento que eu era um refém. Mas eles sempre deixavam alguém me vigiando, até quando eu ia cagar.

A comida que me davam era horrível, sempre só roti, dhal, arroz e legumes preparados por um dos garotos. A única coisa especial era a coalhada, uma delícia. Às vezes o Omar pegava uma vaca ou uma búfala de um dos pastores e

aí fazíamos um banquete.

Todos os dias, Teknikal e Omar treinavam os quatro recrutas no uso de armas e da munição. Depois de cada oração, Abu Khaled fazia uma preleção, sentado embaixo das árvores.

“Deus recompensa o mártir pelo sacrifício da vida e da terra”, ele dizia, cofiando a barba. “Se você se tornar um mártir, Deus lhe dará setenta e duas virgens, oitenta mil servos e a felicidade eterna.”

“Estou pronto para ser um mártir de Alá”, gritou Sikandar. “Vou fazer do meu corpo uma bomba que causará estrago entre os infiéis.”

Rashid não ficava atrás. “Vou estourar os corpos desses filhos de porcos e macacas e causar mais dor do que eles já viram na vida.”

Ouvir aqueles garotos falando sobre dar cabo da vida me arrepiou os cabelos da nuca, mas Abu Khaled aprovou com a cabeça. “Suas fotos ficarão nas escolas e mesquitas”, ele dizia. “No momento em que perderem a vida, começará a próxima vida no céu — uma vida pela qual vocês esperaram tanto tempo. Uma vida de felicidade eterna.

Que as virgens deem prazer a vocês.”

“Allahu Akbar”, a classe inteira exclamava em resposta. “Deus é grande.”

Só Omar não parecia tão feliz. “Eu também quero morrer como um mártir, mas o conselho dos zimmedar escolheu Sikandar e Rashid para o serviço.”

“Que serviço?”

“Não posso falar sobre isso.”

“Mas por que você quer se matar?”

“Para conseguir as setenta e duas virgens no céu. Como mártir, eu também vou poder recomendar setenta parentes para o céu.”

“Mas como você sabe que existe um céu?”

“Porque os homens sábios nos disseram.”

“Mas esses sábios já foram para o céu?”

“Não, porque precisa morrer antes.”

“Bem, eu não arriscaria. Não estou convencido de que o céu é um lugar tão legal assim.”

“Dizem que Las Vegas é legal. Um primo meu contou que dá para conseguir mais de setenta e duas garotas no Chicken Ranch, em Nevada. Você já foi para Las Vegas?”, ele perguntou ansioso.

Eu nunca tinha passado nem a mil quilômetros de Vegas, mas queria contrariá-lo. “Já fui, claro”, falei.

“Conheço também o Chicken Ranch. Eles têm ofertas especiais com desconto. Você pega seis garotas pelo preço de duas.”

Omar fez uma cara de bunda e eu dei um sorrisinho.

Teknikal não mostrou muito interesse nem pelas virgens nem por Vegas.

“Como diabos você foi se envolver com um cara como o Abu Khaled?”, perguntei um dia quando ele parecia de bom humor.

“Eu era aluno do bacharelado da Faculdade de Engenharia Elétrica e Mecânica em Pindi, senhor Page”, respondeu ele. “Mas o seu país levou embora o meu pai. Ele está preso em Guantanamo. Ele não é terrorista. Mas os Estados Unidos me transformaram em um.”

Eu não tinha resposta para isso.

Conforme os dias foram passando, minha preocupação foi crescendo, porque o Teknikal me disse que ainda não tinham resposta do presidente. Nenhum jornal havia falado do meu desaparecimento. Nenhum canal de TV

divulgara meu sequestro. Eu simplesmente havia sumido da face da terra.

Isso deixou Abu Khaled muito irritado. “Que tipo de governo vocês têm?”, ele

berrava comigo. “Eles nem ligam para você. Sem falar que não responderam às nossas ameaças, eles nem sequer acusaram o recebimento da nossa mensagem. Mas quando chegar o dia 21 de fevereiro vamos mostrar ao mundo do que somos capazes.”

“Por quê?”, perguntei. “O que tem de especial no dia 21 de fevereiro?”

“É um grande festival hindu. E será também o dia em que lançaremos nosso ataque mais espetacular aos infiéis.”

“O que vocês vão fazer?”

“Logo você vai ficar sabendo.”

Pensei bastante sobre o plano deles, mas não conseguia imaginar o que tinham em mente. Foi Sikandar quem me deu a dica. Uma semana antes do dia 21 de fevereiro, ele estava experimentando um enorme cinto de couro, como o que os lutadores de vale-tudo ganham nas lutas pelo título da liga mundial.

“Ei, esse cinto é legal”, falei. “Onde conseguiu?”

“Abu Teknikal fez para mim”, disse Sikandar.

“Uau! Quer dizer que vai ter mesmo a luta pelo título no dia 26 de janeiro?”, perguntei, todo animado. “O

Randy Orion vem também?”

Sikandar não fazia ideia de quem era o ex-campeão, então resolvi ensinar-lhe alguns golpes. Pegando o cinto da mão dele, coloquei-o na minha cintura. Quando estava quase fechando a fivela, Sikandar o arrancou de mim. “Seu idiota”, ele gritou. “Você podia ter matado todo mundo aqui.”

“Matado como?”, perguntei, intrigado.

“Porque isto aqui não é um cinto, seu burro. É um DEI, um dispositivo explosivo improvisado”, interveio Teknikal. “Isso é o bastante para matar cinquenta pessoas, assim que o detonador — que está na fivela — for acionado.”

Na mesma hora entendi o serviço que haviam passado para Sikandar e Rashid.

Eles estariam usando os cintos, entrariam na cidade e desafiariam os indianos para uma luta livre. Então os nojentos apertariam o botão e explodiriam a si e mais Deus sabe quantos outros inocentes em pedacinhos.

Naquela noite, quando Sikandar se deitou na cama ao meu lado, inclinei-me sobre ele. “Você gosta de matar gente?”

“Eu não mato ninguém, a bomba é que mata”, ele respondeu numa voz seca.

“Mas é você quem vai apertar o botão.”

“Eu sou um soldado e estamos em guerra. Soldados precisam matar outras pessoas. Ou elas matam você.”

“Você não tem família? Mãe? Já pensou no que vai acontecer com ela quando souber que você morreu?”

“Eu saí da casa da minha mãe há muito tempo.”

“Você se esqueceu de como era?”

“Lembro que tinha janelas quadradas por onde o sol entrava. Uma porta pequena que dava para a rua. Um escada estreita que dava numa sala com uma foto do meu avô. Só me lembro disso.”

Essas eram as recordações que Sikandar tinha da casa que deixou para trás e dentro de poucos dias elas estariam enterradas com ele. Tremi ao olhar para os olhos dele. Estavam congelados. Imaginei se seu coração estaria tão frio quanto os olhos.

Não consegui dormir aquela noite. Havia guerras neste mundo sobre as quais eu nada sabia. Pessoas estavam morrendo, garotos que mal largaram as fraldas estavam prontos para se explodir e eu nem sabia por que lutavam. Era tão assustador quanto real.

Sikandar e Rashid saíram do esconderijo no dia seguinte cheios de provisões. Tudo fazia crer que estavam partindo para uma longa viagem. “Agora é só esperar”, disse Khaled esfregando as mãos.

No outro dia Omar foi enviado atrás de mais provisões e não voltou. Teknikal e

Khaled passaram a noite inquietos, querendo saber se ele teria sido pego pelo exército. “Você não devia ter mandado o Omar”, eu disse a Abu Khaled. “Ele é tão burro que não encontraria o próprio rabo com uma lanterna.”

Omar finalmente voltou de madrugada, bêbado feito um gambá. Ele escorregou para dentro da toca e vomitou em cima do cobertor.

Demorou duas horas até ficar sóbrio. “Consegui, Larry”, ele riu. “Agora sou um homem de verdade.”

Para azar dele, Abu Khaled escutou. Foi um escarcéu dos infernos entre Omar e o zimmedar. Teknikal me contou depois que Omar tinha transado com uma pastora de no máximo treze anos, e agora seria punido com trinta dias de jejum, ou roza, como eles diziam. Isso significava nada de comida para ele desde de manhã até a noite. O

problema foi que Khaled descobriu que eu estava agindo em sociedade com o Omar. De modo que cortaram também minha comida e bebida.

O dia 21 de fevereiro chegou, e meus sequestradores grudaram no telefone por satélite. Por volta do meio-dia, chegaram as notícias que eles estavam esperando. Sikandar e Rashid haviam se explodido, com mais trinta infiéis.

Fizeram um grande banquete aquela noite. Uma vaca inteira foi preparada por Munir e Altaf. Eu não comi nenhum pedaço. Não consegui, depois de olhar nos olhos de Sikandar. Naquela noite, na toca, fez um frio de gelar a alma.

Abandonamos o esconderijo logo depois que Abu Khaled fez a oração das quatro da tarde. Teknikal me explicou a razão da mudança súbita. “O exército vai fazer um cordão de isolamento antes de amanhecer. Precisamos ir embora agora mesmo.”

Khaled, Teknikal, Omar e eu fomos andando em direção à face norte da escarpa. Munir e Altaf ficaram para trás para não deixar pista do esconderijo. Teknikal ficou com o telefone por satélite. Khaled e Omar levaram os fuzis AK-47.

Foi uma viagem dura. Atravessamos montanhas íngremes e desfiladeiros gelados. Quando a noite estava alta, chegamos a um vale tranquilo. Uma cabana de madeira abandonada foi nosso local de pouso.

No outro dia a viagem continuou, com certeza a mais perigosa da minha vida, através da Caxemira indiana para a Caxemira paquistanesa. Viajávamos só à noite e nos escondíamos durante o dia. Teknikal era nosso guia, usando óculos de visão noturna. Nós o seguíamos cegamente através de montanhas e campinas, colinas e trincheiras, rios congelantes e neve escorregadia. Tivemos que desviar de minas indianas, tiros de sinalização e patrulheiros da fronteira indiana. Graças a Deus, eles tinham me dado botas Wellington, uma jaqueta à prova d'água e até alguns pedaços de lã para cobrir minhas panturrilhas e evitar que congelasse.

Uma semana depois, eu me vi numa imensa campina verde no meio do nada. Do outro lado do pasto havia uma velha casa de madeira de dois andares com uma chaminé preta. A pintura estava descascando, as vigas pareciam rachadas, mas de modo geral era melhor do que a toca de onde saímos.

"Este será nosso novo lar", disse Abu Khaled. "Chegamos ao Paquistão. Agora não precisamos mais nos esconder.

Não se preocupe."

Mas eu tinha motivos de sobra para me preocupar. Ainda não havia chegado resposta do presidente sobre o meu sequestro e esses caras estavam cada vez mais irritados e impacientes. "Vamos dar um ultimato aos americanos", Khaled disse a Teknikal. "Vamos, escolha uma data."

"Que tal 20 de março? É Milad al-Nabi, aniversário do profeta", disse Omar.

"Muito longe", disse Khaled. "Quero algo mais perto."

Teknikal olhou para mim. "Por que você não escolhe uma data, senhor Page?"

"Dia 17 de março", falei na hora.

"Algum motivo especial para escolher esse dia?"

"É aniversário de uma pessoa muito especial."

"Mas também é muito longe. Eu escolho dia 12 de março", disse Khaled.

"Por quê?"

“Porque é o meu aniversário.”

A Caxemira paquistanesa era exatamente igual à indiana — os mesmos pastores nômades, as mesmas casas de madeira, a mesma comida, o mesmo clima. Eu passava os dias esperando uma notícia do presidente e sonhando com a Shabnam.

Quando me dei conta, já era dia 10 de março. Perguntei a Omar sobre o ultimato. “E o que acontece se vocês não tiverem notícias do meu povo nos próximos dois dias?”

“Simples”, disse Omar, “nós matamos você.”

O cara é sutil como estrume de cavalo no ventilador.

Não consegui dormir nas duas noites seguintes. Sempre que tentava me concentrar em alguma coisa, um sujeito encapuzado com uma foice aparecia no meu pensamento. E eu começava a tremer feito vara verde.

Para piorar as coisas, o vento norte começou a soprar no dia 11 de março, trazendo mais chuva num só dia do que eu tinha visto nos últimos cinco meses. Foi um dilúvio de acabar o mundo, com chuvas e trovoadas. Pensei na dona Henrietta Loretta. Pensei no Coveiro do vale-tudo. Lembrei aquela nevasca absurda que caiu em Waco em abril.

Pensei até no pai. Mas principalmente pensei numa mulher que eu nunca tinha visto.

Acordei no dia 12 de março e Teknikal me disse que o presidente ainda não tinha respondido. Deram-me um bom café da manhã, que eu não toquei, e depois me levaram para Abu Khaled.

“Senhor Page, parece que o seu povo resolveu sacrificá-lo. Agora você entende por que eu digo que os americanos não têm coração. É melhor você começar a rezar.”

“Deixe-me matá-lo, chefe”, disse Omar, cheio de veneno. Desde que ele molhou o biscoito com aquela menina, ele anda parecendo um veadinho.

“Não, chefe, eu mato”, disse calmamente Teknikal.

Fui conduzido para fora da casa e levado a um campo aberto que estava mais escorregadio do que merda de coruja com toda aquela chuvarada. Omar me deu uma pá. “Vamos, cave a sua cova, porco americano”, esbravejou ele.

Por meia hora trabalhei feito um escravo naquele buraco, tirando terra do buraco que seria o lugar do meu último repouso. Por fim, a cova estava pronta. O sol estava no meio do céu. Alguns passarinhos gorjeavam à luz do sol. Não parecia que alguém iria morrer.

Teknikal tirou um pedaço de pano preto do bolso da calça. “Você gostaria de ser vendado?”

“Não. Eu quero ver o que vocês vão fazer”, falei.

“Muito corajoso, como Saddam”, murmurou ele, com seu AK-47 esfregando a minha perna. Eu estava fingindo

ser corajoso, mas por dentro tremia feito vara verde.

Dizem que, quando a pessoa está para morrer, toda a sua vida passa em flashes diante dos olhos. Bem, isso não é verdade, porque a única coisa que passou num flash diante dos meus olhos foi um corvo, e um bem feio de fato.

“Vamos, acabe logo com isso, Abu Teknikal”, apressava Omar, olhando para mim por trás da câmera de vídeo.

Abu Khaled recitava uma oração em árabe. Para ele mesmo, ou para mim, não sei dizer.

“Um último desejo?”, Teknikal me perguntou em voz baixa. Eu sabia que ela tinha se afeiçoado a mim, como uma família se afeiçoa a um cachorro. Mas mesmo os cachorros são sacrificados quando chega a hora.

“Algum último desejo?”, Teknikal repetiu.

Pensei no assunto. Eles não haveriam de ter nenhum brownie de chocolate nessa cidadezinha caipira. Foi aí que reparei no telefone por satélite que o Teknikal tinha no bolso. “Posso dar um telefonema?”, pedi.

“Com quem você quer falar?”

Primeiro pensei em ligar para a mãe, mas ela arrancaria os poucos cabelos de preocupação e eu não queria estragar o seu jantar.

“Só existe uma pessoa com quem eu gostaria de falar antes de morrer. A mulher que eu amo.”

“E quem é ela?”

“O nome dela é Shabnam Saxena.”

“Shabnam Saxena? A atriz?”, Omar de repente se interessou.

“É. Ela é minha noiva. Nós íamos nos casar.”

“Esse desgraçado está mentindo, Abu Teknikal”, exclamou Omar. “Não tem como a gente entrar em contato com a Shabnam Saxena.”

“Eu tenho uma foto dela na carteira, e também o número do celular”, falei.

“Deixe-me ver a carteira desse desgraçado.” Omar correu para mim e tirou a carteira do bolso da minha calça.

Eu o ouvi assobiar. “O desgraçado não está mentindo. Ele tem mesmo uma foto da Shabnam.”

“Deixa eu ver, deixa eu ver”, Teknikal disse e pegou a foto da mão do Omar.

Ele também assobiou. “Ah, meu Deus! Ela é a mulher mais bonita que eu já vi na vida.”

“Abu Teknikal, posso falar com ela uma última vez?”, intervim.

Omar se virou para Abu Khaled. “Chefe, essa vadia usa muito pouca roupa nos filmes. Não é nada islâmica.

Posso me candidatar à operação de sequestrá-la?”

“Não quero nada com essa mulher”, balançou a cabeça Abu Khaled.

“Diga o número dela”, disse Teknikal. “Estou com o Thuraya aqui no bolso e coloquei no viva-voz.”

“Não, eu falo com ela”, disse Omar, e arrancou o Thuraya da mão do Teknikal. Ele tinha tirado um pedaço de papel da minha carteira. “Estou com o número da vadia.”

Ele discou e a ligação foi completada.

Eu estava esperando que caísse na gravação como de costume quando de repente alguém atendeu o telefone.

“Quem está falando?”, ouvi uma voz de mulher dizer. Meu coração se acelerou.

“Sabe com quem você está falando, sua vadia? Aqui é o comandante Abu Omar. Número cinco da Lashkar-e-Shahadat.”

“O que foi que disse?”

“É melhor você tomar cuidado, sua vadia. Você anda fazendo filmes obscenos e usando roupas curtas. Nós vamos sequestrá-la. Depois vamos torturá-la e matá-la.”

“Isso é um trote?”

“Não, Shabbo, não é um trote.”

“Shabbo? Foi engano.”

“Engano? Você não é a Shabnam Saxena? Então quem é você?”

“Aqui é Elizabeth Brookner, da embaixada americana.”

“Elizabeth Brookner?”, perguntou Omar.

“Elizabeth Brookner?”, perguntou Khaled. “Quem é ela?”

“Chefe, Elizabeth Brookner é a diretora da CIA na Índia desde 2006”, respondeu Teknikal. “Formada com louvor

pela Universidade Stanford, ela entrou para a agência em 1988 e serviu na Ucrânia, na Jordânia e no Kuait. Ela é especializada na Al-Qaeda. Porra!”

“Quer dizer que este filho da puta nos traiu”, Khaled disse apontando o dedo para mim.

“Acabe com ele. Simplesmente acabe com ele!”, berrou Omar.

“Não, primeiro temos que descobrir qual é a relação dele com a CIA”, disse Khaled.

Assim, nos dez minutos que se seguiram, tive que explicar como o celular da Elizabeth Brookner tinha ido parar na minha carteira. Então Khaled deu um sinal e Teknikal colocou o cano do AK-47 na minha cabeça. Ele estava com o rosto virado, tentando não olhar para mim. “Não se preocupe”, sussurrou ele. “Você não sentirá nada. Dentro de um segundo estará tudo acabado.”

De repente um barulho ensurdecedor surgiu no céu, um gigantesco bater de asas, ratatatá-ratatatá.

“Em nome de Alá, o que será isso?”, perguntou Abu Khaled, apontando para um objeto estranho que vinha lá de trás da colina como se fosse uma nuvem.

“Isso, chefe, estranhamente se parece muito com um zangão MQ-1 Predator — isto é, um veículo aéreo para médias altitudes e de longa autonomia, sem piloto, e, o que é pior, equipado com mísseis com mira a laser AGM-114

Hellfire”, grasnou Teknikal. “Essa vadia da Brookner deve ter nos rastreado. E no momento em que estou falando isso, os mísseis devem ter sido dis...”

Houve um clarão de fogo e uma grande explosão. A terra tremeu, alguma coisa afiada acertou minha perna e caí na cova. A terra que eu tinha cavado caiu por cima de mim, quase me soterrando.

Levei uns quinze minutos para conseguir sair da cova. Saí engasgado e ofegante. Estava com lama nas orelhas, lama nos olhos, lama na boca. Era como se tivessem passado uma serra elétrica na minha perna esquerda. Estava com uma ferida aberta, funda, logo abaixo do joelho, de onde saía sangue sem parar.

Parecia que aquela área tinha sido atacada pelo Exterminador do Futuro. O terreno todo revolvido, com crateras do tamanho de um banheiro.

Abu Khaled e Abu Omar tinham explodido em mil pedaços. Encontrei uma mão mutilada aqui, uma perna estraçalhada ali.

Teknikal estava deitado, sangrando, do outro lado da cova. Arrastei-me até ele e coloquei sua cabeça no meu colo. Seu peito estava ofegante como se lutasse para respirar.

Ele olhou para mim. “Você acha que eles têm banda larga no céu, senhor Page?”, perguntou, e sua cabeça caiu e seus olhos se fecharam. Ele me pareceu meio morto.

Corri dali o mais rápido que minha única perna boa permitiu. O vento fazia remoinhos, roncando e gemendo feito uma mulher dando à luz. Passei correndo pelas casas enlameadas e pelos moradores assustados. Espantei as cabras e bandos de pombos. Desci uma colina, cheguei à beira de um rio e pulei dentro d’água. Do outro lado do rio encontrei uma trilha de pedra. Eu estava indo bem. A trilha terminava no que parecia ser uma espécie de depósito.

Uma placa enferrujada na entrada dizia “Hafiz Exportação de Madeira, Keran”. Empurrei as portas de metal do depósito. Estavam destrancadas e entrei num galpão cheio de tábuas empilhadas, mas onde não havia ninguém.

“Olá! Tem alguém aí?”, gritei, mas só ouvi o eco da minha voz. Avancei mais um pouco e vi serras e machetes, machados e facões. O piso estava coberto de graxa seca e manchas de óleo. Segui as manchas de óleo e cheguei a uma visão extraordinária. Uma empilhadeira estacionada no canto do galpão. Era uma Nissa Nomad AF30 e parecia ter diesel no tanque. Dei a partida no motor e pegou! Meu ânimo se elevou no mesmo instante, feito uma espiga numa cisterna. Dois minutos depois eu estava na estradinha de pedra gritando “Irrá!” e batendo todos os recordes de velocidade em empilhadeiras. Aqueles idiotas do Cisco Rodeo precisavam me ver agora. Eu ia mostrar a eles como uma empilhadeira consegue chegar à velocidade máxima sem fundir o motor.

Minha perna ainda sangrava, mas na empolgação eu já tinha me esquecido. Simplesmente continuei dirigindo a empilhadeira, sempre em frente até chegar a um entroncamento. Eu precisava escolher a direita ou a esquerda.

Escolhi a direita e cinco minutos depois encontrei uma barreira do exército. Cinquenta soldados paquistaneses cercaram a empilhadeira, apontaram seus rifles para mim e me disseram para descer.

“Uau, calma aí, amigos, eu me rendo”, ergui as mãos, desci da empilhadeira e desmaiei na estrada.

Mais tarde me contaram que fui levado a uma cidade chamada Muzaffarabad e deixado num hospital militar.

Levei uma semana para me recuperar. Nesse meio-tempo, a mãe ligou e falou alguma coisa sobre o presidente ter telefonado para ela, mas ela estava mais animada porque agora podia ter todos os sapatos que quisesse porque tinha acabado de casar com o sr. Hinson, dono da loja de sapatos Fabulous Shoe, no centro de Waco.

Um funcionário da embaixada americana em Islamabad chamado John Smith veio me ver, de terno e óculos escuros. “Sabemos tudo sobre você, senhor Page”, disse ele. “Estamos tentando localizá-lo há dois meses.”

“Bem, aqui estou eu”, falei. “O que vocês vão fazer? Vão me prender?”

“Não, senhor, vamos mandá-lo para Nova Délhi num avião da Força Aérea americana. A encarregada do seu caso é a senhorita Elizabeth Brookner. Ela tomará as medidas cabíveis.”

“Uau, como assim? Eu vou ficar pelado e ela vai tirar as minhas medidas?”, exclamei.

“Não, senhor, isso é só o jargão da agência para extrair o conteúdo de inteligência do seu depoimento”, disse John Smith, deixando-me ainda mais confuso.

Dois dias depois, no dia 22 de março, eu estava de volta ao aeroporto de Nova Délhi.

Era uma manhã fria, mas a dona Brookner estava me esperando, com uma enorme limusine estacionada na pista de pouso.

“É uma honra tê-lo de volta a Nova Délhi, senhor Page”, ela disse. “Você está diferente.” Ela estava certa. Eu tinha perdido mais de vinte e sete quilos desde a última vez em que nos vimos. Estava mais magro, arrumado, em forma.

“Você também está diferente”, respondi.

“Eu tenho uma boa e uma má notícia. Qual você quer saber primeiro?”

“Já estou cheio de más notícias. Primeiro, a boa.”

“Bem, em reconhecimento pelo seu papel fundamental na eliminação de três perigosos terroristas, incluindo um dos mais procurados da nossa lista, por recomendação da Secretaria de Estado e do procurador-geral, você foi premiado com quinze milhões de dólares do programa de Recompensas da Justiça. O dinheiro está à sua disposição na embaixada. E sem impostos. Parabéns!”

Demorei um minuto para digerir a informação. “Quinze milhões de dólares!” Eu mal podia acreditar no que estava ouvindo. Aquele babaca do Abu Khaled não estava mentindo. “E qual é a má notícia?”

“Um processo entre as agências determinou que ainda pode haver risco para a sua vida da parte da Al-Qaeda e outros elementos terroristas. Portanto você deverá participar do nosso Programa de Proteção à Testemunha e concordar com as condições.”

“Como naquele filme Queima de arquivo?”

“Mais ou menos. Você vai precisar assumir uma nova identidade, um novo nome — até mesmo um novo rosto, se quiser.”

“Sem problemas. Para falar a verdade, nunca gostei muito do meu nome. Posso ficar parecido com o Arnold Schwarzenegger?”

Ela riu. “Isso pode dar algum trabalho. Mas você tem alguma ideia para a sua nova carreira? É a sua chance de fazer o que sempre quis fazer. Com quinze milhões, você pode até mesmo se aposentar num rancho no Texas se quiser.”

“Vou lhe dizer uma coisa, sempre fui fascinado por aqueles caras do Fibi.”

“Fibi? Ah, você quer dizer do FBI?”

“Isso. Eu estava do lado de fora do rancho em 93 quando os caras do Fibi cercaram aqueles malucos.”

“Ah, os seguidores do Ramo Davidiano, em Waco? O que você estava fazendo lá?”

“A mãe achou que o pai podia ter entrado para a seita daquele Koresh, mas ele não estava lá.”

“Então você quer ser agente do FBI?”

“Quero.”

“Sinto muito, isso está fora de cogitação. Para se tornar agente do FBI você precisa ter nível superior e pelo menos

três anos de experiência profissional.”

“E para ser produtor de Hollywood também precisa de diploma?”

“Produtor de Hollywood?”

“É, esses caras que fazem filmes.”

“Acho que não.”

“Então eu posso ser?”

Lizzie pensou um pouco. “Acho que podemos dar um jeito. Podemos arranjar as coisas em uma semana.”

“Isso seria ótimo. Aí eu poderia conhecer o Arnie Schwarzenegger e o Harrison Ford e...”

Lizzie me cortou na hora. “Podemos falar sobre isso quando você for depor. Eu marquei para as três da tarde no Moedor.”

“Moedor? O que é isso?”

“É jargão da agência, é uma sala de segurança. Instalação Compartimentada para Informação Confidencial.

Agora entre na limusine.”

Mais tarde naquele mesmo dia fui à embaixada e recebi meus quinze milhões de dólares numa mala Samsonite novinha em folha, assim como uma carta de agradecimento do presidente. Eu achava que ele morava em Washington, mas na verdade ele mora numa tal de Casa Branca.

“Seu desejo vai se realizar, Larry”, disseme Lizzie. “Sob o Programa de Proteção à Testemunha, você se mudará para Los Angeles, Califórnia. Uma produtora chamada Chapa Quente foi registrada em seu nome. Dois agentes do FBI à paisana vão garantir sua segurança e o vigiarão vinte e quatro horas por dia.”

“Ah, paisana, sei... Então quando é que eu vou conhecer o Brad Pitt e a Julia Roberts?”

“Na verdade, você não vai.”

“Não? Por quê?”

“Porque Julia Roberts e Brad Pitt cobram um cachê de vinte milhões por filme. De modo que com quinze milhões é melhor você esquecer essas superproduções hollywoodianas. A partir de agora você vai ser um produtor de filmes... adultos.”

“Você quer dizer filmes só com atores adultos?”

“Não, é só um modo educado de se referir aos pornôs.”

“Oh, não! E se a mãe descobrir?”

“Não vai não. Estamos dando a você uma nova identidade. Agora me diga, você sabe alguma coisa sobre a indústria dos filmes adultos?”

“Não sei nada. A mãe me mataria se me pegasse vendo um filme desses.”

“Foi o que eu pensei. Por isso consegui para você um arquivo completo sobre eles. É o maior banco de dados de todos os atores e atrizes que trabalham no mercado pornô nos Estados Unidos. Estude esses nomes, ou o seu disfarce não vai colar.” Lizzie me deu um livro vermelho grosso.

Folheei as primeiras páginas e parei de repente. Imprensado entre Busty Dusty e Honney Bunny havia um rapaz bonitão vestindo apenas um chapéu de caubói. “Meu Deus!”, falei.

Lizzie olhou para a foto. “Diz aqui que o nome dele é Harry Bem-Dotado e ele trabalha desde 1989 no ramo.

Você o conhece?”

“Conheço”, falei, contorcendo-me feito uma minhoca no braseiro. “Este é o pai!”

“Tem certeza?”

“Bem, com certeza parece o pai, só um pouco mais velho.”

“Vou avisar a agência agora mesmo. Teremos uma identificação positiva em quarenta e oito horas. E tome aqui o seu novo passaporte.” Lizzie estendeu-me um envelope.

Abri e descobri que o passaporte pretencia a um senhor chamado Rick Myers. “Ei, você me deu o passaporte errado”, exclamei.

“Não, este agora é o seu novo nome, Rick Myers”, disse Lizzie. “Um avião particular está esperando para levá-lo

para casa. Mais alguma coisa que você quer da Índia?”

“Bem, tem uma coisa...”, hesitei.

“Pois então me diga, senhor Myers.”

“Estava pensando se eu poderia conhecer a atriz Shabnam Saxena antes de ir embora.”

“Isso pode ser feito.”

“Ela mora em Mumbai.”

“Bem, amanhã ela estará em Délhi.”

“Como você sabe?”

“Você esqueceu, senhor Myers, que está falando com a diretora da CIA neste país? É o meu trabalho saber essas coisas. Mas a verdade é que acabei de ser convidada por um amigo empresário, Vicky Rai, para uma festa em sua fazenda em Mehrauli amanhã à noite, e me disseram que essa atriz estará lá. Não tenho nenhum interesse em Bollywood e estava pensando em não ir à festa, mas posso dar um jeito para você ir no meu lugar.”

“Uau, isto seria ótimo.”

“Bom, mas peço que você tome cuidado. A Al-Qaeda também está de olho na Índia. E enquanto você estiver no país, a responsabilidade é minha. Não quero perder minhas condecorações só porque você não consegue TSR — é um jargão da agência para ‘tirar o seu da reta’. Então, tome, fique com esta arma.” Ela abriu uma gaveta e tirou uma coisa comprida e de aparência maligna. “É uma Glock 23 com silenciador de titânio Abraxas. É a arma-padrão dos membros do FBI. Um verdadeiro sossega-leão. Fique sempre com ela, até na hora de dormir.” Ela me passou a arma, pela coronha. “Imagino que, sendo texano, você saiba atirar, não?”

“Ah, sim”, disse com um aceno. “Eu atiro desde os sete anos de idade.”

Lizzie ia dizer alguma coisa quando seu celular tocou. Ela ouviu o que diziam e soltou: “Merda!”.

“O que foi?”, perguntei.

“Que isto fique aqui entre nós. É que infiltramos um nativo numa operação da fronteira tibetana. Agora que o terreno estava preparado, ele começou a dar para trás e vou precisar de um plano alternativo para esse curinga.”

“Que tipo de plano?”

“Do tipo que você não iria querer que acontecesse com você”, Lizzie disse rindo. “É o jargão da agência para extermínio com altas doses de preconceito. Escute, preciso sair agora. Vou pedir que alguém o acompanhe até a saída.”

Lizzie saiu de cena tão rápido como um vestido de formatura, mas ninguém veio me buscar. Esperei meia hora e depois saí andando sozinho da sala de segurança. Encontrei um belo jardim. Não havia vivalma por ali. Com quinze milhões de dólares em uma das mãos e uma arma na outra, eu estava por cima da carne-seca. Eu usava revólveres de caubói de brinquedo desde os sete anos, mas era a primeira vez na vida que tinha uma arma de verdade na mão. Era uma arma muito sofisticada, com um cano comprido feito um rabo de cachorro. Comecei a mexer no pente e de repente fez um clique e o maldito revólver deu um tranco na minha mão, feito uma fuinha assustada.

Pequenos anéis de fumaça saíam pelo cano. Parecia que a arma tinha vontade própria, então a coloquei dentro da Samsonite e fui andando para a saída.

Havia uma enorme limusine preta estacionada junto da escada e um cara de cabelo branco e terno azul estava caído de bruços no chão. Os fuzileiros estavam amontoados em volta dele feito moscas na merda.

“O que aconteceu com ele?”, perguntei para um dos fuzileiros inclinado sobre o velho.

“Um atirador acabou de assassinar o embaixador!”, gritou o fuzileiro. “Abaixe-se, abaixe-se!”

Fiquei nervoso feito uma formiga na frigideira e corri para o portão principal, onde um segurança pegou de volta meu crachá de visitante e se despediu de mim.

Uma vez na rua, apalpei a Samsonite. Se algum louco estava na cidade atirando nas pessoas, pelo menos eu estava feliz de ter algo para me proteger. Com a arma da Lizzie, eu diria aos caras da Al-Qaeda: NEMGSA — é o jargão da

família Page paraNão Encha Meu Glorioso Saco Americano!

12. A maldição de Onkobowkwe

O nativo da Pequena Andaman tomou o bonde número 30 entre Kalighat e Howrah Bridge e sentiu a brisa acariciar seu rosto.

Eram nove e meia da manhã do dia 19 de outubro. O ar estava quente e agradável, a neblina da manhã havia desaparecido e o céu não tinha nenhuma nuvem — uma imensidão perfeita de azul interrompida apenas pelos topos destacados dos arranha-céus. A luz tépida do sol fazia cócegas na pele de Eketi. Ele inspirou o cheiro pesado e acre da cidade, abriu bem os braços, jogou a cabeça para trás e deleitou-se com o maravilhoso prazer de estar vivo.

Como que de propósito, dois pombos cinzentos pairavam acima de sua cabeça num voo sincronizado, compartilhando a alegria daquele dia.

Ele estava em Esplanade, o coração pululante da metrópole, e para onde quer que olhasse via gente e mais gente. As crianças apontavam para ele excitadas, os homens olhavam embasbacados, e as mulheres prendiam a respiração de repente e cobriam a boca com as mãos; ele sorria e acenava para todos. Ao redor do bonde, era um vórtice de trânsito — carros, táxis, riquixás, lambretas, bicicletas. Buzinas tocavam, zuniam, zumbiam e guinchavam.

Bandos de ônibus engarrafavam as ruas, com motoristas uniformizados esticando-se para fora e berrando seus destinos a plenos pulmões. Propagandas berrantes de pasta de dentes e xampu chamavam a atenção em enormes cartazes. Os altos edifícios decadentes de cada lado da rua surgiam como fileiras de antigas colinas. Eketi se sentia flutuar através de um sonho magnífico.

Fazia apenas duas semanas desde aquele dia fatídico em que ele se apresentara como voluntário para recuperar a pedra sagrada que Banerjee havia roubado. Os Anciãos foram pegos de surpresa por Ashok Rajput, o funcionário do Welfare Office, que ouviu escondido quando eles conversavam. Eles ficaram ainda mais surpresos quando ele resolveu levar Eketi à Índia de navio e ajudá-lo a recuperar a ingetayi. Pressionados, eles resmungaram mas aceitaram sua oferta. Não só ele havia descoberto seus planos, como era o único que tinha o endereço de Banerjee. Mas eles tinham aconselhado Eketi a tomar cuidado com Ashok. O funcionário devia ser usado até encontrar a pedra e depois descartado como uma mosca incômoda.

Os preparativos para a viagem levaram mais de uma semana. Ashok teve de tirar uma licença do departamento. E

Nokai, o curandeiro, precisou de algum tempo para montar o “kit de sobrevivência” de Eketi — raízes e tripa seca de porco-do-mato para comer, comprimidos medicinais para a saúde, nacos de argila branca e vermelha para pintar o corpo, um pedaço de gordura de porco para misturar a argila, e a pièce de résistance, um chauga-ta, amuleto para afastar as doenças, feito dos próprios ossos do grande Tomiti. Eketi guardou o kit numa sacola preta de lona — uma Adidas falsificada que ele roubara em Hut Bay — e depois cobriu tudo com algumas roupas velhas. Após uma noite de banquetes e festejos, recebeu a despedida do herói. No dia seguinte, partiu da Pequena Andaman com Ashok em direção a Port Blair numa lancha do governo. O funcionário tomara para si a cabine de luxo e Eketi foi jogado num beliche de terceira classe, para permanecer longe de olhares intrometidos, num cubículo atulhado perto dos motores.

“Agora preste atenção”, Ashok instruiu Eketi, “ninguém pode saber que você é um onge da Pequena Andaman.

Portanto mantenha o cabelo embaixo do boné e observe se a queixada que você usa no pescoço está sempre coberta pela camiseta. Se alguém perguntar, você deve dizer que é um adivasi, um nativo chamado Jiba Korwa de Jharkhand.

Jharkhand é um estado indiano que tem muitas tribos como a sua. Entendeu? Agora repita seu novo nome.”

“Eketi se chama Jiba Koba de Jakhan”

“Seu idiota!”, Ashok deu um teco na cabeça dele. “Você tem que dizer: ‘Meu nome é Jiba Korwa de Jharkhand’.

Agora ponha o boné e repita vinte vezes.”

Então Eketi pôs seu boné vermelho da Gap e repetiu seu novo nome até que o decorou.

O barco completou a viagem de 1255 quilômetros em três dias, chegando ao porto de Kidderpore, em Calcutá, na tarde anterior. Eles esperaram que os outros passageiros descessem e que a noite caísse. Então desembarcaram e pegaram um

táxi.

Assim que o táxi deixou o porto, o céu noturno se acendeu com as luzes de fogos de artifício. O chão tremeu com as explosões dos rojões. “Estão me dando as boas-vindas?”, perguntou animado Eketi, mas Ashok fez com que se calasse e tocou o ombro do motorista. “Por que vocês estão comemorando o Diwali vinte dias antes da data?”

O motorista deu uma risada. “Como assim? Não sabe que vocês chegaram a Calcutá no meio da nossa grande festa? Hoje é Saptami e amanhã é Mahashtami. “Que merda”, xingou Ashok num suspiro. “Eu não sabia que íamos chegar no meio do Durga Puja.”

A cidade estava de fato em pleno fervor do puja. Havia estandartes para a deusa Durga, os pandals, praticamente a cada esquina, iluminando a noite como palácios acesos. Eketi, no banco da frente, olhava abismado para aqueles templos temporários feitos de tecido e bambu, cada um competindo com o outro em ostentação espalhafatosa.

Alguns tinham domos, outros, minaretes. Um lembrava uma torre de templo do Sul da Índia, outro aludia a um pagode tibetano. Havia um com a forma de anfiteatro grego e outro que lembrava um palazzo italiano. O acesso aos pandals era revestido de tapetes vermelhos e iluminado com uma série de painéis decorados.

As ruas estavam cheias de gente, mais gente do que Eketi havia visto na vida, e a cidade vibrava com os sons.

Alto-falantes estrondeavam em cada pandal. Tambores ecoavam a cada esquina, um chamado primitivo para reunir a tribo. E as pessoas de fato chegavam aos milhões, em seus sáris engomados e camisas e calças imaculadamente passados, transformando a cidade inteira num grande carnaval. O táxi teve que pegar diversos retornos porque ruas inteiras estavam bloqueadas pela polícia, que dava instruções de segurança aos pedestres que berravam em seus megafones.

Uma hora e dez minutos mais tarde, o táxi parou na rua Sudder, o gueto dos mochileiros, cheia de hotéis mofados e lojas decrépitas de comida, suvenires e acesso à internet. Ashok se registrou no Milton Hotel, que tinha uma estranha atmosfera de decadência sombria. O gerente olhou desconfiado para ele e pediu para ver seu passaporte. Ashok teve que mostrar seu documento do governo para

evitar mais perguntas.

Atravessaram corredores mal iluminados até chegar a um quarto bastante simples no primeiro andar, duas camas separadas por uma mesa. À luz direta da lâmpada nua, Eketi reparou nas manchas de umidade das paredes e teias de aranha nos cantos. Um som de goteira vinha do banheiro anexo.

“Eketi não gosta deste hotel”, ele admitiu.

O rosto de Ashok corou de raiva. “O que você esperava, seu preto? Que eu levasse a gente para o Oberoi? Esse buraco é ainda melhor que os barracos de onde vocês vêm. Agora cale a boca e deite aí no chão.”

Enquanto Eketi olhava compungido, o funcionário comeu um prato de galinha ao curry e pão naan que pediu ao serviço de quarto. Depois pegou seu isqueiro a acendeu um cigarro.

O nativo olhou para o maço aberto. “Eketi pode pegar um?”

Ashok ergueu as sobrancelhas. “Achei que você tinha jurado não tocar em tabaco até conseguir a ingetayi, não é?”

“É. Mas aqui não é a minha ilha. Aqui eu posso fazer o que quiser.”

“Não, negrinho”, rosnou Ashok. “Aqui você faz o que eu quiser. Agora vá dormir.”

Eketi se deitou no chão frio, usando a sacola de lona como travesseiro, e mascou uma tripa seca de porco-do-mato. Em pouco tempo Ashok estava roncando, mas Eketi teve dificuldade para dormir. Os tambores pareciam estar chegando mais perto, fazendo o piso de madeira tremer. Ele se levantou e ficou sentado diante da janela aberta, observando o brilho de um pandal à distância, observando os junkies e os cães abrigados embaixo dos toldos da rua, respirando o ar daquela cidade vasta e misteriosa, sentindo o arrepio de um prazer culpado.

Na manhã seguinte ele foi com Ashok num passeio a pé pela região do hotel. Nas duas horas que se passaram, viu o planetário Birla com seu domo branco, o octógono de bloco e argamassa do forte William e o verdejante parque Maidan, cheio de jardins, fontes e monumentos. Viu os homens se exercitando com enormes pesos, correndo, pulando e andando com seus cachorros. Sorriu quando

passou por um grupo de terapia do riso, que simplesmente ficava sentado em círculo e dando risada,* e ficou mudo ao ver a grandiosidade barroca do memorial da rainha Vitória, com aquele tom rosado do mármore branco ao nascer do sol. Era o maior edifício que já vira na vida e o mais bonito. Ele ficou trêmulo com a emoção da descoberta.

Continuaram a caminhar, passaram a altíssima coluna do Shaheed Minar no extremo norte do Maidan, e chegaram a Esplanade. Um rumor incansável de milhares de pessoas em movimento, os arranha-céus, a cacofonia de sons excitaram e impressionaram Eketi. Ele ficou especialmente fascinado com os bondes ruidosos, que se moviam em ritmo tranquilo bem no meio da rua. “Eketi pode andar naquilo?”, ele puxou a manga de Ashok, e o funcionário consentiu resmungando. Eles embarcaram no primeiro bonde que apareceu. Estava um pouco cheio e eles conseguiram entrar se espremendo. Mas na parada seguinte um bando de passageiros entrou e o bonde ficou lotado.

Eketi separou-se de Ashok e se viu preso entre dois executivos de pasta na mão. Tinha ficado insuportavelmente cheio. Eketi começou a se sentir sufocado. Lutando para respirar, ele caiu e começou a se arrastar por entre as pernas dos passageiros, buscando pouco a pouco a saída de trás. Quando por fim conseguiu chegar à porta, ele se balançou para fora segurando no corrimão de metal, usou a janela aberta como apoio e se lançou com agilidade até o teto.

Agora ele estava sentado em cima do bonde, logo abaixo do cabo de eletricidade, com a sacola de lona preta ao seu lado, e sentiu o alvoroço da liberdade que sente um pássaro solto da gaiola.

O bonde chegou a Dalhousie Square, hoje em dia conhecida como BBD Bagh, o epicentro administrativo da cidade, e foi aí que sua viagem terminou. Um guarda de trânsito olhou para ele espantado, então correu para a frente do bonde e o fez parar atabalhoadamente.

Dentro do bonde lotado, Ashok Rajput havia conseguido lugar para sentar. Limpou o suor e a sujeira da testa, olhou com desgosto para a massa humana agitada à sua volta e pensou se esta não seria sua última viagem em transporte público. Calcutá, concluiu, não era para ele. Alguma coisa no ar da cidade solidificava-se no fundo da garganta feito catarro. E o trânsito irritante, os mendigos imbecis e as ruas imundas também não ajudavam. Esta noite, se tudo desse certo, ele teria a pedra sagrada em mãos.

Ele havia pesquisado bastante sobre a ingetayi. Dizia-se que era um bloco de arenito preto, com cerca de setenta e seis centímetros de altura, no formato de um falo e esculpido com hieroglifos indecifráveis, que tinha pelo menos setenta mil anos. Ele faria Eketi roubá-la de Banerjee. Depois mandaria um escultor que conhecia em Jaisalmer fazer uma réplica. Eketi seria mandado de volta sem alarde para o seu fim de mundo na Pequena Andaman com a réplica, e ele venderia a original para o antiquário Khosla, que já havia concordado em pagar dezoito lakhs pelo símbolo fálico de Shiva mais antigo do mundo.

Ashok Rajput já havia pensado em tudo que faria assim que pegasse o dinheiro. Antes de mais nada, iria ver a Gulabo. Ele tinha aceitado esse emprego humilhante de funcionário subalterno da assistência social naquela ilha distante, isolado da civilização, só para mortificá-la por tê-lo rejeitado. Fazia cinco anos que ele não a encontrava, embora continuasse mandando duas mil rupias por mês para a educação de Rahul. Mas não conseguia esquecê-la.

Gulabo clamava por ele através dos milhares de quilômetros de terra e mar que separavam o Rajastão das Andamans, invadindo seus sonhos, e ainda o deixava excitado e louco de saudade.

Agora ele iria a Jaisalmer, jogar aquele monte de notas de mil em cima dela para provocá-la. “Você sempre disse que eu não prestava para nada. Bem, o que você vai dizer agora?” E então ele a pediria em casamento outra vez. Ele estava tranquilo e seguro de que dessa vez ela o aceitaria. Sem impor condições. Ele largaria seu emprego de terceira categoria no meio do nada e se mudaria para o Rajistão. A ingetayi era o único amuleto de que ele precisava e mudaria sua vida para sempre.

Ele caiu das nuvens quando o bonde subitamente freou.

“O que você está fazendo aí em cima?”, gritou o policial, apontando para Eketi e pedindo que ele descesse com gestos. “Namun dada namun.”

Assim que Eketi desceu do teto, o condutor do bonde veio falar com ele. “Você quer se matar? Cadê a sua passagem?”

Os passageiros espicharam o pescoço pela janela para ver.

“Nam ki?”, o policial quis saber o nome dele

Eketi só balançava a cabeça.

“Esse sujeito não é indiano”, declarou o condutor. “Está vendo como ele é preto? Deve ser africano. Vamos ver o que tem na sacola dele. Deve ser traficante de drogas.” Ele tentou tirar a sacola do ombro de Eketi.

“Não!”, exclamou Eketi, e empurrou o condutor.

O guarda pegou sua orelha e a torceu. “Você tem passagem?”

“Sim”, respondeu Eketi.

“E onde está?”

“Com o sahib Ashok.”

“E cadê esse tal de Ashok?”

Eketi apontou para o bonde.

“Não estou vendo nenhum Ashok”, disse o guarda, e pegou Eketi pelo cangote. “É melhor você vir comigo até a delegacia, onde vamos conferir o que tem na sua sacola.”

Ele estava prestes a levar Eketi para outro lado da rua quando Ashok finalmente conseguiu se desvencilhar do bonde e veio correndo até o policial. “Com licença, senhor”, disse ofegante o funcionário. “Este sujeito está comigo.

Eu estou com sua passagem.” Ele tirou duas passagens do bolso da camisa.

O guarda agarrou as passagens e as verificou. Não sem muita relutância, ele soltou Eketi.

No momento em que já estavam longe dos ouvidos do guarda, Ashok deu um tapa estalado na cara do nativo.

“Agora, escute aqui, seu preto sujo”, ele espumou. “Faça outra gracinha dessas e eu deixo você apodrecer na cadeia pelo resto da vida. Aqui é a Índia, não é a sua selva, onde você pode fazer o que quiser.”

Eketi o encarou e não disse nada.

Eles voltaram para o hotel e fizeram uma refeição leve. Por volta das seis da tarde, Ashok resolveu dar uma passada na casa de Banerjee.

Pararam um riquixá motorizado e Ashok disse ao motorista o endereço que estava num papel em sua carteira.

“Vamos para Tollygunge. Esquina de Indrani Park e JM Road.”

O riquixá fez um caminho alternativo por ruas paralelas para evitar a multidão de consumidores nas ruas principais. Pararam na esquina de Indrani Park e descobriram imediatamente o lago que procuravam. Não passava de uma depressão no terreno, cheia de água suja das monções e rodeada de tábuas estragadas. Mas estava cercada por cinco casas, e a da direita tinha um telhado verde-claro.

“A casa de Banerjee!”, exclamou Eketi.

Era uma típica casa de classe média, modesta e igual às outras. Feita de tijolos, tinha um pequeno jardim protegido por cerca de madeira. A placa no portão dizia: “S. K. Banerjee”.

“Eketi deve entrar lá e pegar a ingetayi?”, perguntou o nativo.

“Você acha que pode entrar na casa e pedir a pedra para o Banerjee?”, zombou Ashok. “Ele roubou de você e agora você vai ter que roubar dele.”

“Como Eketi vai fazer isso?”

“Isso é o que eu ainda tenho que descobrir.”

Por uma hora eles ficaram estudando cuidadosamente a casa por todos os ângulos possíveis, procurando uma janela aberta ou uma porta nos fundos. Ashok não encontrou nenhuma vulnerabilidade óbvia.

“Eketi sabe como entrar”, declarou o nativo de repente.

“Como?”

“Por ali”, Eketi apontou para a chaminé enegrecida no telhado.

“Não seja bobo. Você nunca conseguiria subir nesse telhado, quanto mais entrar por aquela chaminé estreita.”

“Eketi vai”, declarou ele confiante. “Vou mostrar agora.” Ele já ia pulando a cerca quando Ashok o agarrou pelo ombro.

“Não, não, seu idiota. Você não pode invadir a casa de alguém em pleno dia. Você tem que esperar o Banerjee e os vizinhos irem dormir.”

Ficaram matando o tempo nas lojinhas de calçada que brotavam em Tollygunge durante a temporada da puja.

Depois de jantarem tarde um apetitoso frango ao curry com arroz, voltaram para a casa de Banerjee.

A área em volta do lago era tranquila. As luzes da vizinhança se apagaram, e só ficou uma única lâmpada acesa na casa de Banerjee.

Esperaram embaixo do toldo de uma leiteria até que essa última lâmpada se apagasse logo depois da meia-noite.

Eketi abriu a sacola e tirou os pedaços de argila vermelha e branca, assim como a gordura de porco. Tirou o boné e começou a se despir. “O que você está fazendo?”, Ashok perguntou alarmado.

“Eketi preparando para pegar a ingetayi. Um onge precisa mostrar o devido respeito.” Ele desapareceu atrás da leiteria e saiu meia hora depois vestindo apenas o tapa-sexo e a queixada pendurada no pescoço. Havia listras horizontais vermelhas e brancas no seu rosto e um delicado ziguezague branco no centro do peito e do abdômen.

Ele parecia uma assombração noturna.

“Espero que ninguém veja você assim. Até eu estou apavorado.” Ashok fingiu tremer e olhou no relógio. “É

quase uma hora. Você subir no telhado agora.”

Sem dizer uma palavra, Eketi trotou até a casa de Banerjee.

Ele pulou a cerca de madeira da casa sem esforço e escalou até o telhado com a agilidade de um macaco; seus pés descalços não faziam nenhum ruído. A chaminé era muito estreita, mas torcendo o corpo ele conseguiu passar por ela, sujando as mãos de fuligem preta. Com uma estratégica disposição de mãos e pernas, o nativo desceu pela chaminé e pousou no balcão da cozinha com uma leve pancada.

Em poucos segundos ele se acostumou à completa escuridão. Abriu a porta da cozinha e saiu numa galeria.

Havia três portas à sua esquerda. Ele entrou pela primeira. Era um banheiro vazio, sem sinal da pedra sagrada. Saiu na ponta dos pés e tentou a segunda porta. Estava destravada, mas no instante em que ele pisou dentro um interruptor acionou as luzes que ofuscaram seus olhos. Ele viu um velho de óculos sentado na cama, vestindo um pijama azul-claro.

“Entre, eu estava à sua espera”, disse Banerjee na língua onge, com a voz impassível.

“Onde está nossa ingetayi?”, pediu Eketi.

“Vou dizer, mas primeiro me diga você uma coisa. Sei que vocês são capazes de viajar para fora do corpo. Você é real ou apenas uma sombra?”

“Que diferença faz?”

“Tem razão”, disse ele devagar. “Até os sonhos podem ser mortais. E você vai me matar por ter roubado a sua pedra sagrada?”

“Os onge não são como os Jarawas. Eketi veio pegar só a pedra. Onde está?”

“Não está mais comigo. Livrei-me dela há dez dias.”

“Por quê?”

“Porque ela é amaldiçoada, não é? Eu deveria saber. Ela levou o meu filho, meu filho único”, disse Banerjee com a voz fraca.

“O que aconteceu?”

“Ele estava estudando nos Estados Unidos. Há duas semanas morreu num estranho acidente de carro. Sei que a culpa é minha. Se eu não tivesse roubado a sua ingetayi, Ananda ainda estaria vivo”, soluçou Banerjee.

“Quem está com a pedra agora?”

“Eu vou dizer com uma condição.”

“Qual?”

“Você precisa me dizer como trazer uma pessoa morta de volta à vida.”

Eketi negou com a cabeça. “Nem Nokai consegue fazer isso. Ninguém pode desafiar a vontade de Puluga.”

“Por favor, eu imploro. Minha mulher está ficando louca de tristeza pelo nosso filho. Não posso continuar assim”, chorou Banerjee de mãos postas.

“É a maldição de Onkobowkwe. Você a atraiu para você”, Eketi deu de ombros. “Agora me diga onde está a ingetayi.”

“Não”, disse Banerjee com súbita hostilidade. “Se você não pode trazer meu filho de volta à vida, então também não vai conseguir a sua ingetayi de volta.” Com a velocidade de um gato, ele pulou da cama, saiu pela porta e se trancou no banheiro.

“Abra esta porta”, Eketi bateu, mas Banerjee se recusou a abrir. Agitado com a frustração, o nativo fez uma revista completa de todos os cômodos da casa, quebrando alguns armários e ídolos de porcelana no caminho, mas não encontrou a pedra sagrada. No quarto de Banerjee, no entanto, ele achou uma carteira preta sobre o criado-mudo.

Pegou-a, saiu pela porta da frente, abriu o portão e caminhou jardim afora.

Dois minutos depois ele estava de volta ao toldo da leiteria.

“O que houve? Eu vi uma luz se acender. Está tudo bem?”, Ashok perguntou sem fôlego.

“Sim.”

“Mas cadê a pedra sagrada?”

“Não estava na casa.”

“Não estava na casa? Quer dizer que Banerjee deve tê-la vendido. Ele deu alguma pista?”

“Não. Mas eu trouxe isto.” Eketi mostrou a carteira de couro. Ashok a abriu. Tinha pouco dinheiro, mas ele assobiou quando viu um cartão de visita. “Comércio de Antiguidades Calcutá”, dizia o cartão. “Proprietário Sanjeev Kaul. Park Street, 18B. Calcutá 700016.”

“Aposto que Banerjee vendeu a ingetayi para esse comerciante”, declarou Ashok.

“E como vamos conseguir pegar dele?”

“Amanhã farei uma visita a ele.”

“Mas como vamos voltar para o hotel? Como vamos achar um táxi agora?”

Foi o nativo dizer isso e um riquixá motorizado se materializou num beco perto dali. Eles correram até ele.

“Pode nos levar até Sudder Street?”, Ashok pediu ao motorista, um homem de meia-idade cheirando a álcool.

O motorista olhou para ele com os olhos arregalados, depois olhou para Eketi, e saiu correndo e gritando do veículo.

Park Street era uma área moderna de compras, cheia de lojas de estilistas famosos e butiques da moda.

Antiguidades Calcutá se revelou um belo estabelecimento ao lado de um sofisticado restaurante Continental. Ashok Rajput atravessou a porta decorada em latão e viu uma obra em andamento dentro da loja. O teto estava preto de fuligem e havia um cheiro forte de queimado. Um homem claro, alto e de nariz comprido olhou para ele intrigado.

“O que aconteceu aqui?”, Ashok perguntou.

“Sofremos um incêndio devastador há cerca de três dias. Metade da loja foi queimada. Perdemos muitas antiguidades, mas por sorte ninguém se feriu.”

“Você é o senhor Sanjeev Kaul?”

“Sim. Como posso ser útil?”

“Meu nome é Ashok Rajput. Sou do escritório da Agência do Bem-Estar das Populações Nativas de Andaman”, declarou em tom solene e mostrou seu documento. “Estou aqui por conta do roubo de um antigo artefato de pedra

pertencente à tribo onge. O senhor S. K. Banerjee vendeu ao senhor um falo de Shiva?”

“Sim. Há coisa de dez dias.”

“O senhor tem consciência de que está cometendo uma violação do Ato de Proteção de Antiguidades e Tesouros da Arte de 1972?”

“Banerjee não me disse que era uma antiguidade das Andamans”, disse Kaul com o cenho franzido. “Olha, eu não sabia que estava infringindo nenhuma lei. Achei que era só uma pedra velha.”

“Eu gostaria de vê-la.”

“Lamento, mas não está mais comigo. Segunda-feira passada eu a vendi para um cliente de Chennai.”

“Chennai?”

“Sim.”

“Oh, não!”, disse Ashok cerrando os punhos. “Preciso de todos os detalhes sobre essa pessoa para quem o senhor vendeu a pedra.”

Dez minutos depois ele voltou dos fundos da loja com uma folha de papel com um endereço. Quando Ashok retornou ao hotel, Eketi ainda estava dormindo.

“Acorda, desgraçado, e arrume suas coisas”, ele disse.

“Aonde estamos indo agora?”

“Para Chennai”, respondeu Ashok. “Encontrar um certo senhor S. P. Rajagopal.”

“E como vamos para lá?”

“De trem.”

A estação Howrah estava mais movimentada que de costume devido ao período de festas. Eketi olhava para o caos nas plataformas, as filas de passageiros espalhados pelo chão frio, o burburinho dos vendedores de revistas e refrigerantes, e especialmente para os carregadores vestidos de vermelho, equilibrando pilhas de malas e caixas sobre as cabeças. Ele observou o suor escorrendo pelos seus rostos e se virou para Ashok. “Por que vocês trabalham tanto?”

“Porque nós não ganhamos almoços grátis como a sua tribo”, Ashok disse com desprezo. “Sabe quanto essas passagens para Chennai me custaram? Essa viagem está virando um pesadelo.”

“Mas Eketi está adorando!”

Conforme o trem ia parando na plataforma, Eketi ficava rígido de tensão. Escondeu-se atrás de Ashok por alguns momentos antes de entrar com cuidado no vagão-dormitório. As mulheres se encolheram assim que ele entrou, recolhendo nervosas a bagagem de mão. As crianças olhavam para ele com medo e corriam para os pais. Eketi sorria.

Um sorriso aberto, perolado. O trem inteiro relaxou.

Ele pegou um lugar perto da janela e não arredou dali nas vinte e sete horas da viagem, sentindo o sol em seus olhos, o vento no rosto, assistindo à mudança caleidoscópica das cores do monótono marrom dos milharais ao verde luxuriante dos arrozais, maravilhado com a vastidão desse país onde era possível viajar por horas, vilarejo por vilarejo, e ainda assim não chegar ao destino. Quando o dia foi se apagando na noite, o ritmo incessante do trem se tornou uma canção de ninar que embalou seu sono.

Tudo era diferente em Chennai. O clima era mais quente que em Calcutá e mais úmido. Os homens eram mais escuros e tinham bigodes. As mulheres usavam sáris coloridos e flores no cabelo. Ninguém falava híndi.

Quando deixaram a estrutura gótica de tijolos vermelhos da estação central de Chennai, o nativo sentiu o cheiro do ar. A monção de noroeste ainda estava em ação e o aroma da chuva impregnava o ar como um perfume. “Tem mar aqui?”

“Sim. Como você sabe?”, perguntou Ashok.

“Eketi sentiu o cheiro.”

Entraram num daqueles onipresentes riquixás motorizados amarelos e pretos e Ashok disse ao motorista para levá-los diretamente à casa de Rajagopal em Sterling Road, Nungambakkam. Quando penetraram no turbilhão do

trânsito fora da estação, Eketi viu com olhos esbugalhados de espanto os imponentes edifícios e lojas elegantes que davam para o movimentado bulevar. A cidade era cheia de propagandas dos últimos lançamentos do cinema falado em tâmil, mas o que mais o fascinou foram os outdoors de políticos e astros que invadiam as ruas, alguns da altura de sobrados de dois andares. Chennai era uma cidade cenográfica. Uma mulher gigante e sorridente num sári disputava votos com um velho de óculos escuros.** Heroínas com olhares sedutores e heróis bigodudos com penteados exagerados pairavam sobre o trânsito feito colossos.

Sterling Road era uma avenida congestionada, repleta de estabelecimentos comerciais, bancos e escritórios, intercalados com amplas residências. O riquixá os deixou bem em frente à casa de Rajagopal, que era um palacete elegante pintado de verde e amarelo. Dois guardas uniformizados permaneciam impassíveis de vigia de cada lado do alto portão de metal, que por alguma razão estava aberto.

“Você veio para o encontro de oração?”, um guarda perguntou a Ashok.

O funcionário assentiu de modo inexpressivo.

“Entre, por favor. É na sala principal.”

“Você espere aqui”, Ashok disse a Eketi, e cruzou o portão. Ele seguiu um caminho cheio de curvas com gramados impecáveis de ambos os lados. A casa tinha uma porta de teca maciça que também estava aberta, e ele entrou numa ampla sala de onde todos os móveis haviam sido retirados. Havia lençóis brancos no chão, onde aproximadamente cinquenta pessoas estavam sentadas, a maioria usando roupas de cores claras. Os homens sentavam de um lado e as

mulheres do outro. Na extremidade da sala havia a foto de um rapaz com cabelos de corte militar e bigode espesso, decorada com uma guirlanda de rosas vermelhas. Bastões de incenso queimavam diante da imagem, a fumaça subindo em finas espirais. Uma mulher bonita, um pouco acima do peso, na casa dos trinta, estava sentada ao lado da foto. Trajando um sári simples de algodão branco sem enfeites, ela era a própria viúva de luto.

Ashok sentou-se na última fileira de homens e adotou uma expressão solene apropriada. Por meio de perguntas discretas aos convidados, ele descobriu que se tratava de um encontro de condolências para o empresário Selvam Palani Rajagopal — conhecido pelos amigos como SP —, que dois dias antes havia morrido de ataque cardíaco, causado por um súbito e inesperado revés nos negócios.

Ashok aguardou duas horas até o encerramento do encontro. Depois que o último dos convidados se retirou, ele foi até a viúva de mãos postas. “Meu nome é Amit Arora. Sinto muito pela morte de SP, Bhabhiji, muito mesmo”, ele murmurou. “É tão difícil imaginar um homem de trinta e cinco anos sofrendo um ataque cardíaco. Eu me encontrei com ele há uns dez dias em Calcutá.”

“Sim, meu marido tinha negócios em Calcutá”, ela respondeu. “Como você conheceu o Raja?” Havia algo de preso em sua voz, que ele achou estranhamente erótico.

“Ele era aluno do último ano no Instituto Indiano de Tecnologia de Madras.”

“Oh, então você também estudou no IIT? Estranho que o Raja nunca tenha mencionado o seu nome.”

“De certa forma perdemos o contato depois de formados. Você sabe como essas coisas são.” Ele abriu as mãos e ficou em silêncio. Lá dentro da casa uma panela de pressão apitou.

“E você também está morando em Chennai?”, indagou a sra. Rajagopal. “Não há muitos indianos do Norte por aqui.”

“Não, estou morando em Calcutá. Saí de Madras logo depois de formado.”

Uma empregada lhe trouxe chá numa xícara de porcelana de cinza de ossos.

“Se você não se importar, tem uma coisa que eu gostaria de lhe perguntar, Bhabhiji”, Ashok disse no tom untuoso de quem puxa um assunto delicado.

“Pois não?”, ela respondeu preocupada.

“SP me disse que havia comprado um ídolo de Shiva num antiquário em Calcutá. Será que eu poderia vê-lo?”

“Oh, aquele falo? Adu Poyiduthu! Foi embora. Agora está com o Guruji.”

“Guruji? Quem é?”

“Swami Haridas. Raja foi seu discípulo nos últimos seis anos. Guruji veio ontem para o funeral. Ele viu o shivling e perguntou se poderia ficar com ele. Então eu lhe dei. Agora o Raja se foi, o que eu iria fazer com aquilo?”

“Você pode me dizer onde o Guruji mora? É perto daqui?”

“Ele mora em Mathura.”

“Mathura? Quer dizer Mathura em Uttar Pradesh?”

“Sim. É onde ele tem o ashram dele. Mas ele tem filiais por toda a Índia.”

Ashok quase caiu para trás. “Então agora vou ter que ir até Uttar Pradesh!”

“Mas por quê? Qual é o seu interesse nessa pedra?”

“É complicado... Você pode me dar o telefone de Swamiji em Mathura?”

“Na verdade, Guruji não está em Mathura no momento.”

“E onde ele está?”

“Ele saiu em turnê mundial. Ontem ele saiu de Madras e foi a Cingapura. De lá ele irá para os Estados Unidos e depois para a Europa.”

“E quando ele volta a Mathura?”

“Ele só volta daqui a dois ou três meses.”

“Dois ou três meses?”

“Isso. O jeito mais fácil de você encontrá-lo será no Magh Mela em Allahabad, em janeiro do ano que vem. Ele me disse que estaria lá para fazer um discurso.”

“Obrigado, Bhabhiji. Cuide-se. Eu manterei contato”, disse Ashok, tentando disfarçar a decepção na voz, e foi embora.

Eketi ainda estava sentado na calçada do lado de fora da entrada quando Ashok saiu pelo portão. “Por que você demorou tanto?”, disse curioso para Ashok.

“A pedra escapou das nossas mãos mais uma vez. Pior, saiu do país”, disse Ashok desanimado. “Só deve voltar daqui a três meses. Então vou levá-lo de volta para a ilha.”

“De volta para a ilha?”, Eketi apavorou-se. “Mas você me prometeu que só voltaríamos com a ingetayi.”

“Eu sei. Mas o que eu vou fazer com você nesses três meses? Não quero me meter em encrenca com o departamento.”

“Mas Eketi não quer voltar para a ilha.”

Ashok o encarou com olhar sério. “Você tem cocô na cabeça? Por que não quer voltar?”

“Voltar para quê? Eketi estava preso naquela ilha, sentia sufocado”, reclamou o onge. “Eu vou olhar as figuras da Índia que tem no livro que deram na escola e sonhar com elas. Eu via os navios atravessando o oceano e imaginava aonde eles iam. Eu costumava ver os estrangeiros chegando com suas câmeras para ver a gente, e minha cabeça enlouquecia. Eu queria pular no barco deles e ir para algum lugar. Qualquer lugar. Por isso eu vim para cá. Para fugir da ilha. E Eketi não vai voltar.”

“Por isso você se candidatou para recuperar a pedra?”

“Isso. Eketi queria vir para a Índia.”

“E você não está preocupado com o que vai acontecer à sua tribo se você não recuperar a pedra sagrada?”

“Eketi vai ajudar você a recuperar a ingetayi. Depois você leva ela de volta, e Eketi fica no seu país bonito.”

“Então era tudo parte do seu plano secreto, não é? E você já pensou no que vai fazer aqui?”

“Eketi vai se casar. Lá na aldeia, os velhos casam com todas as garotas. Eu não tinha chance de achar uma esposa se ficasse na ilha. Aqui posso ter uma vida nova. Arranjar esposa.”

“Essa é boa”, o funcionário riu com sarcasmo. “Você acha mesmo que um idiota sem ter onde cair morto feito você vai arranjar uma esposa aqui? Você já se viu no espelho? Quem iria casar com um anão negro como você?”

“Isso quem decide é Puluga”, disse Eketi com petulância.

A atitude de Ashok subitamente mudou. “Escute aqui, seu desgraçado. Eu não trouxe você para fazer excursão.

De modo que você vai voltar para a Pequena Andaman. Amanhã o Nancowry vai sair aqui de Port Blair e você vai estar a bordo comigo. Já estou cheio das suas besteiras. Agora venha comigo, precisamos achar um hotel para passar a noite.”

Ashok parou um riquixá motorizado, mas o nativo se recusou a entrar. “Eketi não vai”, ele disse decidido.

“Não me obrigue a bater em você, negrinho”, Ashok ergueu a mão.

“Eketi não vai nem que você bata nele.”

“Então você quer que eu chame a polícia? Você sabia que todo nativo pego fora da reserva pode ser preso imediatamente?”

Os olhos de Eketi saltaram apavorados, e Ashok obteve a vantagem de que precisava. “Agora entra aí, seu desgraçado”, disse entre os dentes e empurrou o nativo no riquixá.

“Vamos para Egmore”, disse Ashok ao motorista.

Conforme avançavam pelo trânsito do meio da tarde, o nativo se sentia ansioso como um velocista agachado na linha de partida. Seu pulso se alterou quando o riquixá parou num cruzamento movimentado. No momento em que o semáforo fechou, ele saltou com a sacola preta. Ashok só conseguiu observar, pasmo e paralisado, enquanto o nativo disparou através do labirinto de carros, ônibus, lambretas e riquixás, e logo desapareceu da vista do funcionário.

Ele correu por um bom tempo, desviando de carros e vacas, atravessando parques vazios e filas na porta dos cinemas lotados. Por fim, parou para respirar na frente de uma oficina de bicicletas. Apoiando as mãos na cintura, encheu os pulmões de ar e deu uma boa olhada nos arredores. A bicicletaria ficava no meio de um tumultuado mercado ao ar livre. À distância, ele podia ver uma ilha de trânsito com uma enorme estátua no centro. Por um bom tempo ficou parado no meio-fio, inspirando a fumaça tóxica dos caminhões e carros que passavam, ouvindo o barulho que irradiava do cruzamento, sentindo-se cada vez mais como um garoto perdido numa multidão de desconhecidos. Ele também estava começando a sentir fome. Foi então que reparou num homem alto do outro lado da rua, vestindo elegantes óculos escuros, uma camisa larga de linho branco e calça cinza. Ele estava apoiado casualmente no encosto de metal do ponto de ônibus e fumava um cigarro. Assim como ele, o desconhecido também tinha pequenos nós de cabelo bastante crespo. Mas o que o atraía mais no homem era a cor da pele, quase tão negra quanto a sua.

Eketi atravessou a rua e se dirigiu ao ponto de ônibus. O desconhecido logo reparou nele e rapidamente apagou o cigarro com o calcanhar do sapato. “Ora, ora, o que temos aqui? Um irmão africano!”, exclamou ele.

Eketi deu um riso nervoso.

“E de onde você vem, meu irmão? Senegal? Togo? Parlez-vous français?”

Eketi deu de ombros e o desconhecido fez outra tentativa. “Então você deve ser do Quênia. Eu sei falar suaíli.

Ninaweza kusema Kiswahili.

Eketi balançou a cabeça. “Mim chamar Jiba Korwa de Jharkhand”, ele disse.

“Oh! Então você é indiano? Que maravilha.” O desconhecido bateu palma. “Você fala híndi?”

Eketi fez que sim com a cabeça.

“Eu domino oito línguas, e a sua é uma delas”, disse ele num híndi perfeito. “Estudei na Universidade de Patna”, acrescentou à guisa de explicação.

“Qual é o seu nome?”, Eketi perguntou.

“Michael Busari às suas ordens, da grande cidade de Abuja, na Nigéria. Meus amigos me chamam de Mike.”

Naquele exato momento um policial passou de moto e Eketi instintivamente se escondeu atrás do ponto. Ele continuou escondido mesmo depois que o policial passou o cruzamento.

Mike tocou em seu ombro. “Estou vendo que você deve estar metido em confusão, irmão. O mundo não é um bom lugar, sobretudo para os negros. Mas não tenha medo, agora vou protegê-lo.”

Havia algo de reconfortante nos modos do nigeriano, que logo tocou Eketi. “Você conhece bem esta cidade?”, ele perguntou.

“Na verdade, não, irmão. Eu vivi principalmente no Norte da Índia. Mas conheço o bastante de Chennai para ser o seu guia.”

“Estou com fome”, disse Eketi. “Você poderia me dar algo para comer?”

“Eu ia agora mesmo almoçar. O que gostaria de comer?”

“Eles têm carne de porco aqui?”

“Porco, não é? Eu posso conseguir para o jantar. Mas para almoçar vamos ao McDonald’s.”

“O que é isso?”

“Você nunca comeu um Big Mac? Então venha, irmãozinho, deixe-me apresentar-lhe ao maravilhoso mundo das porcarias.”

Mike o levou até um McDonald’s perto dali, onde comprou para Eketi uma refeição completa e um sorvete de casquinha. Enquanto o nativo devorava um

hambúrguer suculento, Mike pôs o braço por trás do ombro de Eketi e disse: “Agora me diga, amigo, o que foi que você fez? Você matou alguém?”.

“Não”, disse Eketi, engolindo suas batatas fritas.

“Então você deve ter roubado alguém?”

“Não”, disse Eketi, e sorveu sua Coca-Cola de canudinho. “Eu só estou fugindo do Ashok.”

“Ashok? E quem é esse Ashok?”

“Kujelli!”, disse Eketi e mordeu o lábio. “É um homem mau que estava me causando problemas.”

“Oh, então ele era o seu patrão? E você ficou cheio e fugiu da sua aldeia?”

“Isso, isso”, Eketi concordou avidamente, começando o sorvete.

“Mas como veio parar em Chennai, irmãozinho? É bem longe de Jharkhand.”

“Ashok me trouxe para um serviço. Não sei o que era”, disse Eketi e soltou um arroto, satisfeito.

“Se você está fugindo, presumo que não tenha onde ficar. Certo?”, perguntou Mike.

“Sim. Não tenho casa aqui.”

“Sem problema. Eu vou cuidar disso também. Venha, vamos para minha casa.”

Eles tomaram um ônibus verde fluorescente até T. Nagar, onde o nigeriano alugava uma casinha modesta de dois cômodos. Mike levou Eketi para dentro e apontou para um imenso sofá na sala. “Você pode dormir ali. Agora descanse um pouco enquanto eu dou uma saída para comprar o nosso jantar.”

Mike tirou seus óculos escuros e pela primeira vez Eketi viu os olhos do nigeriano. Eram frios e sem emoção, mas o nativo foi reconfortado pelo sorriso, que era cheio de calor e amizade. Mike era também um excelente cozinheiro, e sua sopa de lentilhas e linguiças de porco apimentadas fez Eketi lamber os

dedos.

Deitado no sofá macio naquela noite, sentindo-se saciado e seguro, o onge agradeceu a Puluga pela bondade dos desconhecidos. E pela delícia das linguiças.

Michael Busari adorava uma conversa. E mesmo quando se dirigia a Eketi ao falar, o nativo sentia que ele na verdade falava sozinho. Nesses monólogos, Eketi descobriu que Mike vivia na Índia havia sete anos. Dizia ser um homem de negócios em diversas áreas e que estava em Chennai havia uma semana para fechar uma transação com um comerciante de joias chamado J. D. Munusamy. "E é aí que eu posso precisar da sua ajuda, irmãozinho", disse ele dando um tapa no joelho de Eketi.

"Que tipo de ajuda?"

"Convenci o senhor Munusamy a fazer um grande investimento em petróleo na Nigéria. É um negócio que vai dar muito dinheiro a ele. Como intermediário, eu devo receber uma comissão. Munusamy devia ter transferido cem mil dólares para a minha conta, mas no último minuto ele disse que me daria a quantia em dinheiro. Quero que você vá buscar esse dinheiro em meu nome na casa dele. Você pode fazer esse servicinho para o seu irmão?"

"Por você eu daria a minha vida", disse Eketi, e abraçou Mike.

"Ótimo. Então você tem um encontro com o senhor Munusamy às nove da noite no dia 26 de outubro — isto é, daqui a dois dias. Até lá, relaxe, aproveite, coma, beba."

Eketi levou a proposta a sério, e passou o resto do dia descansando em casa, vendo televisão e devorando linguiças de porco. À noite, pediu a Mike que o levasse à praia, e o nigeriano concordou.

Eles pegaram a congestionada artéria da Mount Road, com seus arranha-céus reluzentes e shoppings iluminados de neon. Eketi delirou quando o ônibus passou pelas estreitas vielas de Triplicane, cheia de velhas casas e templos antigos, e o cheiro forte de sal entrou em suas narinas. Ele esticou o pescoço para ver um pedaço do mar, e perdeu todo o interesse nas impressionantes estátuas e imponentes monumentos que pontuam o calçadão.

Foi o primeiro a saltar do ônibus assim que este parou em Marina Beach. Mesmo àquela hora da noite a praia

estava bem cheia. Diversas famílias relaxavam na areia, jantando. Crianças andavam a cavalo, gritando de alegria, enquanto as mães compravam quinquilharias em lojas iluminadas por lanternas. A luz oscilante de um farol fazia brilhar a superfície do oceano. Luzes longínquas de um navio piscavam na noite enquanto a espuma das ondas quebrava delicadamente na costa. Eketi inspirou o cheiro ácido do mar, recendendo a sal e peixe, e daquele único cheiro toda uma ilha surgiu em sua memória. Ele acenou para Mike, ainda uns cem metros atrás dele, e começou a entrar de roupa e tudo na água.

“Jiba! Jiba! Volte aqui!”, gritou Mike, mas o nativo já estava longe dentro do mar e nadava para mais longe ainda.

Ele saiu da água vinte minutos depois, com a pele brilhando de gotinhas de água, algas marinhas enroscadas na roupa, com areia escorrendo do boné.

“Você me deixou apavorado”, reclamou Mike.

“Achei que era para eu tomar um banho de mar”, ele riu.

“E o que você está escondendo aí?”

Eketi tirou a mão direita das costas. “Jantar!”, declarou, segurando um enorme peixe que ainda se debatia.

Mike comprou duas latas de Coca-Cola, Eketi acendeu uma fogueira, e eles dividiram um delicioso peixe grelhado.

“Então, o que está achando de Chennai, irmãozinho?”

“Estou adorando!”, Eketi desabafou. “Estou enlouquecendo com todos esses sons, cores e luzes deste mundo maravilhoso.” Ele tomou outro gole de Coca, cutucou o resto do peixe com um graveto e olhou intensamente para o nigeriano. “Você é o mais simpático e mais bondoso ser humano que eu já conheci.”

“Somos irmãos, meu amigo, você e eu.”

“Você pode também me ajudar a arranjar uma esposa?”

“Uma esposa? Claro. Assim que você fizer aquele servicinho para mim, vou arranjar dúzias de garotas enfileiradas para você escolher.”

A promessa de Mike foi o que bastou para Eketi associar a operação de coleta do dinheiro do comerciante de joias com a expectativa prazerosa de uma caçada ao porco-do-mato. Ele estava com seu bom humor de costume quando Mike o levou para Guindy, no sudoeste da cidade.

*

A casa de Munusamy ficava no meio de um quarteirão residencial e havia um silêncio abafado na área em comparação com a agitação cinética das ruas principais. Uma pálida iluminação pública lançava sombras intrigantes sobre uma fileira de apartamentos duplex dos dois lados da rua.

Mike mostrou a casa de Munusamy, número 36, que tinha uma porta de madeira entalhada. “Vou ficar esperando na outra esquina”, sussurrou para Eketi, e deu a ele um pequeno envelope. “Dê isto para Munusamy. Eu expliquei tudo no bilhete, de modo que você nem precisa abrir a boca. Boa sorte.”

O nigeriano recuou para dentro das sombras e Eketi avançou em direção à porta do Munusamy. Um empregado o esperava. Levou Eketi por um lance de escadas e apresentou-o na sala onde um homem calvo de meia-idade estava sentado num sofá creme. O sr. Munusamy vestia uma camisa branca e um veshti de cor creme. Tinha um rosto redondo dominado por dois atrativos: um pequeno bigode retangular que parecia feito dos pelos que saíam das narinas, e três linhas de argila amarela na testa, indicando sua casta.

“Bem-vindo, bem-vindo”, ele saudou Eketi.

Eketi se curvou e deu a ele o envelope.

Munusamy rapidamente leu o bilhete de Mike e olhou para o nativo com uma expressão desapontada. “Eu estava ansioso para conhecer o grande Michael Busari, mas, enfim, você trabalha para ele.”

“Dê o dinheiro para mim”, disse Eketi.

“Aqui está”, disse Munusamy, e passou uma pequena pasta que ele cuidadosamente havia escondido atrás das

pernas.

Quando Eketi se agachou para pegar a pasta, um clarão de flash estourou de repente em seu rosto. Quase simultaneamente cinco policiais entraram na sala por várias portas e o atacaram.

“Você está preso”, anunciou o inspetor.

Antes que ele pudesse compreender o que estava acontecendo, foi algemado e levado à viatura da polícia.

Na delegacia, um edifício caindo aos pedaços com o telhado aparente, ele foi jogado numa cela grande. Disse que era inocente em seu inglês truncado, e tentou implorar aos guardas, mas eles o ameaçaram com os cassetetes.

Então ele se encolheu no chão de cimento e esperou que Mike aparecesse. Estava seguro de que o amigo iria explicar tudo e o tiraria logo da prisão.

Mike não apareceu até o meio-dia do dia seguinte, mas veio um certo inspetor Satya Prakash Pandey da polícia de Bihar. Era um sujeito barrigudo e mascava noz de bétele sem parar. Tinha um rosto sério, com um bigode recurvo, e dava a impressão de uma impaciência nervosa, como um animal acorrentado. A única coisa a seu favor era que ele falava híndi. “Vim buscá-lo para levar para Patna”, ele informou Eketi. “É lá que Michael Busari é procurado por assassinato.”

“Assassinato?”

“Sim. Ele enganou um empresário, que cometeu suicídio. Agora você, filho da puta, será nossa principal testemunha no tribunal contra Busari.”

“Mas o Mike é um homem bom.”

“Homem bom?”, gargalhou o inspetor. “O seu chefe, o senhor Michael Busari, também conhecido como Gavião, é procurado por catorze casos de estelionato em sete estados. Ele fraudou diversos empresários com seu dólar sujo e seus projetos fajutos de investimento em petróleo. Então fizemos uma armadilha para ele aqui em Chennai.

O senhor Munusamy era a isca e Busari seria o nosso prêmio. Mas, em vez dele, pegamos você. Você também é nigeriano?”

“Não. Meu nome é Jiba Korwa, de Jharkhand.”

“De Jharkhand? De que lugar de Jharkhand?”

“Eu... eu não lembro.”

“Não se lembra, é? Não se preocupe, as minhas mãos já refrescaram a memória de bandidos muito mais duros.

Você não passa de um novato”, o inspetor deu um riso forçado.

Com as mãos algemadas, Eketi foi levado de carro até a estação de trem na tarde seguinte e embarcado num trem para Patna. A única outra pessoa com ele na cabine da primeira classe era o inspetor Pandey.

O trem iniciou a viagem de três dias até Patna às três e vinte e cinco da tarde e uma hora depois o inspetor começou a interrogá-lo. “O.k., seu tarado, pode ir me contando tudo sobre você”, ele disse e cuspiu uma saliva vermelha de noz de bétele por entre as barras de metal da janela.

“Eu já disse. Meu nome é Jiba Korwa de Jharkhand”, falou o nativo.

“E o que você estava fazendo em Chennai?”

“Vim só conhecer.”

Sem nenhum aviso, o inspetor lhe deu um tapa com a palma da mão. Eketi recuou de dor. “Eu falei para você me contar a verdade, seu tarado. Mais uma vez: de onde você é?”, berrou o inspetor.

“Jharkhand.”

“De que aldeia em Jharkhand?”

“Eu não sei”, disse Eketi, e foi premiado com outra pancada no rosto.

“Vou perguntar pela última vez. Fale a verdade ou não vai sair deste trem com vida.”

O interrogatório continuou pela tarde e assim foi a noite inteira. Na metade do dia seguinte, Eketi cedeu, incapaz de suportar mais aquele castigo. Soluçando e

com o nariz escorrendo, ele contou tudo sobre sua viagem desde a Pequena Andaman, sobre Ashok, e sobre seu encontro com Busari.

O policial ouviu Eketi com paciência. Enfiando outro paan na boca, ele grunhiu satisfeito. “Finalmente você

me disse a verdade, seu filho da puta. Dizem que as minhas mãos são como um alicate de ferro; sempre conseguem arrancar os fatos do suspeito.”

Eketi esfregou a bochecha. “Você gosta de bater nas pessoas?”

Pandey deu de ombros. “Se você não bate, você não condena. Nós somos forçados a trabalhar assim. E depois isso se torna um mau hábito, como mascar noz de bétele.”

“Então você bate nas pessoas para mostrar sua força?”

“Na verdade, não é para mostrar força, mas para esconder a fraqueza”, disse o inspetor com surpreendente candura. “Nós só pegamos os pobres e os fracos, porque eles não batem de volta.”

Não trocaram outra palavra por horas. Com o trem estrondeando noite adentro, o inspetor se reclinou no assento, mergulhado em profundos pensamentos. Eketi sentou-se junto à janela aberta, sentindo com um bálsamo de alívio o ar frio em seu rosto inchado. De repente, o inspetor tocou seu ombro. “Resolvi fazer uma tolice”, ele desabafou, e alcançou o coldre de couro.

Um arrepio de pavor percorreu o corpo de Eketi. “Você vai... você vai me matar?”, perguntou ele, sentindo a garganta apertada.

“Isso seria fácil demais”, sorriu o inspetor pela primeira vez, pegando uma chave do coldre.

“Então vai fazer o quê?”

“Vou deixar você ir embora.”

Eketi olhou nos olhos dele. “Você está brincando?”

“Não, Eketi. Não é brincadeira”, Pandey balançou a cabeça lentamente. “Esta é a

sua vida. E não é diferente da minha. Como você, eu também me sinto sufocado às vezes, trabalhando num emprego em que só encontro a escória da sociedade todos os dias. Mas de vez em quando consigo secar as lágrimas de uma viúva ou devolver uma criança para a mãe. É por momentos como esses que eu vivo."

Eketi olhou pela janela. Não longe dali seus olhos viam apenas uma escuridão que zunia, aveludada. Mas lá perto do horizonte ele podia ver o brilho das luzes de alguma cidade distante.

"Eu tenho dois filhos jovens", continuou o inspetor. "Eles acham que o pai deles é um herói, que combate criminosos e assassinos. Mas eu sou apenas um homem comum lutando contra o sistema, quase sempre perdendo.

Eu sei que você é inocente. Então, deixar você ir vai ser uma pequena vitória." Ele olhou para o relógio. "Agora devemos estar nos arredores de Varanasi. Quero que você puxe isto", disse apontando para a cordinha de emergência acima de sua cabeça. "Isto fará o trem parar. Aí quero que você desça e desapareça na noite. Vou dizer para todo mundo que você fugiu enquanto eu dormia."

"Por que está dizendo isso?"

"Para que seu sonho não morra. Para que o sonho dos meus filhos não morra. Se você chegar comigo a Patna, vai apodrecer na cadeia por pelo menos cinco anos, esperando o julgamento. Então fuja enquanto pode."

"Mas fugir para onde?"

"Varanasi é o melhor lugar para começar. As pessoas vêm aqui para morrer. Eu estou soltando você para viver."

Ele colocou a chave nas algemas de Eketi e as abriu. "Mas lembre-se", ele ergueu um dedo. "Esta nossa terra é estranha e sublime. Você pode encontrar as melhores pessoas do mundo aqui, e as piores. Você pode experimentar uma bondade sem paralelo e testemunhar crueldades extraordinárias. Para sobreviver aqui, você deve mudar seu modo de pensar. Não confie em ninguém. Não conte com ninguém. Aqui você está completamente sozinho."

"Então talvez eu volte para a minha ilha", murmurou Eketi enquanto massageava os pulsos onde as algemas haviam cortado a pele.

“Isso cabe a você decidir. A vida pode ser feia. Ou pode ser bonita. Tudo depende do que você faz com ela. Mas faça o que fizer, fique longe da polícia. Nem todos os inspetores são como eu.”

“Você vai se meter em apuros por ter me deixado fugir?”

“O departamento provavelmente abrirá outro processo de incompetência e negligência contra mim. Eu já não me importo. Estou fora do páreo. Mas você pode estar só começando. Boa sorte, e não esqueça a sua sacola.”

Quando Eketi colocou a sacola Adidas falsificada sobre o ombro, Pandey pegou algumas notas do bolso da camisa. “Tome. Isto vai ajudá-lo por alguns dias.”

“Nunca vou esquecê-lo”, disse Eketi, aceitando o dinheiro, com os olhos cheios de lágrimas.

O inspetor deu um sorriso melancólico e apertou um pouco sua mão. “Agora, só não vá andar por aí chorando feito um macaco, seu tarado. Puxe essa maldita corda”, ele disse bruscamente, e cobriu a cabeça com um cobertor marrom-claro.

As pernas de Eketi estavam doendo. Por mais de duas horas ele havia corrido sem parar, atravessando densos canaviais e vilarejos adormecidos, em busca do brilho das luzes da cidade. Agora estava em Chowk, o coração atribulado de Varanasi, mas as luzes piscantes haviam se apagado e as ruas agitadas estavam vazias. Um silêncio sobrenatural reinava na área, interrompido apenas por um cachorro ou um gato da rua. Os mendigos dormiam nas calçadas embaixo das lojas fechadas. Uma turma de policiais fazia a segurança em frente a um templo antigo.

A única centelha de vida na cidade àquela hora era uma farmácia toda iluminada. Eketi se esgueirou por trás de um jipe estacionado e observou o gerente cochilando atrás de um balcão de madeira, cercado por prateleiras de vidro repletas de caixas e vidrinhos.

Chegou uma mulher e acordou o gerente. Alguns minutos depois ela saiu da farmácia levando um saco pardo de papel, e Eketi pôde ver pela primeira vez o rosto dela. Era a mulher mais esquisita que ele já tinha visto. Quase da altura do Ashok, seus olhos estavam delineados com kajal, as bochechas coloridas de ruge barato e os lábios pintados de um vermelho forte, mas a mandíbula reta e o queixo quadrado lhe davam uma aparência masculina. Usava um sári vermelho e

verde e uma blusa amarela que mal cabia nela. As mãos eram muito grandes e peludas. Na verdade, Eketi pôde ver até mesmo uma fina linha de pelos que começava no umbigo e desaparecia embaixo da blusa.

Tomado de curiosidade, ele começou a segui-la. Ela entrou por silenciosas ruelas cobertas de lixo, por becos escuros de paralelepípedo, passagens onde o vento soprava, e saiu por fim na boca de uma rua movimentada e cheia de gente. Havia velhas casas de dois andares dos dois lados da rua, com sacadas ricamente entalhadas de onde vinha música e o toque de sinos dos calcanhares de dançarinas. No térreo, mulheres mal-encaradas e de olhos vazios, algumas vestindo blusas curtas e anáguas, apoiadas nas entradas escuras, convidavam os passantes com sorrisos provocantes. Havia uma loja de paan na esquina onde um homem distribuía folhas triangulares de bétele, um quiosque onde se vendiam sanduíches, e até uma loja de cartões pré-pagos. Os cheiros do perfume de jasmim e da comida frita se misturavam no espesso ar úmido. Enquanto o resto da cidade dormia profundamente, os habitantes dessa rua faziam festa.

“Bem-vindo ao Dal Mandi, o bairro da luz vermelha de Varanasi”, disse um homem de lungi e camiseta regata que se aproximou de Eketi. “Quer experimentar as nossas mercadorias?” Atrás dele, uma garota num sári cor-de-rosa soltou um risinho. Mas Eketi não reparou nela, interessado apenas em seguir a mulher que agora caminhava decidida para o fim da rua. A rua terminava num entroncamento onde ela virou à direita, entrando em outro beco.

Eketi também virou à direita.

De repente ela se virou e pegou Eketi pela mão direita.

“Por que está me seguindo? Está achando que eu sou puta?”

Pego de surpresa, Eketi lutou para se livrar dela, que era forte como um homem. “Solta!”, ele exclamou.

Ela olhou para ele bem de perto. “Quem é você, seu negro dos infernos?”

“Primeiro me diga quem é você?”

“Que pergunta é essa?”

“Quero saber se você é homem ou mulher.”

Ela soltou uma gargalhada. “Essa é a pergunta que todo mundo me faz. Alguns homens estão dispostos a pagar para descobrir.”

“Não... não entendi.”

“Meu nome é Dolly. Sou a líder dos hinjras.”

“Hinjras? O que é isso?”

“Você nunca ouviu falar em eunucos?”

“Sinceramente nunca ouvi falar.”

“Nós somos o terceiro sexo. Entre o masculino e o feminino.”

Os olhos de Eketi se arregalaram. “Nem homem nem mulher. Como é possível?”

“No nosso país, tudo é possível”, Dolly disse com um aceno. “Mas fale-me de você. Quem é você? De onde veio?”

“Meu nome é Jiba Korwa de Jharkhand.”

“Jharkhand? Eu tinha uma amiga chamada Mona. Ela também era de Jhrakhand, mas não era preta como você.

Agora ela foi tentar a sorte em Mumbai.”

“Onde você mora?”

“Não fica longe de Dal Mandi.”

“E o que é isso aí?”, Eketi perguntou apontando para o saco que ela tinha na mão.

“Ah, isto? É um remédio que eu demorei para encontrar. Só tinha uma farmácia aberta a esta hora. É para a minha amiga Rekha. A filha dela está muito doente.”

“O que ela tem?”

“Malária. Está com febre alta há dez dias.”

“Malária. Eu sei tratar malária.”

“Você?”, ela o mediu de cima a baixo. “Seu nanico fanfarrão, agora você virou médico?”

“Pode acreditar. Sou médico e dos bons. Na minha ilha, uma vez eu salvei um menino que ia morrer de malária.”

“Ilha? Mas que ilha?”

“Kujelli!”, exclamou Eketi, e para disfarçar o ato falho, rapidamente ele abriu a sacola e tirou um maço de folhas secas. “Esta planta cura malária. Se você me levar até sua amiga, eu vou tratar da filha dela.”

“É mesmo?” Dolly pensou por um momento e depois concordou com a cabeça. “Certo, não custa tentar. Venha comigo.”

Eketi contiuou seguindo atrás dela pelas ruas tortuosas da cidade. Passaram por alguns outros becos, atravessaram um esgoto fedorento a céu aberto, e de repente Eketi se viu numa zona só de eunucos. Mesmo àquela hora da noite, eles estavam de pé na rua, vestindo sáris e salwar kameez, com os rostos pintados e penteados esquisitos.

Cumprimentaram Dolly e olharam para Eketi com curiosidade, mais amistosos que hostis.

As casas eram todas pequenas e simples, a maior parte casebres de um só cômodo feitos de tijolos e cimento.

Dolly parou diante de uma casa de porta amarela. Um hinjra vestindo um sári laranja e azul com um buquê de jasmim na trança correu para atender, agarrou Dolly e começou a chorar. “A Tina está morrendo. Minha pobre Tina”, ela se lamentava.

Dolly falou com alguns outros eunucos antes de se virar para Eketi. “O médico acabou de passar para ver a Tina”, ela disse a ele. “Ele disse que não há nada a fazer para salvá-la, a febre atingiu o cérebro. Minha ida à farmácia foi inútil.” Ela largou o saco de remédio, que caiu inerte no chão, e cobriu o rosto com as mãos.

Eketi deu um passo à frente e abriu a porta amarela.

Ele entrou num quarto pequeno e abarrotado. Havia caçarolas e panelas num canto e roupas no outro. Mas seus olhos foram atraídos para um colchão no chão, onde estava deitada uma garotinha de vestido, cercada de cobertores.

Frágil e magra, ela parecia exaurida de toda vitalidade. Seu rosto era pálido e havia grandes bolhas vermelhas no pescoço. Os olhos estavam fechados, mas de quando em quando ela murmurava qualquer coisa incoerente durante o sono.

Eketi abriu a sacola de lona e se pôs a trabalhar. Tirou o maço de folhas secas e pediu à mãe da garota para moê-

las até virar uma pasta e esquentar. Depois ele misturou a argila vermelha com a gordura de porco e espalhou na testa da menina em listras horizontais. Enquanto Dolly observava tudo com desconfiança, ele aplicou um pouco de argila amarela no lábio superior da menina e esfregou a mistura das folhas secas sobre a barriga dela. Por fim, tirou um colar de ossos da sacola. “Este é o chuga-ta, feito dos ossos do grande Tomiti. Ele vai curar o corpo e afastar o eeka”, anunciou, colocando o colar no pescoço da menina.

“Você é algum tipo de curandeiro?”, perguntou Dolly com cara preocupada.

“Só estou tentando ajudar.”

“E agora, o que devemos fazer?”

“Esperamos até amanhã”, disse ele bocejando. “Estou com muito sono. Tem um lugar onde eu possa me deitar?”

“Você não tem para onde ir?”

“Não.”

“Foi o que eu pensei”, suspirou Dolly. “Venha, vamos para a minha casa.”

A casa dela era a maior do bairro, com dois cômodos e uma pequena cozinha. As paredes pintadas eram enfeitadas com quadros de deuses e deusas. Havia um tapete gasto no chão e até uma pequena mesa de jantar dobrável com cadeiras de metal. Um relógio de parede mostrava que eram quinze para as três. Eketi

desabou no chão e em minutos dormia profundamente.

Quando acordou na manhã seguinte, Dolly já havia levantado e estava em plena atividade. “Você fez um milagre”, ela disse a ele. “A febre da Tina passou. Ela já está bem melhor.”

Rekha, a mãe de Tina, veio em seguida e se prostrou aos pés de Eketi. “Você é um anjo enviado dos céus”, exclamou ela, agarrando a mão do nativo. “Minha filha e eu seremos para sempre gratas você.”

Depois dela, veio outro eunuco que piscou provocativamente para ele antes de lhe estender o braço. “Estou com bolhas no meu antebraço. Você tem remédio para isso também?”

“Não, não. Eu não sou médico”, resmungou Eketi.

“Você deve estar faminto”, disse Dolly. “Vou preparar o seu café da manhã.”

Mais tarde naquele mesmo dia, enquanto Dolly estava sentada à mesa picando legumes, Eketi se aproximou dela. “Minha curiosidade está me matando.”

“O que você quer saber?”, ela arqueou as sobrancelhas.

“Ainda estou confuso sobre o que você me disse a noite passada. Como você pode não ser nem homem nem mulher?”

Com uma careta, Dolly deixou a faca de lado, ergueu-se e levantou o sári. “Veja com seus próprios olhos.”

Eketi ficou horrorizado e sem ar. “Você... você nasceu assim?”

“Não, eu nasci homem como você, mas sempre me senti como uma mulher presa dentro de um corpo de homem. Eu era o caçula de três irmãos e duas irmãs. Meu pai era um bem-sucedido comerciante de tecidos em Bareilly. Minha infância e adolescência foram uma tortura. Meus irmãos e irmãs estavam sempre me ridicularizando.

Até meus pais me tratavam com desprezo e zombavam de mim. Percebiam que eu era diferente mas ainda queriam que eu me comportasse como um menino. Assim, no dia em que completei dezessete anos, roubei dinheiro do meu pai e

fugi para Lucknow, onde encontrei meu Guru e fiz a operação.”

“Que tipo de operação?”

“É terrível, mas eles me deram ópio por vários dias, o que alivia um pouco a dor. Então fazem a cerimônia do nirvana.”

“O que é isso?”

“Quer dizer renascimento. Um sacerdote corta fora os genitais com uma faca. Um golpe e o meu membro já era.” Dolly fez um movimento de corte com as mãos. Eketi ficou sem ar novamente.

“Depois da operação, eu passei a me considerar uma mulher. Então meu Guru me pôs sob sua proteção e me trouxe para Banara. Foi aqui que encontrei toda a comunidade dos eunucos. Moro aqui há dezessete anos. Esses eunucos são a minha família agora, aqui é o meu lugar.”

“Então na verdade você é homem?”

“Originalmente, sim.”

“Você não se sente estranho sem o seu... seu... pinto?”, perguntou Eketi hesitante.

Ela riu. “Você não precisa de um pinto para sobreviver neste país. Você precisa de dinheiro e cérebro.”

“E como você faz para ganhar dinheiro?”

“Nós cantamos em casamentos e quando nasce uma criança, em inaugurações de casas e outras ocasiões

favoráveis, e damos bênçãos. As pessoas acreditam que os hinjras têm o poder de afastar o azar e a desgraça. E às vezes trabalho também para um banco.”

“Que tipo de trabalho?”

“É comum pedir dinheiro emprestado no banco mas não pagar. Então o banco pede aos hinjras para ficar diante da porta da casa do devedor. Nós cantamos

canções desbocadas e fazemos tanto barulho que a pessoa acaba pagando.”

“Isso parece divertido! Então você é feliz sendo um eunuco?”

“Não se trata de ser feliz, Jiba”, disse ela com seriedade. “Trata-se de ser livre. Mas chega de falar de mim. Diga, o que fez você vir de Jharkhand até o nosso Uttar Pradesh?”

“Eu fugi da minha aldeia. Vim aqui para me casar.”

“Excelente! Essa é uma nova justificativa para a migração. E você encontrou uma garota?”

“Não”, Eketi deu um sorriso tímido. “Mas estou procurando sem parar.”

“Você já resolveu onde vai ficar?”

“Não dá para ficar nesta casa com você? Você tem bastante espaço aqui.”

“Isto aqui não é um albergue de caridade”, ela disse com sarcasmo. “Se você quiser ficar aqui, vai ter que me pagar aluguel. Você tem algum dinheiro?”

“Tenho, muito”, ele disse e sacou as notas que o inspetor Pandey lhe dera.

Dolly contou o dinheiro. “Aqui só tem quatrocentos. Vou considerar isso o aluguel deste mês.” Ela olhou de esguelha para ele e colocou o dinheiro nos misteriosos confins da blusa. “Você vai precisar de dinheiro para comer.

Não posso oferecer refeições grátis todo dia.”

“Então o que eu tenho que fazer?”

“Precisa arranjar um emprego.”

“Você me ajuda?”

“Ajudo. Estão construindo um hotel cinco-estrelas. Amanhã eu levo você até o canteiro de obras.”

“E hoje você vai me mostrar um pouco da sua cidade?”

“Com certeza. Venha, vou levá-lo aos ghats de Kashi.”

Chowk parecia completamente diferente durante o dia. A área era cheia de lojas de sáris, livros e prataria, e vendedores de doces e lassi. As ruas estavam lotadas de gente. Riquixás brigavam pelo espaço com bicicletas, e vacas andavam por entre os carros.

Eketi achou que as pessoas na rua estavam olhando embasbacados para ele, até perceber que olhavam mesmo era para Dolly. As mulheres se afastavam horrorizadas quando a viam. Os homens faziam cara feia e saíam da frente.

As crianças davam risada, imitando gatos no cio. Alguns zombavam batendo palmas com o lado das mãos. *** Ela ignorou as zombarias e levou Eketi do meio da multidão até um beco que dava numa escadaria de pedra que terminava no Ganges, e o nativo viu pela primeira vez os famosos ghats.

O rio tinha um brilho sombrio, feito prata derretida, com barquinhos flutuando na superfície feito patos chapinhando na água. As margens estavam repletas de peregrinos. Alguns deles sentavam embaixo de guarda-sóis de folhas de palmeira, consultando astrólogos, outros compravam quinquilharias, enquanto outros davam um mergulho. Sacerdotes tonsurados entoavam mantras, sadhus barbudos prestavam reverência ao sol e lutadores troncudos exercitavam suas habilidades físicas. Os ghats se estendiam por toda a beira do rio, até onde os olhos podiam ver. Finas línguas de fumaça pairavam no ar enevoado das piras funerárias queimando à distância.

“O rio reúne os peregrinos e os parentes dos mortos”, disse Dolly. “Nossa cidade é uma celebração dos vivos e dos mortos.”

“Um homem me disse que as pessoas vêm a esta cidade para morrer. Por quê?”, perguntou Eketi.

“Porque dizem que quem morre em Kashi vai direto para o céu”, respondeu Dolly.

“Então quando você morrer você também vai direto para o céu?”

“Não existe um céu apenas, Jiba.” Ela olhou para ele com um olhar benevolente. “Existem céus diferentes para pessoas diferentes. Nós, eunucos, fazemos até as nossas cremações em segredo.”

Um dia depois, 1o de novembro, Eketi começou a trabalhar em seu primeiro emprego de verdade. Dolly o levou até o que lhe lembrou a beirada de uma imensa cratera. Por dentro, o canteiro de obras parecia as horríveis entranhas de um animal gigantesco. Uma fila de mulheres levando cargas pesadas sobre a cabeça se movia pelas tripas do monstro, e homens com picaretas escavavam suas entranhas. Andaimes de madeiras feito balanços gigantes haviam sido erguidos por todo o canteiro e monstruosos guindastes subiam aos céus com suas línguas ondulantes. O ar fedia de suor e vibrava com as batidas de metal contra metal.

Dolly conhecia o mestre de obras, um sujeito chamado Babban que tinha o cenho permanentemente franzido.

Ele deu uma olhada nos músculos definidos de Eketi e o contratou na mesma hora. O nativo recebeu uma pá e foi mandado até um grupo de operários que cavavam um buraco.

Foi uma dificuldade. A pá escorregava das mãos de Eketi por causa da transpiração, e a poeira amarelada ficava entrando nos seus olhos. O fosso era como uma fornalha, e até mesmo os montes de terra pareciam brasa queimando seus pés nus.

Às duas da tarde soou a sirene, anunciando a hora do almoço, e Eketi soltou um suspiro de alívio. A comida era só uma papa de arroz e legumes ensopados, mas a breve pausa na sombra a tornou palatável.

Os trabalhadores sentaram-se juntos e comeram sua refeição calmamente. “De quem é este hotel?”, Eketi perguntou a um homem esquálido e torto que estava ao seu lado. Seu nome era Suraj. Suas roupas estavam rasgadas e sujas e tinham cheiro de suor envelhecido.

“Como eu vou saber?”, o homem deu de ombros. “Deve ser algum ricaço, um seth. Que importa? Nós não vamos morar no hotel.” Ele encarou Eketi. “Você não parece ser daqui. Já trabalhou em obra antes?”

“É minha primeira vez”, respondeu Eketi.

“Dá para perceber. Não se preocupe. Eu estou há três anos trabalhando nisso e ainda cometo erros. Mas tome cuidado, ou vai ficar corcunda para sempre como eu. E não inspire a poeira. O pó gruda nos poros do seu corpo. Às vezes sai até

no cocô. Veja o que esse trabalho fez com as minhas mãos e os meus pés.” Suraj abriu as mãos. Eram calejadas e ásperas como cocos. Havia bolhas nos pés e as solas tinham rachado em riozinhos de sangue pisado.

“Então por que você trabalha com isso?”

“Tenho cinco bocas para sustentar. Preciso do dinheiro.”

“E quanto eles pagam aqui?”

“Dá para viver.”

A sirene soou de novo e os operários se levantaram relutantes. Durante toda a tarde eles trabalharam, carregando blocos, terra, quebrando pedras, misturando cimento, cavando e preenchendo buracos, erguendo o hotel com as mãos nuas.

Quando o mestre de obras finalmente deu por encerrado o expediente às seis da tarde, os homens esgotados puseram nos ombros suas pás e enxadas, as mulheres exauridas pegaram seus cestos e suas crianças e fizeram fila na frente do empreiteiro.

Eketi também recebeu seu pagamento, que consistia em cinco notas novinhas de dez rupias, e começou a caminhar de volta para a casa da Dolly.

Quando estava passando em frente a um shopping center, seus olhos foram atraídos por uma vitrine. Mostrava uma ilha magnífica, repleta de árvores altas e cercada por um mar azul-turquesa. Ele ficou ali parado alguns minutos, e corajosamente entrou na loja. Uma moça atrás do balcão fazia as unhas. Um grande mapa-múndi estava pendurado na parede atrás dela e uma pilha de folhetos ficava ao lado. Ela olhou para as roupas sujas dele e fez uma careta de indisfarçável desprezo.

“Sim, o que você quer?”, ela perguntou.

“Quero ir para essa ilha que está na foto.”

“São as ilhas Andamans”, ela resmungou.

“Sim, eu sei. Quanto custa para ir de navio?”

Ela soprou as unhas e pegou um dos folhetos com a mesma foto da ilha na capa. “Temos uma excursão

organizada de cinco dias. O total do pacote mais barato fica novecentas rupias, saindo de Calcutá. Agora vá embora, não tenho tempo para isso.”

“Posso ficar com um desses?”, ele apontou para os folhetos. A garota rapidamente lhe deu um, e enxotou-o dali.

“E como foi no trabalho?”, Dolly perguntou assim que ele chegou.

“Eu não saí da minha aldeia para isso”, respondeu Eketi, massageando as costas. Ele pegou as cinquenta rupias do bolso e deu para Dolly. “Você pode guardar esse dinheiro para mim?”

“Sem problemas”, disse Dolly.

“E você pode me dizer quantos dias eu tenho que trabalhar para ganhar novecentos?”

Dolly franziu o cenho e fez uma conta rápida. “Cento e oitenta dias. Digamos, seis meses. Por quê?”

“Eu quero visitar esta ilha”, disse ele, exibindo o folheto como um troféu de caça.

Era a promessa sedutora contida naquelas páginas coloridas que fazia Eketi esquecer a dor nas costas e a cãimbra nas pernas. Depois do jantar ele se deitou no chão, olhando a foto da ilha, sentindo o vento soprar nos coqueiros, ouvindo as cigarras cantando na mata fechada, saboreando a carne de tartaruga em sua língua.

No dia seguinte, ele estava de volta à obra, fazendo o mesmo trabalho. Logo suas mãos pegaram o ritmo, de modo que ao final da semana ele já nem precisava olhar para ver onde estava cavando. Mesmo com o trabalho ficando mais fácil, Eketi ainda o odiava, e odiava a si mesmo por fazê-lo.

Seu mundo agora ia da casa do eunuco ao canteiro de obra. Ele não tinha tempo nem de conhecer o resto da cidade nem vontade de conhecer outros moradores da colônia de Dolly. Até o projeto de encontrar uma esposa fora posto de lado.

Domingo ou segunda-feira, Diwali ou Ano-Novo significavam a mesma coisa para ele — cinco notas de dez que ele sempre dava para Dolly guardar.

Dois meses e meio se passaram. Conforme o hotel saía do chão, cresciam também as esperanças de Eketi.

“Quanto dinheiro você acha que eu tenho guardado até agora, Dolly?”, ele perguntou ao eunuco certa noite.

“Um total de trezentas rupias”, ela respondeu.

“Quer dizer que só preciso trabalhar mais três meses para poder viajar”, disse ele, surpreendendo-a tanto pela saudade na voz como pela recém-adquirida habilidade matemática.

Dolly lhe dirigiu um olhar estranho, mas não falou nada. Naquela noite, contudo, silenciosamente ela colocou mil rupias de sua bolsa no cofrinho onde estava guardando o dinheiro dele.

Dois dias depois, Eketi estava despejando pedras numa betoneira quando houve uma explosão e uma nuvem de poeira subiu do canto do fosso. Ele correu para ver o acidente e viu que um andaime de bambu havia quebrado lá no alto. Um operário jazia de bruços no chão, coberto de pó, com os braços e as pernas contorcidos de forma esquisita. Outro operário virou o corpo caído, e Eketi soltou um grito de angústia. Era Suraj.

A morte de Suraj fez o trabalho parar por dois dias. Então Dolly pediu a Eketi para acompanhá-la numa missão do banco. Ela e mais outros quatro eunucos foram até um apinhado mercado em Bhelupura. Dolly mostrou uma loja no térreo onde vendiam equipamentos elétricos. “Nosso alvo é o dono desta loja. Rajneesh Gupta”, ela disse a Eketi. “Preciso que você o atraia para fora da loja, depois nós faremos o resto.”

Então Eketi entrou e disse ao proprietário com cara de rato que lá fora tinha alguém que queria conhecê-lo.

Assim que Rajneesh Gupta, ligeiramente intrigado, saiu da loja, foi atacado pelos hinjras. As colegas de Dolly o cercaram e começaram a provocá-lo, cantando e dançando e batendo palmas em uníssono. Dentro do círculo, Dolly apertou a bochecha de Gupta, fez cócegas embaixo do braço, e disparou uma

chuva de maldições sobre ele: “Que os seus filhos fracassem, que os seus negócios fracassem, que o seu corpo seja infestado de insetos, que você morra feito um cachorro”. Todos os lojistas saíram para acompanhar a diversão. Eles riam e zombavam, e Eketi ficou surpreso ao ver que não era dos eunucos que eles riam, mas do infeliz do sr. Gupta.

“Agora pague o empréstimo dentro de dez dias ou faremos outra visita”, Dolly disse com o dedo apontado para o lojista, antes de rodar imperiosamente a barra do vestido e recolher sua tropa.

Eketi acabou sentindo um pouco de pena do sr. Gupta, que ficou parado no meio do mercado, vermelho de vergonha e sozinho, tentando conter os soluços.

No outro dia o trabalho na obra continuou, mas não era mais a mesma coisa. O fantasma de Suraj assombrava o canteiro, tornando o dia mais longo, a comida mais sem graça, a pá mais pesada para Eketi. Seu coração jamais estivera envolvido nesse trabalho; agora, até mesmo as mãos começavam a se rebelar.

Quando ele voltou para casa naquela noite, encontrou a casa em completa desordem. O armário havia sido saqueado, havia sangue pelo chão, e nenhum sinal de Dolly. Rekha, aos prantos, foi quem lhe contou tudo. Tudo levava a crer que Rajneesh Gupta dera um pulo na colônia aquela tarde com três brutamontes armados de tacos de hóquei. Invadiram a casa de Dolly e a espancaram até que perdesse os sentidos. O eunuco sangrara profusamente e teve que tomar trinta pontos. “Ela está agora no hospital distrital de Kabir Chaura, perto de Chowk, com a vida por um fio.”

“Não! Não!”, gritou o onge e saiu correndo sem destino. Ele mal chegara aos portões do hospital quando um grupo de eunucos estava saindo. Quatro deles levavam uma maca de bambu onde jazia um corpo envolto numa mortalha branca. Atrás deles, três outros eunucos entoavam o Ram Nam Satya Hai, “o nome de Rama é a verdade”.

Ele nem precisou ver o corpo para saber que era Dolly, sendo levada para sua última morada. O cântico fúnebre ecoava em seus ouvidos com a clareza pungente de um martelo malhando ferro. O ar se esvaiu de seus pulmões como se alguém lhe tivesse dado um soco no estômago. Ele desabou no chão feito uma marionete quebrada.

Eketi voltou do hospital aturdido e caminhou a passos lentos até a casa de Dolly.

Ao entrar, foi direto ao armário roubado e fez uma busca desesperada por suas economias, e descobriu que todas as suas rupias haviam sumido.

Ficou um pouco mais na sala, olhando para os rastros de sangue no chão, imaginando a selvageria daquela tarde.

Então pegou sua sacola de lona e foi embora da colônia.

Enquanto cruzava as ruas de Chowk, o ar começou a ecoar com o som dos cânticos e o repicar dos sinos. Ele olhou para o alto e viu o céu que escurecia. O sol havia se posto e o Ganga Aarti, a cerimônia das orações da tarde, havia começado no Dasashwamedg Gath. Mas hoje ele estava sem vontade de descer até o rio. Dolly havia partido para um céu especial dos eunucos. A cidade havia acabado com ela. E ele não tinha mais nada a fazer ali.

Saindo de Varanasi, na beira da estrada, ele encontrou um caminhão parado. Estava cheio de peregrinos que iam a um acontecimento chamado Magh Mela. O motorista, um sikh de turbante e longa barba negra, tentava consertar um pneu furado. Eketi implorou que ele lhe desse uma carona e o sikh concordou.

Pouco antes de o sol nascer no dia 22 de janeiro, o caminhão se desfez de sua carga humana numa ponte de concreto sobre o Ganges, e Eketi assim se viu em outra cidade nova.

A alvorada lentamente rompia sobre a cidade sagrada de Prayag. O ar estava frio e estimulante. As ondas batiam delicadamente na ribanceira arenosa. Os raios rubros de um sol embrionário tingiam a água com tons irisados.

Barcos de madeira oscilavam indolentes na beira do rio. Uma névoa esfumava a atmosfera, vestindo a paisagem em matizes de cinza. Revoadas de pássaros se erguiam no ar, manchando o céu avermelhado de pontinhos escuros. Um mar de bandeiras coloridas e estandartes cor de açafrão tremulavam ao vento. À distância, a ponte Naini era sacudida de volta à vida por um trem expresso que estrondeava em seus trilhos de metal. O forte Vermelho de Akbar dominava o horizonte, apequenando as construções provisórias e tendas que haviam brotado por toda parte naquele setor improvisado da cidade.

Aquilo, Eketi descobriu, era o Magh Mela, o festival anual dos banhos. Ali na areia da margem do rio, ele viu uma procissão de dançarinos e músicos se aproximar, liderados por um arauto que levava um turbante na ponta de

um mastro. Os músicos criavam uma cacofonia de gongos e tambores, trompas de conchas e trombetas, anunciando a chegada dos Naga sadhus, os santos nus. Um poderoso rumor se erguia conforme o grupo de monjes cobertos de cinzas corria para a água trajando apenas uma guirlanda de cravos amarelos, brandindo espadas de aço e tridentes de ferro e gritando louvores a um dos nomes de Shiva: “Glória a Mahadev!”. Os devotos saíam da frente assustados ou se curvavam em reverência quando os santos pelados apareciam. Eketi ficou pasmo ao ver os sadhus molhados dando estrelas na areia. Ficou fascinado com suas tranças compridas e os temíveis olhos vermelhos, porém, mais do que tudo, ele ficou fascinado com seu desdém pelas roupas.

Atrás dos nagas vinham os líderes das diversas seitas espirituais. Santos cor de açafrão chegavam por vários meios de transporte. Um deles veio em um barulhento trator, enquanto outro chegou sentado em trono prateado preso a uma carreta. Outros vinham içados em tapetes de pele de leopardo sobre palanquins incrustados de joias, enquanto outros surgiam em carruagens douradas com sombrinhas de seda, seguidos por centenas de seguidores que entoavam suas preces e bhajans.

O ponto de convergência de todos esses grupos era o sangam, o trecho de confluência do norte e do oeste, onde as correntes marrom-amareladas do Ganga encontravam as águas negras azuladas do Yamuna. Aquelas águas rasas pululavam de devotos trêmulos. Homens nos diversos estágios anteriores à nudez completa, exibindo todo tipo de roupas de baixo, mulheres tratando de proteger suas partes íntimas enquanto tentavam fazer suas preces com ambas as mãos, garotinhos chapinhando água barrenta. Cravos alaranjados flutuavam na superfície da água ao lado de embalagens vazias de Tetra Pak e outras embalagens de plástico transparente. Cânticos de louvor ao Senhor Shiva e à Mãe Ganges ocupavam o ar.

Eketi também deu um rápido mergulho na água fria e depois ficou sentado na margem, saboreando os puris e jalebis gratuitos oferecidos pelos devotos mais abonados, e simplesmente relaxando ao sol. Quando ficou muito quente, ele resolveu ir conhecer Mela, e caminhou direto para um bazar improvisado, cheirando a incenso e especiarias. Ali as mulheres experimentavam miçangas de vidro multicoloridas e compravam grandes quantidades de pó de sulfato de mercúrio vermelho, enquanto as criancinhas ficavam hipnotizadas pelas lojas de brinquedos, implorando aos pais que comprassem pistolas de plástico e miniaturas de animais feitas de vidro. Os astrólogos de calçada atraíam a

freguesia com amuletos que serviam para praticamente qualquer coisa debaixo do sol. Bancas de livros faziam negócios rápidos com livretos de devoção mal impressos e cartazes chamativos espalhados pelo chão, onde os velhos deuses e deusas — Krishna, Lakshmi, Shiva e Durga — disputavam espaço com os novos — Sachin Tendulkar, Salim Ilyasi, Shabnam Saxena e Shilpa Shetty. Um vendedor de flautas ficava repetindo sem parar a mesma canção monótona, um incansável comerciante tentava convencer donas de casa a experimentar seu novo ralador sete-em-um de alumínio, e um mascate falastrão vendia óleo de serpente como remédio para impotência.

O festival incluía ainda várias tendas de atrações para a família. Risadas vinham da Casa dos Espelhos e gritos do Freak Show, que prometiam um homem sem estômago e uma mulher grudada ao corpo de uma cobra. Havia até mesmo uma roda-gigante, um estúdio de fotografia e uma apresentação de mágicas. Mas a fila mais comprida ficava diante de uma tenda que anunciava uma tal Rangeela Disco Dhamaka. Os homens olhavam embevecidos para o cartaz de três metros de altura na entrada que mostrava cenas de duas garotas de seios enormes e calcinhas sensuais fazendo poses provocativas. De dentro da tenda vinha o som de música alta. Um bilheteiro sentado numa cabine deu a ele uma piscadela marota. “Quer dar uma olhada? Apenas vinte rupias.”

“Não”, riu Eketi. “Por que gastar dinheiro para ver os seios de uma mulher?”

Ele se mostrou muito mais interessado na barraca da pontaria, onde os pagantes tentavam ganhar ursinhos de pelúcia mirando com o arco e flecha em balões presos a um painel quadrado ao fundo. Depois de observar várias tentativas frustradas, ele foi até o dono da barraca e mostrou uma nota de dez das cinco que tinha consigo. Um grupo de criancinhas se formou em volta dele e começou a torcer. Enquanto ele mirava, os tendões de seu corpo se retesaram. Memórias da última caçada ao porco-do-mato em sua ilha voltaram à sua mente, tocando-o com uma excitação longínqua. Ele disparou a flecha e acertou o balão bem no centro do painel. As crianças gritaram e pularam eufóricas; o dono da barraca fez uma careta e entregou o ursinho. Eketi deu o brinquedo a uma garotinha e pegou outra flecha. Quando ele saiu dali, as crianças tinham vinte ursinhos para brincar e um gerente às lágrimas teve que fechar a barraquinha.

Entusiasmado com seu sucesso no arco e flecha, Eketi atravessou alegremente uma estrada de cascalho e se viu numa região em tudo diferente do Magh Mela, onde o ar vibrava com o entoar de mantras e o dobre dos sinos. Ali ficavam os

akharas, os regimentos, que servem de quartel-general para as diversas seitas espirituais cujos líderes disputavam abertamente a atenção do público, jogando pesado na comunicação de massas.

Foi ali que ele encontrou mais uma vez os nagas. Os sadhus pelados estavam reunidos num pátio, sentados em pequenos estrados fumando seus chillums ou fazendo exercícios. No centro do pátio havia uma pilha de cinzas que eles usavam para cobrir seus corpos. Os sadhus se retiraram para uma grande tenda branca após algum tempo e Eketi adentrou cautelosamente o pátio. Ele tirou suas roupas, colocou-as dentro da sacola de lona e mergulhou no monte de cinza como se fosse um tanque de água. Feito um búfalo se refestelando na lama, ele rolou na cinza, sujando o rosto, o corpo e até o cabelo, deleitando-se por estar nu outra vez.

Quando estava prestes a sair, um naga sadhu saiu da tenda. O nativo se agachou no chão feito um animal encurralado, mas o sadhu sorriu para ele com os olhos vidrados e ofereceu um trago do chillum. Eketi devolveu o sorriso e deu uma tragada forte. Mesmo sendo viciado em zarda — o tabaco de mascar — em sua ilha, ele não estava preparado para o efeito da maconha sagrada dos indianos. Aquilo o deixou inexplicavelmente avoado, como se diversas janelinhas se abrissem em seu cérebro, tornando as cores mais brilhantes e os sons mais definidos. Ele gingou sobre os calcanhares e se apoiou no sadhu, que deu uma risada e gritou: “Alakh Niranjan!” — “Glória Àquele que não pode ser visto nem maculado!”.

Naquele instante Eketi se integrou aos nagas, e eles o aceitaram como um deles. A casa deles não fazia distinções. A cinza apagava toda diferença, reduzia cada um a um matiz de cinza, e seu transe psicodélico não fazia diferenciação de classe ou de casta.

Eketi gostou muito de ficar sem roupa e de poder perambular pela cidade como um espírito livre com permissão para pintar o corpo. Viver como um naga sadhu trazia ainda outras vantagens. Os devotos lhe faziam oferendas, os donos de restaurante lhe davam refeições grátis, e os guardas no templo de Hanuman nunca se incomodavam que ele dormisse na varanda coberta à noite. Dentro de uma semana, ele aprendeu a dizer alakh niranjan e oferecer bênçãos aos devotos, a segurar o tridente e a dançar em volta da fogueira dos sacrifícios com os outros nagas.

Ele gostava especialmente de fumar o chillum. A maconha o fazia esquecer a dor. Fez que se esquecesse de Dolly, de Ashok e de Mike, daquilo que faria em seguida, aonde iria depois. Ele estava contente de viver simplesmente o momento.

Assim se passou um mês. Chegou o Maghi Purnima, o dia da lua cheia do mês de Magh, o último dos grandes banhos antes de Mahashivratri e o final do Magh Mela. Eketi estava sentado na beira do rio, observando uma fila interminável de peregrinos mergulhar, quando o chão embaixo dele tremeu e uma grande explosão irrompeu naquela área feito o estrondo de um trovão. O impacto da explosão foi tão forte que ele caiu deitado. Ele viu uma coluna preta de fumaça atrás de si, subindo ao céu como uma nuvem espiralada. E então gritos começaram a se ouvir. Ele viu um garotinho com a perna arrancada, um tronco caído no chão sem cabeça. A areia ficou coberta de estilhaços de vidro, roupas, mocassins, braceletes e cintos ensanguentados. Uma barraca de chá de ferro ondulado havia sido reduzida a uma massa disforme de metal derretido. Homens e mulheres com sangue escorrendo nos rostos corriam com expressões enlouquecidas, gritando desesperados os nomes de seus entes queridos ou próximos.

Havia focos de incêndio em vários lugares.

A rapidez do ataque — tudo parecia ter acontecido num piscar de olhos — confundiu Eketi. A crueldade do acontecimento o deixou estupefato. O Mela se tornara puro caos. Um pequeno estampido se ouviu perto do rio e os peregrinos apavorados já estavam subindo uns nos outros no desespero de sair da água. As sirenes da polícia soavam em toda parte. Rapidamente, Eketi vestiu sua camiseta vermelha e sua bermuda cáqui, seguindo as hordas que corriam em busca da saída. Assim que alcançou em segurança a estrada principal, abordou um condutor de riquixá que estava por ali. “Ei, irmão, como eu chego à estação de trem?”

A estação ferroviária de Allahabad não apresentava nenhum sinal da carnificina que acontecia em outra parte da cidade. Os trens iam e vinham. Os passageiros embarcavam e desembarcavam. Os carregadores se acotovelavam afobados na multidão. Tudo como de costume.

Eketi ficou encostado num bebedouro de água fria imaginando que trem pegaria. Ele não conhecia outras cidades indianas, e não tinha mais dinheiro. Foi então

que seus olhos deram com um homem magro e escanhoado, de cabelo preto, curto, sentado num banco da estação perto dele, com um cigarro na boca e uma mala cinza protegida entre as pernas. Ele teve um sobressalto ao reconhecer Ashok Rajput.

Eketi poderia facilmente dar as costas e sair andando, mas foi até o funcionário seu conhecido e apertou sua mão. “Olá, sahib Ashok.”

Ashok olhou para ele e quase engasgou. “Você!”, exclamou.

“Eketi cometeu um erro fugindo de você”, disse constrangido o nativo. “Você pode agora me levar de volta para a minha ilha? Não quero ficar aqui nem mais um dia.”

A confusão inicial de Ashok logo passou e Eketi viu a velha arrogância sarcástica retornar no rosto do funcionário.

Ele jogou fora o cigarro. “Seu porco preto e imprestável. Passei os últimos quatro meses procurando você desesperadamente. E você acha que sem mais nem menos pode vir andando até mim e pedir para mandá-lo de volta? Acha que sou um maldito agente de viagens?”

O onge se ajoelhou no chão. “Eketi implora o seu perdão. Agora vou fazer tudo o que você disser. Só me mande de volta para Gaubolambe.”

“Primeiro você precisa jurar que vai obedecer a todas as minhas ordens.”

“Eketi jura sobre o sangue sagrado.”

“Muito bem”, Ashok amaciou. “Sendo assim, eu levo você de volta para a Pequena Andaman. Mas não agora.

Ainda preciso terminar alguns negócios aqui. Até lá você vai trabalhar como meu empregado. Estamos entendidos?”

O onge concordou com a cabeça.

“O que você estava fazendo em Allahabad?”, perguntou Ashok.

“Nada. Estava só passando o tempo”, disse Eketi.

“Você foi ao Magh Mela?”

“Fui. Estou vindo de lá.”

“Você tem sorte de estar vivo. Houve um ataque terrorista, um dos maiores. Dizem que pelo menos trinta pessoas morreram na explosão da bomba.”

“Você também estava lá?”

“Estava. Eu me importo com a sua tribo mais do que você. Vim ao Magh Mela em busca da pedra sagrada.”

“E a encontrou?”

“Não”, lamentou Ashok. “Um ladrão a roubou da tenda do Swami Haridas durante a confusão depois da explosão.”

“Então ela se perdeu para sempre?”

“Não sei. Espero que apareça quando o ladrão tentar vendê-la para alguém.”

“E aonde você está indo agora?”

“Para a minha cidade natal. Jaisalmer. É para lá que você está indo também, por falar nisso.”

O trem deles chegou a Jaisalmer na manhã seguinte. A estação parecia um mercado de peixe, com centenas de riquixás — e taxistas berrando os nomes dos hotéis, atravessadores segurando cartazes anunciando de qualquer maneira as hospedarias e uma multidão de agentes contratados abordando os passageiros com ofertas imperdíveis de safáris de camelo e serviços de jipe grátis até serem expulsos pelo policiais de cassetetes.

Ashok fechou os olhos ofuscados pelo sol forte e enxugou o suor da testa com o lenço. Mesmo sendo a última semana de fevereiro, o calor seco fazia o ar estalar feito eletricidade.

O funcionário público parecia conhecer todo mundo em Jaisalmer. “Pao lagu, Shekhawatji”, disse ele ao superintendente da estação. “Khamma ghani, Jaggu”, saudou o dono do café da esquina, que o abraçou efusivamente

e ofereceu uma bebida gelada.

“Esta é a minha cidade”, Ashok disse balançando um dedo para Eketi. “Tente alguma gracinha e eu ficarei sabendo em um segundo. Entendeu?”

O onge assentiu com a cabeça. “Uma vez que Eketi jurou sobre o sangue sagrado, ele precisa manter a promessa.

Um onge que quebra a palavra merece a fúria de Onkobowkwe. Ele morre e vira um eeka, condenado a viver embaixo da terra.”

“Aposto que você não vai querer um destino assim terrível”, disse Ashok. Eles tomaram um velho riquixá motorizado que fazia muito barulho ao passar pelas ruas estreitas da cidade. Eketi viu casas isoladas, algumas vacas sentadas na beira da rua e uma mulher caminhando com uma lata d’água na cabeça. De repente ele gritou: “Pare!”.

“O que foi?”, Ashok perguntou, claramente irritado com a interrupção. “Veja!”, berrou Eketi, apontando à sua frente. Ashok viu um grupo de três camelos descendo a rua com a maior lentidão.

“Você nunca viu isso antes, mas eles são animais perfeitamente inofensivos”, Ashok riu e disse ao motorista para seguir.

Minutos depois, eles estavam no meio de uma feira livre. Mulheres rajastanis usando deslumbrantes odhnis vermelhos e laranja, com os braços cobertos de pulseiras, se aglomeravam nas lojas e nas vendas de frutas, enquanto os homens usavam turbantes coloridos e impressionates bigodes recurvos.

E então, em meio à neblina de calor e poeira, uma magnífica fortificação de arenito amarelo se ergueu na distância como uma miragem tremulante. Com seus contrafortes majestosos, torres de templos delicadamente esculpidas e incontáveis baluartes cobertos de uma luz cor de mel, a cidadela parecia ter saído de uma fantasia medieval.

Eketi esfregou os olhos para ter certeza de que não estavam brincando com ele. “O que é aquilo?”, perguntou a Ashok com a voz embargada.

“Aquele é o forte de Jaisalmer. E nós vamos entrar nele.”

O riquixá reclamou ao subir a colina de Trikuta, no alto da qual ficava o forte dourado. Conforme o forte foi se aproximando, Eketi viu que os baluartes eram na verdade meias torres, cercadas por altas torres menores e formadas por muros grossos.

Eles adentraram o complexo do forte por um gigantesco portão que dava num pátio de paralelepípedos, de onde um labirinto de vielas partia em todas as direções. O pátio estava cheio de barraquinhas que vendiam colchas coloridas, instrumentos de pedra e bonecos. Um músico de turbante tocava um sarangi, enquanto seu companheiro de roupas parecidas tocava manjira, para o deleite de um grupo de turistas que os cercavam tirando fotos.

À medida que o riquixá se deslocava, o forte se revelava uma cidade dentro da outra, pontuada de magníficas residências. Os letreiros comerciais, outdoors e cabos de eletricidade desfiguraram muitos desses antigos havelis, mas o intricado dos entalhes de suas fachadas de treliça era pura poesia em pedra. Becos escondidos, serpeantes, transbordavam de atividade. Pequenas lojas de esquina vendiam de tudo, de sabão a pregos. Lojas de frutas nas calçadas exibiam pilhas de maçãs e laranjas. Alfaiates barbudos pedalavam suas máquinas ao som do balido das cabras. Música vinha alta dos restaurantes e suavizava nas imediações dos templos jainas. As crianças empinavam pipas nos telhados e as vacas ruminavam pacificamente no meio da rua.

Quando passavam em frente a uma série de casas de pau-a-pique, Ashok pediu que o motorista parasse em frente à casa de seus ancestrais, uma grande e maltratada haveli de dois andares com janelas de treliça e uma porta entalhada ornamentada com setas de ferro. A porta foi destrancada e eles entraram num pátio aberto.

Um garotinho de uns treze anos, vestindo kurtas brancas, apareceu na varanda. “Chachu!”, ele gritou de alegria, correndo até Ashok, que o abraçou com surpreendente ternura.

“Como você cresceu, Rahul!”, disse o funcionário.

“Você não me vê há cinco anos, tio”, respondeu o menino.

“A Bhabhisa está em casa?”, perguntou Ashok.

“Está lá na cozinha, eu vou chamar.”

“Não, me deixe fazer uma surpresa”, disse Ashok.

“Quem é este sujeito com você?”, perguntou o garoto, apontando para Eketi.

“É um empregado que eu trouxe da ilha. Ele vai trabalhar para nós agora.”

“Que bom! Lalit, nosso último empregado, fugiu na semana passada. Mas por que ele é tão preto?”

“Você não viu as fotos que eu mandei? Todas as tribos em Andaman são como ele. Mas ele vai ser um bom trabalhador. Por que você não mostra para ele o quarto de empregados lá dos fundos?”, disse Ashok, e foi indo em direção à varanda.

O menino parecia desconfiado com Eketi. “Você é canibal?”

“O que é canibal?”, perguntou Eketi.

“Gente que come gente. O tio disse que nas Ilhas Andaman está cheio de tribos canibais.”

“Só os Jarawas são assim. Mas eu nunca encontrei um Jarawa.”

“Se você tivesse encontrado, não estaria aqui hoje”, riu o menino. “Meu nome é Rahul, venha comigo.”

Ele levou Eketi através da porta principal até um corredor lateral que seguia paralelo à casa. Um adolescente de colete e bermuda estava no caminho com um grande pastor-alemão, que começou a rosnar. “Ei, Rahul, quem é esse negrinho com você?”, berrou o adolescente, puxando a coleira do cachorro.

“É o nosso novo empregado”, respondeu Rahul.

“De onde você trouxe ele? Da África?”

Rahul não respondeu.

“Jungli! Habshi!”, zombou o menino quando Eketi passou. O pastor forçava para romper a corrente.

“Não ligue para o Bittu, ele está sempre fazendo piada com os outros”, disse

Rahul como que se desculpando.

Os aposentos de empregados ficavam nos fundos da casa, dois cômodos escuros, apertados e sem janelas, com camas de molas e cobertores velhos, separados por um banheiro comum. A haveli ficava perto de um dos noventa e nove baluartes do forte, e logo atrás do quarto dos empregados havia um parapeito de arenito onde uma vaca era mantida. Ela ruminava ao sol, mascando e abanando o rabo de vez em quando para espantar as moscas. Eketi se debruçou no parapeito e viu a muralha do forte e abaixo dela um declive rochoso. À distância, a cidade de Jaisalmer se espraiava feito uma tapeçaria marrom e cinza. Casas quadradas de telhados planos se estendiam em desordenada profusão, parecendo caixas de fósforos daquela altura. Perto do horizonte, ele podia ver até as dunas do deserto de Thar, que pareciam ondas congeladas. Ele inspirou o ar e ficou surpreso ao perceber que não havia vestígio de água em todo aquele mar de areia.

De repente ele ouviu um latido seco às suas costas e se virou para o pastor-alemão que o encarava, com a boca num rosnado tenso. “Bittu! O que você fez?”, gritou Rahul, mas o nativo não deu sinal de medo e colocou a mão no dorso do mastife. Ele se acalmou completamente e começou a lamber sua mão, emitindo ganidos baixos de prazer.

“Como fez isso?”, perguntou Rahul maravilhado.

“Os animais são nossos amigos”, disse Eketi. “É com o inene que nós devemos nos preocupar.”

“Quem são esses inenes?”

“Pessoas como o seu amigo”, disse ele indicando Bittu com a cabeça.

Um forte rugido perfurou a atmosfera naquele instante, fazendo o chão tremer. Eketi olhou para cima e viu dois jatos cruzando o céu. Eles viraram para a esquerda e desapareceram nas nuvens.

“Avião!”, gritou animado o nativo.

“Não são aviões, são jatos de caça”, retrucou Rahul com delicadeza. “Temos uma base da força aérea em Jaisalmer. Todo dia a gente vê uns MiG-21 passando. Esses caças têm até bombas.”

“Eu vi uma bomba em Allahhabad. Matou trinta pessoas”, disse Eketi.

“Só trinta?”, zombou Rahul. “Esses caças têm bombas para matar na hora mais de mil pessoas.”

Outro caça passou gritando. “Ele vai jogar bomba na gente?”, perguntou Eketi alarmado.

“Não”, riu Rahul. “Venha, a mãe deve estar querendo conhecer você.”

A sala da haveli era um cômodo pequeno, retangular, cheio de móveis antigos de Shekhawati — sofás entalhados

e decorados, poltronas acolchoadas e bancos baixos. Os dhurries no piso exalavam um cheiro mofado de desuso. O

aparador exibia uma velha pele de tigre completa como troféu, com a cabeça preservada, olhos de vidro, uma língua artificial para fora e os dentes à mostra na boca aberta. As paredes estavam cobertas por fotografias de um homem alto, de ombros largos, queixo proeminente e um bigode impressionante e grosso que se recurvava nas duas extremidades. A sala era um santuário para ele. Aparecia em diversas poses, a maioria com um comprido rifle na mão.

“Quem é esse homem?”, perguntou Eketi.

“Aquele é o meu pai”, disse Rahul orgulhoso. “O homem mais corajoso do mundo. Está vendo aquela pele de tigre? Ele matou o tigre só com as mãos.”

“Eu matei um porco uma vez só com as mãos. E onde está seu pai agora?”

“No céu.”

“Oh! Como ele morreu?”

Antes que Rahul pudesse responder, sua mãe entrou na sala, seguida por Ashok. Gulabo era uma mulher impressionante, na casa dos trinta, rosto oval, nariz aquilino imperioso, olhos escuros, belas sobrancelhas e lábios finos. A curva de sua boca sugeria uma arrogância rígida, mas seus olhos escuros indicavam uma profunda tristeza.

Ela vestia um kanchi branco, uma blusa comprida, solta, de frente única, por cima de uma saia de pregas vermelha. A cabeça estava coberta por um odhni laranja, mas seu pescoço e suas mãos não tinham joias. O sol do fim de tarde se infiltrava através da treliça de uma janela, criando filigranas de luz e sombra no estuque das paredes. A luz incidia nos planos angulosos do rosto de Gulabo, severo e incansável. Eis ali uma mulher que não estava para brincadeira.

Ela sentou no divã e se dirigiu ao nativo no dialeto rajastani. “Tharo naam kain hai?”

“É melhor você falar em híndi, Bhabhisa”, aconselhou Ashok. “Diga a ela o seu nome”, ele pediu a Eketi.

“Meu nome é Jiba Korwa de Jharkhand”, papagueou Eketi.

“Mas eu achei que ele fosse de Andaman”, Gulabo ergueu as sobrancelhas.

“Ele é, Bhabhisa, mas ninguém precisa saber. Por isso dei a ele esse novo nome.”

“E o que você faz?”, Gulabo perguntou a Eketi.

“Ele vai fazer tudo o que você disser para ele, Bhabhisa”, interveio Ashok, mas ela logo o cortou.

“Eu não perguntei a você, Devarsa, perguntei a ele”, disse ela.

“Tudo o que você disser”, respondeu Eketi.

Ela explicou rigorosamente as tarefas e então se referiu com desdém à bermuda e à camiseta dele. “O que você está fazendo com essas roupas ridículas? A partir de amanhã você deve se vestir adequadamente com turbante. Assim pelo menos vai parecer um rajastani.”

As roupas novas de Eketi agora consistiam em uma camisa branca abotoada até o pescoço, calças de cintura alta e bufantes nos quadris e vindo até os tornozelos, e um turbante vermelho com pintas cor de laranja que coube perfeitamente em sua cabeça. Ele ficou na frente do espelho e fez uma pose. Ao pegar o esfregão, sua mente retornou à ilha. Ele costumava odiar o trabalho penoso das tarefas domésticas a que era forçado pela equipe dos funcionários, mas a experiência no

canteiro de obras o havia transformado. Agora tinha mãos de trabalhador que não conseguiam ficar paradas. Assim, ele trabalhou o dia inteiro na haveli, varrendo o chão, lavando louça, passando roupa, fazendo as camas. Às cinco da tarde, todas as suas tarefas terminavam e ele se sentava com Rahul na sala de estar para ver TV. O principal interesse de Rahul eram os filmes cheios de sangue e ferimentos que o nativo achava de extremo mau gosto. Nas raras ocasiões em que ele tinha a TV só para ele, Eketi ficava zapeando incansavelmente entre os canais. Ele ia do Doordarshan para a HBO, Discovery e National Geographic, absorvendo imagens de mundos distantes. Via as montanhas cobertas de neve da Suíça e a vida selvagem na África, as gôndolas de Veneza e as pirâmides do Egito, mas nunca encontrava o que queria tanto ver: um relance que fosse da sua ilha nas Andamans.

A família de Ashok era vegetariana, e Gulabo era ótima cozinheira. Seus pratos tinham o toque típico do

Rajastão, apimentado e estimulante. Mesmo sentindo falta de comer porco e peixe, Eketi aos poucos começou a gostar da dieta baseada em dhal, bati e churma. Gulabo acrescentou a generosa ajuda de manteiga clara a seus missi rotis, e sempre dava a Eketi um copo de coalhada a cada refeição. Ele gostava especialmente de suas sobremesas.

A vida no haveli seguia um padrão estabelecido. Rahul passava metade do dia na escola. Ashok passava a maior parte do tempo dentro de casa, fechado com Gulabo. E toda tarde Eketi se sentava junto à muralha do forte, com um braço apoiado no parapeito, e olhava para a escuridão, ouvindo os sussurros do vento que soprava por entre as ameias de proteção do forte, esperando Ashok vir chamá-lo para a casa.

Um dia particularmente quente do início de março, quando Rahul estava na escola e nada perturbava a calma sonolenta da tarde lenta, Eketi estava esfregando o chão do lado de fora do quarto de Gulabo. Ashok estava lá dentro com ela e Eketi ouviu trechos da conversa dos dois.

“Esse nativo é o melhor empregado que já tivemos. Nunca vi ninguém trabalhar tão duro. Será que ele não pode ficar para sempre?”

“O idiota quer voltar para a ilha dele.”

“Mas eu achei que você ia pedir demissão do seu emprego”

“Eu vou. Não preciso mais trabalhar. Vou ganhar muito dinheiro.”

“Como?”

“É segredo.”

“Conte-me mais sobre o nativo.”

“Não vamos falar mais sobre ele. Vamos falar sobre nós. Você sabe, Gulabo, que eu te amo.”

“Sei.”

“E por que você não se casa comigo?”

“Primeiro prove que você é homem. Seu irmão matou um tigre comedor de gente com as próprias mãos. E

você? O que você fez?”

“Meu amor não basta?”

“Para uma mulher da família Rajput, a honra é mais importante que o amor.”

“Não seja tão cruel.”

“Não seja tão covarde.”

“Esta é sua resposta final?”

“É. É minha resposta final.”

Ashok saiu do quarto pouco depois, desgostoso. Saiu de casa e só voltou tarde da noite. “Pode ser que você volte para a sua ilha muito em breve”, disse ele a Eketi. “Acabei de descobrir onde está a ingetayi.”

“Onde?”

“Agora ela está em Délhi, com um empresário chamado Vicky Rai. Arrume suas coisas. É para lá que nós vamos amanhã.”

Eles chegaram à estação de trem de Nova Délhi bem cedo na manhã do dia 10 de março, Ashok com sua mala e Eketi com sua sacola preta de lona, e tomaram um ônibus para Mehrauli.

Quando o ônibus passava pelos marcos da capital, Ashok ficou fazendo comentários para explicá-los a Eketi. Mas Nova Délhi não conseguiu entusiasmar o onge. A grandiosidade vitoriana de Connaught Place, a imponente edificação do Portão da Índia e o majestoso complexo presidencial no alto de Raisina Hill despertaram nele um mero interesse momentâneo. Para Eketi, a interminável metrópole não passava de mais uma selva sem alma de vidro e concreto, com o mesmo trânsito barulhento e sons discordantes que ele já havia conhecido. Ele agora só queria saber de sua ilha.

O ônibus os deixou em frente ao templo Bhole Nath em Mehrauli. “É aqui que vamos ficar”, disse Ashok,

“cortesia do senhor Singhania, um riquíssimo empresário que é membro da diretoria do templo.”

Eketi ficou impressionado com o complexo do templo. Ficou ainda mais impressionado com a suíte de Ashok, que costumava ser reservada aos santos que vinham em visita. Espaçosa e ricamente mobiliada, tinha piso de

mármore e um banheiro com ferragens banhadas de ouro. Eketi, por sua vez, não recebeu tanto luxo. Fora banido para um aposento externo, um barraco vazio ao lado dos aposentos da faxineira do templo. Era um quarto que não tinha nem mesmo uma cama.

Assim que Eketi colocou sua sacola de lona no chão, o aroma de comida entrou pela porta aberta e fez sua boca salivar. O café da manhã estava sendo preparado na kholi vizinha.

Ele saiu do seu barraco e se viu num jardim. O templo ainda estava acordando, mas já se podia ver um bom número de devotos dentro do lugar sagrado. Uma garota estava sentada sozinha num banco de madeira embaixo de uma linda árvore. Mesmo estando de costas para ele, ela sentiu imediatamente sua presença e ensaiou se levantar.

“Não, fique, por favor”, ele logo disse.

Ela voltou a sentar, cobrindo o rosto com a mão direita. Apenas seus olhos negros eram visíveis por entre o casulo de seus dedos.

“Por que você está escondendo o rosto?”, ele perguntou.

“Porque eu não gosto de conversar com as pessoas.”

Ele sentou ao lado dela.

“Eu também não.”

Houve um silêncio constrangido entre os dois até que a garota voltou a falar. “Por que você também não vai embora como os outros?”

“Por que eu deveria ir?”

“Por causa da minha aparência.” Ela se virou subitamente para ele, retirando a mão do rosto.

Eketi viu que a garota tinha marcas na bochecha e a metade de baixo do rosto era desfigurada por um lábio leporino. Ele entendeu na hora qual era o jogo da menina. Ele estava tentando assustá-lo com sua feiura. “Só isso?”, ele riu.

“Você é estranho. Como se chama?”, ela quis saber.

“As pessoas me chamam de vários nomes. Negrinho, canibal, desgraçado...”

“Mas por quê?”

“Porque sou diferente delas.”

“Isso é verdade”, ela disse e voltou ao silêncio de antes. A luz do sol fazia manchas através da densa folhagem dos mamoeiros que cobriam as bordas do jardim. Um belíssimo pássaro laranja voejou perto do banco. Eketi fez um arrulho gutural e o pássaro pulou em sua mão estendida. Ele segurou delicadamente o pássaro e o colocou no colo da garota.

“É algum truque?”

“Não, os pássaros são nossos amigos.”

“De onde você é?”, perguntou ela, soltando o pássaro.

“Meu nome é Jiba Korwa, de Jharkhand.”

“Jharkhand? Não é aquele estado novo? Mas é tão longe...”

“Na verdade, eu venho de ainda mais longe. Mas é uma longa história. Qual é o seu nome?”

“Champi”, ela respondeu.

“Champi. Bonito. O que quer dizer?”

“Na verdade, eu não sei. É só um nome.”

“Então você devia mudar para Chilome.”

“Por quê?”

“Na minha língua, chilome quer dizer ‘lua’. Você é bonita como a lua.”

“Ja, hut...”, disse Champi corando envergonhada. Em seguida, ela disse: “Sabe, você é o primeiro estranho que fala comigo em um ano.”

“E você é a primeira garota com que eu falo desde que saí da minha ilha.”

“Ilha? Que ilha?””

“Kujelli!”, Eketi deu um tapa na testa. Ao mesmo tempo uma voz aguda veio de dentro da primeira casa.

“Champi, beti, o café está pronto!”

“A mãe está chamando”, disse Champi, e se levantou. Ela começou a andar com o braço direito estendido, seguindo um caminho que havia se gravado em sua memória por meio de infindáveis repetições. E foi só então que Eketi percebeu que a garota era cega.

Ashok o levou para conhecer a casa de campo de Vicky Rai depois do almoço. Eles foram passando pela favela de Sanjay Gandhi, um bairro populoso e pobre cheio de vielas estreitas e escuras com um conglomerado de barracos pequenos e

esquálidos feitos de bambu e sacolas velhas de tecido, com os telhados formando uma colcha de retalhos de lona, plástico, pedaços de metal e pano — qualquer coisa que as pessoas tivessem — e presas com pedras para proteger do vento. Um grupo de homens vestidos de pathans compridos ficava ali parado sem fazer nada enquanto suas mulheres enchiam latas de água da torneira pública ou cortavam legumes. Crianças nuas cobertas de sujeira brincavam com cães sarnentos. Pilhas de lixo e detritos animais ficavam espalhados pelo chão feito folhas mortas. O

cheiro de fumaça de madeira e de fogareiros feitos de estrume passeava pelo ar.

Eketi puxou a manga da camisa de Ashok. “As pessoas moram mesmo nessas cabanas?”

Ashok olhou para ele irritado: “Claro que moram. Você nunca viu uma favela?”.

Eketi fez que não com a cabeça inconformado. “Até os passarinhos fazem ninhos melhores na nossa ilha.”

Do lado quase exatamente oposto ao da favela, ficava o Número 6. Atrás de altos portões de metal havia a mansão de mármore de três andares, imperando sobre o bairro como uma permanente provocação. Atrás da mansão, o minarete entalhado de arenito do Qutub Minar espreitava, a menos de um quilômetro dali.

Atravessando a rua para dar uma espiada de perto na casa, Ashok e Eketi chegaram a um muro cor de ferrugem, de uns quatro metros e meio de altura e com arame farpado por cima. “Como vamos conseguir entrar aí?”, imaginava o nativo. “Nem mesmo Eketi consegue escalar esse muro.”

“Nós vamos conseguir. Não se preocupe”, assegurou Ashok quando passaram em frente ao portão, que tinha pelo menos seis guardas com uniformes da polícia. Eles dobraram a esquina e viraram à esquerda em direção à ala norte da propriedade. Passaram por uma entrada de serviço que parecia desguarnecida. Ashok forçou a porta, mas estava bem trancada por dentro. A cerca de arame farpado dava a volta por mais quinhentos metros e não tinha nenhum trecho livre, nenhuma falha ou pedaço partido que pudesse ser utilizado. Foi só quando estavam nos fundos que Ashok viu uma coisa que o fez parar. Escondida num muro de cimento havia uma pequena porta marrom de metal, provavelmente uma entrada para pedestres. Não parecia ser muito usada, pois a pintura estava descascando e havia ferrugem nos cantos. Ashok experimentou a maçaneta

enferrujada, mas a porta não abriu. Na verdade, a maçaneta mexeu tão pouco que dava impressão de que a porta não só estava trancada como lacrada por dentro. Ele deu um passo para trás e analisou os arredores. Atrás dele havia um canteiro de eucaliptos e depois uma mata de espinheiros cheia de arbustos de acácia. As moitas tornavam toda a área atrás do Número 6 não só inabitável como inacessível. “Se a gente pudesse abrir esta porta”, disse, ansioso.

“Eketi consegue abrir a porta por dentro do muro”, observou o nativo.

“Mas como você vai passar pelo muro?”

“Por aqui”, disse Eketi, batendo no eucalipto.

“Mas os galhos não chegam até o muro. Como você vai fazer?”

“Vou mostrar”, disse Eketi, e começou a escalar o tronco do eucalipto. Em segundos ele havia chegado ao topo.

Segurando num galho mais grosso, começou a puxá-lo para baixo com o seu peso até que o galho ficou retesado como um estilingue. Então, chutando o tronco com os pés, lançou-se feito uma flecha humana nos ramos e folhas de um jamun que ficava do outro lado do muro. Dali qualquer criança conseguiria descer até o chão. Um minuto depois a porta de metal rangeu e se abriu.

“Você sabe que é louco, não é?”, disse Ashok balançando a cabeça ao cruzar a porta. O nativo sorriu, ignorando os inúmeros cortes e arranhões em seu corpo.

O funcionário público estava num estado de discreta euforia ao dar os primeiros passos dentro no terreno do Número 6. Ele mal podia acreditar que naquelas poucas horas em que estavam em Délhi conseguira entrar na casa de campo. O som de água corrente entrou nos seus ouvidos junto com o zumbido mecânico de um cortador de

grama. Viu de relance um jardineiro aparando o gramado, a menos de cem metros dali, e estava prestes a se esconder atrás de uma árvore quando notou que a escuridão natural daquele bosque tornava impossível para qualquer um do gramado detectá-lo ali. De onde ele estava, todo o complexo era claramente visível, e assim que o jardineiro se afastou um pouco ele mostrou os principais pontos da casa para Eketi — a mansão de três andares ao longe, a piscina olímpica, o mirante e o pequeno templo no canto direito do gramado. “Tenho

certeza absoluta de que a ingetayi está ali", ele disse a Eketi.

"Então vamos pegá-la", disse Eketi.

"Você não aprendeu nada nos últimos cinco meses?", censurou-o Ashok. "Você não viu o jardineiro? E deve haver outros vinte empregados e guardas pela casa. Seríamos pegos na mesma hora."

"Então vamos pegá-la à noite, escondidos pela escuridão."

Ashok mostrou os postes de eletricidade dispostos a intervalos regulares ao longo do gramado. "Esses holofotes são muito potentes. Aposto que à noite eles acendem e toda essa área fica clara como o dia."

"Então como vamos fazer?"

"Tenha paciência. Vou pensar em alguma coisa", disse Ashok.

Passaram outros quinze minutos explorando o bosque, deparando com dois magníficos pavões. Na extremidade do bosque, quase no canto nordeste da propriedade, viram uma cachoeira artificial. A água despencava por alguns patamares largos dentro de um estreito canal que corria ao longo de um caminho de pedras até as garagens e o portão principal. Ashok seguiu na ponta dos pés até as garagens, que estavam fechadas, deu uma boa olhada ali e voltou correndo para junto de Eketi. "Tenho um plano", disse excitado. "Mas você precisa guardar bem a localização dessas duas garagens."

Eles saíram pela mesma porta nos fundos e voltaram andando para o templo.

Champi estava outra vez sentada no banco de madeira no jardim dos fundos quando Eketi voltou. Ele se sentiu atraído por ela como um ímã. Quando sentou ao lado dela, Champi sorriu. "Oh, você voltou."

"Você sempre fica aqui sentada?", ele perguntou.

"Eu gosto daqui", ela respondeu. "É tranquilo. Todo mundo prefere o jardim da frente."

"Eu não sabia que você era cega. Os seus olhos são como os das outras pessoas. Como foi que aconteceu?"

“Eu nasci assim.”

“Deve ser muito duro não poder ver quem está falando com a gente.”

“Eu já me acostumei ao escuro.”

“Talvez Nokai possa curar a sua cegueira.”

“Quem é Nokai?”

“Nosso torale, o curandeiro.”

“Ele pode mesmo me fazer enxergar?”

“Com exceção de trazer uma pessoa morta de volta à vida, ele pode fazer tudo.”

“Você me leva até ele? Até Jharkhand?”

“Na verdade, ele não mora em Jharkhand. Ele mora numa ilha.”

“Que ilha é essa de que você sempre fala?”

Eketi passou a falar num sussurro. “Eu vou contar se você prometer manter em segredo.”

“Juro por Alá. Prometo.” Champi beliscou o pescoço.

“Eu não sou Jiba Korwa de Jharkhand, na verdade. Meu nome é Eketi Onge, de Gaubolambe”, disse ele em tom conspiratório.

“Onde fica isso?”

“Pequena Andaman.”

“E onde é?”

“No meio do oceano. A gente só chega de navio grande.”

“Então por que você veio para cá?”

“Vim para recuperar uma pedra sagrada que foi roubada de nós.”

“E o que você vai fazer depois de recuperar a sua pedra sagrada?”

“Vou voltar para a minha ilha.”

“Oh!”, disse Champi, e se calou.

“No começo eu queria ficar”, continuou Eketi. “Achei que iria começar uma vida nova aqui, arranjar uma esposa. Mas agora eu quero voltar. As pessoas aqui agem como se fossem donas do mundo. E me tratam como se eu fosse um animal.”

“Eu não acho isso”, disse Champi.

“É porque você não pode me ver. Eu não sou como vocês. Sou diferente. E toda vez que alguém me chama de negrinho, dentro de mim alguma coisa se fecha. É como se tivesse cometido algum crime. Mas a cor da minha pele é só a cor da minha pele. Não há nada que eu possa fazer.”

“Concordo. Assim como não há nada que eu possa fazer com o meu rosto. É a vontade de Deus”, disse Champi, e lentamente ergueu sua mão direita. Com o indicador ela traçou os contornos do rosto dele, memorizando cada curva, cada ângulo, cada reentrância. “Agora eu posso vê-lo.”

Eketi estremeceu ao toque das mãos dela e olhou para seus olhos que não viam. “Diga-me: você é casada?”

“Que pergunta é essa?”, gargalhou Champi. “Claro que não.”

“Nem eu. Você viria comigo para a minha ilha?”

“E o que você vai me dar quando chegar lá?”

“Muito peixe, muita fruta. Ninguém para incomodá-la. E nenhuma necessidade de trabalhar.”

“Eu adoraria conhecer sua ilha um dia, mas não agora.”

“Mas por que não?”

“Minha família está aqui. A mãe e o Munna. Como eu poderia abandoná-los?”

“Certo, você tem razão. Eu também me lembro muito do meu pai e da minha mãe.”

“Mas você pode falar com o Nokai sobre mim.”

“Eu vou falar. E se você não puder vir comigo até ele, vou mandar Nokai até você.”

“Como assim?”

“Nokai pode voar para fora do corpo e ir aonde quiser.”

“Ja Hut! Agora você falou como o Aladim da série de TV.”

“É verdade, juro por Puluga. Nokai já me ensinou o truque, mas ainda não tentei.”

“Olha as coisas que você diz!”, riu Champi, e voltou para a casa.

Eketi não a viu mais naquele dia, mas ela permaneceu na sua mente, uma presença alegre que animou seus passos e o fez sonhar acordado. À noite, ele deitou no chão de pedra de seu barraco, pegou um pedaço de argila vermelha, misturou com gordura de porco e começou a fazer desenhos delicados com o dedo na parede. Se Ashok tivesse visto, teria reconhecido uma cena de casamento.

Quatro dias depois, Ashok Rajput andava de um lado para o outro sobre o piso de mármore do quarto de hóspedes. Uma excitação crescia dentro dele, que começara com uma fofoca que ouvira por acaso numa barraca de chá da vizinhança. Vicky Rai planejava dar uma grande festa no dia 23 de março, dali a uma semana. Essa seria, ele estava convencido, sua oportunidade. Tudo o que ele precisava fazer era ensinar rudimentos de eletricidade a Eketi.

Lenta mas seguramente, seu plano ia tomando forma.

Naquela mesma tarde, ao meio-dia, dois homens invadiram o barraco de Eketi. Um deles na casa dos quarenta, cabelos arruivados e barba por fazer, e o outro, mais jovem, atlético, de cabelo preto espetado. Vestiam calça e camiseta comuns, e traziam sacolas de juta idênticas penduradas no ombro.

“Ouvimos dizer que você é de Jharkhand, é mesmo?”, perguntou o mais velho a Eketi.

“Sim”, ele respondeu, um pouco apavorado. “Meu nome é Jiba Korwa, de Jharkhand.”

“Olá, camarada Jiba. Meu nome é camarada Babuli. Este é o camarada Uday.”

Eketi tocou nervosamente o boné com o dedo.

“Camarada Jiba”, continuou o mais velho, vasculhando o quarto com os olhos, “somos do Centro Revolucionário Maoísta — CRM para facilitar —, o grupo revolucionário que mais cresce no país. Já ouviu falar de nós?”

“Não”, disse Eketi.

“Como você pode ser de Jharkhand e não conhecer o nosso grupo? Somos a maior organização naxalita da região. E estamos lutando para acordar pessoas como você.”

“Mas eu já estou acordado!”

“Rá-rá-rá. Você acha que está acordado? A vida de vocês é controlada pelos ricos imperialistas. Eles empregam vocês e pagam uma miséria. Eles tiram a sua terra e estupram as suas mulheres. Nós vamos mudar tudo isso.”

“Isso mesmo. Nós vamos destruir essa sociedade burguesa corrupta e vazia assim como suas instituições e substituir por uma estrutura completamente nova”, acrescentou o mais jovem. “Vamos criar uma nova Índia. E

queremos que você nos ajude.”

“Ajudar vocês? Como?”

“Participando da nossa revolução armada.”

“Então vocês estão me oferecendo um emprego?”

“Camarada Jiba, nós não somos uma repartição pública. Não estamos oferecendo emprego. Estamos oferecendo um estilo de vida. Uma oportunidade de se tornar

um herói.”

“E o que eu vou ter que fazer?”

“Virar um guerrilheiro revolucionário. Participar na nossa guerra popular. Nós lhe daremos até uma arma.”

“Não gosto de armas”, Eketi fez que não com a cabeça. “Elas matam gente.”

“Camarada Jiba, tente entender”, disse impaciente o camarada Babuli. “Nossa luta é para melhorar sua vida.

Diga, o que mais quer na vida?”

“Uma esposa.”

“Uma esposa?”, o camarada Uday olhou para Eketi como se ele tivesse dito uma heresia. “Nós aqui tentando fazer uma revolução e tudo em que você consegue pensar é numa maldita esposa?”

O camarada mais velho tentou pôr panos quentes. “Certo, camarada Jiba. Nós entendemos as suas necessidades.

Temos muitas garotas na nossa organização. Todas jovens revolucionárias. Nós arrumaremos uma esposa para você.

Tudo o que queremos de você nesse estágio é que pense na nossa oferta. Vamos deixar com você alguns textos. Dê uma olhada, e depois um dos nossos quadros entrará em contato. Camarada Uday?”, ele fez um gesto para o colega mais jovem.

O camarada Uday procurou na sacola de juta e deu a Eketi um maço gordo de panfletos.

Eketi experimentou o papel. Era bom e brilhante, como o folheto de turismo que ele pegara em Varanasi, mas este tinha imagens sangrentas de cabeças cortadas e homens acorrentados.

“Não gostei destas fotos”, ele estremeceu. “Elas vão me fazer ter pesadelo.”

O camarada Babuli deixou escapar um suspiro. “Será que não tem ninguém por aqui que acredite na nossa causa? Você é a décima pessoa que se recusa a nos ouvir hoje. Achamos que, por ser de Jharkhand, pelo menos você nos apoiaria.”

No entanto, o camarada Uday não estava pronto para admitir a derrota. “Olha, seu preto filho da puta”, ele atacou, “podemos fazer isso do jeito fácil ou do difícil. Acabamos de matar cem policiais no distrito de Gumla. Se você não cooperar, vamos até a sua aldeia e acabamos com todos da sua família. Fui claro?”

Eketi assentiu amedrontado.

“Então pense na nossa proposta. Vamos entrar em contato daqui duas semanas. Certo?”

Eketi assentiu novamente.

“Ótimo. E mais um último aviso”, disse o camarada Babuli em voz baixa. “É melhor você não contar para ninguém sobre a nossa visita.”

“Porque senão a sua família...”, o camarada Uday fez um gesto de corte no pescoço.

“Saudações vermelhas”, disse o camarada Babuli, e ergueu um punho cerrado ao sair do barraco.

“Saudações vermelhas”, disse o camarada Uday e fez o V da vitória.

“Kujelli!”, disse Eketi e fechou a porta. Ele resolveu não comentar com ninguém sobre esses estranhos visitantes.

Continuou a se encontrar com Champi todos os dias. Eles se sentavam no banco, Eketi lhe contava histórias divertidas sobre sua ilha e Champi ria como nunca tinha rido antes. Na maioria das vezes, contudo, eles ficavam quietos, compartilhando uma comunhão sem palavras. A amizade dos dois não precisava de vocabulário. Crescia em silêncio.

Na noite de 20 de março, Ashok chamou Eketi para vir ao seu quarto. “Tenho um plano para tomarmos a pedra sagrada. Agora escute com atenção. Daqui a três dias, haverá uma grande festa na casa de campo. Vai ser aí que você fará sua

parte do trabalho.”

“O que Eketi terá que fazer?”

“Arranjei para você uma boa camisa branca e calças pretas. Você vai vestir essas roupas novas e entrar na casa pela porta dos fundos por volta das dez horas. Durante cerca de uma hora você simplesmente fica ali pelo bosque, vendo se está tudo certo. Exatamente às onze e trinta você desce até as garagens que eu mostrei para você.”

“Eles não vão me pegar?”

“Duvido. Haverá tantos convidados, garçons e cozinheiros na festa que é improvável que alguém repare em você, mas se alguém perguntar diga que é o motorista do senhor Sharma.”

“Quem é o senhor Sharma?”

“Não importa. É um sobrenome muito comum e deve haver algum senhor Sharma na festa. Agora, na parede entre as duas garagens fica a caixa de força principal. Você vai abrir e tirar um fusível. A energia da casa cairá e todo o lugar ficará às escuras por pelo menos três ou quatro minutos. Aí você corre para o jardim, entra no templo, sai com a ingetayi, e foge de novo pela porta dos fundos. É muito simples. Você acha que consegue fazer isso?”

“Não. Eketi não sabe nada de fusível.”

“Não se preocupe. Eu vou ensinar como se faz. Venha”, disse Ashok, e o levou até os fundos do templo. Numa parede lateral ficava a caixa de força, dentro de uma porta de metal cinza. Ashok abriu a portinhola e Eketi viu uma fileira de interruptores elétricos.

“É isso que você precisa fazer”, Ashok indicou o primeiro fusível. “Pegue esta coisinha branca aqui e arranque.”

Eketi a tocou com cuidado.

“Não se preocupe, não vai dar choque. Agora tente você.”

Eketi puxou o fusível e as luzes do templo de repente se apagaram.

“Está vendo?”, riu Ashok. Ele tirou o fusível da mão de Eketi e pôs de volta no lugar, restaurando a energia.

“Eketi pode fazer de novo?”, perguntou o nativo, e tirou novamente o fusível. Ele bateu palmas quando o templo mergulhou pela segunda vez na escuridão, antes de recolocar o fusível. “Isso não é brincadeira, seu idiota”, bronqueou Ashok.

De volta ao quarto do funcionário, Eketi manifestou outra dúvida. “Você disse que eu preciso tirar o fusível às onze e trinta. Mas como Eketi vai saber que são onze e trinta? Não temos relógio.”

“Eu tenho”, disse Ashok, e tirou um pequeno despertador manual da mala. “Já está preparado para tocar às onze e meia. Quando você ouvir o alarme, vai saber que está na hora. Fique com ele.”

O nativo colocou o despertador no bolso. “Quando Eketi estiver dentro do bosque, onde você vai estar? Na casa?”

“Bem aqui no meu quarto, esperando você voltar com a pedra”, disse Ashok.

“O quê? Você vai mandar Eketi sozinho para a casa da festa?”

“Vou. É a sua pedra sagrada, da sua cerimônia de iniciação. Nessa missão você estará sozinho. Se alguém perguntar, você nem me conhece e eu não conheço você. Prometa que, se algo der errado e você for preso, não vai

dizer o meu nome.”

“Eketi jura sobre o sangue sagrado”, disse o nativo com jeito solene. “Mas você promete levar Eketi de volta para a ilha depois de pegar a ingetayi?”

“Claro. Eu vou acompanhá-lo pessoalmente.”

O nativo fez uma pausa e tocou na queixada pendurada em seu pescoço. “Eketi pode levar alguém com ele?”

“Mais alguém? Quem?”

“Champi.”

“Ah, aquela cega deformada?”

“Ela não é cega. Vocês é que são cegos.”

“Você não vê que ela é a garota mais feia da cidade?”

“Ela é melhor que todos vocês juntos. Eketi quer casar com ela.”

“Ah, é? E você sabe como vão chamar vocês dois? Senhor e senhora Monstro!”, disse Ashok, e começou a rir. Ele só se conteve quando os olhos de Eketi começaram a cintilar com inexplicáveis sinais. Havia algo de sombrio e noturno no nativo aquela noite. Ashok resolveu animá-lo. “Certo. Eu consigo outra passagem para ela. Agora vá dormir. Dia 23 é daqui a três dias. E você tem trabalho a fazer.”

A noite parecia ter algo de mágico, quase onírico. Eketi se deitou no chão, pensando em Champi e em sua ilha.

Pensou na possibilidade de se tornar um curandeiro na volta a Gaubolambe. Tudo iria depender de Nokai, se ele tivesse a cura para a cegueira de Champi. Se o curandeiro não tivesse a cura, ele mesmo teria que encontrá-la.

De repente, ouviu passos arrastados e na mesma hora ficou alerta. Pouco depois vozes indistintas começaram a vir da casa vizinha. Algo parecia estar acontecendo no barraco de Champi.

E então ele ouviu um grito agudo. Soube na mesma hora que era Champi. Feito um elefante enlouquecido, ele saiu correndo de seu barraco e chutou a porta de trás da casa ao lado. O quarto parecia ter sido atingido por um furacão. O colchão estava virado. Ele viu o irmão de Champi, Munna, estendido no chão e a mãe de Champi desacordada num canto. Champi, usando um salwar kameez verde, lutava com um homem baixo vestido com uma camisa creme cintilante, enquanto um homem alto, magro, de calça preta, observava.

Com um rugido terrível, ele se atirou contra o agressor de Champi, agarrou-o pelo pescoço e ergueu-o a vários centímetros do chão. Passou a esganar o homem até os olhos deste começarem a saltar das órbitas. O homem alto sacou um canivete Rampuri e fez movimentos no ar com a lâmina. Eketi jogou o baixinho em cima de uma mesa de madeira, que rachou com o impacto, e avançou para o mais alto como se a faca fosse um mero pedaço de madeira. O

homem alto o atacou com maldade e um fio de sangue tingiu o colete do nativo. Mesmo assim ele continuou a avançar, sem ligar para o ferimento, com os lábios tensos num rosnado animal. Ele arrancou o canivete do sujeito alto e abriu a boca, revelando os dentes brancos perfeitos, e então os cravou no ombro esquerdo do oponente. Agora era o homem alto quem dava um grito agonizante. Nisso, sufocado e ofegante, o baixinho conseguiu ficar de pé. Ele enfiou a cabeça nas costas de Eketi, desequilibrando-o momentaneamente. Mas, em vez de aproveitar essa pequena vantagem, os dois fugiram da cabana antes que Eketi pudesse se recompor.

Champi ainda estava apavorada quando Eketi a pegou no colo e saiu da cabana com ela nos braços para respirar o frescor da noite. Sentou-se no banco embaixo da árvore de gulmohar e fez sons reconfortantes enquanto Champi se agarrava a ele, tremendo feito uma folha ao vento.

“Leve-me com você, Eketi, leve-me daqui. Quero ir com você. Quero me casar com você. Não quero mais ficar aqui”, ela soluçava.

“Psiu... não diga nada.”

“Não me importa se o Nokai vai curar a minha cegueira. Eu quero morar com você na sua ilha. Para sempre.”

“Eu vou levar você. Em dois dias. Até lá, use isto”, ele desatou o cordão preto de seu pescoço, onde estava pendurada a queixada, e pôs em volta do pescoço dela. “De agora em diante Puluga vai proteger você contra todos os perigos.”

“E você?”

“Não se preocupe comigo. A ingetayi vai me proteger. Vou pegá-la muito em breve.”

“Pegá-la onde?”

“Numa casa de campo de um sujeito chamado Vicky Rai.”

* Grupos praticando a terapia do riso são muito comuns em cidades indianas.

** Alusão a Jayalalitha e Karunanidhi, dois dos principais rivais políticos em Tamil Nadu.

*** Esta forma de bater palmas é marca registrada dos eunucos indianos. (N.T.)

13. Projeto Cinderela

8 DE AGOSTO

Mandei Bhola até Patna para buscar Ram Dulari — minha sósia — e mal posso esperar para vê-la.

9 DE AGOSTO

Rosie Mascarenhas veio hoje com a notícia de que o Casa das celebridades, um clone do Big brother, quer que eu participe do próximo programa, que começa daqui a seis meses. Ela insistiu para eu aceitar. “Você viu como a carreira da Shilpa Shetty decolou depois que ela ganhou o Big brother. Agora ela toma chá com a rainha da Inglaterra, encontra com ministros e recebe títulos acadêmicos. Ouvi rumores até de que estão fazendo um filme sobre a vida dela.”

“Mas minha carreira não precisa de empurrão”, falei.

“Mesmo assim, um holofotezinho a mais não custa nada. Toda atriz de Bollywood é louca para participar do Casa das celebridades. Eles estão te oferecendo de bandeja. O roteiro parece muito bom. Eles querem que você arrume uma briga com outra competidora e depois saia bufando de raiva. Você vai sair da casa em uma semana, mas a publicidade vai durar meses.”

“Mas não deveria ser um reality?”, perguntei.

“E é”, disse minha assessora candidamente. “Mas ninguém precisa saber.”

“A vida não é curta demais para que fiquemos entediados?”, eu disse para ela recusando o convite.

Os reality shows tinham sido considerados a nova grande esperança da era digital. Um novo gênero que mostrava gente de verdade, dando risadas de verdade e chorando lágrimas de verdade. Mas o formato acabou caindo na tentação fácil dos programas pré-produzidos, degenerando em truques de roteiro controlados por manipuladores atrás das câmeras, em que os competidores derramavam lágrimas falsas e tinham ataques de raiva fingida para atrair alguma atenção de espectadores entediados. E como culpar os espectadores? Toda a indústria do entretenimento hoje em dia é pré-fabricada. Até mesmo a guerra. Não estranha que até a morte hoje em dia tenha perdido a capacidade de nos comover.

É por isso que estou esperando por Ram Dulari com o coração na mão. Em um universo onde tudo é falso e previsível, só ela poderá me surpreender.

10 DE AGOSTO

Ram Dulari chegou de Patna.

Bhola, que a acompanhou no trem, parece estar zonzo. Ele disse que teve que se beliscar para ter certeza de que não era eu. Até o porteiro lá embaixo cumprimentou Ram Dulari achando que era eu voltando de alguma filmagem.

A semelhança é de fato desconcertante. Ela é magra, um pouco mais fornida de quadril e exatamente da minha altura: um metro e sessenta e dois. Parecia que eu estava me olhando no espelho.

Só participei de um filme em que interpretava dois papéis, fazendo gêmeas idênticas, mas diante de Ram Dulari fico pensando se a arte imita a vida ou a vida imita a arte. Aqui estamos nós, Seeta e Geeta, Anju e Manju, Ram e Shyam, juntas num único quadro. Eu poderia bater em minha irmã, puxar seu cabelo, segurar sua mão ou passar batom em sua boca sem recorrer a efeitos especiais.

A pobre coitada estava tremendo, não sei se por causa do cansaço ou de medo. Ela tinha vindo com um sári verde puído — provavelmente o mesmo da foto —, e sua única bagagem era uma mala desbotada que devia conter, sem dúvida, o mesmo tipo de trapos. Então a levei para um pequeno quarto vazio ao lado do meu, dei-lhe alguns dos meus sáris velhos, e disse que ela ficaria morando comigo. Seus olhos se arregalaram ao ver o luxo do quarto e ela se ajoelhou aos meus pés, soluçando de gratidão.

À noite, ela entrou no meu quarto sem avisar, sentou-se no tapete e começou a massagear minhas pernas. Eu disse que não era necessário, mas ela insistiu. Ela esfregou meus pés durante uma hora e por fim tive que pedir para ela parar, e então ela começou a esfregar o piso do meu banheiro.

Pouco depois, quando levei o jantar no quarto dela, encontrei-a dormindo no chão, enrolada em posição fetal.

Vendo a inocência infantil da sua postura, uma emoção estranha e indefinível tomou conta de mim, um misto de ternura e pena. Sentei-me ao lado dela no tapete e delicadamente acariciei seus cabelos, transportada até as ruas empoeiradas de Azamgarh e à inocência sonhadora da minha própria infância.

Fico pensando, no entanto, o que vou fazer com ela.

12 DE AGOSTO

Eu ainda estava pensando no que iria fazer com Ram Dulari quando o assunto se resolveu sozinho. Shanti Bai, minha cozinheira brâmane especializada em culinária de Maharashtra nos últimos três anos, ficou grávida e teve que largar o emprego de repente. Ram Dulari assumiu o posto imediatamente. Ela fez um pouco de kadhi e sooji ka halwa para o almoço. Provei esses pratos que havia muito tempo eu não comia e adorei. Não só estava uma delícia como me lembrou a comida da mãe, o verdadeiro sabor de Uttar Pradesh e Bihar.

Assim como eu, Ram Dulari é vegetariana. O fato de tê-la encontrado parece ter sido um dos meus golpes de sorte.

24 DE AGOSTO

Já se passaram duas semanas desde que Ram Dulari veio para o meu apartamento, e ela me encantou completamente. É difícil acreditar que ainda existam pessoas como ela no mundo. Não só é uma grande cozinheira, como é uma pessoa trabalhadora, dedicada, honesta, que acredita em valores fora de moda, como dever e fidelidade.

Mas sua extrema ingenuidade e confiança cega em todo mundo também são um problema. Esta cidade vai devorá-

la.

Ela me lembra muito a minha irmã mais nova. Não pude fazer nada por Sapna, mas pelo menos posso fazer pela Ram Dulari. Ela é órfã; vou torná-la minha irmã substituta.

26 DE AGOSTO

Pensei bastante no que posso fazer pela Ram Dulari e cheguei a uma conclusão. Vou transformar esse diamante bruto da província numa criatura delicada e sofisticada. Ele jamais se tornará uma Shabnam Saxena, mas pode pelo menos vir a falar e andar como eu. E depois vou arranjar um bom noivo e fazer um casamento luxuoso para ela.

Sei que será uma tarefa difícil. Ela é uma matuta sem educação. Mas vejo nela certo verniz tímido. É brâmane de pele clara, afinal, não uma qualquer de casta inferior. Sua voz é grossa e rascante. Com a prática, pode se tornar suave e refinada. Ela é chucra e imatura. Através da imitação, ela se tornará cortês e requintada.

Também inventei um nome perfeito para minha missão de transformar uma ingénue numa lady.

Chamarei de Projeto Cinderela.

27 DE AGOSTO

Chamei Ram Dulari no meu quarto e lhe falei do meu plano. “Vou transformar você numa nova pessoa. Olhe para mim. Estou lhe oferecendo a chance de ser igualzinha a mim. Que tal?”

“Mas por quê, didi?”, ela perguntou me chamando de irmã mais velha. “Como uma empregada pode ficar como a patroa? Não está certo. Eu sou feliz como estou.”

“Mas eu não estou feliz do jeito como você é”, fiz uma careta para ela. “Se eu sou a sua patroa, então você tem que satisfazer o meu desejo.”

“Ji, didi”, ela concordou se curvando. “Como você quiser.”

“Ótimo. Então vamos começar amanhã.”

28 DE AGOSTO

Hoje tem início a primeira fase da transformação.

Comecei com os cabelos, cortando fora as longas tranças negras de Ram Dulari, conferindo a ela o que a Lori, minha cabeleireira chinesa, chamou de “um estilo meio louco para morenas, na altura do ombro”.

Depois dei a ela um vestido cor-de-rosa justo, aquele que usei em Garota internacional, e lhe disse para se trocar no banheiro. É um dos meus vestidos mais provocantes, com a frente de tiras amarradas, fendas sensuais nos quadris e lenços na barra.

Quinze minutos depois, Ram Dulari ainda não tinha saído do banheiro. Então eu bati na porta, entrei e quase morri de tanto rir. Ela estava tentando colocar o vestido por cima da blusa e da anágua. Foi uma luta para fazê-la entender que as alcinhas finas, o decote fundo e as costas à mostra queriam dizer para ela não usar nem mesmo sutiã por baixo. “Vamos, tire logo a roupa”, estalei os dedos.

Ela desabotoou a blusa e parou. Fiz um gesto para ela tirar também o sutiã. Ela estremeceu ao soltar o sutiã. Era um sutiã desses baratos, brancos, vendido na rua por dez rupias. Ela tentou cobrir os seios nus com as mãos, mas eu as empurrei.

Seus seios eram fartos e empinados, e os mamilos, marrons e bicudos com pequenas aréolas. Acho que ela deve usar tamanho 36.

“Agora tire essa anágua”, ordenei.

Ela começou a chorar. “Por favor, didi, não me peça para fazer isso”, implorou.

A estranheza da situação ficou clara para mim. Quem visse aquilo acharia que era uma cena saída diretamente de um filme de lésbicas. Deixei passar. “Certo. Esqueça. Você não precisa usar roupas ocidentais.”

Ram Dulari pegou seu sári e sua blusa e correu para seu quarto como se tivesse sido estuprada. Eu conseguia ouvir seu choro abafado.

Ali tive certeza de que Ram Dulari era virgem. Era a primeira vez que ela se despia na frente de outra pessoa, sua inibição natural só fora esquecida graças à inquestionável lealdade a mim.

O que eu tinha feito ao arrancar essa matuta de seu meio rural e trazê-la para as luzes da cidade cruel?

Mas veja por outro lado. Ram Dulari é um terreno inexplorado, uma mente que ainda precisa despertar, um corpo intacto. Ela é uma tábula rasa esperando ser moldada por mim do jeito que eu bem entender. Uma mãe pode fazer isto com a filha — moldar seu corpo e sua mente à sua imagem e semelhança —, mas cuidadosamente, ao longo de um período de dez, doze anos. O Projeto Cinderela tentará alcançar os mesmos resultados em apenas dez meses.

A Primeira Fase pode ter sido um desastre completo, mas nem tudo está perdido. Simplesmente cometi um erro

na ordem dos fatores. Antes de transformar o corpo de Ram Dulari, preciso transformar sua mente.

30 DE AGOSTO

Comecei com lições básicas de inglês. Ainda bem que ela recebeu alguma instrução, e não precisei começar com o bê-á-bá. Fui direto para a formação de frases, sintaxe e gramática.

Ela aprende rápido, é atenta e intuitiva.

“Acho que você tem um grande potencial”, cumprimentei-a. “Todo dia você vai se sentar comigo por uma hora e fazer os exercícios que eu disser. Agora diga uma frase completa em inglês, qualquer coisa que lhe vier à cabeça.”

“Eu gostando de aprender inglês”, ela disse aos trancos, e eu a aplaudi satisfeita.

A Segunda Fase parece que está para começar.

14 DE SETEMBRO

Saiu na Filmfan que eu sou fútil. Segundo aquela piranha da Devyani que me entrevistou no último número,

“Shabnam está apaixonada pela própria beleza, encantada com sua pele clara, de pêssego”. E o que tem de errado nisso? Eu sou bonita, sei que sou, e o mundo também reconhece isso. Todo esse papo de beleza interior da mulher é bobagem, inventada por alguma jornalista com cara de rato para esconder a própria feiura. Pergunte a uma mulher comum como ela se sente por dentro; não há brilho interior que aqueça o coração dessas escurinhas que passam a vida toda só acreditando nas promessas do creme Fair & Lovely.

23 DE SETEMBRO

Ram Dulari conseguiu ler um conto inteiro hoje. Um de três páginas. Uhuuu!

11 DE OUTUBRO

Saiu o resultado das bilheterias do último filme que fiz com vários astros, Olá, parceiro. Uma decepção. Segundo o Trade Guide, o filme deve passar em brancas nuvens. Não estou totalmente infeliz. O filme era para ser o lançamento da Rabia, outra filha de estrela sem talento, e o diretor era um chato pretensioso que mereceu pagar por ter cortado três cenas minhas na edição final.

O Projeto Cinderela, por outro lado, vai de vento em popa. Ram Dulari já tem inglês suficiente para atender o telefone.

Tenho a forte suspeita de que estou com um ás na manga.

25 DE OUTUBRO

Uma carta imensa chegou hoje, com “Superconfidencial” no envelope. Escrita numa caligrafia infantil, começava assim: “Minha queridíssima Shabnam, sei que um amor como o nosso é tão raro quanto um dente de galinha”.

Quase morri de rir, a carta escapou da minha mão, saiu voando pela janela. Nem me preocupei de ir buscá-la lá embaixo.

24 DE NOVEMBRO

Sei que uma atriz de Bollywood tem que parecer burra, especialmente um símbolo sexual. Os homens não devem se sentir intimidados pelo seu intelecto. Mas ontem, num programa imbecil da KTV sobre celebridades (ainda não entendo por que a Rosie concordou em me mandar lá), eu quebrei a regra sagrada.

O apresentador, um sujeito de meia-idade com cara de rato, tentou atacar a minha campanha da PETA (Pessoas pela Ética no Tratamento dos Animais). “Gente como você faz essas campanhas só para conseguir publicidade sem realmente se importar ou saber alguma coisa sobre a causa”, ele alegou. E então, do nada, ele me perguntou: “Você já ouviu falar de Guantanamo?”.

“Já”, respondi. “É uma prisão militar em algum lugar dos Estados Unidos.”

“Errado. Fica no extremo sudeste de Cuba. Isso prova o que eu disse. Vocês, gostosas desmioladas de Bollywood, não sabem nada sobre os temas da atualidade. Vocês só se importam com o que está na moda e qual é o corte de cabelo da moda.”

Talvez ele estivesse tentando ser provocativo de propósito, mas eu não aguentei aquela arrogância prepotente.

Então parti para cima dele.

“Certo, senhor, você sabe o nome do filme que ganhou a Palma de Ouro em Cannes este ano?”, retruquei.

“Hum... não”, ele disse, sem esperar o troco.

“Então eu devo concluir que todos os apresentadores são convencidos, egocentrados e idiotas que não sabem nada sobre as artes em geral?”

“Você está confundindo alhos com bugalhos”, ele protestou. “Nós subimos por nossos méritos; vocês, só pelo rostinho bonito.”

“Se fosse assim, toda menina que sai na página central da Playboy iria para Hollywood”, devolvi. “O cinema não idolatra a beleza, mas o talento.” E continuei fazendo perguntas sobre a filosofia de Martin Heidegger (ele nunca tinha ouvido falar), sobre a poesia de Ossip Mandelstam (ele também não conhecia), os romances de Bernard Malamud (mesma resposta) e os filmes de Kim Ki-duk (idem). Ao final da minha sabatina, o babaca queria cavar um buraco para se enterrar e evitar maior constrangimento.

Rosie não achou graça. “Prepare-se, a Stardust agora vai apelidar você de doutora Shabnam, Ph.D.”, ela disse séria e deu de ombros.

Não é estranho que o máximo grau acadêmico vire o máximo insulto no mundo do glamour?

15 DE DEZEMBRO

Estou agora em Lucknow, a cidade onde passei três dos melhores anos da minha vida. Vim com o elenco do musical de Annu Sir para fazer uma apresentação beneficente para uma fundação que trabalha com crianças de rua.

A primeira vez que vim a Lucknow, há seis anos, eu tinha acabado de sair de Azamgarh, e a capital de Uttar Pradesh me pareceu a maior cidade do mundo. Tinha livrarias lindas, mercados adoráveis, jardins graciosos e, acima de tudo, um clima de elegância e cultura. Fiquei encantada com adab e tehzeeb de Lucknow, uma bem-vinda mudança para quem vinha da simplicidade rústica de Azamgarh. Desde então, o charme decadente da cidade permaneceu com uma adorável textura na minha imaginação.

Agora quando olho para Lucknow, vejo-a pelo prisma das minhas viagens ao redor de metade do mundo.

Comparada a Mumbai, Lucknow parece inadequada, uma pequena cidade de interior glorificada, cheia de sordidez e miséria, a desordem e o caos da Índia provinciana. Mas terá sempre um lugar especial no meu coração. A cidade moldou minha vida. Se Azamgarh foi o matadouro da minha ambição, Lucknow foi o berço que embalou meus sonhos. Foi aqui que aprendi a acreditar em mim mesma, a aspirar, a voar alto.

O teatro Natya Kala Mandir estava transbordando de gente. Quando fui apresentada como filha de Uttar Pradesh e produto de Lucknow, um grande clamor se elevou da plateia. Gritos ecoaram pelo teatro como tiros de canhão.

Uma menina pegou na minha mão e não soltava mais, outra desmaiou quando me viu de perto. Lembrou aquela

noite em Lucknow quando vi pela primeira vez a grande atriz Madhuri Dixit e fiquei impressionada com sua beleza etérea.

Hoje eu era a Madhuri Dixit, o foco de todos os olhares. A plateia lotada tinha vindo me ver dançar, mas eu estava tensa e distraída. Durante toda a apresentação, meus olhos ficaram procurando nas primeiras filas algum rosto familiar. Meus ouvidos tentavam captar uma voz conhecida. Azamgarh, afinal,

ficava a apenas duzentos e vinte quilômetros de Lucknow e eu torcia sem esperança para que Babhuji ou a mãe ou quem sabe Sapna tivessem tomado conhecimento da minha visita e viessem me ver. Mas naquele mar de rostos não havia nenhum do meu passado, e meu olhar só cruzou com os mesmos sorrisos lascivos e olhares ávidos que encontro em todo show, de Agra a Amsterdam.

Esta noite paguei novamente minha dívida com a cidade, e acho que jamais voltarei aqui.

31 DE DEZEMBRO

No último dia do ano, Rosie me trouxe um pacote de cartas escritas por um fracassado de nome Larry Page. Ele vem me escrevendo cinco cartas por semana desde outubro. O mais intrigante é que ele é americano (ou pelo menos diz que é).

O sujeito é completamente maluco. Diz que eu escrevi para ele dizendo me chamar Sapna Singh e que prometi me casar com ele. Agora: por que uma atriz de sucesso como eu se apaixonaria por um idiota como ele é o que me deixa com a pulga atrás da orelha. O pobre coitado declara seu amor com frases do tipo: “Por você eu andaria no inferno com a cueca encharcada de gasolina”.

Ele tenta também me dar lições de vida. Um exemplo: “Quando a vida só lhe dá limões... faça uma limonada”.

Outra pérola: “A vida é um sanduíche de cocô — quanto mais pão, menos merda você tem que comer”.

Mas chega de graça e diversão. Rosie está seriamente preocupada que esse cara possa ser um psicopata e acha que talvez eu precise pedir uma ordem judicial contra esse sr. Larry “Perseguidor” Page. Falei para o meu segurança, Bahadur, para revistar minuciosamente todas as visitas. Qualquer um que apresente a mais remota semelhança com um americano não poderá entrar e será levado diretamente para a delegacia de Andheri. Falei também com Bhola para dar uma palavrinha com o delegado Godbole, só para o caso de o psicopata ter ficha na polícia.

É o preço da fama!

7 DE JANEIRO

Ram Dulari provou ser uma aluna dedicada. Ela agora fala inglês com a fluência de uma guia de turismo. Sabe usar a faca e o garfo numa mesa de jantar com a finesse de uma nobre. É capaz de fazer piruetas com um salto de quinze centímetros e comer chop suey de palitinho.

Eu esperava completar o Projeto Cinderela em dez meses. Ram Dulari passou com louvor em apenas cinco.

Merece uma comemoração.

13 DE JANEIRO

Hoje me aconteceu um desastre. Quando eu saía da banheira depois de um banho delicioso, escorreguei e torci feio o tornozelo. É melhor desistir de tentar andar, não consigo nem mancar.

Desde hoje cedo, Ram Dulari está passando pomada no meu pé esquerdo e fazendo compressas para diminuir o inchaço. Por sorte, o filme de Guddu Dhanoa que eu devia começar a filmar a partir do dia 10 de janeiro foi engavetado por ora, e não foi preciso cancelar meu contrato. Mas não poderei comparecer à estreia do meu último filme, Amor no Canadá, que será amanhã no cinema IMAX. O produtor foi o Deepak Hirani, meu padrinho, por quem

tenho enorme respeito, e será um golpe para ele a ausência de sua principal atriz feminina na primeira fila.

Infelizmente, uma atriz nunca pode ser vista de gesso, senão eu me arrastaria até o cinema em Wadala, com chuva ou com sol.

Eu estava prestes a telefonar para Deepak Sir para pedir desculpas por não poder comparecer, quando Bhola me deteve. “Tive uma ideia, didi.”

“O que foi?”

“Por que não mandamos a Ram Dulari na estreia?”

“E como isso me ajudaria?”

“Quero dizer, mandá-la no seu lugar, como se ela fosse Shabnam Saxena.”

Olhei para Bhola com meu olhar perfurante, o que uso com os produtores que querem dar uma interpretação mais frouxa da minha cláusula antinudez. “Você está ficando maluco? Como a Ram Dulari pode ser eu?”

“Pense um pouco, didi. Ela se parece muito com você. Mesma altura, mesmo corpo, mesmo tom de pele.

Quando ela vestir suas roupas e fizer a maquiagem, aposto que ninguém vai notar a diferença.”

“Mas todo mundo sabe que ela é só uma cozinheira.”

“Quem sabe disso, didi? Ninguém. Ram Dulari nunca sai de casa. Nem o porteiro viu a cara dela.”

Ele tinha razão. De fato, havíamos deixado Ram Dulari escondida em casa como um segredo de família.

“Estou dizendo, didi, é um plano perfeito. Ram Dulari vai à estreia, mas todo mundo vai pensar que é você. A equipe fica satisfeita. O senhor Deepak fica feliz, ninguém precisa saber.”

Bhola era persuasivo, mas eu não estava convencida. “Como pode ter tanta certeza?”

“Porque eu vou junto com a Ram Dulari, didi, vou ficar o tempo todo com ela. Ela não vai precisar fazer grande coisa. Vamos entrar pelos fundos para evitar os fãs. Ela vai subir até o palco para ligar a luz e posar com o elenco para algumas fotos. Depois do filme, vamos sair de novo pelos fundos.”

“E se alguém fizer alguma pergunta a ela?”

“Ram Dulari não vai abrir a boca. Vou divulgar que você está com dor de garganta. Estou falando, didi, é batata.”

Eu ainda tinha minhas dúvidas. “Mas e se não for? E se ela for descoberta? E se algum dos galãs, Salman Khan ou Akshay Kumar, descobrir que ela é só uma sósia?”

“Aí a gente finge que foi tudo uma grande jogada. O filme vai atrair ainda mais publicidade. O senhor Deepak com certeza não vai reclamar.”

Era loucura, mas eu estava começando a gostar da ideia.

“O.k.”, disse num suspiro. “Estou dentro. Mas com uma condição.”

“Qual?”

“Quero assistir tudo em vídeo.”

“Feito. Eu trago a fita.”

14 DE JANEIRO

Ela foi perfeita. Eu mesma não teria feito melhor. Sorriu quando pediram para sorrir, acendeu a luz com o toque certo de reverência, ficou parada para os fotógrafos, não se abalou com os flashes pipocando na cara, cumprimentou as pessoas com a elegância de uma princesa e lidou com a presença dos astros de Bollywood com o sangue-frio de uma celebridade.

Foi uma bênção que Ram Dulari nunca tivesse visto nenhum filme indiano. Qualquer outra garota teria começado a passar mal só de ficar à distância de um beijo de Salman ou Akshay. Mas ela não ficou impressionada com eles. Ela também é uma estrela. Criada pelo Projeto Cinderela.

Azim Bhai, o diretor fajuto do filme, também estava na estreia. Fiquei com vontade de ligar para ele e contar que eu lhe aplicara o maior golpe de todos os tempos, e nem mesmo o câmera percebeu!

16 DE JANEIRO

Bhola virou um tigre com sede de mais sangue. Hoje ele veio com outra proposta indecorosa. B. R. Virmani, o magnata dos tecidos, pediu que eu me tornasse a garota-propaganda de uma nova linha de jeans de sua empresa.

Ofereceu-me quinhentas mil rupias por uma aparição de cinco minutos na abertura de uma nova loja da Liquid Jeans na sexta-feira, daqui a dois dias.

“O relações-públicas de Virmani é Rakesh Dattani. Eu o conheço muito bem. Ele deixou escapar para mim que, se você não aceitar, eles vão chamar a Priyanka, sua maior rival. Agora, nós não vamos querer que isso aconteça, não é?”, disse Bhola.

“Mas eu não posso ir. Minha perna está engessada.”

“Errado, didi. Você pode ir”, ele piscou para mim e apontou para a Ram Dulari.

“Isso é uma loucura. Como você acha que ela vai lidar com aquele monte de fãs que vão invadir a loja?”

“É simples. Nós vamos pedir ao Virmani para os seguranças não deixarem os fãs chegarem perto dela.”

“Mas ela não vai ter que dizer alguma coisa na hora de cortar a fita?”

“Vai. Só três linhas. Ram Dulari?”, ele acenou para ela.

“É muito bom estar aqui hoje. Eu adoro Liquid Jeans. E vocês também vão adorar”, recitou Ram Dulari.

Embora tenha falado com um jeito duro de manequim, a pronúncia não estava ruim.

“Então é uma armadilha. Vocês estão conspirando pelas minhas costas”, reclamei.

“Não, didi, por favor, não culpe a Ram Dulari. Eu a treinei”, disse Bhola compungido. “Eu a fiz acreditar que eram ordens suas. Mas, se você não quer que ela vá, ela não vai. A sua confiança vale muito mais do que cinco lakhs.”

Acabei concordando. “Então vocês podem ir, vamos usar esse dinheiro para o casamento da Ram Dulari. Mas não se esqueça de me trazer a fita de vídeo.”

18 DE JANEIRO

Assisti a fita hoje à noite. Ram Dulari, mais uma vez, esteve perfeita. Havia pelo menos trezentas pessoas na loja, a maioria estudantes universitários. Ela absorveu toda adulação, as aclamações e aplausos como uma domadora de circo e subiu ao pódium com seus jeans feito uma modelo de passarela. Só detectei um toque de incerteza quando pediram que ela falasse, um ligeiro tremor, mas ela não tropeçou. E sua voz soou muito parecida com a minha. Ela cortou a fita como uma política profissional e todo o ambiente explodiu num aplauso ensurdecedor.

Vendo a histeria em massa que Ram Dulari estava provocando, tive que lembrar a mim mesma que eu era Shabnam Saxena e ela, apenas uma impostora. Eu era de verdade, ela era uma cópia.

O único contratempo ocorreu na saída, quando um bando de adolescentes burlou a segurança e foi até ela. “Um autógrafo, por favor, Shambnamji”, elas imploraram, enfiando cadernos e pedaços de papel na sua frente. Ram Dulari congelou por um segundo e a câmera captou a expressão em seu rosto. Um misto de constrangimento e desconcerto, como uma aluno que não sabe a resposta da prova. Então Bholha a agarrou pelo braço e a levou embora, deixando um rastro de gritos de meus fãs desapontados.

20 de janeiro

“O que é autógrafo, didi?”, Ram Dulari me perguntou enquanto eu almoçava.

“É a última arma que esqueci de colocar no seu arsenal”, respondi.

“Você vai me ensinar a fazer autógrafo?”

Então comecei a ensiná-la como assinar o nome dela e o meu — o trejeito no S, a simetria irregular no habna e o floreio final no m. Ela pegou depressa e no dia seguinte já estava fazendo testes de autógrafo com tamanha confiança que pensei em passar as cartas da Rosie Mascarenhas para ela assinar.

“Por que você me manda para esses serviços onde eu finjo ser você, didi?”, ela me perguntou quando eu já estava me recolhendo para dormir.

“É um jogo, Ram Dulari, é só um jogo”, respondi cansada.

Por um segundo pensei ter captado outro olhar em sua expressão, um misto de frustração e ressentimento, então ela sorriu para mim e saiu do meu quarto.

21 DE JANEIRO

Meu tornozelo está quase bom. Mas o dr. Gupte disse que eu preciso ficar com o gesso mais três dias. O que significa que vou perder também a noite de entrega dos prêmios do Cine Blitz Awards, onde devo receber o prêmio de Melhor Atriz em Papel de Antagonista, pelo meu trabalho em Vingança de mulher.

Dessa vez eu mesma resolvi mandar a Ram Dulari. Esse vai ser o teste definitivo. Se ela sobreviver a isso, sobreviverá a qualquer coisa.

Vou ensaiá-la pessoalmente sobre o que dizer e o que fazer. Depois assistirei tudo na TV quando transmitirem ao vivo a noite da premiação.

24 DE JANEIRO

Acomodei-me na cama e liguei a televisão de plasma. A cobertura ao vivo havia começado e uma apresentadora jovem mostrava a movimentação do lado de fora do Complexo Esportivo Andheri, conforme os astros chegavam em seus carros e posavam para as câmeras.

Cinco minutos depois o meu Mercedes E500 prateado chegou e Ram Dulari saiu de dentro dele num provocante sári branco com lantejoulas. Aumentou o burburinho.

Fiquei sentada, hipnotizada, assistindo a mim mesma andar sobre o tapete vermelho. Fiquei arrepiada ao me ver acenar para milhares de fãs enlouquecidos que começaram a entoar o meu nome. Fiquei cega com um milhão de flashes que cruzaram meus olhos enquanto eu sorria para as câmeras.

Ram Dulari mais uma vez teve um desempenho impecável, sem mostrar um pingo de nervosismo ao enfrentar vinte mil fãs histéricos. Ao vê-la receber meu prêmio, senti o orgulho que Michelangelo deve ter sentido pelo Davi, Leonardo pela Mona Lisa e Nabokov por Lolita. Era a excitação de um artista que vê sua criação ganhar vida. Mas a minha excitação era maior que a de qualquer pintor ou escritor, pois minha criação era muito mais do que uma estéril coleção de palavras ou manchas de cores numa tela. Estava viva em carne e osso, em vez de mármore morto

— um protoplasma pensante, arfante, móvel. Estava imbuída da vitalidade e fluência da vida, a que toda arte aspira mas não pode reproduzir.

“Vimos agora quem é a maior estrela de todas”, disse a apresentadora quando o câmera passou por milhares de fãs que entoavam: “Shabnam... Shabnam”. “Tudo indica que este é o ano de Shabnam Saxena, que parece ainda mais jovem e mais bonita do que nunca”, continuou a apresentadora. “Ela já mostrou sua versatilidade ao ganhar o prêmio de Melhor Atriz em Papel de Antagonista. E parece estar disposta a conquistar ainda muitos outros prêmios e corações nos próximos anos.” Os fãs foram à loucura quando Ram Dulari assinou um autógrafo no peito de um adolescente cuja camiseta dizia “Eu ♥ Shabbo”, e a transmissão congelou momentaneamente essa imagem.

O apresentador disse: “A experiência, como um desejo de experiência, não se apaga. Não devemos nos estudar enquanto temos uma experiência”. Vendo aquela imagem congelada de mim mesma, entendi o que ele queria dizer.

Subitamente eu havia me livrado da máscara da celebridade, a máscara que “cava fundo na face”. Pela primeira vez eu podia me ver sem a bagagem psicológica de me observar. Deliciei-me ao ver de fora minha poupularidade, como ela era. Era uma estranha forma de excitação, como uma experiência fora do corpo sem sair do corpo.

Hoje Ram Dulari havia libertado Shabnam Saxena.

Ram Dulari e Bhola voltaram à uma da manhã.

“Muito bem, Ram Dulari, você não se esqueceu de nada. Você foi perfeita. Estou muito orgulhosa de você”, elogiei.

Ram Dulari estava olhando para mim. “Então, didi, quando você vai me ensinar a representar?”, ela perguntou.

Eu mal podia acreditar no que estava ouvindo. Será que ela estava louca? Na mesma hora adotei minha expressão de professora brava, a que eu uso para lidar com fãs desobedientes.

“Só porque você parece comigo não quer dizer que pode atuar como eu, Ram Dulari”, disse num tom tão frio que poderia congelar uma chama.

“Mas eu posso, sim, didi. Olha, escuta isso”, ela disse e tranquilamente recitou um trecho de uma fala minha em Garota internacional.

Ela devia ter ficado horas assistindo meus filmes em DVD porque foi um desempenho excepcional. Sua emissão era impecável. E ela introduziu a dose exata de emoção na voz. Eu tinha que admitir que ela talvez pudesse ser uma atriz danada de boa. A mão do ciúme apertou meu coração.

“Você já se divertiu por hoje. Agora vá colocar o feijão rajma de molho para o almoço de amanhã”, dispensei-a.

Encarei Bhola assim que ela saiu do quarto. “Bas. Chega. Ram Dulari não vai mais se passar por mim. Acho que tanto paparico subiu à cabeça dela.”

“Sim, didi”, ele concordou todo mansinho. “Chega de passeios para ela.”

Achei que era importante para Ram Dulari ser lembrada de sua verdadeira posição na vida. Ela era apenas minha cozinheira, e fora transformada em Cinderela por um desejo meu. E assim como para Cinderela a diversão acaba quando soam as doze badaladas, a dela também tinha acabado.

Enquanto escrevo isto, estou pensando: o que devo fazer com ela? Ela é um brinquedo que inventei para me divertir. Mas o que a gente faz com um brinquedo depois que se cansa dele? Como jogar fora uma massa pensante, arfante, de protoplasma móvel?

Tentei me lembrar do que Gepeto fez com Pinóquio e foi aí que me ocorreu o que acontece na versão original

— Pinóquio tem uma morte horrível, condenado por suas inúmeras mentiras.

15 DE FEVEREIRO

Hoje eu estava filmando com Sriram Raghavan para uma produção ainda sem título nos estúdios Mehboob. Mas ninguém parecia conseguir se concentrar no trabalho. Havia uma espécie de tensão elétrica no ar. Percebi que todo mundo esperava o veredicto do caso Vicky Rai.

Na hora do almoço, toda a equipe se reuniu na sala de projeção onde haviam ligado um cabo da TV no projetor.

Eu estava na maquiagem e quando entrei na sala dei com a Barkha Das fazendo uma careta na tela. “Acabamos de receber notícias de dentro do tribunal. Vicky Rai foi absolvido do assassinato de Ruby Gill”, ela anunciou.

Foi um silêncio no estúdio. Ninguém acreditava no que estava ouvindo. Até mesmo a Barkha Das parecia ter ficado sem palavras. “Bem, o que eu posso dizer? É um veredicto sem dúvida estarrecedor, mas não inteiramente inesperado. Há anos os ricos e famosos na Índia vêm conseguindo manipular a lei e se livrar das acusações de assassinato. Vicky Rai entrou para o clube. Para o homem comum, a justiça parece um sonho. É um dia triste não só para a família de Ruby Gill, mas para o indiano comum.”

Não conheci Ruby Gill, mas por alguma razão o veredicto me deu uma estranha tristeza, como a que se sente quando cai um avião num país distante.

16 DE FEVEREIRO

Jay Chatterjee, por incrível que pareça, está dando uma festa no Athena Bar para comemorar a liberdade de Vicky Rai, e me mandou um convite. Que nojo. Não sei o que me deixa pior — o fato de as pessoas estarem festejando a desgraça alheia, com essa falsa justiça, ou que alguém inteligente e com sensibilidade artística como Jay Chatterjee possa ter amizade com um criminoso como Vicky Rai. Isso foi uma novidade. Até mesmo o Steven Spielberg de Bollywood parece ter pés de barro.

Recusei com educação, sabendo muito bem que minha ausência pode prejudicar meu futuro como estrela do próximo filme de Chatterjee, aquele para o qual ele ainda está procurando um clone do Salim Ilyasi. Mas tenho meus princípios.

Infelizmente também tenho as minhas limitações. Naquele mesmo dia, eu estava fazendo umas fotos em Lonavala, e um grupo de universitários me abordou. “Estamos enviando um abaixo-assinado para o presidente pedindo um novo julgamento de Vicky Rai. Nosso objetivo é conseguir dez mil assinaturas. Você poderia assinar, Shabnamji?”, eles me pediram.

“Não”, disse meio envergonhada. “Não quero me meter em política.”

“Mas isso não é política, dona”, disse um menino de cara séria. “É justiça. Hoje foi Ruby Gill, amanhã pode ser você.”

“Sou solidária a sua causa, mas não posso emprestar meu nome a ela”, eu disse e pedi licença. Os estudantes foram embora decepcionados.

Eu só estava seguindo o conselho da minha secretária Rakeshji — não faça críticas ao governo. Essas coisas sempre viram uma pedra amarrada ao seu pescoço e o governo sempre acaba descontando em você. Quem quer cair na malha fina do imposto de renda ou ter o passaporte retido?

Em todo caso, duvido que um dia eu vá ter o mesmo destino de Ruby Gill. Como disse a Barkha, os ricos e famosos sempre conseguem se livrar das acusações de assassinato, e eles mesmos nunca são assassinados.

17 DE FEVEREIRO

Vou viajar à Austrália por três semanas para as filmagens de três cenas musicais com o Hrithik, para o filme do sr.

Mahesh, Metrô. Será minha primeira visita ao mundo mágico de Oz e estou louca para conhecer todos lugares de que sempre ouvi falar.

Ram Dulari vai ficar sozinha no apartamento, e pedi ao Bhola para tomar muito cuidado com a casa e com ela.

20 DE FEVEREIRO

Sydney deve ser a maior cidade do mundo. Quando vi pela primeira vez a Ópera e a Harbour Bridge, foi mágico.

A praia de Bondi tem provavelmente mais corpos bronzeados por metro quadrado do que qualquer outra no planeta.

E os australianos são um povo que adora se divertir.

Estou achando uma delícia.

É muito engraçado ver todas essas australianas loiras de olhos azuis rebolando junto comigo com a música híndi.

Está virando quase obrigatório em Bollywood ter pelo menos uma música com dançarinas firang rebolando no jhatka-matka junto com os nossos dançarinos desi morenos. Numa cena que filmamos hoje, as loiras tinham que ficar aos pés do Hrithik, engatinhando atrás dele, arfando como cadelas no cio, e implorando que ele as beijasse.

É isso que chamam de colonialismo às avessas?

4 DE MARÇO

Hoje aconteceu um episódio interessante. Um senhor de cabelos grisalhos com rosto todo marcado, chamado Lucio Lombardi, veio à minha suíte do hotel. Ele falava um inglês perfeito e se apresentou como gerente comercial de um príncipe árabe cujo nome não guardei.

Perguntei o que o trazia a Sydney. Ele disse que o príncipe havia visto meus filmes e estava apaixonadíssimo. Ele estava disposto a me pagar cem mil dólares por uma noite com ele, no seu aniversário, dia 15 de março. Eu seria levada a Londres em seu avião particular, hospedada no Dorchester, passaria apenas uma noite com o príncipe e depois seria trazida de volta a Mumbai no dia 16.

O sr. Lombardi me disse tudo isso num tom afável de diretor explicando o roteiro. Ele me pareceu um homem rico e com muitos contatos, mas não levava

em conta o temperamento de uma diva indiana.

“Eu fico muito ofendida com a sua proposta”, explodi. “O que o seu príncipe pensa que eu sou? Algum tipo de prostituta barata?”

Fingi me ofender com a franqueza do Lombardi, mas na verdade não me ofendi. Sei que ocupo um lugar indefinido na cabeça dos homens, entre a puta e a esposa. Uma esposa pode ser seduzida, uma puta pode ser comprada. Uma atriz como eu só pode receber a cantada. E era exatamente o que o Lombardi estava fazendo.

O italiano não estava preparado para um não como resposta. Ele foi muito insistente, aumentou a oferta para duzentos mil dólares, depois para trezentos, e por fim chegou a meio milhão, com o atrativo extra de cinquenta por cento em dinheiro adiantados.

Como último trunfo, mostrou-me uma foto do príncipe. A imagem que eu fazia na cabeça era de um aleijado feioso e com doença venérea, mas a foto colorida me mostrou um rapaz musculoso com aquela camisola até o tornozelo que os árabes usam, e o adereço de cabeça para completar. Ele tinha um rosto bonito, comprido, e com um bigode castanho grosso.

Eu precisava admitir que o príncipe era lindo (mesmo que de um modo um tanto afeminado) e meio milhão de dólares era dinheiro. Fiz as contas. Lombardi estava me oferecendo vinte milhões de rupias por uma noite.

Eu tinha cerca de sessenta milhões de rupias no banco. Mas que me custaram três anos e meio para ganhar.

Agora estavam me dando um terço disso tudo por uma noite de serviço.

E o que “uma noite” representa? Basicamente, duas transas (nem mesmo o príncipe teria força para uma terceira). Isso se traduziria em vinte minutos no máximo. Ou seja: eu ganharia 22727 dólares por minuto. Ou ainda: 378 dólares por segundo. Uau! Pensando em segundos, talvez só o Mohammad Ali tenha ganhado mais, mas ele era espancado e saía todo machucado do ringue. Eu talvez até gostasse.

Mas mesmo assim eu disse não.

Lombardi ficou desolado. “Você está cometendo um erro, senhorita Saxena, ao não aceitar essa oferta tão generosa. Você está preocupada com a publicidade? Eu lhe garanto, nós seremos muito discretos.”

“Não”, eu disse.

“Será então algum moralismo ultrapassado? Você nunca ouviu o ditado italiano ‘Abaixo do umbigo não existe verdade, nem religião’?”

“Eu não estou à venda, senhor Lombardi, e você pode dizer isso ao seu príncipe”, disse batendo a porta na cara dele.

Abaixo do umbigo pode até não existir verdade nem religião, mas atrás da testa existe uma coisa chamada cérebro. Ao recusar hoje esse príncipe, só estou aumentando o seu desejo. Tenho certeza de que no próximo aniversário ele estará disposto a me pagar um milhão de dólares!

E aí sim a teremos uma Proposta indecente como no filme americano.

Não sei por que ainda não fizemos uma versão indiana desse filme.

8 DE MARÇO

Por onde começo a descrever o pior dia da minha vida?

Senti que alguma coisa estava errada quando pousei às oito da noite vindo de Cingapura e Bhola não estava lá

para me receber no aeroporto. Só o Kundan estava ali com o Mercedes.

“Onde está o Bhola?”, perguntei ao motorista.

“Não sei, madame. Faz uma semana que não o vejo. Foi o senhor Rakesh que pediu que eu viesse buscá-la no aeroporto.”

Meia hora depois, quando cheguei ao apartamento, estava tudo escuro. Acendi a luz e engasguei. O lugar estava todo desarrumado. Os sofás da sala de estar haviam sido revirados, meu lindo vaso de cristal Waterford espatifado no chão. O cheiro de carne emanava da sala de jantar e fiquei chocada ao ver caixas de chili de frango e carne de porco doce e azedo na mesa, cercadas de fios de

macarrão chinês. Uma pirâmide de panelas e caçarolas sujas me esperava na cozinha, com a frigideira de ferro jogada num canto.

A maior devastação estava reservada para o meu quarto. Os lençóis tinham sido arrancados da cama e o colchão estava todo cortado. As gavetas foram todas puxadas para fora e meus almirahs estavam todos abertos. Havia jornais, clipes e roupas espalhadas pelo tapete. Levaram tudo da minha penteadeira, toda a minha coleção de perfumes e cosméticos. Corri para o closet, onde ficava o cofre. Nem precisaria ter me dado ao trabalho. A pesada porta de metal fora arrancada com explosivos e tudo o que restava era um buraco vazio. Por sorte, eu deixava a maior parte do meu dinheiro e todas as joias mais caras num cofre dentro do HSBC, mas mesmo assim eu devia ter perdido umas cem mil rupias, uns três mil dólares, quinhentas libras e alguns euros, um colar de esmeraldas e um relógio Breitling. Ainda mais doloroso foi descobrir que todos os meus sapatos e bolsas haviam sido levados do closet. Meus Manolo Blahniks e Christian Louboutins, Balenciagas e Jimmy Choos, roubaram tudo.

Enquanto eu olhava para o caos da sala de estar, uma imagem doentia me atingiu na boca do estômago: os ladrões tinham entrado no apartamento, roubado tudo rapidamente, levaram tudo o que era de valor, pediram comida chinesa e mataram Bhola e Ram Dulari.

Fiquei ali parada, presa no silêncio frio da casa, tentando tomar coragem para abrir o banheiro e ver dois corpos mortos boiando numa banheira de sangue. Na minha banheira!

Eu não tinha forças para isso. Então voltei ao quarto e peguei o telefone ao lado da cama para ligar para a polícia.

Foi quando encontrei um bilhete escrito à mão colado no telefone. “Antes de ligar para a polícia”, dizia a caligrafia levemente familiar, “dê uma olhada na fita de vídeo na gaveta da direita, embaixo, da sua penteadeira.”

Corri para a penteadeira e abri a gaveta da direita, embaixo. Havia uma fita VHS ali, preta, sem etiqueta, sem nada escrito. Só aquilo já deixava a fita mais ameaçadora.

Por algum motivo os ladrões não levaram nenhum equipamento eletrônico. Meu home theater com TV de plasma, o aparelho de som e o DVD estavam intactos. Com as mãos tremendo, coloquei a fita no videocassete e liguei a TV. Eu já

esperava ver o corpo morto de Ram Dulari na banheira, mas o que vi foi algo inesperado. Sim, havia uma banheira, mas a única pessoa dentro dela era eu mesma, e completamente nua.

O filme de vinte minutos me mostrava tomando banho, brincando com o chuveiro de mão, soprando bolhas de sabão do meu corpo, fazendo coisas que uma garota faz sozinha no banho.

Fiquei horrorizada por alguém ter filmado aquelas imagens minhas. Mas o que mais me incomodou foi o fato de as imagens terem sido feitas no meu banheiro.

Abri a porta do banheiro e dei uma espiada. Não havia nenhum corpo na banheira de mármore. Só um silêncio assustador, interrompido pelo gotejar da torneira da pia. Olhei nas luminárias ocultas do teto de gesso. A princípio pareciam normais, mas no meio de uma delas, logo acima da pia, percebi o brilho da lente de uma câmera.

Voltei ao quarto e analisei de novo o bilhete. Num relance reconheci a letra. Era do Bhola. Ele até tentou disfarçar, mas o corte dos ts o entregou na hora.

A armação estava ficando clara para mim. Bhola havia instalado câmeras no meu quarto e no banheiro, havia me filmado secretamente por nove meses e devia ter feito Deus sabe quantas fitas. Tirando vantagem da minha ausência, ele roubou a casa, quebrou coisas para parecer um assalto, e agora me ameaçava dizendo que se eu fosse à polícia ele divulgaria a fita.

Esse homem, que costumava me chamar de irmã, havia se tornado um chantagista. E escolhera bem o seu alvo.

Ninguém podia entender melhor do que eu mesma a enrascada em que eu me metera. O apelo de um símbolo

sexual está em não mostrar o sexo. Assim como uma mulher de lingerie é considerada mais sensual do que se estivesse nua, quando a provocação vira pornô acaba o mistério. Todo o cinema indiano se baseia no conceito de provocação casta. Pode-se mostrar um decote aqui, uma coxa ali, mas nunca a coisa em si. As atrizes de Bollywood podem ser sexy, mas precisam estar sempre decentes.

Eu sabia que, se aquela fita fosse mostrada, destruiria minha reputação, minha

carreira iria por água abaixo, de um jeito que seria impossível voltar atrás. Eu sabia que não podia procurar a polícia.

Tentei ligar para o celular do Bhola, mas ninguém atendeu. “Este número não está disponível para receber chamadas”, disse a mensagem gravada. Bhola provavelmente já devia ter comprado outro celular. Ele podia muito bem nem estar mais na Índia.

Como pude me enganar tanto? Deixar uma cobra traidora dessas ser meu assistente! Mas não adiantava chorar sobre o leite derramado. Como diz o Mestre, nunca se deixe levar pelo remorso, mas diga a si mesmo que o remorso só irá acrescentar a um primeiro ato tolo uma segunda tolice. Só uma coisa continuava inquietando meus pensamentos. O que Bhola teria feito à pobre Ram Dulari?

12 DE MARÇO

Já se passaram quatro dias desde o sequetro da Ram Dulari. Acho que ela está morta. Sinto isso dentro de mim.

Ela foi morta pelo Bhola, seu corpo picado em pedacinhos, jogada dentro de um saco com uma pedra e largada no fundo do mar, onde vai virar comida de peixe.

Como diz a polícia, existe um determinado período para a recuperação de pessoas desaparecidas. Assim que passa esse tempo, as chances de se encontrar o refém com vida diminuem drasticamente. Tenho pena dos pais que ficam com esperança de que o filho raptado apareça depois de meses ou anos.

Viver é minimizar as perdas e seguir em frente. Como eu faço.

Ram Dulari, descanse em paz. Bhola, queime no inferno.

13 DE MARÇO

O produtor “Peitoral” Luthra, mais conhecido como o rei do pornô soft em Bollywood, veio hoje me ver.

Mesmo sendo um sujeito grande, corpulento, que respira com dificuldade quando fala, ele já emplacou quatro sucessos em seguida. “Então, Shabnam, podemos começar a filmar dia 15 de abril?”, perguntou ele quase sem fôlego.

“Filmar o quê?”

“O meu filme, ora, Sexy número um.”

“Sahib Luthra, eu já lhe disse há seis meses que não vou fazer o seu filme. Não me senti à vontade com todas aquelas cenas de beijos e banhos que você queria.”

“Mas depois você mudou de ideia. Eu já paguei cinquenta lakhs adiantados. Em dinheiro.”

“Cinquenta lakhs adiantados?”

“É. O seu secretário, Bhola, conseguiu que você aceitasse no mês passado e disse que você precisava do dinheiro imediatamente. Ele mesmo me passou as datas em abril e maio. A produção termina em um mês. Vou pedir a Jatin para discutir os figurinos com você. Vão ser roupas curtas, você sabe, mas o roteiro pede um pouco de pele mesmo.

Eu garanto a você: suas cenas vão ser superestéticas.”

Minha cabeça começou a rodar. Bhola tinha levantado cinco milhões em meu nome e ainda me obrigou a fazer um maldito filme B? “Lamento, mas deve haver algum mal-entendido. Eu nunca autorizei Bhola a fechar com o seu projeto. E quem cuida da minha agenda sempre foi o Rakeshji, nunca o Bhola.”

“O que você está falando, Shabnam? Você mesma assinou o contrato, depois que eu liberei o adiantamento.”

“Contrato?”

“Sim, está aqui.” Ele abriu a pasta e me mostrou um documento batido à máquina. Era o meu contrato-padrão,

só que sem a cláusula antinudez. Embaixo da folha vinha a minha assinatura com a data — 17 de fevereiro — o dia em que eu fui para a Austrália.

Olhei a assinatura. Nunca assinei aquele contrato, mas a assinatura parecia verdadeira. E foi aí que entendi tudo.

Bhola devia ter obrigado Ram Dulari a assinar. Se ela conseguia dar autógrafos

perfeitos, podia também falsificar minha assinatura em um contrato.

“Olha, senhor Luthra, eu não vou fazer seu filme de jeito nenhum”, disse com firmeza.

O produtor se irritou. “Então eu vou processá-la por quebra contratual”, ele arfou.

“Tenho certeza de que podemos resolver isso amigavelmente. Estou disposta a devolver seu dinheiro, se você concordar em rasgar esse contrato. Como um gesto de boa vontade, eu concordo em fazer uma participação de dois minutos no seu filme de graça.”

Ele pensou um pouco. “Certo, mas com uma condição. Que você me devolva o dinheiro até amanhã.

Cinquenta peti, cinco milhões em dinheiro.”

“Eu prometo. Vou ao banco amanhã cedo.”

Soltei um suspiro de alívio por me livrar daquele contrato arriscado. Eu não esperava que o “Peitoral”

concordasse tão depressa. Mas ele sabe que pode arrumar várias garotas interessadas em papéis chhote kapde — roupas exíguas —, o eufemismo para a censura aprovar a nudez, por um décimo do meu cachê. A indústria do cinema está cheia de garotas prontas a se exibir. Vestem a roupa que o produtor pedir, dançam no mastro de modo tão provocante que deixam os clubes de strip de Las Vegas no chinelo, e concordam em engatinhar de calcinha cor da pele.

14 DE MARÇO

O gerente do banco, um senhor muito bem-vestido, me recebeu de um modo muito menos atencioso do que costumava ser. Pedi para fazer um saque de cinquenta lakhs em dinheiro da minha conta. Ele sorriu com frieza e disse que o banco não poderia fazer um empréstimo tão alto.

“Empréstimo? Por que eu precisaria de empréstimo se eu tenho esse dinheiro no banco?”

“Você se esqueceu, Shabnamji? No dia 16 de fevereiro você veio aqui e sacou até o último centavo da sua conta, até das aplicações. Você disse que iria transferir para outro banco.”

“Mas... mas eu não posso ter feito isso. Eu não venho ao banco há meses.”

“Você veio pessoalmente com o seu secretário, o senhor Bhola Srivastava. Você não lembra que sentamos aqui nesta sala e eu lhe expliquei que você perderia os juros das aplicações? Você assinou os formulários e levou o dinheiro. Depois foi ao cofre e retirou todos os seus bens.”

As palavras do gerente eram como marteladas no meu cérebro. Seis crores perdidos. Todas as minhas joias mais caras, perdidas. Minhas moedas de ouro vinte e quatro quilates de Dubai, perdidas. Meu pingente de platina, perdido. Minha voz, também.

“Eu... eu... eu não sei como... como... isso... foi... acontecer.”

O gerente me deu aquele olhar de dó que as pessoas usam para quem está prestes a ser enviado para um manicômio.

Voltei para o apartamento atordoada, pedi ao Rakeshji para cancelar todos os meus compromissos do dia, e me atirei na cama.

Fiquei pensando com quantos outros produtores o Bhola devia ter fechado datas e a quantos pedira dinheiro.

Olhei para os móveis que eu tinha conseguido arrumar de volta no lugar. Quanto tempo levaria para eu ser despejada e tudo ser leiloado para pagar meus credores?

A vida, no fundo, era uma guerra. Não posso ficar de espectadora passiva da minha própria ruína financeira, da sistemática destruição da minha carreira. Vou à polícia contar tudo a eles sobre Bhola. Como ele me enganou, roubou e forçou Ram Dulari a se passar por mim e provavelmente a matou depois.

Vou aguentar firme quando a fita vier a público. Vai me deixar constrangida, com certeza, mas não me destruirá.

E o que não me destrói me deixa mais forte.

Resolvi visitar o delegado Godbole, mas só no dia 18 de março. Não vou permitir que a maldade de Bhola estrague o meu aniversário.

17 DE MARÇO

Hoje eu fiz vinte e três anos. O dia inteiro os produtores e diretores me telefonaram para desejar feliz aniversário. Buquês foram chegando sem parar: a casa toda está com cheiro de rosas e lírios.

Rosie Mascarenhas me disse que tem chegado uma enxurrada de cartões dos meus fãs. Até a última contagem haviam chegado cerca de trinta mil, quebrando todos os recordes anteriores.

O sr. Deepak vai dar uma festa de aniversário para mim no Sheraton hoje à noite.

Mesmo no meio de toda essa badalação, minha cabeça está pesada de tristeza. Porque ninguém de Azamgarh vai me ligar para desejar feliz aniversário. No meu primeiro ano em Mumbai, eu esperei o telefone tocar de manhã até a noite de 17 de março, torcendo por uma ligação do Babuji ou de mamãe, mas eles não ligaram. Minha família me abandonou tão completamente que talvez nem se lembre do meu aniversário.

18 DE MARÇO

Hoje à noite chegou um pacote da DHL. Abri e encontrei um pequeno embrulho, todo benfeito e com fitinhas.

Rasguei o papel dourado e fiquei chocada. Pois em minhas mãos havia outra fita de vídeo, preta, sem etiqueta, sem nada escrito. Havia um pequeno post-it colado embaixo da fita. “Feliz aniversário atrasado. Se você ainda está pensando em ir à polícia, antes veja isto”, dizia na letra inclinada do Bhola.

Pus a fita no videocassete, esperando ver o próximo capítulo das “Aventuras da garota solitária”, mas o que apareceu na tela disparou uma corrente elétrica pela minha espinha.

A fita mostrava eu mesma praticando vários tipos de atos sexuais num homem. O rosto do homem não aparecia, mas pelo tom moreno da pele e pela pança peluda sem dúvida era o próprio Bhola. As cenas eram bem detalhadas.

Tão explícitas que fiquei pasma. A outra fita da banheira parecia coisa da Disney em comparação com essa.

A fita deixou algumas coisas claras para mim. Primeiro, que Ram Dulari estava bem viva. E a segunda, que ela estava mancomunada com o Bhola. Como uma virgem ingênua tinha se transformado numa furiosa ninfomaníaca ainda era um mistério para mim, mas sua traição me atingiu ainda mais que a do Bhola.

Bhola e Ram Dulari, que time! Eram os Bonnie e Clyde da era moderna, os Bunty e Babli da vida real, sempre fugindo, aterrorizando a cidade, trapaceando, transando, fazendo qualquer negócio para conseguir seus sessenta milhões. E me obrigando a pagar a conta.

Por um bom tempo fiquei simplesmente sentada na cama, paralisada. Depois comecei a pensar nas alternativas que eu tinha. A fita da banheira me pegou, mas essa agora tinha Ram Dulari no papel principal. Eu não podia ser culpada pelos atos da minha doppelgänger. Se eu procurasse a polícia e Bhola divulgasse essa fita, o que de pior poderia acontecer? Pelos últimos exemplos, a fita rodaria o mundo pela internet e acabaria por fim no ciberespaço, como um arquivo permanente para aliviar os viciados em pornografia.

Comecei a pensar em Pamela Anderson e Paris Hilton. Pensei nos quilômetros de propaganda gratuita que eu conseguiria, nas rendas milionárias. Eu me tornaria a atriz indiana mais famosa do mundo, atingiria o topo das paradas com um único filme de sucesso escuso. E depois, é claro, convenientemente, poderia jogar toda a culpa em cima de Ram Dulari!

Não, não e não. Isso estava errado. O que eu tinha na cabeça? Aqui é a Índia. Aqui, mostrar o umbigo na tela é considerado exposição indecente. Aqui, uma mulher de biquíni é motivo de passeata nas ruas. E como eu poderia provar que aquela mulher na fita não era eu? Principalmente depois da divulgação da fita da banheira “original”.

Eu devia pensar na polícia. Nos tribunais. Na cadeia. Nos protestos da Associação da Moral e Bons Costumes.

Pensar nas minhas fotos sendo queimadas, meus pôsteres sendo rasgados. Pensar que seria queimada pela indústria do cinema. Pensar que seria o fim da minha carreira.

Merda!

Pense, droga. Pense apenas. PENSE.

20 DE MARÇO

O telefonema pelo qual esperei durante quatro anos aconteceu hoje.

Eram exatamente nove e vinte da noite quando o telefone tocou e uma telefonista entediada me perguntou se eu era Shabnam Saxena. “Sim, sou eu, Shabnam Saxena”, falei.

“Por favor, então atenda. É uma ligação para você”, ela disse com voz monótona, ignorando por completo o fato de que havia acabado de falar com uma das maiores celebridades da Índia.

“Beti, aqui é a mãe. Estou ligando de um telefone público”, ouvi a voz fraca da minha mãe dizer e meu coração quase saiu pela boca.

A ligação estava muito ruim, mas senti na hora que ela não tinha ligado para me desejar feliz aniversário. Era um pedido de ajuda. A mãe implorou que eu voltasse imediatamente para Azamgarh. “Aconteceu uma tragédia”, ela disse. “O seu pai está no hospital, quase morrendo. Não posso falar nada no telefone. É só para você vir, minha filha.

Venha.”

“Sim, mãe”, falei, lutando para não chorar. “Estou indo.”

21 DE MARÇO

Estou de volta a Azamgarh, a cidade onde nasci. Peguei um voo de Mumbai a Varanasi e dali percorri os últimos noventa quilômetros de táxi. Para não ser reconhecida e parada na rua, vesti uma burca por cima da calça jeans.

Lucknow mudou muito em três anos, mas Azamgarh continua a mesma depois de sete. O mesmo esgoto a céu aberto e abarrotado de gente e casas caindo aos pedaços e favelas decadentes. Estradas esburacadas. Lixo jogado em cada esquina. Bueiros entupidos e vazando água. Vacas vagando livremente pelo caminho. Cartazes de políticos com seus sorrisos postiços e de mãos postas

decorando cada espaço vazio.

Kurmitola, onde fica a casa da nossa família, virou uma montruosidade claustrofóbica. Suas ruas estreitas costumavam ser ocupadas por riquixás e bicicletas, mas agora são repletas do barulho das buzinas e das freadas dos pneus. Os pombos voam das varandas das casas absurdamente arruinadas. Outdoors descascados anunciam filmes e clínicas para problemas sexuais. Artesãos habilidosos em roupas puídas trabalham em edifícios decrépitos. Velhos encarquilhados fumam antigos narguilés nas calçadas imundas, parecendo relíquias abandonadas de um passado esquecido.

Não tive dificuldade para encontrar minha casa, na beira de um campo onde as crianças jogavam críquete e futebol. Bati na porta gasta pelo tempo e a mãe abriu. Ela me pareceu envelhecida, mais grisalha do que nunca. Nós nos abraçamos, choramos um pouco, depois ela me fez sentar num catre baixo que rangeu com meu peso, no quintal octogonal onde Sapna e eu costumávamos pular amarelinha, e me contou o motivo de ter me chamado de volta a Azamgarh.

Há dois dias, Sapna foi sequestrada quando voltava da faculdade. Ela foi levada para uma casinha em Sarai Meer, um famoso lugar fora da cidade, conhecido por seus criminosos. Lá o sequestrador tentou estuprá-la, mas Sapna conseguiu tirar a arma dele e acabou matando o sujeito com um tiro.

Ela voltou para casa depois de algumas horas, mas o Bhabuji acabou sofrendo um ataque cardíaco quando soube o que tinha acontecido. Agora ele está no hospital e Sapna está trancada em casa, com medo de que a polícia venha a qualquer momento para prendê-la por assassinato. Desesperada, a mãe recorreu a mim como último recurso.

Enquanto ela me contava tudo isso, fiquei segurando sua mão, ouvindo sua voz fraquejar.

“Sua irmã voltou para casa tremendo feito vara verde”, ela continuou. “Eu não consegui olhar nos olhos dela, de tanta dor que ela estava sentindo. Os desmandos nesta cidade aumentaram tanto que nenhuma moça se sente mais segura. Bem, o que você espera de um lugar cujo ministro é um criminoso? O seu Bhabuji ainda não admite, mas uma coisa eu lhe digo, beti, você fez a coisa certa indo para Mumbai. Eu só queria que você tivesse levado sua irmãzinha

com você. Aí nós não teríamos que passar pelo que estamos passando.”

“Mãe, infortúnios acontecem, não é certo, nem errado. A gente não tem controle sobre isso.”

“Você tem razão, beti. O que tem que acontecer, uma hora acontece.”

“Cadê a Sapna?”

“Ela está enfiada no quarto de despejo e se recusa a sair. A coitada não come nada há dois dias. Quem sabe ela ouve você.”

Eu me lembrava que o quarto onde guardávamos as malas era o cômodo mais escuro da casa. Não tinha janelas e o ar lá dentro era pesado e sem vida, irradiando aquele cheiro de mofo, poeira e madeira úmida. Era o esconderijo perfeito quando Sapna e eu brincávamos de esconde-esconde, mas nenhuma de nós aguentava ficar lá dentro mais do que dez minutos. Agora Sapna se enfiara ali e já fazia dois dias.

Subi correndo a escada até o quarto e bati na porta, cuja pintura descascava em tiras da madeira. “Sou eu, Sapna.

Abra.”

Houve um breve silêncio, e então Sapna abriu a porta e caiu nos meus braços. Parecia pálida e abatida, com olheiras escuras. Deu-me um abraço apertado, seus dedos cravados na minha coluna, procurando as saliências familiares da infância no território das minhas costas. Então caiu no choro, seu corpo frágil convulsionando em soluços. Suas lágrimas correram livremente até não restar nenhuma. Fiz um carinho em sua cabeça e, em silêncio, compartilhei sua angústia. De tanto eu insistir, por fim ela aceitou comer. Depois fomos ao hospital visitar o Bhabuji, Sapna também vestida com uma burca preta igual à minha.

O quarto da UTI era escuro e tranquilo. Minha irmã mais velha, Sarita, estava lá, sentada numa cadeira com a mesma expressão incomodada da última vez que a vi, o olhar de uma mulher malcasada com três filhos desobedientes. Ela me abraçou mais afetuosamente do que eu esperava. Nunca fomos tão íntimas, mas talvez minha fama tenha encurtado a distância.

Bhabuji estava deitado numa cama de metal com um lençol verde, respirando por um tubo. Ele deu uma encolhida desde a última vez que nos vimos. A velhice marcou as rugas do seu rosto e as veias das mãos; a doença só fez aprofundá-las. Seu cabelo estava mais ralo, abrindo áreas de calvície. De vez em quando ele roncava em seu sono.

Eu já fiz muitas cenas assim no cinema — a filha dedicada no leito de morte do pai, mas quase tinha me esquecido do cheiro antisséptico de um hospital de verdade. O bipe constante do monitor cardíaco ecoava pelo quarto como um sinal de rádio vindo do espaço. Ouvi o som sibilante e pneumático e o sopro do ventilador mecânico, fiquei observando o ritmo do eletrocardiograma no visor de fósforo verde e senti uma leve onda de alívio.

Um médico de óculos e jaleco branco entrou no quarto e conferiu a ficha ao pé da cama.

“Ele está melhorando, doutor?”, perguntei.

O médico ficou visivelmente surpreso ao ser questionado em inglês por uma mulher de burca. “Está. Ele está se recuperando muito bem. Mas precisamos fazer o acompanhamento de perto por mais três dias.”

“Por favor, dê a ele o melhor tratamento possível. Dinheiro não é problema.”

Achei engraçado dizer isso, porque o dinheiro claramente era um problema. Estou atolada em dívidas e sem um centavo no banco. Mas quando se está lidando com algo tão primitivo como assassinato, preocupações com dinheiro começam a perder o sentido.

Assim que o médico saiu, peguei na mão da Sapna. “O Bhabuji vai ficar bom. Agora me leve até Sarai Meer. Na casa onde aquele homem levou você.”

Ela arrancou a mão da minha. “Não, didi. Não vou aguentar voltar para aquele lugar.”

“Mas você precisa, Sapna”, implorei. “Preciso sumir com todas as provas de que você esteve naquela casa.”

“Não posso olhar para aquele homem outra vez, nem para ele morto.”

“Eu juro, só vai levar dez minutos.”

Depois de muita persuasão, Sapna concordou em me levar a Sarai Meer. Quando o riquixá passava pelos lugares marcantes da nossa infância e juventude, lembranças de outros tempos vieram até mim num mesmo fluxo. Lembrei-me das tardes livres passadas tomando raspadinha doce do vendedor em frente ao Inter College, de faltar à aula para ir ao Delight Cinema, das expedições para ver vitrines em Asif Ganj, das deliciosas chamuças da Nathu Sweets em MG

Road.

Sapna pediu ao motorista que parasse em frente ao principal mercado de Sarai Meer. Dali continuamos a pé até nosso destino.

Aquela era um área predominantemente muçulmana, mas não havia muitas mulheres de burca andando por ali.

A maioria das casas eram barracos desmazelados. Roupas secando nas janelas, fios de TV a cabo amarrados em todos os telhados. Espiei os armazéns escuros e farmácias iluminadas, minúsculas locadoras de filmes e cabines telefônicas que haviam brotado por ali como cogumelos. O aroma de carne recém-cozida subia das bancas enfumaçadas de comida.

Sapna se agarrava a mim como uma menina náufraga se agarra a uma prancha de madeira. Eu sentia seu desespero pelo modo como suas unhas se cravavam na minha pele e sabia que minha irmãzinha havia perdido sua inocência. Para ela, o mundo familiar de Azamgarh subitamente se tornara estranho e cruel, e eu era seu único refúgio.

O que Bhola havia feito comigo não era nada se comparado ao que havia acontecido com ela. Eu pagara o preço da fama, mas ela pagara o preço da puberdade, do simples fato de ser mulher numa cidade cheia de homens lascivos.

Como disse a mãe, nenhuma menina se sentia segura naquela cidade. Até mesmo uma criancinha de três anos poderia ser estuprada e mutilada por pervertidos que vagavam pelas ruas abandonadas. Eu odiava aqueles desgraçados que haviam negado à minha irmã até mesmo a felicidade feminina de ir à feira.

Sapna parou numa longa viela junto ao domo verde e o minarete solitário de uma mesquita que se via à distância, e olhou furtivamente para a esquerda e para a

direita. O pungente chamado de uma azaan de repente cortou o ar, anunciando aos fiéis que era hora de rezar, e um bando de pombos surgiu no céu cinzento, vindos da borda do minarete. Um mar de adoradores barbados passou a caminho da mesquita.

Esperamos até que a multidão diminuísse; então Sapna me levou pela viela de paralelepípedos até uma casa térrea com uma porta comum. A porta estava destrancada e entramos num pátio com uma goiabeira seca no centro.

Atravessando o quintal, chegamos a outra porta com fechadura de metal. Sapna cobriu o rosto com as mãos enquanto eu abria a porta com cuidado. Um enxame de moscas e o fedor de carne apodrecendo me invadiu as narinas.

Entrei num pequeno quarto com ventilador no teto, uma cama de madeira com colcha verde, uma mesa, com uma chaleira de água e uma garrafa aberta de rum em cima e um armário. Não havia calendário nas paredes nuas, nenhuma foto ou pertences pessoais de qualquer tipo. Era um quarto sem memória, um lugar impessoal para encontros.

O homem jazia de bruços no chão de pedra, vestido de kurta branca. Era bem alto, bem pesado e estava bem morto. Ao lado do corpo, estava a pistola de acabamento preto fosco.

Ver um cadáver de perto pode ser bastante desagradável, especialmente se ele já começou a apodrecer. Afastei o véu, tapei o nariz e peguei a arma. Era uma Beretta 3032 Tomcat, compacta e leve. “Foi essa a arma que você usou?”

Sapna concordou com a cabeça, trêmula. “Ele disse que sabia que eu era sua irmã. Ele ficava falando isso sem parar: ‘Ninguém consegue pegar a Shabnam, mas pelo menos eu posso dizer que peguei a irmã’.” Um soluço cortou sua voz e novamente peguei sua mão. Eu também era culpada, cúmplice no crime daquele desgraçado.

“Eu tenho que ver a cara dele”, falei.

“Eu não”, gemeu Sapna.

“Vem, me ajuda”, agarrei o homem pela cintura e tentei virá-lo. Ele parecia uma pedra enorme e inerte e tive que apoiar minha perna no seu quadril e empurrar com toda a força até conseguir deitá-lo de costas. Minha boca se encheu de bile

quando vi seu corpo todo inchado. Seu estômago havia se dilatado como um balão de gás e mãos e

pés estavam duros como cimento. Algum tipo de secreção havia vazado pela boca, pelos olhos e orelhas e endurecido na forma de uma substância grudenta parecida com muco. A pele ficou azul-esverdeada, parecendo de cera. Seu rosto estava quase irreconhecível devido ao inchaço grotesco e os olhos tinham afundado dentro das órbitas. Tudo o que dava para ver era que ele tinha um rosto largo e escanhoado, desfigurado por várias marcas, talvez restos de alguma doença de criança. Sua orelha esquerda exibia um corte profundo, como se alguém tivesse usado uma faca.

E no meio de sua testa havia o pequeno furo em forma de disco onde a bala havia entrado. Surpreendentemente, havia muito pouco sangue.

“Você faz ideia de quem é ele?”, perguntei a Sapna, respirando pela boca.

“Não, didi. Nunca o tinha visto antes. Ele me pegou por trás quando eu estava saindo da faculdade e me empurrou para dentro de um táxi. Pelo menos vinte alunos me viram sendo sequestrada, mas ninguém ousou avisar a polícia.”

“Alguém viu você quando ele a trouxe aqui?”

“Não sei. Ele me amarrou e me amordaçou. Acho que desmaiei e acordei já aqui nesta casa.”

“Você... lutou?”

“Lutei. Ele pediu para eu tirar a roupa. Quando eu disse que não, ele me atacou, segurou na minha kameez e rasgou ao meio. Foi quando eu vi a arma embaixo do travesseiro e peguei. Ele pulou em cima de mim feito um touro enlouquecido e a arma disparou. Eu juro, didi, eu não tinha intenção de matar. Eu só queria me livrar dele.”

“Os vizinhos não ouviram o disparo?”

“Devem ter ouvido, mas aqui em Sarai Meer isso é comum, ninguém liga.”

“E como você foi embora com a kameez rasgada?”

“Peguei um kurta dele no armário, corri para a estrada principal e peguei um riquixá motorizado para casa.”

Eu imaginei a cena na minha cabeça, depois fui até o armário e o abri. Tinha algumas camisas e uma calça penduradas num cabide de metal. Todas as prateleiras estavam vazias, mas quando olhei no fundo do armário encontrei uma sacola de lona preta enfiada num canto embaixo da última prateleira. Tirei-a para fora e abri o zíper.

Estava cheia de maços de notas novas de cem rupias.

Os olhos da Sapna se arregalaram ao ver o dinheiro. “Oh, didi, quanto você acha que tem aí?”

“Não sei. Mas pelo menos sete ou oito lakhs”, eu disse. “Vamos descobrir quem é esse desgraçado.” Vasculhei nos bolsos da kurta do cadáver e encontrei uma carteira velha de couro preto e um celular Nokia azul comum. A carteira tinha 3325 rupias e algumas moedas, mas nenhum pedaço de papel que pudesse identificá-lo. Tentei o celular. Estava morto também. Provavelmente precisava ser recarregado.

“Tudo bem, vou começar a sumir com as provas da sua visita”, falei, e nos trinta minutos seguintes limpei cada centímetro do quarto com um lenço, para ter certeza de que não haveria nenhuma impressão digital. Limpei a arma também e a coloquei na sacola de lona. Quando ergui a sacola, achei que estava bem pesada.

“O que você está fazendo, didi?”, exclamou Sapna. “Você vai roubar este dinheiro?”

“Nós precisamos deste dinheiro mais do que ele”, falei, jogando a carteira dentro da sacola.

Fechamos a porta do quarto como antes, limpamos a maçaneta, atravessamos o pátio e saímos na viela. Assim que pisei na rua, um barbudo de pathan cinza apontou para mim. “Aquela não é a Shabnam Saxena?”, ele perguntou ao seu companheiro de roupa parecida, que me encarou boquiaberto.

“É, sim. É a Shabnam. A SHABNAM ESTÁ AQUI!”, ele berrou a plenos pulmões.

“Merda!”, xinguei baixinho quando notei que havia esquecido o véu levantado. Agarrei o braço da Sapna e comecei a andar depressa, quase correndo, até a saída da viela, levando a sacola pesada comigo. Por sorte um riquixá motorizado estava passando e pulei dentro dele, empurrando a Sapna, e o motorista assustado deixou o motor morrer. “Vamos para Kurmitola. Depressa. Pago quinhentas rupias.”

O motorista deu outra vez a partida e disparou sua lambreta gloriosa como se fosse James Bond.

*

Contamos o dinheiro hoje à noite. Dez lakhs. Dei o dinheiro para a mãe. Ela precisa mais do que eu. Mas a Sapna ainda estava inconsolável. “Agora eu envolvi você também, didi. A polícia vai pegar você”, ela chorava.

Agarrou-se a mim como uma filha e dormimos no quarto do Bhabuji, mas quando me levantei mais tarde para pegar um copo d’água, vi que ela não estava. Encontrei-a no banheiro, sentada no chão molhado, tentando cortar os pulsos com a lâmina de barbear do Bhabuji.

“O que você está fazendo, Sapna?”, gritei e arranquei a lâmina de seus dedos trêmulos. Todo o seu corpo se agitava como se ela estivesse com uma febre violenta. Ajudei-a a voltar para a cama, e me deitei de novo com ela, cobrindo-nos até a cabeça com seu cobertor pesado, protegendo-a tanto do frio quanto de ouvir os meus soluços.

Foi dentro daquele casulo escuro do cobertor, enquanto ouvia o coração da minha irmãzinha bater abafado, que tive minha primeira verdadeira epifania. Com uma clareza assustadora, a impermanência da vida, a transitoriedade da fama e o verdadeiro sentido da família me foram revelados. Vi a gravidade do apuro da Sapna e a causa da sua angústia tão comovente, e resolvi naquele instante que não importava o que acontecesse, eu protegeria minha irmã.

Mesmo que isso significasse levar a culpa pelo assassinato.

Ao mesmo tempo, lembrei-me das palavras da Barkha Das — como os ricos e famosos manipulavam as leis e se livravam das acusações de assassinato — e desejei ter mais um trunfo na manga que pudesse nos livrar de todos aqueles problemas, um aliado poderoso. Alguém que pudesse sumir com aquele cadáver

e resolver tudo com rapidez. E foi então que me ocorreu uma coisa. Eu conheço essa pessoa. Ele é produtor de cinema nas horas vagas, eventualmente assassino e um garanhão vinte e quatro horas por dia. E o mais importante, ele é filho do ministro de Uttar Pradesh, que controla toda a força policial do estado. Seu nome: Vicky Rai.

22 DE MARÇO

Liguei para ele do meu celular. Por sorte não estava ocupado.

“É você mesmo, Shabnam? Espero que o meu identificador de chamadas não esteja maluco.”

“Vicky, preciso da sua ajuda.”

“Já sei: finalmente você percebeu que quer ganhar o National Award?”

“Não. É muito mais grave.”

“É mesmo? Você matou alguém? Brincadeirinha. Ah!”

“Não posso falar pelo telefone. Preciso encontrar você.”

“Bem, eu estou louco para ver você já faz tempo.”

“Pode ser hoje?”

“Hoje? Não, hoje não é um bom dia. Por que você não vem amanhã? Vai direto para o Número 6.”

“Número 6?”

“É. É a minha casa de campo em Mehrauli. Todo taxista de Délhi conhece. Amanhã à noite eu vou dar a maior festa do planeta. Comemorando a minha liberdade.”

“Eu preciso falar com você em particular. Não numa festa.”

“A gente vai se falar em particular, querida, mas depois da festa.”

“Mas você precisa jurar que vai me ajudar.”

“Claro, eu juro. O que você quiser. Mas a minha ajuda tem preço.”

“Eu estou disposta a pagar.”

“E não é só ter você como estrela do meu filme, Plano B.”

“Eu sei muito bem do que você está falando, Vicky.”

“Ótimo. Então nos vemos amanhã, 23 de março, oito da noite, no Número 6.”

“Certo, até amanhã.”

“Só mais uma coisa, Shabnam.”

“O que foi?”

“Vista alguma coisa sexy, O.k.?”

Então é isso. Os dados foram lançados. Recusei dormir com um príncipe, mas concordei em dormir com um assassino. O amor entre irmãs conseguiu o preço máximo. E vou pagar de livre e espontânea vontade.

Peguei a Beretta do morto, apertei o botão e ejetei a cápsula vazia. Já usei muitas armas no cinema e as conheço bem. Ainda restam seis balas. Pus a cápsula de volta e cuidadosamente guardei a pistola na minha bolsa.

Vou à casa de um assassino; o mínimo que posso fazer é me garantir. Meu próprio Plano B.

PROVAS

Não existem fatos, só interpretações.

Friedrich Nietzsche, Aurora

14. Restauração

Mohan Kumar olha para seu relógio e enfia a mão no bolso da kurta, sentindo o metal frio da pistola. No mesmo instante ele se lembra da missão que está aqui para cumprir.

Já se passou uma hora desde que ele adentrou os portões do Número 6. A forte presença policial do lado de fora da casa de campo foi uma surpresa para ele. Mas por sorte não houve revista com detector de metal para quem chegava com o convite.

Vicky Rai o cumprimentou do seu jeito pomposo de sempre. “Olá, Kumar — ou deveria dizer Gandhi Baba?

Fico feliz que você tenha vindo.” A hostilidade entre eles pairava no ar feito uma neblina. Por um breve momento ele flertou com a ideia de atirar nele ali mesmo, naquele segundo, mas suas mãos ficaram suadas de repente e seu coração começou a palpitar perigosamente, e ele escapou calado para o jardim.

Sua mente vinha lhe pregando peças aquela noite, fortalecendo sua decisão num momento, para em seguida fraquejar. Ele vem oscilando entre a segurança e o desespero. E as coisas não melhoram com os desconhecidos que o distraem o tempo todo. Abordam-no a todo minuto, ora para cumprimentá-lo por seu desempenho como Gandhi Baba, ora para pedir algum favor. “Você merecia o Nobel da Paz, Gandhi Baba”, dizia um. “Você poderia participar do Encontro de Lideranças Mundiais agora em julho?”, pedia outro. Ele sorri para eles, enquanto por dentro sua angústia só faz crescer. Ele quer acabar com isso, rápido.

Para tirar o assassinato da cabeça, tenta se concentrar na mecânica do ato. A festa é bem maior do que ele imaginava — devem estar ali pelo menos quatrocentas pessoas espalhadas pelos gramados do Número 6, e mais outras cem dentro da casa —, e ele terá que atirar em Vicky Rai na frente de todos esses convidados. Isso não o intimida. Ao contrário, ele gosta da ideia de uma execução pública. Será uma boa lição para todos os Vicky Rais do futuro. Ele toca novamente a coronha da Walther PPK e sente a força que ela passa para sua mão.

Ele vai até o mirante, tentando encontrar o melhor ângulo. A piscina está toda iluminada, a água azul e fresca brilha feito vidro sob os holofotes. Uma garota de biquíni azul de repente pula na piscina, respingando água nele.

Quando ele passa a mão em seu colete khadi para tirar as gotas, um flash dispara em seu rosto, ofuscando-o momentaneamente. Ele perde o equilíbrio, e está quase caindo na piscina quando alguém o pega pelo braço e o reequilibra. Por alguns segundos vê tudo preto. Quando a visão clareia, ele pisca diante de seu

benfeitor. É um garçom de barba vestido de vermelho e preto. “Obrigado”, murmura, ainda confuso. Ele precisa ser mais cuidadoso, lembra a si mesmo.

Há muita gente em volta da piscina, bebendo vinho e dançando ao som da música. Todo mundo com menos de vinte e cinco anos, e ele se sente velho e deslocado. Está prestes a sair dali quando uma garota escultural num vestido colante se aproxima dele, caminhando como uma modelo profissional na passarela. “Gandhi Baba, que bom encontrar você”, ela diz numa voz arrastada, fazendo piruetas sensuais na frente dele. Ele sente o cheiro de álcool no hálito dela. “Meu nome é Lisa. Estou na Índia para fazer uma sessão de fotos do Kama Sutra. Eu poderia ensinar umas posições interessantes para você.” Ela ri e tenta beijá-lo.

“Ram, Ram”, ele diz e recua apressado. Nisso, tromba com um garçom que está indo ao bar com seis garrafas de uísque numa bandeja. A bandeja cai das mãos do garçom e as garrafas se espatifam no chão de pedra. O ar fica impregnado com o cheiro do álcool. A exalação é tão forte que ele começa a ficar tonto. Sai tropeçando da beira da piscina, sentindo-se enjoado e estranhamente avoado. Desce cambaleando pelo gramado, indo para mais longe da

multidão.

Quando se dá conta, está bem no meio de um bosque, aonde não chegam as luzes do jardim. A lua é um gigantesco disco branco acima da copa das árvores, sua luz de giz é a única iluminação do bosque escuro. Ele ouve o murmúrio constante de uma cachoeira a alguns metros dali, mas perto dele o único som é o de sua própria respiração pesada. Ele está um pouco ofegante de tanta agitação. Alguma coisa está acontecendo em seu cérebro, algum tipo de reação química. Sua cabeça vai se transformando em um caleidoscópio de pensamentos e imagens cambiantes. Velhas lembranças reprimidas voltam à tona, uma neblina está se dissipando, mas apenas parcialmente.

Seu pé topa com alguma coisa. A princípio, um rangido e o estalo de um galho partido, e depois um discreto som sibilante. Olha para baixo e vê uma serpente no chão, e pelo formato da cabeça larga ele sabe que é venenosa.

Está parada logo acima de sua perna direita, e sua língua escorregadia entra e sai pela boca. Ele trava e o sangue para de correr por suas veias.

A cobra ergue a cabeça, preparando o bote. Vou morrer, ele pensa. Nisso, ouve

outro galho partido e de repente uma mão agarra a cabeça da serpente e tira a cobra do chão. Ela se contorce um pouco e depois é atirada longe.

“Quem... quem é você?”, ele pergunta, tentando enxergar na escuridão prateada.

Uma sombra se move e um estranho rapaz dá um passo à frente. Está vestindo uma camisa branca e calças pretas, com um boné vermelho da Gap na cabeça e uma sacola preta pendurada no ombro. Sua pele é tão negra que ele some no escuro, mas seus dentes brancos brilham como archotes. “Meu nome é Jiba Korwa, de Jharkhand”, ele diz.

“O que está fazendo aqui?”

“Esperando.”

“Obrigado. Você salvou minha vida.”

“E quem é você?”

“Meu nome Mohan... Mohandas... Karam... Kumar. Não, não — não é isso... Deixe-me dizer de novo. Meu nome é Mohan Kumar. Isso. E eu odeio cobras.”

“Eu já tirei a cobra, mas você ainda está apavorado.”

“Como você sabe?”

“Eu sinto o cheiro do seu medo. É por causa da sombra?”

“Que sombra?”

“A sombra que segue você como um cão, como a lua. O embekte.”

“Embekte? O que é isso?”

“Todo homem tem dois espíritos — eeka e embekte. Quando o homem morre de causa natural, como uma doença, ele vira eeka e vai morar embaixo da terra. Mas quando o homem morre de repente, quando é assassinado, então o outro espírito, embekte, sai e tenta encontrar um novo corpo. Esse espírito se abriga temporariamente em qualquer corpo vivo que encontra. É o que vocês chamam de fantasma. E um fantasma pegou o seu corpo.”

“Oh, meu Deus, e você consegue vê-lo?”

“Não, eu não consigo ver. Só vejo a sombra dele. É um espírito bom ou mau?”

“Muito mau. Ele me obriga a fazer as coisas mais estranhas. Você pode... pode fazer alguma coisa a respeito?”

“Posso.”

“Os médicos dizem que estou sofrendo de múltipla personalidade, mas sei que é uma possessão. Preciso de um exorcista, não de um psicoterapeuta. Você sabe como tirar esse espírito?”

“Sei. Eu sou meio torale. Sei tirar a sombra.”

“Então tire. Eu quero a minha vida de volta. Em troca, eu lhe dou o que você quiser.”

“Você pode me dar algum dinheiro?”

“Quanto?”

“Duas vezes nove mil.”

“Dezoito mil. É um bocado de dinheiro. Para que você quer tanto dinheiro?”

“Para comprar as passagens para voltar a minha aldeia.”

“Vamos fazer um acordo. Se você me curar, o dinheiro é seu.”

“Então deite aí.”

“Aqui, no chão?”

“Sim. E tire a camisa. Preciso passar argila vermelha no seu peito e no seu rosto.”

“Agora que você salvou minha vida, como posso desobedecer?” Ele tira a kurta, o colete e se deita no chão duro, sem ligar para as formigas que sobem por suas pernas e os galhos que cutucam suas costas.

O nativo abre o zíper da sacola de lona preta e tira um pouco de argila vermelha, que mistura com a gordura de porco. Depois desenha um ziguezague fino no peito de Mohan Kumar e traça algumas linhas horizontais em seu rosto.

“O que está fazendo?”, diz Mohan preocupado.

“Estou invocando os espíritos que vão tirar o embekte. Agora feche os olhos e não diga nada.”

O nativo tira o amuleto de ossos e o coloca no pescoço de Mohan. Então, com a mão esquerda na cabeça de Kumar, e segurando um ossinho branco na direita, começa a cantar, balançando para trás e para a frente num movimento circular, cada vez mais depressa.

Mohan sente uma dor fortíssima, como se um saca-rolhas estivesse girando dentro de seu cérebro. Ele geme de dor, sentindo a pele ser arrancada. E depois desmaia.

Quando abre os olhos, o nativo ainda está sentado ao seu lado, olhando intensamente para ele.

“Acabou?”, Mohan pergunta.

“Acabou. Tirei o embekte do seu corpo.”

Mohan pressiona as têmporas e sente que a dor passou. Ele se sente limpo, completo. Senta-se e começa a se vestir. “Você fez uma coisa que ninguém mais conseguiria fazer. Aquele espírito estava me causando muitos problemas, mesmo sendo de um homem muito famoso.”

“Homem?”

“Sim, o espírito que se apoderou de mim era do Mohandas Karamchand Gandhi. Com certeza você deve ter ouvido falar dele. Não?”

“Não, você está enganado. Não foi um homem se apoderou de voê, foi uma mulher.”

“Mulher? Como você sabe?”

“Eu falei com o espírito. Era um espírito muito teimoso.”

“Qual era o nome dela?”

“Ruby Gill.”

“Ruby Gill!”, Mohan exclama. Ele sente o volume da pistola no bolso de sua kurta e fica pensativo. “Então todo esse tempo era Ruby Gill me conduzindo, fingindo ser o Mahatma Gandhi... Agora as coisas começam a fazer sentido.”

O nativo puxa sua manga. “Você vai me dar o dinheiro?”

“Sim, sim, claro.” Ele abre uma carteira preta de couro e tira um bolo de notas de mil. “Você pediu dezoito.

Estou lhe dando vinte. Com isso você compra até uma passagem para Londres.” O nativo aceita o dinheiro e se inclina em gratidão.

“Você é muito bondoso.”

Mohan Kumar esfrega o rosto com um lenço, tirando a argila vermelha. De pé, ele limpa o dhoti. “É a última vez que eu uso essa roupa idiota.”

Ele sai do bosque para o gramado e olha no relógio. Faltam quinze para as onze. A festa parece estar pegando fogo. Ainda há pelo menos uma dúzia de garotas na piscina e o bar está lotado de convidados. Ele caminha rapidamente até o mirante.

“Você tem Chivas?”, ele pede ao barman, que confirma. “Então me dê um duplo, puro.”

Ele toma o uísque de um gole só, enxuga a boca com a manga da kurta e pede outro. Vendo o diretor da Rai Têxtil, dá um tapinha jovial em suas costas. “E então, Raha, como vão as coisas?”

Raha se vira, ajusta os óculos de aro de aço e fica surpreso ao ver Mohan Kumar. “Não esperava encontrá-lo aqui, senhor Kumar”, diz friamente.

“O que passou, passou, Raha. Eu estava com problemas de saúde, mas estou curado agora. Na verdade, vou explicar tudo ao Vicky. Você o viu por aí?”

“Ele acabou de entrar na casa com a Shabnam Saxena.”

Mohan enxuga seu segundo copo e começa a caminhar em direção à casa. A modelo loira que tentara beijá-lo está no caminho, bebendo o que parece ser um daiquiri de morango. “Oh, Gandhi Baba, você voltou”, ela murmura.

Ele sorri para ela. “Sim, voltei. E estou a fim de experimentar um pouco de falsidade. Quando você quer começar?”

Ela fica bem perto dele. “Que tal agora mesmo?”

“Primeiro preciso resolver algumas coisas. Mas quem espera sempre alcança”, ele pisca e belisca seu traseiro.

Ela dá um gritinho.

15. Aquisição

“Ei! Meu nome é Rick Myers”, me apresentei, me sentindo tão pouco à vontade no terno Armani que comprei em Connaught Place quanto um elefante de cueca.

O anfitrião, também de terno preto e gravata roxa, me agarrou num abraço de urso como se fosse um irmão desaparecido havia séculos. Tive receio que ele pudesse sentir a Glock no bolso do meu paletó. “Bem-vindo ao Número 6”, ele disse. “A Lizzie me disse que você viria.” Olhando bem para mim, ele coçou o queixo. “A gente já não se conhece de algum lugar, senhor Myers?”

Eu tinha reconhecido a cicatriz do lado esquerdo do rosto dele. Era o hombre que tinha me mandado embora da central de atendimento. “Duvido”, falei. “Peguei esse nome ontem.”

“Ontem? Como assim?”

Tentei consertar. “Quer dizer, cheguei ontem ao seu país. De modo que as chances de você me conhecer são de zero vezes zero, e um dos zeros nem deu as caras.”

“Eu gostei mesmo do seu senso de humor, senhor Myers. Somos do mesmo time — produção de cinema.

Quem sabe não fazemos negócio?” Ele apontou para o homem que estava ao seu lado. “Quero apresentá-lo ao meu pai, senhor Jagannath Rai, ministro de Uttar Pradesh.”

O sujeito era um touro, rosto redondo e bigode grosso, enrolado para cima. Ele juntou as duas mãos num cumprimento, me parecendo seboso como banha de porco.

Entrei no jardim e fiquei besta de ver como era grande e bonita aquela casa de campo. A casa de três andares era toda de mármore, tinha um gramado do tamanho de três campos de beisebol, uma piscina do tamanho do lago Waco, um templo e um mirante todo iluminado como no Quatro de Julho. Lá longe dava para ver até uma floresta.

O lugar era maior que a mansão do governador em Austin, mas eu não conseguia entender por que diziam que era uma casa de campo. Não tinha nenhum campo ali, nem criação nenhuma, nem roça nem nada.

Tinha gente a dar com o pau no gramado. E todos pareciam magnatas, de tanta joia que usavam. Uma música alta vinha das caixas de som. Garçons passavam levando todo tipo de guloseimas. Lembrei o que a Lizzie tinha dito e resolvi dar uma olhada para ver se algum daqueles caras da Al-Qaeda estava por ali. Espiei na floresta, atrás das árvores, e foi aí que vi um homem de terno azul espreitando o gramado, perto do muro, com um pacote na mão. De repente me senti um agente do FBI de verdade. Comecei a segui-lo como o Mel Gibson atrás dos vilões no Máquina mortífera. Eu estava só esperando a hora de enfrentar o cara com a minha arma quando ele entrou no templinho que ficava no canto do jardim. Vi quando ele juntou as mãos e abaixou a cabeça na frente dos deuses indianos. Parecia que tinha vindo só rezar.

Desapontado, resolvi pegar uma bebida e fui até o mirante onde ficava o bar. Perto da piscina tinha um grupo de jornalistas armados de câmeras e flashes tirando fotos de umas coisinhas lindas que ficavam fazendo poses como estrelas de cinema no tapete vermelho. Na mesma hora comecei a procurar a Shabnam. Um fracote com uma câmera na mão e um tique nervoso no olho me abordou: “Com licença, você não é o Michael J. Fox?”.

“Não”, falei. “Meu nome é Rick Myers, sou produtor de Hollywood.”

No momento em que falei isso, as garotas me cercaram. Começaram e me

encher de perguntas.

“Você está fazendo algum filme na Índia?”

“Você não poderia me dar um papel?”

“Você me leva com você para Hollywood?”

A última vez que fui cercado por tantas garotas foi na terceira série, quando todas vieram olhar o meu bigulim. A srta. Henrietta Loretta tinha dado para a gente uma prova nova chamada QI e eu fui besta de apostar com a Betsy Walton que eu tirava mais que ela. Nós dois éramos da turma do fundão, mas eu me achava mais inteligente que ela.

No final, eu tirei 48, mas ela foi melhor que eu e tirou 50. Então tive que abaixar a calça na frente da classe toda, e foi a experiência mais constrangedora da minha vida.

Pois então, eu estava tentando dar um jeito de me livrar daquelas gatas malucas, quando ouvi um fuzuê no bar.

Um garçom tinha deixado cair uma bandeja cheia de bebidas e um sujeito alto com roupa indiana estava tendo um chilique, cambaleando feito um cavalo cego numa plantação de abóbora. Dez segundos depois eu o vi correndo pelo gramado feito um gato escaldado.

Uma garota novinha, que parecia ter acabado de sair dos cueiros, tocou no meu braço. “Você conhece alguma estrela de Hollywood?”, ela disse, fazendo um biquinho.

“Claro”, respondi. “Arnie Schwarzenegger é o meu melhor amigo.” Ela quase desmaiou. Outra veio e me beijou no rosto sem pedir licença e sussurrou: “Posso encontrar você mais tarde no seu hotel?”.

Eu nem tinha passado desodorante, e elas já estavam parecendo cadelas no cio. Então pedi licença e fui direto para a casa, na esperança de encontrar a Shabnam por lá. Entrei por uma porta que dava numa sala grande e redonda com piso de mármore, lisinho como bumbum de bebê. Os sofás tinham sido afastados para os cantos e havia janelas enormes dos dois lados, uma dando para o gramado e a outra para o caminho da entrada. Tinha muita gente ali, conversando e bebendo

no balcão de madeira cheio de garrafas. Procurei a Shabnam, mas ela também não estava lá.

Então voltei para o jardim, e escolhi um lugar longe daquelas garotas assanhadas.

Por volta das onze, teve início um burburinho no gramado e todo mundo começou a ir para a casa. “O que está acontecendo?”, perguntei para um garçom. “Parece que a Shabnam Saxena chegou”, ele respondeu, e rápido como um soluço voltei para a sala. Cinco minutos depois, entrou a mulher dos meus sonhos, parecendo ainda mais bonita que na foto. Ela estava com um vestido justo e uma bolsa de mão. Eu podia sentir seu perfume a vinte metros de distância.

Shabnam escolheu um sofá vazio e Vicky Rai sentou ao lado dela. Pelo modo como a Shabnam se retraía quando ele roçava o braço dela, logo vi que ela não ia muito com a cara dele. Tive vontade de sacar a minha Glock e estourar os miolos dele. Eles falavam baixinho, mas várias vezes vi a Shabnam balançando negativamente a cabeça.

Um garçom de barba preta muito grossa passou com uma bandeja de bebidas. Shabnam pegou um suco de laranja; Vicky Rai pediu tequila. Passeei perto deles, torcendo para cruzar o olhar com ela. Quinze minutos se passaram, mas Vicky Rai não desgrudava do sofá. Justo quando eu começava a achar que as costas dele tinham cola, o pai dele veio e pediu que ele se levantasse. “Iqbal Mian está aqui. Ele quer falar com você.” Vicky fez uma careta e se levantou relutante. Sentindo a deixa, me atirei no sofá mais rápido que o Coveiro quando dá uma chave de braço nos adversários.

Shabnam me olhou como um inspetor conferindo as novas mercadorias. Estendi a mão. “Oi! Meu nome é Rick Myers, sou produtor de Hollywood. Estou tentando marcar um encontro com você há séculos, Shabnam. Acabei de ver na televisão o seu filme Amor no Canadá.”

Ela apertou afetuosamente a minha mão. “O que veio fazer na Índia, senhor Myers?”

“Acredite ou não, vim para vê-la.”

“Para me oferecer um papel num filme americano?”

“É.”

“E como vai se chamar?”

“Humm... Estava pensando em algo como Amor em Waco.”

Ela deu risada. Avancei mais alguns centímetros e baixei a voz para um sussurro. “Escute, Shabnam, sei que você está numa enrascada.”

Ela ficou mais nervosa que uma mosca num pote de cola. “Como assim?”

“Eu sei tudo sobre a Sapna.”

Quando eu disse o nome da irmã, ela cedeu; o nervosismo sumiu do seu corpo feito o gás de um balão.

“Como você ficou sabendo?”

“Um detetive chamado senhor Gupta me disse. Estou dizendo, o sujeito é mais esperto do que uma árvore cheia de corujas.”

“Estou de fato passando por sérias dificuldades”, disse ela, trançando os dedos. “Vim procurar Vicky Rai para ele pedir ajuda ao pai dele. Mas o preço que ele está pedindo é alto demais.”

“Eu não compraria um carro usado desse cara”, falei. “Ele é mais escorregadio que porco no gelo.”

“Mas o que posso fazer então?”

“Aceite a minha ajuda. Eu sou o cara.”

“Mas como um produtor de Hollywood pode me ajudar?”

Olhei rapidamente para os lados e me aproximei ainda mais. “Na verdade, não sou produtor de Hollywood. Eu sou operador de empilhadeira do Walmart. Mas fui recrutado pelo FBI para o Programa de Proteção à Testemunha.”

Ela ergueu as sobrancelhas. “E por que exatamente o FBI iria oferecer esse programa a você?”

“Porque acabei com a raça de uns desgraçados no Paquistão. O FBI me deu quinze milhões de dólares de recompensa e o presidente me escreveu uma carta muito simpática.”

Shabnam tamborilou os dedos no rosto. “Ora, vamos, você está gozando com a minha cara.”

“Não acredita? Quer ver a prova?”

Ela fez que sim e eu tirei a carta do presidente do bolso do paletó.

Ela leu e olhou para mim. “Mas aqui está dizendo que a carta é para Larry Page.” Ela franziu o cenho. “Onde foi que eu li esse nome?”

“Larry Page era o meu verdadeiro nome. Mas agora o FBI me deu este novo — Rick Myers. Ainda não me acostumei.”

Shabnam nem estava me ouvindo. Ela estalou os dedos. “Larry Page... Você é aquele americano que me escreveu todas aquelas cartas, não é?”

“Sou. Sou eu mesmo”, eu disse e olhei bem nos olhos dela. “Estou loucamente apaixonado por você!”

Foi como uma mulher grávida tentando dar um salto com vara. Shabnam se levantou do sofá e estava uma arara, apontando o dedo na minha cara: “Por favor, fique longe de mim, senhor Page. Não quero saber do senhor”.

Ela me deu as costas e começou a conversar com um cara de barba preta.

Fiquei louco, mais perdido do que cego em tiroteio.

16. Sacrifício

“Alô, Tripurari?”

“Sim, Bhaiyyaji. De onde o senhor está ligando? Você não deveria estar na festa do Vicky?”

“Sim, sim. Estou ligando aqui do Número 6. Diga, você tem tido notícia do Mukhtar?”

“Mukhtar? Não, Bhaiyyaji. Faz duas semanas que não falo com ele. O que houve? O senhor parece tenso.”

“Faz uma semana que passei um serviço para o Mukhtar, no dia 17 de março. Ele veio pedir dinheiro, por acaso?”

“Não, Bhaiyyaji. E qual foi o serviço que o senhor passou para o Mukhtar? O senhor não comentou nada comigo.”

“Depois eu explico. Por ora, tente encontrá-lo para mim. Peça para ele me telefonar. Estou tentando ligar há três dias, mas parece que o celular dele está desligado.”

“Ele deve estar bêbado com alguma garota.”

“Onde quer que ele esteja, encontre-o para mim, o.k.? E depois me avise.”

“Pode deixar, Bhaiyyaji.”

(Desligam.)

17. Vingança

Os ricos podem até viver de modo diferente dos pobres, mas morrem do mesmo jeito. A bala não discrimina entre um rei e um pobre coitado, um magnata e seu empregado. Diante dos portões de ferro fundido do Número 6, olhando as luzes da casa de campo, vendo aqueles carros importados caríssimos que entram ali, sinto inveja da arrogância da bala. Uma só bastará para dar fim à pompa e circunstância de Vicky Rai. Uma bala e khallas! Acabou.

Vejo policiais com rádios atrás de uma barricada e aperto o passo. Há uma multidão de curiosos na rua, tentando ver de relance alguma celebridade entre os convidados. Corre o boato de que Shabnam Saxena deve chegar a qualquer momento.

Entrei na rua lateral e me esgueirei pela entrada de serviço, esperando a Ritu aparecer. Comparada à agitação e ao burburinho da rua da frente, essa ruazinha é calma e sossegada, embora cheia de carros estacionados.

Às cinco para as onze, a porta de metal se abre com um rangido e lá vem a Ritu,

vestindo um salwar kameez vermelho e levando uma sacola azul. Seus machucados ainda não sararam por completo, e seus olhos estão vermelhos e inchados. Parece que ela andou chorando. Nos abraçamos em silêncio. Tomo o cuidado de deixar a mão esquerda escondida dentro do meu paletó Benetton.

“Vamos, Munna”, ela agarra meu braço e começa a me empurrar para a frente em direção à rua principal, quando eu a interrompo com delicadeza.

“Preciso te dizer uma coisa, Ritu.”

“O que quer que seja, você pode me contar na estação. Não temos tempo a perder.”

“Eu não vou à estação.”

“Como assim?”

“Era isso que eu tinha para dizer. Não vou mais para Mumbai.”

“Mas por quê?”

“Vamos entrar na casa que eu explico.”

Ela me lança um olhar desolado e volta pelo mesmo caminho da entrada de serviço. Olha furtivamente antes de abrir e me puxar para dentro.

Vejo um gramado impecável à distância e pessoas rindo e conversando. Há até mesmo uma piscina onde algumas garotas brincam com a água. Garçons de uniforme vermelho e preto passam ao redor de um mirante.

Ritu me leva para trás de um enorme jamelão, de folhas grandes, como um cenário natural para as pessoas no gramado. Mais adiante à nossa direita, há uma tenda provisória onde trabalham os cozinheiros.

“É melhor você ter uma boa explicação para essa reviravolta, Munna. Você não faz ideia do risco que estou correndo ao fugir da casa”, ela se lamenta comigo. “Se o Vicky descobre, ele me mata.”

Mas estou preparado para esse desabafo. “Eu sei, Ritu. Eu vim para libertar você desse medo.”

“Como assim?”

“Logo você vai entender.”

“Você voltou a falar de um jeito enigmático comigo. Fale claramente por que não quer mais ir para Mumbai.

Aconteceu alguma coisa?”

“Aconteceu. Tudo, Ritu.” Olhei para os meus pés, incapaz de olhar nos olhos dela. “Eu conheci outra garota.

Vou me casar com ela.”

Ela me olha magoada. “Por que está me dizendo isso, Munna? Eu já não tenho problemas demais?”

“Tudo o que estou dizendo é verdade.”

“Então agora você vem me dizer que não me ama mais?”

“É isso mesmo”, admito, e me lanço ao monólogo de despedida. “Bole toh, o amor não presta. O amor mostra para as pessoas sonhos que elas nunca poderão realizar. Talvez os pobres não devessem nem ter o direito ao amor.

Hoje eu vejo que você tinha razão, nosso amor é um amor proibido. Nós até podemos fugir daqui, mas não vamos poder fugir da realidade. Então esqueça que você me conheceu um dia, Ritu. De agora em diante, me apague da sua vida para sempre.”

Ritu me escuta calmamente e, quando termino, ela me fuzila com um olhar acusador. “Então é isso, não? Você acha que é só eu apagar você da minha vida como uma professora apaga o quadro-negro? Como se nada tivesse acontecido entre nós?” Ela chega mais perto de mim. “Munna, você sabe por que o amor é considerado a grande dádiva? Porque ele transforma duas pessoas em uma só. Elas se juntam de corpo e alma. Eu me transformei em Munna e você se tornou Ritu. E agora eu conheço você melhor do que você mesmo. Posso dizer do fundo do coração que você está mentindo.”

Tento evitar seus olhos outra vez. “Você e eu nunca poderemos ser um só. Existe

um abismo muito grande entre nós.”

“Você continua a mentir. Olhe nos meus olhos, Munna, e jure pela minha vida que você não me ama”, ela diz com súbita veemência. Como eu não respondo, ela puxa minha mão esquerda de dentro da minha jaqueta. Assim, o gesso no meu pulso aparece.

“O que é isso?”, imediatamente ela se preocupa. “Como você se machucou?”

“Não é nada... Eu caí”, disfarço, mas Ritu não se convence. Suas mãos procuram no meu rosto marcas de feridas escondidas, e seus dedos tocam o curativo atrás da minha cabeça.

“Ahhhh”, eu grito de dor.

“Oh, meu Deus, o que eu fiz?”, ela exclama.

“Acredite em mim, não foi nada. Não precisa se preocupar.”

“Foi o meu irmão, não foi?”, ela pergunta. “Não se contentou em bater em mim. Ele tinha que fazer isso com você também. Agora entendo por que você quer se separar de mim.” Detecto um tom mais duro em sua voz. Sua tristeza dá lugar à raiva.

“Não tire conclusões precipitadas, Ritu. Sinceramente não sei quem eram eles.”

“Mas eu sei muito bem. E nunca vou perdoar o meu irmão por ter machucado você. Agora não há nada no mundo capaz de me afastar de você”, ela declara, e vejo um novo brilho em seus olhos, um brilho de puro destemor.

“Venha comigo, Munna. Na frente de toda essa gente, vou anunciar que vou me casar com você.”

“E você acha que todo mundo vai aplaudir sua decisão de se casar com o filho de uma faxineira? Isso não é um filme, Ritu, é a vida real. E a vida não tem finais felizes como no cinema.”

“Mas esta é a minha vida. E de agora em diante vou viver do meu jeito. Eu me recuso a ser intimidada por dois criminosos que se dizem meu pai e meu irmão.”

“Então façamos um pacto agora mesmo. Prometa que não vai fazer nenhuma loucura. E eu prometo que levo você embora daqui assim que estiver curado.”

“Eu vou esperar, Munna.”

Uma brisa leve começa a soprar pelo gramado. Ela levanta os cabelos da Ritu, trazendo alguns fios escuros sobre seu rosto. Naquele momento é como se estivesse diante de um anjo que veio do céu para me abençoar e tocar a minha vida sórdida com sua pureza e inocência. E eu sei que, por mais que me esforce, não poderei viver sem ela.

Talvez eu possa morrer por ela, isso sim.

Percebo uma movimentação no gramado. “Oh, parece que a Shabnam Saxena chegou”, diz Ritu.

“Posso vê-la?”

“Não seja bobo. Você precisa ir embora antes que alguém o veja. Tome muito cuidado, Munna. Eu te amo.” Ela me dá um rápido beijinho nos lábios e caminha de volta para a casa. Afundo ainda mais dentro da escuridão e saco a arma. Preciso sentir seu poder mais uma vez, para fortalecer minha decisão de matar Vicky Rai.

“Se eu fosse você não usaria esta arma”, diz uma voz atrás de mim.

Fico tão assustado que deixo a arma cair.

Um homem alto com uma barba preta desgrenhada dá um passo à frente. Está vestido com uma kurta bege e um xale marrom-claro sobre os ombros.

“Não se preocupe, meu caro. Não sou da polícia. Mas não pude evitar de ouvir sua conversa com a querida Ritu.”

Rapidamente pego a arma do chão e guardo de volta no bolso da jaqueta.

“Nunca ouvi um diálogo tão comovente em toda a minha vida”, ele prossegue, cofiando a barba desgrenhada.

“Você é um ator nato. Deixe-me olhar direito para você. Pode vir um pouco para

a luz? Isso, perfeito. Oh, meu Deus, você é maravilhoso. Finalmente encontrei meu herói."

"Quem é você?"

"Meu nome é Jay Chatterjee, diretor de cinema. E resolvi escolher você para o papel do herói do meu próximo filme, não precisa nem de teste. Para o papel da heroína, estava pensando na Shabnam Saxena, mas ela vai parecer muito velha perto de você. Agora acho que vou precisar encontrar uma nova heroína também."

"Shabnam Saxena? Herói? Do que você está falando? Isso é alguma pegadinha?"

"Jay Chatterjee não acredita em pegadinha", diz o homem sério agora. "Prepare-se para o estrelato. A sua vida está feita. Mas você vai precisar de um novo nome."

"Por quê?"

"Um nome como Munna não vai levar você muito longe no mundo do cinema. De hoje em diante você será conhecido como... Chirag. A Lâmpada. Adorei!" Ele pega a carteira e tira algum dinheiro. "Aqui tem vinte mil.

Considere isso como um adiantamento do seu contrato, Chirag."

Aceito o dinheiro com as mãos trêmulas. "Eu... eu ainda acho difícil de acreditar."

"A vida é assim mesmo. Nunca se sabe o que vai acontecer na outra esquina."

"Mas eu não passo de um filho de faxineira."

"E daí? Muitos atores do passado vieram de baixo. Johnny Walker era motorista de ônibus. Raaj Kumar era subinspetor. Mehmood era motorista. Quando a sorte bate à sua porta, ela não faz distinções. Ela não vê quem vai abrir."

Jay Chatterjee anota o meu celular e volta caminhando pelo gramado, com os dedos tocando um piano imaginário. Continuo ali embaixo da árvore por um bom tempo, tremendo de excitação.

Minha cabeça começa a sonhar com cenários para mim. Já me vejo em Mumbai, sentado com Ritu num Mercedes, cercado por milhares de fãs gritando, a maioria garotas. Elas imploram pelo meu autógrafo e declaram seu amor eterno enquanto a polícia as afasta com cassetetes. Saio do carro e levanto a mão. A polícia recua. “Chirag!

Chirag! Chirag!”, é o clamor da multidão, e quinze rojões riscam o céu ao mesmo tempo.

Abro os olhos e vejo que ainda estou em Délhi. Mas há rojões de verdade no céu agora.

Serão para o Vicky Rai ou para mim? Kya bole? O que você acha?

18. Redenção

Eketi se agachou atrás do kadam e esperou o despertador tocar. A área do bosque era tranquila, só o som das risadas chegava pelo gramado iluminado. Ele não fazia ideia de quanto tempo havia passado, mas esperava com paciência. Muita coisa tinha acontecido desde que ele entrara na casa de campo pela porta dos fundos. Tinha matado uma cobra e realizado um bem-sucedido ritual de exorcismo, coisa que teria feito até o grande Nokai ficar orgulhoso.

E o melhor de tudo, não ia mais depender do Ashok para voltar à sua ilha. O dinheiro dava para as passagens dele e da Champi.

Pensar em Champi fez nascer um sorriso em seu rosto e uma dor no coração. Ele estava só esperando para correr de volta para ela com a pedra sagrada. Amanhã eles já estariam a caminho de Calcutá para pegar o navio para a Pequena Andaman, onde seriam recebidos como heróis. Pôs a mão na sacola de lona ao seu lado. Era seu único, seu último elo com a ilha. A argila, os ossos, amuletos, tudo trouxe de volta à lembrança os aromas e sensações de Gaubolambe, que crescia na sua imaginação a cada dia que passava.

De repente, bipes começaram a vibrar na sacola. Eketi se levantou e desligou o alarme. Limpou a poeira da calça preta, jogou a sacola no ombro e partiu em sua missão.

Chegou ao caminho de entrada que dava nas garagens e parou. No meio do passeio uma pequena tenda havia sido erguida, dentro da qual um exército de

cozinheiros fritavam, descascavam e picavam. Grandes caçarolas de alumínio ferviam nos fogões a gás. Um homem suado de colete se inclinava sobre o tandoor de barro, enfiando seus rotis num espeto comprido de metal.

Eketi evitou a tenda pelos fundos e seguiu pelo caminho. Chegou à garagem sem problemas. Havia uma cadeira de plástico e em cima dela, dentro da parede entre as duas garagens, uma cabine pintada de azul. Ele estava abrindo a cabine quando alguém tocou em seu ombro. “Espere”, disse uma voz séria.

Ele se virou e viu um homem moreno de camisa branca e calça cinza olhando para ele. Tinha um taco de hóquei na mão direita.

“Quem é você?”, o homem perguntou bruscamente.

“Sou o motorista do senhor Sharma”, ele respondeu, engolindo em seco.

“Então o que você está fazendo aqui? Todos os motoristas têm que comer na tenda lá de fora. Vá para lá”, ele apontou para o portão.

“Certo”, ele disse depressa, mas acabou caminhando até o portão. Ao passar a coluna, ele se apoiou no muro, as pernas ainda bambas de choque.

Ele notou que havia chegado ao começo da entrada dos carros, que estavam ali estacionados, mas sem nenhum motorista por perto. Estavam todos jantando dentro da tenda feita logo atrás do portão esquerdo. O silêncio de morte ali contrastava com a música e as risadas que vinham do jardim.

Escondido atrás de uma coluna de mármore, Eketi olhou para o caminho de pedras. O homem de calça cinza agora estava sentado na cadeira de plástico logo abaixo da caixa de força, secando a nuca com um lenço, o taco de hóquei apoiado à perna esquerda. Não parecia ser um guarda normal, mas estava claro que ficava ali especificamente para garantir que ninguém mexesse na caixa. Eketi pensou no que faria. Será que voltava para o templo Bhole Nath e pedia para Ashok? Será que arriscava pegar a ingetayi, com ou sem as luzes? Um zunido veio do alto e ele olhou para cima e viu uma grande flor se abrir no céu. Os fogos haviam começado lá atrás no gramado.

Ele passou pelas colunas e acabou encontrando uma janela aberta. Espiando lá dentro, viu um grande salão cheio de gente conversando e bebendo. O gemido grave de uma caixa de som rasgou o ar e um homem alto de terno escuro e

gravata roxa caminhou até um microfone colocado logo atrás da janela aberta. O homem se virou para a multidão, deu uns tapinhas no microfone e começou a falar. “Meus amigos, estamos aqui reunidos para comemorar a minha absolvição”, Eketi o ouviu dizer. “Eu sempre disse que era inocente. Estou contente que o tribunal também tenha reconhecido isso. Quero agradecer a vocês todos que me apoiaram naqueles dias e noites escuros em que eu não sabia se passaria o resto da vida numa cela imunda. Portanto, muito obrigado. Mas a pessoa a quem mais quero agradecer é o meu pai, o único responsável pelo que eu me tornei hoje. Papai, você pode vir aqui dizer algumas palavras?”

Um homem corpulento, mais velho, vestindo kurta branca, foi até o microfone e abraçou o homem de terno, que se agarrou a ele como se fosse a última vez que se vissem. Eketi notou até uma lágrima escorrendo pelo rosto do homem de terno. O mais velho começou a falar.

“É sempre um perigo dar o microfone para um político”, ele disse, e as pessoas riram um pouco. “Mas hoje estou aqui não como ministro de Uttar Pradesh, e sim como pai. E nada deixa um pai mais feliz do que ver seus filhos prosperarem e terem êxito. Nada é mais doloroso para um pai do que ver seu filho sendo envolvido em um caso totalmente fabricado. Estou contente porque a longa noite de trevas passou e meu filho pode agora viver como um homem livre. Essa é a vitória de todos os que acreditam no sistema judiciário e na justiça. Para o meu filho eu desejo uma longa vida. Que o Senhor Shiva abençoe a todos vocês.”

As pessoas da sala lançaram murmúrios de aprovação. Um rojão explodiu bem alto no céu, que ficou iluminado por uma brilhante abóbora cor de laranja.

Eketi voltou para seu ponto de observação privilegiado junto ao muro. Voltou a espiar nas garagens, esperando que o homem de calça cinza pudesse ter ido embora. Mas ele ainda estava lá, só que agora de pé e olhando para os lados, como se conferisse se a área estava livre. Enquanto Eketi observava, o homem se virou para a caixa de força, abriu a portinha e mexeu ali rapidamente. No mesmo instante toda da casa de campo ficou na mais completa escuridão.

O nativo vibrou animado. Era sua deixa. Sem um ruído sequer, ele desceu depressa o caminho de pedras e correu para o gramado, que também estava um breu. Na metade do caminho seu pé topou numa mesa de madeira e ele caiu na grama. Um alto estampido veio de dentro da casa, como se um motor tivesse estourado, e ele divisou uma figura escura se movendo apressada sobre o

gramado. A perna esquerda de Eketi estava doendo muito, mas ignorando a dor ele deu os últimos passos até o templo, agora que seus olhos já se haviam acostumado com o escuro.

Depois de pôr sua sacola de lona no chão, começou a tatear seu caminho pela parede, que tinha nichos com imagens de várias divindades. Levou trinta segundos para encontrar o nicho onde estava a ingetayi. Ele a tocou, sentiu a superfície lisa, as marcas no topo, e seus dedos começaram a pulsar sozinhos. Todo o resto virou uma mancha quando ele pegou a pedra marinha. Ergueu-a com facilidade da base. Deslizou-a para dentro da sacola, jogou a sacola sobre o ombro e começou a correr pelo gramado, com o coração cantando de felicidade. Estava indo para casa agora. Para Champi. Para Gaubolambe.

Havia quase chegado ao limite do bosque quando as luzes voltaram. “Pare!”, gritou alguém atrás dele. Ele se virou e viu um guarda com um cassetete erguido correndo pelo gramado.

Tentou correr para a segurança do bosque, mas naquele exato momento sua perna machucada não aguentou mais. Ele caiu pesadamente e em questão de segundos o policial estava em cima dele.

“O que você fez, desgraçado?”, disse ofegante o policial, respirando com dificuldade.

“Nada”, disse Eketi, com o rosto desfigurado de dor.

“Passe para cá essa sacola”, disse o guarda, batendo em suas pernas com o lathi.

Com um choro assustado, Eketi soltou a sacola. O guarda a ergueu e ficou surpreso com o peso. “O que você tem aqui dentro? Vamos dar uma olhada”, murmurou ele enquanto abria o zíper. Um por um, ele começou a tirar o conteúdo da sacola — os pequenos pedaços de argila vermelha e branca, a gordura de porco, o colar de osso, e por

fim a pedra sagrada. “Ora, isso aqui parece um shivling! Onde você roubou?” Antes que Eketi pudesse responder, o guarda deu uma última olhada na sacola. Seus dedos tocaram algo duro e metálico e suas sobrancelhas se ergueram quando viu uma arma prateada. Era um revólver caseiro, uma katta improvisada.

“E o que é isto aqui, seu filho da puta?”

“Não sei. Não é minha”, respondeu Eketi, completamente vencido.

“Então como foi parar dentro da sua sacola?”

“Não sei como foi parar aí.”

“Não se preocupe, nós vamos descobrir”, disse o guarda, sacando um par de algemas. “Vamos, negrinho, você está preso.”

19. Evacuação

24 DE MARÇO

Fui presa. Pelo assassinato de Vicky Rai.

Este não é o começo de um roteiro de cinema ou de um romance. Estou escrevendo sentada num banco dentro da sala de depoimentos da delegacia de Mehrauli, onde fui detida com cinco outros suspeitos. É uma sala grande, cheia de arquivos em prateleiras de metal com mais de quatro metros de altura. Teias de aranha enfeitam todos os cantos e há um ventilador antigo no teto de madeira. A sala cheira a mofo de biblioteca misturado com fedor de necrotério. Um golpe de vento que às vezes entra pela janelinha com grade de ferro é portanto um alívio. Há duas horas que chove sem parar.

Fiz uma entrada toda estilosa na festa, já tarde, chegando à casa de campo logo depois das onze da noite. O

gramado estava lotado de gente. Parecia um Quem é Quem em Délhi comemorando a liberdade do Vicky Rai.

Jagannath Rai também estava lá, com um exército de bajuladores de kurtas brancas engomadas. Fiquei enojada com essa exibição vulgar de poder, com essa afronta à justiça. Porém o que mais me enojou foi Vicky Rai. De perto — a cicatriz serrilhada do lado esquerdo do rosto, o modo como juntava saliva na boca quando ficava excitado — fiquei com nojo da minha decisão de pedir sua ajuda. De fato, eu estaria pagando um preço muito alto para salvar minha irmã.

E depois conheci o americano mais esquisito do mundo. Ele era bonitinho, parecia muito o Michael J. Fox; era rico, tinha acabado de ganhar quinze milhões de dólares, e estava loucamente apaixonado por mim. Mas ele acabou se

revelando o psicopata que a Rosie tinha me avisado. Então me livrei do sr. Larry Page, vulgo Rick Myers, antes que ele pudesse dizer “Ei, gente!” outra vez.

Quando deu meia-noite, começaram os fogos no jardim e os discursos na sala de mármore. Vicky Rai e seu pai falaram como se fossem membros de uma sociedade de admiração mútua. Seus elogios piegas me deram vergonha alheia. Então Vicky foi até o bar e começou a preparar uma bebida. Foi aí que as luzes se apagaram e a casa toda mergulhou na escuridão. Morando em Mumbai, eu quase tinha me esquecido dos apagões que aconteciam sempre em Azamgarh. Mas de algum modo o corte de luz no Número 6 não pareceu ser uma suspensão do fornecimento de energia normal. Era mais como se alguém tivesse feito de propósito.

“Arrey, o que aconteceu?”, exclamei.

“Liga o gerador”, alguém gritou.

E então veio o disparo. “Nãããããão!”, berrou Jagannath Rai. Outro rojão explodiu lá fora, mas foi tão alto que parecia ter estourado dentro da sala, quase arrebentando meus tímpanos.

Foi uma confusão geral e um pandemônio de uns três minutos, mais ou menos, em que a casa ficou na mais completa escuridão. Então a luz voltou, ofuscando meus olhos com a claridade súbita. A primeira coisa que vi foi o corpo do Vicky Rai, caído embaixo da janela, junto do bar. O sangue tinha manchado sua camisa branca, que ficou vermelha. Ouvi outro grito agudo e percebi que era eu mesma quem gritava. Naquele momento, dez policiais entraram na sala, liderados por um inspetor de bigode enrolado nas pontas.

“Parados aí! Ninguém se mexe!”, berrou o inspetor, como se fosse um episódio de seriado. Ele viu o corpo do Vicky Rai e se agachou para examinar. Sentiu o pulso e arregalou os olhos. “Já era”, declarou, antes de passar a

encarar os convidados que estavam ali. “Sei que um de vocês fez isso. Então mandei isolar a propriedade. Agora a polícia vai interrogar todo mundo. Ninguém pode sair do Número 6 até terminarmos nosso trabalho. Preetam Sigh, comece a revistar os convidados.”

Ao ouvir isso, minhas mãos ficaram frias. O americano estava do meu lado e foi o primeiro a ser revistado. Um guarda lhe pediu para abrir os braços e afastar as

pernas. Ele continuou sorrindo como um espantalho enquanto o policial o revistava, e surpreendentemente uma Glock preta com silenciador saiu de dentro de seu paletó. “O que é isto aqui?”, gritou o guarda pendurando a arma no indicador.

“Agora a vaca foi pro brejo!”, Larry exclamou. “Não faço ideia de como essa arma foi parar aí. Eu nem sei atirar com essa porcaria.”

“Levem-no para interrogatório”, o inspetor orientou o guarda e se virou para mim. “Shabnamji, se você não se importa, preciso ver a sua bolsa.” Antes que eu pudesse expressar qualquer protesto, ele arrancou a bolsa da minha mão. Quando a abriu, revistou-a com a destreza de um funcionário de alfândega. E lá estava a Beretta. “Oh! Você também tem uma arma?”, disse surpreso como um padre que encontra uma freira num bordel.

Notei um brilho maroto nos olhos do inspetor enquanto examinava a arma. “Posso perguntar, senhorita Shabnam, por que trouxe esta arma para a festa?”

“Eu levo para autoproteção”, respondi friamente, torcendo para que ele não ouvisse as batidas do meu coração tão bem quanto eu.

Ele tirou o pente da arma, examinou e cheirou. “Humm... Uma bala foi disparada. Você tem certeza de que não usou essa bala em Vicky Rai?”

“Claro que não”, cortei logo, adotando o tom de desdém que uso com subalternos que tentam se engraçar comigo.

“Mesmo assim você vai ter que ir para a delegacia. Meeta”, ele fez um gesto para uma policial desmazelada.

“Leve-a.”

Enquanto Meeta me levava para fora, cruzei com o sr. Mohan Kumar, agora mais conhecido como Gandhi Baba, que parecia estar tendo um ataque epiléptico. Ele espumava pela boca e tentava desesperadamente cuspir alguma coisa. Um guarda estava ao seu lado com uma reluzente Walther PPK na mão, que parecia ter sido encontrada no bolso de sua kurta. Fiquei pensando como o apóstolo da não violência iria explicar o que estava fazendo com uma arma na casa de campo. Que versão de gandhigiri era a dele?

O sr. Jagannath Rai parecia também enfrentar dificuldades. “Estou dizendo, eu possuo porte para esta Webley &

Scott, que eu já tenho há vinte anos”, explicava ele a um guarda entretido em analisar um revólver cinza de coronha de madeira. Vendo que não davam ouvido às suas alegações, Jagannath Rai se voltou para o inspetor. “Alguém matou meu filho. Em vez de tentar pegar o assassino, você está tentando me culpar, o pai dele? Eu sou ministro de Uttar Pradesh. Eu vou mandar prender todos vocês.”

“Escute, senhor Rai”, o inspetor o encarou com raiva. “Aqui não é Uttar Pradesh, onde o senhor faz o que quer.

Estamos em Délhi e aqui as coisas são do nosso jeito. Todo mundo que tinha uma arma dentro da propriedade é suspeito do assassinato. E isso inclui o senhor. Preetam Singh, detenha-o para averigução.”

Fomos todos encaminhados para uma perua azul com janelas de grade e levados para a delegacia de Mehrauli. A sala de depoimentos era a mais escura da delegacia, mas ainda era melhor do que ficar na cela. Foi aqui que conheci os dois outros suspeitos que faltavam, de longe os mais intrigantes do grupo. Um deles era um nativo baixinho de Jharkhand, com a pele mais preta que eu já tinha visto. Ele nem olhou para mim, sentou-se sozinho no chão, e parecia estar morrendo de saudade de uma garota chamada Champi. Ele ficava pedindo notícias dela aos policiais que passavam. Os policiais o xingavam e faziam gestos de ameaça.

O outro suspeito era um rapaz magro chamado Munna Mobile, de cabelos longos, encaracolados. Era de uma beleza extravagante, lembrava um pouco o Salim Ilyasi, mas havia nele também uma ousadia desconcertante. Disseme que estava lá fora quando as luzes se apagaram. Mas não conseguiu dar uma explicação convincente para o fato de estar no jardim com uma pistola Black Star chinesa no bolso.

Um bando de policiais não parava de entrar e sair da sala. Eles fingiam examinar os arquivos, mas eu sabia que estavam interessados mesmo era em me enviar olhares provocantes, a maior celebridade a dar o ar da graça em sua

delegacia sem graça.

Mohan Kumar, vulgo Gandhi Baba, andava de um lado para o outro pela sala

feito um menino perdido até vir se sentar ao meu lado. Ele me encarou de um jeito estranho. “Então, Shabnam, já resolveu se vai participar do meu filme Plano B?”

Sua voz soou tão igual à de Vicky Rai que eu quase morro de susto. O cara realmente me deixou apavorada.

Pulei na mesma hora para o banco do lado, onde Larry Page estava acabrunhado. Lembrei as palavras do Mestre:

“De todas as angústias humanas, esta é a mais amarga: saber tanto e não ter controle sobre nada”. Pela primeira vez entendi o que se passava com um prisioneiro no corredor da morte. Como deve se sentir impotente diante do Estado todo-poderoso. Enquanto os guardas grosseiros me despiam mentalmente, um bolo de pavor se formou na minha garganta. Eu tinha certeza de que cedo ou tarde encontrariam o cadáver em Azamgarh, descobririam que a arma que estava comigo era a mesma usada para o crime e me acusariam por homicídio. Eu ficaria à mercê desses policiais excitados que já estavam salivando só com a expectativa de me interrogar. Com certeza eles tirariam a minha roupa e muito provavelmente me estuprariam.

E mesmo que eu escapasse da acusação por homicídio, não escaparia da falência. Hoje de manhã descobri que o Bhola pegou dinheiro, não só com o “Peitoral” Luthra, mas com pelo menos outros quatro produtores.

Jagannath Rai estava num canto, ocupado em falar com seu advogado. Mas eu sabia que não precisava de advogado; eu precisava de um mágico, um artista da fuga.

Diante das minhas opções cada vez mais reduzidas, voltei a pensar no americano ao meu lado. Ele se dizia um humilde operador de empilhadeira, mas depois que encontraram a Glock com ele, meu palpite é que seja um agente infiltrado. Para receber uma recompensa de quinze milhões de dólares e uma carta de recomendação do presidente dos Estados Unidos, ele deve ser o agente mais inteligente do FBI, e de fato teve a brilhante ideia de se passar por idiota, imitando esses detetives atrapalhados do cinema e da literatura. Ele bem podia ser a minha porta de entrada para a segurança e a proteção.

Aproximei-me dele. “Larry, você disse que estava dentro de um tal de Programa de Proteção à Testemunha.

Você acha que eu poderia entrar também?”

Ele quase caiu do banco. “Repete isso, repete.”

“Eu estava pensando se eu não poderia ir com você para os Estados Unidos.”

“Agora você está lendo os meus pensamentos. Vou descobrir agora mesmo”, disse todo animado e digitou um número no celular.

Passaram-se dez minutos e ele veio com a resposta. “Falei com a Lizzie, a chefe da CIA. Ela me disse que vai dar um jeito de incluir você no Programa de Proteção à Testemunha. Ela já está trabalhando nisso, para nos tirar daqui.

Um Boeing 757 da Força Aérea americana está só esperando para nos levar para os Estados Unidos. Mas tem um porém.”

“Qual?”

“A Lizzie disse que você só pode entrar no programa se for casada oficialmente comigo.” Ele se ajoelhou e juntou as mãos. “Diga, Shabnam, você quer casar comigo?”

Olhei bem para a cara de apaixonado dele e me levantei do banco. Caminhei até a grade da janela e olhei para fora. Havia parado de chover, mas uma neblina branca pairava no ar. A terra estava acordando, sua fertilidade, rejuvenescendo. Um cheiro de barro e de grama, fresco e novo. A noite tinha passado e o sol começava a despontar no horizonte, anunciando um novo dia. Aquilo me tocou com sua promessa singela e tomei minha decisão.

“Sim”, deixei sair da minha boca numa longa respiração. “Eu vou me casar com você, Larry.”

“Você me fez mais feliz do que um pinto no lixo”, ele disse, quase desmaiando de alegria. “Então você vai abandonar o cinema por mim?”

Sorri. “Por você, eu abandono até o país.” Gostei desse homem. Com o tempo, posso até amar.

Larry fez uma dancinha, depois parou, como se lembrando de alguma coisa. “A Lizzie disse que tinha mais uma coisa.”

“Que foi agora?”

“Você não pode continuar sendo a Shabnam. Todo mundo no programa precisa assumir uma nova identidade.

Você precisa escolher um nome e a Lizzie dá o passaporte rapidinho.”

Pensei em um novo nome. Alguma coisa simples e discreta, mas também que marcasse uma ruptura com meu passado filmi. Um nome que seria o exato oposto de Shabnam Saxena. Então me veio num lampejo. “Já sei”, estalei os dedos.

“Qual é? Conta para mim”, implorou Larry.

“Ram Dulari”, eu disse triunfante.

SOLUÇÃO

Se pretende viver na cidade, precisa antecipar três rodadas, e ver através de uma mentira para conhecer a verdade, e ver através da verdade para ver a mentira.

Vikram Chandra, Jogos sagrados

20. A verdade nua

Coluna de Arun Advani, 27 de março

Assassinato, sexo e fita

Foi-se o tempo em que resolver crimes era fácil. Eles se encaixavam em padrões previsíveis de causa e efeito; eram divididos em categorias organizadas por motivo, como jar, joru ou jameen. Dinheiro, mulheres e propriedades.

Hoje em dia há serial killers, maníacos sexuais, viciados e psicopatas andando pela rua. Um crime violento é cometido na Índia a cada três minutos, um assassinato, a cada dezesseis. O pior é que, dos noventa casos de assassinato registrados todos os dias, a imensa maioria nunca é resolvida.

Por sorte, o assassinato de Vivek “Vicky” Rai não terá o mesmo destino. Porque, graças à promessa que fiz anteriormente nesta coluna, eu resolvi o caso, descobri

a verdade nua e crua.

Devo confessar no entanto que a Divina Providência de certa forma interveio. Muitos tendem a pensar que as principais ferramentas de um jornalista investigativo são microfones escondidos e instrumentos de gravação em miniatura. Mas isso não é verdade. A principal fonte de que dispomos não são equipamentos eletrônicos; é o apoio e a cooperação das pessoas. Quem muitas vezes ajuda a capturar um suspeito é gente observadora e de ouvidos atentos. Foi a vigilância e a diligência de um cidadão interessado que me ajudaram a resolver este que foi o caso de assassinato mais importante da Índia.

Ontem de manhã uma grande encomenda chegou ao meu apartamento. Era um embrulho amarelo, sem remetente, só com uma etiqueta com meu nome e endereço batidos à máquina. Quando rasguei o pacote, encontrei oito fitas de áudio dentro do papel-bolha. Passei o dia inteiro e boa parte da noite ouvindo e transcrevendo as fitas.

A íntegra da transcrição será publicada amanhã por este jornal. Reserve já seu exemplar, pois as revelações contidas no que chamei de “As fitas de Jagannath Rai” são simplesmente explosivas.

Havia seis suspeitos do assassinato de Vicky Rai, mas apenas um assassino. Neste momento em que escrevo, o relatório da balística ainda está sendo preparado. Mas já não há mais necessidade desse relatório. Posso dizer agora o nome do assassino: é Mukhtar Ansari, um conhecido matador cuja base de operações é Uttar Pradesh. E o homem que o contratou foi ninguém menos que Jagannath Rai, ministro de Uttar Pradesh. O

pai de Vicky Rai.

As fitas de Jagannath Rai não são apenas a crônica de um pai em busca do ponto mais baixo de sua existência. São também o documento da baixeza a que desceu nossa política. Tratam abertamente de maquinações céticas e de tramoias despudoradas em interesse próprio que azeitam as engrenagens rangentes da democracia em nosso estado tão populoso. Expõem o caos sórdido que tomou conta de Uttar Pradesh, que a luz penetrante do jornalismo investigativo ora não chega a alcançar, ora se desvirtua na luz mortiça da imprensa marrom. A mensagem contida nas fitas é uma lição de frieza. Não existem heróis em armaduras

reluzentes. Estamos todos nus no banho turco. Mas essa sopa vai acabar aqui, conosco, cidadãos e eleitores.

Foram a nossa apatia e a nossa indiferença que levaram à criminalização dos políticos e permitiram a mafiosos como Jagannath Rai vencer eleições, virar deputados e ministros, e transformar todo o estado em seu feudo particular, onde podem desrespeitar a lei e permanecer impunes. O envolvimento do ministro na morte de Vicky Rai é só a ponta do iceberg. Para um registro completo de suas atividades criminosas (e amorosas), os leitores terão que esperar até amanhã.

Extrapolando o conteúdo das fitas, devo agora adiantar a hipótese sobre o que deve ter acontecido na fatídica noite de 23 de março. Jagannath Rai havia decidido se livrar do filho desgarrado para garantir o apoio de seu bando desgarrado de deputados e tornar-se ministro-chefe. Para isso contratou seu matador de confiança, Mukhtar Ansari. O plano era simples. Jagannath Rai deixou destrancada a entrada de serviço da casa de campo de Vicky Rai, permitindo que Mukhtar Ansari a atravessasse sem ser notado. Ele desligou a energia elétrica da casa exatamente à meia-noite e cinco. Mukhtar terminou seu serviço naquele momento e fugiu pela porta de serviço antes que a polícia chegasse e cercasse todas as saídas.

Só posso especular sobre o que os seis suspeitos estariam fazendo com armas na casa de campo de Vicky Rai.

Mas posso dizer com absoluta certeza que eles não mataram Vicky Rai. O assassino — Mukhtar Ansari — está por aí, solto. Ele precisa ser capturado antes que volte a matar.

Para o bom samaritano que me enviou as fitas, o meu muito obrigado. Para Jagannath Rai, feliz exoneração.

A publicação das transcrições deve assinalar o fim de sua carreira tanto na política quanto no crime. Deve representar ainda o último e lamentável capítulo na história deste estado, que tem a maior proporção de eleitores do nosso Parlamento.

É minha fervorosa esperança que a publicação das fitas de Jagannath Rai seja um toque de clarim para despertar nossos líderes, bem como para todos os cidadãos de nosso país. Vamos limpar o sistema político dos elementos criminosos e garantir que quem não respeitar a lei não tenha nunca mais mais

lugar em nosso Legislativo. É a única forma de salvar e fortalecer nossa democracia. É a única maneira de garantir um futuro digno para nossas crianças.

21. Últimas notícias

Transmitido em 28 de março – 10:07

ISTO É UMA TRANSCRIÇÃO FEITA ÀS PRESSAS.

ESTA CÓPIA PODE NÃO CORRESPONDER AO FORMATO

FINAL E AINDA PODE SER ATUALIZADA.

BARKHA DAS: A publicação das fitas de Jagannath Rai por Arun Advani caiu como uma bomba. Políticos de Lucknow, cujos nomes aparecem de modo explícito na transcrição, buscam desesperadamente se proteger [...]. Num dia de rápidos desenvolvimentos do caso, Jagannath Rai, o ministro de Uttar Pradesh, foi preso pelos assassinatos de Vicky Rai, Pradeep Dubey, Lakhan Thakur, Navneet Brar e Rukhsana Afsar, e pelo sequestro do filho de Gopal Mani Tripathi [...]. Nosso correspondente em Lucknow, Anant Rastogi, fala ao vivo. Anant, quais são as últimas notícias?

ANANT RASTOGI: Barkha, parece que é o fim da linha para Jagannath Rai. Durante vinte anos ele controlou o estado com mão de ferro, liderando um reinado de terror e opressão, mas finalmente a lei conseguiu detê-lo. Acho que o Partido do Bem-Estar do Povo agora está pagando o preço por manter criminosos como ele em seus quadros.

BARKHA DAS: Mas Jagannath Rai está alegando que todas essas acusações são forjadas, que não existem provas, e que se trata de uma conspiração do ministro-chefe.

ANANT RASTOGI: Ele não pode negar os indícios das fitas. Agora a voz dele foi confirmada pelos especialistas. O ministro-chefe, contudo, rapidamente saiu de cena para diminuir os prejuízos políticos.

BARKHA DAS: Isso mesmo, Anant. Na verdade, há pouco tempo conseguimos falar com o próprio ministro-chefe. E foi isso o que ele disse:

MINISTRO-CHEFE DE UTTAR PRADESH: O meu partido, o Partido do Bem-

Estar do Povo, está profundamente abalado pelas acusações contra Jagannath Rai. Se forem comprovadas, então ele merecerá uma severa punição. Jagannath Rai não só foi afastado do ministério como também perdeu suas credenciais do partido. A entrada de criminosos na política infelizmente é uma realidade, e todos os partidos políticos são culpados disso. Aproveito a oportunidade para pedir uma severa varredura de todos os quadros partidários. Como primeiro passo dessa limpeza da vida pública, meu partido tomou a decisão de que de agora em diante nenhum

parlamentar com ficha criminal poderá se tornar ministro.

BARKHA DAS: Bem, essas foram as bem-vindas palavras do ministro-chefe e esperamos que outros partidos políticos sigam o exemplo. Enquanto isso, todos os esforços vêm sendo feitos para localizar o paradeiro de Mukhtar Ansari, o assassino contratado por Jagannath Rai. Acredita-se que uma força policial especial venha a obter pistas importantes para o caso. Nós vamos continuar informando nosso espectadores sobre os próximos acontecimentos. Informou Barkha Das, para o plantão da ITN.

22. Últimas notícias

Transmitido em 28 de março – 14:35

ISTO É UMA TRANSCRIÇÃO FEITA ÀS PRESSAS.

ESTA CÓPIA PODE NÃO CORRESPONDER AO FORMATO

FINAL E AINDA PODE SER ATUALIZADA.

BARKHA DAS: Houve uma drástica evolução no caso do assassinato de Vicky Rai. A polícia informou uma descoberta surpreendente em sua perseguição a Mukhtar Ansari. Seu corpo, já em estado de decomposição, foi encontrado hoje cedo em uma residência em Sarai Meer, subúrbio de Azamgarh. Especialistas forenses confirmaram que ele morreu de um ferimento provocado por bala, e que o corpo já estava nessa casa havia pelo menos uma semana. Se isso for verdade, não existe possibilidade de Mukhtar Ansari ter estado na casa de campo de Vicky Rai no dia 23 de março. Então, quem matou Vicky Rai? Para responder a essa pergunta, estamos aqui agora com o comissário de polícia de Délhi, senhor K. D. Sahay, no nosso link. Obrigado pela sua participação, comissário Sahay. Parece que o senhor tem novidades sobre o caso Vicky Rai,

não?

K. D. SAHAY: Bem, Barkha, primeiramente quero alertar seus espectadores para não acreditarem em tudo o que leem no jornal.

A famosa hipótese do grande jornalista investigativo Arun Advani provou ser um bando de mentiras.

BARKHA DAS: Com todo o respeito, senhor, Arun Advani não tinha como saber que Mukhtar Ansari estava morto. Mas o senhor conseguiu mais pistas?

K. D. SAHAY: Pistas? Nós resolvemos o caso! Tenho condições de dizer aos seus espectadores quem matou Vicky Rai. Sabe, tínhamos seis suspeitos que foram encontrados portando armas na noite do crime. E conseguimos recuperar a bala, que atravessou o corpo de Vicky Rai e se alojou no bar de madeira. O último relatório da balística, que chegou ontem, mostrou que Vicky Rai foi morto por uma bala de calibre 32. E a arma que combinava com a bala foi encontrada com Jiba Korwa, um nativo de Jharkhand.

Ele estava portando um revólver caseiro, popularmente conhecido por katta, que se confirmou ser a arma do crime. Jiba Korwa foi visto rondando a caixa de força da casa. Foi ele quem desligou a luz, correu para o salão e atirou em Vicky Rai.

BARKHA DAS: E qual a explicação para o fato de Jiba Korwa estar na casa de campo naquela noite?

K. D. SAHAY: Ele nos contou uma história para boi dormir — com o perdão da palavra —, que ele tinha ido à casa para roubar

um falo de Shiva que pertencia à sua tribo. Mas Vicky Rai nunca teve esse shivling. Nossos contatos com a polícia de outros estados revelaram que Korwa tem uma ficha criminal quilométrica. Ele é procurado por fraude em Tamil Nadu e por assassinato em Bihar.

Mas a verdadeira peça fundamental surgiu quando revistamos os aposentos de Korwa e encontramos uma quantidade considerável de literatura naxalita. Acreditamos que ele seja um dos líderes do Centro Revolucionário Maoísta, um grupo subversivo responsável pelo assassinato de mais de cem policiais só em Jharkhand.

BARKHA DAS: Mas por que os naxalitas iriam querer atingir alguém como Vicky Rai?

K. D. SAHAY: Porque Vicky estava investindo no projeto da Zona Econômica Especial em Jharkhand. Os naxalitas vinham enviando ameaças a ele. Por fim, conseguiram. Mas nós conseguimos prender o assassino — o líder naxalita Jiba Korwa.

BARKHA DAS: Muito obrigado, senhor comissário, e parabéns pela solução do caso. Estivemos com o comissário de polícia K. D.

Sahay. Então, parece que se trata do último capítulo do assassinato de Vicky Rai. Será mesmo? Informou Barkha Das, direto para o plantão da ITN.

23. Últimas notícias

Transmitido em 31 de março – 13:21

ISTO É UMA TRANSCRIÇÃO FEITA ÀS PRESSAS.

ESTA CÓPIA PODE NÃO CORRESPONDER AO FORMATO

FINAL E AINDA PODE SER ATUALIZADA.

BARKHA DAS: Numa sensacional reviravolta, a famosa atriz Shabnam Saxena e seu secretário Bhola Srivastava foram presos hoje em um apartamento em Khar, Mumbai, pelo assassinato de Mukhtar Ansari. Diversas fitas que os incriminavam também foram encontradas em posse do casal. Nosso correspondente Rakesh Vaidya está ao vivo. Rakesh, o que você tem para nos contar?

RAKESH VAIDYA: Bem, Barkha, depois da condenação do astro Sanjay Dutt em 1993, este é o maior escândalo da indústria do cinema indiano. Bollywood ainda está chocada. Produtores que pagaram milhões para Shabnam estão cruzando os dedos.

BARKHA DAS: A polícia já tem ideia do motivo que levou uma atriz tão famosa a fazer isso?

RAKESH VAIDYA: Bem, a polícia vem trabalhando com várias pistas neste

momento, Barkha. O que ficamos sabendo é que Shabnam estava tendo um caso com seu secretário, Bhola Srivastava, que fez vários vídeos bastante explícitos dela. Essas fitas de vídeo de algum modo caíram nas mãos de Mukhtar Ansari, que começou a chantageá-la. Então Shabnam foi a Azamgarh para pagar Mukhtar e recuperar as fitas. Não sabemos o que realmente aconteceu em Azamgarh, mas há testemunhas que a viram saindo da casa onde o corpo de Mukhtar Ansari foi depois encontrado. Como você sabe, ela também esteve entre os suspeitos do assassinato de Vicky Rai, mas foi liberada depois que a balística confirmou que a arma encontrada com ela não era a do crime. Agora a polícia tem provas conclusivas de que a mesma arma foi usada para matar Mukhtar Ansari. As fitas também foram encontradas no apartamento de Bhola Srivastava, de modo que tudo parece se encaixar agora.

BARKHA DAS: Nós temos alguma declaração da Shabnam? Como ela está reagindo a todas essas alegações?

RASHI VAIDYA: Bem, Barkha, o mais esquisito de tudo é que Shabnam Saxena agora diz que não é Shabnam Saxena. Ela afirma que nunca foi a Azamgarh na vida e que ela era apenas uma dublê de Shabnam. Obviamente ninguém caiu nessa história absurda.

Parece que ela vai tentar alegar insanidade. Posso dizer que...

BARKHA DAS: Um segundinho, Rakesh. Acaba de chegar a informação de que há poucos instantes a polícia baleou Jiba Korwa, o famoso líder naxalita, quando ele tentava fugir da cela da delegacia de polícia em Mehrauli. O Centro Revolucionário Maoísta condenou a ação da polícia e jurou vingança. Mas voltemos à saga de Shabnam Saxena, que parece cada vez mais curiosa.

RAKESH VAIDYA: É mesmo, Barkha. A essa altura, uma coisa é clara. Não vamos mais ver o rosto de Shabnam Saxena em nossas telas por um bom tempo. O filme queimou. Sem trocadilhos. (Risos.) BARKHA DAS: Obrigado, Rakesh. Bem, só relembrando o caso todo. Shabnam Saxena e seu secretário e amante Bhola Srivastava estão presos pelo assassinato do temível matador Mukhtar Ansari. Não sabemos o que vai acontecer daqui para a frente, mas tem todos os elementos de um filme de sucesso. Vamos continuar informando a qualquer momento sobre os rápidos desenvolvimentos dessa história. E não se esqueça, hoje à noite, às dezenove horas, nosso especial "Insight" sobre as relações de Bollywood com o crime. Informou Barkha Das para o plantão da ITN.

24. A verdade nua

Coluna de Arun Advani, 1o de abril

J’accuse!

Prezada senhora presidente,

Como cidadão interessado deste grande país democrático, sinto-me compelido a escrever-lhe esta carta. A senhora é nossa mais alta funcionária constitucional. Sobre seus ombros repousa o manto da Constituição.

Sinto-me no dever, portanto, de lembrá-la de que o “direito à vida e à liberdade”, garantido pelo Artigo 21 de nossa Constituição, foi negado a um cidadão indiano de nome Jiba Korwa.

Mas quem é Jiba Korwa?, a senhora pode perguntar. De acordo com a polícia, ele era um temível terrorista pertencente à organização ilegal Centro Revolucionário Maoísta, que foi baleado e morto ontem à tarde pelo subinspetor Vijay Yadav, enquanto tentava fugir da cela da delegacia de Mehrauli, onde havia sido detido por ligação com o assassinato do empresário Vicky Rai. Os relatórios da balística já haviam provado conclusivamente que a bala que matou Vicky Rai fora disparada de uma arma encontrada em posse de Korwa na noite do crime. Aparentemente, antes de ser morto Korwa teria assinado uma confissão. Sua morte, portanto, seria um desfecho plausível, apropriado. Enquanto escrevo estas linhas, a polícia deve estar se cumprimentando com tapinhas nas costas por ter resolvido um caso tão importante sem se dar ao trabalho de ir a tribunal. Algumas medalhas devem provavelmente ser entregues ao corajoso inspetor Vijay Yadav e sua equipe, que atirou e matou o temível naxalita, tornando nossa capital mais segura e protegida. A mídia já mudou de assunto. Afinal, quem se interessa pela vida de um coitado naxalita vindo de um vilarejo perdido de Jharkhand? E a morte de um terrorista se tornou algo tão banal, tão clichê, que não prestamos muita atenção a ela, antes de passarmos a assuntos mais interessantes, como as safadezas da Shabnam Saxena ou as fofocas de bastidores da última mudança do Gabinete.

Parafraseando Shakespeare, vim para o enterro de Jiba, não para elogiá-lo. Mas e se eu disser, senhora presidente, que o homem que a polícia matou não era Jiba Korwa coisa nenhuma? Que, longe de ser um terrorista naxalita, era representante de uma linhagem quase extinta, um dos últimos membros do grupo

dos primeiros seres humanos? Então, acho que afinal teria sua atenção.

O verdadeiro nome de Jiba Korwa era Eketi. Ele não era de Jharkhand, mas de uma ilha chamada Pequena Andaman, na baía de Bengala. Pertencia à tribo onge, uma raça negroide de coletores e caçadores primitivos, que ainda usam arcos e flechas. No último recenseamento, havia noventa e sete onges vivos. Graças ao subinspetor Vijay Yadav, agora há apenas noventa e seis.

Como eu sei de tudo isso?, a senhora pode se perguntar. Veja, conheci Eketi um dia antes de ele ser assassinado. Às três da tarde do dia 30 de março, apresentei-me na delegacia de Mehrauli com a identidade de Akhilesh Mishra, diretor adjunto da Inteligência, em nome da Segurança Nacional, trabalhando no caso da Célula Naxalita. O inspetor Rajbir Singh, oficial de plantão, recebeu-me bem e me levou até a cela onde Jiba Korwa estava detido.

Era um espaço pequeno, claustrofóbico, de três por três metros, com paredes mofadas, piso de pedra rachado e uma pequena janela com grades de onde se via uma fresta de céu azul. Continha uma cama de ferro com colchão rasgado e sujo, um jarro de madeira com água, um balde de plástico imundo. O dia estava extraordinariamente quente e o calor dentro da cela, quase sufocante. Porém, mais que o calor, meus sentidos foram atacados pelo fedor, pelo cheiro de mofo, de abandono. “O desgraçado se recusa a vestir nossas roupas, não toma banho, e eles não usam desodorante lá de onde ele vem, senhor”, disse o inspetor Singh à guisa de explicação.

O prisioneiro estava deitado, encurvado em posição fetal, sobre o chão, embaixo da janela, de costas para nós, de modo que eu não conseguia ver seu rosto. A pele era bastante escura, cor de ébano polido, e ele tinha cabelos crespos, bem curtos. Estava nu, exceto por uma tanga vermelha, que parecia ter sido feita com trapos de uma camiseta. Dava a impressão de ignorar nossa presença e não acordou nem quando o inspetor o cutucou com sua bengala.

“Levanta, desgraçado!”, ordenou o inspetor e o chutou nas costas três ou quatro vezes. Recuei. Mas os golpes não pareciam ter nenhum efeito sobre o prisioneiro. Ele continuou em sua posição curvada, como se num transe catatônico.

“Não precisa usar a força”, eu disse ao inspetor e gentilmente toquei o ombro do prisioneiro.

Foi uma fórmula mágica. O preso reagiu na hora, virando-se e sentando-se com entusiasmo. Ele era bastante baixo, menos de um metro e meio, mas foi chocante perceber como era jovem. Tinha um rosto oval, esculpido, com maçãs salientes e lábios grossos. Não havia um grama de gordura sobrando em seu corpo.

Tinha o físico esguio, forte, de um lutador, mas pude ver claramente as marcas do chicote que a polícia usara nele. Seus dentes eram regulares e de um branco impressionante, mas foram seus olhos que me arrebataram. O branco dos olhos era puro, com pequenas íris negras, que pareciam emanar uma força da natureza. Atravessaram-me como pontos gêmeos de um laser, deixando-me desconcertado. Vestido com minha camisa branca engomada e calça de veludo marrom, me senti exposto como se estivesse nu, vulnerável na presença dele.

Foi só então que notei que ele estava acorrentado pela perna esquerda à cama e que havia algemas em seus pulsos. “É para a nossa proteção, senhor, esse sujeitinho é muito perigoso, um dos líderes dos naxalitas”, acrescentou o inspetor, e saiu da cela, deixando-me sozinho com o prisioneiro.

Não me apresentei. Simplesmente segurei sua mão, olhei em seus olhos e disse: “Sei que você não é naxalita. Sei que não matou Vicky Rai”.

Ele me olhou com franca curiosidade.

“Conte a sua história, prometo que vou tirar você daqui”, assegurei-lhe.

A princípio ele se mostrou tímido e reticente, mas com meu estímulo discreto ele se abriu para mim. O que não contara à polícia, apesar de três dias de tortura, ele me contou em três horas, simplesmente porque o tratei como um ser humano. Ele falava um híndi singelo, mas depois que começou sua história, não parou mais. Foi um desabafo catártico de todas as emoções reprimidas que borbulhavam dentro dele desde que chegara à costa da nossa península havia seis meses. Contou das pessoas que conhecera e das experiências por que passara. Falou de seus sonhos e desejos, suas mágoas e humilhações, sua desesperança, seu desamparo. Acima de tudo, falou de sua saudade da ilha natal e do seu amor por uma menina cega e desfigurada chamada Champi, mais conhecida como Rosto de Bhopal.

A senhora sabia, presidente, que a palavra “onge” significa “homem”? Eketi era um homem de verdade, o último de uma cepa em extinção.

Ele se aventurara de caso pensado naquilo que sua tribo chama de terra dos kwentale, ou forasteiros. Por um

breve período ficou fascinado com o brilho da nossa civilização, deslumbrado com as armadilhas luminosas da modernidade, mas logo enxergou através do verniz artificial das nossas vidas e viu a escuridão purulenta das nossas cidades e corações. Ficou horrorizado com a sofisticada crueldade com que agimos uns com os outros em nome da guerra e da religião. Ficou chocado com o modo como tratamos nossas mulheres como objetos sexuais e as violamos para satisfazer nossa carne. Em seis meses ele já vira o bastante. Queria voltar para sua ilha, para sua vida primitiva, onde existiam necessidades, mas não a guerra, onde exisitiam doenças, mas não a depravação.

Ele era um profeta improvável, um memento mori trazendo espelho onde vermos nossos rostos, mas não lhe demos atenção. Ele tentou nos corrigir; nós tentamos corrompê-lo. Ele nos estendeu a mão da amizade; nós o acorrentamos e algemamos. Ele buscou nossa compreensão; nós o matamos. Sua morte serve de sumário da nossa cultura, um indício degradante de tudo o que há de errado conosco. Eis a verdade nua, senhora presidente, e é uma verdade terrível.

Ainda mais terrível é o fato de que ele não teve nada a ver com o assassinato de Vicky Rai. Eketi veio para o subcontinente indiano numa busca, tendo jurado recuperar uma pedra antiga, de formato fálico, que vinha protegendo sua tribo havia séculos, mas que fora roubada por um funcionário indiano na Pequena Andaman. Outro funcionário chamado Ashok Rajput se ofereceu para ajudar a tribo a recuperar a pedra sagrada e trouxe Eketi escondido até nossa costa. A busca da ingetayi levou Eketi de Calcutá a Chennai, dos ghats de Varanasi ao Magh Mela em Allahabad, e depois às areias do deserto de Jaisalmer e por fim à nossa capital. A pedra sagrada havia sido vista pela última vez em posse do guru Swami Haridas, ora em desgraça, na cidade de Allahabad. Ali ela foi roubada por Ashok Rajput, que, sem que Eketi soubesse, tinha seus próprios planos para a pedra.

Como se pode ver, senhora presidente, Ashok Rajput era irmão de Kishore Rajput, o guarda-florestal que trabalhava no santuário selvagem do Rajastão quando foi eliminado há doze anos porque implicaria Vicky Rai na morte de dois antílopes negros. Ashok Rajput estava apaixonado pela esposa de seu irmão, uma mulher terrível chamada Gulabo, mas a viúva impusera uma condição para se casar com ele — que primeiro ele teria que vingar a morte do irmão matando

Vicky Rai. A senhora provavelmente conhece bem essas mulheres rajastanis, e eu entendo muito bem de vingança. Não tem prazo de validade.

Então Ashok Rajput enfiou na cabeça de Eketi que a ingetayi estava agora na casa de campo de Vicky Rai e o trouxe para Délhi. Eketi ficou hospedado no templo Bhole Nath em Mehrauli, perto da casa. Enquanto o nativo ficava amigo da cega Champi, Ashok Rajput traçou seu plano. Na noite do crime, ele entrou na casa muito antes de Eketi, por uma porta dos fundos pouco usada. Ele entrou com um terno azul, colocou a shivling no pequeno templo do jardim de Vicky Rai, e se misturou aos convidados. Eketi fora instruído para entrar às dez da noite, desligar a força pouco depois da meia-noite, correr para o templo, pegar a pedra sagrada e sem demora sumir dali pela mesma porta de trás. As luzes foram desligadas pontualmente cinco minutos depois da meia-noite. Foi então que Ashok Rajput matou Vicky Rai com um tiro certeiro. Então saiu correndo do salão, entrou no templo onde Eketi já estava e depositou a arma do crime na sacola de lona do nativo. Quando Eketi recuperou a pedra sagrada do templo e colocou-a na sacola de lona, inadvertidamente ele levou a arma. Ashok Rajput esperava que Eketi desse um fim na arma, mas o nativo acabou sendo pego pela polícia e foi então acusado de assassinato.

A polícia torturou Eketi por três dias, mas ele inflexivelmente se recusou a entregar Rajput, atento a um código de honra que abandonamos há muito tempo.

Ontem, segundo a versão da polícia, Eketi se livrou das algemas, arrebentou a corrente, usou os dentes para roer as barras da janela e escapou por ela. O subinspetor Yadav, que por acaso estava ali atrás da delegacia, viu

Eketi fugindo e pediu que ele parasse. O nativou o atacou, obrigando Yadav a atirar e matá-lo.

Fico pensando se a senhora chegou a ver as fotos do inspetor Yadav e os sorrisos de sua equipe posando sobre o corpo ensanguentado do nativo. O rosto de Eketi contorcido num ângulo absurdo, mostrando a impossibilidade de sua fuga. Há um sorriso congelado em seu rosto, zombando da balança da justiça.

De certo modo, somos responsáveis pela morte de Eketi, cúmplices em nosso silêncio e em nossa tolerância com a injustiça. Há uma epidemia de apatia em nosso país que resultará na morte de muitos outros Eketis, a não ser que façamos alguma coisa para restaurar o tecido moral de nossa sociedade.

Mas esta carta está ficando longa demais, senhora presidente, e está na hora de concluir.

Acuso o funcionário aposentado S. K. Banerjee de roubar a pedra sagrada dos onge, que levou Eketi a fazer a perigosa jornada até o continente indiano, onde por fim encontrou a morte.

Acuso o subinspetor Vijay Singh Yadav de torturar e matar Eketi, em completa contravenção das leis do país e sem o devido processo. Este oficial da polícia possui histórico de sadismo, que resultou em diversas mortes de detentos ao longo dos anos. É hora de tirarmos sua insígnia e processá-lo por assassinato.

Acuso o comissário de polícia K. D. Sahay de cumplicidade na morte de Eketi por ter sido incapaz de garantir sua segurança dentro da cela da delegacia e por aceitar sua confissão assinada, uma vez que Eketi não sabia escrever.

Acuso o inspetor Rajbir Singh por falsidade na implicação de Eketi como naxalita sem verificar seus antecedentes. Não se espera que um inspetor seja antropólogo amador, mas todo mundo sabe que não existem negros adivasis em Jharkhand com cabelos negroides pretos e enrolados.

Acuso os especialistas forenses de não trabalharem com a devida diligência, sem conseguir estabelecer a conexão entre Eketi e Ashok Rajput.

E, por fim, acuso Ashok Rajput de assassinar Vicky Rai e de incriminar um nativo inocente.

Ao fazer tais acusações, estou ciente de estar me expondo à calúnia. Também assumo ter transgredido a lei ao me fazer passar por funcionário do governo. Exponho-me assim voluntariamente a esses riscos, no interesse de favorecer as finalidades da Justiça.

Que a polícia venha e me prenda. Estou esperando. Mas minha voz não se calará. Aconteça o que acontecer, continuarei ousando dizer a verdade nua.

Com o meu mais profundo respeito, senhora presidente.

Seu compatriora cidadão e leal indiano,

Aruan Advani.

25. Últimas notícias

Transmitido em 2 de abril – 15:37

ISTO É UMA TRANSCRIÇÃO FEITA ÀS PRESSAS.

ESTA CÓPIA PODE NÃO CORRESPONDER AO FORMATO

FINAL E AINDA PODE SER ATUALIZADA.

BARKHA DAS: No dia 13 de janeiro de 1898, a famosa e incendiária carta aberta do escritor Émile Zola ao presidente da França expôs o caso Dreyfus, provocando "uma das maiores comoções da história". A carta aberta do jornalista Arun Advani à presidente da Índia — uma defesa apaixonada do nativo Eketi, morto equivocadamente como assassino de Vicky Rai — eletrizou de modo similar todo o país. O governo se viu obrigado a entrar em ação. O subinspetor Vijay Yadav foi preso e acusado pelo assassinato de Eketi Onge. O inspetor Rajbir Singh e o comissário de polícia K. D. Sahay foram ambos suspensos. Uma caçada nacional foi lançada pelo paradeiro de Ashok Rajput. Nosso correspondente Jatin Mahajan está em frente à delegacia de Mehrauli. Vamos ouvir dele as últimas notícias. Jatin, estamos ouvindo protestos do lado de fora da delegacia. O que está acontecendo aí?

JATIN MAHAJAN: É inacreditável, Barkha. O que estamos vendo são cenas extraordinárias. Toda a população da favela de Sanjay Gandhi, ao que parece, saiu às ruas e cercou a delegacia. Palavras de ordem contra a polícia e o subinspetor Vijay Yadav estão sendo ditas aqui.

BAKHA DAS: Quem está liderando os manifestantes, Jatin?

JATIN MAHAJAN: É Munna Mobile, que, só para lembrar, foi também suspeito no assassinato de Vicky Rai. Um grande número de estudantes também se juntou aos moradores da favela. Há muita raiva com a morte de Eketi. A última coluna de Arun Advani de fato mexeu com o público. As pessoas estão aqui dizendo que já estão cheias. Que não vão mais tolerar a brutalidade da polícia e os desmandos do poder. Não aceitarão mais uma justiça para os ricos e outra para os pobres.

BARKHA DAS: Isso mesmo, Jatin. Na verdade, respondendo a esse sentimento do público, o governo já anunciou que todo um conjunto de casos envolvendo

ricos e famosos que foram absolvidos está sendo agora reaberto. Instaurou-se uma comissão para proceder às reformas da polícia e de todo o sistema de coleta de provas.

JATIN MAHAJAN: Não se esqueça, Barkha, que o governo também anunciou uma reavaliação de todo o pacote de indenizações para as vítimas da tragédia do gás de Bhopal.

BARKHA DAS: Sim, a morte de Eketi reacendeu o caso de Champi Bhopali, o Rosto de Bhopal. O nativo estava apaixonado por ela e havia prometido curá-la da cegueira. Como ela reagiu à morte de Eketi, Jatin?

JATIN MAHAJAN: Bem, Barkha, Champi se recusa a acreditar que Eketi morreu. Ela diz que ele continua a visitá-la toda noite e que conversa com ela.

BARKHA DAS: Não é uma das grandes ironias da nossa época que durante todos esses anos em que Champi Bhopali chamava a atenção para a reivindicação das vítimas não indenizadas na tragédia do Gás de Bhopal ninguém tenha ligado para sua própria reivindicação?

JATIN MAHAJAN: Justamente, Barkha. Todos nos lembramos dela como o Rosto de Bhopal, mas ninguém pensava em fazer nada a respeito do seu rosto. Só agora, em reação ao clamor popular com a morte de Eketi, um grupo de indivíduos e ONGs tomaram uma atitude para ajudá-la. Foram angariados fundos para uma cirurgia plástica. E há até mesmo quem diga que um transplante de retina talvez possa recuperar sua visão. De modo que quem sabe na morte Eketi tenha feito por ela mais do que em vida ele pudesse um dia fazer.

BARKHA DAS: Bem, a morte de Eketi foi mesmo um necessário chamado para despertarmos. Estaremos assistindo ao despertar de uma nova Índia? Essa é a questão que tentaremos responder no Assunto Quente, logo após o noticiário das nove. Junte-se a mim na mesa-redonda. Informou Barkha Das para o plantão da ITN.

26. Operação Golpe de Mestre

“Bem-vindo, Singhania. Venha, prove esses doces. Hoje talvez seja um dos melhores dias da minha vida. Só perde para o dia em que me tornei ministro-chefe.”

“Eu sei, netaji, acabei de ouvir no rádio.”

“Sim, Jagannath Rai foi formalmente acusado das mortes de Pradeep Dubey, Lakhan Thakur e Navneet Brar e do sequestro do filho de Gopal Mani Tripathi. Não conseguimos implicá-lo no suicídio de Raukhsana Afsar, mas não faz mal. Com Tripurari Sharan aprovando, teremos o bastante para acabar com Jagannath. Agora todos os deputados do partido que se juntaram a ele estão por um fio. Estou pedindo quinhentos mil dólares de cada um para aceitá-los de volta. Eles precisam pagar um preço pela tolice que fizeram.”

“Então a cadeira de ministro-chefe está a salvo até as próximas eleições.”

“Por que só até as próximas eleições? Você não viu as pesquisas no Daily News? Minha decisão de acabar com todos os ministros fichados disparou minha aprovação para sessenta e sete por cento. O alto-comando agora me deu carta branca. Acho que outro bom termo seria um tiro certo.”

“A queda de Jagannath Rai foi mesmo rápida.”

“Aquele desgraçado achou que estava sendo esperto, deixando todos os trabalhos sujos na mão do Mukhtar.

Esses gângsteres baratos nunca serão páreo para nós, políticos profissionais. O idiota achou que só porque era ministro estava acima da lei. Não fazia ideia de que eu estava com o telefone grampeado havia três anos. E as pessoas às vezes são indiscretas ao telefone.”

“Por isso é que você nunca falava de negócios comigo por telefone?”

“Cautela nunca é demais, Singhania. Embora ninguém ouse grampear o telefone do ministro-chefe sem que ele saiba.” (Risos.)

“Então foi você que mandou as fitas para o Advani?”

“Quem mais, Singhania? Para matar uma cobra, use uma cobra. Advani logo divulgou as fitas, acabando com a carreira política do Jagannath e eliminando a maior ameaça ao meu cargo. Pena que Mukhtar não pôde matar Vicky Rai. Isso seria a cereja do bolo. Por que Shabnam Saxena foi fazer uma coisa tão idiota?”

“Não tenho tempo para Shabnam Saxena. Minha dor de cabeça agora é Ashok

Rajput.”

“Ashok Rajput? O sujeito que matou o Vicky Rai? Qual a sua relação com ele?”

“Ele é filho de Vinay Rajput, que foi massagista do meu pai. Você sabe que somos do Rajastão. Eu cresci com Kishore e Ashok em Jaisalmer. Quando Kishore morreu, ajudei Ashok a conseguir aquele emprego no Departamento do Bem-Estar dos Nativos.”

“É verdade que ele queria casar com a viúva do irmão?”

“É, netaji. Gulabo sempre foi meio estranha. Foi a pedido dela que Ashok resolveu matar Vicky Rai.”

“Ah! Então Rajput já confessou o crime para você.”

“Já, sim. Ele me disse que foi na segunda tentativa. Há cerca de seis anos ele conseguiu invadir a casa de campo com uma arma, mas perdeu a coragem no último minuto. Dessa vez resolveu se aproveitar desse nativo Eketi. Eu mesmo vi o Ashok na festa, com um terno azul estiloso. Achei estranho ele ter sido convidado para ir ao Número 6, mas nem podia imaginar que tivesse entrado ali para matar o Vicky Rai. Agora, desde o dia 24 de março, ele está escondido na minha casa de hóspedes em Meerut. Achou que ia se safar do assassinato com a morte de Eketi, mas

aquele Arun Advani é esperto demais. O modo como ele desenterra informação é simplesmente incrível.”

“O que você vai fazer com o Rajput?”

“Eu venho sugerindo que ele se entregue à polícia e abra o jogo. Mas ele ainda está contando com um milagre e me pediu para lhe dar um recado.”

“O que é?”

“Ashok Rajput quer lhe dar esse maravilhoso shivling (som de embrulho sendo aberto), se você puder fazer alguma coisa para livrar a pele dele.”

“Arrey, este não é o shivling que o nativo estava tentando roubar na noite do crime?”

(Risos.)

“Não, netaji. Ashok Rajput mandou fazer uma réplica com um escultor em Jaisalmer e a colocou no templo do jardim do Vicky Rai. O que você está vendo é o genuíno, que ele roubou de Swami Haridas em Allahabad.”

“Wah! Que peça magnífica. Tão lisa, que letras estranhas são estas?”

“Segundo a lenda onge, foram gravadas pelo primeiro homem. Sahib ministro-chefe, este shivling é a antiguidade mais rara e antiga do país. Não tem preço.”

“Eu quero, Singhania, e em troca vou tentar salvar seu amigo. Porque eu sei que ele é inocente.”

“E como você sabe isso, netaji?”

“Porque o comissário de polícia K. D. Sahay me contou em segredo. K. D. e eu somos velhos amigos. Sabe, a polícia encontrou outra cápsula calibre 32 no jardim da casa de campo do Vicky.”

“Mas o Rajput só disparou uma vez.”

“Exato. Então havia outra pessoa que disparou a segunda bala em Vicky naquela noite.”

“Faz sentido... Pensei mesmo ter ouvido outro tiro logo depois do primeiro, mas alguns disseram que foi um rojão.”

“Foi esse segundo tiro que de fato matou Vicky Rai. A bala passou sem tocar em seu corpo e foi parar no jardim.”

“Mas então a polícia teria que achar outra arma!”

“É aí que está o problema! O K. D. disse que a polícia isolou o local logo após o primeiro tiro. Então o assassino não poderia ter escapado. Depois eles esquadrinharam a casa com uma escova de dentes. Revistaram todas as pessoas presentes no Número 6. Todos os veículos estacionados dentro e na rua. Mas não acharam nenhuma outra arma, além das seis encontradas com os seis suspeitos. E aí ficaram com a única opção disponível para eles. Puseram a culpa no Eketi, sumindo com a prova da segunda bala e de uma sétima arma.”

“Meu Deus! Então quem é o verdadeiro assassino?”

“Singhania, você é rico, mas não tem nada na cabeça. Agora eu vou dizer quem foi que na verdade matou o Vicky Rai.”

“Quem foi, netaji?”

“Foi a filha do Jagannath, a Ritu.”

“Ritu Rai? Mas como? E como você sabe?”

“Quem me contou foi meu melhor amigo, Tripurari Sharan. Mas, antes de explicar a teoria dele, preciso contar uma historinha. Tem um sujeito que às vezes trabalha para mim, o nome dele é Chhotu Lochan.”

“Oh, o famoso gângster.”

“O que eu posso fazer? Política exige dinheiro e força bruta. Até os ministros-chefes precisam dos seus cães de estimação. Como Jagannath tinha Mukhtar, eu tenho o Lochan. Já passei alguns serviços para ele.”

“Continue, está ficando interessante.”

“Lochan me contou que no dia 20 de janeiro ele sequestrou uma criança de Noida, o filho de sete anos de um empresário dono de quatro fábricas. O resgate era de quase duzentos mil dólares, setenta e cinco lakhs. O pai entregou o dinheiro no dia 26 de janeiro, Dia da República.* Foi colocado numa pasta e deixado numa lixeira que ficava num beco atrás da escola Goenka, em Mehrauli. O colega de Lochan, Brijesh, teria que ir buscar, mas o celular de Brijesh foi roubado por Munna Mobile. Então, quando Lochan disse o local da coleta, Munna ouviu e ficou com a pasta.”

“Não me diga! Aquele ladrãozinho de celular ficou com setenta e cinco lakhs?”

“Sim. Foi com esse dinheiro que ele conheceu a Ritu Rai, começou um caso com ela.”

“E o que aconteceu?”

“O que sempre acontece. Lochan acabou conseguindo localizar o Munna

Mobile. Os tentáculos dessa gente estão em toda parte. Então ele mandou três dos seus homens, que bateram feio em Munna, até quebraram seus dedos, e pegaram a pasta de volta."

"Que triste! É isso que eu não gosto nos bandidos. Como eles recorrem à violência. Eu odeio violência."

"Seja como for, a reviravolta da história é que Munna nunca contou a Ritu sobre a pasta, mas Ritu tinha falado para a família que queria se casar com Munna. Tanto Vicky quanto Jagannath se opuseram radicalmente. Tripurari disse que havia grandes escândalos entre o irmão e a irmã. Então quando ela descobriu o que tinham feito com Munna, pensou que Vicky Rai tinha mandado os capangas para ensinar uma lição a Munna, e fugiu furiosa. Ritu está acostumada a mexer com armas. Você sabia que ela é campeã estadual de pistola de ar? Então, na noite da festa, ela também estava no salão com uma arma. Foi ela quem tirou o fusível da caixa de força num horário predeterminado.

Assim que as luzes se apagaram, ela atirou no irmão com uma pistola calibre 32 e escondeu a arma do crime em algum esconderijo da casa que a polícia não conseguiu descobrir até agora."

"Inacreditável! Então a Ritu escapa ilesa?"

"Ela já não sofreu o bastante sendo filha do Jagannath? E agora ela vai se casar com Munna, que por sua vez acaba de conseguir o papel de herói num filme. Então parece que vai haver pelo menos um final feliz."

"E o que devo dizer a Ashok Rajput?"

"Diga para ele continuar quieto enquanto eu bolo uma estratégia. E agradeça pelo shivling. Vai ter lugar de honra nesta casa a partir de hoje."

"Dizem que é o melhor amuleto do mundo."

"Já estou sentindo as vibrações positivas. Com a bênção do Senhor Shiva, serei ministro-chefe pelo resto da vida."

"Agora, se tiver um tempinho, eu queria falar com você sobre a fábrica de cimento Badaun, certo?"

“Tenho tempo para falar até sobre o projeto do moinho têxtil, se você quiser. O estado inteiro é seu, Singhania.

Agora que Jagannath está fora do caminho, os benefícios ficaram só para nós dois.”

(Gargalhadas.)

* A adoção da Constituição, em 1950, marca o fim do domínio britânico (1757-1947). (N.T.)

CONFISSÃO

Nada no mundo é mais difícil do que falar a verdade.

Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski, Crime e castigo

27. A verdade

Eu poderia dizer o nome que dei à polícia, mas você não o reconheceria. Uma pista melhor talvez seja a roupa que eu estava usando. Era um colete vermelho com botões de latão, por cima de uma camisa branca, e, para completar, calça preta de pregas e sapatos de verniz. Não se esqueça desses sapatos.

Ninguém na verdade me notou. Eu devia ser mais uma pessoa sem rosto e que não deixa a festa parar nunca.

Poderia também facilmente ser mais um na multidão que enche as ruas quando acontece um grande comício político ou evento religioso, uma mancha colorida na arquibancada de um jogo de críquete quando a câmera de tv passa, ou na fila anônima que se forma em frente aos postos de votação durante as eleições.

Quer que eu seja mais específico? Certo, eu era o garçom barbudo da festa. Estava ao lado de Vicky Rai quando as luzes se apagaram. Eu dei o tiro certeiro.

Se isso deixa você chocado, peço desculpas. Existe algo de asqueroso num assassinato, no fim violento de uma vida, que não se ajusta bem com a nossa consciência, nem com o sistema de Justiça criminal. “Não matarás” é um mandamento bíblico, afinal. Mas há ocasiões em que o assassinato não só é justificável como necessário. E não estou me referindo aqui ao assassinato

legalmente permitido: como quando o Estado executa um terrorista ou quando se mata um soldado inimigo na guerra. Estou falando do assassinato como ritual da virtude. No Mahabharata, Arjuna tinha o dever, como membro da classe guerreira dos Kshatriya, de lutar contra os cruéis Kauravas no campo de batalha de Kurukshetra. Eu também sou um guerreiro, lutando uma guerra justa contra as forças do mal na sociedade. Ao matar Vicky Rai, simplesmente cumpri meu dever, confirmei meu darma.

Por favor, acredite, eu não tinha contas pessoais para acertar com Vicky Rai. Não tenho nenhuma relação com os seis mendigos que ele atropelou quando era adolescente. Nunca vi Kishore Rajput, o guarda-florestal que ele matou.

Ruby Gill não era minha colega, nem minha irmã, nem minha amante. Eu não a conhecia, nunca a encontrei.

Imagino que meus atos serão vistos como de um justiceiro. A atitude de um cidadão que faz justiça com as próprias mãos quando as atitudes das autoridades competentes não bastam.

E não há a menor dúvida de que as atitudes das autoridades competentes não bastaram. Vicky Rai desrespeitou todas as leis e foi absolvido todas as vezes. A gota-d'água foi quando se safou do assassinato de Ruby Gill.

Nossos grandes épicos contam que o mal invade tudo e Deus desce para restaurar o bem. Com todo o respeito, isso é besteira. Ninguém desce do céu para resolver uma confusão na terra. A gente mesmo é quem tem que limpar a sujeira. Tirar os sapatos, levantar a calça e se enfiar no fosso de barro encharcado.

Foi isso que fiz. Minha consciência não me deixou alternativa.

A classe média supostamente encarna a consciência de um país, um farol ético contra os excessos da classe alta e o derrotismo da classe baixa. É a classe média quem desafia o status quo, que trouxe à tona as grandes revoluções do mundo — na França, na China e na Rússia, no México, na Argélia e no Vietnã. Mas não na Índia. Nossa classe média tem uma crença arraigada na preservação do status quo. Ignorando a decadência dos padrões da vida pública, apática quanto à situação dos mais pobres, ela se deleita num consumismo desenfreado. Viramos um país de voyeurs, vidrados em novelas ridículas sobre sogras maquiavélicas e donas de casa sofredoras, vivendo da carcaça da desgraça alheia, salivando com

o fim do casamento de uma celebridade, hipnotizados por imagens gravadas de políticos aceitando suborno.

Não tenho nada contra os voyeurs. Admito que na juventude fui tentado algumas vezes a espiar a casa do meu

vizinho, na tentativa de ver de relance sua filha mocinha tomando banho. Mas se em vez disso você vê o vizinho estrangulando sua mulher de meia-idade até a morte? O que você faz? Você se esconde embaixo da cama como um ladrão culpado ou corre até o vizinho para impedir o crime?

Foi o dilema que enfrentei quando ouvi as gravações das conversas de Vicky Rai. Pois é, há dois anos pus uma escuta em seu telefone, assim como o ministro-chefe grampeou o telefone de Jagannath Rai.

Quando comecei a colocar grampos telefônicos, não fazia ideia de onde estava me metendo. Parecia um modo inofensivo de fornecer informações e era fácil. A Índia é o paraíso para se ouvir a conversa do outro. Ninguém se importa de infringir liberdades civis, direitos privados e o sigilo da informação. Tudo de que a gente precisa é um equipamento eletrônico à venda na prateleira de qualquer loja em Palika Bazaar e alguns contatos na companhia telefônica e a gente está pronto para trabalhar como autônomo no ramo. No momento, tenho sete serviços em andamento de Jammu a Jabalpur.

Por dois anos ouvi diariamente a voz de Vicky Rai. Ouvi trocas de favores, pagamentos de suborno, fraudes sendo perpetradas, garotas sendo seduzidas. Escutei relatos estridentes de como burlar as leis e subvertê-las, como provas foram falseadas, como a Justiça foi enganada, violentada, pilhada e vendida ao maior lance. Cada infração era como uma tarja de ferro apertando meu coração. Cada injustiça era um prego atravessando meu corpo.

Até que um dia, 17 de março, ouvi uma conversa que me deixou louco. Vou botar a fita para você ouvir. Preste atenção.

“Alô, Vicky baba, está me reconhecendo?”

“É o Mukhtar?”

“Sim, Vicky baba. Desculpe ligar tão tarde, mas é que...”

“O que foi? Você parece preocupado.”

“Lembra, Vicky baba, como a gente brincava em Lucknow? Você sentava nas minhas costas e eu corria até a árvore, o peepul, e você dizia: ‘Me leva para...’.”

“Com certeza você não me ligou à uma da manhã para me lembrar da minha infância, não é? Vamos direto ao ponto, Mukhtar. Você se meteu em alguma enrascada outra vez?”

“Não, Vicky baba. Você se meteu numa enrascada.”

“Como assim?”

“O chefe me chamou na casa dele faz uma hora.”

“E? Quem o papai quer apagar agora?”

“Você, Vicky baba. Ele me contratou para matar você.”

“Você ficou louco?”

“Não, Vicky baba. Juro pela morte do meu pai. É exatamente o que o chefe quer que eu faça.”

(Longa pausa.)

“Eu ainda não estou acreditando.”

“Nem eu. Eu vi você crescer, Vicky baba. Como vou poder tirar sua vida?”

“Quando o papai quer que o serviço seja feito?”

“Dia 23 de março. Quando você estiver dando a sua festa no Número 6.”

“Entendi.”

(Longa pausa.)

“Não sei o que aconteceu com o chefe. Ele não era assim. Essa loucura para virar ministro-chefe está fundindo a cabeça dele.”

“Mukhtar, você faria um serviço para mim?”

“Hukum, Vicky baba.”

“Quero que você mate o senhor Jagannath Rai. No mesmo dia, no mesmo lugar. Eu pago cem vezes o que o papai pagaria. Você aceita o serviço?”

“Vicky baba, como eu vou poder...”

“Eu vou mandar dez lakhs agora mesmo, e o resto na entrega do serviço. Você não vai mais precisar pegar nenhum serviço depois desse. Fechado?”

“Não sei o que dizer, Vicky baba.”

“Será o serviço mais fácil da sua vida, Mukhtar. Vou deixar a entrada de serviço destrancada. Você entra por ali com a sua arma. Vou estar no salão e dou um jeito para o papai ficar no outro canto, perto da janela que dá para o caminho dos carros. Exatamente à meia-noite e cinco, vou pedir ao meu empregado de confiança, o Shankar, para desligar a força. Os fogos já terão começado nessa altura. Você faz o serviço assim que a luz apagar e foge pela entrada de serviço. Fácil demais, não?”

(Longa pausa.)

“Fechado, Mukhtar?”

“Fechado, chefe.”

“Ótimo. Depois sugiro que você suma por uns tempos. Não atenda mais nenhuma ligação do papai até lá.”

“Certo, chefe. Vou me esconder em Sarai Meer, e depois venho ao Número 6 só dia 23.”

“Muito bem. Vou mandar seu adiantamento para Azamgarh.”

“Meherbani, é muita bondade sua. Khuda hafiz.”

(Desligam.)

Alguma coisa se ligou no meu cérebro quando escutei a fita. Quanto tempo uma

pessoa pode ver o que acontece à sua volta e não se abalar? Até quando alguém pode fingir que não é um cidadão deste país, um homem que não pensa e não sente nada? Disse a mim mesmo: “Já basta”. Resolvi matar Vicky Rai, pôr em prática minha própria justiça. Se o pai corrupto já ia morrer mesmo, que o filho depravado morresse também.

Para matar um homem são necessárias três coisas. Um motivo forte, bons nervos e uma boa arma. Eu já estava motivado e tranquilo, só precisava de uma arma confiável. Fui atrás de uma pistola caseira, uma semiautomática calibre 32 fabricada no reduto de ferreiros de Bamhaur, perto de Azamgarh. Uma arma barata, segura e completamente impossível de ser rastreada. Então fui visitar Akram Bhai, velho comerciante que tem uma casinha atrás do Jama Masjid, especializada em calçados sob medida. Ele me fez um par de sapatos de verniz cuja palmilha, ao ser removida, tinha um compartimento oco no salto, grande o bastante para esconder um bolo de dinheiro. Uma barra de ouro. Ou uma arma compacta.

Assim é que, no dia 23 de março, eu também estava no Número 6 com uma arma no bolso. Entrar na casa de campo foi brincadeira de criança. Entrei pela porta de serviço destrancada com barba postiça e uniforme de garçom do Bufê Elite, que eu já sabia, por outra conversa interceptada, estaria trabalhando na festa. Peguei uma bandeja e fiquei por ali no jardim, vendo os convidados rirem e a bebida circular. Era uma típica festa de ricos de Délhi, com os beijinhos no ar e os abraços sem se tocar, a troca ritual de cartões de negócio e o assédio predatório de mulheres exibindo o corpo.

Pouco antes da meia-noite, começaram os fogos. Rojões apitando, morteiros explodindo, bombas, tudo para celebrar a absolvição de Vicky Rai. Quando deu meia-noite, saí do gramado e entrei no salão. Vi Vicky Rai fazendo um discurso em frente ao microfone. Depois ele chamou o pai para falar e foi para o bar do outro lado do salão.

Enquanto preparava uma bebida, eu me aproximei. A sala estava lotada de gente, incluindo a estrela de cinema Shabnam Saxena, e teria sido impossível atirar nele e não ser pego. Meus músculos se retesaram e um nó se formou na boca do estômago. Esperei as luzes se apagarem. Exatamente à meia-noite e cinco, elas se apagaram e peguei minha arma. Um disparo foi feito e Jagannath Rai gritou. Pensando que Mukhtar tivesse feito seu trabalho, naquele instante atirei em Vicky Rai. Ele estava bem em frente à janela aberta e minha bala deve ter

atravessado seu corpo.

Por coincidência, outra bomba estourou naquele segundo e camuflou o som do meu tiro.

Atirar num homem é a parte fácil. O difícil foi controlar o nervosismo depois da ação. Minhas mãos começaram a tremer e meu coração passou a bater tão violentamente que achei que fosse ter um ataque cardíaco. A arma quase escapa da minha mão. Com os dedos trêmulos, tirei o sapato do pé esquerdo, levantei a palmilha e depositei a pistola no compartimento oco. Tinha acabado de amarrar o cadarço quando as luzes voltaram e a polícia apareceu. Pediram meu nome e endereço. Mostrei uma identidade falsa de garçom. Eles me revistaram dos pés à cabeça e não encontraram nada. Deixaram-me ir embora.

Será que eu teria feito diferente se soubesse que Mukhtar Ansari não cumpriria sua parte do combinado? Não sei. Só quando as luzes voltaram e vi Jagannath Rai vivinho da silva que percebi que alguma coisa tinha saído errado.

Agora, é claro, foi Ashok Rajput quem atirou a primeira bala, também calibre 32, com um revólver caseiro. Esta quase acertou Vicky e se alojou no bar de madeira. Vicky Rai foi morto mesmo pela segunda bala — a minha. Se a polícia tivesse procurado bem, teriam encontrado uma cápsula vazia de cartucho calibre 32 lá fora no jardim.

Espero que você perceba a ironia — Vicky Rai foi absolvido do assassinato de Ruby Gill porque a polícia disse que foram disparadas duas balas de armas diferentes, mas Ashok Rajput foi preso porque dessa vez a polícia se cansou dessa teoria das duas armas! Se ele não tivesse confessado, um bom advogado teria conseguido inocentá-lo.

Há muitos anos assisti a um filme — esqueci o nome. Era um desses filmes de arte, em que as pessoas quase não falam nada e a câmera se move devagar, mostrando os mínimos detalhes da vida cotidiana, como um balanço vazio rangendo para a frente e para trás durante dois minutos. O filme era sobre uma aldeia cheia de gente pobre explorada por um senhor feudal. A maior parte do filme é um borrão indistinto para mim, mas ainda me lembro bem da última cena. Mostrava um menininho jogando uma pedra na mansão do zamindar, quebrando uma janela.

Eu era muito novo na época para entender o que aquela pedra significava. Hoje

eu entendo. Grandes revoluções começam com uma pequena centelha.

Eu acendi essa centelha. Uma revolução está agora em curso. Jovens como Munna Mobile são os soldados dessa revolução. Eles exigem corajosamente seus direitos. Não mais tolerarão a injustiça em silêncio.

Assim como toda revolução tem um herói, tem também alguns efeitos colaterais. Sinto uma pontada de remorso por Ashok Rajput. Lamento profundamente pela morte de Eketi. Tentei ajudá-lo, mas foi o típico caso de quando se faz pouco demais, tarde demais. Sua morte ficará para sempre na minha consciência, uma cruz que terei que carregar. Mas seu sacrifício não foi em vão. Vicky Rai está morto. Jagannath Rai, é como se estivesse. A justiça se fez.

De agora em diante os ricos criminosos não terão mais o sono tranquilo. Sabem que o castigo pode voltar para assombrá-los a qualquer momento.

Suponho que posso me orgulhar um pouco por meu crime perfeito. Ninguém tem a menor noção do que fiz

— nem minha esposa, nem meus colegas no jornal. Ainda vou ao escritório na hora de sempre e fico até tarde.

Como com os outros repórteres no horário do almoço, rio de suas piadas sem graça, participo das tolas discussões sobre política e sobre promoções. Suas fofocas e preocupações mesquinhas me enojam. Sua presunção e seu desdém me impressionam. Será que sou o único que entende o que significa ser um jornalista investigativo engajado? Será que sou o único homem com uma missão?

Sei que clamo no deserto. Mas continuarei um soldado dessa trincheira. Porque ainda existe muita sujeira lá fora. Ainda escuto conversas telefônicas que fazem meu sangue ferver e ficam cochichando no meu cérebro.

Até assassinato pode ser um vício.

Agradecimentos

Este foi um livro difícil de escrever, e não só porque foi o meu segundo. A própria ambição do romance —

contar as histórias entrelaçadas de seis vidas díspares num espaço rigidamente esquemático — era uma empreitada assustadora. O fato de eu ter chegado a esta página se deve em muito ao apoio generoso dos meus amigos e colegas e à paciência da minha família — minha esposa, Aparna, a quem este livro é dedicado, e meus filhos, Aditya e Varun.

Jane Lawson, editora de Sua resposta vale um bilhão, e Peter Buckman, meu agente, foram os primeiros entusiastas que apoiaram a ideia inicial e me encorajaram a seguir em frente. Desde então, foi minha nova editora, Rochelle Venables (quando Jane alegremente tirou licença-maternidade), e a equipe da Transworld que conduziram o projeto com admirável vigor e dedicação. Devo agradecer a Kate Samano, em particular, por suas meticulosas revisões.

Mesmo sendo Eketi um personagem de ficção, minha pesquisa sobre a tribo onge foi em grande medida baseada no esclarecedor livro de Madhusree Mukerjee, The land of the naked people: Encounters with Stone Age islanders (Penguin India, 2003). A pesquisa etnográfica de Vishvajit Pandya sobre os rituais e costumes das ilhas Andaman (Above the forest, oup, 1993) e o estudo de Badal Kumar Basu, The Onge (Seagull Books, 1990), foram também fontes bastante úteis de informação. Para os interessados em se aprofundar no tema, recomendo vivamente o site de George Weber (www.andaman.org.), um verdadeiro tesouro de informações sobre as tribos das Andaman.

Minha gratidão aos colegas Navdeep Suri e J. S. Parmar pelas muitas e valiosas sugestões. Também devo registrar meu agradecimento a Damon Galgut, Chriss Copass, Avinash Mohnany, Manoj Malaviya, Sarvagya Ram Mishra, capitão Subhash Gouniyal, R. K. Rathi, Lopa Banerjee, Uma Dhyani, Rati Bahn Tripathi, Vakil Ramdas, Véronique Cardi e Roland Galahargue. Google, como sempre, foi uma ferramenta inestimável.

Finalmente, devo registrar minha gratidão ao maravilhoso povo da África do Sul, terreno fértil onde este romance tomou forma durante finais de semana e feriados.

Glossário e notas

ADZE. Espécie de machado feito com uma lâmina curva presa em ângulos retos a um cabo.

AISHWARYA RAI. Grande atriz de Bollywood e Miss Mundo em 1994.

AMBASSADOR. Modelo de carro produzido pela Hindustan Motors of India. Encontra-se em linha desde 1957 e suas formas se baseiam no Morris Oxford. É o carro oficial dos altos funcionários do governo e dos ministros.

AMOR NO CANADÁ. Filme de Bollywood dirigido por S. Ramanathan (1979).

ARREY. Interjeição bastante comum em híndi, que pode significar “oh!” ou “ei!”.

AS-SALAAM ALAYKUM. Saudação muçulmana: “Que as bênçãos de Seu Nome desçam sobre você”.

AZAMGARH. Cidadezinha em Uttar Pradesh.

BA. Mahatma Gandhi chamava sua esposa, Kasturba, de Ba.

BADAUN. Outra cidadezinha em Uttar Pradesh.

BAHRAICH. Cidadezinha atrasada em Uttar Pradesh, na fronteira com o Nepal.

BAS. Basta, chega.

BEEDI. Cigarros feitos de tabaco enrolado em folhas de tendu (ou ébano indiano, Diospyros melanoxylon) e atados com fio colorido numa das pontas. Fumado na Índia principalmente pelas classes pobres.

BETI. Filha.

BHAIYYAJI. Literalmente, “irmão mais velho”.

BHIKAJI CAMA PLACE. Grande complexo comercial no sul de Délhi.

BOLEH TOH. Gíria influenciada pelos filmes feitos em Bombaim, que significa “se eu estou dizendo”, mas que é usada principalmente como “você sabe” ou “como que”. Ou ainda como “tipo”, que os adolescentes usam: “Boleh toh, fui ao shopping e estava todo mundo lá”.

CARROM. Espécie de futebol de mesa originário da Índia.

CHUNNI. Xale longo para mulheres, geralmente usado com uma salwar-kameez.

CHURIDAR. Calças justas usadas por homens e mulheres.

DÁRSANA. Termo sânscrito que significa vista, visão, aparição ou, ainda, relance. É a palavra mais comum para expressar “visões do divino”, ou seja, de um deus, pessoa ou artefato sagrado. Pode-se “receber dársana” da divindade no templo, ou de uma pessoa muito santa, como um grande guru.

DHAL ou DAL. Preparado de feijões secos sem casca e amassados. Refere-se também ao cozido grosso e temperado que se faz a partir disso.

DHOTI. Grande pedaço retangular de pano vestido por homens; enrolado nas pernas e amarrado na cintura.

DIDI. Irmã mais velha

DUGONG. Mamífero marinho quase extinto encontrado no oceano Índico. O dugong aparece na Bíblia referido como “vaca do mar”.

DIYA. Luminária tradicional — geralmente, um fio de algodão flutando em ghee ou óleo. O corpo é feito de argila ou metal.

EEKA. “Espírito”, na língua onge.

FABINDIA. Cadeia de lojas que trabalha com o étnico chique.

FIRANG. Do inglês foreign, estrangeiro.

FARRUKHABAD. Cidadezinha em Uttar Pradesh.

FIROZABAD. Cidade do Norte da Índia famosa pelos trabalhos em vidro.

GAUBOLAMBE. Nome da ilha da Pequena Andaman na língua onge.

GB ROAD. Zona de prostituição de Délhi.

GULAB JAMUN. Sobremesa indiana feita de massa frita e servida com xarope de açúcar com água de rosas.

GULMOHAR. Flamboyant (Delonix regia), árvore com grandes flores cor de laranja brilhantes ou vermelhas, também conhecida na Índia como “chama da floresta”.

HAZRATGANJ. Principal mercado de Lucknow, capital de Uttar Pradesh.

HRITHIK ROSHAN. Ator bastante popular de Bollywood.

INQUILAB ZINDABAD. Expressão urdu: “Vida longa à revolução”. Usada pelos revolucionários do período do domínio britânico sobre a Índia.

JAI SHAMBU. Literalmente, “Salve o Senhor Shiva”. Shambhu é outro nome de Shiva.

JANAAB. Ou janab. A palavra urdu vem do turco e do persa “jan”, e significa querido. Atualmente é também usada como equivalente de senhor.

JUTIS. Sapatos.

JUTIS NAGRA. Basicamente, mocassins sem salto. São feitos de couro macio e de boa qualidade e com esmerada decoração com bordados.

KAKE DHABA. Famoso restaurante em Connaught Place, Nova Délhi, que serve a autêntica comida indiana.

KHOLI. Um cômodo. Alguém que vive em um kholi provavelmente mora numa casa de um só cômodo.

KHUDA HAFIZ. Expressão para despedidas entre muçulmanos que significa “Que Deus o proteja”.

KURTA. Camisa larga usada tanto por homens quanto por mulheres.

KYA AAP BHI INDIA JAA RAHE HAIN? “Você também está indo para a Índia?”

LAKH. Unidade do sistema numerário indiano equivalente a cem mil.

LUTYENS’ DÉLHI. Bairro exclusivo de Délhi construído pelo arquiteto Edwin Lutyens nos anos 20. Essa parte da cidade abriga a residência oficial do presidente, o Portão da Índia em memória dos soldados mortos na Primeira Guerra e diversas residências de antigos ministros.

MAAJI. Forma educada de tratamento para mulheres mais velhas. Em híndi,

maa significa “mãe”.

MAINPURI. Cidadezinha em Uttar Pradesh.

MAITHIL. Grupo mais nobre da casta dos brâmanes, que ainda segue ritos e pratica os rituais dos antigos cânones hindus. A maioria vive no estado de Bihar, antigamente chamado de Mithila.

MAJNU. Amante de Laila na famosa história de amor Laila-Majnu. O verdadeiro nome de Majnu era Qays, mas, devido a sua obsessão por Laila, se tornou conhecido como Majnu, que significa “o obsessivo”.

MATHURA. Cidadezinha em Uttar Pradesh, famosa por ser o berço do deus hindu Krishna.

MEERUT. Cidade em Uttar Pradesh, perto de Délhi.

M. F. HUSAIN. Nascido em 1915, é o mais famoso artista indiano vivo.

MISSIONÁRIAS DA CARIDADE. Ordem da Igreja Católica fundada em 1950 por madre Teresa de Calcutá.

MODH. Cruzamento. Andheria Modh é o maior cruzamento de Mehrauli, Nova Délhi.

MUNNABHAI. O filme em que o espírito de Gandhi supostamente aparece ao personagem principal e o ajuda a melhorar na vida, que fez sucesso em 2006, é Lage Raho Munnabhai.

MUZRA GHALIB. Um dos maiores poetas da língua urdu, famoso por suas quadras.

NA RAHEGA BAANS, NA BAJEGI BANSURI. Provérbio em híndi: “Se tiramos o bambu, como a flauta vai tocar?”.

NAMASKAR. Variação da saudação namaste.

NAXALITAS. Integrantes de um movimento revolucionário indiano cujo nome deriva da aldeia de Naxalbari, nas encostas do Himalaia, em Bengala Ocidental, onde o movimento começou. Os naxalitas têm como objetivo a derrubada do

governo democrático e a instauração de um ferrenho regime comunista de inspiração maoísta.

Iniciaram um programa de terrorismo e intimidação em vários estados indianos, principalmente em Andhra Pradesh, Chhatisgarh e Jharkhand.

NDTV. New Delhi Television, popular canal de notícias 24 horas.

NETAJI. Título genérico para todos os políticos, derivado de “Neta”, que significa líder.

NOIDA. Sigla para New Okhla Industrial Development Authority — jurisdição de desenvolvimento industrial de New Okhla. Cidade movimentada, recém-criada no estado de Uttar Pradesh, que faz divisa com Délhi.

ONKOBOWKWE. Espíritos benéficos.

PAISE. Unidade monetária que vale quarenta rupias indianas.

PÁRSI. Membro de uma fechada comunidade de zoroastristas baseada originalmente na Índia. Os pársis descendem dos zoroastristas persas que imigraram para a o subcontinente indiano há mais de mil anos.

PHAPHAMAU. Cidadezinha no leste de Uttar Pradesh.

PRACHADA. Comida oferecida a uma divindade e consumida na crença de que o deus ou deusa abençoou a oferenda.

PRANAM. Variante de namaste.

PUKKA. Genuíno, autêntico. Aqui se refere a uma casa feita de tijolo, em vez de barro.

PYAAR. Amor.

RAKHI. Cordão decorado de valor sagrado. As irmãs amarram rakhis no pulso dos irmãos como sinal de ligação amorosa e de afeto entre irmãos e irmãs.

RAM, RAM. Ram se refere ao Senhor Rama do Ramayana. Ram Ram pode ser usado também como forma de saudação ou em sinal de compaixão.

RANI. É habitual em Bollywood que atores tenham uma secretária comum. Rani é uma referência a Rani Mukherjee, grande atriz de Bollywood.

ROTI. Pão ázimo consumido como acompanhamento às refeições.

“SAALA MAIN TO SAHAB BAN GAYA!”. Famosa canção-tema de um filme indiano, que significa literalmente: “Ei, eu me tornei um sahib!”.

SAMBAR VADA. Prato típico do Sul da Índia, feito à base de grão-de-bico.

SALAAM BOMBAY!. Filme indiano de 1988, dirigido por Mira Nair, que retrata o dia a dia de crianças que vivem nas ruas de Mumbai (antiga Bombaim).

SALWAR. Calça fogada usada por mulheres.

SARDAR SAROVAR. Esta represa do rio Narmada é um projeto polêmico do ponto de vista ambiental e econômico, cujos benefícios foram muito discutidos.

SARDARJI. Sardar significa comandante ou líder. Sardarji é o tratamento educado para dirigir-se a um sikh de turbante.

SATYAGRAHI. Seguidor da satyagraha, prática de Gandhi, também chamada de “verdadeira força”.

SEEKH KEBABS. Espetinhos grelhados de carne moída condimentada.

SHABNAMJI. Acrescentar “ji” ao final do nome de alguém é um sinal de respeito.

SHEHNAI. Flauta de palheta dupla (semelhante ao oboé) que se acredita trazer sorte, e, portanto, muito usada no Norte da Índia em casamentos e procissões.

SHERVANI. Traje longo, semelhante a um casaco, vestido em ocasiões especiais, muito parecido com um achkan ou jaqueta justa.

SHIVLING. Tipo de ícone ou altar que representa o deus Shiva. Trata-se em geral de um pilar cilíndrico, arredondado na ponta, de cor preta.

SHOLAY. No filme, Gabbar é um terrível criminoso e Thakur é um policial honesto.

SLOAN-KETTERING. Mais antigo centro privado de tratamento de câncer do mundo, com sede em Nova York.

SOOJI KA HALWA. Sobremesa feita de semolina.

TANAGIRU. Cerimônia de passagem da adolescência para a vida adulta.

THAKUR. Uma casta elevada superior. A maioria dos thakurs vive no Norte da Índia.

TÂNTRICO. Praticante de técnicas e rituais que incluem meditação e práticas sexuais associadas ao Tantra.

UM CASAMENTO À INDIANA. Filme muito conhecido do diretor Mira Nair.

VAISHNAV JANATO. Canção devocional favorita de Mahatma Gandhi, na qual são idealizadas as virtudes de um cavalheiro.

VIPASSANA. Uma das mais antigas técnicas de meditação da Índia, descoberta por Gautama Buda, há 2500 anos. É

uma forma de autotransformação através da auto-observação e da introspecção.

WAH WAH. Expressão urdu que significa “Uau, maravilhoso, genial, excelente!”.

YAAR. Cara, amiga.

ZINDABAD. Vida longa.

Copyright © 2008 by Vikas Swarup

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Proibida venda em Portugal.

Embora o autor, Vikas Sw arup, trabalhe para o governo indiano, nenhuma das opiniões expressas neste romance devem ser consideradas de forma alguma o reflexo da visão do governo da Índia ou mesmo do autor em sua condição oficial.

Título original

Six suspects

Projeto gráfico de capa

David Baldeosingh Rotstein

Imagens de capa

Matt Johnson/ tw sobre imagem de © Shutterstock

istockphoto.com/ fotofrog (estampa de fundo)

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Valquíria Della Pozza

Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-8086-282-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Document Outline

- Rosto
- Dedicatória
- Sumário
- Assassinato
  - 1. A verdade nua
- Suspeitos
  - 2. O burocrata
  - 3. A atriz
  - 4. O nativo
  - 5. O ladrão
  - 6. O político
  - 7. O americano
- Motivos
  - 8. A possessão de Mohan Kumar
  - 9. Amor em Mehrauli
  - 10. Operação Xeque-Mate
  - 11. Noiva por correspondência
  - 12. A maldição de Onkobowkwe
  - 13. Projeto Cinderela
- Provas
  - 14. Restauração
  - 15. Aquisição
  - 16. Sacrifício
  - 17. Vingança
  - 18. Redenção
  - 19. Evacuação
- Solução
  - 20. A verdade nua
  - 21. Últimas notícias
  - 22. Últimas notícias
  - 23. Últimas notícias
  - 24. A verdade nua
  - 25. Últimas notícias
  - 26. Operação Golpe de Mestre

- Confissão
  - 27. A verdade
- Agradecimentos
- Glossário e notas
- Créditos